STEPHEN DAVIS

A SAGA DO GUNS N´ ROSES

A TRAJETÓRIA DE
UMA DAS MAIORES BANDAS DE
ROCK DO MUNDO

Belas Letras

VISIT...

LANZAROTE Caliente.com

STEPHEN DAVIS

A SAGA DO GUNS N' ROSES

A TRAJETÓRIA DE
UMA DAS MAIORES BANDAS DE
ROCK DO MUNDO

Belas Letras

STEPHEN DAVIS

A SAGA DO GUNS N' ROSES

A TRAJETÓRIA DE UMA DAS MAIORES BANDAS DE ROCK DO MUNDO

Tradução
Maíra Meyer

Belas Letras

Copyright © 2008 by Stephen Davis
Título original: *Watch You Bleed: The Saga of Guns N' Roses*

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida para fins comerciais sem a permissão do editor. Você não precisa pedir nenhuma autorização, no entanto, para compartilhar pequenos trechos ou reproduções das páginas nas suas redes sociais, para divulgar a capa, nem para contar para seus amigos como este livro é incrível (e como somos modestos).

Este livro é o resultado de um trabalho feito com muito amor, diversão e gente finice pelas seguintes pessoas:

Gustavo Guertler (*publisher*), Maíra Meyer (tradução), Tatiana Vieira Allegro (edição), Andréa Bruno (preparação), Vivian Miwa Matsushita (revisão) e Celso Orlandin Jr. (capa, projeto gráfico e diagramação).
Obrigado, amigos.

Produção do e-book: **Schäffer Editorial**

ISBN: 978-65-5537-224-3

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Belas Letras Ltda.
Rua Antônio Corsetti, 221 – Bairro Cinquentenário
CEP 95012-080 – Caxias do Sul – RS
www.belasletras.com.br

SUMÁRIO

Introdução

Capítulo 1 A dura estrada para Hollywood

Capítulo 2 Um fantasma enviado para nos assombrar

Capítulo 3 A jornada traiçoeira

Capítulo 4 Vitória ou morte

Capítulo 5 Apetite

Capítulo 6 A grande aventura do Guns N' Roses

Capítulo 7 Os verdadeiros rebeldes imorais

Capítulo 8 Monstros do rock

Capítulo 9 Uma época bem louca

Capítulo 10 Memórias recuperadas

Capítulo 11 Confunda sua ilusão

Capítulo 12 A melhor banda tributo ao GN'R do mundo

Epílogo

Agradecimentos

Fontes selecionadas

Sobre o autor

Caderno de imagens

Para Vicky Hamilton

"As mulheres sustentam metade do céu."
– Mao

INTRODUÇÃO

Algumas pessoas acham que a história do Guns N' Roses começou na vida noturna de Los Angeles de 1985, um eco distante da Sunset Strip com letreiros de neon de West Hollywood. Outras acham que ela começou dez anos antes, na junção de dois rios de Indiana, o Wabash e o Tippecanoe, nos anos 1970. Mas nesta versão a saga do GN'R começa na sombria Nova York, no norte de Manhattan, em uma rua abafada e decadente no fim de tarde de um dia de verão em 1980.

Na verdade, ela poderia ter começado bem abaixo dessa rua, no desfiladeiro de concreto profundamente rebaixado da Cross Bronx Expressway, onde os dois jovens caronistas de Indiana resolveram descer do carro. Até então a viagem tinha sido boa, uma linha reta a partir da fronteira de Ohio através da I-80, Pensilvânia, Nova Jersey. Trinta horas antes, Bill Bailey e seu amigo Paul, ambos com 18 anos, haviam deixado a Indiana central via I-65 e estavam mantendo um bom ritmo de caronas rumo à sua primeira visita à cidade de Nova York.

A van Ford Econoline que havia pegado os rapazes cruzou o rio Hudson sobre a majestosa ponte George Washington. Agora eles estavam na I-95. Ao cruzarem a plataforma superior, olhando para o sul, eles viram o Empire State Building e as torres gêmeas do World Trade Center reluzindo sob a neblina do verão. Bill Bailey olhou para cima e viu que estavam passando por uma placa onde se lia ÚLTIMA SAÍDA EM MANHATTAN. Ele disse: "Ei, cara, deixa a gente aqui, OK?".

"Não posso estacionar", disse o motorista. Era um vendedor de produtos eletrônicos a caminho de Providence. Agora eles estavam indo para o leste, passando pela fenda de paredões altos da Cross Bronx Expressway.

Bill perguntou: “Qual é a próxima saída?”.

“Bem no meio do East Bronx.”

Os caronistas se entreolharam. Tudo o que eles tinham eram as mochilas e, talvez, 30 mangos. “Deixa a gente aqui”, disse Bill.

“Tem certeza, cara? Vai ser difícil sair daqui.”

“Sim, deixa a gente aqui.” Naquele instante, o trânsito ficou mais lento, transformando-se no típico engarrafamento da I-95 ao cruzar a cidade de Nova York. Os garotos desceram. Os carros buzinavam para eles conforme se espremiam ao longo dos muros finos, procurando uma saída. Motoristas riam deles, dizendo que eram bem loucos. Um caminhoneiro meteu a mão na buzina de ar, e eles deram um pulo com o barulho. As paredes da pista tinham pelo menos 30 metros de altura, e tudo o que eles conseguiam enxergar era a parte de cima dos prédios ao nível da rua.

Pouco depois, eles encontraram a escada de serviço e subiram pela parede, com um alvoroço de mil buzinas lá embaixo, emergindo na Nova York dos imigrantes por volta de 1980: Calcutá no Hudson.

Para Bill e seu amigo, aquilo era um caos, um bairro caribenho em Washington Heights, com um vibrante cenário urbano de bodegas e crianças gritando e brincando sob hidrantes abertos, velhas gritando em espanhol das janelas, vadios embaixo de toldos de lojas, prostitutas trabalhando nas esquinas da 177th Street com a Broadway. Os rostos de Bill e Paul, da cidade de Tippecanoe, em Indiana, eram os únicos brancos em um mar de negros, porto-riquenhos, jamaicanos, dominicanos, mulheres muçulmanas de véu, haitianos, hindus, lojistas chineses e muitas crianças que reagiram imediatamente aos dois rapazes brancos que haviam acabado de subir do infernal Cross Bronx como alpinistas caipiras de botas de caubói, calça jeans e cabelos muito compridos e lisos. Os rapazes ficaram parados e boquiabertos, observando a cena. “Rapper’s Delight”, um hip-hop com baixo grave, tocava a todo vapor no alto-falante de uma bodega. Grafites lúgubres cobriam todas as superfícies. Meninos dançavam break na calçada. Bill Bailey nunca tinha visto nada igual. Praticamente não havia negros em sua região de Indiana, então eles poderiam muito bem estar no Senegal.

Um velho veio mancando até eles. Mediu-os de cima a baixo, aparentemente se demorando nas botas de caubói de Bill. O amigo notou que ele estava ficando sem jeito, o que nunca era uma coisa boa, porque, quando agitado ou incomodado, Bill saía um pouco da linha. Por fim o velho falou, ou melhor, deu um guincho bem agudo:

"VOCÊS SABEM ONDE ESTÃO?"

Surpresos, os rapazes só olharam para ele.

"EU PERGUNTEI: *VOCÊS SABEM ONDE ESTÃO*?"

Bill Bailey respondeu: "Ah, só estamos tentando ir até o...".

"*VOCÊS ESTÃO NA SELVA, MEUS QUERIDOS*!"

Bill Bailey – o futuro W. Axl Rose – se limitou a encará-lo, espantado. E então o velhinho se revestiu de toda a fúria e contou aos rapazes brancos o que eles poderiam esperar da cidade de Nova York no fim dos anos 1970: falência econômica, crimes, corrupção, decadência – o portal para os anos 1980 e o flagelo da aids. O velho lhes disse, do fundo das entranhas:

"*VOCÊS VÃO MORRER*!"[1]

Às vezes, lendas surgem de histórias reais, e esta é uma delas.

Bem-vindo à selva.

1. Todas essas falas do velho são trechos da canção “Welcome to the Jungle” (“Bem-vindo à selva”, em tradução livre). No original, na ordem em que aparecem: “You know where you are? You’re in the jungle, baby! You’re gonna die!”. [N. T.]

NÃO VEJO A HORA DE ALGUÉM ESCREVER UM LIVRO SOBRE NÓS COM UM MONTE DE COISAS QUE NUNCA ACONTECERAM.

— Axl Rose, 1986

TODO ANJO É TERRÍVEL.

Rainer Maria Rilke

Capítulo 1
A DURA ESTRADA PARA HOLLYWOOD

Ainda é possível ver a sombra de quando o Zeppelin pairou sobre os Estados Unidos. Permaneceu ali como o Islã no deserto.

– *Michael Herr*

Atos dos Apóstolos

E, conforme o Led Zeppelin pairava sobre os Estados Unidos nos anos 1970, sua sombra cobria profundamente o coração do país. Todas as bandas inglesas importantes dessa era – Stones, The Who, Bowie, Queen – encontraram seu público mais vasto e mais bajulador no interior da nação. Não por acaso, os maiores astros do rock norte-americanos dos anos 1980 nasceram no meio-oeste e cresceram com doses letais do potente Zeppelin e das outras bandas de rock. Madonna era de Michigan. Prince, de Minnesota. Michael Jackson nasceu em Gary, Indiana, em 1958.

Quatro anos depois, nascia Axl Rose, a uns 160 quilômetros dali, em Lafayette, Indiana, no dia 6 de fevereiro de 1962. Sua mãe, Sharon Lintner, era solteira, tinha só 17 anos e ainda estava no ensino médio. Sua gravidez foi acidental e indesejada, ao menos por sua família. O pai era William Rose, um delinquente local problemático e carismático de, talvez, 19 anos. O bebê, que nasceu com cabelos ruivos brilhantes, foi batizado de William Bruce Rose.

Não se sabe se os pais de Axl chegaram a se casar, já que pesquisadores nunca encontraram uma certidão de casamento, mas, se houve um casamento, provavelmente foi à força, e a relação marital foi um vai e volta. O bebê frequentemente ficava aos cuidados dos avós Lintner em Lafayette, em um clima de hostilidade incontida em relação a seu pai imprestável.

Em 1964, quando o garotinho tinha 2 anos, seus jovens pais se separaram, e o pai armou o próprio enredo de vingança ao ser expulso da casa por machucar a mãe de Axl. Ao que parece, ele sequestrou o filho, e pode, inclusive, tê-lo molestado. O que quer que de fato tenha acontecido ao garotinho, a família nunca mais voltou a falar a respeito, e tratou esses incidentes com negação e vergonha. Então Bill Rose desapareceu de Lafayette e nunca mais voltou.

No ano seguinte, a mãe de Axl se casou com um homem chamado Stephen Bailey e se mudou com ele para uma casa na 24th Street, na zona leste de Lafayette. Bailey adotou o filho de sua jovem e bela esposa e lhe deu seu sobrenome. Logo, William Rose se tornou William Bailey, identidade com a qual viveria até rejeitá-la com toda a fúria 15 anos depois. Sua mãe teve mais dois filhos com o marido, Stuart e Amy, com quem Bill foi criado. Eles moravam na cidade, mas frequentavam cultos em uma igreja evangélica numa estrada de cascalho em outra parte do município de Tippecanoe. O padrasto de Bill Bailey era adepto fervoroso do pentecostalismo, a “religião à moda antiga” que proibia beber e ouvir rock and roll, bem como aproveitar a maioria dos prazeres da vida. Sua imersão quase total no hiperpuritanismo se provaria crucial para a criança que se transformaria no maior astro do rock de sua geração.

Lafayette era e ainda é uma agradável cidadezinha manufatureira de Indiana localizada ao longo das margens do rio Wabash. A terra havia sido parte dos 3 milhões de acres que os indígenas Shawnee venderam aos Estados Unidos em 1809, como a Northwest Reserve do território de Ohio. Dois anos depois, os chefes locais, Tecumseh e seu irmão Tenskwatawa – conhecido como “O Profeta” –, perceberam que haviam sido enganados e deram início a um ataque. Eles foram derrotados em 1811 pelo general William Henry Harrison, que atuou como

presidente durante um mês antes de morrer de uma gripe violenta.

Um especulador da divisa pagou cinco dólares pela terra e fundou a cidade em 1824, dando-lhe o nome do marquês de Lafayette, o herói francês da Revolução Americana que estava fazendo progressos triunfais pelos Estados Unidos naquela época. As margens dos rios eram baixas, adequadas para carregar e descarregar mercadorias, portanto o comércio aconteceu naturalmente. Lafayette se tornou a sede do município de Tippecanoe em 1826, e na época da Guerra Civil, em 1860, a cidadezinha ia de vento em popa. A escravidão era ilegal em Indiana, e o estado enviou tropas de seus cidadãos para lutar pela causa da União. Ainda assim, como consequência da guerra sangrenta, com uma população negra relativamente pequena, o racismo prevalecia nas cidades e comunidades rurais. Ser membro da Ku Klux Klan era um caminho para o respeito em algumas cidades de Indiana nos anos 1920.

Lafayette prosperava como cidade manufatureira. Chicago ficava a 190 quilômetros a noroeste. Indianápolis, a 100 quilômetros a sul. Fábricas eram abertas no lado leste do rio. A Purdue University foi inaugurada no lado oeste em 1869. O imenso tribunal que domina a praça principal foi inaugurado em 1884, uma miscelânea vitoriana de estilos arquitetônicos, do neogótico ao neobarroco. O jovem Bill Bailey se tornaria um *habitué* do prédio imponente e de seus juízes carrancudos durante sua futura carreira como um dos adolescentes infratores mais inoportunos de Lafayette, seguindo os passos do pai biológico.

Naquela parte do país, a religião principal eram as denominações protestantes padrões, até que veio a Grande Depressão dos anos 1930, que deixou o contrato social de pernas para o ar. Fábricas fecharam, colheitas se perderam e a poeira soprou para o norte de Oklahoma. Os bancos faliram e o dinheiro basicamente desapareceu. Era preciso um povo resiliente para sobreviver a esse desastre econômico, e algumas pessoas, sobretudo no meio-oeste, encontraram forças nos pastores

carismáticos do movimento pentecostal.

Abra sua Bíblia no Novo Testamento, no segundo capítulo dos Atos dos Apóstolos. No primeiro capítulo, o Cristo ressuscitado dá várias instruções a seus discípulos. No segundo capítulo, os discípulos se reúnem para o dia santo judeu de Pentecostes. O espírito santo aparece e recai sobre eles com "línguas de fogo", dando-lhes o poder repentino de falar vários idiomas, portanto, os da Capadócia ouvem Jesus falar em capadócio e os da Frígia, em grego. Alguns pensaram que se tratava de um milagre. Outros zombaram que os apóstolos estavam bêbados com o vinho novo, porque dançavam, faziam cena e falavam idiomas estranhos. Foi aí que Simão Pedro interferiu, explicando que eles não estavam bêbados, e sim tomados pelo Espírito Santo. "Nos últimos dias, afirma Deus, derramarei meu espírito por toda a carne, e seus filhos e filhas profetizarão, e seus jovens terão visões, e seus velhos, sonhos... O sol se transformará em trevas e a lua, em sangue, antes da vinda do grande e glorioso dia do Senhor. Então todos aqueles que invocarem o nome do Senhor serão salvos." No fim daquele dia, 3 mil novas almas foram adicionadas à igreja cristã.

Essa história se tornou a base para um novo e mais inflamado estilo de culto norte-americano que surgiu no Kansas no início do século xx e floresceu durante os Loucos Anos 1920 e no posterior desespero da Grande Depressão dos anos 1930. Os pentecostais, interpretando a Bíblia ao pé da letra, aceitaram Jesus como o salvador da humanidade e foram impelidos a compartilhar a fé antes dos Últimos Dias, quando os "Renascidos" serão levados para o céu no Êxtase. Nessas igrejas, o Diabo era tão real quanto Deus, portanto a maior parte da cultura humana era inerentemente pecadora, pois ela continha prazeres. O típico pentecostal era um censor sem humor, mas muitas vezes os cultos da igreja irrompiam numa louca alegria coletiva que conferia liberdade e entrega ao louvor. A música fluía através de tudo, e as pessoas "falavam em línguas" quando a racionalidade falhava. Curas, milagres e exorcismos eram acontecimentos corriqueiros. Aimee Semple McPherson tornou-se o arquétipo da pregadora pentecostal, retratada por Sinclair Lewis no romance *Elmer Gantry*. Os pentecostais eram

demagogos até a medula e estavam anos-luz à frente das igrejas padrões em termos de igualdade de gênero e diversidade étnica. O influente ministério de McPherson, um dos primeiros divulgados pelo rádio, teria sido barrado pelos metodistas, pelos batistas e outras denominações convencionais por ela ser mulher. Até mesmo antigas distinções de classe tendiam a se apagar nas novas igrejas construídas entre os milharais e pastagens fora da cidade. A cantoria infundida pelo evangelho era alta, estridente, a ancestral do fenômeno da "canção de louvor" atualmente em voga em muitas das principais igrejas suburbanas. Era a religião como teatro carismático – performance e apresentação. Alguns pentecostais eram "Holy Rollers",[2] arrebatados pelo Espírito Santo que tomava conta dos discípulos de Jesus. Alguns manipulavam cobras venenosas ou caminhavam sobre brasas, quase desafiando o Senhor: jogavam com a dor e com a morte em nome de Jesus.

Stephen Bailey levava a família à igreja pelo menos duas vezes por semana, às vezes mais. Foi assim que Axl Rose cresceu, no coração de uma terra conservadora e puritana norte-americana nos anos 1960 e 1970.

Visões diabólicas

Quando a mãe de Axl se livrou do pai sociopata de seu bebê e se casou com um caxias pentecostal, isso significou que seu filho seria criado sob um regime rígido de disciplina, idas sérias à igreja e o que mais tarde Axl descreveria como surras regulares e abuso físico. O garoto sensível reagiu imediatamente a isso, sofrendo com pesadelos e outros sintomas. Às vezes, os sonhos de Bill eram tão perturbadores que ele caía de cima do beliche no quarto que compartilhava com a irmã. Mais tarde, ele disse que tinha convulsões. Uma vez ele acordou no chão, sangrando por ter mordido o lábio inferior. Nos primeiros anos escolares na Oakland Elementary, ele espantosamente descreveu a seus pais nítidas visões noturnas de quando era bebê e morava numa casa com a mãe e outro homem, um homem estranho que lhe fazia

coisas muito, muito ruins. Bill Bailey não tinha a menor ideia de que Stephen Bailey não era seu pai. (Ele o chamava de papai.) Seus pais lhe disseram que essas visões eram falsas, impostas pelo Diabo para assustá-lo. Mas, de alguma forma, o garoto se lembrava de algo importante e sabia que as visões eram reais. Anos depois, Axl recordou: "Foi um mistério que tentei desvendar desde que eu era pequeno, sabe? Porque, quando criança, sempre me disseram que era o Diabo que certamente me mostrava o interior de uma casa em que supostamente nunca morei. Mas eu *sabia* que havia morado ali. Eu *sabia* que tinha morado naquela casa quando garotinho. Coisas bizarras como essa aconteciam comigo o tempo todo".

A família frequentava a igreja no campo, a cerca de 13 quilômetros de Lafayette, o máximo que conseguia, de três a seis vezes por semana – mas, no mínimo dos mínimos, aos domingos de manhã e às noites de sábado e quarta-feira. Não havia um coral propriamente dito; toda a congregação cantava os antigos hinos – "Venha à igreja na floresta, venha à igreja no vale". O jovem Bill Bailey tinha uma voz suave e melodiosa, que sobressaía em meio às dos outros fiéis. Posteriormente, ele cantou num trio gospel com a irmã e o irmão, e as aulas de piano que a mãe lhe pagou o levaram a tocar na igreja. "Era um *revival* do inferno Holy Roller e pentecostal", disse ele mais tarde a um repórter. "Tínhamos reuniões campais, tínhamos curas; víamos cegos lendo; as pessoas falavam em línguas; havia lava-pés e tudo o mais." Esperava-se que as crianças pregassem tão logo completassem 10 anos, então, após vencer uma série de competições bíblicas – identificando corretamente capítulos e versículos –, Bill foi convidado a fazer um sermão em uma quarta-feira à noite, talvez sua primeira apresentação diante de uma casa cheia. Ele pensou ter visto verdadeiros milagres quando cadeirantes se levantaram e andaram, mas continuava a se decepcionar por nada disso acontecer com ele. "Eu conhecia mais canções gospel que qualquer outra pessoa", disse ele mais tarde, "mas, se existe um deus lá em cima, não o conheço. Eu não tinha a menor ideia sobre ele."

A vida religiosa familiar dominava o lar dos Bailey. Não havia toca-discos, e o rádio era ligado somente nas tardes de

domingo, quando mamãe e papai fechavam a porta do quarto depois do almoço e tinham seu "momento especial". "Tivemos TV por uma semana, mais ou menos", lembrou Axl, "então meu padrasto a jogou fora porque era coisa de Satã." Tudo era do mal. Mulheres eram tentações. "Eu me lembro da primeira vez que levei um tapa por ter olhado para uma mulher. Não sei que idade eu tinha ou a qual programa estava assistindo, mas era uma propaganda de cigarro na TV com duas garotas de biquíni saindo da água. Eu estava só assistindo – sem pensar em nada, só assistindo – e meu pai me deu um tapa na boca, e eu caí voando pelo chão."

Os professores de Bill notaram sua voz musical logo cedo. "Quando eu estava no primeiro ano, não me deixavam atravessar a rua até eu cantar uma música de Elvis Presley. No terceiro ano, na hora do recreio, os professores me colocavam em um toco de árvore e me faziam cantar as músicas mais populares da época e também canções de Elvis para as crianças menores. Eu adorava trabalhar as harmonias e sempre me encrencava por cantar as partes das outras pessoas." Quase todo mundo que frequentava a escola com Bill Bailey se lembra dele cantando nos parquinhos.

Esperava-se que Bill fosse um bom aluno, e, portanto, até por volta dos 12 anos, ele sempre chegava em casa com notas A. Mas uma nota ruim, um comportamento rude ou um comentário sarcástico poderia gerar uma reação violenta do pai. A tentativa de tocar no piano da família a impertinente "D'yer Mak'er", do Led Zeppelin, resultou num ataque surpresa que fez Bill cair do banco do instrumento. Mais tarde, Axl rotulou o padrasto como um "controlador paranoico".

E ele aprendeu a conviver com isso durante o tempo que precisou. Anos depois, ele ficava (incomumente) desarticulado quando tentava explicar as coisas por que havia passado. "Se uma criança está apanhando, e alguém oferece ajuda, e essa criança só *explode*... muitas vezes, a punição só é agravada. Em vez de ajudar o moleque e tentar chamá-lo à razão, era, tipo, '*Não, isso é um problema agora! Está me entendendo?*'. Mas essa merda não funciona. Ordens como CALA A BOCA e SENTA são antiquadas se você está tentando ajudar alguém."

Muitas vezes Bill se perdia na música. Anos depois, ele se

lembraria com saudades da maneira como as melodias e sentimentos expressos nas canções de que gostava se tornaram como seus amigos de infância. "Ouvi 'D'yer Mak'er' [em 1973] e fui fisgado", disse ele mais tarde. "Aquilo me arrebatou e depois fiquei obcecado pelo Led Zeppelin. Eu pensava [referindo-se a Jimmy Page]: *Como é que ele compõe assim? Como é que sente essas coisas?* Quer dizer, tudo à minha volta era religião e rédeas curtas. Essa música entrou nos meus pensamentos e ficou ali. Ela me pegou de jeito. Ela me fez curtir demais hard rock. Foi, tipo, *Como ele pensa essas coisas,* sabe?"

Na escola, Bill era um excluído. No sexto ano na Sunnyside Middle School, ele era obrigado pelos pais a usar camisa branca engomada, abotoada até o pescoço, calça preta de poliéster, meias brancas, sapatos pretos. "Eu era um proscrito, uma porra de um nerd da cabeça aos pés", lembrou-se, "porque meus pais me faziam vestir roupas esquisitas e me obrigavam a usar um corte tigela. Ninguém mais tinha essa aparência. Os garotos maneiros pensavam que eu era um jeca. Era vergonhoso pra cacete." E ainda havia o lance da religião; vencer jogos bíblicos de pergunta e resposta em uma igreja fora de moda era definitivamente malvisto. Se Bill tentasse mudar o que quer que fosse, como deixar crescer um pouco os cabelos ou filar um cigarro, desceriam o chicote nele como uma língua de fogo.

Às vezes, quando intimidado ou atormentado pelo pai, instintivamente ele procurava a ajuda da mãe. Mas ela tinha medo do marido e não conseguia ajudar o filho de coração livre. Ela tinha os próprios problemas. "Eu me lembro de presenciar coisas terríveis acontecendo com minha mãe quando ela vinha [me] ajudar", disse ele 20 anos depois. "E passei a ter muitos pensamentos abusivos e violentos em relação a mulheres por ver minha mãe com aquele homem."

"Fizeram uma lavagem cerebral total em mim numa igreja pentecostal", afirmou Axl em 1992, após sessões intensivas de psicoterapia. "Minha igreja em particular era cheia de moralistas hipócritas que abusavam de crianças e as molestavam. Eram pessoas que haviam tido a própria infância e

a vida prejudicadas. Eram pessoas que estavam encontrando Deus, mas ainda viviam com os próprios danos e os infligiam nos filhos. Não sou contra igrejas ou religiões, mas acredito de verdade que [...] a maioria das religiões institucionais debocha da humanidade."

De certa forma, porém, foi dessa infância reprimida que surgiu uma percepção instintiva, um *poder*, uma premonição de seu possível futuro. Cantando o tempo todo, pregando para o êxtase, fazendo os fiéis suarem, tocando piano na igreja da família, Bill Bailey aprendeu como atuar em público, como se portar diante da multidão, como manipular o fervor dos crédulos. O pentecostalismo já tinha afinidade com os principais astros do rock. (Little Richard era então um pregador pentecostal. Logo Al Green abriria o próprio sacrário.) Dez anos depois, Axl lembrou: "Percebi uma coisa importante – que eu podia *ficar ali, de pé*, na frente de um público, e transmitir *qualquer* mensagem que eu quisesse – e *com vigor*. Era algo que eu tinha em mim. Eu podia fazer isso, e eles reagiriam, porra! Eu podia cantar na frente das pessoas!".

Mas na frente do padrasto ele não podia cantar. Um dia, ele estava no banco traseiro do carro e "Mandy", o grande sucesso de Barry Manilow, começou a tocar no rádio. Bill começou a cantarolar junto com o refrão cativante e altamente sugestivo, e o pai se virou e deu um tapa na boca do rapaz por cantar aquela música "do inferno". O garoto passou a língua pelos lábios e sentiu o gosto do próprio sangue.

Certa noite, em 1974, quando tinha 12 anos, Bill Bailey estava ouvindo escondido seu pequeno rádio embaixo das cobertas. O número 1 nas paradas era "I'm Not in Love", dos 10cc. Bill adorava essa balada e seus efeitos sintetizados. Quando "Benny and the Jets" começava a tocar, Bill sorria de prazer. A canção, do álbum *Goodbye Yellow Brick Road*, de Elton John, era uma falsa recriação de um show em estádio, inclusive com o eco típico de um campo de beisebol e a enorme gritaria de uma imensa multidão de fãs de rock. Bill ficou enfeitiçado pela figura de Benny e começou a ter visões de si mesmo no palco do Dodger

Stadium com ingressos esgotados, diante de centenas de milhares de fãs enlouquecidos, cantando suas próprias músicas e desfrutando da adulação e do poder do pregador supremo da época, o Rock Star, apresentando-se para os maiores públicos da história. "Foi aí que decidi", disse ele posteriormente, "que eu queria tocar uma música da qual me orgulhasse em frente de grandes multidões. A maneira como ['Benny'] foi gravada me fez desejar o palco. Ela me fez pensar em shows, em subir no palco e em como seria estar em um estúdio, com todos aqueles microfones [...] Além disso, ela me lembrava a cena glam que percorria os Estados Unidos, e os clubes e bandas sobre os quais eu lia na revista *Creem* e coisas do tipo. Foi aí que peguei as partituras para piano [de Elton John], e estava tentando aprender as músicas, e descobri que o cara tocava com todos os dez dedos os refrões mais bizarros do mundo. Elton é um cantor maravilhoso, e aquele solo de piano é impagável. Isso exerceu uma grande influência sobre mim."

O garoto descontrolado de Lafayette

Quando chegou a hora de Bill Bailey se rebelar contra os pais, a igreja, a escola e toda a ordem social, ele fez isso em grande estilo. Isso foi em 1976, época do *Frampton Comes Alive*[3] e da nova formação do Fleetwood Mac. Stevie Nicks cantava "Rhiannon" nas rádios. Os Eagles eram gigantes, atraindo a atenção para o oeste dos Estados Unidos – "Welcome to the Hotel California" –, do mesmo jeito que os Beach Boys haviam feito uma década antes. O soft rock era dos bons. E "Free Bird" também. Jimmy Carter, que plantava amendoins na Geórgia, tornou-se presidente após derrotar Gerald Ford. Carter, ex-governador da Geórgia, recebera o apoio dos Allman Brothers Band. Assessores políticos democratas garantiram que os Estados Unidos soubessem que Carter e seus filhos ouviam Led Zeppelin nos ônibus de campanha.

Do outro lado de Lafayette morava Jeffrey Isbell, um músico tranquilo e aficionado que tocava bateria. Nascido na Flórida em

1962, ele se mudara para Indiana antes de começar a frequentar a escola. A família do pai tinha sangue indígena. Eles moravam "tão na PQP" que ele tinha que percorrer 15 quilômetros de bicicleta para ir à casa de alguém, independentemente da direção, sempre em estradas de cascalho.

Quando os pais de Jeff se separaram, ele se mudou para Lafayette com a mãe e o irmão, Joe. Em parte, ele foi guiado em direção à música pela avó, que tocava com amigos em um pequeno grupo. Ele pediu um kit de bateria aos 13 anos, e a família lhe comprou um. Seu melhor amigo tinha irmãos mais velhos que eram os vândalos locais. Eles andavam de bicicleta, ficavam bêbados, brigavam uns com os outros como cachorros loucos. Ele se lembra: "Eles tocavam em bandas na velha casa da fazenda, que tinha um celeiro parecido com um hangar de avião. Então eu ficava lá fora, com cara de bosta, e, quando eles ficavam tão bêbados a ponto de não conseguirem tocar, diziam 'Venha aqui e toque bateria, moleque'. E essa foi minha primeira injeção de adrenalina. Tirando isso, minha vida era um tédio completo".

Então ele conheceu Bill Bailey. No primeiro dia do nono ano, ele estava na sala de aula e ouviu um tumulto. "Ouvi um barulho lá na frente e então vi umas porras de uns livros voando, e aí ouvi gritos e xingamentos, em seguida vi Axl – e um professor chutando o batente da porta. Então ele foi embora pelo corredor, puto da vida, com um monte de professores correndo atrás." Jeff (vulgo Izzy Stradlin) riu ao se lembrar disso. "Foi a primeira vez que o vi."

Quando as coisas se acalmaram, Bill e Jeff ficaram amigos. Conversavam sobre música, skates e um ódio cáustico por tudo em Indiana. Izzy recorda: "Éramos caras de cabelos compridos numa escola de ensino médio em que ou você era atleta ou maconheiro. Não éramos atletas, então acabamos saindo juntos". Para Jeff, três meses mais jovem que Bill, Alice Cooper e Zeppelin eram maneiros, mas os Rolling Stones eram deuses, e o adolescente magro de cabelos escuros imitava o visual e a atitude do brilhante Keith Richards, e também da versão norte-americana de Keith, Joe Perry, do Aerosmith. Tanto Bill quanto Jeff adoravam Aerosmith, a banda natal dos Estados Unidos, uma banda que os garotos de Indiana podiam de fato ver, ao contrário

dos dinossauros como o Zeppelin, que davam as caras em cidades grandes só uma vez na vida, outra na morte. O Aerosmith ficou na estrada durante todos os anos 1970, tocava hard rock ao estilo dos Stones e dos Yardbirds e causou fortes impressões com os álbuns da época: *Toys in the Attic* (1975), *Rocks* (1976) e *Draw the Line* (1979).

Bill gostava demais do extravagante Elton John e conhecia cada faixa dos primeiros sete álbuns do cantor, porque as estudava. Para trabalhar a voz, ele se trancava no banheiro e cantava junto com os *The Eagles Greatest Hits*. Ele e Jeff gostavam das principais bandas inglesas da época: Bowie, T. Rex, Queen (especialmente *Queen II*), Electric Light Orchestra (sobretudo *Out of the Blue*) – Bill viu a ELO tocar em Indianápolis. E eles conheciam as bandas do segundo escalão do Reino Unido, principalmente Nazareth e Thin Lizzy, inclusive as narrativas distorcidas de Phil Lynott e os ataques de guitarra dupla. Nas noites de fim de semana, eles ficavam acordados até tarde para assistir aos programas musicais na TV – *In Concert* e *Rock Concert*. Axl: "Em Indiana, o Lynyrd Skynyrd era considerado um deus a tal ponto que você acabava dizendo 'odeio essa porra dessa banda'". Mas todo mundo aumentava o volume do rádio quando "Free Bird" tocava.

Também havia o AC/DC: a força bruta australiana com um *guitar hero* que se vestia feito um aluno do ensino médio e um vocalista cujos gritos medonhos podiam partir um bar ao meio.

Foi assim que a fissura pelo rock uniu duas personalidades diferentes. Bill era esquentadinho, inquieto, imprevisível, encrenqueiro. Jeff era legal, reservado, sarcástico, organizado, com uma convicção inabalável e uma determinação de aço de que havia nascido para fazer parte de uma banda. Durante todo o ensino médio, eles tocaram juntos em bandas de garagem. No início, Jeff tocava bateria e Bill cantava e tocava piano. Depois, Bill passou para o baixo e Jeff foi para os vocais. Mais tarde, Jeff tocou baixo e Axl cantou. Mas não havia shows para eles, nenhum lugar para tocar, a menos que conseguissem convencer alguém a alugar um salão e dar uma festa. Os bares locais só apresentavam grupos de música country ou bandas cover – "que na época odiávamos", recorda Izzy. "Aos 16 anos, você odeia tudo o

que vê quando sai por aí."

Axl disse que eles não eram bem uma banda: "Fazíamos um show a cada, tipo, seis meses".

Bill conseguiu continuar as aulas de piano. "Mas eu só tocava a lição no dia da aula", lembrou. "No restante do tempo eu só ficava sentado ao piano inventando coisas. Até hoje ainda não consigo tocar músicas de outras pessoas." Nos dias das aulas de piano, ele sempre tomava um atalho para uma farmácia próxima, onde dava uma olhada em sua revista favorita, *OUI*, uma versão mais ousada de sua irmã mensal *Playboy*. As páginas centrais mais novas da *OUI* atraíam "leitores" mais jovens.

Aos 15 anos, Bill Bailey começou a desafogar sua raiva e descarregar suas frustrações se metendo em sérios problemas. Os registros policiais de sua juventude são confidenciais, mas ele começou a ser preso por crimes pequenos como posse de bebida alcoólica, vadiagem ou apenas por debochar dos policiais cuja função era manter fora das ruas os adolescentes entediados e indisciplinados de Lafayette. Após dois anos no ensino médio, ele foi para o xilindró pelo menos quatro vezes, e era odiado pelos policiais locais, que pensavam que ele era louco. Eles chegaram, inclusive, a prendê-lo por beber no quintal de sua própria família. Havia alguns investigadores que realmente o odiavam por seus insultos pessoais quando bêbado, bem como por sua atitude geral de completo desrespeito. Uma vez, enquanto estava sendo preso no carro de outra pessoa, Bill perguntou a eles quando parariam de assediá-lo, e lhe disseram que o deixariam em paz depois que o expulsassem da cidade.

"Entre os meus amigos, eu era um dos mais loucos", disse ele anos depois, "mas também um dos mais espertos, então os policiais descobriram que eu era o mandachuva. Eu tinha 16 anos quando fiquei bêbado pela primeira vez. Estava com três caras, e nunca tinha fumado maconha nem usado nenhuma outra droga. Compramos uma caixa de cervejas, dez baseados, e comprei 40 Valiums de dez miligramas. Cinco dólares cada comprimido de Valium. Engoli dez deles, bebi um monte de cerveja e fumamos todos esses baseados. Então fomos a um show de rock no centro da cidade, no Morris Theater, onde o Roadmaster estava tocando. Eles eram nossa maior banda local.

“Na casa de shows, eu já estava aprontando, e uma garota disse: ‘Você tá muito chapado’. Então rasguei o ingresso dela e o joguei nela. Aí fui até a frente da prefeitura e fiquei um tempo organizando o trânsito. Depois, joguei uma cerveja no maldito policial, então meu amigo me agarrou e me vestiu com uma jaqueta diferente, me puxando de volta para o show.

“Estava lotado. Entrei e tropecei em outro amigo, desmaiado no corredor. Então outro cara se levantou, olhou para mim e disse: ‘Tá olhando o quê, porra?’. Era um grandalhão feioso, então bati nele com a maior força que consegui. Eu o vi engolindo os dentes, então corri.”

Mas a noite era uma criança. “Caí da janela de um prédio de dois andares e quebrei a mão. Invadi um manicômio e corri para lá e para cá porque não conseguia descobrir como sair do prédio. Destruí uma bicicleta, que estava sem freios, embaixo de um trem. Então meu amigo Paul me achou e me colocou no carro, e aí passei voando por cima de outro carro, depois o pai do meu amigo saiu de casa correndo do outro lado da rua. Ele queria atirar no meu outro amigo, porque achou que alguém estava tentando me matar. Foi uma noite e tanto. Na verdade, no dia seguinte, saí e fiquei bêbado só para me esquecer dela.”

“Axl era *louco de pedra* quando o conheci”, disse Izzy anos depois. “Brigar e destruir coisas era com ele mesmo. Era alguém olhar atravessado para ele e uma briga começava. E, cara, você pensa em Lafayette, é tipo, *foda-se tudo* [...] se não fosse pela banda, odeio pensar no que ele teria feito.”

Em 1977, o punk rock atingiu o centro dos Estados Unidos com a fúria de um terremoto. As vendas dos discos não foram lá essas coisas, mas a cultura fez maravilhas pelo espírito negativista adolescente. *Never Mind the Bollocks*, do Sex Pistols, com seus ataques estridentes de guitarra e rosnados anarquistas, era gigante. Em seguida veio o The Clash, ao lado de Generation X, Subway Sect e os Slits. Os Ramones explodiram Nova York e tocaram em Indianápolis. Bill e Jeff conseguiram fitas cassete dos dois primeiros álbuns dos Ramones e passavam horas aprendendo as músicas fáceis de três acordes. Também nesse ano

o Boston registrou vendas históricas para o primeiro álbum de uma banda. "More Than a Feeling" era presença constante nas rádios. Bill adorava o álbum e aprendeu a maioria das músicas.

Jeff Isbell odiava Indiana e queria ir embora. Ele queria ir a Los Angeles e começar uma banda. Era só nisso em que ele conseguia pensar. Bill Bailey incentivava. Dizia a Jeff que, um dia, a banda que eles teriam juntos ultrapassaria em muitos milhões de álbuns o recorde de vendas do Boston. Ele conseguia ver, quase tocar, seu destino de ouro no oeste. Ele tinha um sonho recorrente em que morava numa casa grande na Califórnia com vista para o mar azul, cujas paredes eram cobertas por álbuns emoldurados de ouro e platina.

Enquanto isso, eles ainda estavam no ensino médio, o pesadelo de sempre. Bill Bailey cantava no coral, e no Natal eles apresentaram o *Messiah* de Handel. A escola era fervorosamente antipunk. Todos adoravam os Rolling Stones até uma noite de 1978 em que os Stones tocaram no *Saturday Night Live* da NBC, promovendo *Some Girls*, com o país inteiro assistindo. De um jeito insano e lascivo, anos depois de a atmosfera glam ter atingido o ápice, Mick Jagger lambeu o rosto de Ron Wood durante "Shattered". De uma hora para outra os Rolling Stones foram rotulados de gays nas escolas de ensino médio, e todo mundo que ainda gostava da banda era "bicha".

As coisas começaram a ir mal de verdade para Bill Bailey quando ele tinha 16 anos. Um dia, ele estava fuçando as gavetas da mãe e encontrou alguns documentos antigos. O diploma de ensino médio da mãe continha um nome diferente de seu nome de solteira. Documentos de seguro não o descreviam como filho de seu pai, Stephen Bailey, mas de um homem chamado William Rose. Nesses documentos, ele leu que seu nome verdadeiro era William Bruce Rose.

Ele confrontou a mãe e ela lhe disse a verdade – ao menos em parte. Quando o pai voltou do trabalho, eles tiveram uma espécie de reunião. Os pais contaram a Bill que seu pai biológico havia machucado sua mãe e que não era um cara legal. E eles simplesmente não quiseram mais falar sobre esse pai – nunca

mais. Bill perguntou onde estava seu pai biológico, e a resposta foi que não sabiam e não queriam saber. Bill começou a achar que algo terrível tinha acontecido com esse cara, e na verdade ficou sabendo que algo bem ruim realmente acontecera, mas seus pais não queriam mais falar nisso. Bill notou que o olhar da mãe ficava furioso sempre que ele mencionava seu pai verdadeiro.

Ele consultou parentes, tios, mas ninguém lhe dizia nada, a não ser que Bill Rose era um mau caráter, um encrenqueiro, e muito provavelmente estava morto. Se tentasse mencionar alguma coisa em casa, eles lhe diziam: "Aqui ninguém fala do seu pai biológico".

Mesmo assim, Bill Bailey mudou de nome. Disse aos amigos que, dali em diante, queria ser chamado de W. Rose. Por um tempo, quis ser chamado de Babe. Uma das bandas locais de curta duração com a qual ele cantava se chamava AXL, que então se tornou seu apelido. Quando a banda acabou, ele continuou usando o nome, intitulando-se "W. Axl Rose".

As oscilações de humor de Bill se tornaram mais violentas e descontroladas, e alguns dos garotos da escola tinham medo dele. Até mesmo alguns policiais de Lafayette o temiam. Um psiquiatra notou o QI alto de Bill e indicou que seu comportamento revelava uma psicose intermitente. Seus registros de prisões aumentaram e suas notas escolares despencaram. Então, no final do primeiro ano, em 1978, ele abandonou o ensino médio. Montou sua própria escolinha em casa. Colocou um piano em seu quarto, a fim de poder praticar a sós. Encheu o quarto de materiais de arte, o que atraiu amigos que iam para lá depois da escola para desenhar, pintar e ouvir música. Seus pais queriam que ele voltasse, mas ele se recusou. Com frequência o viam lendo na biblioteca pública pela manhã, durante a semana, com a cara enfiada num livro pelo tempo que sua atenção limitada permitia. "Basicamente", disse ele mais tarde, "comecei a bancar os estudos da escola de Axl, relacionados a coisas que eu queria aprender."

As poucas pessoas que o conheciam bem achavam que Bill Bailey, no fundo, era de fato um garoto legal. Monique Gregory, uma de suas amigas na época, resume a vida largada de Axl: "[Gostávamos do] quarto de Axl porque só havia colchões para

sentar, blocos para desenho e o piano dele, então era realmente possível fazer muita arte lá. Ele praticava muito ao piano, ficava sentado ali e tocava coisas lindas, sobretudo muito Elton John. Seu lado criativo era tão intenso que acalmava o pequeno grupo de pessoas reunidas ao redor dele”.

No mês de setembro seguinte, ele tentou voltar para o último ano. Mas, depois de algumas brigas e outra prisão, todo mundo concordou que ele deveria sair da Jefferson High e tentar outra coisa. Todos sugeriram que Bill “buscasse ajuda”, mas não se sabe se ele recebeu algum aconselhamento profissional relevante nesse período.

Enquanto isso, Jeff Isbell continuava tirando notas altas e se formou no ensino médio em junho de 1979 – o único membro original do Guns N’ Roses com um diploma. Ele continuou andando com Bill Bailey, ensaiando “Jumpin’ Jack Flash” até a exaustão. Eles estudavam as bandas novas, sobretudo Cheap Trick e Van Halen, e Jeff continuava conversando com Axl sobre formarem uma banda juntos algum dia.

Fiel a suas palavras, mais tarde, naquele verão, Jeff Isbell pegou sua guitarra, a bateria, um amplificador, suas roupas, colocou tudo num carro velho e saiu de Lafayette rumo a Los Angeles, a fim de ser um astro do rock. (Levaria oito anos para isso acontecer, mas Jeff conseguiu.) Bill Bailey teria se despedido do amigo, mas estava passando o verão na cadeia do município. Ele não confiava nos defensores públicos, e sua família estava de saco cheio e não queria pagar um advogado. Ele tentou advogar em causa própria, mas o juiz já conhecia bem Bill Bailey e o trancafiou. Quando Jeff Isbell fugiu para outra região, Bill estava passando três meses na cadeia porque não tinha dinheiro para pagar suas multas.

Posteriormente, em 1986, quando estava só começando a deixar sua marca no mundo, W. Axl Rose resumiu esses anos turbulentos:

“Sabe, cresci num lugar em que eu era constantemente ridicularizado. Eu tinha cabelos bem longos. Fui expulso de casa aos 16 anos porque meu pai era muito rígido e eu não ia cortar meu cabelo. Então eles me chamaram de viciado, quando na verdade eu estava praticando atletismo e levando uma vida

completamente saudável. Aí saí de casa, comecei a beber e a me drogar, e fui para a cadeia umas 20 vezes, sendo que em cinco delas eu era culpado daquilo que me acusaram: perturbar a paz. Das outras, o motivo foi somente porque as porras dos tiras me odiavam. Mas sempre mantive o cabelo comprido. Foi aí que voltei para o ensino médio, onde sabia que certas pessoas tinham respeito por mim – alguns dos atletas e alunos do grêmio estudantil –, mas, de repente, não me respeitavam mais! Acharam que eu era hippie, porra! Mas eu não ia muito com a cara dos hippies, porque gostava de todo tipo de música. Se você achasse que Devo ou os Sex Pistols eram bons, você era punk. Se gostasse de Bowie ou dos Stones, era bicha. Então agora, para eles, eu era uma bicha hippie e punk, sabe? Tudo ao mesmo tempo."

O grande despertar de Slash

Enquanto Axl e Izzy viviam uma adolescência insuportável em Indiana, Slash e Steven Adler andavam por Hollywood e sonhavam com o que instintivamente previam como um estrelato certo para si mesmos e sua futura banda.

Nascidos em 1965, eram três anos mais novos que os garotos de Indiana. Steven, de Cleveland, mudou-se para Los Angeles com a família quando ainda era um bebê. Slash nasceu Saul Hudson na Inglaterra, em Stoke-on-Trent, uma das "Potteries"[4] de Staffordshire. Seus pais eram artistas. Tony Hudson era inglês e judeu, um talentoso diretor de arte que se especializara em design de álbuns. A mãe, Ola Oliver, era uma figurinista negra norte-americana que trabalhava no teatro e no mundo do rock. Quando os Hudson se mudaram para Los Angeles, eles se estabeleceram no refúgio musical de Laurel Canyon, no bairro de Hollywood Hills, e deram continuidade às suas carreiras. Tony Hudson projetou capas de álbuns de platina para artistas como Neil Young. Seu design mais famoso para álbuns, a capa de *Court and Spark* (1974), da Joni Mitchell, foi para a gravadora Asylum Records, do vizinho David Geffen, também morador da Lookout

Mountain Road. (Uma vez, David Geffen cuidou do pequeno Saul como um favor a seus pais. Vinte e cinco anos depois, quando o Guns N' Roses era a banda mais irada do mundo, Geffen brincou com seus executivos que havia trocado a fralda do "reptiliano" Slash quando ele era bebê.)

Ola trabalhava com as principais estrelas do rock negras dos anos 1970, como Chaka Khan e Diana Ross, e também com grupos de turnê como as Pointer Sisters. Ela fez roupas de show para Ringo Starr e Carly Simon. Grandes astros do rock, como Ron Wood e Iggy Pop, estavam sempre entrando e saindo da casa dos Hudson. Bebidas e drogas faziam parte da dieta familiar. O jovem Saul demonstrou veia artística logo cedo, desenhando assim que conseguiu segurar um lápis. Quando criança, ele contribuiu com desenhos de animais para um livro inédito de poemas da vizinha Joni Mitchell, chamado *The Bestiary*. (Mitchell estava morando na casa de David Geffen nesse período.) Saul era fascinado por dinossauros e cobras e gostava de desenhar os pequenos lagartos que viviam havia milhões de anos nas colinas de Hollywood.

Em 1975, Ola começou a trabalhar nos figurinos para um filme de ficção científica de David Bowie, *The Man Who Fell to Earth*. Os Hudson se separaram por volta dessa época, e a mãe de Saul começou a namorar Bowie, que assumira sua notória *persona* de "Thin White Duke" [Duque Branco Fino, em tradução livre]. Slash recordou: "Ela fazia todas as roupas dele, e eu *odiava* isso, porque ele tomou o lugar do meu pai. Ainda era a época do amor livre, e não se dizia não. Eu era meio novo, mas mesmo assim era estranho. [Bowie] tinha sua pequena Mercedes branca e aquela casa imensa em Bel Air, que ele alugava enquanto estava em Los Angeles. A esposa também estava lá com o filho deles, Zowie, e eu tinha que ficar com aquele pessoal. Eles me levavam para lá e eu pensava: *Que porra é essa? Por que ele tem essa casa tão grande?* Todo o alvoroço que ele fazia em relação a tudo... era simplesmente ridículo".

Assim Saul Hudson cresceu, num ambiente hollywoodiano que o preparou para uma vida futura com uma *persona* alternativa,

um tal de "Slash". "Cresci em uma espécie de lar hippie rebelde", disse ele mais tarde, "e tive muita liberdade quando criança. Tipo, meus pais estavam sempre dizendo '*foda-se*' um para o outro, que é coisa de inglês; então, quando comecei a falar '*foda-se*', mais ou menos aos 7 ou 8 anos, as pessoas acharam engraçado."

"Meus pais sempre me apoiavam, não importava o que eu fizesse", lembrou-se ele. "E eu os amava muito por isso."

Quem deu a Slash seu apelido foi o famoso ator Seymour Cassel. "Eu era amigo dos filhos dele, e ele costumava me chamar de 'Slash'[5] porque eu era um aspirante a guitarrista, sempre correndo, nunca parava para conversar. Para ele, parecia que eu estava sempre com pressa, então começou a me chamar assim e pegou."

Com muito amor dos pais, mas pouca supervisão real, Slash era um dos meninos perdidos meio selvagens de Hollywood, às vezes passando a noite toda fora de casa, às vezes traficando sedativos, negociando entradas para shows em clubes ou, simplesmente, andando pelo estacionamento do Rainbow Bar and Grill na Sunset Strip, esperando para ver quem saía e o que acontecia quando o clube fechava às duas da manhã. E ele viu altas coisas, já que o Rainbow era o "ponto de encontro" de Hollywood visitado pelos roqueiros ingleses: membros do Zeppelin e suas groupies adolescentes; os Stones e suas namoradas; Elton e sua comitiva gay; Slade; os Sweet; Judas Priest.

A avó de Slash, que também se chamava Ola, foi o porto seguro de sua infância. Uma senhora séria, capaz de falar palavrões como o comediante Richard Pryor quando provocada, ficava de olho em Saul e até deu a ele a primeira guitarra. "Eu fazia bagunça em casa, e ela corria atrás de mim em volta do sofá. Ela ficava louca quando eu tocava 'Black Dog' bem alto." Mas essa mulher sensata era extremamente amorosa e incentivava o neto, e lhe forneceu a base e o suporte de que ele precisaria para sobreviver nas ruas de Los Angeles dez anos depois.

Mais tarde, ele refletiu que teve sorte de ter crescido em um mundo absurdamente hedonista e egoico. "Via toda essa merda

pesada acontecer, o tempo todo. Via as pessoas se arruinarem. E aprendi com isso."

Slash afirma que começou a beber por volta dos 12 anos. "Eu gostava de ficar bêbado", explicou ele em 1990. "Beber me ajuda. Me faz sair da concha. É um hábito que adquiri desde os 12 anos." Seu pai, acrescentou ele, era um tremendo beberrão. "Eu tinha liberdade total, o tempo todo", comentou. "Costumava ficar semanas sem voltar para casa."

Até então ele era impopular na escola. "Eu tinha cabelos bem longos, e as escolas que frequentei eram cheias de filhos de banqueiros e corretores de imóveis. [Uma exceção era Lenny Kravitz, que frequentou o ensino fundamental com Slash.] Então eu era esquisito demais, tinha uma história de vida diferente, e nunca me encaixei de verdade", lembrou ele. "Mas, quando fiz 13 anos, pensei 'foda-se', e não me importei mais com isso. Aí de uma hora para outra passei a ser popular, porque tocava guitarra. Foi bem estranho. Todos os garotos ao meu redor mudaram. Então nem com isso passei a me importar mais, porque estava por conta própria e praticando guitarra."

Certo dia, em 1977, Slash estava andando de bicicleta BMX com outros garotos na escola Bancroft Junior High em Hollywood. Havia outro garoto lá, de skate, fazendo manobras para impressionar as meninas que estavam assistindo. Mas ele perdeu o controle e bateu a cabeça ao cair. Slash foi até ele para ver se estava tudo bem. Era Steven Adler.

Ambos estudavam na Bancroft, mas não se conheciam de fato. No entanto, os dois eram fissurados por música e gostavam de algumas das mesmas bandas (Steven gostava do KISS, Slash não), sobretudo de Van Halen, os deuses locais, que ainda tocavam em escolas de ensino médio e cais de praias em 1977. Steven levou Slash para sua casa, na North Hayworth Avenue. Ele mostrou ao amigo sua guitarra e a plugou no pequeno amplificador. Slash recorda: "Ele só plugou, girou o botão de volume até o máximo e mandou ver – bem alto. Fiquei completamente fascinado por aquilo".

Steven Adler era o típico garoto hollywoodiano, anos 1970,

pós-hippie: engraçado, tranquilo, suave; um simplório de olhar inocente que ia para o oitavo ano de manhã fumando um baseado. ("Eu tinha 8 anos na primeira vez que fiquei chapado. Fumei um beque no banheiro da minha avó.") Com seus cabelos loiros cacheados, andar afetado e vagos olhos azuis, ele era muito atraente para os predadores gays locais. Steven contou a um repórter: "Quando eu tinha 12 ou 13 anos, morei em Hollywood, nos arredores de Santa Monica Boulevard e Fairfax. E Santa Monica Boulevard era um bairro muito gay [...], onde os caras se pegavam para, tipo, fazer sexo. [...] Então Slash morava em Sweetzer e eu em North Hayworth, e algumas vezes, quando eu estava indo para lá, descendo a rua, ganhava um boquete de algum cara. Eu tinha, tipo, 13 anos. Ficava de pau duro 24 horas por dia. Eu era adolescente [...] e as namoradas ainda não faziam sexo [...] Eu estava na farra com alguém e ganhava um boquete. Que foi? Sou o único?".

Uma noite, Slash fugiu de casa para vender calmantes no lado de fora do clube noturno Starwood, e mais tarde acabou na Hollywood Boulevard, uma degradante área comercial aberta a noite toda com peep shows, lojas de pornografia, de bebida, traficantes e prostitutas. Era a boca do lixo de Hollywood, mas muito agitada, e atraía vagabundos de todas as partes, e também os que gostavam deles. "Eu estava passando por uma barraca de hambúrguer, tipo, às três da manhã. Tinha um grupinho reunido lá, e um cara completamente louco, de ácido ou coisa do tipo, resolveu que já tinha se drogado o suficiente e ia bater em alguém. Acho que ele foi atrás do cara errado, porque levou uma facada bem na minha frente, e aí ele ficou, tipo, *estirado* na porra da calçada, cara." Diante da lembrança, ele sorriu. "E passei a frequentar a Hollywood Boulevard desde então."

Quando Slash tinha 13 anos, ele vivenciou o que mais tarde chamaria de seu "Grande Despertar".

"Já havia algum tempo que eu estava tentando ver o que essa garota mais velha tinha embaixo das calças, e finalmente ela me

deixou ir até a casa dela. Saímos, fumamos um pouco de maconha e ouvimos *Rocks*, do Aerosmith. Aquilo me acertou como uma tonelada de tijolos. Fiquei lá sentado, ouvindo vezes seguidas, e aí dei um fora na garota, que estava irritada. Eu me lembro de voltar de bicicleta até a casa de minha avó, sabendo, de certa forma, que minha vida tinha mudado. Foi um daqueles momentos de epifania. Pela primeira vez, eu me identificava apaixonadamente com alguma coisa."

Como relata Slash, ele descobriu o que se tornaria seu som característico ao ouvir os dois guitarristas do Aerosmith, Joe Perry e Brad Whitford, os mestres norte-americanos do estilo de guitarra conhecido como "flash". Os pioneiros da guitarra flash foram os Yardbirds e o The Who, na Inglaterra, em 1965. O flash era uma energia musical explosiva, lançada como um rompante de calor ultrassônico. Era feedback e drone com sobrecarga de R&B. O flash era uma forma de segurar a guitarra, geralmente embaixo, movendo-se com ela e representando o poder nu e cru da música: Jeff Beck tocando guitarra na nuca, o rebolado de pistoleiro de Jimmy Page. Era Jimi Hendrix incendiando sua Stratocaster.

Slash foi à Tower Records na Sunset e, com dedos ágeis, roubou uma fita cassete de *Rocks*. "A chave para *Rocks* são as primeiras duas faixas: 'Back in the Saddle' e 'Last Child'. Essa combinação simplesmente me pirou a cabeça." (Mas, na verdade, a música da qual ele mais gostava era "Nobody's Fault".) "O Aerosmith tinha essa vibe superintensa – agressiva, pirada, psicótica –, mas, ao mesmo tempo, eles tinham essa coisa meio blueseira à la Stones. Nessa época, não havia nada mais maneiro nos Estados Unidos que o Aerosmith."

Em 1978, no fim do verão, Slash foi ver o Aerosmith tocar em um festival vizinho, com o Van Halen e Ted Nugent como bandas de abertura. "Eles [o Aerosmith] eram *incrivelmente* barulhentos e mal reconheci uma nota, mas ainda assim eram a coisa mais maravilhosa que eu já tinha visto. Eu me identifiquei cem por cento com a figura de Joe Perry, sonora e visualmente. Ele era bem ágil, de uma forma que me lembrava Keith Richards. Sempre parecia estar totalmente chapado e tinha esse estilo 'largado' de tocar guitarra muito maneiro. Mas eu também

gostava dos solos de guitarra do Brad Whitford, e no fim [Whitford] teve uma influência mais direta na maneira como toco do que alguém consegue perceber. E qualquer cantor precisa conhecer Steven Tyler."

"O clássico Aerosmith – eles eram nossos heróis de adolescência. Cresci com os Stones, Dylan, os Kinks, Zeppelin, mas, quando descobri esse disco do Aerosmith, foi outro nível de identificação. A decadência, as guitarras desleixadas, a bateria imensa, a gritaria... tudo isso mexeu comigo. Eles serviram como modelo para aquilo que faço, assim como para as outras bandas que vieram depois de nós – Soundgarden, Alice in Chains, Nirvana, Pearl Jam. Todos temos uma dívida e tanto com o Aerosmith."

Na vez seguinte em que Slash roubou fitas cassete da Tower Records, o segurança o parou na porta. Eles o levaram ao escritório do andar de cima, que continha um espelho unidirecional com vista para o andar de vendas. Vasculharam suas calças e encontraram as fitas. Ele lhes disse que só tinha se esquecido de pagar. OK, disseram, pague agora e pode ir embora. Ele não tinha dinheiro. Ameaçaram chamar a polícia. Então falaram para ele telefonar para casa, a fim de que seus pais viessem e pagassem pelas fitas. Ele telefonou, e sua mãe – que era cliente assídua da loja e conhecida pelos funcionários – chegou e pagou pelas fitas. O gerente disse a ela que seu filho estava banido da Tower Records – uma infâmia grave em West Hollywood.

Em 1978, o Van Halen, banda de Pasadena, lançou seu primeiro álbum. Eles vinham tocando (como Mammoth) desde 1974, mas ganharam vida só depois de contratarem o vocalista David Lee Roth (que, na verdade, não passou na primeira audição com o grupo). Mas Roth tinha seu próprio apelo pessoal, então eles finalmente o deixaram entrar na banda, batizada com o nome dos irmãos Van Halen porque soava maneiro. O álbum de estreia, *Van Halen*, foi um sensacional tapa na cara que o hard rock deu no punk rock, com Eddie Van Halen ganhando moral imediata nas ruas por implantar o mais inovador arsenal de técnicas de

guitarra a entrar em cena desde Jimi Hendrix. O Van Halen ajudou a desenvolver o *tapping* e o *shredding* nas cordas – o estilo de palhetada rápida e hipertécnica que injetou uma dose de anfetamina no heavy metal e que milhões de futuros deuses da guitarra logo começariam a dominar. A genialidade técnica e as habilidades musicais de Eddie, além dos vocais possantes, do carisma atlético e das longas madeixas loiras de Roth, definiram o Van Halen quase da noite para o dia como a melhor banda de Hollywood e a última resposta norte-americana ao poderoso Zeppelin (que, sem que ninguém soubesse, já havia feito os últimos shows nos Estados Unidos). O Van Halen dominou a Strip enquanto Slash crescia, e Eddie Van Halen exerceu incalculável influência sobre ele, assim como exerceria sobre todos os jovens guitarristas do país nos dez anos seguintes.

Stevie Adler passou a tocar bateria mais ou menos na época em que ele e Slash começaram o nono ano na Fairfax High em Hollywood. (De acordo com Adler, eles também cortaram os punhos e os esfregaram um no outro, tornando-se "irmãos de sangue".) Com tantas famílias do show business morando perto, a escola estava lotada de jovens talentosos, e os dois amigos rapidamente entraram em uma das duas bandas de rock and roll do lugar. (A outra contava com o supertalentoso guitarrista Tracy Ulrich – o futuro Tracii Guns.) Mas Slash e Stevie, na maioria das vezes, matavam aula e saíam, fumavam maconha, usavam *poppers*, tocavam o tempo todo e falavam com convicção que eles e a banda estavam destinados a ser grandes astros do rock quando crescessem.

"Eu *sempre* soube disso, desde os 10 anos", comentou Adler 30 anos depois. "Eu e Slash crescemos juntos. Nós nos conhecemos desde os 11 anos! Dei a ele sua primeira guitarra e lhe mostrei seus primeiros acordes. Toda a viagem do Guns N' Roses – aquilo era *nosso sonho*. Matávamos aula todo dia, e tudo o que fazíamos era conversar sobre montar uma banda de rock and roll de verdade. A melhor banda que alguém já ouviu. Gravar discos. Viajar pelo mundo. Transar com todas as garotas que conseguíssemos.

"O que ainda me mata é que nosso sonho se realizou! Mas *nunca* houve dúvida de que iríamos realizá-lo ou de que ele não aconteceria."

Steven Adler abandonou a Fairfax High no décimo ano. Slash ficou até o penúltimo ano, depois simplesmente parou de ir. Ele começou a tocar em uma banda chamada Tidus Sloan. Era 1982, e o fugitivo Axl Rose estava a caminho de Hollywood, prestes a nascer.

A história da Sunset Strip

O velho Chevy Impala que transportava Jeff Isbell, o futuro Izzy Stradlin, de alguma forma conseguiu atravessar metade dos Estados Unidos até Los Angeles, e três dias depois o habilidoso Jeff estava em uma banda com um show pago. Em geral, para a maioria dos músicos que chegava a Hollywood na busca obsessiva por seus sonhos, esse tipo de progresso demorava muito mais ou nunca acontecia de fato. Primeiro, você se instalava em algum lugar, geralmente um hotelzinho barato. Como precisava fazer uns contatos, conferia os quadros de avisos no Guitar Center ou na Tower Records. Olhava de cima a baixo os classificados na *Music Connection* e no *The Recycler*. Dava umas voltas pelo Troubadour, o lendário clube de música em Santa Monica Boulevard. Acima de tudo, após a meia-noite, conferia a cena na lendária Sunset Strip, ainda o playground noturno de Hollywood mesmo depois de 50 anos.

A Strip era a sede do rock and roll norte-americano desde 1964, quando dois caras supostamente "relacionados" de Chicago abriram o Whisky a Go em um antigo prédio bancário na Sunset and Clark. Nessa época, o antigo glamour da Velha Hollywood e dos anos 1950 da Strip desaparecera depois que Frank Sinatra e seus asseclas mudaram suas apresentações para salões de cassino em Las Vegas. O Whisky, inspirado em elegantes discotecas parisienses do início dos anos 1960, onde adultos dançavam música pop, foi sensação imediata quando a banda da casa, de Johnny Rivers – afanada da boate Gazzarri's, na parte de

cima da rua –, começou a lançar hits de sucesso. Pessoas que gostavam de dançar lotavam o lugar. Steve McQueen tinha sua própria cabine, assim como Warren Beatty e outras estrelas do novo escalão de Hollywood. John Lennon e Paul McCartney iam ao Whisky com Jayne Mansfield. Era a boate mais badalada dos Estados Unidos e deu origem a dezenas de outras ao longo da Sunset Boulevard, que precisava de novas bandas para enchê-las. O Byrds estourou em 1965, seguido por Sony e Cher, The Mamas and the Papas, os Doors, Buffalo Springfield e, literalmente, centenas de outras bandas. Nas noites de fim de semana, o pessoal mais jovem brotava na Strip dos subúrbios mais chiques e de San Fernando Valley. Eles ficavam às dezenas na calçada e se espalhavam pelas ruas, incomodando os policiais e criando um clima de tensão antiautoritária. Havia tantos jovens – garotas descalças fazendo bolas de chiclete, garotos de cabelos compridos com violões – que as pessoas tinham dificuldade de ir de uma boate a outra. À noite, não era possível dirigir para o oeste na Sunset, por conta da hiperlotação. Uma semana de tumultos eclodiu em 1966 por causa do assédio policial, um dos primeiros casos de jovens dos anos 1960 se defendendo da polícia nas ruas. Hollywood sentiu o cheiro do gás lacrimogêneo pela primeira vez. O cenário todo era sensual, exibicionista e volátil. Com aparições em revistas e na televisão, a nova Sunset Strip definiu o tom do entretenimento juvenil para o restante do país e começou a atrair jovens músicos ambiciosos de todos os lados.

O Rainbow Bar and Grill abriu as portas depois do Whisky e logo se tornou um clube para astros do rock que visitavam o país. A algumas casas de distância, um dos clubes antigos reabriu como Roxy Theater, que, ao lado do Troubadour, se tornou a principal vitrine para bandas em Los Angeles. Agora os hippies do folk rock dos anos 1960 davam lugar aos anjos de neon do hard rock dos anos 1970 – uma rapaziada malvestida e amoral com roupas de lycra brilhantes, saltos plataforma e cabelão. O aroma orgânico dos baseados foi substituído pelo odor acre da cocaína. Alguns anos depois, os punks introduziram a heroína. O Whisky e outros clubes sobreviveram à crise do punk no fim dos anos 1970 agendando com novas bandas, muitas vezes no esquema "pagou-tocou", em que a banda contratava o clube para

chamá-la e era paga com os ingressos da porta de entrada. Agora, estava nas mãos dos jovens músicos atrair o público. Bandas sem contrato aprendiam a se promover com o boca a boca das ruas e a distribuição de "flyers", aspectos que se tornaram tão importantes para as novas bandas quanto ensaios e uma aparência ultradescolada.

A Strip via todo o ir e vir dessas coisas. Rock country, glam, Rodney's English Disco, reggae, disco, punk, new wave, as Runaways, power pop, heavy metal. Quando Izzy e depois Axl chegaram de Indiana no começo dos anos 1980, a Strip estava no início de outra ascensão que, no final da década, presenciou sua energia hair metal assumir uma fatia imensa não apenas da contracultura como também da cultura norte-americana padrão. Desde a década de 1980, não houve outra era em que grande parte do mercado de massa – como era a aparência dos jovens, o que eles viam na TV, o que ouviam nas rádios, o que compravam nas lojas de discos, o que liam em revistas – provinha de uma única rua específica.

Quando Izzy chegou a Los Angeles, as bandas punk importantes da cidade – Black Flag, X, os Blasters, Social Distortion, Fear – ainda predominavam. Em seu terceiro dia na cidade, ele conheceu alguns caras, foi vê-los, tocou e foi contratado. "Por ter carro e um kit de bateria, eu era um trunfo." O próximo show foi naquele fim de semana, no sótão de um armazém, no então deserto centro de Los Angeles. "Estávamos nos aprontando para ir", recordou Izzy, "e o restante da banda apareceu... completamente 'montada'. Isto é, de batom, rímel, calça rosa de lycra, salto alto. Essa era minha banda, mas eles se esqueceram de me dizer que era temática, sabe?"

Izzy deu de ombros e subiu no palco com seu traje à la Keith Richards, composto de camisa branca, colete escuro, um lenço maneiro, boné de pano e a guitarra pendurada para baixo. "E foi, tipo, música forte. BAM, BAM, BAM, BAM. Tocamos umas três músicas" antes de os skinheads locais e fãs do Fear ocuparem o palco e começarem a cuspir na banda. Foi uma confusão punk de xingamentos, de cadeiras e garrafas voando pelos ares cheios de

fumaça. Alguém cortou a luz. Outra pessoa chamou a polícia. O bumbo levou um chute de um grandalhão usando coturnos. Izzy: "Dei um passo para trás e vi que estavam *detonando a banda*. Peguei um suporte de prato, dei alguns golpes e escapuli pela porta dos fundos.

"Aquilo me fez ver como eram as coisas por ali." Era simples: se você estava em uma banda, você estava em guerra. Era uma competição acirrada, um engolindo o outro, sem pedir ou dar trégua. Outras bandas o matariam se pudessem – ou, ao menos, enviariam você de volta com o rabo entre as pernas para o lugar de onde veio. "Depois disso, passei a não ter problemas com a aparência ou a voz de alguém, ou se essas pessoas não gostavam de mim. Então acho que foi uma boa maneira de quebrar o gelo."

Um em um milhão

Em Indiana, Bill Bailey estava inquieto. Sua família queria que ele terminasse o ensino médio e fosse para a faculdade. Todos diziam que Bill tinha boas ideias. Seus amigos sabiam que ele era grande demais para Lafayette; alguns o incentivavam a ir embora e tentar se encontrar na vida. Mas Bill Bailey ainda não estava pronto para partir. Ele e um amigo pegavam carona de ida e volta para Nova York. Muitas vezes ele ia à Arni's, sua pizzaria favorita, na Elmond Avenue. (A área de refeições no andar de cima da Arni's se chamava "Toys in the Attic Room", em homenagem ao Aerosmith.) Bill foi preso mais algumas vezes, em sua maioria por crimes banais, mas agora os policiais de Lafayette estavam em sua cola de verdade.

"Certa vez uma garota foi me buscar dirigindo o carro da mãe. Ela tinha 16 anos, talvez 17, e a mãe reportou o roubo do carro." A mãe ficou horrorizada quando alguém lhe telefonou e disse que tinha visto sua filha em um carro com Bill Bailey. A polícia interceptou o carro em West Lafayette, próximo a Purdue. Axl estava dirigindo. "Tentaram me prender por roubo de veículo, incentivo à corrupção de menores e estupro estatutário – sendo que eu nem sequer tinha *tocado* na menina. Após me

acusarem, fui à casa dela e fizemos uma festinha. Saí da cidade depois disso."

Isso foi no fim de 1979. Axl decidiu pegar carona até Los Angeles e tentar encontrar Izzy. A mãe de Izzy disse a ele que não tinha o número de telefone do filho, que propositalmente deixara de ter contato com a família. Axl achou que poderia encontrar Izzy por conta própria, já que ele tinha um cartão-postal que o amigo lhe enviara de Los Angeles com endereço de devolução em Hollywood. Ele enfiou algumas mudas de roupas e fitas na mochila e ergueu o dedão na rampa de entrada para a I-65. O primeiro cara que lhe deu carona o levou até Chicago e, em seguida, direto para St. Louis.

Axl se lembra disso horrorizado: "Minha primeira carona – esse cara – me disse que eu poderia dormir no chão de seu quarto de hotel. Eu tinha, tipo, 19 anos, era muito ingênuo e estava muito cansado. Então basicamente desmaiei, mas depois de umas horas acordei com esse cara tentando me estuprar". Axl empurrou o homem para longe, que caiu no chão. Ao se levantar, Axl foi até sua mochila e pegou uma navalha. "Ele veio até mim de novo. Fui correndo até a porta. Ele me alcançou e o prendi entre a porta e a parede." Axl segurou a navalha na frente do rosto do cara e sibilou: "*Não* me toque. Nem *pense* em me tocar. Não se toque pensando em me tocar. *Nunca*". O homem saiu correndo pela porta, deixando um trêmulo Axl sozinho. "Quase matei o homem, eu estava assustado demais. Eu me senti tão violado. [Na época] eu não sabia que havia me sentido violado por conta do que me aconteceu na infância, que eu tinha, basicamente, varrido para debaixo do tapete – e nem sequer me lembrava."

Axl pegou suas coisas e partiu no meio da noite, sem dormir, sem ter para onde ir, no meio do nada, em algum lugar nos arredores de St. Louis. Tremendo com o vento frio enquanto o sol despontava sobre o rio, ele esticou o polegar e continuou seguindo para o oeste.

Por fim, chegou a Los Angeles e foi deixado tarde da noite perto da rodoviária no centro. Ali, Axl – um rapaz franzino, de cabelos ruivos e bem longos, usando botas de caubói – se viu diante de um festival de degradação moral à meia-noite. Uma

caixa de som tocava “The Message”, de Grandmaster Flash and the Furious Five: “It’s like a jungle sometimes/ It makes me wonder/ How I keep from going under”.[6]

“Eu nunca tinha estado em uma cidade grande desse jeito. Negros vinham até mim tentando me vender maconha e cacarecos. Vi um negro enorme, com uma porra de uma faca Bowie, roubando uma caixa de som de um chinês.” Ele olhou em volta. A calçada estava cheia de prostitutas, mendigos, traficantes – a maioria, negros. Pessoas gritavam em espanhol e em chinês. Latinos o empurraram para fora da calçada, ao lado de uma barraca de burritos aberta a noite toda. Ele tentou se orientar, obter direções, mas ninguém lhe dava uma resposta certa. “Quando finalmente me sentei depois de andar em círculos por três horas, os policiais vieram e me disseram para sair da rua. A polícia de lá já tinha visto tanta gente fuleira que imaginava que, se alguém tinha cabelo comprido, provavelmente também era fuleiro.”

Por fim, alguém teve pena do rapaz. “Tive muita sorte por um negro ter me ajudado a me localizar. Ele me levou até a estação RTD e me mostrou qual ônibus tomar. Ele não queria meu dinheiro nem nada. Foi mais algo do tipo: ‘*O rapaz é novo na cidade e pelo jeito vai se meter em encrenca aqui. Deixe-me ajudá-lo a se localizar*’. Seria possível dizer que ele era... um em um milhão”.

Axl procurou durante uma semana, mas não conseguiu encontrar Izzy. Quando o dinheiro acabou, ele pegou carona de volta para Lafayette. (Mais tarde, Izzy comentou: “Ele simplesmente não tinha a menor ideia do quanto esse lugar era *grande*”.)

Bill Bailey continuou trabalhando com música com o amigo Paul Huge. Juntos, eles compuseram uma canção de punk rock boba e misógina chamada “Back Off Bitch”. De alguma forma, Axl pensou que era uma música legal que ele poderia levar para Los Angeles quando se mudasse definitivamente para lá.

Axl fez 18 anos em fevereiro de 1980. Depois disso, seus registros policiais indicam várias prisões e pelo menos dez dias na cadeia municipal por invasão de propriedade privada, intoxicação em público, vadiagem, lesão corporal, posse de

maconha, roubo de carro. Então Bill continuou saindo da cidade para passar períodos curtos em Los Angeles, onde continuava procurando Izzy em todos os lugares frequentados por músicos jovens: o Canter's Deli, em Fairfax; Tower Records, na Sunset; a cafeteria Ben Frank's. Às vezes, no estacionamento atrás do Rainbow, ele ouviria coisas do tipo às duas da manhã: "O Izzy de Indiana? Saiu faz uma hora". Ou, do lado de fora do Cathouse, onde o efervescente Mötley Crüe tocava para casa cheia: "Izzy? Sim, cara, ele esteve aqui ontem à noite. Não conseguimos entrar, então ficamos na calçada".

Finalmente, em abril de 1980, em uma manhã chuvosa num domingo de Páscoa, o cambaleante Jeff Isbell acordou com batidas insistentes na porta de seu pequeno apartamento. Ele tinha acabado de ir dormir depois de passar a noite toda tocando bateria em uma banda chamada The Atoms. Ao abrir a porta, lá estava Bill Bailey, com botas de caubói, encharcado por ter caminhado quilômetros na chuva, sem carregar nada além da mochila ensopada. "Hã, então, Izzy", disse Axl, sorrindo. "Passei no *mínimo* um mês procurando por você, porra."

Mais tarde, Axl disse que nos dois anos seguintes fez oito viagens entre Indiana e Los Angeles, geralmente de ônibus. O que ele posteriormente descreveu como "experiências bem ruins com homossexuais" o levou a evitar pedir carona quando tinha dinheiro para andar de ônibus. Em uma dessas longas viagens, ele ouviu alguma música na cabeça, alguns acordes de piano vagamente relacionados a uma música antiga de Elton John, e escreveu a notação aproximada no caderno que carregava. Essa epifania foi o início da futura balada "November Rain", do GN'R.

Então, em algum momento no início de 1982, as coisas chegaram ao limite para Axl em Lafayette. "Eu e meus amigos sempre estávamos encrencados. Porra, cara, a gente se metia em encrenca *só por diversão*. Não tinha mais nada para jovens como nós. Mas, para mim, chegou a um ponto em que percebi que acabaria na porra de uma cadeia, porque eu continuava fodendo com o sistema."

Durante o verão de 1982, Axl disse: "Um cara e eu começamos a brigar. Bati nele, que prestou queixa. Mais tarde, ficamos amigos, e ele tentou retirar a queixa, mas o defensor

público não deixou".

Essas acusações por agressão e lesão corporal por fim diminuíram, "então eles tentaram outras acusações. Tentaram de tudo! Lá [em Indiana], quando você irrita um policial, é como uma maldita acusação de vingança. Eu já tinha passado três meses na cadeia, então agora eles estavam tentando me rotular como criminoso habitual, o que poderia significar, tipo, *prisão perpétua*". Um defensor público finalmente conseguiu retirar as queixas de agressão, mas havia acusações adicionais pendentes contra Bill Bailey, portanto o juiz decidiu soltá-lo mediante fiança.

Mas então Axl fugiu da cidade, sem comparecer diante do juiz, e sumiu no mundo – uma grande tradição norte-americana. "Saí da cidade e vim para a Califórnia", lembrou ele. "A ordem era para que eu *não* saísse, mas saí do mesmo jeito. [Por fim] Meu advogado cuidou disso. Demorei *muito* pra voltar a Indiana."

Então W. Axl Rose se mandou. Mesmo anos depois, mesmo no auge do sucesso do Guns N' Roses, sempre que voltava a Lafayette para visitar familiares e amigos, Axl mantinha discrição e evitava cuidadosamente qualquer contato com a polícia em sua cidade natal.

2. Termo ofensivo usado para designar membros de igrejas cristãs pentecostais que louvam a Deus aos gritos e com movimentos corporais bruscos. [N. T.]

3. Disco de Peter Frampton, considerado o álbum ao vivo mais vendido da história. [N. T.]

4. Área industrial que abrange seis cidades em Staffordshire, na Inglaterra. [N. T.]

5. O termo *slash*, em inglês, pode significar chicotear algo, de forma rápida. [N. E.]

6. "Às vezes é como uma selva/ Me faz pensar/ Como posso evitar me afundar". [N. T.]

Capítulo 2
UM FANTASMA ENVIADO PARA NOS ASSOMBRAR

Esta banda veio do zero.
Nós a montamos do nada.

– *Izzy Stradlin*

Quero minha mtv

Axl Rose chegou a Hollywood acompanhado por uma namorada de Indiana em dezembro de 1982, logo que um cenário animado e ironicamente vulgar estava começando a tomar forma na Sunset Strip.

As raízes do que ficou conhecido como glam metal eram do leste: os New York Dolls, Aerosmith, KISS, Boston, Cheap Trick. O Led Zeppelin havia saído de cena depois que o baterista John Bonham bebeu até morrer em 1980, deixando uma lacuna imensa para alguma banda de sorte preencher. Músicos de Los Angeles, como o Van Halen, transformaram essas influências com o ressurgimento das barulhentas bandas inglesas de metal do final dos anos 1970 (Judas Priest, Ozzy, Iron Maiden, Def Leppard, Scorpions), e a química deu início a um novo rock underground hollywoodiano, caracterizado por roupas extravagantes, cabelões, maquiagem feminina, shows frenéticos, volume ensurdecedor e comportamento público imoral até a medula, geralmente envolvendo drogas, álcool e caprichos. Quando Axl surgiu na cidade como um animal bronco em botas

de caubói empoeiradas, muitos dos músicos principais já estavam em cena.

Em 1982, o Mötley Crüe havia substituído o Van Halen como os mandachuvas da Sunset Strip, ao mesmo tempo acabando quase da noite para o dia com as bandas punk. O Crüe era formado por quatro músicos locais que copiavam os hinos de guitarra de Eddie Van Halen, enquanto subiam no palco de salto agulha, roupas de lurex, spray para cabelo, calças fúcsia e quantidades generosas de batom, blush, rímel e kajal. Apresentando-se como prostitutas baratas ou drag queens, eles eram músicos medíocres, mas proporcionavam um show de rock intenso e em alto volume, que lotava clubes como Whisky, Club Lingerie e Starwood. Vince Neil se movimentava bem no palco e deixava os longos cabelos loiros bem armados, como David Lee Roth. O baterista Tommy Lee tocava pra caramba. Nikki Sixx detonava o baixo até os dedos sangrarem. O guitarrista Mick Mars cortava acordes como se estivesse fatiando carne. Todo mundo sabia que o Crüe era uma banda medíocre, mas o show que eles davam era uma retomada sensacional da atitude glam dos New York Dolls, dez anos depois do fato ocorrido.

Outras bandas do cenário incluíam o Great White, um cover do Zeppelin que teve êxito em compor o próprio material e se apresentava com frequência no Troubadour; o W.A.S.P., cujo vocalista, Blackie Lawless, jogava pedaços de carne crua na plateia e simulava rituais horríveis de tortura com modelos seminuas estiradas em um cavalete enquanto a banda detonava riffs de heavy metal; Ratt; Quiet Riot; Dokken. Entre as bandas novas em ascensão estavam o Slayer e o Metallica. O Hanoi Rocks, uma banda glam extremamente influente, chegou da Finlândia e cativou a Strip com seus cabelões. A banda que se tornou o Poison veio da Pensilvânia. O Stryper e o Warrant também estavam a caminho, ambos de fora da cidade. Essas eram as bandas que seriam divulgadas pelo novo meio de TV a cabo até que sua música – variando entre glam metal, hair metal, girl metal e heavy metal – assumisse o rock no fim da década.

Mas a explosão de bandas de Los Angeles ainda era underground em 1982. A MTV, o novo canal de TV a cabo, apresentava sobretudo bandas britânicas new wave – Haircut

100, Flock of Seagulls, U2 – em uma intensa rotatividade de clipes, e o rock da velha guarda ainda dominava as rádios: a J. Geils Band de Boston estava simultaneamente com um single ("Centerfold") e um álbum (*Freeze Frame*) em primeiro lugar nas paradas.

Tudo isso estava tomando forma em meio a um período confuso de transição para os Estados Unidos e também para o mundo. Governos politicamente conservadores – o de Reagan nos Estados Unidos, o de Margaret Thatcher na Grã-Bretanha – haviam tomado o poder no Ocidente como uma reação ao socialismo e mesmo a alguns acalentados ideais liberais, iniciando o boom econômico dos anos 1980 que mais tarde enterraria o comunismo europeu da década. Músicas extremamente populares nos anos 1970 desapareceram. O punk rock se vendeu. A disco contraiu aids. O reggae morreu com Bob Marley em 1981. A lista musical estava limpa, esperando por novos astros. Alguns meses depois, a heroína marrom persa, trazida por refugiados da revolução do aiatolá Khomeini no Irã, matou o comediante John Belushi em um bangalô hollywoodiano, um sinal do desprezível submundo do estrelato sempre em voga em Hollywood. Anos mais tarde, o vírus da aids acabou com o "amor livre" e a chamada revolução sexual. Em breve, de acordo com Nancy Reagan, haveria a campanha "dizer não" às drogas. Havia a ultrassexy Madonna, exalando sexo, aparecendo na MTV e exortando os fãs a usarem camisinha para salvar a própria vida.

Há quem pense que as bandas glam de Los Angeles dos anos 1980 eram uma expressão apropriada e dadaísta de inconformismo juvenil diante do pudor e da censura da era Reagan. Mas especialistas sensatos e racionais da cultura jovem nem sequer conseguiam conversar com um astro do rock de aparência gay, fumante de heroína e tatuado, usando couro e lycra, que se apresentava como um punk branco viciado.

Só que era exatamente isso que os responsáveis pela programação da MTV em Nova York estavam procurando, o que impactaria o cenário da Strip, projetando seu estilo anarquista e com cara de viciado em heroína a todas as casas de primeira linha nos Estados Unidos. No início de 1982, a MTV mudou

totalmente o esquema do negócio musical norte-americano. Começou em Houston, quando estações de rádio locais passaram a receber um sem-número de pedidos de músicas da nova boy band britânica Duran Duran. Os caras que promoviam a gravadora da banda rapidamente descobriram que os pedidos chegavam somente da região da cidade que possuía conexão com TV a cabo. Nenhum jovem do outro lado da cidade, o lado sem cabo, tinha ouvido falar no Duran Duran, que logo em seguida alcançou fama mundial em clipes exibidos até a exaustão, contendo rapazes bonitinhos, garotas de biquíni, veleiros e lugares exóticos. Antes da MTV, o pessoal que adorava uma banda nova tinha que pagar para vê-la tocar, só então descobrindo como ela era. Depois da MTV, os garotos sabiam imediatamente como era a banda, e, se o visual não agradasse, eles não pagariam para vê-la. Então a banda não apareceria mais na MTV.

Michael Jackson preencheu a lacuna de ídolos pop no início dos anos 1980, mas só porque sua gravadora obrigou a MTV a transmitir os clipes inovadores feitos para acompanhar o novo álbum do cantor, *Thriller*. Apesar da dança de Michael e do virtuosismo das músicas do álbum (que contou com alguns solos de guitarra de Eddie Van Halen), a MTV demorou para exibir os clipes porque o público do canal era totalmente composto de gente branca. As empresas de TV a cabo ainda não tinham se preocupado em conectar bairros negros de baixa renda, e a pesquisa de audiência da MTV revelava interesse zero em ver astros negros no canal. Críticos da mídia acusaram a MTV de racismo explícito. Por fim, a gravadora ameaçou retirar do canal todos os clipes da empresa e fazer uma reclamação em agências reguladoras. A MTV cedeu, e os hits de Jackson – "Billie Jean", "Beat It", "Thriller" – dominaram o cenário musical da década e catapultaram *Thriller* como o disco mais vendido de todos os tempos.

Cultos musicais fanáticos

No fim de dezembro de 1982, Axl Rose, fugitivo da justiça, e sua

namorada de Lafayette, Gina Siler, chegaram a Los Angeles, após atravessarem pradarias, montanhas e desertos no carro dela. Gina o conhecera mais ou menos um ano antes, quando ele chegou à sua festa de aniversário de 17 anos de óculos escuros e um sobretudo com a gola puxada para cima, parecendo um espião. Ele explicou que estava tentando escapar da polícia, que estava na cola dos rapazes que na noite anterior haviam destruído a maior parte das janelas de vidros laminados das lojas na Main Street. “Eles estão atrás de mim”, grunhiu ele, “mas sou inocente, porra.” Gina afirma que várias vezes pagou fiança para tirá-lo da cadeia em Lafayette.

Em 1983, Gina se matriculou em uma faculdade comunitária na zona oeste de Los Angeles e conseguiu um emprego de meio período. Ela alugou um apartamento em um prédio antigo na Whitley Avenue, em Hollywood. Axl guardava suas coisas na casa dela e vivia entrando e saindo de lá. “Ele sabia que queria fazer parte de uma banda”, disse ela mais tarde. “Ele nasceu para ser músico – e nada mais.” Ela lhe emprestava o carro quando ele precisava ir a um ensaio e pagou pela primeira tatuagem de Axl, a rosa Thin Lizzy no ombro direito. Eles meio que estavam noivos, mas, quando brigavam, o que acontecia com frequência, ou quando Gina simplesmente se cansava e ficava “por aqui” de ter que sustentá-lo, ela o expulsava de casa. Assim, muitas vezes Axl vagava por Hollywood a noite toda. Vez ou outra, ficava na casa de Izzy ou de alguma garota, ou dormia nas ruas, às vezes num banco ou atrás de uma caçamba.

Em 1983, Izzy havia se firmado como uma presença hábil e ambiciosa no cenário. Com uma aparência descolada, discreto, disciplinado e cabelos tingidos de preto-azeviche, ele já tinha tocado em vários grupos pela cidade, começando como baterista de uma banda punk, a Naughty Women. Mais tarde, tocou bateria com a banda de hard rock Atoms, que teve vida curta, e depois disso tocou baixo com a Shire, uma banda de metal local. Depois, comentou ele, assumiu a guitarra porque era mais fácil compor canções desse jeito, e essa era a única maneira real de fazer dinheiro no mercado musical. Nas noites em que sua banda não trabalhava, ele ficava no meio da galera no estacionamento do Rainbow tentando fazer networking.

Agora que Axl estava morando permanentemente nos arredores de West Hollywood, ele e Izzy começaram a tocar de novo. Eles conversavam sobre montar uma banda chamada Rose, mas outros jovens músicos de Los Angeles, que Izzy apresentou a Axl, zombavam dele (pelas costas) por seus modos caipiras e, principalmente, por usar botas de caubói. Todos diziam que parecia que Axl havia acabado de saltar da porcaria do ônibus. "Em Indiana eu era tachado de punk – de roqueiro punk. Quando me mudei para Los Angeles, os roqueiros punk me chamavam de hippie e, basicamente, me diziam para cair fora."

Axl logo percebeu que a lendária cena do rock de Hollywood, que tinha gerado lendas como os Byrds, Doors e os Eagles, agora era na verdade um campo de batalha altamente ideológico de cultos musicais fanáticos.

"Uma das primeiras coisas que aconteceu foi uma tentativa de entrar numa banda punk, mas não consegui porque acharam que eu cantava muito parecido com Robert Plant" – o vocalista do Zeppelin, então insultado por punks ultraortodoxos como um velho chato da mesma liga patética que Elton e os Stones. "Fiquei bem chateado", recordou Axl. "Eu realmente gostei dessa banda e achei que teria um show."

Enquanto isso, a família de Axl insistia que ele voltasse para Lafayette e terminasse o ensino médio. "Venha para casa, Bill, e pagaremos sua faculdade." Embora não desse bola para isso, ele mantinha contato com a família sempre que possível. Mais tarde, Axl contou a um entrevistador que passou os dois anos seguintes vagando pelos clubes de rock de Hollywood, totalmente ignorado por todos, desde as bandas que tocavam ali até os fãs que lotavam o lugar nos fins de semana à noite. Espreitando nas sombras próximo ao Whisky, Starwood, Roxy, Cathouse, Radio City e o Stardust Ballroom, Axl observava como os membros do Mötley Crüe se aglomeravam na calçada ou como o gigante David Lee Roth, quase uma caricatura de astro do rock, chegava em sua grande Mercedes com pintura customizada de caveira e ossos, duas gatas típicas de clipes da MTV em cada braço, um sorriso bobo na cara e uma gorjeta bem gorda para o manobrista.

"O que me lembro dessa época é de ter ficado dois anos do lado de fora do Troubadour e *ninguém* falar comigo", afirmou Axl. "Mas também não sabia de fato o que dizer a eles, então... eu só fiquei observando e aprendendo por muito, muito tempo."

Axl e Gina estavam sempre sem dinheiro, mal tendo o suficiente para comer. Vinho barato – Night Train, Boone's Farm, Thunderbird – era a principal diversão dos dois. Por fim, Gina Siler se cansou de sofrer agressões quando brigava com seu namorado louco. "Ele se metia em muitas brigas", disse ela alguns anos depois. "Não acho que ele sequer tinha consciência do que fazia ou do nível de fúria a que chegava. Sempre pensei que havia algo de químico acontecendo quando ele se enfurecia." Ela notava uma mudança drástica no olhar e no semblante de Axl quando ele estava prestes a se descontrolar. "E quando se presencia isso vindo até você, é assustador pra diabo. E eu não sou lá muito grande, o que piora as coisas."

Depois de cinco meses, Gina rompeu o pretenso "noivado" com Axl e se mudou. Izzy passou a morar no apartamento na Whitley Avenue por um tempo, já que ele e Axl continuavam tocando, tentando montar alguma coisa juntos.

No início da primavera de 1983, Axl respondeu a um anúncio em busca de vocalista no jornal comercial local, o *Music Connection*, e logo se juntou à Rapidfire, uma banda nova fundada pelo guitarrista Kevin Lawrence. Em maio, o Rapidfire deu um show no esquema "pagou-tocou" durante a semana no Gazzarri's, ao lado do Roxy na Sunset Boulevard. Foi a primeiríssima apresentação de Axl Rose na Strip. A banda tocava covers dos Stones e outros veteranos, mas Axl e Kevin Lawrence também compunham material novo. Cinco dessas músicas – "Ready to Rumble", "All Night Long", "The Prowler", "On the Run" e "Closure" – foram gravadas no dia 25 de maio de 1983, num estúdio demo próximo a Santa Monica Boulevard. O Rapidfire posou para fotos promocionais chamativas. Algumas pessoas tentavam comprar as fitas nas gravadoras, mas eram barradas pelos recepcionistas. Em algum momento daquele verão, Axl saiu do Rapidfire, a primeira banda com a qual

realmente gravou, e resolveu se concentrar no trabalho com Izzy, que estava começando a se revelar um compositor dos grandes.

Um fantasma iridescente

Assim, entre 1983 e 1985, o bando de jovens músicos que por fim formaria o Guns N' Roses interagiu numa confusa sequência de acontecimentos que envolveram um sem-número de bandas, parcerias cruzadas e duplas, sério tráfico de drogas, lealdades deixadas para trás, carreirismo explícito, manipulação de amigos, abuso de namoradas, acidentes casuais e uma colaboração enrolada entre o Lady Luck e The Hand of Fate. No fim, quase ninguém era capaz de olhar para trás e dizer como foi que aconteceu.

Um desses músicos, Chris Weber, viu tudo isso em primeira mão e estava lá no começo. Ele cresceu em West Hollywood e frequentou a Fairfax High com Slash e Steven Adler, que se sentavam à sua frente na sala de aula. Slash e Steven tinham uma das duas bandas da escola, a Road Crew. A outra banda da Fairfax High era a Pyrrhus, liderada por Tracii Guns. Em 1983, Chris já era guitarrista desde os 9 anos. Seus pais, extremamente incentivadores, lhe compraram uma Les Paul corpo oco tamanho ¾, e aos 16 ele começou a tocar em bandas locais como um popular jovem guitarrista inspirado em Jimmy Page. Chris era o roqueiro adolescente *sui generis*, com roupas de couro descoladas e cabelos arrepiados tingidos de branco como o cara do Hanoi Rocks, a banda finlandesa que se mudou para Hollywood numa espiral glam.

"Aquela época [1983] era como a Disneylândia em Hollywood", recordou Chris. "Vários jovens músicos novos estavam montando bandas, e a *imagem*, a aparência do grupo, era muito mais importante que a música." O visual era glam; o som, metal leve. Não era preciso ser um mestre da música para aparecer na MTV; era só ter aparência descolada. "Havia um mar de bandas, panfletando, competindo. Hollywood estava totalmente coberta de flyers e cartazes de bandas novas se

esforçando para serem notadas.

"Eu e Tracii Guns éramos amigos do colégio e por tocar em bandas. Tracii conheceu Izzy, que imediatamente pediu a Tracii que montasse uma banda com ele. Tracii disse: 'Não, já tenho uma'. Isso porque Tracii era *realmente* bom, um prodígio de verdade. Ele sabia tocar igual ao Randy Rhoads [guitarrista do Ozzy]. Era o herói dele. Tracii disse a Izzy: 'Não, não posso começar outra banda, e não posso colocar você na minha porque, tipo, a banda é minha e sou eu que mando. Mas tenho um amigo chamado Chris que é bem bom, e talvez você e ele possam formar uma banda juntos'."

Tracii Guns ligou para Chris Weber: "Conheci um cara – um tal de Jeff. Ele é guitarrista e tem um visual incrível. Não sei se sabe tocar, mas – *que visual!* Quero que você dê uma olhada nele".

Naquele fim de semana, Tracii apresentou Chris a Izzy no estacionamento do Rainbow.

"Aquele era o lugar principal para conhecer gente se você fosse jovem demais para entrar, como eu, ou não conseguisse entrar na surdina, ou não tivesse dinheiro. Se quisesse fazer parte do ambiente da Strip, era só ficar no estacionamento antes, durante e depois da balada. Às duas da manhã, o clube abre para o estacionamento e todo mundo do bar e do restaurante sai, e a galera fica por ali, encontrando as pessoas com quem irão para casa ou farão uma festinha. Garotas, rapazes, não importa. Muita coisa bizarra acontecia naquele estacionamento."

Eles se sentaram na caçamba da caminhonete do pai de Tracii e conversaram. Chris ficou impressionado com Izzy, que era quatro anos mais velho que ele, mas o tratava de igual para igual. "Fiquei pirado, simples assim", lembra Chris. "Quero dizer, Izzy era praticamente a coisa mais maneira que eu já tinha visto na vida. Ele tinha essa aura ao redor dele, com os cabelos tingidos de preto – que chamavam de 'preto-azulado' – e era um cara realmente legal, que não estava representando um papel ou fingindo ser outra pessoa, como tanta gente faz. Izzy usava roupas descoladas. Fumava de um jeito descolado. Ele era incrível. Dava pra ver que ele seria um grande astro do rock algum dia.

"Ele me perguntou: 'Você quer começar uma banda?'. Certeza, respondi. Ele disse: 'OK, vai lá em casa amanhã', aí eu fui e começamos a compor música juntos. Izzy ainda estava aprendendo a tocar guitarra – ainda não sabia tocar de verdade – bem, ele tocava baixo –, mas já tinha a guitarra mais maneira de todas, a Les Paul Custom preta.

"Izzy estava morando no andar de baixo de um russo louco chamado Gary, um tecladista que morria de vontade de entrar na banda, mas Izzy não queria teclados tão cedo. Ou seja, sem chance. Ele tinha uma ideia fixa de que o modelo para a banda era o New York Dolls ou o Aerosmith. Estávamos conversando sobre o tipo de banda que a nossa seria, que tipo de músicos ele queria, e ele comentou: 'Tenho um amigo, Bill, que acabou de chegar de Indiana, e ele vai ser o vocalista'. Eu só disse OK. Izzy explicou que Bill às vezes ficava lá com ele quando não estava com a namorada, mas agora o amigo estava morando na casa dela, então fomos ao apartamento da namorada dele na Whitley Avenue para encontrar Bill."

O dia estava quente demais. O velho e decrépito prédio de apartamentos em Hollywood tinha um elevador antigo, com uma porta de metal de correr, que lentamente abriu caminho até o último andar. Então Izzy conduziu Chris por um lance escuro de escadas de madeira que estalavam. Quando eles abriram a porta para o telhado, Chris foi momentaneamente ofuscado pela intensa luz do sol. Estava tão quente que o alcatrão preto no telhado quase borbulhava.

"No início, não consegui ver nada. Quando minha visão se adaptou, lá estava aquela figura branca, iridescente. Quando chegamos perto, vi que ele estava usando shorts brancos – algo que ninguém em Hollywood usaria. Ele tinha a pele branca, muito pálida, e cabelos ruivos brilhantes, bem compridos. Izzy resmungou: 'Esse é o Bill'. E Bill se levantou e foi até nós. Eu me lembro de que ele parecia quase translúcido.

"Ele disse 'Oi, meu nome é Bill Bailey' e estendeu a mão. Izzy era Jeff. Era possível dizer logo de cara que eles tinham uma relação de longa data, como irmãos. E agora tínhamos nosso vocalista."

Chris e Izzy começaram a compor juntos, geralmente na casa

da família de Chris em Laurel Canyon. O pai de Chris tinha um gravador de fitas de quatro pistas, e dentro de poucos dias os dois guitarristas começaram a gravar algumas músicas. Uma inspiração foi o novo álbum do Aerosmith, *Rock in a Hard Place*, com Jimmy Crespo substituindo o guitarrista Joe Perry, que havia saído. (Chris: "Um disco bom *pra caralho*".) Então Izzy se mudou para a casa de Axl depois que a namorada dele, Gina, fugiu para salvar a própria vida.

Quando Axl saiu do Rapidfire, Izzy e Chris acharam que já era hora de mostrar a ele o que tinham feito.

"Quando mostramos a ele as primeiras ideias para as músicas, eram apenas refrões e melodias. Ele começou a cantarolar, usando as letras que havia anotado num caderno. Ele começou cantando num tom bem baixo, um barítono, tipo um rosnado, mais ou menos como o tom que mais tarde usou para 'It's So Easy'. Foi assim que ele cantou a melodia, mas aí, quando chegou no refrão, ele fez o falsete – aquele grito dele. Depois, baixou novamente o tom para cantar a melodia.

"Eu e Izzy nos entreolhamos. Puta merda, que som! Você tem que cantar assim o tempo todo! Eu disse: '*É isso!* Você pode fazer a melodia com essa voz aguda aí?'.

"E ele: 'Espera aí, eu nem sei fazer isso'. E é claro que ele sabia, então mantivemos esse som porque adoramos. Era uma voz tão potente que ele mal precisava de microfone. Era como uma sirene de ataque aéreo ou algo do tipo. Então, a partir daí, todas as músicas que compusemos tinham esse registro agudo. Incentivamos aquela voz como o som da banda, do contrário nunca teria existido um som assim."

Axl e Izzy estavam com 21 anos, idade suficiente para entrar em clubes e pedir bebida. Na primeira vez que fizeram isso, vestidos com suas roupas mais descoladas, com Axl colocando os cabelos para cima com laquê suficiente para sustentar uma ponte, aconteceu uma coisa legal. Mais tarde, ele lembrou: "Naquela época, depois que o primeiro álbum do Mötley Crüe saiu e todo mundo usava couro e tachas, Izzy e eu fomos ao Roxy – uma de nossas primeiras vezes –, e me lembro de Vince [Neil] e Nikki

[Sixx] olhando para nós, e depois *se inclinando na porra da grade* [do setor VIP] tentando descobrir quem diabos a gente era. Morremos de rir disso aí, mas depois levou três anos para começarmos a ser aceitos em Los Angeles".

No fim de maio, eles deram um jeito de colocar Chris Weber, que era menor de idade, no local.

"Uma noite, eu estava no Rainbow com Axl e Izzy, e David Lee Roth chegou e começou a conversar com a gente. Morri feliz! Ele bateu um papo, deixando de lado aquele ar de grande astro do rock, fez perguntas sobre a banda, deu dicas de alguns festivais importantes de rock. Então ele começou a se afastar, mas olhou para trás e disse: 'Tenham um *ótimo* show, pessoal!'."

Mais tarde, eles descobriram que Diamond Dave pensou que estivesse conversando com o Mötley Crüe.

A.X.L./Rose

O Van Halen e o Mötley Crüe se apresentaram em um evento importante de rock em 1983, o segundo US Festival, que aconteceu em um local ermo e distante em San Bernardino County no final de maio. Os dois gigantescos US Festivals foram organizados por Steve Wozniak, um dos fundadores da Apple Computer. (Os geeks fundadores da Apple eram tão fanáticos por música que batizaram sua empresa com o nome da gravadora dos Beatles, resultando em décadas de disputas judiciais que só acabaram em 2007.)

Slash, quase todos os músicos jovens de Los Angeles e 300 mil outros headbangers do sul da Califórnia foram ao US Festival no "Heavy Metal Sunday" (29 de maio), em que o Van Halen encabeçou um line-up que começou com o Quiet Riot ao meio-dia e passou por Mötley Crüe (que promovia o *Shout at the Devil*), Ozzy Osbourne, Judas Priest, Triumph e Scorpions. O Van Halen, no fim de sua turnê *Diver Down*, com "Pretty Woman" em primeiro lugar nas paradas, meio que dominou o festival, mas havia uma sensação implícita de que o evento tinha sido o momento decisivo do heavy metal. Definitivamente, o metal

estava tomando um novo rumo em 1983, com o speed metal brutal do Metallica e o impressionante ataque thrash do Slayer na vanguarda de uma nova era do rock.

Mais tarde naquele verão, Axl e Izzy foram expulsos do apartamento na Whitley Avenue, número 1921. Eles viviam com garotas, vendiam drogas, aplicavam golpes vergonhosos. “A gente andava à toa por aí”, comentou Axl. “Ficava na garagem de amigos. Dormia em carros. Rodava por aí e tentava ficar a um passo de distância dos delegados de polícia.” Como muitos outros roqueiros jovens em Los Angeles, Izzy estava experimentando heroína, a droga potente e de cor marrom contrabandeada do Irã.

“Naquela época”, lembrou Izzy, “estávamos comendo o pão que o diabo amassou, aqui e ali. Começamos a compor músicas num lugar infestado de baratas na Franklin Avenue, consumindo anfetaminas como se não houvesse amanhã. Noite após noite, era só botar para fora essa música rápida, agitada e insana. Eu dizia aos donos dos clubes que estávamos tocando em festas enormes e poderíamos facilmente atrair 500 pessoas. Quando só 20 gatos-pingados apareciam, eles ficavam muito chateados e não nos pagavam. Mas aos poucos estávamos conseguindo alguma coisa.”

Quando Axl e Izzy foram expulsos de novo, Chris Weber os convidou para se mudar para a casa dos pais dele. “Tínhamos uma casa grande em Laurel Canyon, perto de Mulholland Drive. Então ficávamos lá, trabalhando nas músicas, e gravamos demos em nossa máquina de quatro pistas durante uns seis meses entre 1983 e 1984. Axl e Izzy dormiam no quarto de hóspedes. Todo mundo se dava bem, e seguimos em frente.”

No final de 1983, eles já tinham material suficiente para gravar cinco músicas. “A pessoa tinha que ter uma fita demo para conseguir shows, mas não tínhamos dinheiro algum. Falei com meus pais e expliquei que tínhamos essas músicas e precisávamos fazer uma demo e tirar fotos. Eles já bancavam tudo mesmo – estavam lá para o que der e vier –, então meu pai agendou um horário no estúdio, pagou por ele e pela fita. Precisávamos de um baterista, então achamos o tal do Johnny Kreis em um anúncio no *The Recycler*. Nós só o conhecemos quando ele entrou e arrumou a bateria no estúdio, onde estávamos editando a demo.” Felizmente, Johnny Kreis era

competente e estava lá para tocar.

A banda que se tornou a Hollywood Rose gravou cinco músicas em um estúdio já extinto de 16 pistas em Hollywood no fim de janeiro de 1984, logo depois que o vocalista do Crüe, Vince Neil, bateu o carro ao participar bêbado de um racha e matou seu passageiro, Nick "Razzle" Dingley, baterista do Hanoi Rocks. Por um tempo, isso tornou a cena glam de Hollywood um ambiente pesado. O Hanoi Rocks era extremamente descolado e fazia um som incrível, mas empatia era um artigo geralmente escasso na selva sórdida de Hollywood, e as pessoas simplesmente se esqueceram do ocorrido. Não se sabe como, mas Vince Neil pegou apenas 18 dias de prisão. Já o Hanoi Rocks nunca se recuperou, com sua carreira potencialmente brilhante interrompida por um membro de uma banda rival.

Axl, Izzy, Chris e Johnny Kreis editaram cinco músicas em uma sessão a todo vapor que durou o dia todo. Os dois guitarristas colocaram as faixas do baixo sobre a bateria improvisada de Kreis. "Killing Time" era um zumbido de hard rock, semelhante à versão do Aerosmith de "Train Kept A-Rollin". Axl implantou seu lamento à la Robert Plant, temperado com o grito eventual: "I make my living – killing time".[7] Um riff primitivo de duas guitarras deu início a "My Way Your Way", escrito por Axl e Izzy (que mais tarde apareceu como "Anything Goes" no *Appetite for Destruction*.) "Rocker" começa com Axl falando arrastado "Tomada um – é... toque no ritmo". Então ele dá alguns balidos e grasnados loucos enquanto duas guitarras vão entrando e saindo. A faixa termina com Axl gargalhando como um espírito maligno e se vangloriando sobre o corpo de um roqueiro morto num carro destruído.

"Shadow of Your Love" era um rock pós-punk com uma batida bem forte. O uivo, futura marca registrada de Axl, já se faz presente enquanto ele grita ameaças furiosas e declara: "I'm not standing in the shadow of your love – never again".[8] A última faixa editada aquele dia foi a melhor. "Wreckless Life" contou com a injeção de dragster de um riff de guitarra de Chris Weber, com a guitarra rítmica de Izzy soando como uma onda de rádio de outro planeta. "Wreckless Life" descrevia a vida precária do forasteiro romântico nas agressivas ruas de Hollywood após a

meia-noite, um submundo selvagem onde o que não o matava o deixava burro ou louco. A música era matadora, tão marcante que se tornou a principal faixa do set da banda nos meses seguintes e, depois, sobreviveu até o *GN'R Lies* como "Reckless Life" quase cinco anos depois.

Chris Weber recorda: "Continuávamos ensaiando, agora com Johnny Kreis. [Na banda, seu nome era Johnny Christ.] Ele morava em Orange County, mas parecia não se incomodar com o duro trajeto até Hollywood todos os dias. O baixista era um amigo do Troubadour, chamado Andre Roxx. Cerca de um mês depois, fizemos alguns shows como uma banda de nome A.X.L. As letras eram pronunciadas individualmente, '*Ei-Écs-Él*'".[9]

O primeiro show foi em um clube chamado Orphanage, na Lankershim Boulevard em North Hollywood. "Na verdade, pouca gente apareceu", de acordo com Chris. "Fomos para lá numa caminhonete, montamos as coisas, checamos o som, fomos para um canto tomar refrigerante, subimos no palco e tocamos. Então fomos para casa. Esse foi o primeiro show."

Para tentar agitar um pouco as coisas, os roadies até pintaram com tinta spray o nome A.X.L. no imenso outdoor com vista para a esquina do Sunset com a Doheny Drive, no extremo oeste da Strip, e tirou fotos dele.

"Mas então alguma coisa irritou Axl – e ele saiu da banda! Ele disse: 'Vão se foder. Não vou mais tocar com vocês, seus filhos da puta', e foi embora. Fiquei chocado. Já tínhamos gravado. O mais engraçado é que ele ainda morava na casa dos meus pais.

"Alguns dias depois, Axl retornou. Ele queria voltar. Mas Izzy disse: 'Se quer voltar, temos que mudar o nome da banda. Pode voltar, mas agora a banda vai se chamar Rose'. Concordei com Izzy e Axl cedeu. Então, nos shows seguintes, tocamos como Rose."

Nos primeiros shows, as pessoas notaram que Axl Rose praticamente não tinha imagem ou persona de palco. Ele se concentrava em acertar as músicas, sem nenhuma das coreografias ondulantes ou as furiosas movimentações no palco que mais tarde o deixaram famoso. Quando a banda tocava

rápido e a todo vapor, Axl saltava no lugar, segurando-se no suporte do microfone como se quisesse salvar a própria vida. Desde o início, Chris Weber ficou impressionado com a intensidade de Axl.

“Axl tinha tanta energia reprimida que se sacudia, literalmente tremia, quando subia no palco. É difícil descrever, mas era quase como se ele estivesse convulsionando – ou sendo possuído. Ele liberava sua energia, e eu podia vê-lo vibrando. Na verdade, era meio assustador ver alguém evocando todo aquele poder, energia e emoção.”

Richard Weber, o pai de Chris, tirou algumas fotos do ensaio da banda. Axl está totalmente agachado, como vocalista principal. Izzy está de joelhos, emocionado com a guitarra. O cabeludo Chris está detonando seu instrumento. O baixo e a bateria completam a chamativa foto 10 × 15. Em março e abril de 1984, eles elaboraram alguns flyers, os pregaram em toda a Hollywood e fizeram alguns shows como Rose, abrindo para outras bandas desconhecidas no Troubadour, no Country Club e no Madame Wong’s West. No flyer, estava escrito:

> **Rose – Eles tão [sic] vivendo a todo vapor e vão MORRER JOVENS!!! / veja-os agora! / 22h 1º de ABR [1984] / TROUBADOR [sic] / Santa Monica Boulevard, 9081 / SEM LIMITE DE IDADE / $2 entrada com cupom [◦yer] / consumação mínima 2 bebidas.**

Os shows foram muito bem. Eles tocaram vários covers e também as músicas novas para cerca de uma dezena de jovens. Então a banda rompeu temporariamente quando Izzy entrou na London, um grupo veterano de Los Angeles fundado no fim dos anos 1970 por Black Lawless no Starwood. Ele durou até cerca de 1981, incluindo, em determinado momento, Nikki Sixx, baixista do Crüe. O grupo foi retomado em 1984, reformulando-se como uma banda de glam metal liderada pelo vocalista Nadir D’Priest. Slash havia tocado com o London durante algumas semanas naquela primavera porque o Road Crew não conseguiu shows pagos, mas largou por não aguentar mais a postura

feminina de D'Priest. Então Izzy passou a tocar guitarra base no London, porque precisava de dinheiro.

A essa altura, Tracii Guns viu uma oportunidade e roubou Axl, que, conforme consenso geral, era potencialmente o melhor vocalista no cenário de Los Angeles. Tracii e Axl começaram uma banda chamada L.A. Guns, com o baixista Ole Beich e o baterista Rob Gardner. Eles trabalharam em algumas músicas, o som era bem bom, e até abriram para o London. Mas então Axl e Izzy decidiram parar de competir um contra o outro e retomaram a Rose.

1984

Foi em 1984 que Prince, o élfico astro do rock de 26 anos de idade de Minneapolis, estourou com músicas estonteantes, uma imagética pansexual, o filme e álbum *Purple Rain* e canções que incluíam "Let's Go Crazy" e "When Doves Cry". Foi o ano em que a Apple apresentou o computador Macintosh, a vanguarda da revolução dos computadores pessoais que (ninguém ainda podia prever) arruinariam e substituiriam a indústria fonográfica dali a duas décadas. Ronald Reagan seria reeleito presidente. Um ano depois, Mikhail Gorbachev assumiria o governo da União Soviética, e o fim da Guerra Fria já dava as caras.

Em 1984, Slash e Steven Adler tinham 19 anos e rondavam pelo cenário das bandas hollywoodianas, tentando fazer as coisas acontecerem. Eles tocaram juntos como o Road Crew, banda que só tinha nome. Eles pegavam anúncios no *The Recycler* e no *Music Connection*, separavam cuidadosamente classificados que listavam suas influências e necessidades, especificamente um baixista e um vocalista. Para equilibrar o orçamento, Steven fazia um monte de freelas por Hollywood. Slash morava na casa da avó e, às vezes, com a namorada, Yvonne. Trabalhava em uma fábrica de relógios e também meio período numa banca de jornal em Centerfolds, em Fairfax.

Mesmo que a Road Crew não estivesse atuante, Slash estava adquirindo um certo nome na Strip. Entendidos de rock que o

viam tocando sem esforço, com o peito nu por trás de uma cortina de cabelos pretos enrolados, podiam ver que Slash era material de qualidade, e vez ou outra o convidavam para audições para várias bandas nas quais ele não entraria nem morto.

Como o Poison.

Naquela época, não muito tempo depois que a MTV entrou no ar e o pessoal pôde ver pela primeira vez como eram as bandas glam de Los Angeles e perceber (para seu espanto) que mesmo bandas lixo como o Ratt conseguiam aparecer na televisão, toda jovem banda de bar de qualquer lugarejo nos Estados Unidos começou a ter os próprios devaneios. As bandas mais ousadas e despudoradas entre estas abandonaram suas casas tristes e enferrujadas na região nordeste do país e caíram no mundo. Uma dessas bandas era o Paris, de Harrisburg, Pensilvânia. O Paris era formado por Bret Michaels, Bobby Dall, Rikki Rockett e Matt Smith. Eles se enfiaram em um velho Ford Pinto. Uma semana depois, o Paris acabou em Hollywood, onde o carro pifou. Então mudaram o nome para Poison, mirando um visual glam e um som festeiro. Já que o vocalista Bret Michaels era excepcionalmente bonito, o Poison quis se posicionar em algum lugar entre o New York Dolls e o Duran Duran.

O Poison morava e ensaiava em um casebre atrás de uma lavanderia na Palm Grove Avenue. Eles batalharam durante meses, fazendo flyers, ficando nos estacionamentos de clubes, tentando ser notados. Logo após contatarem seu primeiro empresário, o guitarrista Matt Smith anunciou que estava indo embora e voltando para casa. Sua namorada estava grávida e era a coisa certa a fazer. Além do mais, disse à banda, ele estava cansado de viver como um porco.

O Poison fez audições para um novo guitarrista solo. O cara que tocava no Joe Perry Project quase conseguiu a vaga. Outros tentaram, porque dizia-se pela Strip que o Poison era sério, as gravadoras estavam interessadas e a banda poderia ser grande de verdade. Um dos guitarristas que apareceram na audição foi Slash. Ele nem sequer se dignou a falar oi para os caras da banda. Com os longos cabelos pretos cobrindo o rosto, ele só plugou e começou a dedilhar.

Rikki Rockett disse: “O cara de quem eu realmente gostei foi Slash. Pessoas em quem confiávamos o recomendaram. Isso foi antes de ele entrar no Guns, é claro, mas ele tinha o mesmo visual na época. Ele era muito descolado, com aquele tipo maneiro à la Rolling Stones. Ele veio ao nosso espaço de ensaio e tocou com perfeição todas as músicas que tínhamos. Ele era muito rock and roll”. O Poison praticamente ofereceu a Slash o show. Mas ele ficou desestimulado pelas ambições glam do Poison – as roupas, a maquiagem, a cafonice do show no palco. Enquanto ele pensava no assunto, CC Deville veio e fez uma audição para o Poison com os cabelos rosa e o riff básico de “Talk Dirty to Me”.

Mais tarde, Bret Michaels recordou: “Na época, fui a favor de Slash. Nosso empresário o queria na banda. Mas Slash queria guitarra dupla, e não estávamos procurando por isso. Então CC apareceu, mas eu e ele não nos entrosamos logo de cara. Rikki e CC se adoraram, mas eu e Bobby não o suportávamos. Tinha alguma coisa nele, simples assim. Então tomamos a decisão certa para nós e para Slash, mas foi uma prova de fogo”.

Assim, o Poison contratou CC Deville, e logo assinou contrato com uma gravadora importante. Mas o Poison era tão fabricado, tão visivelmente desagradável, um subproduto tão patente de bandas anteriores que – em um ano – o Guns N’ Roses se posicionaria cuidadosamente como o antídoto[10] ao glamour tóxico do Poison.

Em algum momento no final de 1984, Slash recebeu uma ligação de alguém dizendo que havia pegado o número com uma pessoa segundo a qual Slash estava procurando por um baixista.

Era Duff. Duff McKagan.

Mike McKagan era um baixista loiro de 22 anos e 1,90 metro de altura. Mesmo nas ruas, ele se parecia dos pés à cabeça com um astro do rock, com calças de couro, camisetas rasgadas, botas de motoqueiro e quepe militar russo. Ele disse a Slash que estava em Los Angeles havia alguns meses e queria entrar na banda certa.

Ele nasceu em Seattle em 1964, um dos oito filhos de uma família católica de músicos. Seus irmãos mais velhos eram

hippies, logo, Duff cresceu ouvindo Sly Stone, Hendrix, James Gang, Vanilla Fugde, Led Zeppelin. Mais tarde, ele comentou que o pai, que cantava em um quarteto de barbearia, lhe deu sua primeira bebida – alguma aguardente havaiana – antes que o filho completasse 10 anos. Foi a primeira vez que ficou bêbado.

Ele tinha 14 anos quando as bandas punk e new wave chegaram a Seattle, e começou a tocar em bandas usando seu *nom de punk* "Duff" – pelo qual sua família o chamava desde que ele tinha 2 anos. Mais tarde, ele calculou que ao longo dos quatro anos seguintes tocou em 30 bandas em toda a cidade de Seattle. Tocou nas bandas de bairro The Vains e The Living. Aos 15, Duff entrou na banda de hardcore Silly Killers e se mudou para San Francisco. Depois que isso não deu em nada, ele voltou para casa, passou a tocar guitarra (ele queria tocar como seu ídolo Johnny Thunders, do New York Dolls) e entrou na banda Cannibal.

Então, em dezembro de 1980, quando tinha quase 17 anos, Duff entrou no Fastbacks, banda new wave de Seattle – primeiro como roadie, depois na bateria, participando de seu primeiro show com eles no Gorilla Room em Seattle. Seis semanas depois, em janeiro de 1981, os Fastbacks gravaram quatro músicas no Triangle Studios em Seattle. A banda abriu para a ex-Runaway Joan Jett em março de 1981, mas Duff teve que sair do grupo em julho porque era jovem demais para entrar em clubes que serviam bebida alcoólica. Alguns meses depois houve uma polêmica em Seattle, quando o órgão licenciador de bebidas alcoólicas fechou o Gorilla Room, o principal palco da cena punk, por deixar menores de idade entrarem no clube. Michael McKagan foi identificado como um dos adolescentes flagrados no local.

Em 1982, Duff entrou na banda punk The Fartz, que depois mudou o nome para Ten Minute Warning, quando o baixista Steve Fart mudou de mala e amplificador para outro lugar. A banda, em parte inspirada pelo Black Sabbath, fazia um som de roqueiros punk flertando com estilos jam psicodélicos. Quando o baterista Greg Gilmore entrou, Duff passou a tocar guitarra. Eles abriram para o hardcore Henry Rollins, que os comparou com uma versão punk do Hawkwind. Essa formação fez gravações, mas a música não foi lançada, e os Fastbacks romperam no final

de 1984. Mais ou menos nessa época, Duff recusou um convite para tocar como baterista numa banda punk inglesa que estava de passagem pelos Estados Unidos, a Angelic Upstarts, porque eles estavam voltando para a Inglaterra e Duff não queria ir embora dos EUA. Em vez disso, Duff e Gilmore decidiram se mudar para Los Angeles e tentar a febre do momento: a cena glam, que se espalhava pela costa enquanto bandas como o Crüe e o Stryper abriam caminho pela região do Noroeste Pacífico em uma confusão brega de spray para cabelo, calças de lycra e moletons.

Em Los Angeles, Duff se intitulou baixista, já que não era nem um pouco útil competir com os inúmeros "dedos ágeis" da Strip. "Já havia milhões de guitarristas ótimos por lá", contou ele a um repórter. "Então, só para abrir caminho, decidi comprar um baixo e um amplificador e ir para Los Angeles assim." Bruce, irmão mais velho de Duff, havia lhe ensinado os rudimentos do baixo, e ele tinha competência de sobra. Além do mais, Duff já se parecia com um astro do rock.

"Liguei para Slash", disse Duff, "pensando que, com um nome desses, ele seria um punk mais velho. Mal conseguia ouvi-lo pelo telefone, porque ele falava muito baixo. Mas ele comentou que suas influências eram Aerosmith, AC/DC, Alice Cooper, Motörhead; então pensei: "Legal. Vou tentar".

Eles se encontraram no Canter's Deli em Fairfax, uma balada noturna de rock and roll em Hollywood. (No ensino médio, Slash fora o melhor amigo de Mark Canter, filho do dono do Deli.) Slash olhou para Duff e quase voltou a olhar para o cara alto de cabelos curtos espetados e pintados com mechas escandalosas vermelhas, pretas e loiras. Ele estava usando um longo casaco de couro vermelho e preto e ostentava um cadeado em uma corrente no pescoço. "Então eu entrei", lembrou Duff, "e, em vez de um punk velho, lá estavam Slash, Steven e duas garotas, *completamente* chapados. As namoradas deles pensaram na hora que eu era bicha, por causa do meu cabelo." Desbocada, a namorada de Slash, Yvonne, perguntou a Duff se ele era gay.

Mais tarde, Duff recordou: "Quando me encontrei com Slash pela primeira vez, foi bizarro, porque eu nunca tinha conhecido caras assim – moradores de Los Angeles, sabe? Naquela noite,

nós saímos e enchemos a cara". Para Duff, um problema imediato foi o fato de ter odiado Steven Adler. "Ele era um verdadeiro babaca", disse Duff mais tarde. "Ele tinha uma bateria dupla, todos aqueles bumbos e tal, e não passava de um babaca. Agora [1989] eu gosto dele pra cacete, mas ele próprio admite que na época era um belo de um babaca."

Mas Duff e Greg Gilmore se entrosaram com Slash e Steven Adler, e eles tocaram juntos algumas vezes. Duff perguntou a Slash se ele conhecia algum vocalista, e Slash lhe disse que estava louco para roubar o cantor de outra banda local, a L.A. Guns – um cara chamado Axl Rose –, que Slash pensava que poderia ser perfeito para a Road Crew.

Duff se revelou um músico muito mais profissional do que aqueles com quem Slash e Steven estavam habituados, e instintivamente passaram a respeitá-lo. Duff entendia muito mais de punk rock do que eles, e Slash achava um pouco estranha a veneração de Duff por seu ídolo Prince, mas Duff "entrou" na Road Crew, ainda uma banda sem show, com a condição de que ensaiasse e saísse com eles. (Essas sessões iniciais da Road Crew deram vida ao riff de guitarra de Duff que se tornaria "Paradise City" depois de três anos na estrada.) Então Greg Gilmore voltou para Seattle, onde mais tarde apareceria em algumas bandas grunge do início dos anos 1990. Por fim, Duff deixou a confraria Road Crew em busca de novas oportunidades – que não deram em nada. Para o caso de alguma coisa acontecer, Duff guardou na carteira o número de telefone de Slash.

Hollywood Rose

Enquanto isso, no inverno de 1984, Izzy e Axl ainda estavam em bandas diferentes, ambos exaustos de ficarem competindo um com o outro, talvez até se superando e, por que não, fazendo o outro fracassar de alguma forma – o que seria péssimo, considerando-se a história da amizade deles.

Uma pessoa que presenciou tudo isso foi Robert John, um jovem fotógrafo que passou a viajar com o Guns N' Roses como

contratado exclusivo e amigo de confiança durante o restante da trajetória da formação original da banda. Nascido no Alabama em 1963, Robert veio a Los Angeles com a família quando criança e transformou a câmera Kodak de seus familiares em um hobby. Em 1983, quando conheceu Izzy Stradlin, ele estava tirando fotos da banda na Sunset Strip.

"Eu era amigo do Chris Holmes, guitarrista solo do W.A.S.P., e certa noite ele me pediu para ir ao Troubadour e tirar fotos da banda. Na maioria dos clubes, a galera se amontoava perto do palco e aquilo virava um empurra-empurra. Mas o show do W.A.S.P. era tão repulsivo que o público no Troubadour na verdade *se afastava* do palco. Quero dizer, eles tinham um cavalete [de tortura], e um dia levaram uma garota [quase] de topless usando um capuz de couro BDSM. E eles fingiram que iam cortar a garganta dela!

"Enfim, o nome dela era Laura, e começamos a sair. Acontece que o ex-namorado dela era Izzy. Em uma noite no Troubadour, Laura me apresentou a Izzy quando ele estava na banda London. Nos demos bem logo de cara, e ficamos amigos."

Izzy contou a Robert sobre outra banda em que estava, chamada Rose, com seu velho amigo de Indiana, Bill Bailey, que naquele momento era vocalista do L.A. Guns, a nova banda de sucesso de Tracii Guns. Izzy comentou que o L.A. Guns abriria para o London no fim de semana seguinte, e que Robert deveria ir ao show e tirar algumas fotos.

Robert John foi ao clube onde as bandas estavam tocando, e Izzy o apresentou a Axl Rose. "Tirei fotos das duas bandas", diz Robert, "mas depois teve uma briga nos bastidores entre Axl e Nadir [D'Priest]. Parece que a briga foi porque os dois estavam transando com a mesma garota ao mesmo tempo." Nadir falou alguma coisa, Axl saltou sobre ele, e então os roadies entraram no meio. Depois disso, Robert não voltou a ver Izzy e Axl até eles estarem juntos na Hollywood Rose.

Mais ou menos em março de 1984, Axl deixou o L.A. Guns antes que Tracii Guns o demitisse.

Mais tarde, Axl explicou: "Durante a época em que estive no

L.A. Guns, Izzy e eu estávamos fazendo outras coisas, e meio que as chamamos de Guns And Roses. Aí, uma noite, consegui que me expulsassem daquela banda [L.A. Guns] colocando uma calça jeans preta rasgada e uma jaqueta de motoqueiro que pintei de tinta spray preta e rosa, os cabelos para cima, maquiagem completa e correndo pelo palco e no meio da multidão. O guitarrista surtou, porque era a banda dele, e ele estava acostumado a chamar toda a atenção para si. Então, antes que eu pudesse dizer 'estou caindo fora', ele me expulsou. Eu só disse: 'Aí sim!'. Foi ótimo!".

Em seguida, Izzy saiu da London. Eles ligaram para Chris Weber e disseram que queriam retomar a Rose e tentar fazer algo com a demo gravada anteriormente naquele ano.

Chris recordou: "Mudamos o nome da banda para Hollywood Rose porque descobrimos que já havia outra banda em Orange County chamada Rose. Foi logo depois do [filme] *Spinal Tap*, que acabara de sair. Aí, esbarramos num disco de outra banda chamada Rose, de algum outro lugar. Também havia a [banda punk] Rose Tattoo, da qual gostávamos muito. Portanto, durante o resto de 1984, mudamos para Hollywood Rose e tocamos com esse nome".

O INFERNO REVISITADO / COM A HOLLYWOOD ROSE / SEXTA 16 DE MARÇO [1984] 21H / $4 com FLYER / MADAME WONG'S EAST / 624-5346/ 949 SUN MUN WAY / L.A. / Atenção: O clínico geral afirmou que a Hollywood Rose faz mal para a saúde / mas vale o risco.

Duas semanas depois, a Rose fez um show de abertura no Troubadour.

Rose – Eles tão [sic] vivendo a todo vapor e vão MORRER JOVENS!!! / veja-os agora! / 22h 1º de ABR. / TROUBADOR [sic] / $2 entrada com cupom / sem limite de idade / consumação mínima 2 bebidas.

Desde o início, a banda se apresentou, sem desculpas, como um bando tóxico de esquisitões degenerados. Izzy Stradlin se envolveu quase abertamente na onda da heroína persa marrom

que havia inundado a cena do rock de Los Angeles, tanto como usuário quanto como pequeno traficante. Até onde se sabe, Izzy nunca foi um grande fornecedor, e sim um provedor pequeno de heroína para a comunidade roqueira local – o que pagava seu uso próprio da droga. Axl Rose disse que vez ou outra usou heroína, começando naquela época, mas que isso nunca virou hábito. Chris Weber ficou totalmente viciado. Em todo caso, sabia-se aos quatro ventos nos círculos musicais contemporâneos de Los Angeles que Izzy era o cara da degustação, por assim dizer. Quando Joe Perry, por exemplo, foi a Los Angeles com sua própria banda em 1984, Izzy lhe foi recomendado como fonte confiável de heroína de qualidade.

Quatro anos depois, a banda de Izzy estaria abrindo shows para a de Joe.

Robert John continuou: "Quando voltei a cruzar com Izzy, ele me contou sobre a Hollywood Rose. Então fui vê-los no Troubadour. Havia, talvez, 25 ou 30 pessoas lá. Fui aos bastidores e Izzy me apresentou para todo mundo. Deve ter sido aí que conheci Axl. Muito tempo mais tarde, ele me contou que estava preocupado que eu fosse um dos amigos 'tranqueiras' de Izzy da época". Isto é, Axl pensou que Robert fosse um dos clientes que compravam droga de Izzy. "Na época, Izzy tinha um lado muito mais obscuro, então Axl meio que tinha razão em se preocupar."

O problema que a Hollywood Rose enfrentava no verão de 1984 era agendar um show. A banda tinha uma demo legal, uma boa reputação nas ruas, mas estava sem lugar para tocar. A única maneira de ser notado, a única forma de fechar contrato com uma gravadora, o único modo de ouvir sua banda na KNAC-FM, frequência 105.5, enquanto se passeava pela avenida era tocar ao vivo e fazer os executivos da gravadora virem e ouvirem (e, sobretudo, verem) o que você estava fazendo. Mas a realidade era que os clubes musicais de Hollywood dependiam de agências de talento locais que lhes fornecessem bandas de sucesso, as quais trouxessem clientes para os lugares. Se a banda não tinha agente, morria de fome.

Axl e Izzy fizeram algumas pesquisas de mercado

rudimentares e descobriram que duas mulheres jovens controlavam de fato a atuação das bandas nos clubes locais de rock. Então Axl Rose entrou em ação e ligou para Vicky Hamilton, empresária da Silverlining Entertainment em Hollywood. Foi essa ligação que fez sua carreira.

Vicky Hamilton era de Indiana, como Axl e Izzy. Ela era bonita, loira, ambiciosa, extremamente acessível, bondosa como poucos e já tinha familiaridade com a cena. Já havia sido empresária de bandas locais em Fort Wayne, antes de sair para o mundo a fim de apostar suas cartas na mina de ouro do rock. Ela chegou a Los Angeles em 1981, quando os Pretenders estavam no topo das paradas. Trabalhou como garçonete no Gazzarri's, na Strip, e no Palomino Club, em North Hollywood, e em seguida conseguiu um bico como compradora de discos na Licorice Pizza, a loja de álbuns do outro lado da rua do Whisky a Go Go na Sunset Strip. Lá, ela conheceu o baixista Nikki Sixx, do Crüe, que gostava de frequentar a loja, e então se envolveu com o Mötley Crüe como assistente do primeiro empresário da banda. Em seguida, envolveu-se com o Poison antes de eles assinarem contrato, e talvez tenha arranjado a audição de Slash com a banda. Mais tarde, trabalhou com o Stryper, uma banda bonitinha, mas ordinária, de Orange County, que estava tentando se firmar como um grupo de metal cristão, uma jogada improvável, mas, no fim, mais ou menos bem-sucedida. A associação de Vicky com o Stryper rendeu a ela um emprego de agente na Silverlining.

Vicky morava em San Fernando Valley, mas então ela se mudou para Hollywood a fim de ficar mais perto do novo escritório, dividindo um apartamento na North Clark Street, a apenas alguns passos do Whisky na esquina da Clark com a Sunset, com Jennifer Perry, que agendava bandas para o Troubadour. Juntas, brincavam as duas colegas, elas controlavam a noite em Hollywood no que dizia respeito a bandas.

Um dia, Vicky recebeu uma ligação na Silverlining:

"Oi, Vicky. Meu nome é Axl Rose, sou o vocalista líder da banda Hollywood Rose. Talvez você ainda não tenha ouvido falar de nós, mas seremos a maior banda de Hollywood. Me

recomendaram você, tipo, como alguém que poderia nos ajudar a conseguir alguns shows."

Vicky já ouvira tentativas como essa antes. Ela disse: "Bem, OK, mas você tem uma fita demo que possa enviar para eu ouvir?".

Axl respondeu: "Sim, claro. Que tal eu ir até aí agora e tocá-la para você?".

Vicky ficou encantada. Era mais entusiasmo juvenil do que ela estava acostumada em Hollywood. Talvez isso a tenha feito lembrar de Indiana. Ela repetiu que Axl poderia apenas lhe enviar a fita pelo correio, e ele perguntou por quê. Ela respondeu: "Bem, para começar, não tenho um aparelho de som aqui para colocar a fita".

"Tudo certo, sem problema. Levarei uma caixa de som. Vai ser legal."

Vicky pensou, *Já que o cara é persistente a esse ponto, então que venha.* E explicou a ele o caminho para chegar na agência. Duas horas depois, Axl e Izzy estavam no saguão.

Ela gritou e chutou

Axl e Izzy apareceram na Silverlining Entertainment com a fita demo, uma caixa de som roubada e algumas fotos da Hollywood Rose. Foi Axl quem falou. Izzy intervinha quando tinha algo a acrescentar. Vicky Hamilton sentou-se com eles no saguão da agência e tentou não parecer tão impressionada. "Mas fiquei *alucinada* com a demo, simples assim", afirmou ela mais tarde. Os ritmos duros e as guitarras estrondosas de "Killing Time" e "Wreckless Life" eram impressionantes, melhor do que qualquer outra coisa que ela tinha ouvido recentemente de bandas novas. "Então ouvi aquela voz. Ah, meu Deus. Ela tinha potência e presença incríveis. Percebi na hora que o que Axl havia me dito por telefone sobre ser a maior banda de Hollywood era, na verdade, apenas o começo do destino do grupo."

Com um aperto de mãos que selou o acordo, antes mesmo que ela visse a banda se apresentando, Vicky Hamilton concordou em

agendar shows para eles. A primeira vez que ela viu a Hollywood Rose foi no Madame Wong's, onde eles abriram para o Candy, uma banda local popular. Ela se arrepiou ao ver Axl conseguir respeito do público reduzido e segurá-lo por 45 minutos. A Hollywood Rose tocou músicas próprias e vários covers, como "Jumpin' Jack Flash" e o impetuoso hino da ambição adolescente do Aerosmith, "Mama Kin". Axl ainda não fazia nenhum daqueles movimentos no palco que mais tarde o tornaram famoso, recordou Vicky. "Na maioria das vezes ele fazia movimentos de pogo, sabe? Saltava para cima e para baixo. [O pogo foi inventado por um dos ídolos de Axl, Sid Vicious.] Ainda assim, aquilo contagiava."

O que impressionou Vicky foi sua própria reação visceral à banda. Foi "a sensação que tenho no estômago quando vejo pela primeira vez uma banda que vai fazer sucesso". Depois de conhecê-los, ela teve certeza. "Eles eram definitivamente foras da lei, eram bons de verdade. Pensei, 'Isso pode acabar comigo, mas eles são ótimos. Preciso dar um jeito'."

Ela conseguiu mais vários shows para eles ao longo dos meses seguintes, em lugares de respeito: o Country Club, o Dancing Waters, o Music Machine. No dia 10 de julho eles tocaram no Troubadour pela primeira vez, anunciados como "The New Hollywood Rose". (O flyer, que continha o desenho de uma mulher de seios grandes segurando um chicote, alertava: OBRIGATÓRIO CONSUMAÇÃO MÍNIMA DE DUAS BEBIDAS NA ENTRADA.) Enquanto isso, os jovens músicos lutavam por dinheiro e viviam ao deus-dará. Axl e Izzy haviam se mudado da casa da família de Chris Weber e estavam ao léu. Por um tempo, Axl morou nas ruas, em apartamentos abandonados e atrás de caçambas de entulho, fazendo uns corres, roubando, mal sobrevivendo com cerca de 3,75 dólares por dia, suficiente apenas para uma refeição de biscoitos com molho no Denny's, além de meio litro de vinho barato. Esse longo período sem ter onde morar, disse Axl mais tarde, era algo de que ele particularmente se orgulhava.

"Não que fôssemos o grupo mais inteligente", disse ele mais tarde à revista *RIP*, "mas, no que diz respeito ao conhecimento das ruas – sair, usar drogas, ir a festas, pegar mulher e coisas do tipo –, é como se tivéssemos, intencionalmente, frequentado a

escola da sobrevivência. Nunca soube como pegar minas, então costumava ficar do lado de fora do Rainbow e ver a coisa acontecer. Não sabia nada sobre usar drogas, então aprendi o que é seguro e o que não é, como conseguir, como usar do jeito certo e tudo o mais que isso envolve. Basicamente, o que aconteceu foi que aprendemos a sobreviver."

Então o avô de Chris Weber morreu, e Chris se mudou para a casa dele. "Era logo abaixo do Hollywood Bowl", lembrou-se Chris. "Izzy ficava muito tempo lá, e, às vezes, Axl e uma de suas namoradas. O lugar tinha um clima bom, e Izzy e eu escrevemos várias músicas ali." Uma das canções em que eles trabalharam se transformou no hino da juventude do Guns, "Move to the City".

No dia 29 de agosto, quarta-feira, The New Hollywood Rose tocou no Troubadour. O flyer feito à mão continha desenhos da banda e uma mão feminina segurando um chicote. Uma estrofe, sob o chicote, era um manifesto da banda sobre o vergonhoso tratamento dispensado às garotas de quem eles se aproveitavam:

ELA ENTROU PELA PORTA
E LOGO FOI JOGADA NO CHÃO
ELA GRITOU E CHUTOU E FICOU IRADA
MAS DEPOIS OUVIRAM DIZER – QUE ELA GOSTOU

Duas noites depois, no dia 31 de agosto, a Hollywood Rose tocou em uma festa pós-expediente no Shamrock Studios, em Santa Monica Boulevard. A banda subiu ao palco às duas da manhã, em frente a um salão lotado de garotos da Strip que tinham ouvido falar que a "nova" Hollywood Rose era uma banda de gatas gostosas.

Nessa época, Izzy, que era o líder da banda na prática, conseguiu convencer o executivo de uma gravadora. "Nunca sequer havia pensado em um contrato de gravação", afirma Chris Weber, "até que um dia Izzy apareceu e disse: 'Tem um cara da Columbia Records que quer conhecer a gente'. Então, alguns dias depois, chegamos, tipo, às 11 da manhã em Century City, onde ficava o escritório da gravadora, completamente nos trinques:

botas de salto alto, cabelos até o teto com spray. Lembro que Axl precisou de orientações sérias sobre como se maquiar, mas Izzy tinha tido aulas com Gary, o cara com quem ele morava, e mostrou a todos como fazer. O visual de Axl, sobretudo o cabelão, foi ideia de Izzy. O visual inteiro da banda – e, mais tarde, do Guns – foi tudo obra de Izzy."

Eles tocaram a demo para o cara do departamento artístico da Columbia. Ele disse que havia gostado e que manteria contato, mas a banda nunca mais teve notícias dele.

Vicky Hamilton continuou a marcar shows para o Stryper nos clubes de rock até que a despediram por não ser cristã o suficiente. Sua ruína foi causada por não participar do círculo de orações da banda nos bastidores antes dos shows. (O Stryper disse a Vicky, "Deus nos contou que seus valores são diferentes dos nossos".) Um dos últimos shows que ela marcou para o Stryper foi no Music Machine em West L.A., no outono de 1984. Ela colocou a Hollywood Rose na roda, ao lado de uma banda nova, Black Sheep, com Slash na guitarra solo. "Eu me lembro de ter apresentado Slash a Axl naquela noite", disse ela mais tarde. "Tive de convencer Slash a fazer isso, pois ele era muito tímido. Quem diria que isso faria história – o início do Guns N' Roses?"

Não foi exatamente o início do Guns, mas meio que foi o fim da Hollywood Rose, porque Chris Weber largou a banda logo depois. "Saí por vários motivos", lembra Chris. "Em primeiro lugar, eu só tinha 17 anos. Eles eram bem mais velhos, e o lance das drogas era grande, porque Izzy estava no negócio. Então tive uma briga com Axl quando ele tocou no Music Machine com o Stryper. Dei uma volta pelo palco e acertei Axl bem no meio da cara com o punho da guitarra. Não foi a primeira vez que isso aconteceu, e ele ficou louco. Até onde sei, isso meio que acabou com a banda."

Chris conhecia Slash da Fairfax High, e acha que talvez ele tenha tocado guitarra na Hollywood Rose durante alguns shows e depois deixado a banda. Chris também afirma que Axl voltou para a L.A. Guns e editou algumas faixas com Tracii Guns antes que eles fossem uma banda contratada, usando algum dinheiro de produção que, de alguma forma, Tracii arranjara.

No fim de 1984, Vicky colocou a Hollywood Rose em um

show de Ano-Novo no Dancing Waters, um "clube doido em San Pedro" com uma cachoeira interna e uma clientela hard rock. De acordo com Chris, Slash não poderia se apresentar, então Izzy ligou para Chris e o chamou de volta para fazer o show. Chris ensaiou com a banda e achou o som ótimo. Amigos da banda acharam que aquele foi o melhor momento da Hollywood Rose, em que as versões cover do grupo sumiam em comparação com o sucesso gerado pelas próprias músicas, especialmente "Wreckless Life", "Shadow of Your Love" e "Move to the City".

"Após aquele show no Ano-Novo, e depois que me afastei da banda, eu meio que tinha esperanças de recomeçar a coisa toda. A Hollywood Rose era uma banda excelente, e as pessoas estavam falando de nós. Mas a ideia não pegou, e as coisas seguiram em frente. Fiquei em Nova York por um tempo e mexi com coisas perigosas. Quando voltei, Izzy e eu ainda éramos amigos, e ele ainda estava no negócio [de heroína]. Então eu meio que entrei no negócio com ele, na verdade, trabalhando para ele.

"Mas então não senti mais falta de fazer parte da banda. Escrevemos muitas músicas juntos, tivemos vários sonhos e tocamos bastante. No fim, foi melhor assim, porque eles fizeram muitas músicas excelentes com Slash – graças a Deus. Ainda valorizo minha amizade com Izzy, porque ele não poderia ter sido mais legal. Sabe as pichações CLAPTON É UM DEUS nos muros de Londres? Era o que eu achava de Izzy. Eu não tinha irmão nem irmã. Para mim, Izzy foi como o melhor irmão mais velho que alguém poderia ter."

7. “Ganho a vida – matando o tempo.” [N. T.]

8. “Não vou mais ficar à sombra do seu amor – nunca mais.” [N. T.]

9. De acordo com a pronúncia em inglês dessas letras do alfabeto. [N. T.]

10. Possível brincadeira do autor com as palavras *poison* (veneno, em inglês) e *antidote* (antídoto). [N. T.]

Capítulo 3
A JORNADA TRAIÇOEIRA

Quem é que quer ficar esgotado desse jeito no início da carreira?

– *Slash*

Shark Island

Após anos de tentativas, o Guns N'Roses finalmente se uniu em 1985, mas esse também foi o ano em que vários acontecimentos moldariam o destino da banda. O vírus da aids começou a matar centenas de homens homossexuais, abrindo a comunidade a condições semelhantes à de uma praga que, por fim, ceifou dezenas de milhares de vidas e depois se espalhou para a população geral. A guerra na América Central e os conflitos no Irã enviaram ondas humanas de imigrantes para o sul da Califórnia, a ponto de jovens já descontentes como Axl Rose se sentirem estranhos no próprio país. A fome na Etiópia despertou a consciência inerte do mundo do rock, gerando imensos shows coletivos que deram a antigos roqueiros uma última chance de provar que ainda tinham relevância em um mercado musical agora dominado por bandas pós-punk e rappers.

Em casa, em Los Angeles, mesmo uma boa banda como o Guns enfrentava uma concorrência devastadora. O Mötley Crüe ainda era dono da Strip, mas o Poison logo conseguiu contrato com uma gravadora e começou a trabalhar no álbum. Bandas

novas, como Jet Boy, Faster Pussycat e Shark Island, estavam se formando ao mesmo tempo que o Guns e competindo pelos mesmos shows nos mesmos clubes. Havia, inclusive, uma pergunta que não queria calar na indústria da música: uma banda de hard rock, não importa quão talentosa ela fosse, poderia sobreviver em um ambiente em que os Quatro Grandes do Thrash – Metallica, Megadeth, Anthrax e Slayer – contavam entre as maiores apresentações do dia? Até Axl Rose gostava de ouvir a canção “Fade to Black” do Metallica antes de dormir, geralmente ao nascer do sol. Mais tarde, ele comentou que sua interpretação do tema de suicídio e redenção da música lhe dava esperanças de que o dia seguinte seria melhor do que aquele no qual penosamente lutara. (Posteriormente, o Metallica revelou que “Fade to Black” era na verdade sobre o roubo dos equipamentos da banda, mas deixa pra lá.)

Mais tarde naquele ano, um grupo de esposas de políticos de Washington, ultrajadas pelas músicas que seus filhos andavam ouvindo, começou uma campanha para censurar canções de rock, tendo como alvo principalmente algumas bandas da Sunset Strip. Isso levou a audiências no congresso e ao primeiro sistema de classificação imposto sobre a música popular desde os dias dos “race records”[11] no início do século xx.

Em retrospecto, 1985 foi uma época perfeita para o surgimento de uma banda de provocadores niilistas como o Guns N’ Roses.

No início de 1985, Axl Rose estava trabalhando com Tracii Guns e Rob Gardener, e os três tentavam fazer alguma coisa juntos. Qualquer cronologia desse período, em que bandas, lealdades e promessas mudavam como as asas de Santa Ana,[12] deve ser considerada uma fonte escassa e não confiável, mas a Hollywood Rose havia acabado de vez, e o talentoso e ambicioso Tracii Guns estava tentando roubar Axl de Izzy. Ao mesmo tempo, o talentoso e ambicioso Slash estava tentando roubar Axl para a Road Crew. Todo mundo do circuito sabia que o talentoso, volátil e até mesmo louco Axl Rose era o macho alfa, o vocalista e front man mais importante da Strip. Qualquer um que conseguisse

controlar a energia dele, na verdade, que conseguisse domar esse ciclone, seria dono da Strip algum dia e, então, do mundo além dela.

Em março de 1985, Axl e Izzy decidiram que deviam voltar a trabalhar juntos. Izzy convenceu o Troubadour a agendar um show por semana para o novo grupo. Precisando de um guitarrista solo cinco estrelas, Axl roubou Tracii Guns de sua própria banda. Eles ensaiaram com o baterista Rob Gardener, da Hollywood Rose, e o baixista Ole Beich, do L.A. Guns. Eles se reuniram, tentando pensar em um nome para a banda nova. Axl queria algo do mal, como Poison ou Anthrax, algo que desse náuseas e depois matasse. Em tom de piada, Izzy sugeriu aids, mas foi levado a sério até protestar que não quis dizer o que disse. Então alguém sugeriu Heads of Amazon, que foi rejeitado por não ser maneiro. Por fim, decidiram unir L.A. Guns e Hollywood Rose, o que de qualquer modo eles já vinham fazendo. Logo, um flyer com rabiscos toscos foi espalhado por toda a Hollywood:

> **"ITS [sic] ONLY ROCK N ROLL" / L.A. Guns e Hollywood Rose Apresenta [sic] a banda GUNS 'N' ROSES / 26 de março / Doug Weston's Troubadour / 22h / $2 com ◦yer.**

A nova banda tocava os covers usuais dos Stones, do Zeppelin e do Aerosmith e os maiores hits da Hollywood Rose, além de apresentar jams instrumentais estrelando Tracii. Naquela primeira noite, apenas umas dez pessoas foram ao clube. Só quatro tinham pagado para entrar; o restante eram amigos da banda.

Ninguém estava feliz com isso. Axl e Izzy sabiam que eles agora eram uma equipe, mas Tracii parecia menos comprometido. Não achavam que Ole tinha o que desejavam em um baixista, então colocaram um anúncio em busca de outro na *Music Connection*. Depois, Izzy ouviu falar que Ole vira o anúncio e estava saindo da banda. Mas o grupo ainda fez seu segundo show na Radio City, um clube de rock perto da Disneylândia no subúrbio de Anaheim.

Então aconteceu uma coisa decisiva. O fotógrafo Robert John

levou Axl para ver um grupo que ele estava fotografando: o Shark Island, a banda da casa no Gazzarri's, na Strip. Era para o Shark Island ser uma ótima banda de metal, mas eles gostavam demais do melódico e, além disso, não tinham o penteado certo, portanto, nunca sairiam do circuito metaleiro de Los Angeles. Mas Richard Black, o vocalista líder do Shark Island, era um front man carismático com movimentos que matavam a pau no palco, o tipo de coreografia de casas de show pequenas capaz de fazer um clube lotado suar horrores e suas juntas tremerem nas bases. Totalmente fascinado, Axl ficou observando Richard Black e, depois, começou a imitar seus movimentos.

A esse respeito, Vicky Hamilton, entre outras pessoas, fala de forma categórica: "Já faz tempo que as pessoas dizem que Axl roubou todos os movimentos de Richard. No início, Axl só fazia pogos. Ficava pulando para cima e para baixo como um coelho. Ele só começou a fazer aqueles gingados depois".

De acordo com Robert John, "na Hollywood Rose e no L.A. Guns, Axl dava pulos retos para cima e para baixo, segurando o suporte do microfone para ter equilíbrio. Mais tarde, ele admitiu que pegou de Richard os movimentos de serpente, aquelas curvas em S. Uma vez, chegou a me dizer que até queria que, de alguma forma, Richard recebesse o crédito por isso. A maioria dos movimentos de Axl" – as corridas impetuosas pelo palco, as pisadas furiosas, segurando o suporte do microfone em linha reta com as duas mãos, a dança explicitamente sexual da serpente – "tudo isso é de Richard Black."

"Ele era *brilhante*", diz Vicky sobre Black, "e foi roubado da cabeça aos pés."

Axl voltou várias vezes ao Gazzarri's para ver o Shark Island. Uma noite, ele e Tracii Guns subiram no palco com o Shark Island e tocaram "Rock and Roll", do Led Zeppelin.

Richard Black se lembra resignado de tudo isso. "Uma vez, quando fui à casa de Axl, estava passando um vídeo meu. Havia uma meia dúzia de fitas em cima da TV, etiquetadas com 'Shark Island'. Não quero parecer reclamão, mas ligar uma câmera de vídeo em um show e gravar uma pessoa é algo que diz muito. [Axl] chegou e se aproveitou do meu talento. Eu me senti roubado, mas não tinha poder para impedi-lo... Ele poderia [ter

me dado crédito] quando o Guns N' Roses emplacou, mas isso nunca aconteceu."

Onde todos são esmagados

Então, em maio de 1985, o anúncio que o Guns N' Roses colocou na *Music Connection* em busca de um baixista foi respondido por Duff McKagan. O anúncio procurava um "baixista de heavy metal glam punk". Eles queriam, disse Axl mais tarde, "alguém que usasse maquiagem e colocasse os cabelos para cima. Foi o primeiro anúncio 'glam' que vi, eu acho. Então rapidamente nos livramos desse [conceito], mas ele engrenou".

Duff apareceu com seu baixo e amplificador, e eles tocaram. Tracii não tinha opinião formada sobre Duff, mas Axl e Izzy gostaram dele logo de cara. O músico de alta estatura, casaco de couro preto e vermelho e cabelos tingidos de várias cores parecia ter sido enviado do elenco glam central. O melhor de tudo é que ele tinha formação musical, e podia fazer a contagem de uma canção. Ele poderia ser o diretor musical da banda, coisa de que eles precisavam "pra ontem". Mas Duff deu uma boa olhada na banda e quase não aceitou o emprego.

"Então me encontrei com Axl e Izzy", disse Duff. "Eles tinham uma banda e me perguntaram, 'Você pode vir tocar baixo pra gente?'. O grupo já se chamava Guns N' Roses, mas tinha outro cara na guitarra e um baterista diferente. Para mim, parecia uma verdadeira banda 'e se', porque nada estava acontecendo de verdade."

Duff não ficou impressionado com o brilho fraco do grupo. Também não tinha certeza sobre Axl, que lhe parecia cru e não profissional. "Fiquei, tipo, 'ele é bom, sabe cantar de verdade, mas sei lá'. E tinha esses dois outros caras na banda que não estavam dando o clique necessário. Na verdade, a formação [do Guns] era bem ruim."

Ensaios eram marcados, mas as pessoas não apareciam. Não havia nada da coesão que Duff sabia que era necessária para uma banda de sucesso, e, sem nenhum show previsto, ele começou a

perder interesse. Duff já tinha passado várias vezes por coisas do tipo, com muitas bandas diferentes. Mais tarde, ele contou ao repórter britânico Mick Wall: "Tipo, eu mesmo mal dava as caras nos ensaios, e isso não era do meu feitio. Sempre sou o primeiro cara a aparecer para ensaiar e o último a sair... comecei a me perguntar por que eu estava insistindo com essa banda".

Mas Duff decidiu se comprometer com o Guns e começou a usar seus contatos para organizar a primeira turnê da banda. Ele pediu alguns favores e conseguiu para a nova banda vários shows pagos de alto a baixo na costa noroeste, junto com sua banda antiga, os Fastbacks, programados para começar no dia 8 de junho de 1985. Em seguida, Vicky Hamilton agendou um show de abertura para a banda no Troubadour no dia 6 de junho.

Mas, de uma hora para outra, Tracii Guns e Rob Gardener deixaram o Guns N' Roses – três dias antes do suposto início da turnê. Quando a banda se reuniu para planejar a logística para a viagem a Seattle, Tracii disse aos outros membros, sem cara de preocupado: "Éééé... não sabemos se queremos fazer isso". Mais tarde, Tracii disse que não gostava do rumo que a banda estava tomando.

Duff ficou "chocado pra caralho. Eu não conseguia *acreditar* que os dois caras tinham amarelado. Fiquei, tipo, '*OK – vão se foder*'". Agora, Duff tinha um problema. Se ele não aparecesse em Seattle com a nova banda de Los Angeles, pegaria mal em casa. Ele tinha dois dias para arranjar um baterista e um guitarrista solo. Então se lembrou do Road Crew. Duff falou com Axl e Izzy, que já tinham tocado com Slash. Que remédio eles tinham? Então Duff achou o número de Slash e ligou para ele.

Slash e Steven ainda estavam batalhando como uma banda de dois membros sem perspectivas. "O problema principal", recordou Slash, "era que tínhamos uma banda pequena e ótima, mas nunca havíamos conseguido encontrar um vocalista." Slash tinha feito poucos shows com o Black Sheep, mas não deslancharam. Quando Duff ligou para ele e o convidou para fazer parte do Guns, Slash aceitou a oferta, mas no fundo viu o show como uma forma de, mais cedo ou mais tarde, roubar Axl Rose para sua própria banda.

Slash disse que "não queria trabalhar com Izzy de jeito

nenhum. Eu não queria trabalhar com *nenhum* outro guitarrista, porque nunca tinha feito isso antes [...] [e] eu não estava no controle dos acontecimentos em relação à parte das guitarras. O que eu queria era tirar Axl de Izzy, o que era cem por cento impossível. Aí, recebi essa ligação e perguntaram, quer voltar a tocar com a gente? No início eu não queria, porque Axl e eu já tínhamos nos estranhado um tempo atrás".

Na verdade, Slash tinha feito alguns shows com a Hollywood Rose depois que Chris Weber saiu da banda. Por um tempo, ele até deixou Axl ficar na casa de sua avó. Axl dormia na cama de Slash enquanto ele trabalhava na banca de jornais. Quando Slash voltava para casa, acordava Axl e eles iam ensaiar. Porém, um dia houve um problema, quando Ola quis ver TV e pediu a Axl para sair do sofá. Axl disse à senhora para ir se ferrar. Slash ficou sabendo disso depois, e um dia, a caminho do ensaio, sugeriu a Axl que pedisse desculpas. Axl ficou com um brilho estranho nos olhos e começou a se mexer para frente e para trás no banco do passageiro. Então ele pulou do carro em movimento, que estava andando a uns 60 km/h. Ele desapareceu em uma rua lateral, e por um tempo Slash não o viu. No show seguinte que fizeram juntos, Slash saiu da Hollywood Rose depois que Axl acertou um fã barulhento com uma garrafa de cerveja. Então Slash e Yvonne deram um tempo, e Slash descobriu que Axl havia transado com ela em sua ausência. Na época, Axl era auxiliar técnico da Tower Video, na Sunset, portanto, para acertar os ponteiros com Slash, conseguiu um emprego para ele lá. Durou até Axl ser despedido por passar filmes pornográficos na loja durante a noite.

Por fim, Slash decidiu entrar no Guns. "Mas na época fiz isso, e comecei a trabalhar com Izzy, porque era o que tinha naquele momento. Foi a única banda que consegui encontrar com a qual me identifiquei de verdade."

Adler ficou muito mais empolgado. "Comentei com Slash: 'Se conseguirmos *aquele* vocalista e *aquele* guitarrista, seremos a banda mais *foda*'."

O primeiro ensaio da nova banda foi em um estúdio em Silver Lake, em maio de 1985. Alguém distraiu Steven Adler enquanto Izzy e Duff escondiam todos os bumbos desnecessários

do kit de Steven, reduzindo um conjunto quase cômico de metal a uma simplicidade mais primitiva e punk. Duff recordou: “No momento em que tocamos nosso primeiro acorde, uma coisa aconteceu. E todos percebemos”. No início, Axl só ficou por ali, de cerveja na mão e encostado em um amplificador, ouvindo a química sonora do grupo; então ele começou a cantar. Duff: “De uma hora para outra, Axl *se encaixou*. Ele foi direto ao ponto, cara. Levou um tempo para Axl se encaixar, e um pouco mais para Slash se encaixar, mas, quando aconteceu, foi pra valer.

“Tínhamos apenas 20 anos”, comentou Duff, “mas já nos considerávamos verdadeiros veteranos. A sensação era ‘Esta é a banda, e ponto. Era o que todos nós estávamos procurando’.”

Slash e Steven ensaiaram com Axl, Izzy e Duff por dois dias. A antiga Hollywood Rose estava meio irritada, porque eles odiavam Slash. “Todos nós o achávamos um espertalhão idiota”, diz Robert John. “O grupo o chamava de ‘A Cobra’ pelas costas” porque ele era assustador e egomaníaco. “Acabamos virando bons amigos depois, mas no início simplesmente nos odiávamos.” O outro problema, disse Slash mais tarde, era que Axl não gostava de Steven Adler. Mas Slash e Adler faziam parte do pacote; eles vinham juntos, e Axl concordou sobre o baterista meio que como um favor a Izzy.

O primeiro show do Guns N’ Roses com a nova formação foi no Troubadour, abrindo para outra banda sem contrato, no dia 6 de junho de 1985, uma quinta-feira.

> **UMA SURRA DE ROCK N ROLL ONDE TODO [sic] SÃO ESMAGADOS / GUNS and ROSES / TROUB. 6 DE JUNHO – 22H.**

O flyer continha uma primeira tentativa de logo para a banda, com pistolas Luger ladeadas por supostas rosas que mais se pareciam com repolhos. Tracii Guns, que ou tinha saído do Guns N’ Roses ou sido expulso (de acordo com alguns) para ser substituído por Slash, questionou Izzy sobre a escolha de manter o antigo nome do grupo. Izzy lhe disse que iam manter Guns N’ Roses, sim, e, além disso, afirmou Izzy, isso não importava de fato – era só um nome de banda.

No dia do show, Slash foi até a Melrose Avenue, cheia de lojas

modernas e brechós, e comprou um chapéu alto preto de abas largas na Leathers&Treasures. Era uma homenagem visual consciente a Jimi Hendrix, e precursora da cartola que mais tarde se tornaria sua marca registrada.

Só umas dez pessoas viram a estreia da nova formação do Guns N' Roses, mas elas nunca se esqueceram disso. O Guns tocava mais alto que bombas. Axl tinha penteado os cabelos para cima com spray, e estava adotando seus novos e extravagantes movimentos de palco. Izzy estava de camisa e colete brancos, um clone ambulante de Keith Richards, mandando ver em licks rítmicos habilidosos. Duff cambaleava em botas de caubói, ancorando a banda com seu baixo, fazendo o backing vocal dos uivos de Axl. Slash – sem camisa, suando em bicas – alternava entre riffs e solos intricados, num verdadeiro exibicionismo. Presidindo tudo estava Adler na bateria, agitando as banquetas, os longos cachos loiros balançando pelo rosto sorridente, parecendo uma criança em êxtase sob os holofotes solitários do clube. Steven parecia proporcionar um contraste visual espalhafatoso no palco – como um David Lee Roth mais novo – às voltas ameaçadoras que Axl fazia pelo palco.

Eles tocaram um pouco de Stones, um pouco de Sabbath, "Mama Kin", "Nice Boys", da Rose Tattoo, e músicas da Hollywood Rose. Houve leves aplausos. No dia seguinte, eles colocaram os equipamentos em uma van alugada e seguiram para o norte, rumo a Seattle, na primeira turnê do Guns N' Roses. Agora, a saga da banda havia começado de verdade.

"A jornada traiçoeira"

O Guns N' Roses pegou um carro emprestado e começou a dirigir para o norte, com Duff ao volante. O equipamento ia junto com seus dois roadies em uma van emprestada que havia saído da cidade mais cedo naquele dia. Os membros da banda estavam tão lesados e drogados que mal sabiam onde ficava Seattle. Duff dissera a eles: "Ei, cara, Seattle – fica bem no topo dos Estados Unidos, porra!". E Izzy havia dito: "Ei, legal, então dirige aí,

porra”.

A banda estava realmente alucinada. Finalmente eles estavam “na estrada”. Izzy vinha sonhando em fazer parte de uma “turnê” desde os 12 anos de idade. Depois de Seattle, eles deveriam fazer shows em Portland, Eugene, Sacramento e San Francisco. Eram apresentações por razoáveis 300 dólares por noite, as primeiras fora da cidade.

Duas horas depois, a norte de Fresno, o carro pifou. Duff estacionou. Havia fumaça saindo por debaixo do capô. Ao redor deles, nada além de fazendas abandonadas e um deserto árido. Isso foi antes dos celulares. O Guns N’ Roses estava preso na estrada.

Alguém sugeriu voltar para casa. Izzy disse que não voltaria para Hollywood nem fodendo. Ele tirou a maleta com a guitarra e esticou o polegar. Os outros o acompanharam, abandonando o carro ainda enfumaçado, e começaram a andar sentido norte. Ninguém dava carona. Eles estavam, afirma Slash, “vestidos da cabeça aos pés” em trajes completos de rock, prontos para subir no palco. O sol do verão os assava dentro daquelas roupas de couro. Eles não tinham água. De acordo com Slash, ele, Izzy e Steven usavam heroína, então provavelmente um ou mais deles estava sofrendo uma crise de abstinência. Eles esperaram uma carona. E esperaram.

E esperaram. Carros e caminhões passavam zunindo, com desdém. Eles tiraram as jaquetas e os adereços de palco. Após muitas horas no deserto, quando o sol já estava se pondo sobre as colinas baixas a oeste, um motorista de caminhão finalmente parou. Ele disse que o grupo podia subir na garupa de seu caminhão vazio de 18 rodas.

Vinte horas depois, no meio da madrugada, o caminhoneiro deixou os sonolentos membros da banda em uma saída interestadual. Eles estavam umas figuras, de acordo com Duff: “Cinco caras de calças listradas apertadas e botas no meio da porra do Oregon”. Eles continuaram pedindo carona.

Izzy recorda que, por fim, “duas ex-hippies de San Francisco pararam para nós”. Elas eram exatamente como Thelma e Louise. “Primeiro elas passaram por nós, mas então se lembraram do passado, da época hippie, quando ninguém dava

carona para *elas*, então deram a volta e pararam, e aí entramos." A essa altura eles estavam famintos, fracos por conta da fome, e perguntaram às mulheres se elas tinham algo para comer. A que não estava dirigindo ofereceu alguns brownies de maconha "da pesada", e eles continuaram rumo ao norte.

Quarenta horas depois de deixar Hollywood, o Guns N' Roses chegou a Seattle. A banda estava exausta, desidratada, mas chegara bem na hora do primeiro show. No flyer estava escrito:

ROCK THEATER / Guns and Roses e Fastbacks + 5150 / Omni Room / Sáb., 8 de junho

Mas não havia nem sinal do equipamento ou dos roadies. O Guns N' Roses teve que pegar bumbos e amplificadores emprestados do Fastbacks. Duff ficou com vergonha. Os gunners, pobres e sujos, estavam totalmente perdidos. Eles fediam.

Izzy disse: "Nós tocamos. Havia dez, talvez vinte pessoas no lugar. Não tínhamos ensaiado muito. Não fomos pagos. A partir daí, foi ladeira abaixo".

Na verdade, eles receberam 50 dólares, além de comida e bebida das garçonetes do Omni Room, que ficaram com pena deles. E, quando souberam que a van que levava os equipamentos havia quebrado perto de Santa Barbara e não chegaria, eles foram informados pelo empresário dos Fastbacks – que os associava a perdedores patéticos – que o restante de sua "turnê" tinha sido cancelado.

A banda se recuperou do que Slash chamou de "jornada traiçoeira" na casa da família McKagan. Foi em Seattle que Axl Rose começou a compor letras sobre a vida que eles levavam nas ruas de Hollywood – um efervescente universo de dificuldades e competição, um *demimonde* sub-boêmio onde a única refeição decente vinha da caridade praticada nas ruas e o ponto alto da noite era uma garrafa de vinho fortificado de um dólar, o Night Train ou o Thunderbird. A realidade de "Hollywood", para Axl Rose, era dormir com groupies gordas e inseguras de Nebraska, a fim de poder ficar na casa delas por tempo suficiente para lavar

suas roupas e tomar banho. A “Hollywood” de Axl Rose era um campo de batalha insensível onde o controle de natalidade era a sobrevivência do mais apto, um lugar de alto risco, diversão e jogos semidesesperados, cujos perdedores acabavam voltando para casa lá na PQP – ou terminavam azuis e mortos, amarrados no chão do banheiro.

A música que Axl começou a escrever, durante o que a banda chamou de The Hell Tour [A turnê do inferno], no fim se tornou “Welcome to the Jungle”.

O Guns não tinha dinheiro algum, e nenhuma forma de voltar para Hollywood. Eles estavam tão longe de casa que mesmo Los Angeles, degenerada, poluída e propensa a terremotos, parecia uma “Paradise City” [Cidade do Paraíso] para eles. Pensaram em pedir dinheiro emprestado à família de Duff, o suficiente para pegarem o ônibus. Mas Duff lembrou: “No fim, pegamos uma carona de volta para Los Angeles com uma junkie. Foi horrível. Mas a questão é que foi aí que a banda, tipo, se *uniu*. Todos nós ficamos juntos”. Pela primeira vez, Duff pensou: *Isso é real.*

Steven concorda: “Muitos caras que poderiam estar na banda naquela época teriam se mandado, sabe? Teriam entrado num avião para casa antes que estivéssemos na metade do caminho”.

“Ninguém morreu, ninguém desmaiou”, disse Slash. “Todos sobrevivemos. E desde então a gente se desafia assim.”

Izzy: “E desde o dia em que voltamos para Hollywood, foi tipo: o que quer que acontecesse, sabe, ainda estávamos unidos... nesta luta contra – *tudo, porra*! Daquele dia em diante, o lema do Guns N’ Roses foi: foda-se *todo mundo*. Foda-se todo mundo – *antes que fodam com você*. Foda-se o *mundo* inteiro, porra, manja? E vamos em frente”.

Izzy acreditava que a Hell Tour tinha sido um teste, um rito de passagem para a banda. Eles haviam sofrido juntos. Passado sede no deserto. Foi uma coisa bíblica. Eles poderiam ter morrido. Eles tinham se ferrado em Seattle e sido rejeitados. Voltaram para casa como um exército derrotado, falido. Mas aí, após a humilhante aventura, depois de terem estado na estrada e comido o pão que o diabo amassou, a cena desprezível do rock em

Hollywood não parecia tão ruim, afinal. Em vez disso, parecia... um lar.

Agora, Axl Rose finalmente estava convencido de que o Guns N' Roses era sua banda. Um pouco mais tarde, ele contou a um repórter: "Conhecemos *tanta* gente diferente. No fim, os caras do Guns acabaram sendo as pessoas em quem mais acreditamos. *Acreditávamos* uns nos outros. Na época, éramos como uma família".

Vivendo no inferno

Depois de Seattle, o Guns ensaiou alguns dias em um estúdio semiprofissional no distrito de Silver Lake, perto do Echo Park, de propriedade do músico local Nicky Beat. De acordo com Slash, foi ali que "toda a banda começou a trabalhar pra valer" com as músicas de Izzy Stradlin: "Think About You", "Don't Cry", "Out ta Get Me". Eles também trabalharam nas partes iniciais de "Rocket Queen" e "Welcome to the Jungle".

No verão de 1985, Izzy Stradlin alugou um espaço mofado para sua banda ensaiar. Sem nenhum outro lugar onde ficar, a maioria dos membros da banda passou a morar lá. Na cabeça de Izzy, o Guns tinha realmente melhorado um pouco na vida.

O novo QG do Guns era um pequeno depósito do tamanho de uma garagem para um carro, atrás da Sunset Boulevard, nº 7508. O aluguel custava 400 dólares por mês. As medidas do local mal chegavam a 4 metros quadrados, com espaço suficiente apenas para um sofá (surrupiado do meio das coisas de um cara morto encontradas na rua) e os escassos equipamentos que eles tinham. Izzy e os roadies roubaram madeira de uma construção próxima local e construíram um mezanino com espaço suficiente para, talvez, três roqueiros dormirem. O equipamento ficava entulhado sob o mezanino.

O depósito dava para um beco que a cidade de Los Angeles oficialmente chamava de "Lote Número 619". Ficava próximo ao cruzamento da Sunset com a Gardner, um bairro musical do qual fazia parte o Guitar Center; várias lojas de instrumentos novos e

usados, inclusive a Sam Ash e a loja de amplificadores Mesa/Boogie; e vários empreendimentos de apoio cruciais, como a Sunset Strip Tattoo, o Sunset Grill, Mory's Pizza e o El Compadre – "Culinária Mexicana Refinada". O bairro "cozinhava" sob o sol da Califórnia, embaixo de outdoors imponentes, palmeiras reais altíssimas e as áridas colinas de Hollywood em formato de cone.

Não havia banheiro, chuveiro, cozinha nem ar-condicionado, e o calor do verão era escaldante. Izzy descreveu o local como "um inferno em vida". Slash odiava. Às vezes, para fugir daquela imundície, ele dormia fora, no estacionamento da Tower Records, onde se sentia seguro. "Eu arrumava uma transa", contou ele à *Rolling Stone*, "só para poder ficar na casa da garota." Quando tinham dinheiro suficiente para comprar hambúrgueres, vez ou outra queimavam as baquetas de Steven para grelhar a carne em uma churrasqueira roubada do quintal de alguém. Quando chovia, o teto pingava e o equipamento ficava molhado.

"Não tínhamos dinheiro nenhum", lembra Duff, nostálgico, "mas em geral conseguíamos arrumar uns trocados e ir até a loja de bebidas para comprar uma garrafa de vinho Night Train que deixava a pessoa zoada por um dólar. Cinco dólares e já era. A gente gostava de *viver* dessas coisas."

"Nosso estúdio era basicamente uma cela de cadeia desconfortável pra porra", disse Slash, "mas, nossa, como o som ficava *bom* ali. Somos uma banda barulhenta pra cacete, e não comprometemos o volume por nada." Eles faziam barulho com alguns amplificadores Marshall naquela pequena toca e podiam ser ouvidos a dez quadras de distância. "Era legal, porque todos os perdedores da Sunset Boulevard e todas as outras bandas iam até lá para curtir."

Entre essas outras bandas estavam o Faster Pussycat, o Black & Blue, o Redd Kross, o Thelonius Monster e o Jet Boy. Todd Crew, que tocava baixo no Jet Boy, era amigo de Slash e Duff. O músico local West Arkeen era íntimo de Axl, assim como o colunista Del James da revista *RIP*. Robert John estava sempre por perto com suas câmeras. Don Henley, o baterista do Eagles que estava fazendo um disco solo, apareceu por lá e compôs a música "Sunset Grill", sobre a grave decadência moral que viu no

beco atrás do restaurante. Até o lendário guitarrista Joe Perry deu as caras uma noite para filar um pouco da heroína persa marrom de Izzy. (Essa história foi considerada pra lá de incrível pela banda. Alguns meses depois, Perry ficou limpo e reformulou o Aerosmith. De acordo com o folclore contemporâneo da Sunset Strip, o que o inspirou a fazer isso foi a intensa energia do rock and roll e a adulação generalizada ao Aerosmith do início de carreira que ele encontrou em Hollywood em 1985.)

Foi aí que o Guns começou a dar festas improvisadas ao ar livre, no beco de seu covil. Izzy negociava heroína na sala, que a banda decorou com pôsteres, pin-ups, pornô hardcore, flyers e tudo o mais que conseguissem encontrar. Esse ambiente logo atraiu garotas festeiras da pesada, algumas delas extremamente jovens, muitas vestidas com espartilhos, saias de couro minúsculas, meias arrastão e coturnos da moda na época. Essas garotas, por sua vez, atraíam os caras de outras bandas, além de garotos que queriam se parecer com membros de bandas. Músicos, cafetões, esquisitões, traficantes de drogas, artistas e atores de rua começaram a curtir. Certas noites, conforme o verão de 1985 avançava, multidões barulhentas de jovens festeiros abarrotavam o Lote Número 619 enquanto o Guns ensaiava lá dentro. Não demorou muito para que toda aquela bebedeira, as drogas, o fumo, a putaria, as brigas e a música extra-alta começassem a atrair a atenção dos policiais de Los Angeles e dos oficiais de West Hollywood. Garotas jovens começaram a afirmar que haviam sido molestadas. Adolescentes do Vale alegavam ter sido assaltados, enrolados, roubados e que haviam comprado drogas fajutas. Sirenes adentravam as noites quentes de verão quando ambulâncias chegavam para recolher casos de overdose. O Guns N' Roses começou a ter uma fama seriamente negativa nas delegacias de polícia locais.

Para seu descrédito geral, a banda usava as garotas sem dó nem piedade. Depois, as descartava feito lixo. Alguns membros usavam altas doses de drogas. Slash, na época, começou a usar heroína, vício que durou anos e quase arruinou o Guns N' Roses. Mais tarde, Steven Adler afirmou que alguns companheiros de banda o pressionavam para que usasse heroína.

"Vendíamos drogas", admitiu Izzy mais tarde – sem

desculpas, até com uma ponta de orgulho. "Vendíamos garotas. Se um dos caras estava transando com uma menina em nosso mezanino, vasculhávamos a bolsa dela enquanto ele a comia. Éramos *empresários*."

Axl concordou. "Havia muito sexo, dentro e fora da sala. Havia sexo nos carros. As pessoas apareciam a qualquer hora, e dizíamos às meninas que subissem no mezanino, aí alguém acendia a luz e dizia: 'Certo! Todo mundo que está no mezanino – *tire a roupa ou vá embora*'. Teve uma menina que transou praticamente com a banda toda, amigos da banda e com a banda vizinha. Dois dias depois, ela volta e fala, 'Axl, vou ter um filho seu'."

Para cada garota que transava com a banda, mais três apareciam na noite seguinte – prontas para mandar ver. A banda tinha a própria mesa semirreservada na cantina El Compadre, na Sunset. "Costumávamos nos sentar no canto", contou Slash, em voz baixa, ao biógrafo londrino Mick Wall mais tarde, "porque era o melhor lugar para conseguir um boquete embaixo da mesa sem que ninguém mais no recinto percebesse. Ou, então, nós as levávamos para os banheiros dos fundos."

Quando estava exausto ou esgotado, Izzy gostava de dormir no espaço estreito e apertado entre o respaldo do sofá ensopado de urina e a parede infestada de baratas da construção. Um amigo da banda lembrou que Izzy podia ficar perdido ali por dias. "Você só via a cabeça dele aparecendo de vez em quando para verificar o que estava acontecendo. Eu perguntava: 'Izzy – você tá bem, cara?'. E ele respondia, 'Hã, sim', e então apagava de novo."

Aos sábados, o Exército da Salvação distribuía comida grátis para os sem-teto e indigentes de Hollywood em sua missão na Vine Street. O Guns N' Roses frequentemente estava lá, na mesma fila dos vadios locais, viciados, bêbados e vagabundos. Duff McKagan preferia a comida do Rage, o conhecido bar gay de Hollywood, que tinha um bufê às cinco horas. O Guns N' Roses era *habitué*. Todos adoravam o Rage. "Você comia tudo o que conseguisse por um dólar", lembrou Duff. "Você contraía a bunda e comia. Eles tinham uma lula frita deliciosa!"

Axl ficava revoltado com tudo isso. "Chegou um ponto em

que a banda e quatro mulheres estavam morando naquele cômodo único. O banheiro mais próximo tinha sido destruído por pessoas vomitando. Eu costumava cagar numa caixa e jogá-la no lixo, porque o banheiro era nojento demais."

Mais tarde, Slash disse que a esquálida sala de ensaios foi um tipo de inspiração negativa: "Basicamente, era somente uma questão de pobreza. É daí que vem [nossa] atitude de 'foda-se'. Ensaiávamos lá; dormíamos lá. Era um caos: você não tomava banho, não comia o suficiente. Você fazia o que precisa fazer para sobreviver". Certa vez, Slash e Izzy estavam transando com uma garota no mezanino. Izzy não estava usando camisinha, e saiu de dentro da menina e ejaculou na perna de Slash. Foi aí que Slash soube que eles precisavam encontrar um lugar novo.

Todo esse cenário também foi o lugar onde começou o lendário falatório de rua sobre o Guns N' Roses em Hollywood. As pessoas começaram a falar sobre o ambiente insano e perigoso na Sunset com a Gardener – um infame supermercado de sexo, drogas e rock and roll, uma coisa baixa, suja e agitada. Os membros da banda viviam como porcos, bebiam demais o tempo todo, não praticavam sexo seguro nem se preocupavam com a aids, vendiam drogas a céu aberto. Iam aos clubes, conseguiam pessoas que lhes comprassem bebidas e agiam como babacas. "A gente saía à noite", disse Axl, "totalmente *destruídos*, distribuíamos nossos flyers e só garantíamos que todo mundo na porra do lugar soubesse que estávamos lá".

A coisa ficou tão ridícula que o comportamento nocivo de Axl fez com que ele fosse formalmente banido do Rainbow Bar e do Grill por dois anos.

Axl Rose adorava ficar por baixo. Ele ia a fundo no romantismo de sarjeta. Cinco anos depois, recordou: "Todos os fins de semana, a maior festa de Los Angeles era em nossa casa. Havia uns trocentos jovens amontoados no beco, e nosso antigo roadie vendia cerveja gelada por um dólar na caçamba da caminhonete. Era como um bar. Pessoas mais velhas compravam uísque para as mais jovens... se houvesse problema com alguém, ele era 'escoltado' para fora. Nós o arrastávamos pelos cabelos até o beco, nu, e o deixávamos na rua. Podíamos fazer o que quiséssemos, ao menos até a polícia aparecer.

“O engraçado”, disse Axl, melancólico, “é que quase sentimos saudade disso.” Nessa época, o Guns era mais uma gangue do que uma banda. Foram os melhores anos da vida deles. Em 1991, quando Slash já era um dos maiores astros do rock (e um dos mais infelizes) do mundo, ele se recordou: “Durante anos vivi só com uma mochila – e era feliz”.

“A gente era como uma gangue”, confirmou Steven. “Era assim que a gente se via. *Fazemos rock and roll e vamos arrasar com vocês.*”

O que as pessoas costumam esquecer sobre o famoso lugar decadente para ensaios do Guns é que eles de fato conseguiam ensaiar lá. Duff e Steven tocavam juntos quase todos os dias, inclusive músicas funk de Prince e Cameo, principalmente “Word Up”, de Cameo, entrando em grooves de hard rock com um certo swing, raridade extrema entre as bandas de Los Angeles da época. (Duff McKagan, mais tarde, diria que “Rocket Queen” se baseou principalmente no groove de Cameo.)

Vicky Hamilton continuava agendando o Guns para shows de abertura de outras bandas. No dia 28 de junho, eles tocaram no Stardust Ballroom na Sunset com a Wilton, em Hollywood. Em julho tocaram no Raji’s, um boteco na Hollywood Boulevard. Slash tinha cheirado muito e lançava jatos de vômito atrás dos amplificadores. Enquanto o Guns tocava “Don’t Cry”, uma balada nova e a primeira música que a banda tinha escrito em conjunto, membros do Thelonious Monster começaram a vaiar. Quando uma garrafa passou voando pela cabeça de Axl, ele deu o troco esmagando o rosto de Bob Forrester, do Monster, com o suporte do microfone. Em seguida, Axl pulou em cima dele e brigaram até o público separá-los. “Eles estavam drogados”, disse Axl ao *L.A. Weekly*, “e eu estava totalmente limpo e cantando. Estavam jogando garrafas de cerveja em nós. Se alguém faz isso, acerto essa pessoa com o microfone. Não estou nem aí se *minha mãe* sobe no palco e começa a me bater. Eu também acertaria nela com a porra do suporte do microfone.”

Em 25 de julho de 1985, Axl passou o dia assistindo aos shows do festival Live Aid no apartamento de seu amigo West Arkeen. As maiores bandas do mundo haviam lotado o Wembley Stadium em Londres e um campo de futebol na Filadélfia. Foi tão badalado e tão empolgante que até o Led Zeppelin se reuniu para aquele dia. Os concertos gigantescos de caridade deveriam arrecadar muito dinheiro para aliviar a fome na África, mas na realidade a coisa toda foi péssima. O Duran Duran estava um horror. O Led Zeppelin, pior. Mick Jagger fez uma apresentação solo patética com Tina Turner. Bob Dylan, apoiado por Keith Richards e Ron Wood, passou vergonha. Quando Michael Jackson e um coral de astros do pop apresentaram o pavoroso hino contra a fome de Jackson, "We Are the World", Axl se virou para West Arkeen e disse que achou aquilo a maior besteira do rock *de todos os tempos*. Era a mesma porcaria do conservadorismo que os punks originais tanto detestavam e denunciavam. Mais tarde, Axl se lembrou da cena:

"Estávamos compondo [letras] sombrias naquela época. Lidávamos com uma situação realmente pesada, feia e assustadora, mas não ligávamos muito pra isso [...] Havia muita confusão sobre muitas questões. Estavam nos dizendo, 'we are the world [somos o mundo]'. Mas sabíamos que não tinha nada desse negócio de 'we are the world'. 'We are the world' era para poucos escolhidos, que faziam uma música bonitinha ou algo do tipo, mas nas ruas era a *guerra*. Apenas estavam escondendo isso – a velha merda de sempre."

Axl jurou que, se algum dia sua banda chegasse ao estrelato, ele nunca faria papel de bobo em algum ato beneficente idiota sobre o qual não tinha controle nenhum.

Fuck Like a Beast

O Guns continuou trabalhando no fim do verão de 1985, tocando no Troubadour, no Roxy, no Water Club e no clube de vanguarda Scream, no centro de Los Angeles. Eles abriram para o Poison

várias vezes, banda que o Guns desprezava por ser tão falsa e tão assumidamente glam de todas as maneiras equivocadas que conferia uma imagem ruim a todo o cenário. O vocalista do Poison, Bret Michaels, dava o troco, insultando o Guns no palco como uma banda de degenerados e sem contrato.

Uma vez, depois de Michaels ter criticado o Guns, Axl confrontou o Poison nos bastidores e disse, na lata, que eles eram péssimos. Bobby Dall, cuja banda já tinha um contrato de gravação, retrucou: "Talvez sim, porra – mas você *precisa* ser péssimo às vezes para se dar bem nesse mercado – *e vocês nunca vão conseguir, nunca*".

Isso ficou entalado na garganta de Axl. Ser péssimo ia de encontro a tudo em que W. Axl Rose acreditava.

Apesar desse conflito, recorda Vicky Hamilton, o ambiente das bandas na Strip nos anos 1980 era de apoio mútuo. "Muita gente que fazia parte do cenário cabeludo se apoiava, e as bandas tentavam se ajudar. Axl, por exemplo, gostava do Faster Pussycat e ficava insistindo que eu agendasse shows para eles ou que fosse a empresária."

"É como uma família", disse Duff ao *Los Angeles Times*. "Se você não apoia o próprio meio, sua viagem não vai acontecer. É preciso apoiar os amigos. Não se pode sair e dizer '*Somos os melhores. Fodam-se todos vocês*'. É preciso dizer: 'Olha, esses caras também são bons'."

À medida que o burburinho sobre o Guns e sobre seus shows cada vez mais frenéticos e violentos começou a se espalhar para além de West Hollywood, proprietários de clubes repararam que a banda atraía uma multidão excepcionalmente diversa. Anos depois, Slash se lembrou de que "diziam que havia essa banda nova, e nosso público em Los Angeles vinha de diferentes meios: roqueiros da velha guarda, punks, adolescentes do ensino médio, modelos, traficantes. Era *ótimo*".

Agora, o Guns N' Roses estava trabalhando na elaboração de um set list matador, alternando covers da pesada ("Nice Boys", da Rose Tattoo, "Jack Flash", "Mama Kin", "Heartbreak Hotel" como Elvis Presley nunca havia imaginado) com músicas reformuladas da Hollywood Rose ("Reckless Life" e "Anything Goes"), além de algumas canções novas que vinham compondo

em seu pequeno estúdio: a apimentada “Move to the City”, versões iniciais de “Welcome to the Jungle”, a nova “It’s So Easy”, de Izzy, grunhida por Axl em voz baixa, e a balada “Don’t Cry”, a única música que o Guns tocava num volume que não estourava os tímpanos.

O Guns começava os sets com uma gravação de “What’s That Noise”, dos Stormtroopers of Death (banda formada por alguns integrantes do Anthrax), cujo novo álbum, *Speak English or Die*, era um favorito de Axl pelo racismo explícito e pelas letras anti--imigração. Nas ruas, o Guns já havia entrado em conflito com comerciantes imigrantes – refugiados da revolução islâmica do aiatolá Khomeini – que tomavam conta dos postos de gasolina e lojas de conveniência nas avenidas de Hollywood. Com seus cabelos compridos e ruivos, roupas chamativas, pobreza patente e más atitudes, Axl Rose era constantemente ameaçado por iranianos e lojistas, expulso de lugares que serviam fast-food, e lhe recusavam trabalho em lojas gerenciadas por recém-chegados que, ironicamente, eram chamados de “tehrangeles”.[13] Algumas dessas cenas feias ficavam quase violentas, e a polícia chegava logo depois. Axl gritava aos inoportunos lojistas persas que voltassem à porra do lugar de onde tinham vindo e que levassem com eles aquela droga marrom de merda, ou que, já que era para surrupiar os americanos verdadeiros na terra dos livres e na casa dos bravos,[14] ao menos aprendessem a falar a porcaria do inglês.

Apesar de ele próprio ser uma espécie de imigrante em Los Angeles, a atitude de Axl dispensada aos iranianos, asiáticos, latinos e outras nacionalidades que compunham o mix bizarro de Los Angeles deixaria a si e a banda encrencados com o politicamente correto alguns anos depois.

O Guns abriu shows de outras bandas em um evento beneficente de Hollywood em prol da instituição de caridade “Jerry’s Kids”, do comediante Jerry Lewis, em 30 de agosto de 1985, no Stardust Ballroom. O Poison encabeçou o show, que também contou com Ruby Slippers, os Joneses e o Mary Poppins. No dia seguinte, o Guns tocou no Roxy Theater na Sunset Strip pela primeira vez.

O Roxy, ao lado do Whisky na mesma rua, era a principal vitrine da Strip, onde bandas visitantes faziam pequenas apresentações para fãs e para a indústria musical. (Slash havia elaborado um flyer para esse show, descrevendo a banda como "Diamantes Brutos". Dias antes do show, Slash e Izzy bateram perna para cima e para baixo em West Hollywood e no Valley com grampeadores, fita adesiva e garrafas de vinho, desafiando com insolência um novo decreto municipal que proibia flyers de bandas nas ruas.) Cheio de adrenalina por conta desse show, o Guns tocou alto e rápido, com Slash correndo pelo palco, os cabelos voando, suando em bicas e com acordes possantes cheios de perversidade. As pessoas disseram que aquele foi o melhor show da banda.

Nesse meio-tempo, o rock foi levado ao tribunal pelo Congresso em setembro de 1985. Alarmado pelos clipes sexys na MTV e pela violência explícita das bandas de metal, um grupo de mulheres influentes de Washington que se autointitulava Parents Music Resource Center (PMRC) [Centro de Recursos Musicais para Pais] convenceu um comitê congressista a realizar audiências para decidir se a música popular deveria ser censurada e ter indicação de conteúdo com um sistema classificatório como o dos filmes. Miraram especificamente as bandas da Sunset Strip, por chafurdarem na lama. O momento decisivo das audiências veio quando Tipper Gore, esposa de Al Gore, senador do Tennessee, e Janet Baker, esposa do secretário estadual de Reagan, seguraram uma cópia ampliada do álbum *FUCK LIKE A BEAST*, do W.A.S.P., como exemplo de um rock que havia saído dos trilhos. Ouviram-se sussurros na sala de conferências quando o comitê observou a imagem de uma mulher torturada na capa do álbum. Músicas assim, argumentou-se, deviam ser rotuladas como "ofensivas", para que os pais pudessem monitorar as coisas a que seus filhos estavam expostos.

Dias depois, alguns músicos, entre os quais Frank Zappa, John Denver e Dee Snider, do Twisted Sister, testemunharam contra a censura musical; as canções eram mero reflexo da sociedade que as criara. Zappa afirmou: "A proposta do PMRC é

um disparate mal elaborado, incapaz de proporcionar qualquer benefício aos jovens. [É] o mesmo que tratar caspa cortando a cabeça". Por fim, a indústria musical cedeu, e posteriormente uma tarja preta de alerta aos pais apareceu em todos os álbuns do Guns N' Roses quando eles foram lançados.

"Welcome to the Jungle" era o que estava escrito no flyer do GN'R para o show seguinte da banda no Troubadour, em uma sexta-feira, 20 de setembro. A música, assinada por Axl, havia sido finalizada, e já estava fazendo as garotas gritarem quando a guitarra de Slash começava a tocar. Agora, a reputação da banda estava a todo vapor. Quando o Guns subiu ao palco, às 11 da noite, o pessoal no antigo clube de folk se amontoou como cabras.

Naquela noite, o Poison também estava na casa, prestes a gravar o primeiro álbum, *Look What the Cat Dragged In*. O Poison cometeu o erro de trazer Ric Browde, que estava produzindo o disco, para ver o Guns N' Roses no Troubadour na mesma noite.

Browde e o Poison já estavam discordando em relação ao som que o álbum deveria ter. "Para piorar", lembrou Browde mais tarde, "na primeira noite em que começamos a gravar, Bobby [Dall], Bret [Michaels], CC [Deville] e eu fomos ver uma banda sem contrato no Troubadour e eles me deixaram passado – simples assim." Mais tarde, depois de alguns drinques e tal, "Eu disse ao Poison que, não importa quantos discos vendessem, eles nunca seriam tão bons quanto a banda sem contrato que tínhamos acabado de ver, que se chamava Guns N' Roses."

Talvez tenha sido a coisa errada a dizer. Desde então, o Poison passou a odiar seu produtor.

O "estupro" de My Michelle

Havia pessoas em Hollywood que achavam que o Guns N' Roses era uma banda íntegra só porque eles continuavam insistindo que não davam a mínima. Eles diziam a todos que só queriam

tocar música e se divertir, e não se importavam com contratos de gravação. Desde o início, haviam decidido não tentar entrar em shows de fim de semana altamente desejáveis (como o Poison fez). Axl Rose tinha verdadeiro orgulho de o Guns ter conseguido se manter no sistema a duras penas: começando em noites "pagou-tocou" às segundas e terças-feiras, em que a banda basicamente alugava o recinto e tinha que vender os próprios ingressos (e foi aí que o trabalho duro de fazer flyers e promoção em ruas realmente compensou), depois mudando para as quartas e quintas, enquanto iam ganhando público. Axl acreditava que eles tinham de "tocar em dias úteis. Tocar em qualquer lugar e, a partir daí, tentar trabalhar para um caça-níqueis principal [aos fins de semana]. Fizemos isso, e levou um bom tempo".

Mas então, como qualquer banda, o Guns teve que desligar o foda-se em relação a gravar discos. À medida que o burburinho aumentava, à medida que as pessoas começavam a perceber a destemida autenticidade da apresentação do grupo, com Slash em fúria total e Axl berrando ajoelhado até seu rosto ficar vermelho de sangue e as veias do pescoço saltarem como cabos de aço, e à medida que eles iam ficando melhores e mais coesos, a banda começou a se dar conta de que só sairia do circuito dos clubes se assinasse um contrato de gravação com uma das gravadoras da época.

Finalmente, por volta de outubro de 1985, eles começaram a fazer perguntas a Vicky Hamilton a esse respeito. Ela vinha atuando como empresária do Crüe, do Poison e do Stryper, e conhecia todos os músicos principais. Vinha agendando shows para a banda havia cerca de um ano, através de várias formações, mas nunca tivera interesse em ser empresária deles até Slash se juntar ao Guns no mês de junho anterior. Ela disse a Izzy que poderia levá-los para conversar com as gravadoras – isso se eles realmente a quisessem como empresária. Esse era um assunto um pouco delicado, já que eles ainda não tinham um empresário, mas ficou claro para Vicky – e para a indústria – que, se ela conseguisse um bom contrato para o Guns N' Roses, atuaria como empresária da banda.

O Guns precisava de uma fita demo, então gravaram cinco músicas em um pequeno estúdio de punk rock em Hollywood.

Duff McKagan disse que o futuro produtor do Guns, Black Randy, da banda Metro Squad, pagou pela sessão, que custou cerca de 300 dólares. Existem várias fitas demo do GN'R desse período, mas o mais provável era que as músicas dessa fita fossem "Jungle", "It's So Easy", "Nightrain", "Move to the City" e "Reckless Life". Vicky se lembra de que elas foram editadas "ao vivo" no estúdio e se aproximavam da energia explosiva da banda em shows. Ela começou a distribuir cópias da fita para o pessoal de algumas gravadoras que sabia que ficariam interessadas.

Duff diz: "Então continuamos tocando. Tocávamos às segundas no Troubadour. Depois passamos a tocar às terças". O Guns abriu para muitas bandas de speed metal. "Na época, o simples fato de abrir para bandas no Troubadour foi uma espécie de Deus para nós. Ficamos todos, tipo, 'Uau – estamos conseguindo!'".

O Guns voltou a tocar no dia 18 de outubro no Country Club Chuck Landis (lotado) em Reseda, e depois no show Radio City's Halloween em Anaheim. Em meados de novembro, começaram a aparecer flyers em Hollywood e em shoppings de Valley, anunciando o próximo show da banda:

VICIADOS – Só os fortes sobrevivem – Guns N' Roses – 22 nov. sexta – Troubadour 22h30 – $6.50 / mínimo 1 bebida

O novo logo da banda, elaborado por Slash, aparecia acima de uma foto de visual glam, quase um visual estilo Poison, um Guns cuspindo sementes de melancia. O logo era uma representação tosca de revólveres Magnum .44 cruzados, a famosa arma mortal de vingança vigilante empunhada por Clint Eastwood nos filmes extremamente populares *Dirty Harry*; na imagem, os .44 estavam envoltos por galhos espinhosos de rosas que percorriam os longos canos dos revólveres.

Esse show foi parte de um experimento, para ver se duas dançarinas sem roupa renderiam alguma coisa para a apresentação. A ideia foi de Axl, abortada poucos shows depois.

Duas das garotas que frequentavam o "forninho decadente" do estúdio do Guns mais tarde seriam imortalizadas em músicas. Barbi Von Greif era uma fadinha fofa e criativa como qualquer outro membro da banda. Uma eventual stripper que trabalhava de tapa-sexo e se autointitulava "rebelde", ela se envolveu com Izzy e Axl em vários momentos e influenciou os cabelos e a maquiagem de Axl naquela época. Mais tarde, Axl afirmou que Barbi tinha um instinto impressionante para o que era descolado em termos de música, drogas e estilo. Uma de suas ambições era ter uma banda própria, e o nome da banda seria Rocket Queen.

Depois, houve uma adolescente chamada Michelle. De acordo com a maioria dos relatos, a desvairada Michelle, a primeira menor de idade presa em Hollywood aos 15 anos, seguiu Axl até o quarto da banda no dia errado, em dezembro de 1985. Axl estava em um daqueles dias. Ele agarrou Michelle, rasgou suas roupas, jogou-a no beco e trancou a porta. Eles não fizeram sexo, pelo menos não nesse dia.

Mais tarde, ao dar entrevista ao *L.A. Weekly*, tentando se defender ou, ao menos, descrever a má reputação do Guns, Axl contou sua versão. "Uma vez, essa garota hippie andou pelo nosso estúdio e começou a ferrar o equipamento, tentando quebrar as coisas." Alguém sugeriu chamar a polícia, porque a garota estava chapada, gritando por atenção, fora de si. Mas Axl alertou que a polícia só reverteria a situação e os ameaçaria por terem pegado aquela pobre menor de idade. "Então, por fim, ela acabou correndo pelada pela Sunset, totalmente doidona [chapada], sem sequer saber a porcaria do próprio nome."

Depois, naquele mesmo dia, a polícia apareceu, e então chegaram caminhões de bombeiros. Estavam procurando Axl, escondido atrás dos amplificadores com outra garota. Os policiais fizeram todos os outros saírem e formarem uma fila do lado de fora, e trouxeram Michelle, que estava descontrolada e gritando "estupro", mas então ela identificou outra pessoa como Axl, e aí os policiais souberam que se tratava de um erro.

Axl dá risada da lembrança. "Ser mau dá muita adrenalina! Enquanto os policiais estavam lá fora ameaçando todo mundo,

fazendo perguntas idiotas, eu estava com uma garota atrás do amplificador, mandando ver. *Isso é que é adrenalina*! Porra, do que eu escapei! Foi realmente alucinante!”

Ainda mais alucinante foi o que a polícia disse ao Guns: na Califórnia, mesmo sem acusação de estupro, o mero fato de fazer sexo com uma menor de idade bastava para ir parar na cadeia. Os policiais mandaram Axl se entregar e foram embora. Logo depois, Slash ouviu dizer que também seria acusado de estupro de vulnerável. Então a banda soube que o esquadrão de narcóticos do Departamento de Polícia de Los Angeles estava interessado nas atividades extramusicais da banda e queria questioná-los sobre os rumores de que estavam cafetinando certas garotas. Então Axl soube que policiais disfarçados estavam vigiando o beco à procura dele, porque Michelle ainda alegava estupro e queria prestar queixa.

“Eles estavam falando de uma pena de cinco anos”, disse Axl. “Aquilo meio que me fez baixar a bola por um tempo.” A banda cancelou um show em 20 de dezembro no Music Machine, porque Axl era um homem procurado.

Ele foi para a rua. Dormiu sob o toldo da área de carga e descarga da Tower Records. Uma lixeira atrás do Sunset Plaza oferecia abrigo. Foi ameaçado em postos de gasolina por tentar usar os banheiros. Foi impedido de entrar em uma loja de conveniência 7-Eleven por causa das roupas que vestia. O dono iraniano de uma pizzaria o ameaçou com uma faca de açougueiro. Certa vez, Robert John estava levando Izzy de carro para algum lugar. “Paramos no sinal vermelho. Um sem-teto estava dormindo no banco de um ponto de ônibus. ‘Ei, olhe’, disse Izzy, como se não fosse nada de mais, ‘lá está Bill’.” De fato, W. Axl Rose estava descansando na Sunset Boulevard naquela noite.

Uma vez, tarde da noite, Vicky Hamilton atendeu o telefone em seu apartamento na North Clark, 1114, logo acima da colina do Whisky a Go Go. Saul Hudson estava na linha. “Vicky, você precisa esconder o Axl”, falou, em voz baixa. “A polícia está na nossa cola, querem acabar com ele.”

Vicky perguntou por quanto tempo Axl precisava de um

lugar para se esconder. “Só um ou dois dias”, disse Izzy. Logo Axl chegou, sob o abrigo da noite. Ele jurou a Vicky que não havia estuprado a garota. *“Ah, pronto”,* pensou Vicky, *“estou abrigando um fugitivo estuprador.”* Um ou dois dias depois, mais ou menos quando outra acusação de estupro foi feita contra Slash, o Guns abandonou seu estúdio no meio da noite e também se mudou para a casa de Vicky. Ela e Jennifer Perry dividiam o único quarto do apartamento, enquanto a banda se amontoava na sala de estar entre seus instrumentos e equipamentos. Eles ficaram na casa de Vicky durante os três ou quatro meses seguintes, enquanto ela promovia a banda para as gravadoras, continuava agenciando-os e negociava o fechamento de seu contrato como empresária com o agora fora da lei Guns N’ Roses.

No fim, as acusações de estupro contra Axl e Slash seriam retiradas. Os rumores na Sunset Boulevard eram que Axl havia feito sexo com a mãe de Michelle, que convenceu a filha a esquecer o assunto.

11. Discos gravados no início do século xx exclusivamente por e para afro-americanos. O termo foi utilizado sobretudo entre os anos 1920 e 1940, indicando o público para o qual esses álbuns eram voltados. [N. T.]

12. Referência à música “Santa Ana Winds”, da banda Survivor. [N. T.]

13. Junção de “teeraniano” (da capital Teerã) e “losangelinos” (de Los Angeles), em inglês. [N. T.]

14. Referência a trecho do hino nacional norte-americano, *The Star-Spangled Banner*. [N. T.]

Capítulo 4

VITÓRIA OU MORTE

Uma banda é uma forma extrema de codependência, para usar um termo da reabilitação. É como um casamento sem sexo, sem a festa, sem amor, sem filhos, sem golfe, sem os almoços de domingo, sem os sogros. Quando uma banda se junta, você entende que o cara dará conta do recado. Mas nossa! Eles são tão estranhos. E, quando você consegue um hit, fica ligado a essa pessoa estranha pelo resto da vida.

– Pete Townshend

A alternativa perigosa

Em janeiro de 1986, uma fofoca corria solta na Strip entre os roqueiros glam, a turma do laquê, os punks bonitinhos e as wannabes adolescentes: a banda favorita de todos eles, o Guns N' Roses, estava foragida. Mas esse burburinho das ruas na verdade ajudou o Guns em certos círculos: entre os céticos que os chamavam de Whines N' Posers [Reclamões e Posers] e Lines N' Nosers [Carreiras e Cheiradores], bem como entre os cansados cínicos do ramo de gravações que estavam demorando muito para acreditar que o Guns era um tiro certeiro, uma verdadeira banda inata de bad boys – o que, se fosse verdade, faria a fortuna do grupo, porque uma banda de bad boys *de verdade* não aparecia desde os Sex Pistols, dez anos antes.

Os novos cartazes "Move to the City" eram pregados, agora

ilegalmente, em árvores e postes pelas avenidas Sunset, Hollywood e Santa Monica. Eles anunciavam o próximo show da banda no mundialmente famoso Troubadour, de Doug Weston, no dia 4 de janeiro.

> **Se recomponha / Beba até cair / Esqueça o amanhã / Tome outra dose / Sáb. 4 de jan. 23h/ $2 de desconto com o ◦yer**

A foto da banda mostrava Slash de chapéu preto pela primeira vez. Os outros integrantes estavam curvados como cães matadores de ovelhas em escombros bombardeados de um canteiro de obras na Sunset com a LaBrea. “Move to the City” foi rabiscado na parede como um grafite, refletindo a popularidade da música nas ruas e suas perspectivas atualmente quentes como primeiro single da banda – se um dia eles assinassem contrato. Na parte de baixo do flyer, refletindo a condição fugitiva da banda, havia um apelo irônico para sua crescente base de fãs:

> **Enviem doações para: Guns N’ Roses / Fundo Nos Mantenham Fora da Cadeia / 9000 Sunset etc.**

Havia um certo receio de que Axl pudesse ser preso no Troubadour, mas a polícia nunca apareceu. Algumas pessoas achavam que ou eles tinham parado de acreditar que alguém havia sido estuprado, ou simplesmente deixaram de se preocupar com isso.

Duas semanas depois, o Guns deu um show irado no Roxy diante de um público vibrante e em total sintonia com a performance “vida ou morte” da banda. Todos usavam maquiagem carregada: kajal e batom. Axl vestia seus novos trajes sadomasoquistas: calças pretas de vinil, abertas perto da braguilha, que ele (mal) cobriu com uma calcinha de biquíni de couro, botas pretas de montaria de couro, um casaco preto de couro, aberto para deixar à mostra seu mamilo esquerdo com um piercing novo, vários braceletes de couro e prata, óculos espelhados de aviador, quepe de motociclista de couro legítimo,

do tipo que se tornou popular em clubes fetichistas e bares gay. Quando Axl tirou o quepe, seus cabelos ruivos brilharam em tons alaranjados sob as luzes do palco, eriçados ao máximo e bem no alto. ("O único motivo para eu colocar o cabelo para cima", disse Axl na época, "era porque Izzy tinha fotos dos Hanoi Rocks e eles eram maneiros. E porque saíamos com um cara que estudava penteados na revista *Vogue* e manjava dessa coisa de cabelo.")

Detonando pelo palco em um transe xamânico durante algumas músicas, mexendo os quadris em "s", pisando no microfone e fazendo outras coreografias, Axl orgulhosamente exibiu suas tatuagens recentes: uma morena exuberante sob a rosa no ombro direito; o cartoon da "rocket queen", com os olhos arregalados, no ombro esquerdo, acima de outra tatuagem semelhante a um distintivo militar, um zíper vermelho dividindo um escudo amarelo sobre o lema em espiral: VITÓRIA OU MORTE.

Slash tocou seus solos retumbantes usando calça jeans, tênis e uma camiseta com o logo alado do Aerosmith. Metais brilhantes em formato de concha circulavam sua cartola preta. Izzy ficou à direita de Axl, tocando com a camisa larga de sempre e um chapéu molenga, o anel dourado na narina direita refletindo a luz do holofote. Duff, que fazia a segunda voz na banda, ficou à esquerda de Axl, com paramentos punk e um chapéu de soldado do Exército Vermelho Russo com espadas cruzadas sobre o tecido. (De certa forma isso era apropriado, já que Duff também tinha o hábito de tomar uma garrafa de vodca por dia.) Steven, no riser da bateria, estava em constante movimento, mexendo-se com energia de sobra, uma presença cabeluda, sorridente e radiante, ficando ligeiramente para trás no tempo das batidas e demonstrando estar no melhor momento de sua vida. A banda inteira tocou em frente a um novo banner branco ostentando os Colts .44 cruzados de Slash envoltos pelos espinhos das rosas. O Guns N' Roses tinha a aparência e o som de uma gangue de anjos caídos que tinham vindo à terra para salvar o rock and roll dos anos 1980.

Após esse show no Roxy, a "gunsmania" começou a crescer sem

parar. As pessoas em Hollywood nunca tinham visto tamanho frenesi por uma banda sem contrato. Seis meses depois de vagarem pelo deserto, apenas meio ano depois de terem se tornado irmãos na Jornada Traiçoeira, ainda vivendo nas ruas a maior parte do tempo, o Guns N' Roses tinha a aparência e o visual do Próximo Grande Sucesso. Outras pessoas viam a banda como o Novo Messias. Mais tarde, Joe Perry disse que o Guns N' Roses foi a primeira banda desde o Led Zeppelin que o fez pensar no Led Zeppelin.

Quem presenciou isso jamais se esqueceu da sensação naqueles primeiros meses de 1986. Vicky Hamilton viveu esse momento: "Eles ficaram populares do jeito antigo – pelo boca a boca. Basicamente, as pessoas não conseguiam parar de falar deles. Foi intenso a esse ponto. Nós olhávamos uns para os outros e dizíamos, 'Meu Deus – está acontecendo rápido'. Quer dizer, nos primeiros shows havia vinte pessoas, depois, cem, e então, em *pouquíssimo* tempo, eles passaram a ter, tipo, centenas de pessoas aparecendo para vê-los. Depois, havia filas *imensas* nos clubes, e o pessoal não conseguia entrar no lugar". Os garotos ficavam perto dos clubes onde eles tocavam só para se aproximarem da energia e conversarem sobre a banda com outros fãs que não conseguiam entrar.

"As multidões cresciam cada vez mais a cada show", disse Robert John. "Havia muitas bandas boas por ali, mas [o Guns] gerava comparações com o Zeppelin, os Stones, o Aerosmith. Havia uma sensação no ar de que algo importante estava acontecendo. A maioria das conversas eram sobre Axl – de que ele era perigoso, volátil, muito rock and roll, correndo por todos os lados, bem na sua frente, tentando obter uma reação, enchendo seu saco, transbordando de energia."

Axl afirmou que, "de uma hora para outra, ouvimos dizer que circulava em todo o país um burburinho sobre nós entre executivos de gravadoras. E, já que muitos deles tinham perdido seus metaleiros, de repente começaram a nos procurar e a falar sobre nós".

"Tínhamos uma vantagem", contou Slash à VH1 anos depois. "Tínhamos esse quê assustador e imprevisível sobre o que fazíamos. Não estávamos nem aí em relação a nada que acontecia

ao nosso redor. Não havia limites. E Axl, por mais complicado e volátil que seja... tudo o que você pode achar complicado ou difícil em Axl é o que lhe dá combustível para ser um showman tão incrível e um compositor tão estupendo."

Até então, tudo isso estava acontecendo fora do radar da mídia. Houve algumas resenhas de shows de clubes em fanzines e jornais alternativos. Um colunista chamou o Guns de "perigosa alternativa aos grupos de metal que usam maquiagem, como o Cinderella e o Poison".

"Maquiagem, roupas de lycra e toda essa merda", disparou Axl, "não fomos por nenhum desses caminhos. Só saíamos e tocávamos rock and roll."

A banda mais foda do planeta

Fim de janeiro de 1985. Eles podem ter sido a banda mais foda do planeta, e podem ter sido os mandachuvas da Sunset Strip (principalmente porque o Mötley Crüe estava fora em uma longa turnê e ninguém levava o Poison a sério, porque eles eram péssimos e tinham cabelo rosa). Mas a triste verdade era que o Guns N' Roses não tinha um tostão furado e morava na sala de estar de sua agente – menos Duff, que estava hospedado na casa de uma garota húngara chamada Katarine no agitado Laurel Canyon.

O Guns precisava de algum dinheiro para continuar. Os amplificadores e outros equipamentos estavam surrados e necessitavam de reparo constante. Eles precisavam de uma van. Precisavam de pratos de bateria, cordas de guitarra, roupas, comida e drogas. Duff trabalhava com telemarketing. Slash vivia à custa de dançarinas exóticas em clubes de strip como o The Body Shop e o The Seventh Veil. Em geral, suas namoradas strippers moravam em hotéis de estrada razoáveis ou compartilhavam apartamentos de respeito. Slash foi despedido da fábrica de relógios por passar o tempo todo promovendo o Guns pelo telefone pago. A essa altura, ele já estava dando duro pela banda: promovendo, elaborando desenhos e flyers, fazendo

ligações telefônicas e, como afirmou, "transando com as pessoas certas". Steven Adler tinha vários trabalhos diferentes de meio período, como lavador de pratos, zelador de uma casa de boliche, pizzaiolo, jardineiro. Izzy trabalhou por pouco tempo em uma loja de guitarras, mas na maior parte do tempo vendia drogas. Mais tarde, Izzy foi descrito por Danny Sugerman, empresário dos Doors, como "alguém lembrado na cena junkie de Los Angeles como figurinha carimbada entre os clientes da heroína marrom iraniana que na época era farta".

Axl também trabalhou um pouco com telemarketing, e supostamente trabalhou à noite em lojas variadas. Quando o clima estava ameno, ele dormia nos fundos da Tower Video, embaixo das escadas de trás. Ele e Izzy também se voluntariavam para testes realizados na UCLA, em Westwood, onde ganhavam oito dólares por hora fumando cigarros pela ciência.

Na maioria das vezes, eles se aproveitavam de garotas. Se uma delas queria passar a noite, não podia chegar de mãos abanando. Compras de supermercado, bebidas alcoólicas, drogas e sexo às vezes eram aceitos como presentes em homenagem à banda. Um dos golpes de Duff era ligar para alguma garota louca por bandas. "Era tipo: 'Viu, meu baixo acabou de ser enviado do lugar 'X' e eles se esqueceram de soltar as cordas, então as porras das cordas romperam e preciso de um conjunto novo; você pode me emprestar 20 dólares, por favor?'"

Slash também não tinha nenhuma vergonha de pedir dinheiro nos bares. "Eu ia ao Whisky, ao Rainbow e ao Roxy algumas noites da semana, e mendigava dinheiro de todo mundo." Ele se queixava de que a van alugada da banda tinha sido rebocada, que ele morava lá na PQP em Silver Lake e que a única maneira de voltar para casa era se alguém lhe desse 20 mangos para ajudá-lo. "Parece bem baixo", disse ele mais tarde, "mas às vezes a coisa chegava a esse ponto."

De acordo com Axl, eles aprimoraram suas habilidades de sobrevivência nesse período por meio de constantes banhos de realidade. "O que fazíamos era gritar uns com os outros feito loucos, dar uns tapas bem dados se alguém estivesse fodendo com tudo ou usando drogas demais. Dizíamos, VOCÊ ESTÁ ESTRAGANDO

TUDO, CARA! NÃO TEMOS TEMPO PRA ISSO, PORRA! Tipo, não queríamos foder ninguém na banda, só assustar com uns tapas porque não queríamos perder o que tínhamos."

Um ano depois, questionado sobre os rumores de que a banda traficava drogas, Axl foi excepcionalmente franco. "Estávamos quebrados", respondeu, "e explorávamos as drogas. Falamos abertamente sobre isso, mas era o trabalho que tinha. Pouca gente sabia disso, mas aí bandas grandes começaram a rodear e a querer tirar proveito de nós – e precisávamos de dinheiro, é claro… então acabou que ficamos no centro disso. Foi aí que virou bagunça."

"Todos eles eram festeiros", confirmou Vicky, mas ela afirma que nunca viu nenhuma agulha em seu apartamento. "Meu único envolvimento nessa parte era levar Izzy para a reabilitação." O Guns N' Roses pode ter sido a banda com a pior reputação de Los Angeles, a banda mais predisposta a morrer, mas alguns veteranos da indústria já percebiam que o Guns também poderia surgir como o grupo com o vigor, a visão, a ambição e a coesão interna necessários para se tornar um verdadeiro gigante.

E também havia quem gostasse do Guns pelo fato de os caras conferirem à cena conflituosa e muitas vezes falsa do meio musical hollywoodiano o odor sulfúrico da juventude autenticamente maldita. Todo mundo falava sobre isso. Ninguém tinha sido publicamente doido a esse ponto desde o fim dos anos 1960, quando gigantes como Brian Jones, Jim Morrison e Janis Joplin perambulavam por Santa Monica Boulevard perguntando apenas onde ficava o bar de uísque mais próximo.

Depois de um mês com o Guns N' Roses morando no apartamento de Vicky, o imóvel estava em péssimo estado. O proprietário enviou a ela uma carta de despejo. Os vizinhos estavam em polvorosa com os junkies com cara de espantalho que emporcalhavam as escadas e a ralé que tocava discos do Metallica em volume máximo até tarde da noite. Havia pilhas de equipamentos até o teto. O piso do apartamento era um miasma insalubre de cinzeiros transbordando, crostas de pizza, latas de cerveja, garrafas de bebida, cuecas sujas e apetrechos para

drogas. "Tipo, nós *destruímos* o apartamento dela", disse Axl com um sorriso de desdém à biógrafa inglesa Sylvie Simmons. "Éramos como cinco sacos de lixo em uma só sala, além das garotas que vinham passar a noite." As garotas tinham receio de fazer uma limpeza, porque às vezes Izzy rabiscava letras de músicas novas no fundo das caixas de pizza.

Com sua habitual franqueza mesquinha, Axl cuspiu no prato que comeu: "A coisa perdeu o controle, ficou brutal demais. Essas duas garotas eram, tipo, loucas por homens e por bandas, e nenhum cara de banda queria ficar com elas, nem fodendo, muito menos nós". Ele passou a acusar Slash de estender essa situação a qualquer custo.

Barbi Von Greif se lembrou dessa época como "uma festa de 24 horas, literalmente. Eles tinham Tupperware cheios de cocaína, todo mundo drogado, usando ecstasy, sempre alguma música escrita numa caixa de pizza, alguns corpos no chão", deitados por lá quando apagavam.

Vicky Hamilton sabia que estava a somente algumas semanas de conseguir o contrato de gravação para o Guns, mas o cenário de seu flat agora estava tão louco que ela vinha pensando em se mudar para um hotel até finalmente conseguir o contrato para a banda e eles arranjarem um lugar próprio.

Que a gente seja amaldiçoado

A corrida maluca para assinar um contrato de gravação para o Guns N' Roses começou no início de fevereiro de 1986.

Vicky Hamilton já estava levando o Guns para reuniões com gravadoras quando a banda passou a morar com ela no fim de 1985. Quando ela começou a atuar como empresária do grupo em 1986, pegou emprestados 25 mil dólares de Howie Huberman, dono da loja de instrumentos musicais Guitars R' Us, para financiar uma campanha contratual e comprar equipamentos e roupas para a banda. (O nome da loja ajudou a inspirar a maneira como a banda decidiu padronizar a grafia de seu nome nessa época.) Vicky continuava agendando shows legais para

eles, às vezes com a Lions & Ghosts, uma banda de rock alternativo que ela adorava, mas que irritava Axl.

Vicky acreditou que estava atuando como empresária do Guns, mas na verdade a banda tinha outras ideias e também trabalhava em benefício próprio. Axl e Izzy escreveram uma carta para o promoter Kim Fowley, de Los Angeles, um veterano da cena pop hollywoodiana que já atuava na área havia 20 anos. A carta, descrita como "grandiosa, por um lado, e carinhosamente ingênua, por outro", destacava o crédito impecável da banda nas ruas e sua postura desafiadora antiautoritária. Eles disseram a Fowley, com seriedade total, que agradavam apenas a si mesmos, e qualquer um que não entendesse isso era inimigo deles. Fowley ficou interessado o suficiente para ver o Guns tocando no Roxy e oferecer a Axl um contrato de publicação por suas músicas.

Uma noite, no Troubadour, Axl contou a Vicky sobre isso. Ele lhe disse que Fowley havia oferecido 2.500 dólares por música, para direitos de publicação das canções. Axl, que não tinha um puto no bolso, pensou que o acordo poderia ser bom. Vicky ficou chocada. "Axl, você está louco?"

"Ah, porra", disse ele, "posso escrever um milhão de músicas." Fowley, que agora estava comentando que o Guns seria o próximo grande sucesso, ficou tão furioso com Vicky por ela arruinar esse acordo que a seguiu até o banheiro feminino do clube, gritando com ela por ter ajudado Axl a proteger seus direitos.

Mais ou menos na mesma época, havia outra fita demo com cinco músicas, editada com o produtor Spencer Proffer, que incluía as baladas "Don't Cry", "Patience" e "Used to Love Her". Mas a banda teve uma briga com Proffer: as faixas eram polidas demais, limpas demais, e não representavam o ataque sonoro cru e segmentado do grupo. Então Paul Stanley, guitarrista do KISS, começou a cortejar o Guns – aparecendo nos shows e criando rumores de que desejava ser produtor da banda.

"Slash o chamou", disse Axl à *Hit Parader*, "e me sentei com ele para falar sobre produção, além de tocar a demo. Imediatamente, ele quis reescrever duas de nossas músicas favoritas, então tudo acabou aí". Depois disso, Axl não queria mais falar com Stanley. Sequer queria olhar na cara dele. Em seguida, Stanley ouviu dizer que Slash estava espalhando boatos

de que Paul era gay. Stanley achou engraçado, já que Axl se apresentava com roupas fetichistas e maquiagem pesada. Mais tarde, Slash concordou que Stanley era um cara legal, mas não fazia a menor ideia de quem era o Guns.

Nesse período, houve vários pedidos por fotos publicitárias do Guns N' Roses e biografias da banda prontas para a imprensa. Aproveitando a oportunidade, Vicky enviou uma foto de 1985 da banda tirada por Robert John e a seguinte biografia do grupo:

guns n' roses

Um desleixo desvairado e compostura de rua são englobados pela música do experiente e sexy Guns N' Roses. Originária do underground de Hollywood, a banda tem confiança, poder bruto e a autenticidade da real sobrevivência das ruas. Um poder baseado nos golpes duros e profundos da realidade faz com que a música do grupo exale confiança em si mesmos e em sua música.

Izzy Stradlin e W. Axl Rose tocaram juntos e separados durante dez anos antes de formarem o Guns N' Roses na primavera de 1985. Logo chegou o dueto composto por Slash e Steven Adler, que haviam trabalhado juntos por quase cinco anos. O baixista Duff McKagan completou a turma. Sua experiência anterior como guitarrista, baterista e vocalista consagra seu lugar na banda.

O Guns N' Roses é a combinação de pessoas e personalidades pelas quais cada membro vem lutando desde seu início no rock and roll, há muito tempo. Ainda que egoístas pelo fato de agradarem a si mesmos em primeiro lugar, isso permite que a banda toque a música na qual realmente acredita. O Guns N' Roses toca na pura força da emoção e do sentimento, o que pode ser percebido em suas performances altamente visuais e cheias de energia. Não têm medo de serem eles mesmos, e se recusam a comprometer a própria atitude e crenças por alguém ou alguma coisa. Eles pagaram sua dívida com a sociedade e estão prontos para ganhar o mundo...

Nas palavras de Axl Rose:

"Que a gente seja amaldiçoado se isso não for tudo o que pudermos dar, ou então a vida não faz sentido."

Em meados de fevereiro de 1986, os executivos veteranos da era dos anos 1960 que dominavam as principais gravadoras em Los Angeles – CBS, ABC, RCA, London, Capitol, Chrysalis, Atlantic, Warner/Reprise, Elektra/Asylum – chegaram a ouvir, de seus filhos adolescentes mimados e rueiros, que eles seriam muito perdedores se não selassem um contrato com o Guns N' Roses. Nos estacionamentos das escolas do ensino médio de Hollywood,

Beverly Hills, Brentwood, Sherman Oaks, Malibu, Van Nuys, Encino e Orange County, os jovens não falavam de outra banda. Os homens que dirigiam as gravadoras, por sua vez, diziam a seus funcionários que o trabalho deles agora dependia de obter as assinaturas trêmulas do Guns em um de seus contratos de gravação abusivos e exploradores. No setor de discos relativamente pequeno de Los Angeles, a ansiedade poluía o clima já nocivo.

No início, Vicky imaginou que a Elektra Records assinaria contrato com eles. A gravadora se saíra bem com o Mötley Crüe, mas, apesar de algumas promessas e prazos perdidos, ela não chegou a um acordo. A verdade é que os executivos da gravadora já sabiam de tudo sobre o Guns N' Roses e tinham pavor de serem associados à banda. A reputação deles já era conhecida e os precedia como um cheiro ruim. Alguns jovens músicos de rua tinham ido às festas da banda no beco atrás do estúdio e visto os viciados e bêbados que saíam com a banda – alguns dos quais, na verdade, faziam parte do grupo. Dizia-se que, quando o Guns explodisse, o que era inevitável, a banda levaria você e sua carreira junto. Todos perguntavam uns aos outros: *Você contrataria para uma grande gravadora cinco maníacos sem nenhum controle, com problemas declarados com autoridade, alguns dos quais reconhecidamente viciados, uma banda que parece determinada a se destruir?*

A essa altura, Vicky estava vendendo as fitas demo em tempo integral. A Elektra Records adorou a fita. Vicky levou Peter Philbin, executivo dessa gravadora, a um show do Guns, e no dia seguinte todas as outras gravadoras começaram a ligar sem parar para falar da banda. “Foi aí que descobrimos que todos os executivos de gravadoras se conheciam”, disse Axl, “e, se um cara nos queria, todos os outros queriam. Então eles começaram a brigar entre si.” Certa noite, no calor da batalha, Axl jurou a uma executiva atraente e sedutora do departamento artístico de que o Guns assinaria contrato com a empresa se ela andasse pela Sunset Strip completamente nua, por pelo menos três quadras. A mulher sorriu e disse que pensaria no assunto.

Em uma tarde ensolarada de inverno, Vicky caminhou com Axl, Slash e Duff pela Sunset Boulevard para uma reunião com a Chrysalis Records. O cabelo arrepiado de Duff estava pintado de verde-neon, e ele parecia ter dois metros de altura com as botas. Slash usava cartola e roupa de couro, os cachos pretos escondendo seu rosto. Axl usava seu uniforme habitual de motociclista gay, mas com uma bandana cobrindo os longos cabelos ruivos. Vicky ficou arrepiada ao ver que a aparição glam deles *parou o trânsito* quando atravessaram a rua até o escritório da gravadora na Doheny com a Sunset.

Eles pegaram o elevador até a cobertura e foram levados a um escritório com vista panorâmica para Hollywood e Los Angeles. A Chrysalis era uma gravadora britânica com um histórico maneiro: Jethro Tull, Blondie, bandas de ska da 2-Tone, Billy Idol, as bandas "New Romantic" Ultravox e Spandau Ballet. A empresa era pioneira em clipes musicais. Qualquer banda nova gostaria de assinar contrato com ela.

Axl pôs os pés em cima da mesa do executivo. Vicky lembrou: "Esse cara [Ron Fair] estava desesperado para contratá-los. Ficava gritando que o Guns *tinha que* estar na Chrysalis. A certa altura, ele pegou um bloco de notas amarelo e um pincel atômico, desenhou um símbolo gigante de dólar numa página em branco e deu o bloco ao Axl, como se estivesse mostrando a ele o dinheiro que banda ia ganhar se assinasse com ele".

Agora, Axl já estava em Hollywood havia alguns anos. Ele só olhou para Vicky e perguntou, com um resmungo: "Esse cara é *louco* ou o quê?".

Duff afirmou que "o cabeça da Chrysalis" ofereceu ao Guns 750 mil dólares para assinar com a gravadora. "Só perguntamos, 'Tá, mas vocês já viram a gente tocar?'." A Chrysalis respondeu que não, não ainda. O Guns e Vicky saíram correndo de lá.

"Então continuamos tocando", lembrou Izzy, "e não fomos embora, e fazíamos tanto barulho pela cidade que as gravadoras começaram a vir *nos* ver."

Vicky marcava jantares com o pessoal das gravadoras, em todos os melhores restaurantes, com despesas pagas. Izzy adorava isso. "Fizemos com que nos levassem para jantar fora por algumas semanas. Pedíamos muita comida e bebidas e, então,

dizíamos a eles 'ok, podem falar'." O Guns N' Roses começou a se alimentar bem pela primeira vez em anos. De repente, lá vinha filé de boi *au jus* e o melhor champanhe, lagosta flambada do Maine, bifes grossos no The Palm, muitas idas ao banheiro para cheirar carreiras de pó peruano, caranguejo-real do Alasca, vitela e vinhos envelhecidos, mais cocaína, acompanhados de todas as sobremesas do cardápio e garrafas de conhaque francês quatro estrelas, além de charutos cubanos contrabandeados de Tijuana por garotas mexicanas grávidas.

"O burburinho se espalhou", disse Slash mais tarde, "e continuamos sendo convidados para conhecer esses idiotas das gravadoras." Em um almoço com a equipe do departamento artístico de uma gravadora, Slash descreveu o Guns como meio parecido com o Aerosmith, e Axl, com Steven Tyler. "E a menina [do departamento] solta esta, 'Que Steven?' Só ficamos olhando um para o outro." Ninguém conseguia acreditar nisso. Slash quebrou o longo silêncio que se seguiu. "Podemos tomar outra rodada dessas margueritas?"

A banda bebeu até não poder mais à custa da gravadora e se regalou com o sushi mais fresco, mais delicioso e mais caro que Beverly Hills tinha a oferecer. Um mês depois, quando assinaram o contrato, o mestre da manipulação Slash disse a Vicky que gostaria que isso fosse segredo pelo máximo de tempo possível, a fim de que as outras gravadoras pudessem continuar entretendo-os em grande estilo, ao qual tinham se habituado. Slash, no auge da magia do momento, já sabia que as coisas nunca mais seriam assim para o Guns N' Roses.

Para a maioria dessas empresas, a verdade era que, apesar de todo o falatório no setor, conforme Slash afirmou mais tarde, "ninguém queria, *de fato*, assinar contrato conosco – lidar conosco – nos produzir – ser nosso empresário – e até as porcarias dos donos de clubes também tinham medo de nós". O senso comum entre os executivos de Hollywood se apegava à ideia (que não era de todo errada) de que o Guns N' Roses era uma bomba-relógio prestes a explodir a qualquer momento. O fusível já estava aceso e chiando até o topo do barril.

Foi David Geffen que por fim deu uma chance a eles.

"Só uma"

David Geffen tinha 46 anos e era dono da própria gravadora premium, a Geffen Records. Começou a carreira no almoxarifado de uma agência de talentos nos anos 1960, e então se tornou gestor de talentos de alguns cantores/compositores, como Joni Mitchell e Jackson Browne, que surgiram de uma era anterior pós-folk na Troubadour Coffee House.

Geffen inaugurou sua primeira gravadora, a Asylum Records, no início dos anos 1970, e o selo evoluiu para a primeira plataforma artística de alguns dos principais astros da década, inclusive Mitchell, os Eagles e até Bob Dylan por um tempo. (Conforme já mencionado, o pai de Slash elaborou a capa do álbum mais bem-sucedido de Joni Mitchell, *Court and Spark*, em 1974.)

No auge do sucesso, Geffen foi diagnosticado com câncer e saiu da Asylum. Mas em 1980 ele voltou com uma nova gravadora. Financiada pela Warner Bros., a Geffen Records permitiu que seu fundador – um lendário negociador – tivesse controle total e detivesse metade dos lucros. Então David Geffen construiu uma das gravadoras mais bem-sucedidas da história. O selo conseguiu ouro imediato com a rainha da disco Donna Summer. Em seguida, Geffen lançou *Double Fantasy*, de John Lennon e Yoko Ono, em dezembro de 1980, dois dias antes de Lennon ser assassinado por um fã em Nova York. O último disco de Lennon vendeu milhões no mundo todo e conferiu a Geffen o primeiro álbum e single da gravadora a chegar no número 1. Nesse período, os maiores astros do rock e do pop correram para a gravadora: Elton John, Cher, Don Henley, Neil Young. O Whitesnake preencheu a lacuna deixada pelo Led Zeppelin na MTV e ganhou platina. Em 1985, a Geffen contratou o novo Aerosmith, reformulado e recém-sóbrio – ainda os super-heróis do Guns N' Roses. Os ex-"gêmeos tóxicos" Steven Tyler e Joe Perry estavam frequentando as reuniões do Alcoólicos Anônimos e começaram a trabalhar com compositores de fora na elaboração das canções que catapultariam sua volta à gravação de álbuns

dentro de poucos anos.

Agora, David Geffen, que assistia à MTV como qualquer outra pessoa do setor, queria uma banda de metal de Los Angeles com integrantes de cabelos compridos e atitude arrogante. Pessoalmente, Geffen detestava tipos como o Mötley Crüe, mas queria um crüe para chamar de seu. Os executivos mais bem-sucedidos de seu departamento artístico, como o barbudo John Kalodner, que trabalhava com o Aerosmith, começaram a contar a Geffen sobre o Guns. O único problema era que ninguém queria arriscar a carreira com um grupo instável de delinquentes da Sunset Strip.

Um ano antes, Geffen havia contratado um especialista em departamento artístico: Tom Zutaut, de 25 anos, que vinha da Elektra Records. Em 1982, Zutaut trabalhava como assistente de vendas para a Elektra em Los Angeles depois de migrar do subúrbio de Chicago, onde havia passado a infância. Angelical e com rosto de bebê, muitas vezes vestido com camisas de rúgbi, Zutaut rondava a Strip à noite e ouviu o Crüe, ainda sem contrato. Imediatamente acreditou que teriam futuro. Mas os caras mais velhos do departamento na Elektra ignoraram os discursos patéticos de um balconista gorducho de fora da cidade, então Zutaut passou por cima deles e falou com o dono da gravadora, deixando todo mundo furioso, mas contratando o Crüe e conseguindo uma parede cheia de discos de ouro no final do ano seguinte. Agora, a ordem de Geffen era que ele encontrasse outro Mötley Crüe, e era melhor que fosse dos bons.

Zutaut tinha ouvido falar do Guns N' Roses pela primeira vez no ano anterior, quando entrou na loja de discos mais descolada de todas, a Vinyl Fetish, na Melrose Avenue, e perguntou ao rapaz do caixa cheio de acessórios no rosto se ele tinha ouvido falar de alguma banda nova das boas.

O rapaz olhou para Zutaut e respondeu: "Só uma".

A principal chance do Guns N' Roses se resumiu a um único show em 28 de fevereiro de 1986, sexta-feira, no Troubadour, promovido por Vicky Hamilton como vitrine para as gravadoras. Já que eles estavam basicamente fazendo audições em busca de emprego e do próprio futuro da banda, todos, exceto Axl, enchiam a cara, usavam heroína, cheiravam pó ou todas essas coisas.

Naquela noite, engenheiros de som que estavam presentes calcularam que a banda ligou os amplificadores em 130 dB, ou aproximadamente o som de um Boeing 747 carregado, pronto para decolar.

Quando a banda começou a apresentação (com a autobiográfica “Out ta Get Me”), o pessoal das gravadoras saiu do clube. Vicky recordou: “Eu estava lá fora com 20 pessoas do departamento artístico que eu tinha convidado, porque lá dentro fazia muito barulho. Eu tinha quatro ou cinco gravadoras me dando lances, e os números só cresciam. Até *do lado de fora* estava barulhento. Tom Zutaut veio até mim e berrou no meu ouvido, ‘Se esse cara souber cantar de verdade, vou contratá-los’. Gritei de volta: ‘Não se preocupe – ele sabe cantar!’”.

Zutaut voltou para o Troubadour enquanto o Guns N’ Roses arrasava com “Rocket Queen”, “My Michelle”, “Think About You”. A banda brilhou; a energia era convulsiva. Até mesmo o cansado pessoal do ramo que estava no recinto se mexia e dançava, e os jovens que haviam pagado para entrar pareciam macacos na selva correndo atrás das bananas maduras.

Depois que a banda deixou o palco, Zutaut saiu. Ele teve o cuidado de dizer aos colegas das gravadoras concorrentes que achou o GN’R péssimo. A pior banda que ele já viu. Demônios drogados. Doentes mentais. Nunca conseguiriam sair da Strip. Ele encontrou Vicky na rua. Ela lhe deu uma cópia da demo da banda. Ainda atordoado pelo volume, Zutaut sussurrou, “Leve-os ao meu escritório amanhã”.

Mas “amanhã” era sábado. “Ah, é. Te ligo na segunda.” Zutaut não ligou, mas no dia 5 de março, na terça-feira seguinte, escreveu um bilhete a Vicky pedindo para falar com ela e conversar com a banda.

“Na noite seguinte”, recordou Vicky, “eles foram para a casa de Tom [em Beechwood Canyon] e ele tocou discos do Aerosmith para ouvirem durante a noite toda.” *Toys in the Attic. Rocks. Draw the Line. Aerosmith Live.* Zutaut era extremamente bem-informado sobre as minúcias e tradições secretas do Aerosmith, como o fato de os deuses da guitarra Joe Perry e Brad Whitford não terem tocado no segundo álbum porque a gravadora havia considerado o som deles ousado demais. (Os trechos de guitarra

foram duplicados pelos profissionais de estúdio de Nova York Steve Hunter e Dick Wagner, e se passaram como os do Aerosmith.) O Guns *amava* o Aerosmith. Agora, o Aerosmith estava contratado pela Geffen, dando início a um retorno que logo se tornaria histórico. Portanto, Zutaut lhes disse, o Guns N' Roses também deveria estar na gravadora. Parecia lógico para todo mundo.

Vicky: "E no dia seguinte eles falaram, tipo, 'Vamos assinar com a Geffen!'. Eu disse: 'Piraram? Todas as outras gravadoras estão *se matando* por causa de vocês. Tem um *frenesi desvairado* lá fora'. Axl só me olhou e disse: 'Vamos assinar com a Geffen'". Era um acordo certo.

Zutaut havia dito a eles que nunca tinha ouvido uma banda que tocasse tão alto. Eles gostaram disso. Zutaut disse que eles tocavam mais alto até do que o AC/DC. Isso os deixou impressionados. Zutaut lhes disse que queria gravar com eles em Londres. Ele mencionou Bill Price, que gravara os Sex Pistols. Eles *adoraram* aquilo pra cacete. Axl contou a Zutaut sobre as outras gravadoras que estavam atrás deles, sobre como poderiam ser gigantes nas mãos certas. No dia seguinte, disse Zutaut, ele foi ao escritório e contou a David Geffen: "Acabei de ver a melhor banda de rock and roll do mundo. Acredito que eles poderiam vender mais discos que qualquer outra banda, a não ser o Zeppelin e os Stones". Geffen pegou o telefone e disse ao setor jurídico que elaborasse as minutas.

Zutaut sabia que isso – contratar o Guns N' Roses – era uma coisa das grandes. Era um risco, já que a Geffen não era conhecida por lançar discos de estreia de bandas novas. Mas havia um obstáculo: três membros da banda estavam usando heroína, o vocalista era doido de pedra e o baixista, alcoólatra. Tudo poderia dar terrivelmente errado.

E havia mais uma coisa. Nos dias seguintes, Zutaut ficava nervoso todas as vezes em que olhava pela janela do escritório no número 9130 da Sunset Boulevard. Sua preocupação era se veria a mulher da Chrysalis andando nua por pelo menos três quadras.

Enquanto isso, Axl estava ficando ainda mais esquisito que o

habitual. Todo mundo percebeu. Por ter morado com ele durante alguns meses, Vicky logo aprendeu a detectar um episódio de mania pronto para dar as caras, ou alguma outra mudança em sua condição mental, pelo olhar dele. Se uma luz estranha brilhava nas pupilas azuis de Axl, as coisas poderiam ficar muito bizarras, muito engraçadas ou muito assustadoras – e bem rápido.

"Ele ficava alterado demais", lembrou Vicky. "Hoje, você o chamaria de bipolar. Ou ele era infantil ou um cão dos infernos. Eu tinha muito carinho por ele, mas também lamentava por ele não conseguir confiar em ninguém e por ter tantos problemas com paranoia e controle."

Vicky tinha um dos poucos videocassetes por perto, e Axl passava horas, e mesmo madrugadas inteiras, assistindo a filmes pornô com a menor de idade Traci Lords, bem como vídeos que continham violência extrema.

"Ele costumava alugar umas fitas de *Faces da morte*", afirma Vicky, "e ficava lá sentado assistindo a isso até a eternidade." Elas continham imagens de pessoas em tempo real morrendo em acidentes, sendo executadas, assassinadas ou cometendo suicídio. "Você via os olhos das pessoas sendo arrancados ou gente esmagando cabeças de macacos e comendo seus cérebros frescos." Robert John detestava quando Axl via essas coisas. "Eu ficava horrorizado. Mas Axl *dava risada* disso. Era tão doentio que eu tinha de sair do apartamento quando ele botava essas fitas."

Vicky acrescentou: "O outro vídeo que ele realmente adorava era a versão dos Sex Pistols de 'My Way', com Sid Vicious nos vocais. Axl gritava 'Põe de novo isso aí! Põe! Aê!'.

"Ele assistia muito a MTV, acho que para ver o que outras bandas estavam fazendo. Ele gostava dos clipes de Stevie Nicks, gravava-os na TV a cabo e ficava observando os movimentos dela. Então começou a tentar no palco alguns dos giros de balé que ela fazia, o que foi bem hilário."

Nesse período, afirmou ela mais tarde, Vicky havia parado de tentar entender Axl. "Às vezes, ele é o garoto mais doce que você poderia conhecer, mas, quando surta, é como um pião girando. Ele nem sempre é mau, mas também não é sempre bom. São duas personalidades distintas."

Na verdade, ela o achava assustador. Mas todo mundo achava.

O Guns tocou no Music Machine em 11 de março, depois abriu para Johnny Thunders no Fenders Ballroom em Long Beach em 21 de março. Thunders, ex-New York Dolls (nome real: John Genzale), agonizava com o vício agudo em heroína que mais tarde acabaria com a sua vida em uma pensão em Nova Orleans. Também foi um dos fundadores orgulhosos do que o Guns vinha fazendo, além de ser um herói da cultura pré-punk e pós-Stones para o Guns. A banda disse isso a ele, e todos posaram juntos para fotos.

A burocracia levou algumas semanas para acontecer, e durante esse tempo a banda passou fome e contraiu dívidas sérias com os fornecedores de drogas. Se o acordo desse errado, alguns músicos locais teriam os dedos quebrados – ou coisa pior. Em seguida, houve problemas com a papelada. Slash não queria que seu nome de verdade aparecesse nos contratos ou no holerite, pois não queria que David Geffen soubesse de quem ele era filho. O nome verdadeiro de Axl ainda era William Bruce Bailey, e a gravadora não assinaria um contrato ou faria um pagamento para alguém usando um nome artístico. Então os advogados tiveram que trocar legalmente seu nome para “W. Axl Rose”. Também havia a questão das acusações semipendentes de estupro em West Hollywood, que os advogados da Geffen descobriram durante a auditoria jurídica. (Izzy: “Perguntamos: acusações de estupro? *Que acusações de estupro?*”.) Em seguida, descobriu-se que William Bruce Bailey havia cumprido pena em Indiana e ainda tinha mandados pendentes de prisão em Lafayette por coisas como roubo de veículo, assalto, não pagamento de fiança etc. Foi um aborrecimento grande e caro, mas os advogados cuidaram de tudo.

O Guns era representado por Peter Paterno, um famoso advogado das estrelas no ramo musical. Vicky havia pedido a Paterno que a representasse, e também à banda, nas negociações com Geffen. Ele explicou que não podia representar ambos, já que isso seria um potencial conflito de interesses. Então, usando de

sensatez, ele escolheu representar a banda, o que (ela logo saberia) significou o fim daquela fase marginal da carreira dela.

O Guns deveria assinar contrato no escritório da Geffen Records no dia 26 de março de 1986. Na verdade, a banda não assinou contratos de gravação nesse dia, mas apenas um "pré-contrato", que mais tarde levaria aos contratos de verdade, se o Guns contrariasse o senso comum e sobrevivesse nos próximos meses. Agora, devia-se um adiantamento de 75 mil dólares à banda: metade na assinatura do pré-contrato, metade na execução dos contratos reais. Isso significava que cada membro do Guns receberia um cheque de 7.500 dólares nas duas vezes em que assinassem. Foi um grande dia. Foi o começo de tudo pelo qual a banda havia trabalhado. Era o sonho do rock and roll se realizando para eles.

Vicky Hamilton sabia a verdade. Era o fim do Guns como eles haviam sido – uma autêntica banda de rua de Los Angeles. Ela já conseguia enxergar o que se perderia e o que aconteceria. Mais tarde, ela disse que chorou no dia em que o Guns assinou com a Geffen Records.

Beba até cair

Los Angeles é mais bonita na primavera, quando a vegetação árida fica verde-clara e os bosques florescem em tons de magenta, azul e vermelho. Antes do nevoeiro se dissipar, as laterais das colinas brilham à luz da manhã. Picos com neve cintilam na distante San Gabriels, o ar dos zéfiros do Pacífico é fresco e azulado, e a praia acena para o oeste.

Mas W. Axl Rose havia perdido as lentes de contato, o que estava deixando a banda irremediavelmente atrasada para uma reunião de negócios crucial.

Vicky Hamilton se lembra de que, "no dia em que estávamos para assinar com a Geffen, Axl não conseguia encontrar as lentes. Ele acusou Slash de pegá-las, ou de colocá-las em outro lugar, e então surtou e saiu de casa". Agora, o problema era de outra pessoa. "Eu e Slash só nos entreolhamos. Ele disse:

‘Precisamos encontrá-las’. Então fuçamos todos os bolsos dele e depois achamos as lentes no chão. Olhei para o relógio. Eles – David Geffen, Tom Zutaut, Eddie Rosenblatt [presidente da empresa] – estavam esperando por nós, e estávamos uma hora atrasados. Parecia um pesadelo.”

Slash estava ao lado da janela, olhando para a Clark em direção à Sunset. Ele disse a Vicky, “Vem ver uma coisa aqui”.

Vicky olhou pela janela. Logo abaixo da colina, a uns 30 metros de distância, Axl estava sentado com as pernas cruzadas em cima do Whisky a Go Go, em postura meditativa e de costas para eles, voltado para Hollywood. O Whisky havia fechado enquanto o local era reformado. Axl havia subido os andaimes pela parte de trás.

Eles conseguiram convencer Axl a descer do prédio. Andaram as duas quadras até o escritório de Geffen. Estavam duas horas atrasados, mas a assinatura foi tranquila. Estouraram bons champanhes. O nome de Slash apareceu como “Stash” nos contratos e no cheque.

A banda continuou morando na casa de Vicky por um tempo, até ela perceber que havia sido deixada de fora do contrato e não seria empresária do Guns N’ Roses. Falava-se de uma “consultoria de gestão” para ela com a banda, mas diziam que atrasos eram inevitáveis e que a banda estava procurando empresários em outro lugar. Ela lembrou a todos de que havia contraído dívidas. Os advogados pediam a ela que tivesse paciência. Enquanto isso, ela continuava agendando shows para o GN’R, e a banda começou a gastar o dinheiro do adiantamento. Vicky só observava. “Eles nunca haviam tido dinheiro antes, e de repente virou: ‘agora a vida é uma festa’.”

Os traficantes de droga da banda foram pagos. Slash disse que eles gastaram o dinheiro com drogas e motel. Axl comentou que comprou roupas e levou pessoas aos mesmos restaurantes maneiros. Eles iam de táxi a todos os lugares. Steven tomou café da manhã no Hamburguer Hamlet todos os dias durante uma semana. Um mês depois de terem assinado o contrato, Slash disse o seguinte a um repórter que perguntou como era,

finalmente, estar fora das ruas: "Nossa atitude não mudou nada. A única diferença em que consigo pensar é que agora posso fazer merda e sair impune".

Em 28 de março, o Guns voltou à Sunset Strip para dois shows de ingressos esgotados, dois dias depois que os primeiros flyers vermelhos saíram:

MEXA ESSA BUNDA / BEBA ATÉ CAIR
DIVIRTA-SE
GUNS N' ROSES
2 SHOWS! 20H e 22H / NO ROXY

O show das 22h foi gravado com duas câmeras e é o registro mais bem documentado das primeiras apresentações da banda.

A casa está às escuras. A banda toma o palco. Garotas na fileira da frente gritam. Som de acordes ensurdecedores de guitarra. Axl cumprimenta a multidão. "Bem-vindos ao Roxy! Obrigado por virem. Todo mundo está bem e relaxado?" Ele está usando suas roupas de couro, com uma tanga, o casaco e o quepe de couro envernizado. Entre os acessórios pendurados no pescoço há um Acme Thunderer de prata, o apito de um árbitro de esportes. Ele pede desculpas pelo atraso, explicando que a van da banda foi parada pela porra dos policiais, que os seguraram e os revistaram atrás de drogas. "ELES ESTÃO NA MINHA COLA", berra Axl, e acertou na mosca, no sentido de que o Guns logo se tornaria um para-raios de polícia ainda maior do que antes. Ele canta a música fazendo os movimentos em "s" dos quadris, várias vezes segura o microfone, e Slash faz um solo pra lá de empolgante.

Depois, vão direto para "Welcome to the Jungle", tocada com vários movimentos em "s", luzes piscando e – já nessa época – amplos movimentos de palco, ao estilo de arena, de Slash e Duff. Incisivamente, Axl acaricia a tanga de couro ao cantar sobre o "meu serpentear".[15] Na metade zeppelinesca da música, Axl toca tamborim e maracas enquanto Slash e Izzy fazem surgir a névoa escura do La Brea em Tar Pits[16] por meio de distorções,

reverberação e retorno.

Durante o blecaute entre as músicas, Axl promove o show agendado para a semana seguinte, quando o Whisky irá reabrir. O Faster Pussycat será a banda de abertura. Vicky havia brigado com Axl por causa disso, mas ele insistiu. “Eles são bons amigos nossos”, diz ele às garotas na frente do palco. “Quero que todos vocês venham.”

Em seguida, o Guns começa a tocar “Think About You”, com Izzy no backing vocal, realmente entrando na coisa, e Axl trabalhado no deboche. A cidade grita. O baterista é um borrão de cabelos e braços. Os licks de Slash têm um toque de leveza que lembram Jimmy Page no que ele tem de mais sutil.

A próxima é “Rocket Queen”. O cabeludo Duff é o centro das atenções, juntamente com Steven. A música de duas partes já é um lance formatado, com Axl dominando o rock na primeira metade antes da guitarra de Slash deslizar e guinchar. A segunda metade do hino conta com Axl implantando vários movimentos de dança com e sem o suporte do microfone. O segundo solo de guitarra tem um rock cirúrgico, apresentando várias técnicas de shredding do dia.

Axl desaparece e Slash dá um passo à frente, diz às garotas gritando por ele que se calem, e apresenta “Nightrain” em meio a nuvens de gelo seco. O público observa em silêncio inerte enquanto Slash sobe no riser da bateria e toca o riff principal, enquanto Axl acompanha com maracas. A banda complementa o dinamismo da canção de rock com múltiplas transposições de palco. Quando Axl dá seu chute para o alto no auge da música, o recinto quase implode com a energia liberada.

Blecaute. Os roadies seguram lanternas para que a banda enfileire as drogas que colocaram em cima dos amplificadores no palco.

Em meio a estrondos ostensivos e pavorosos de duas guitarras, Axl dedica “My Michelle” a Tom Zutaut e inicia a música com um grito que poderia ter emergido das fogueiras do inferno de uma igreja pentecostal. A canção é sobre a garota mal chegada à maioridade que gritara “estupro”. Descreve sua família hollywoodiana disfuncional, sua decadente promiscuidade adolescente, seus problemas com narcóticos, suas

dificuldades com limites pessoais. Mas também a considera com empatia amorosa e compassiva, como se os membros da banda a vissem como um reflexo fraternal de si mesmos. Duff e Izzy cantam o refrão; o restante da música é cantado loucamente, em ritmo acelerado. Axl toca chocalho durante o solo breve, mas matador, de Slash, e a apresentação finalmente vai chegando ao seu estrondoso fim.

Blecaute. Slash vai até o microfone. “Qual é, Roxy – o que está acontecendo? Sei que este lugar está vazio. [Repreendendo o público:] Já ouvi coisas *muito* mais altas que isso.” Axl assume o comando: “Essa música significa muito para mim. Ela se chama ‘Don’t Cry’”. A balada no meio da apresentação é cantada com voz de cantor de música romântica na primeira estrofe, mas Axl faz a segunda parte com seu “grito engasgado”, uma voz que parece expressar uma alma em desespero existencial e no limiar da desintegração. Slash toca um solo de guitarra em um blues profundo e suave, com um cigarro recém-aceso queimando em sua boca em meio à cortina de cabelos pretos que cobre seu rosto.

Em seguida, vem “Back Off Bitch”: um punk rock impetuoso e irracional, com Slash cantando o refrão ao microfone junto com Axl. Então Slash dá um passo à frente para apresentar a última música do show: “OK, um último som para vocês... essa música é sobre uma viagenzinha que fizemos... acho que ninguém nunca esteve lá... ela se chama ‘Paradise City’”.

Esse é o registro do Guns sobre a jornada traiçoeira, sobre a Hell Tour, sobre a sensação de estar bem longe. Izzy detona grandes acordes enquanto Slash toca um trecho usando banjo. Então Axl toca a gaita prateada, para e dança com suas roupas de couro rústicas, os óculos escuros escondendo suas feições, o suor escorrendo pela barriga exposta até a virilha. (Foi um intenso exibicionismo masculino para a galera na fila da frente.) Conforme a energia vai aumentando, Izzy tira a jaqueta e toca acordes vestido com blusa e colete brancos. Então Axl se ajoelha na parte do “so far away”, morrendo de tanto gritar, implorando para ser levado a algum lugar seguro e familiar – para casa.

Luzes estroboscópicas cegam todo mundo durante o encerramento. A banda sai. Slash: “Boa noite!”. Baquetas formam um arco pelo ar esfumaçado no clube, a caminho dos fãs ávidos

por suvenires. Todo mundo está surdo.

Outra versão do aiatolá

O primeiro encontro formal do Guns com a mídia foi muito ruim. Até pouco tempo antes, o grupo vinha atuando como underground, uma banda de guerrilha operando atrás das linhas inimigas e sob o radar. Alguns fotógrafos locais os tinham notado, mas nenhuma mídia importante, porque não adiantava dar ibope a uma banda nova sem uma gravadora que comprasse anúncios em revistas ou tempo de transmissão em emissoras.

No início de abril de 1986, a *Music Connection*, a revista semanal de Los Angeles, enviou a repórter Karen Burch para entrevistar o Guns. Haviam prometido que a banda sairia na capa da revista. Vinte anos depois, o texto que ela publicou é a vitrine mais clara de que se tem notícia dos dias em que o Guns N' Roses ainda era um bando de foras da lei na selva – "um por todos e todos por um" –, roubando dos ricos (as gravadoras) e dando aos pobres (caras de banda cabeludos).

Karen iniciou seu artigo deixando claro que tinha ouvido falar sobre os últimos rumores do GN'R: as acusações de estupro contra eles tinham sido retiradas; a banda havia destruído o banheiro feminino do Roxy em uma noite na qual nem sequer tocaram; um Axl furioso tinha jogado uma banqueta de bar num espelho. O burburinho que se ouvia nas ruas era que agora o Guns havia sido banido do Roxy. Ela telefonou para o clube e disseram que a história sobre o banheiro feminino era verdade, mas ninguém tinha sido expulso. *Será que são eles*, perguntou ela a seus botões, *o modelo da eterna boy band de Los Angeles este ano*?

Ela os encontrou ainda morando na casa de Vicky, entre amplificadores de uma parede até a outra, guitarras por toda parte, cinzeiros transbordando, lixo. A essa altura, o contrato de Vicky como empresária da banda ainda estava no ar. Durante a entrevista, o telefone tocou a cada dois minutos. Slash atendeu: "Estação Central – alô? Barbie? Ah, Christine – sim, aqui é o

Slash. Não, não liga pra cá de novo, me liga no outro número". *Plaf*. Amigos e roadies entravam e saíam. Um garrafão verde de vinho branco barato circulava.

Foi Axl quem conduziu a maior parte da conversa, falando devagar e com seriedade. Izzy interrompia com acréscimos sarcásticos, piadas cínicas e hostilidade explícita. Ele desviava das perguntas dela com coisas do tipo: "Faça outra pergunta", "Não ligamos pra isso", "Essa é uma pergunta idiota", "Ninguém está nem aí pra isso", "Próxima", "Foda-se você e sua revista".

Duff parecia bêbado. Steven Adler, impaciente para tentar fisgar a gatinha dando sopa por lá. "O papel de Slash", escreveu ela, "é o de solucionador geral de problemas e mediador da banda."

Ela começou perguntando a idade deles, e a partir daí foi ladeira abaixo. Ela os viu endurecer. Os olhos deles se estreitaram. Ficaram se entreolhando e fuzilaram a jornalista com os olhos.

AXL: "Claro, vamos revelar nossa idade".
DUFF: "Sim, não nos importamos. Tenho 19".
AXL: "Tenho 24".
SLASH: "Não, Duff tem 22 e eu, 19".
IZZY: "De verdade, isso não importa, porra".
SLASH: "É só falar pra ela, cacete".
IZZY: "Na verdade, Axl não tem 24 anos. Ele tem 1 milhão! Ele já viu de tudo, porra!".
VICKY: "Falem a sério – digam as idades verdadeiras".
IZZY: "Qual é o lance com as idades? Essa merda não importa para nós".
SLASH: "Izzy tem 23 e Steve, 21".
IZZY: "Coloca isso no jornal para o Rainbow deixar a gente entrar".
SLASH: "Só não pergunte de onde a gente vem – por favor".
IZZY: "É, que se dane isso. Nada dessas merdas de eu ser de Indiana, que não merece porra nenhuma. É uma merda de cidade que não vale nada. É uma bosta".
SLASH: "Você pode escrever, tipo, 'Indiana é uma bosta'?"
IZZY: "O fato de eu ser de Indiana não tem nada a ver com minha

carreira".

E não parou por aí. A banda não queria conversar sobre a gravadora de jeito nenhum. Perguntas sobre a "imagem" deles causavam grunhidos e comentários rudes. Mas, por fim, Slash descreveu o Guns como "uma banda de hard rock com base R&B. Não é uma banda glam. Nem de heavy metal".

Axl mencionou suas referências. "Ouvimos funk, disco, metal, rock clássico. Ouvimos trilhas sonoras, blues antigo, coisas dos anos 1950 e 1960. Somos influenciados por tudo isso. Estamos tentando ser o mais sinceros possível com nossa música, sem afirmar que somos criadores de nada." Ele acrescentou que as músicas novas em que estavam trabalhando significavam muito para eles.

A repórter perguntou sobre composição. "Todos nós compomos", respondeu Axl. "Escrevo a maioria das melodias e trabalhamos no restante das coisas."

Slash disse que Axl escrevia todas as letras e todos colaboravam com o resto.

Axl continuou: "Escrevemos em vans a caminho dos shows. Escrevemos músicas quando estamos na esquina esperando alguém comprar uma bebida. É... esperando pelo álcool".

"Se é que posso falar por todo mundo", comentou Slash, olhando em volta para seus companheiros de banda já entediados, "a questão principal é que queremos atingir muita gente. Queremos ser uma... *atração mundial!* Não temos que ser aceitos, só queremos ser uma banda que está por aí, porra."

A inspiração de Slash fez Axl entrar num solilóquio de autodefinição:

"Eu vivo pelas músicas", disse Axl. Fez uma pausa. Seu tom mudou, ficando mais sombrio. Ele parecia hipnotizado. O resto da banda acordou do torpor e se inclinou para ouvir. "Se eu enfrentar momentos ruins... bem... *qualquer coisa* que eu tenha de enfrentar vale a pena se puder fazer uma música com isso. Se dormi na garagem de um estacionamento, e senti ódio, e quis desistir de tudo... mas só continuei em frente... e fiz uma música com isso, a partir da experiência... então fico muito contente por ter tido que passar por tanta merda...

“É quando estou no palco que sinto que tenho valor para o público. Trago tudo em que trabalhei no último mês, mostro minhas canções às pessoas e passo essa sensação a elas.

“Quando estou cantando um trecho, penso nos sentimentos que inicialmente me fizeram compor a música. Ao mesmo tempo, penso em como me sinto cantando esses trechos *naquele instante*, e em como eles vão atingir as pessoas na multidão.”

(Essa descrição da experiência consciente de um vocalista ao cantar num palco em um show de rock é praticamente única na história do movimento.)

Axl descreveu o quanto esses sentimentos custavam à sua mente e seu corpo. Toda a banda havia notado como ele tremia após bons shows. “Em geral, eu preciso ter alguém ao meu lado quando desço do palco, porque nem sequer consigo amarrar meus próprios sapatos. Tanta coisa passa pela minha cabeça no palco.” Ele descreveu o fato de olhar para um grupo de 700 pessoas e conhecer 300 delas. Adorava algumas, odiava outras, estava em dívida com uma, havia dormido com outra – dez vezes.

“Você vê tudo isso, e mais – fica pensando na sensação da música. Eu coloco *todas as reflexões que consigo* em cada apresentação e cada verso.”

A sala estava em silêncio. Eles ouviam atentos. O tempo parou.

“E é por isso que eu poderia ser conhecido como... um melodramático. Porque eu me jogo no momento.”

Ufa. Então, quem tem cigarro? Ninguém? Vicky voltou com um pouco de dinheiro, e Steven e Duff saíram correndo atrás de um Marlboro. Karen Burch foi ao banheiro. Enquanto ela estava fora da sala, eles gravaram conteúdos de teor sexual grosseiro na fita para a repórter descobrir depois. Ao voltar, ela ficou chocada ao descobrir que Axl havia quebrado seu gravador. Ele explicou que estava deixando uma mensagem na fita, mas apertou os botões errados e o bagulho estragou. Desculpe. Vicky chegou com outro aparelho e a entrevista continuou.

DUFF: “Estamos fazendo o que queremos”, *glub, glub*, “e estamos

conseguindo".
IZZY: "Esgotamos todos os ingressos em todos os clubes em que tocamos".
SLASH: "Olha aqui, eu não ligo se você acha que minha atitude é ruim ou se isso subiu à minha cabeça, mas esta é a única banda vinda de Los Angeles que é pra valer – e a galera sabe disso".

Karen perguntou como os membros da banda se davam uns com os outros. Slash disse que eles não tinham muitos amigos de fora do grupo.

AXL: "Somos uma família".
DUFF: "Quando saímos, não tem ninguém com quem a gente se divertiria mais. Se um dos caras não está lá e depois aparece, é tipo..."
AXL: "Ótimo – vocês estão aqui! Vamos lá! Estupro! Roubo! Destruição!"
IZZY: "Esse é nosso lema".

Axl disse que achava que a banda ficaria junta enquanto houvesse química entre seus membros.

IZZY: "Até a morte, e um pouco mais".

Steven disse que, mesmo depois de morrerem, eles ainda estariam juntos.

SLASH: "É, quero dizer... eu amava meu cachorro..."
IZZY: "Mas aí ele morreu e agora você tem o Steve".
STEVEN: "Ei, vá se foder!"
AXL: "E não dividimos namoradas".

Isso fez Slash começar a falar. Ele explicou que eles *haviam tido* namoradas em algum lugar do passado, mas que largaram mão delas quando a banda começou a dar certo. "Elas são um pé no saco", opinou ele sobre as namoradas que tiveram. "Demandam muito tempo e têm as próprias ideias que ficam

toda hora jogando na sua cara."

Questionados se eles eram tão "maus" quanto as pessoas diziam que eram, Slash respondeu: "Somos".

Duff acrescentou: "Não temos escolha".

Axl concordou: "Problemas? O tempo todo".

A repórter pediu que cada membro da banda fizesse um desejo. Steven quis paz de espírito. Izzy disse que queria uma Maserati. Slash, um suprimento sem fim de cigarros Marlboro. Duff só queria lançar o disco do GN'R e cair na estrada.

Axl foi mais profético. "Acho que... não gosto dessas coisas. É ridículo, porque estamos *trabalhando* para conseguir tudo o que queremos. Se fosse para desejar algo, seria todo o dinheiro do mundo. Gostaria de ter poder e controle sobre tudo o que existe, e, em terceiro lugar, queria todos os desejos que há para ter."

Slash resumiu: "Axl é só outra versão do aiatolá".

A outra versão do aiatolá tentou encerrar a entrevista. Ele detestou tudo aquilo. Tentou sabotar a sessão de fotos para a capa prometida. Começou a telefonar quase todos os dias para Karen Burch, ameaçando-a. Fez o advogado da banda ligar para a revista. Quando a história foi publicada, no dia 14 de abril de 1986, ela continha um aviso legal: "A [foto da] capa e os itens de capa desta edição foram publicados contra a vontade do Guns N' Roses, de acordo com W. Axl Rose".

Então Axl se sentou e escreveu ao editor uma carta extensa, irada, cheia de pompa, retórica e arrogância, reclamando da entrevista e proporcionando um vislumbre fascinante do que ele pensava naquela época. A carta foi publicada com uma réplica de Karen Burch alguns meses depois, no dia 4 de agosto.

Axl começou a carta criticando a revista por puxar o saco da indústria da música. Ele continuou:

> Nunca lhe ocorreu que estou tentando agir exatamente conforme minhas escolhas, pela única estrada que encontrei? [...] Liberdade de escolha é um conceito com o qual cada membro do Guns está comprometido. Somos nosso próprio partido político dentro de um governo, como qualquer pequeno negócio [...]
>
> Percebo que, em um mundo ou realidade particular no qual a caneta atua, como tantas vezes acontece na verdade, assim como a faca, todos caímos sob a

lâmina da opinião pessoal. Ninguém escapa da hipocrizia [sic].

A atitude para conviver com o Guns N' Roses é relativamente simples de entender. As chaves são a honestidade e o cumprimento de compromissos com as melhores habilidades dentro do reino de nossa sobrevivência. Na tentativa de se comunicar conosco, você violou nossas leis básicas de um relacionamento equilibrado com qualquer organização externa, e, aliás, com qualquer indivíduo.

A carta se estende por mais dez longos parágrafos. A revista, afirmou Axl, havia violado um acordo verbal que dava à banda o controle total sobre a história e a capa. Ele acusou a repórter de traí-los. "As cutucadas sexuais da banda que Karen Burch não registrou tiveram como resultado a quebra acidental da fita da repórter pelo Guns N' Roses. A responsabilidade por esse acidente é algo que me pergunto se devo aceitar. Talvez sob circunstâncias diferentes eu tivesse aceitado, mas, por ora, não o farei."

Axl terminou insultando o pobre rapaz que fizera a foto de capa, a qual ele detestou. "Sua falta de espontaneidade e personalidade resultou num caos no estúdio. Me arrependo de não ter ido embora dali, não há desculpa aceitável." Ele reclamou que a revista "fedia". Concluiu negando que Vicky Hamilton tivesse conseguido um contrato de gravação para eles ou, mesmo, que tivesse muita relação com a banda.

O relacionamento complicado de Axl com a imprensa, que durou toda a sua carreira, provém dessa primeira entrevista com a banda. Na carta, ele previu que seus sentimentos nunca mudariam. "É uma pena que nosso primeiro contato com a imprensa tenha deixado esse gosto tão ruim na minha boca."

"Quanto ao gosto ruim na boca de Rose", Karen Burch replicou: "Sugiro que ele experimente um pouco de sabão para acabar com um sério caso de desdém. Quanto ao fedor que ficou nele, é meramente o cheiro ruim que assola pessoas de atitudes podres".

O bangalô Hollywoodiano

QUANDO FOI A ÚLTIMA VEZ QUE VOCÊ VIU

UMA BANDA DE ROCK AND ROLL DE VERDADE...
NO WHISKY A GO GO?
GUNS N' ROSES
SÁB. 5 DE ABRIL
ABERTURA DA CASA 20H
Uma única noite, um único show
Ingressos à venda somente na noite do show
1º a CHEGAR, 1º A SE SERVIR
ESSA PODE SER
SUA ÚLTIMA CHANCE!
E TAMBÉM O MAIS MOLHADO E SELVAGEM
CONCURSO DE BIQUÍNI DE 1986
COM UM PRÊMIO DE $500 PARA A VENCEDORA

A reabertura do Whisky, no qual no passado os Byrds, o Love e os Doors haviam se apresentado, foi das grandes. O Guns faria seu terceiro show importante como banda contratada, e numa noite de sábado a expectativa era alta. Axl havia brigado para colocar o Faster Pussycat na roda, estava estressado por milhões de coisas e preocupado com uma jovem modelo chamada Erin Everly, que não era como as clones adolescentes de Madonna nem como as mulheres malucas que rondavam a banda em seus dias de rua.

Então Axl perdeu seu dinheiro. Basicamente, ele era um fugitivo havia alguns anos, vivendo com um nome falso, e não tinha conta bancária. Sua mudança de nome foi legalizada apenas alguns dias antes de assinarem o contrato e receberem os cheques, portanto Axl não tivera tempo de abrir uma conta. Ele não podia descontar um cheque em Los Angeles. Resultado: solicitou seus 7.500 dólares em dinheiro. Mais tarde, ele contou aos amigos que carregou essa quantia dentro das botas durante uma semana.

Depois, no verdadeiro estilo caipira, Axl escondeu o dinheiro embaixo do sofá da sala de Vicky, onde ele dormia. Na manhã seguinte, se esqueceu de onde havia colocado. Ele virou bicho e acusou Vicky de roubar seu dinheiro. Jurou que sairia da banda e explodiu. Vicky revirou o apartamento de cabeça pra baixo e encontrou o dinheiro – dentro de uma meia suja enfiada nas

molas do sofá.

Enquanto isso, com orgulho, Axl contava sua história de sucesso em Hollywood para sua mãe em Lafayette. Algumas semanas depois, seu padrasto, Stephen Bailey, deu as caras para ver como andavam as coisas. Axl contou a Vicky que ele enxergou isso como uma oportunidade de “acertar as coisas com papai”. Vicky disse a Axl que, com base no que ouvira de Bailey, achou que ele estava lá para controlar a carreira do enteado. Isso disparou o alarme da eterna paranoia de Axl, e ele ficou irado com Vicky, falou palavrões, xingou-a de tudo quanto era nome.

Mais tarde, afirma Vicky, ele lhe disse que ela estava certa.

No dia do show no Whisky, Axl estava esparramado no sofá de Vicky Hamilton, tentando dormir de ressaca. Vicky recordou: “Ele estava deitado no sofazinho em frente ao sofá grande, perto da mesa de café, coberta de latas e garrafas de cerveja. Naquela tarde, tínhamos uma reunião pré-show na Geffen. Perguntei a Steven, ‘Precisamos ir, você pode acordar Axl?’. Então Steven pegou um saco de lixo e começou a jogar as latas dentro, fazendo barulho”.

Axl abriu um olho. Sussurrou: “*Pare com isso*”.

“Steven fez o mesmo com as garrafas. Uma se quebrou sobre o vidro da mesa. Quando dei por mim, Axl estava de pé, só de cueca, pegou uma mesa de madeira e a jogou em Steven”, que desviou, agachando-se. A briga se estendeu pelo corredor, onde Axl empurrou Steven até o extintor de incêndio, que foi derrubado da parede e começou a vazar sozinho; depois, a coisa continuou dentro do apartamento. Eles estavam se digladiando, e Steven empurrou Axl para a mesa de vidro, que cedeu com o peso deles. “Aí, Axl subiu em cima de Steven e começou a bater nele.”

De repente, a porta se abriu e Slash entrou com Yvonne. Axl estava em cima de Steven, dando golpes na cabeça dele. A sala de estar estava destruída, com vidros quebrados, a TV no chão.

“Slash solta: ‘Ah, que ótimo, Axl – por que não *matar nosso baterista* no dia do show?’.

“Mas aí, sabe”, refletiu ela, “eles sempre foram *muito* duros com Steven, que era o mais jovem da banda.”

Uma hora depois, Axl e Steven se abraçaram, disseram que se amavam e saíram para fazer um show matador no Whisky.

Por algum tempo, a impressão era de que o Guns teria como empresário o velho expert Arnold Stiefel, cujo principal cliente era Rod Stewart. Stiefel assinou o contrato de aluguel de uma casa para a banda, destruída em dois tempos. Alguém arrancou os vasos sanitários e os atirou pelas janelas. As pias estavam cheias de merda. Stiefel quase desmaiou quando entrou na casa. Tom Zutaut: "Eles entravam nesses surtos de drogas e enlouqueciam, simples assim". Quando o senhorio entregou a ele a conta de 22 mil dólares para o conserto da casa, Stiefel riscou o Guns N' Roses de sua lista de clientes.

Sem nenhum empresário profissional em vista, o departamento artístico da Geffen aceitou a custódia temporária do Guns N' Roses. A gravadora encarregou Teresa Ensenat de trabalhar com eles, embora Vicky continuasse agendando os shows. (Vicky também havia recebido outra ordem de despejo de seu senhorio, que estava de saco cheio.) Teresa alugou uma casa para a banda na Fountain Avenue, perto de La Cienega em West Hollywood. A banda, os roadies e alguns amigos se mudaram para o pequeno bangalô, e imediatamente o valor das propriedades ao redor começou a baixar por conta das festas que varavam a madrugada, da música alta, dos carros barulhentos, além do som ocasional de garrafas quebrando e, vez ou outra, de tiros com armas às três horas da manhã. Os policiais estavam irritados com as queixas recebidas depois da chegada do Guns a um bairro silencioso e vigiaram (às vezes, disfarçados) a casa da banda durante os dois meses em que ela morou lá.

Vicky Hamilton, por fim, foi contemplada com um emprego na Geffen Records. Foi contratada como olheira independente, com ordens de encontrar bandas novas para a gravadora. Garantiram a ela que o Guns pagaria de volta o dinheiro que ela havia pegado emprestado para promover a carreira deles, mas isso não aconteceu. Vicky Hamilton tinha um coração grande e uma visão rock and roll tradicional, altamente romântica – a de que a fama e a felicidade eram mais importantes que dinheiro.

Axl não gostou da casa nova da banda. Seu quarto (com cadeado) era um oásis em meio à sordidez viral. Durante um tempo, ele continuou aparecendo de repente no apartamento de Vicky e caindo no sofá, onde poderia ter um bom dia de sono. “Ele sabia que eu estava trabalhando para Geffen”, diz ela, “então sabia que podia escapar impune.” Isso continuou até Vicky ser despejada em junho.

Axl parou de falar com ela. Vicky esperou três anos para processar a banda e, então, protocolou documentos contra eles em desespero financeiro somente após o mal-educado Axl Rose dizer coisas pouco gentis sobre ela na imprensa.

Outros se sentiam diferentes, e culpados também. Todo mundo sabia que Vicky havia conseguido o contrato de gravação para a banda. Mais tarde, Steven Adler alegou inocência nessa questão. “Vicky Hamilton – que mulher incrível! Eu a queria como parte disso depois que assinamos – porque *foi ela que conseguiu o contrato*. O que aconteceu não foi ideia minha, e eu não me manifestei o bastante sobre isso [sobre fazer alguma coisa a respeito].”

Slash: “Morávamos na casa dela, que dava duro 24 horas por dia. Ela não conseguia pagar o aluguel porque gastava todo o dinheiro disponível tentando nos tirar do chão. Ela era a única pessoa que – lá no passado, quando estávamos dando os primeiros shows – dizia, ‘Vocês são demais, vocês vão conseguir’. Tiro meu chapéu para ela”.

Agora, Tom Zutaut tinha que encontrar um empresário para o Guns, alguém com quem a gravadora pudesse trabalhar, e em seguida achar um produtor para comercializar as músicas. A primeira escolha da gravadora para empresariar o Guns foi Tim Collins. Ele era ex-empresário do Boston, havia trabalhado na carreira solo de Joe Perry e, depois, ajudado a reunir o fragmentado e multitóxico Aerosmith. Na época, Collins convenceu a banda a buscar tratamento para seus vários vícios e os ajudou a ficar sóbrios – o que foi considerado um milagre e tanto pelo pessoal do ramo, que sabia como o Aerosmith era louco

no início. O Aerosmith, reformulado, atualmente gravava para a Geffen, e suas músicas novas estavam mais quentes do que nunca. O Run-DMC estava prestes a lançar seu mash-up sensacional de hip-hop de "Walk This Way", do Aerosmith (que atingiria o topo nas paradas e dominaria a MTV), ainda naquele ano de 1986. A esperança da Geffen era que Tim Collins, cuja busca pessoal pela sobriedade beirava o messianismo, pudesse fazer o mesmo tipo de mágica de reabilitação com o Guns N' Roses. Mas o cliente recém-sóbrio de Tim, Joe Perry, não estava gostando de ter o mesmo empresário dos caras de quem ele havia comprado drogas.

Tim Collins recorda: "Voei até Los Angeles para conhecer o Guns. Na verdade, não queria ser empresário dos caras, mas havia uma pressão sutil sobre mim para considerar fazer isso. John Kalodner [executivo de gravação do Aerosmith na Geffen] me contou que David Geffen realmente queria que eu fosse empresário do Guns, e todos sentíamos medo de David – medo e admiração.

"Eu conhecia o Zutaut de vista, que estava cuidando do Guns para Geffen. Era um ótimo cara, uma figura, uma espécie de versão mais jovem de mim, só que mais maluco. Certa noite, ficamos na casa dele em Hollywood Hills, e ele me levou para a parte dos fundos e me mostrou o local onde a nave de Jesus Cristo tinha aterrissado, e onde Jesus Cristo tinha falado com ele.

"Tom me levou a um show que o Guns estava fazendo no Whisky. Havia muita gente do ramo lá, e a banda era barulhenta demais, muito acima do limiar da dor. Depois da primeira música, eu já estava surdo. Tom me levou ao camarim para conhecer a banda depois do show, e me lembro de como foi intenso. Eu era um veterano de milhares de camarins, mas o Guns tinha uma vibe diferente – não má, mas violenta e, de certa forma, ameaçadora. Era possível sentir o perigo que rodeava a banda. Os roadies andando pra lá e pra cá intimidavam. Havia muitas garotas – doidas, estranhas, pouquíssima roupa, algumas delas bem jovens. A coisa toda era sombria, estimulante e um pouco assustadora. Eu mesmo era um sóbrio recente, e imediatamente senti a vibe narcótica da banda, e percebi no ato

que corria o risco de uma recaída séria se não tomasse cuidado.

"Tom Zutaut me apresentou à banda. Eles sabiam por que eu estava lá, mas não pareciam se importar tanto. Slash apertou minha mão, mas não fez contato visual, escondido atrás daquela cortina de cabelos pretos. Duff estava bêbado, bonitão, enrolando as palavras. Estava quase nu no vestiário, com uma garota pendurada nele, em uma cena meio erótica. Steven era gentil, meio criançÃo, estava chapado. Izzy Stradlin estava distante, com um autocontrole incrível, obviamente o mais são de todos e o cérebro da turma.

"Axl Rose estava num cômodo próprio. Roadies e garotas entravam e saíam, mas Axl parecia bem calmo. Vicky Hamilton nos apresentou, e Axl me mostrou que estava sob controle, *não* chapado. Expliquei por que eu estava lá e o convidei, e também à banda, para irem ao meu hotel mais tarde a fim de comer alguma coisa e conversar sobre o futuro deles.

"Eu estava hospedado no Le Dufy, um apart-hotel em West Hollywood. A banda toda veio com Tom Zutaut, e ficamos acordados conversando até o dia raiar. Eles pediram serviço de quarto e a conta beirou mil dólares. Fumaram muita erva na pequena sacada de minha suíte. Lembro que estava bebendo muita água, tentando perder um pouco de peso, e que passava a noite toda urinando. Mas não conseguia entrar no banheiro porque Izzy se trancou lá dentro – por horas!

"Finalmente, bem depois que o sol nasceu, eles foram embora. Enfim entrei no banheiro e encontrei sangue escorrendo do teto e das paredes. Achei que alguém tinha morrido no andar de cima, só que não. Liguei para Joe Perry em Boston e contei a ele sobre o sangue. 'Um deles é junkie', explicou Joe. 'Ele estava usando heroína no seu banheiro.' Então Joe me perguntou: 'Você está mesmo pensando em ser empresário deles?'."

Tim disse a Joe Perry que havia decidido não trabalhar com o Guns. "Ótimo", disse Joe.

"Para ser franco, eu estava com medo deles", afirma Tim, "e com receio pela sobriedade recém-adquirida do Aerosmith àquela altura." Nenhuma banda de rock já tinha largado as drogas e depois ficado melhor e maior que o original, o que era o objetivo principal de Collins para o Aerosmith. Assumir o Guns seria um

trabalho hercúleo, que poderia colocar em risco seus principais clientes. “Telefonei para David Geffen e disse a ele que não queria fazer isso. Ele me detonou, me deixou me sentindo péssimo. Disse que eu era louco, que o Guns seria gigantesco, talvez a maior banda do mundo. Rebati que, se eu os aceitasse, poderia ter uma recaída, e provavelmente o Aerosmith também, e no fim ele acabaria perdendo muito dinheiro.”

Geffen pagou a conta astronômica do serviço de quarto para a reunião. Mais tarde, Duff explicou a Tim que eles não tiveram intenção de ser malcriados. “Era só o que estávamos habituados a fazer” – encher a cara à custa do pessoal da indústria – “e o que éramos o tempo todo” – bêbados com atitude.

Encontrar um produtor para o Guns também não seria nada fácil. A ideia de Tom sobre gravar em Londres, e talvez até lançar a banda primeiramente na Inglaterra, como Jimi Hendrix havia feito, os levou a contratar Bill Price, o produtor/engenheiro britânico dos famosos Sex Pistols. Price já ouvira um burburinho se espalhando por Londres e Nova York (cortesia de Kim Fowley, de acordo com Slash) sobre essa banda de rock potencialmente importante da Califórnia. Popular como engenheiro por conta de seu trabalho no primeiro álbum dos Pretenders, começou a negociar trabalhos com o Guns no Wessex Studio em Londres, onde *Never Mind the Bollocks* havia sido editado. “Eu tinha ouvido demos [do Guns] que pareciam ótimas”, disse Price. “Eu estava realmente ansioso para começar.” Então os cabeças mais sensatos da Geffen perceberam que lançar uma banda nova, sobretudo essa banda, sem empresário e sem nenhuma disciplina perceptível, nas ruas de Londres com um orçamento para gravação não era uma ideia lá muito promissora. “Geffen perdeu o ânimo”, lembrou Price. “Eles não queriam perder a banda de vista, e errados não estavam. O próprio David Geffen insistiu que a gravação fosse feita em Los Angeles. Geffen me pediu que fosse até lá fazer isso, mas recusei.” Price tinha uma família recém-constituída, e Wessex era um estúdio atraente demais para ser deixado para trás por um período de incertezas em Los Angeles. Price teria feito uma fortuna, mas ele

foi devidamente estoico: "*C'est la vie*, colega".

Então eles conseguiram que o produtor do Mötley Crüe, Tom Werman, ouvisse a banda. "Ele veio para o nosso ensaio", disse Duff, "cobriu as orelhas e saiu." Fim de jogo.

Rick Nielsen, guitarrista do Cheap Trick, pode ter tido intenção de produzir a banda. Ele convidou o Guns para ir à sua casa e cometeu o erro de propor a Slash um desafio com tequila. O que aconteceu em seguida não está claro, mas houve uma pancadaria e os vizinhos chamaram a polícia. Nielsen disse que pensou ter brigado com Slash. Izzy afirmou que Nielsen os atacou em um surto de bebedeira, e que ele havia chutado o saco do *cheap trickster*. "Não chutei com força", contou Izzy à *Rolling Stone*.

15. Referência ao trecho da música “Welcome to the Jungle”: “In the jungle/ welcome to the jungle/ feel my serpentine” (Na selva/ bem-vindo à selva/ sinta meu serpentear). [N. T.]

16. Sítio arqueológico e museu em Los Angeles que conta, entre outras atrações, com um poço de piche – daí o nome *tar pits*, em inglês. [N. T.]

Capítulo 5

APETITE

Os jovens precisam de uma banda como a nossa.

– *Duff McKagan*

O roqueiro mais durão de todos

Em maio de 1986, o Guns N' Roses aterrorizava os vizinhos da imunda casa da banda na Fountain Avenue. Slash chegava a irritar a própria banda com seu hábito besta de jogar garrafas vazias de Jack Daniel's contra a parede dos fundos durante a madrugada – na verdade, a qualquer hora –, já que estava usando heroína e vivendo em modo vampiro. Teoricamente, a energia criativa do grupo era direcionada para compor material para o álbum, enquanto aguardavam que a gravadora encontrasse um empresário e um produtor para eles. Na maior parte do tempo, eles ficavam o mais chapados que conseguiam.

Alguns membros da banda tinham quarto próprio. Slash tinha um tanque para Clyde, sua adorada cobra de estimação. O de Izzy era um antro de ópio. Outros desmaiavam onde conseguiam. Os roadies ficavam com a sala de estar, por assim dizer. Havia garotas por todos os lados. Os clientes de Izzy entravam e saíam a noite toda. Policiais de Hollywood eram visitas constantes. (Certa vez, eles chegaram procurando pelo caro console de mixagem de som do Whisky; ele havia desaparecido do clube, e um informante da polícia afirmou que o

tinha visto no quarto de Izzy. O clube divulgou uma recompensa de 2 mil dólares, sem perguntas, mas Izzy negou tudo, e o aparelho nunca mais foi visto.)

Muitas vezes Axl se cansava de tudo aquilo, passava o cadeado no quarto e podia ser encontrado na casa dos motoqueiros em Santa Monica, compartilhada por West Arkeen, o escritor Del James e outros fãs de Harley. Um acréscimo recente à comitiva da banda era Todd Crew, baixista da banda glam de San Francisco Jet Boy, que havia se mudado para Los Angeles e assinado um contrato de gravação com a Elektra. Todos os membros do Guns gostavam de Todd Crew, que tinha o tamanho de um jogador de futebol americano e os braços todos tatuados.

"Todd era um cara tão legal", diz Steven Adler. "A gente se divertia muito com ele. Era como um James Dean roqueiro com aparência de durão. Quer dizer, James Dean era todo maneiro e elegante, certo? Mas Todd era tipo, O Cara! Ele era o roqueiro mais durão de todos, mas tão maneiro quanto James Dean."

Mas Todd também era cliente eventual de Izzy e tinha acabado de ser despedido do Jet Boy por preferir injetar heroína a ensaiar com a banda. Então o Guns deu a ele um trabalho na equipe e Todd também passou a morar com a banda. Duff McKagan e Todd Crew formaram a banda cover Drunk Fux, que fez um show no dia 10 de maio no Night Train, na Sunset. No flyer, estava escrito:

> **Premier [sic] em L.A. do – Em Sua Batalha Sem Fim Contra a Sobriedade – DRUNK FUX – (Apresentando Membros do Guns N' Roses) e Outros Notórios Bêbados.**

O Drunk Fux durou por volta de um ano até o Guns pegar a estrada, e foi sobretudo uma forma que Duff encontrou para desanuviar. West Arkeen e outros músicos locais tocavam no Drunk Fux sempre que um raro show se materializava. Na maior parte das vezes, era uma desculpa para encher a cara e tocar com Todd diante do público.

Em algum momento em junho, o Guns gravou uma demo extensa supervisionada por Manny Charlton, da banda escocesa Nazareth, uma das favoritas de Axl e Izzy durante o ensino médio. Dizem que o Guns foi a todos os sete shows do Nazareth no sul da Califórnia em junho, e Axl pediu ao guitarrista Charlton que supervisionasse uma sessão de gravação. Eles editaram 27 músicas no Sound City Studio em Hollywood, incluindo versões iniciais de “Paradise City”, “Back Off Bitch”, “The Garden”, “Sentimental Movie”, “Crash”, “Bad Obsession”, “Anything Goes” e “Just Another Sunday”. Axl também tocou para Charlton uma versão inicial de “November Rain”, dizendo a ele: “Vou guardar essa para o segundo álbum”.

Mais tarde naquele mês, o Guns deu um churrasco na sua casa. Foi um dos maiores shows de bizarrices glam de 1986, já que, além de strippers, garçonetes de boate, fetichistas usando couro e amigos da banda, membros de quase todas as outras bandas de Los Angeles deram as caras. O Faster Pussycat, o L.A. Guns com a nova formação, Redd Kross, Social Distortion, Shanghai, Angel, Prodigal Sons, Ratt, Cinderella, Hanoi Rocks e até alguns dos líderes asquerosos do W.A.S.P. foram representados. O Jet Boy não foi convidado. O Poison achou melhor não aparecer.

A patologia social das outras bandas, seus contemporâneos e concorrentes, era cuidadosamente monitorada pelo Guns, todos interessados nas delineações sociais do cenário e ansiosos em manter distância do temível rótulo glam que já estava sendo associado à banda. A um repórter da revista *Concert Shots*, que apareceu na festa com um gravador, Slash sussurrou: “Se você nos colocar lado a lado com uma banda glam de verdade, verá uma grande diferença. Usamos couro e jeans. O cabelo deles está sempre arrepiado, e eles usam maquiagem o tempo todo. E as roupas são cheias de babados. Mas não importa o que a gente vista – mesmo se for as mesmas coisas que uma banda glam, há uma puta diferença”.

“Só fizemos um churrasco”, disse Axl mais tarde, “e os glamsters na verdade não são a maioria da nossa turma. Eles não se encaixam. Você não os vê nas nossas festas, não que eles não

sejam convidados. Eles só não se encaixam. As pessoas que vieram ao nosso churrasco não estavam falando sobre moda, porra. Ficávamos conversando sobre *música*, canções e o material com que vamos trabalhar. A gente estava ouvindo *fitas de blues*".

Slash desdenhava a maioria dos colegas. "O ruim de toda a cena em Los Angeles é que a maioria dela não passa de fachada. Tem tanta falsidade na maneira como essas bandas assumem um certo estilo supostamente 'in'. As coisas básicas, o que realmente importa – elas deixam passar. Na maior parte do tempo elas ficam trabalhando a própria 'imagem'. Como assim? Então devo dizer que a cena glam é maneira e há bandas que curtimos, mas, como um todo, a coisa é bem falsa."

Slash passou a se orgulhar do público de sua banda. "Venham a nossos shows e prestem atenção em nós", desafiava. "Vocês vão ver que tem tudo quanto é tipo de fã em nossos shows. Tem metaleiro hardcore, punk hardcore, todo tipo de gente. Tem toda aquela coisa de maquiagem branca na cara e cabelo preto, e a garotada bem jovem que acabou de sair do ensino médio.

"O legal", murmurou Slash, com seu tom de voz baixo, "é que, na verdade, você não pode nos rotular." Ele estava certo. Eles eram uma mistura de tudo o que amavam no rock. Não havia nenhuma outra banda jovem como o Guns N' Roses. Slash adorava essa parte mais que qualquer outra coisa.

O verão de 1986 foi quente em Los Angeles, e o Guns continuava tocando. Eles fizeram um show com a banda punk Social Distortion que não deu nada certo. A plateia de jovens punks não gostava de bandas de rock, e começou a jogar latas de cerveja no Guns em cima do palco. Os garotos da frente estavam cuspindo em Slash. "Eles nos odiaram, simples assim", lembrou Axl. "Então começamos a jogar coisas neles também e a cuspir, e eles adoraram! Começaram a aplaudir. Lá estavam aqueles céticos, jogando coisas em nós, mas conseguimos conquistá-los."

O flyer do show de 11 de julho do Guns no Troubadour dizia "Adeus, L.A.", como se a banda ainda fosse embora para gravar em Londres após o show. (Depois, o plano foi abortado.) Agora, o Guns

era praticamente a banda da casa no Troubadour, uma diferença e tanto em relação ao ano anterior. “Sempre que tocávamos lá, atraíamos um sem-número de pessoas decididas a não gostarem de nós”, lembrou Axl. Mas agora eles eram os descolados. No show de 11 de julho, Axl falou com o público. Explicou que estavam gravando um disco para a Geffen, mas que iriam lançar um LP indie primeiro, para que os fãs de verdade tivessem um gostinho. Seria um tipo de disco pirata autorizado, usando material da demo ao vivo que haviam gravado com Manny Charlton.

A multidão aplaudiu a novidade. “Foi a melhor sensação ver as pessoas reagindo positivamente. Elas queriam isso. Elas pareciam tão empolgadas com a possibilidade de comprar um disco com as nossas músicas.”

A ideia para o tal lançamento indie tinha sido de Geffen. Agora a banda tinha fama nacional, mas nenhum produtor, nenhum disco gravado, nada para vender. Eles estavam a meio ano de terminar o primeiro álbum para Geffen, e quando estivesse pronto eles poderiam virar notícia antiga. Lançar um EP no selo falso “independente” da banda em 1986 foi uma forma de levar música para o mercado e ao mesmo tempo manter o interesse dos fãs pelo álbum de estreia em 1987. De qualquer maneira, ninguém questionaria nenhuma decisão de Geffen para a banda, já que eles ainda estavam procurando um empresário. A gravadora parecia quase implacável naquela época; haviam contratado o Aerosmith, cuja nova versão de “Walk This Way” com os rappers do Run-DMC aparecia a rodo na MTV e estava no topo das listas de vendas.

Outras bandas, como Poison e Cinderella, já estavam editando álbuns e saindo em turnê, mas naquele verão Axl afirmou que o Guns era a melhor banda de Los Angeles. Ele disse a um repórter: “O que fizemos para as bandas em Los Angeles foi dar um motivo para elas defenderem a si mesmas e suas músicas. Não é preciso ser ‘comercial’. Em certa época, Elton John foi considerado não comercial e não conseguia contratos. Depois, em 1975, passou a ser o símbolo-mor do comercialismo. Vai me dizer que ‘Someone Saved My Life Tonight’ é o tipo de música que realmente foi composta para as rádios? Veja o

Metallica. Não somos nem um pouco parecido com eles, não tocamos nada como eles, mas temos uma semelhança, sim".

Slash percebeu essa semelhança. "O Metallica é uma banda que conseguiu vencer fazendo o que quer, e somos outra banda que conseguiu isso, e haverá outra depois de nós. E algum dia você vai ver um monte de garotos muito mais durões do que qualquer pessoa esperava. Vai pegar muita gente de surpresa. [*Estilo gangsta rap.*] Não estamos tentando mudar o mundo, porra. Só queremos que a galera fique ciente do que está acontecendo em volta."

Rehab Show

O Guns N' Roses voltou a tocar no Troubadour em 20 de julho de 1986. O flyer do show de sábado à noite era direto ao ponto:

recém-chegados da desintoxicação
guns n' roses
'REHAB SHOW'
TROUBADOUR
20h30
US$ 2 com este ◦yer

A banda percebeu que, já que todos sabiam que eles usavam drogas pesadas publicamente, pra que esconder? *Bota pra quebrar!* As drogas faziam parte do negócio nas ruas de Hollywood. O álcool fluía pelas músicas deles como um rio russo de vodca Stoli; e seus públicos furiosos de sábado à noite eram tão chapados quanto eles (com possível exceção de Axl, que às vezes se apresentava sóbrio como uma pedra, mas tão empolgado de adrenalina que ninguém percebia).

O Guns pensava que "Move to the City" fosse sua melhor música, mas, para muitos dos fãs, "Think About You" era um dos destaques do set. Foi uma das primeiras músicas do GN'R em que o ataque punk rock brutal da banda foi deixado de lado em troca da característica (incongruentemente) terna e amorosa dos vocais de Axl Rose. Era uma verdadeira canção de amor,

transmitida com indisfarçável anseio e uma sensibilidade classicamente romântica. (Tracii Guns afirmou, "É sobre uma garota chamada Monique, que todos nós namoramos. Axl tem uma tatuagem dela no braço".) Essa tensão – uma gangue de rua cantando sobre amor, e com seriedade – se tornaria o foguete propulsor que, mais cedo ou mais tarde, catapultaria o Guns para órbitas estratosféricas.

Essa nova pegada na voz de Axl, essa ternura inesperada de um performer demoníaco, surgiu na época em que Axl se envolveu seriamente com Erin Everly. Erin era linda, miúda, e quando dançava ao som da música o mundo girava ao seu redor. Ela também descendia da realeza do rock and roll. Seu avô, Ike Everly, era um astro da música country de raiz do Kentucky, *habitué* na Grand Ole Opry. Seu pai, Don Everly, fazia parte da dupla Everly Brothers, o dueto divino da fase inicial do rock and roll. (As extravagantes performances de guitarra rítmica de Don Everly inspiraram muitos dos *guitar heroes* da futura Invasão Britânica, quando os Everly Brothers fizeram um tour pela Inglaterra no fim dos anos 1950 e início da década de 1960. Keith Richards copiou a técnica do moinho de vento de Don, fazendo um círculo grande com o braço e esfregando as cordas. Pete Townshend, do The Who, logo se apropriou do movimento e o patenteou, fazendo carreira com ele.)

Axl Rose e Erin Everly haviam se conhecido anteriormente naquele ano em um clube em Nova York, onde ela trabalhava como modelo, e começaram a se encontrar no verão. Ela se mudou para Los Angeles a fim de ficar com ele, e depois ele se mudou para o apartamento dela. Erin continuou trabalhando como modelo para pagar o aluguel. A relação duraria por quatro anos tumultuosos, e faria parte de quase todas as músicas do Guns N' Roses ao longo de toda a carreira original da banda.

Ninguém achou que aquilo duraria. Axl e Erin brigavam em público. Ela era cria de Beverly Hills (sua mãe era a atriz Venetia Stevenson), e ele, um autointitulado "caipira" do meio do nada. Ela era inteligente e bem-educada, enquanto ele era meio bronco e recém-chegado da reserva. Ela tinha um bom lugar onde morar, e ele estava habituado a viver entre casas de bandas e muquifos. Ela era quase normal, e ele, um maluco. Mesmo

assim, quem conhecia o casal achava que a ligação entre eles era intensa. "Ela era um amor de garota", disse um amigo do casal. "Era legal, o oposto de Axl. Quando as coisas iam bem, iam bem até demais. Quando iam mal, era terrível. Você nem acreditaria no que eles acabaram fazendo um com o outro."

Verão de 1986. Noite. O Rainbow Bar and Grill. O álbum de sucesso do Metallica, *Master of Puppets*, agita a casa. Axl, bebericando um chá gelado Long Island, é entrevistado por Jory Farr, do *Daily Press*, que pergunta a ele sobre se apresentar usando kilt escocês, mostrando as pernas, e vestindo uma tanga de couro preta. Não era meio... gay?

"Eu uso o que quiser e não quero ficar analisando isso, pois poderia me assustar *[!]* Sim, gosto de pentear os cabelos para cima e usar maquiagem. Mas, quando vim aqui pela primeira vez, pensei que roupas de palco e maquiagem eram uma imagem falsa, algo que só os gays usavam. Mas fui ingênuo."

Nos últimos tempos, o Guns vinha recebendo algumas críticas ruins. "Eles escrevem que sou um vocalista teatral, ou seja, que enceno demais. Ou que sou um poser cínico. Mas é besteira! Todos que me conhecem sabem que tudo o que faço é real. Tudo o que a banda faz é real." Axl disse que detestava críticos e, na realidade, não se importava com o que escreviam. (Isso não era verdade.)

Sobre a banda: "Nosso estilo de música favorito é o hard rock – com uma pitada de blues. Costumávamos achar que éramos uma banda de heavy metal/punk, [mas] percebi uma fusão há um bom tempo... A pitada de blues, os riffs do blues, o sentimento do blues; estávamos tentando colocar isso nas músicas".

Com um pouco mais de dinheiro no bolso naquele verão, Axl arrumou mais confusão nas ruas. A maior parte envolveu comerciantes agressivos (na maioria, imigrantes iranianos) que lhe dificultavam as coisas em suas lojas em Hollywood. Um dia, Axl e seu irmão foram a uma casa de armas para comprar uma arma de choque, porque: "Tínhamos virado notícia no Whisky

[onde recentemente o Guns havia se metido em encrencas], e as coisas estavam saindo de controle, então pensei, 'Vou comprar armas de choque. Não teremos que quebrar a mandíbula de ninguém. Vamos só acertá-los com um raio e alguém virá pegá-los'".

Axl e seu irmão foram até a casa de armas e Axl pediu: "Com licença, senhor, posso ver uma arma de choque, por favor?".

O comerciante de armas de meia-idade deu uma olhada em Axl: cabelos ruivos compridos sob uma bandana de seda, óculos espelhados estilo aviador, jaqueta de couro, roupas amassadas. Ele rosnou: "Escuta aqui, filho, não preciso desse seu maldito blá-blá-blá. Por que não dá o fora daqui?".

Axl: "Meu irmão disse 'Olha, ele acabou de ser contratado, pode comprar dez dessas aí'. E o cara disse: 'Não ligo. Vendo para você, mas não para ele'". Então os irmãos saíram, furiosos com a humilhação. "Isso acontecia muito comigo", disse Axl mais tarde. "*Nunca* entendi isso. Se estou infringindo a lei, beleza. Mas, se estou apenas sendo simpático, por quê?"

Outra vez, Axl e Slash estavam em um mercado e se desentenderam com o gerente, um iraniano moreno de quase dois metros de altura, rude, que parecia ter sido especialista em tortura da polícia secreta do falecido xá. Quando Axl o provocou, o estrangeiro grandalhão pegou uma faca de trinchar e saiu de trás do balcão.

"Ele saiu correndo atrás da gente até o lado de fora com uma faca de açougueiro na mão porque não gostou do nosso jeito de vestir", disse Axl. "Aquilo me assustou pra cacete." Axl odiava ficar assustado. Isso o deixava louco. Ele agarrou a tampa laranja de uma lata de lixo de plástico e voltou direto até o iraniano com esse escudo, gritando "*VEM CÁ*" e soltando xingamentos com fúria total. "Eu não queria recuar diante daquele cara", disse Axl. Gritando em farsi, o iraniano voltou para a loja e os trancou do lado de fora.

Alguns dias depois, a tentativa de Axl de usar o banheiro do posto de gasolina na esquina da La Brea com a Romaine terminou com o roqueiro ameaçando o gerente iraniano de explodir suas bombas de gás. A polícia chegou quase imediatamente, mas Axl armara uma estratégia de fuga. Esse e

outros assédios de gente que Axl considerava menos que norte-americanos culminaram certo dia na composição de uma nova música no apartamento de West Arkeen. Axl estava tocando o violão de West e assistindo ao terrível especial da HBO do comediante Sam Kinison, enquanto tentava compor uma música simples e atrevida usando um pouco da fúria e dos guinchos de Kinison.

Sam Kinison era uma espécie de alma gêmea de Axl Rose. Ele também era ex-pregador pentecostal, e seus números continham intensos desabafos, pontuados por seu guincho primal – sua marca registrada. Os astros do rock da época o adoravam. Kinison era obcecado com a aids e culpava os homossexuais por arruinarem o sexo para todas as outras pessoas. (Esse tipo de atitude também era comum entre astros do rock, os primeiros da profissão a temer o sexo desenfreado e sem compromisso com garotas disponíveis, o que era, tradicionalmente, uma das vantagens do negócio. Slash, já infectado por várias doenças venéreas, estava com muito medo em contrair aids.)

Axl e seus amigos também comentaram o fato de dois ladrões negros terem roubado 98 centavos de West Arkeen no dia de Natal do ano anterior, e sobre Axl ter sido provocado no centro de Los Angeles por traficantes no terminal de ônibus.

Axl lembra: “Comecei a escrever sobre querer sair de Los Angeles por um tempo. Eu já tinha estado no centro, no terminal do ônibus interestadual Greyhound. Há vários homens negros vendendo drogas e joias roubadas, e a maioria das drogas é batizada. Trapaceiros confundem a galera jovem que salta do ônibus, que não sabe onde está, tentando levar essas pessoas àquilo que eles têm. Foi assim que cheguei à cidade, cara”.

Axl só sabia tocar as duas cordas de cima do violão; mas, sentado ali, conseguiu compor os primeiros trechos de uma música nova. “Pretos e policiais”, começou ele, “saiam do meu caminho.” Alguém riu, mas West estimulou Axl a mandar ver. “Imigrantes e bichas”, começava o verso seguinte, “não fazem nenhum sentido para mim/ Eles se mudam para o nosso país/ E espalham essas porras de doenças.”

Foi assim que nasceu “One in a Million” durante aquele

verão quente e fumegante de 1986 em Los Angeles. Axl Rose podia estar prestes a agarrar o estrelato de seus sonhos de infância, mas por dentro Bill Bailey era um poço sombrio de ressentimentos que causariam uma inflamada controvérsia nacional quando o Guns lançasse a música, dois anos depois.

Axl não foi o único membro furioso da banda a dar entrevista ao *L.A. Weekly*. Slash mandou bala.

"A galera só quer ser *livre*, porra", murmurou ele. "Querem sair e se divertir. Não querem que digam a eles o que fazer. E uma das válvulas de escape para isso são as bandas de rock and roll, e todo o estilo de vida rock and roll. O único lugar aonde os jovens podem ir é o show de uma banda, e ficar longe dos professores pé no saco, dos pais escrotos [e] de todas as figuras de autoridade que ficam dizendo o que você deve fazer, porra. Você vai a um show para esquecer tudo isso. Todas as forças opostas, todos os policiais e professores e essa merda toda; todos caem matando em cima de você, e isso causa estragos. Então eles caem matando em cima das pessoas que influenciam os garotos – como as bandas."

Axl concordava que a vida era difícil. "Na minha vida, mais coisas me enchem o saco do que me fazem feliz – tipo, feliz de verdade, alegre da cabeça aos pés. Você até pode ter uma namorada ou esposa, mas pode contar nos dedos os momentos tão belos a ponto de se lembrar deles – para sempre. É mais difícil escrever sobre essas experiências bonitas. Esses instantes são tão breves."

Slash não havia terminado. "Até que ponto você pode ser feliz se está morando em Los Angeles? Tipo, você está olhando uma árvore, e aí tem um cachorro mijando nela, e umas prostitutas na frente dela, e o ar está cheio de fumaça."

"É sobre coisas assim que escrevo", disse Axl. "Para algumas pessoas, é deprimente, mas é isso que sou e é com isso que lido."

REPÓRTER: "Qual é a aventura para o próximo ano?"
IZZY: "Um disco de platina, ou algo do tipo. Pé na estrada e tocar, só isso".
AXL: "Uma turnê mundial. Tocar com todas essas bandas que ouvimos há anos. Ter a chance de tocar com pessoas que

respeitamos. Sair e arrasar o máximo que conseguirmos".
SLASH: "Se e quando a gente conseguir abrir para o AC/DC, será um ponto de virada e tanto na minha vida".
IZZY: "Eu abriria até para o Mötley Crüe".
AXL: "Para mim, o auge seria abrir para os Rolling Stones. Isso aí!"
IZZY: "Seria o *máximo*".

Sob nova direção

Diz a lenda que Mike Clink não foi a primeira opção de nenhum membro do Guns N' Roses como produtor do crucial disco de estreia da banda. Porém, no verão de 1986, o Guns estava caindo na farra, cambaleando em Hollywood em meio a um frenesi público barulhento regado a drogas e impossível de ignorar. Isso significava que nenhum dos produtores mais importantes da época estava lá muito ansioso para passar o próximo ano em um estúdio abafado bancando a babá de cinco degenerados.

Foi Tom Zutaut quem descobriu Mike Clink. Ele havia começado como engenheiro no lendário estúdio Record Plant em Los Angeles, lar dos Eagles e outros mastodontes do pop californiano. Ele era conhecido principalmente por ser o engenheiro que trabalhou com o produtor Ron Nevison, o qual havia trabalhado com o KISS, o Europe e Ozzy. Em 1986, Clink gravara o Metallica, Heart, os Babys, Eddie Money e Jefferson Starship. Ele tinha acabado de mudar para a área da produção, e era famoso no setor por adotar um método pragmático com bandas potencialmente indisciplinadas, por ter uma ética diária de trabalho e por não atrapalhar a música. Melhor ainda, ele não tinha medo. Mike Clink gostava do Guns N' Roses e queria o emprego.

O Guns começou a gravar com Mike Clink no início do outono de 1986, logo após abrir para o Lords of the New Church no Timbers Ballroom em Glendora. Primeiro, eles trabalharam no Take One Studio, depois no Rumbo Recorders, um estúdio simples (e barato) em Canoga Park, saindo de San Fernando

Valley. (O Rumbo pertencia a Darryl Dragon, o Capitão do grupo pop Captain & Tennille.) De imediato, Mike Clink ficou espantado com o equipamento bastante detonado da banda – amplificadores velhos, bumbos surrados; a guitarra de Slash ainda tinha as cordas originais com que ela veio. Para Clink, isso indicava que o Guns era de fato uma banda das ruas. Aos poucos, Mike Clink e o Guns começaram a elaborar um álbum de estreia, música por música.

Mais tarde, Slash relatou: "Como Mike Clink lidava com a gente? Com luvas de pelica. Ele mantinha uma certa distância de nós. Éramos todos jovens, e estávamos empolgados para fazer nosso primeiro álbum. Foi uma época de festas da pesada, mas dentro do estúdio éramos bem unidos. Só uma garrafa de Jack Daniel's – nada de drogas ou coisas do tipo".

A banda toda sabia que as expectativas sobre eles eram altas. Não haveria segunda chance se o álbum ficasse uma merda. "A gente trabalhava duro", lembrou Duff. "Ensaiávamos duas vezes por dia. Quando era para estarmos no ar, levávamos muito a sério."

Mas foi aí que o vício em heroína ameaçou levar a banda para o buraco. Certa noite, Slash ficou azulado na casa deles. Ele foi ressuscitado, mas rumores rapidamente se espalharam por Hollywood de que um dos integrantes do Guns havia morrido. Outros falatórios de rua diziam que a banda tinha rompido depois de uma acalorada briga pública no Club Lingerie. Axl ameaçava ir embora quase todos os dias. Na Geffen, os executivos começaram a ficar assustados. Alguns achavam que contratar o Guns tinha sido um erro. O orçamento total era 375 mil dólares, uma quantia excepcionalmente grande para um álbum de estreia na época. Custaria muito dinheiro gravar o disco do Guns e depois promovê-lo, mas nesse meio-tempo a banda estava sendo constantemente vigiada. Mais rumores se espalharam de que a Geffen não assinaria a segunda metade do acordo, o contrato real de gravação, a não ser que o Guns N' Roses começasse a se comportar melhor.

Slash, de fato, era viciado em heroína na época. "Houve um ponto", disse ele mais tarde, "em que parei de tocar guitarra e nem sequer conversava com a banda, com exceção de Izzy, pois

nós dois estávamos usando". Durante os três meses daquele verão, Slash mal saiu da casa da banda, exceto para ir ao mercado comprar cigarros. Uma noite, o encontraram deitado na sarjeta, descalço e inconsciente, na Hollywood Boulevard. Alguém o ajudou a chegar em casa. Em uma sessão de fotos organizada pela Geffen, Slash teve de ser literalmente apoiado por uma pessoa agachada atrás dele, para não cair.

Steven Adler, de acordo com membros da banda, também estava usando heroína. Duff entornava uma garrafa de vodca por dia. Axl se entocou no quarto com uma garota e um pacote de heroína durante três semanas. (Axl relatou que eles ouviram todos os discos do Led Zeppelin, vezes seguidas.) Izzy traficava heroína – tão abertamente que a revista *Spin* enviou um jornalista de Nova York para uma reportagem sobre o submundo dessa droga, do qual o Guns N' Roses supostamente havia emergido.

Na verdade, uma epidemia de heroína havia tomado conta das bandas de Los Angeles desde a explosão pós-punk no início dos anos 1980. O primeiro a ter uma overdose foi o herói protopunk de Los Angeles Darby Crash, do Germs. Depois foi a vez de John Belushi, após injetar uma speedball de heroína marrom em 1981. "O consumo de heroína era grande entre os punks de Los Angeles no início dos anos 1980", disse Axl. "Depois, parou por um tempo. E, de uma hora para a outra, quando as bandas de heavy metal apareceram, ficou grande de novo."

Então Axl comentou, com ternura espantosa: "Bem, foi Izzy que a trouxe de volta".

De acordo com todos os relatos contemporâneos, o sangue-frio viciante de Izzy Stradlin exerceu *extrema* influência sobre as bandas de Los Angeles. Se Izzy estava usando heroína, obviamente funcionava para ele e para sua banda. Outros grupos analisavam o Guns: quatro deles pareciam viciados, mas conseguiam ver que o Guns ainda era uma banda de rock matadora, com um contrato de gravação de primeira categoria. Isso tornou a persona do "músico junkie" ainda mais atraente. De acordo com o empresário do Doors, Danny Sugerman, que afirma ter comprado drogas de Izzy: "Centenas de músicos

concorrentes [em Los Angeles] passaram a se entupir de heroína, na esperança de atingirem a mesma transformação alquímica de desconhecido morto de fome a superastro do rock".

No fim de agosto, quando a Geffen ficou sabendo que as sessões com o Guns estavam estagnadas – basicamente, Slash não aparecia no estúdio –, Tom Zutaut entrou em ação.

"Tom era um cara legal", disse Vicky Hamilton, "mas também podia ser manipulador e até mesmo malvado quando necessário." Ele começou a insinuar para Axl, que parecia o *gunner* com maior autocontrole, que o futuro da banda estava em risco. Centenas de milhares de dólares de Geffen já haviam sido gastos, com pouco retorno para esse dinheiro. Um ex-executivo da Geffen recordou: "Tom basicamente os ameaçou. Ele disse que a gravadora estava apavorada, e que os empregos do pessoal [da Geffen] estavam em jogo. Ele leu a reprimenda aos membros da banda – o tanto que foi possível. Disse a eles que o acordo estava cancelado, a menos que mantivessem algum tipo de controle sobre seus maus hábitos".

Anos depois, Zutaut contou à VH1: "Eu estava preocupado até com a sobrevivência deles, porque não se pode obrigar junkies ou viciados em drogas a parar de usá-las. Provavelmente eles riram quando eu disse 'Ei, pessoal, vocês serão a maior banda do mundo. Não precisam se destruir com essa merda'".

"A única coisa que de fato me impediu [de abusar da heroína]", lembrou Slash, "foi um telefonema de Duff, dizendo '*Você se afastou de todo mundo*'. E, já que eles são as pessoas realmente próximas de mim, aquilo me afetou de verdade, e por fim parei."

Ao menos, por enquanto.

"Se bem me lembro", disse Izzy, "chegou a um ponto em que eles [a Geffen] quiseram nos despedir." Tom Zutaut teve de ser persuadido à força pela banda a não dispensá-los. Tanto Izzy quanto Slash foram para a reabilitação, o que não exatamente deu certo, mas pelo menos as gravações recomeçaram no fim de 1986. Pouco tempo se passou, e não houve mais relatos preocupados vindos do Rumbo Sound. Todo mundo na gravadora

ficou chocado e positivamente surpreso quando a estratégia de Zutaut pareceu funcionar, e a banda conseguiu se recompor durante tempo suficiente para gravar *Appetite for Destruction.*

É um parâmetro preciso do pavor que o Guns N' Roses inspirava no setor musical o fato de Geffen ter levado cinco meses para encontrar um empresário para um grupo que seria o maior do mundo. Irving Azoff, empresário dos Eagles, "passou". Tim Collins disse não. Doc McGhee, "esqueça". Todos os empresários de reconhecido talento que Tom Zutaut contatou o dispensaram na lata ou não retornaram a ligação. Ninguém queria arriscar a própria carreira tentando gerenciar a banda, principalmente desde que correram rumores de que o vocalista líder era louco de pedra e o restante, viciados em heroína.

Slash admitiu: "Ficamos inquietos. Assinamos contrato, eles nos deram um monte de dinheiro, nos colocaram em uma casa. Não saíamos nem fazíamos nenhum show... Então começamos a ficar entediados pra caralho e a usar muitas drogas, beber demais, destruir casas. Então praticamente todos os empresários estavam apavorados. E isso era ruim. Estávamos começando a ferrar com tudo".

"Não conseguíamos um empresário para salvar nossa vida", disse Izzy mais tarde. "Eles só olhavam para nós e saíam." Um candidato chegou para uma reunião com Slash e Izzy, que havia feito uma viagem com tudo pago para o México. "Eu tinha acabado de chegar de Tijuana", lembrou Izzy, "com uma mala de tequila e aquela heroína de alcatrão preto que era a preferida da época. O cara deu uma única olhada em nós e se mandou. Nenhuma palavra foi dita."

Mas finalmente Zutaut fez a escolha certa, e em agosto de 1986 Alan Niven assinou contrato como empresário do Guns. Niven gerenciava a banda de metal Great White, que trabalhava duro, e concordou em gerenciar o Guns somente por (forte) insistência de David Geffen. Alan Niven era basicamente um neozelandês headbanger com cabelos compridos ensebados. Ele havia ajudado o Sex Pistols a assinar contrato com a EMI dez anos antes, o que o fez ganhar pontos imediatos com Slash e

Duff. Niven usava roupas de couro puídas e poderia se passar por um motoqueiro europeu. Ele era intenso, bravo, briguento. "Ele era retrô, mesmo naquela época", lembra um executivo da Geffen. "Era uma versão mais crua do empresário do Spinal Tap – totalmente certeiro." Sua empresa, a Stravinsky Brothers, tinha um escritório na cidade de surfe Orange County, em Hermosa Beach. Niven conseguiu o cargo de empresário do Guns N' Roses na falta de alguém melhor – ninguém mais queria isso –, embora Axl não gostasse dele.

"Na verdade, Axl não o *odiava*", afirma Robert John. "Não que ele não gostasse de Alan. Estava mais para uma *desconfiança*. Com Axl, era sempre uma questão de confiança, ou o negócio não funcionava."

A banda toda odiava o Great White.

Mas a gravadora disse ao Guns que era agora ou nunca, e Alan Niven parecia entusiasmado. Ele os agradou com algumas entregas de pizzas, cerveja, Jack Daniel's, e as revistas e fitas pornográficas suecas mais hardcore que existiam. Mostrou a eles o que um "mentor" clássico e *old school* poderia fazer pela banda. O jeito de durão e o sotaque de sabe-tudo eram uma vantagem. Finalmente, para selar a barganha, Niven levou a banda ao lendário Barney's Beanery, em West Hollywood, que Jim Morrison frequentara e onde Janis Joplin gostava de beber quando não estava injetando heroína em um quarto de hotel da rua. Niven, muitas vezes descrito como impetuoso e cáustico, impressionou Duff e Slash com a quantidade de álcool que bebia. Até Izzy achou que ele servia: "Alan Niven se tornou o sexto membro da banda. Ele nos viu e disse 'Bem, eles são um caos', mas talvez ele próprio já tivesse sido. A verdade é que ele foi um fator importante para tirar a banda da cidade".

Muito mais tarde, Alan Niven disse a Mick Wall, biógrafo do Guns, que para ele tudo foi um tiro no escuro. "Quando assinei contrato com a banda", disse ele, "eu não sabia o que esperar. Achei que o primeiro álbum venderia algumas centenas de milhares de cópias. Se você me dissesse que havia um single de sucesso nele, eu teria rido da sua cara."

Provavelmente era por isso que Axl Rose não gostava de Alan Niven.

Um motim nas ruas

O Guns N' Roses talvez tenha passado por uma espécie de limbo pré-fama no fim do verão e no outono de 1986, mas, apesar de todas as pressões do vício, do alcoolismo, das obsessões e da reabilitação, a banda nunca dava um show menos do que ótimo. O Guns incendiava todas as noites ao subir no palco, suando as toxinas que envenenavam seus corpos quase nus no calor, no som e na fúria de um show de rock a todo vapor.

Em agosto, eles assinaram o contrato final com a Geffen Records. O documento de 62 páginas fora elaborado por Jeff Fenster, um jovem advogado da Warner Bros., cujos funcionários auxiliavam a Geffen nas questões administrativas como parte de seu acordo de distribuição. A banda conhecia Fenster porque às vezes ele bancava o DJ em um de seus pontos de encontro, o Scream, um clube de rock em um antigo salão de hotel no centro da cidade. Fenster – tangencialmente, um de seus advogados – logo também estaria tocando sua gaita com o Guns na Sunset Strip.

Slash ficou aliviado com o contrato. Ele disse a um repórter de um jornal comercial: "Foi o que nos fez conseguir a outra metade do dinheiro". Axl disse que foi um grande dia em sua vida. O ex-William Bruce Bailey mudou legalmente de nome para W. Axl Rose para assinar o contrato. Axl relatou que David Geffen os parabenizou por terem se tornado "escravos contratados" da Geffen Records.

Eles lotaram o Whisky no dia 23 de agosto. Abriram para Ted Nugent no Santa Monica Civic Center, no dia 30. Lotaram o Roxy na noite seguinte. O flyer os anunciava como *A Banda Que Não Morreria*. Axl ainda fazia a maior parte dos shows com sua marca registrada: roupas de couro que deixavam as costas à mostra e chapéu de motociclista, os trajes de um punk gay, às vezes canalizando os inequívocos movimentos de palco de Freddie Mercury, causando furiosa comoção em "Out ta Get Me",

"Think About You" e todas as outras músicas. Às vezes, trocava as calças BDSM por um kilt escocês xadrez. Os shows deixavam os espectadores sem fôlego.

Em 15 de setembro, o Guns N' Roses foi a atração principal do "Street Scene", uma série de shows de verão em um parque no centro de Los Angeles. Só algumas centenas de pessoas tinham ido aos shows anteriores, mas 5 mil jovens apareceram para ver o Guns se apresentar ao ar livre num palco montado. Começou bem, mas depois a coisa ficou estranha, quando Axl começou a entoar um de seus prelúdios valentões de "Out ta Get Me". Os discursos antiautoritários sobre perseguição e paranoia, direcionados a um público jovem já alienado, com gemidos roucos e irritantes, eram apenas parte do show em um clube de rock. Porém, num parque público, parecia mais um convite explícito para jogar coisas na polícia.

Depois de quatro músicas do set, Izzy Stradlin tirou os olhos de sua guitarra e olhou para a frente, e viu um tumulto começando na última fila da multidão. As pessoas estavam atirando barris de óleo vazios nos policiais. Os jovens da frente dominaram os seguranças, quebraram as barreiras e começaram a subir no palco. Axl viu um tumulto em forma de centenas de pessoas olhando para ele e gritando, tentando, de alguma forma, comunicar... o quê?

"A galera pirou, simples assim", disse Axl à *Hit Parader*. "Todo mundo – roqueiros punk, o pessoal do heavy metal – simplesmente surtou. Se eu tivesse dito 'Destruam o centro da cidade', todo o centro de Los Angeles teria sido destroçado!"

A banda queria continuar tocando, mas os bombeiros interromperam o show. "De qualquer maneira, o sistema elétrico teria nos fritado em cima do palco se continuássemos lá", recordou Axl. A banda caiu fora. Os policiais levaram quatro horas para tirar do parque os fãs baderneiros do Guns N' Roses.

A cidade de Reseda em San Fernando Valley tomou medidas severas contra flyers de bandas naquele outono. Para os grupos, isso foi um choque, porque o Country Club de Chuck Landis era uma casa importante para shows de bandas sem contrato, como o

Guns. Agora, se uma banda desafiasse os patronos da cidade e enchesse os shoppings e as ruas de Reseda de flyers, ela descobriria que seus shows no Country Club tinham sido cancelados quando aparecesse para tocar. Para ser honesto, isso não intimidou o Guns, cujos flyers amarelos foram descaradamente colados de cabo a rabo na Ventura Boulevard, como se o município todo estivesse com acne:

> **SEXTA / 18 DE OUT. / COUNTRY CLUB DE CHUCK LANDIS / NOITE GLAM/ COM O GUNS N' ROSES/ SEM IDADE MÍNIMA**

Outras bandas que espalharam flyers tiveram apresentações canceladas, mas os ingressos para o Guns se esgotaram em um só dia, e o show aconteceu conforme agendado. Eles abriram para o Red Hot Chilli Peppers na UCLA em 31 de outubro, um show de Halloween. A última apresentação daquele ano conturbado foi em Long Beach, onde o Guns abriu para os Dead Boys. O Guns N' Roses levaria quatro meses para voltar a tocar. Durante esse tempo, trabalharam no disco indie fake provisório, e também compondo e gravando sua obra-prima.

L.A. ROCKS: "Vocês foram rotulados de durões. Por quê?"
IZZY: "Aroma corporal. Nossos sovacos fedem".
AXL: "Não gostamos de deitar e morrer".
DUFF: "Somos a única banda que conheço que dirá não a uma oportunidade muito boa – mas depois vamos jogar isso na sua cara".
IZZY: "É, existem os dominadores e os dominados".
SLASH: "E nós não somos os dominados" (risos).

Havia muita coisa acontecendo com Axl, tanto na banda quanto na vida amorosa, mas ele continuava alto-astral e realista quando falava com a imprensa. "Tem uma coisa que quero fazer com o Guns N' Roses", disse ele ao *Los Angeles Times*. "É uma parte minha que desejo que saia e vá o mais longe que eu conseguir. Pode ser uma carreira longa, ou pode ser curta e *explosiva*. Na verdade, não me importa – contanto que aconteça,

e de um jeito grandioso."

De acordo com Robert John, Axl adorava tudo o que tinha a ver com os Sex Pistols. A anarquia descontrolada do grupo e sua energia aniquiladora foram as primeiras coisas que levaram Axl a adorar tudo o que tinha a ver com o punk. E Sid Vicious, o baixista que se destruiu e morreu de overdose em Nova York após (supostamente) matar a namorada, ocupava um lugar especial no perverso panteão de heróis de Axl. Portanto, quando o filme *Sid and Nancy* entrou em exibição em Hollywood, Axl e uma turma de amigos foram assistir.

Foi uma noite daquelas. Todos eles – Axl, Robert John, Tracii Guns e algumas garotas – ficaram chapados de heroína. O plano era ver o filme e depois ir ao Troubadour. O filme acabou se revelando uma chatice – Slash tinha trabalhado no set para ganhar um extra, quando a obra estava sendo filmada –, mas isso foi apenas o começo. A caminho do clube após o filme, a van alugada da turma bateu em um carro que atravessava a Santa Monica Boulevard. O motorista do outro carro ficou embasbacado por um grupo de drag queens (pensou ele) ter batido em sua traseira. A polícia apareceu tão rápido que mal tiveram tempo de enfiar as drogas na parte de cima dos pneus antes que os delegados os revistassem e os importunassem por uma hora.

O Guns gravou bastante material para o EP em outubro. Eles tocaram um pouco de suas músicas ferozes da antiga Hollywood Rose e um pouco do punk e do rock clássico que apresentavam nos shows. Editaram uma versão acústica com violão de "You're Crazy", que Axl, Izzy e Slash haviam composto logo após terem sido contratados pela Geffen anteriormente naquele ano, além de uma nova canção de Izzy chamada "Patience". Boa parte desse material foi gravada no Take One Studio em Burbank pelo engenheiro Hans-Peter Heuber, e depois mixado por Heuber e Alan Niven. Quatro faixas foram lançadas em um EP de vinil intitulado – após muitas reuniões da banda que se transformaram em grupos de encontro de afásicos – *Live ?!*@ Like a Suicide.*

O selo pseudoindie do Guns também se chamava UZI Suicide.

De acordo com Alan Niven, a história por trás disso era que, já que a banda inteira se assumia como monumentalmente autodestrutiva, eles também poderiam fazer sucesso com isso.

Já que o EP se disfarçava de um lançamento no estilo indie genuíno e pós-punk, a Geffen mandou fazer apenas 25 mil cópias. A capa continha uma foto colorida (feita por Robert John) de Axl e Duff de cabelão, em uma névoa vermelha de spray para cabelos. A contracapa, de Jack Lue, era a foto do Guns favorita de todos. Ela os retratava em um beco, insolentemente vestidos dentro do carrão customizado de outra pessoa e com jaquetas glam. Steven, Slash e Duff usavam calças de couro de rock. Izzy está encostado em Axl. O "visual" crucial de Axl foi estilizado para essa sessão pela *rocket queen* em pessoa, Barbi Von Grief, que enfiou a legging branca do músico dentro das botas surradas de caubói, penteou os cabelos dele como um dente-de-leão humano em pura florescência e aplicou uma maquiagem habilmente sinistra que o fazia parecer, como ele costumava dizer sobre Keith Richards, "um chapado elegante".

O disco de vinil em si, abocanhado nas lojas na Sunset e na Melrose como um colecionável instantâneo e ouvido por apenas uns milhares de fãs locais do GN'R, foi um álbum de rock bombástico e incendiário. As duas faixas da Hollywood Rose e as duas versões cover resumiam por inteiro a jornada de Axl e Izzy para o oeste e a subsequente aparição no submundo de Hollywood, e canalizava especificamente a revolução sônica superaquecida dos Sex Pistols de uma forma que nenhuma outra banda norte-americana conseguira atingir.

O EP começa com um dos roadies – Jason, Ronny, Danny – apresentando a banda para um público simulado, parecido com uma multidão furiosa pelo Guns em um clube de rock da Sunset Strip: "*HEY FUCKERS! SUCK ON FUCKIN' GUNS AND ROSES!* [Ei, filhos da mãe! Com vocês, Guns And Roses, porra!]". A banda começa detonando com "Reckless Life", soando como a mesma atitude desencanada do Aerosmith na época de *Toys*, bem punk, com o ronco de um riff de dois acordes e vocais estridentes como um pato se arrebentando. A diferença entre o punk e o Guns era Slash. O virtuosismo do deus da guitarra era execrável para os punks originais, que consideravam virtuoses como Clapton e

Page falsos ídolos que precisavam ser insultados e esmagados. O Guns levou isso para a próxima fase, implantando o minimalismo severo do arranjo punk com um solo de guitarra com base no blues que nasceu com Joe Perry, Brad Whitford e Steve Jones. A faixa termina com um breve lamento viking ao estilo inicial de Robert Plant, evocando o cenário mental do Zeppelin de masmorras e dragões.

Em seguida, vem uma versão superacelerada de "Nice Boys", originalmente da banda de rock australiana Rose Tattoo, com várias guitarras zumbindo, atitude malcriada e uma dinâmica de parar o tempo no ritmo da seção. "Move to the City", de Chris Weber, havia pulado da Rose para a Hollywood Rose e, depois, para o Guns N' Roses, e era um dos ápices de seus shows ao vivo. A faixa começa com uma explosão de guitarras deliberadamente desleixadas, antes de Axl soltar seu estridente desafio de levar uma vida irresponsável nas ruas, em oposição à existência acéfala do subúrbio adolescente. Em seguida, a música passa por diferentes seções que se interligam em um clímax dramático, trazendo a (simulada) casa abaixo em um êxtase de aplausos gravados.

"Mama Kin", de Steven Tyler, que tinha sido composta antes da formação do Aerosmith em 1972, fecha o álbum. "Esta é uma música sobre a sua mãe, porra", zomba Axl, cheio de desprezo. O Guns ataca com força a antiga música, tocando-a mais rápido que o Aerosmith, com Axl chegando a copiar a voz "de negro" de Tyler da versão original. É um recital fiel de um material clássico e uma homenagem explícita aos principais inspiradores do Guns. Diz muito para os adolescentes perdedores cuja principal ambição era "Livin' out your fantasy/ Sleepin' late and suckin' weed".[17]

Live ?!@ Like a Suicide* foi o primeiro golpe da banda contra a autoridade. A contracapa deixava claro que essa edição limitada se voltava sobretudo para quem tinha acreditado neles no início: "Este álbum é dedicado a nossos amigos, pelo apoio nas ruas e no palco".

As pessoas que conheciam bem a banda, ou pelo menos algumas delas, afirmam que o Guns N' Roses nunca mais tocou um som tão bom.

Cuidado, mundo!

As 10 mil cópias do EP pseudoindie do Guns N' Roses esgotaram imediatamente.

A *RIP*, uma nova revista sobre música lançada por Althea Flynt (esposa do editor da *Hustler*, Larry Flynt) para registrar a pulsante cena glam metal, estava empolgada:

"Cuidado, mundo! Das profundezas desprezíveis e viscosas dos becos de Hollywood rasteja o Guns and Roses [*sic*], um bando de gente que toca rock and roll limpo e arrasador, estilo Led Zeppelin. Com guitarras duplas, vocais estridentes à la Steve Marriott e bateria estrondosa, esses caras são o símbolo-mor dos astros de rock jovens e presunçosos."

A revista de rock *Circus*, de Nova York, também se pronunciou: "O mundo do rock não precisa de outra banda de 'bad' boys, mas, dando uma olhada nas paradas, precisa desse quinteto sediado em Los Angeles. Mesmo que eles não sejam particularmente originais, conseguem transformar apenas um talento mediano (e um ego acima da média) em algum ruído verdadeiramente punk/R&B/glam/metal que causa irritação garantida em seus familiares (e em alguns amigos também)".

O pessoal da promoção da Geffen enviou cópias do EP à imprensa roqueira de Londres, que publicou ótimas críticas sem ressalvas no início de 1987, basicamente prevendo a Segunda Vinda do Rock. Mick Wall, que escrevia na revista inglesa de metal *Kerrang!*, chamou o disco de "o mais seleto da ralé do rock 'n' roll que surgiu de Los Angeles desde *Too Fast for Love*, do Mötley Crüe, de 1981".

Nos Estados Unidos, a maioria dos críticos comparava imediatamente o Guns a seus principais inspiradores, o Aerosmith, o que geralmente era OK para ambas as bandas.

Nas entrevistas, o Guns insistia que *Suicide* não representava a direção tomada por eles no álbum de verdade que estavam elaborando. Slash afirmou que o único propósito de *Suicide* era que "todas as pessoas que nos viram no início tenham uma chance de adquirir nossas primeiras gravações em

disco. É como uma dedicatória cara a toda a rapaziada que nos ajudou a continuar quando não tínhamos dinheiro nenhum e morávamos em apartamentos abandonados”.

Para Axl, era diferente. Ele nunca tinha sido realmente a favor do projeto. “O EP não passa de merda comparado com o álbum”, disse ele no início de 1987, enquanto faziam o *Appetite*. “É a merda mais artificial que já fizemos. Não tem nada de ‘gravação ao vivo’. Se pensou que era, ou você é louco ou burro. O que fizemos foi entrar em uma sala, gravar a nós mesmos e colocar 50 mil pessoas gritando por cima.” Basicamente, ele achava que a coisa toda era desonesta e só para vender, mas a gravadora havia insistido que a banda mantivesse algum tipo de presença nas ruas enquanto se entocava nos estúdios trabalhando no álbum.

Porém, para os fãs do GN’R, o EP do UZI Suicide é o único registro do som original da banda, antes da avalanche de fama e fortuna que se seguiu. Comerciantes e colecionadores de discos competem com ferocidade pelas cópias escassas e altamente valiosas da primeira tentativa da banda de ser reconhecida além dos paredões de montanhas áridas do leste de Los Angeles.

O Guns e Mike Clink gravaram as faixas básicas para o *Appetite* nos estúdios Rumbo e Take One no final de 1986 e início de 1987, em meio a todo tipo de rumores relacionados à extinção da banda. A história que corria pela Strip era que os membros do Guns tinham aids. Disseram que o álbum não estava sendo gravado em Londres porque o Guns tinha sido impedido de entrar no Reino Unido. Que Geffen os despedira. Slash morrera de overdose. Eles romperam antes, ou depois, de um show tresloucado no Club Lingerie.

JORNALISTA: “Vocês romperam de verdade na época?”.
SLASH: “Não, não rompemos. Só tivemos uma longa DR; resolveu um monte de merda”.
AXL: “Havia conflitos, discórdias [em relação a drogas]. Achei que foi um dos piores shows que fizemos. Mas no dia seguinte tivemos que conversar. Muitas coisas subiram à nossa cabeça,

porque é tudo muito novo para nós. Se nos separássemos... *com quem mais* iríamos tocar, alguém que realmente valorizamos tanto quanto valorizamos um ao outro?"

DUFF: "Não somos os caras mais relaxados. Não somos as porras do [soft rockers contemporâneos da MTV] Mister, manja? Não usamos estas roupas só para tocar nos shows. Isso é nossa vida! Então é normal acontecer coisas assim. Pensamos por conta própria e não deixamos ninguém nos dizer o que fazer, porra".

SLASH: "Se você prestar atenção, somos um grupo muito tenso".

AXL: "Somos muito explosivos. Isso aparece na nossa música. E, depois daquele show no Club Lingerie, foi como começar tudo de novo. A maioria de nós trabalha juntos há três anos. Explodimos uns com os outros várias vezes, e sempre voltamos atrás".

Mas ainda havia muito temor em relação à banda na Geffen Records. Um ex-executivo de gravação lembra que o grupo estava sempre metido em encrencas. "Eles brigavam em clubes e eram sempre expulsos do Rainbow e do Cathouse. Faziam sexo com estrelas pornô. Usavam drogas pesadas abertamente. Agiam sem limites. Você ia até a casa deles e via garotas seminuas correndo por lá em vários estágios de desconforto. Uma vez, eles chegaram ao escritório [da Geffen] atrasados para uma reunião, com uma garota nua enrolada em uma cortina de banheiro – ela ainda estava molhada. Para nós, da empresa, a coisa toda parecia fora de controle. Na gravadora, havia uma crença real de que Axl, o membro mais importante, simplesmente não conseguiria sair dessa vivo. Eu me lembro de uma longa discussão na Geffen em que alguém, talvez o próprio David Geffen, ou mesmo seu braço direito, Eric Eisner, disse: 'Precisamos gravar *tudo o que eles fazem* – ensaios, checagem de som, shows – *agora*, porque essa banda será incrivelmente popular e terá uma vida incrivelmente curta. Um deles vai morrer de overdose antes que tudo isso acabe'."

Na verdade, as sessões de gravação de *Appetite for Destruction* se desenrolaram sem muitos problemas, principalmente porque Mike Clink deixou claro para a banda que músicos profissionais,

pagos para gravar um álbum com canções originais, não podem estragar tudo.

Clink havia sido a última opção de todos como produtor, mas no fim ele se revelou brilhante. Ele tentava, preferencialmente, limitar as faixas a uma única tomada. Eles o chamavam de Mike "*Pronto!*" Clink. Sua filosofia era captar a ferocidade da banda em um pleno episódio de frenesi, e não domar a música para lançamento comercial. "É instintivo", disse Clink, muitos milhões de álbuns depois. "Você *sabe* quando uma música é tão boa como deve ser, simples assim." Alan Niven, empresário do Guns, posteriormente afirmou que Clink foi crucial para o sucesso do álbum: "Simplesmente não consigo imaginar outro ser humano com a paciência para fazer esse disco".

Mike Clink: "Eles chegavam – muitas, muitas vezes – na maior ressaca".

Slash passava as madrugadas no Rainbow. "Depois de tocar o terror em Hollywood a noite toda, ainda tínhamos, de alguma forma, que nos levantar e estar no estúdio ao meio-dia. E, na maioria das vezes, fizemos isso."

Uma das primeiras decisões era usar ou não Steven Adler no álbum. "Todo mundo adorava Steven", diz um executivo da Geffen, "porque ele era uma graça de garoto e parte importante dos shows no palco. Era o cara menos estropiado da banda, mas também o menos musicalmente talentoso. Houve uma conversa séria na Geffen de que o Guns devia gravar com outro baterista, mas nunca foi além disso, e Steven participou da gravação."

A banda trabalhou duro. Como afirmou Slash, Mike Clink os tratava com respeito. Se um dos músicos estava atrapalhando as coisas e não conseguia tocar, Clink o chamava em particular e o alertava de que havia algo a melhorar na performance. Ele lhe dava uma oportunidade para praticar, focar e se aprimorar, e gravar a faixa depois, quando estivesse se sentindo melhor. Clink tinha ouvidos para pegar uma música como "You're Crazy", que Izzy, Slash e Axl haviam composto em violões acústicos, e transformá-la em um rock abrasador que se tornaria a peça-chave do álbum.

A banda tinha mais ou menos 30 músicas diferentes quando as sessões começaram no verão anterior. Mas nenhuma das

baladas – "Don't Cry", "November Rain" – faria parte do álbum que, no fim, se tornou um dos mais irados de hard rock desde o alucinante *Physical Graffiti*, do Led Zeppelin, em 1975. Tom Zutaut foi irredutível para que o Guns reservasse suas baladas para mais tarde, quando tivessem um público maior. Algumas músicas novas foram compostas enquanto trabalhavam no estúdio, incluindo a estrondosa "Mr. Brownstone", de Izzy, e "Sweet Child o' Mine", o tributo de Axl Rose à voluptuosa Erin Everly.

O famoso riff de guitarra no início de "Sweet Child" começou como uma brincadeira. Slash estava tocando esse riff meio circense no estúdio como um aquecimento divertido, mas Clink o gravou em fita e Axl adorou. Isso o fez se lembrar de um poema em que trabalhou, mas que não tinha conseguido terminar. "Então Slash e Izzy começaram a trabalhar juntos nas músicas, e entrei no meio. Izzy chegou a um certo ritmo – e, de repente, esse poema apareceu na minha cabeça." Como Axl admitiu, ela acabou se tornando a primeira canção positiva de amor que ele havia escrito – o oposto (bi)polar de "Back Off Bitch" e das outras letras paranoicas e misóginas de Axl.

Mais tarde, Slash se lembrou da maneira como seu lick apressado tomou conta de Axl: "O que começou com uma porcaria de brincadeira para mim se revelou um grande hino para Axl... sobre a relação em que ele estava na época. Sei que foi um dos momentos mais emocionantes de sua vida".

Quem conhecia Axl Rose acreditava que Erin Everly era a primeira pessoa que ele já havia amado incondicionalmente. Foi daí que surgiu "Sweet Child o' Mine". E Axl realmente queria acertar o tom da canção.

"Sou de Indiana", disse ele a um biógrafo inglês à época, "onde o Lynyrd Skynyrd era considerado Deus a ponto de você acabar odiando essa banda, sabe? E, mesmo assim, para 'Sweet Child o' Mine', saí e comprei algumas fitas velhas do Skynyrd, só para garantir que captaríamos aquele sentimento íntimo e sincero."

As fitas eróticas

Algumas das músicas de *Appetite for Destruction* foram criadas com a colaboração de West Arkeen, cujo papel no álbum foi importante o bastante para que a banda o descrevesse como "GN'R nº 6" nos créditos do disco. Nascido em Paris em 1960, Arkeen era um pouco mais velho que os demais e mais talentoso como músico. Cresceu em San Diego e aprendeu violão como autodidata, praticando com um metrônomo na casa de sua família. Inspirado por Hendrix, John Lennon e Ted Nugent, ele se mudou para Los Angeles em 1981 a fim de trabalhar na indústria musical. Primeiro, fez amizade com Izzy, depois, com o restante da banda. Com seus longos cabelos loiros e intensidade gaulesa, ele parecia um trovador medieval bem no meio da Sunset Strip. Ele era um dos pilares da banda paralela de Duff, a Drunk Fux. (O Guns também tinha uma música sobre West. Na verdade, era sobre o pênis dele. "A música leva o nome desse cara, West Arkeen", contou Duff a Mick Wall, "que às vezes compõe conosco. Ele é um verdadeiro filho da mãe, certo? Mas o pau dele não é só *desse* tamanho, mas, tipo, *dessa* grossura, cara! Então é a grossura, manja? Logo, chamamos a música de 'Grossura' [Girth].") Arkeen era, no mínimo, o irmão mais velho confiável, maneiro e enigmático. Duff recorria a ele para ter ideias, afinações, aberturas na guitarra. Em 1986, eles escreveram juntos "It's So Easy".

Axl contribuiu com um verso para "It's So Easy", mas a maioria foi de Duff e West. Como disse Duff mais tarde, em 1987: "Eu e West tivemos um momento especial em nossa vida, quando a tequila era nossa verdadeira inspiração. Ele estava me ensinando afinações diferentes na guitarra, e passávamos muito tempo sentados. Antes de sermos contratados, o pessoal e as garotas não davam a mínima para nós. Então conseguimos contrato, e de uma hora para outra as garotas começaram a aparecer, trazendo birita, drogas e tudo o mais, e trepavam com você, chupavam seu pau, e isso chegou a ficar ridículo. Nem conseguíamos acreditar! 'It's So Easy' é sobre isso".

"West Arkeen era supertalentoso", recorda um amigo da banda. "Ele também era uma figura estranha, sombria – muito introspectivo e na dele. Um esquisitão. Mas Axl o tinha em alta

conta. Você via Axl tocando coisas para West, a fim de que ele opinasse sobre o que a banda estava fazendo. Isso era raro, porque Axl era perfeccionista demais e não acreditava de verdade em mais ninguém. West Arkeen era exceção à regra."

As sessões de *Appetite* foram, em todos os sentidos, uma reformulação completa do Guns N' Roses. Seus shows ao vivo eram propositalmente caóticos, "insanos", como afirmava Axl. "Visualmente, estamos em todos os lugares, e você não sabe o que esperar. Mas... como colocar isso em um disco?"

A tática de Mike Clink foi deixar os integrantes do Guns serem eles mesmos. Ele não tentava impor nada, apenas os ajudava a fazer um álbum que soasse a cara deles. O mais importante em relação à visão da banda (e de Clink) sobre a música eram as versões experimentais, improvisadas e recém-episódicas das canções. "Jungle", "Rocket Queen", "My Michelle" e "Paradise City" receberam novas dimensões no estúdio, já que Clink e a banda começaram a aplicar as lições do Led Zeppelin de luz e sombra às faixas que eles estavam gravando.

"Foi por isso que escolhemos Mike Clink", disse Axl mais tarde. "Escolhemos um som *puro*. Sabíamos de que jeito ficávamos no palco, e sabíamos que a única forma de captar isso no disco era torná-lo, de certa forma, 'ao vivo': tocando baixo, bateria e a guitarra base ao mesmo tempo. [Gravamos] um pouco mais rápido que ao vivo, OK, então isso confere mais energia a ele. Obtendo a melhor faixa, acrescentando muitas partes cantadas e overdubs com as guitarras. Quer dizer, havia um plano definido para isso."

"Paradise City", a música que colocaria o Guns nas rádios, foi um exemplo de como as músicas foram elaboradas. Ela nasceu da Hell Tour original para Seattle, quando o Guns sentiu uma saudade bem improvável da árida Hollywood. Depois, havia o anseio folclórico generalizado e romântico pelo conforto do lar, uma vida mais simples, um lugar em que as garotas são bonitas e não lhe passam herpes. Axl contou à *Kerrang!* sobre o processo

de gravação: "Criei dois dos primeiros vocais – há cinco partes vocais nela – e o som ficou muito estranho". Então Axl e Clink fizeram experimentos, juntando duas das faixas mais estranhas – "as duas mais obtusas". Clink não gostou, mas agiu com diplomacia. Ele ouviu e disse a Axl, "Não tenho opinião formada sobre isso, cara".

Axl: "Tipo, eu também não. Por que não deixamos isso para amanhã?". No dia seguinte, Axl ligou para Clink e disse que ainda não tinha certeza. "Mas aí [Clink] vem e diz: 'Não, agora acho que o som está maneiro'. Então ele tinha mudado de ideia! Logo colocamos mais três partes vocais naquilo, e aí se encaixaram. A questão é que não foi como havíamos planejado. Na verdade, não sabemos como foi que aconteceu." (De acordo com Clink, "Paradise City" também é a única faixa que apresenta explicitamente um sintetizador, conforme sugestão de Axl.)

Em sua cabeça, Axl dividiu "Paradise City" em estrofes e refrões. "As estrofes são sobre estar na selva", afirmou ele. "O refrão é como estar de volta no meio-oeste, ou algum outro lugar." Essa parte o fazia se lembrar de si mesmo quando criança, olhando a imensidão do céu, totalmente maravilhado. "Há mais partes da música que contêm mais sensações caseiras, e quando comecei a inserir as camadas das [cinco faixas vocais], a impressão era que ela continha alguma herança irlandesa ou escocesa."

A visão de Axl Rose para "Rocket Queen" era tipicamente perversa. Pelo menos na segunda metade com cara de balada, era uma canção-hino sobre esperança e amizade. Mas Axl também ouvia certa pornografia ali, e decidiu gravar um ato sexual no estúdio e usar na música os gritos de orgasmo de uma mulher no clímax (ou com dores). Mais tarde, Mike Clink contou a um repórter: "Os caras se revezavam para transar com essa garota no estúdio. São sons reais de sexo, ao vivo na fita". Um ex-executivo da Geffen afirma que Axl transou com duas ou três garotas pelo menos duas ou três vezes no Rumbo Sound, sem ficar satisfeito com os resultados. Victor Deyglio, engenheiro assistente de mixagem, teve que correr para ajustar os

microfones vocais quando eles foram derrubados no meio do rala e rola de Axl e das garotas no estúdio escuro. Uma dessas garotas havia namorado Steven Adler por um tempo, uma stripper de 19 anos chamada Adriana, que estava dando o troco em Steven por ele tê-la traído. Enquanto a fita rodava, Axl disparou: "Vamos, Adriana! Pare de fingir – faça pra valer!". Quando Steven Adler descobriu, ficou maluco.

Axl: "Escrevi a música para uma garota que teria uma banda e a chamaria de Rocket Queen. Ela meio que... me manteve vivo por um tempo. A última parte da música é minha mensagem para essa pessoa, ou qualquer outra que consiga aproveitar alguma coisa disso".

Naturalmente, rumores sobre as fitas eróticas da banda andavam circulando em Hollywood. Axl não fazia questão de negar a história. "Para essa música, houve algo que tentei trabalhar com várias pessoas – um ato sexual gravado. Era para ser espontâneo, mas premeditado. Algo que eu queria colocar no disco... era uma música sexual, e a noite no estúdio foi uma loucura."

"My Michelle" começou como um tipo de tributo fofinho à namorada adolescente de Axl, Michelle Young. Ela ainda era amiga da banda, e retirou as queixas de estupro quando Axl lhe pediu. Uma noite, Axl e Michelle estavam a caminho de um show quando "Your Song", de Elton John, começou a tocar no rádio, e Michelle disse que sempre quis ter uma música sobre ela. Então Axl compôs uma música para ela e depois percebeu que, na realidade, a letra não tinha nenhum fundamento. Logo, ele a reescreveu, representando Michelle como uma prostituta adolescente vinda de uma família desfeita e sórdida, com uma queda por heroína e cocaína. Ele reproduziu a letra no microfone do Rumbo, usando óculos sob uma bandana azul e uma camiseta amarrada com um nó na cintura. Suas botas de caubói estavam adornadas de correntes, coleiras de cachorro, tiras de couro e bijuterias de prata.

Apesar da redenção milagrosa de Michelle no fim da canção, o restante da banda achou a nova letra agressiva demais. Axl

comentou, “Slash e alguns outros membros da banda disseram que [a letra] era pesada demais para a doce Michelle, coitada. ‘*Ela vai pirar, cara!*’ Mas a história é real. Descreve a vida dela. A mina leva uma vida tão louca – usando drogas ou sei lá – que você não sabe se ela vai estar viva no dia seguinte... Sempre que vejo Michelle, fico aliviado pra cacete”.

Esse debate sobre a letra de “My Michelle” continuou, pelos cálculos de Axl, por umas três semanas. Finalmente ele ligou para ela. Michelle foi ao estúdio e ele leu a letra para ela, e então mostrou a música. Axl lhe disse que não iria colocar essa faixa no álbum sem a aprovação dela. Axl prosseguiu: “E ela estava tão feliz por não termos só criado uma cena bonitinha. Era uma canção verdadeira, sobre ela. Ela ama essa faixa. Até o pai dela gosta!”

“Nightrain”

Contrariando todas as expectativas racionais e desafiando o senso comum, o Guns N’ Roses definiu as faixas básicas de *Appetite for Destruction* com relativa facilidade. Para a banda, as músicas representavam o melhor do que mais tarde Duff chamou de “dois anos de música”. As sessões do Rumbo também aconteceram no pacato Canoga Park em San Fernando Valley, a uma hora de carro das tentações de Hollywood se o trânsito estivesse ruim (e geralmente estava). “As garotas, os traficantes e os parasitas não podiam incomodá-los, porque eles estavam editando no vale”, disse um dos amigos da banda. “Eles fizeram um esforço mais concentrado.”

Todo mundo ficou impressionado com Slash, extremamente focado em fazer as músicas e as guitarras soarem da maneira como deveriam. Slash tinha seus próprios problemas de trânsito, já que havia batido a van de equipamentos alugada, a qual em dado momento foi fotografada no estacionamento do Take One Studio (em Burbank) com uma guitarra quebrada saindo do para-brisas quebrado. Era uma Gibson SG alugada, cujos problemas técnicos aguçaram o apetite de Slash por destruição.

Por fim, Slash editou a maioria das faixas com uma Les Paul falsificada, conectada em um amplificador Marshall. Ele trabalhava no fim da tarde e à noite. Depois, Axl vinha e cantava até o amanhecer, o que significa que Mike Clink estava trabalhando 18 horas por dia.

Slash tocava com maestria no estúdio, ralando pra caramba. O álbum parecia significar tudo para ele. Mais tarde, ele descreveu as músicas como "um livro de contos sobre o que a banda passou em Hollywood, tentando sobreviver, do início dos anos 1980 até quando acabou". Oficialmente, Slash devia estar livre das drogas, mas ele e suas cobras (Clyde e Cranston) estavam morando na casa do roadie Todd Crew, que usava heroína abertamente, logo, a situação de drogas de Slash era uma questão em aberto.

Mas a dedicação de Slash ao álbum nunca enfraqueceu. Ele era um soldado do rock por natureza. "Slash era um músico *dedicado*", afirmou Robert John. "Se passasse mal em cima do palco, sairia para vomitar atrás dos amplificadores, [e aí] voltaria para o palco e continuaria a tocar. Se estivesse fazendo um solo e o cigarro caísse na sua calça – *Cara! Você está pegando fogo!* – ele terminaria o solo... com dor."

As pessoas estavam fascinadas com Slash. Axl o chamava de seu personagem favorito de desenho animado. Ele tinha essa vibe quase mitológica, metade homem, metade animal – o centauro do rock.

O único não membro do Guns N' Roses que tocou nas faixas básicas do álbum *Appetite* foi Jeff Fenster – um dos advogados da banda.

Na época, Fenster tinha 33 anos. Vindo de Nova York e formado na Columbia Law, ele conseguira um emprego na Warner Bros. Records quando ela era gerenciada por Mo Ostin e Lenny Waronker (hoje considerada a idade de ouro da gravadora). Fenster conhecera os integrantes do Guns porque também tocava como DJ no Scream, o clube ultradescolado no centro da cidade onde a banda ia para ouvir as novidades – a chamada música industrial e bandas novas como o Ministry.

"Durante o dia eu trabalhava na Warner", recorda Jeff, "mas um de meus hobbies era bancar o DJ em festas lotadas de

pirralhos em Hollywood e no Lhasa Club, onde tocavam bandas alternativas como o Hüsker Dü. Devo ter conhecido o Guns no Scream, perto do MacArthur Park, onde o Jane's Addiction começou. O Guns também tocava lá, e na verdade era para eles terem participado de um álbum com o qual me envolvi, *The Scream Compilation*, que apresentava as bandas que tocavam no Scream. O primeiro single do Jane's Addiction estava no álbum, mas aí o Guns assinou contrato com a Geffen, e eles não cederiam uma faixa para nosso pequeno projeto indie.

"Na época, havia cinco bandas maneiras atuando em Los Angeles – Guns N' Roses, Faster Pussycat, L.A. Guns, Poison e Jet Boy. O Poison tinha contrato com uma gravadora, mas eles eram meio que a "banda alvo de piadas" – exceto por ser bastante conhecida em Hollywood por conseguir mais garotas, e mais bonitas, que as outras bandas. [Um de seus flyers ficou famoso por conter: ME DÊ LIBERDADE OU ME DÊ SEXO ORAL.] Mas uma noite eu me lembro de ter visto uma batalha de bandas no Whisky – talvez fossem essas cinco bandas – e Axl Rose se destacou por completo como o macho alfa da cena. Ele tinha uma persona 'bad boy', mas também era sensual *de verdade*, e quase feminino ao se mover e na maneira como se apresentava. Claramente, ele era o avatar das bandas de Los Angeles daquela era. E também havia Slash, instantaneamente reconhecido como um tipo de arquétipo do rock, mas também o melhor guitarrista da cidade.

"Trabalhei no contrato de gravação da banda porque a Warner ajudava a Geffen como parte do acordo de distribuição. Eu era o cara novato na Warner, e, quando chegou a hora de assinar o contrato do Guns N' Roses com a Geffen, eles me deram o trabalho. O contrato do Guns [com a Geffen] não tinha nada de mais – ou era para dois álbuns, fixo, ou para um só álbum com uma opção, não lembro. Tudo, inclusive o adiantamento da banda e o orçamento para o álbum, ficou umas centenas de milhares [de dólares].

"Devo ter conhecido a banda por intermédio de Tom Zutaut e sua assistente, Teresa Ensenat. De algum modo, eu os avisei que também tocava gaita, e comecei a frequentar a casa da banda, que era tudo aquilo que você talvez já soubesse – garotas nuas, muita heroína, música alta, vidros quebrados, vizinhos reclamando, a

polícia chegando para restaurar alguma aparente ordem. Talvez tenhamos tocado enquanto eles estavam ensaiando, e por fim Axl me pediu para tocar gaita na música 'Nightrain' em alguns shows que eles estavam fazendo. O primeiro foi no Madame Wong's e depois toquei no Troubadour com eles. Então me pediram para tocar com a banda no Whisky a Go Go.

"Aí fui ao Whisky, provavelmente em alguma noite de verão de 1986. Eu estava empolgado demais. Quantos advogados tocam com a banda que representam? Fui até o segundo andar do Whisky, a um vestiário que mais parecia um pardieiro, e encontrei Axl ali com duas strippers. Ele me cumprimentou com um 'toca aqui' e disse às meninas: 'Este é nosso amigo Jeff. Ele vai tocar com a gente hoje. Eu agradeceria muito se vocês o levassem para o banheiro e o ajudassem a relaxar'.

"Então saí com as duas garotas, e elas basicamente me 'serviram'" – com sexo oral duplo. "Em seguida, o Guns subiu no palco, e quando chegou a hora de 'Nightrain' eles me chamaram, e toquei com eles. O público – muitas garotas – estava em frenesi. *Alucinado*. Eu era dez anos mais velho que a banda, mas eles todos *se divertiam* horrores com isso, com o fato de que o advogado da gravadora podia fazer isso. Eles me deram um solo de gaita, como havíamos feito antes." O esquema todo foi tão maneiro que Jeff Fenster mal conseguia acreditar no que estava acontecendo.

Algumas semanas depois, Axl ligou para Jeff e pediu a ele que fosse ao estúdio tocar gaita em "Nightrain" para o álbum. Logo, uma noite depois do trabalho, Fenster dirigiu pela Ventura Freeway até Canoga Park e encontrou a banda no Rumbo.

"Era um estúdio bem simples", recorda Jeff. "O Rumbo ficava lá longe, no Valley, um estúdio bonitinho e à moda antiga, muito analógico, com painéis de madeira. Era um ambiente que transmitia paz, não decadência. Eles tocaram algumas coisas para mim – acho que ouvi 'Welcome to the Jungle' e 'Mr. Brownstone' – e foi impossível não ficar impressionado."

Jeff gravou algumas faixas de gaita para "Nightrain" e foi basicamente isso. Mike Clink disse a ele: "Ótimo trabalho. Você é bom".

"Mike Clink era totalmente descontraído", afirma Jeff. "Ele

era muito legal, muito calmo. Você precisa se lembrar de que as expectativas eram baixas. Era tipo: esta é outra banda da Sunset Strip como o Mötley Crüe. Onde é que ela entra, se é que entra? Ninguém sabia ao certo."

Um mês ou mais se passou. Jeff Fenster não ouviu falar de nada. Então, na primavera de 1987, Axl Rose ligou para Jeff e lhe pediu que fosse a Nova York, onde o *Appetite* estava sendo mixado. Axl queria que Jeff voltasse a tocar a parte da gaita em "Nightrain", mas um pouco diferente dessa vez.

17. “Viver sua fantasia/ Dormir até tarde e fumar maconha.” [N. T.]

Capítulo 6
A GRANDE AVENTURA DO GUNS N' ROSES

Logo seremos a banda mais malvada, mais sórdida, mais sexy do rock and roll. Não somos glam, não somos punks, não somos heavy metal. É uma banda de rock and roll – a primeira e única.

– *Axl Rose*

O cara da gaita

O Guns N' Roses, sua equipe, os gerentes, o pessoal da gravação, vários parasitas e algumas namoradas se mudaram para a ilha de Manhattan no início de 1987, a fim de mixar e sequenciar o *Appetite for Destruction* no Media Sound Studios, próximo ao Carnegie Hall em Midtown. Todos estavam animados com a crueza das faixas que eles haviam trazido de Los Angeles. Alguns achavam que uma música recente de Axl e Izzy, "You Could Be Mine", era um potencial primeiro single. (Ela foi deixada de fora do álbum.) Fizeram uma ótima versão de "Back Off Bitch", mas que também não entrou no álbum. Todos adoraram "Paradise City", com seus banjos bluegrass e lamentos de exílio – "so far away... take me home".[18] "Mr. Brownstone", originalmente composta por Izzy e Slash com violões acústicos enquanto estavam chapados de heroína, agora era um rap dinâmico em speedball configurado em uma batida atômica à la Bo Diddley. Além dessas faixas, a maioria das canções acústicas

(como "Patience") que mais tarde saíram no *GN'R Lies* também foram elaboradas nesse período de frenesi criativo.

Axl Rose estava confiante de que eles tinham algo. "Só quero que este seja o álbum de estreia mais vendido por uma banda de rock – *de todos os tempos*", disse ele.

"Acho que vai *ser um arraso*", previu Izzy. "Ouvir o playback é contra o padrão. Ou você vai amar ou odiar, e tudo bem, contanto que o *note*."

Mas também havia alguns problemas. Steven Adler se revoltou depois que alguém lhe contou na surdina sobre os direitos de publicação das canções da banda. A "publicação" – a propriedade das músicas – era, e é, a única garantia para qualquer músico de rock cujas turnês eram limitadas e cuja gravadora certamente o enganaria no cenário improvável de que o álbum venderia o suficiente para o adiantamento "render".

Steven Adler era o baterista do Guns e parte importante das apresentações, mas ele não tinha escrito nenhuma das músicas e quase não havia tocado no álbum. Mesmo assim, ele ameaçou desistir, a menos que participasse. Isso deixou Axl furioso.

"Em certo momento", fumegou Axl, "para manter essa banda unida, foi necessário eu ceder [a Adler] uma parte de meus direitos de publicação. Foi um dos maiores erros que já cometi na vida. Mas ele teve um ataque." Foi em uma reunião da banda no hotel Milford Plaza. Steven Adler disse a eles que não continuaria na banda se fosse para ficar na pindaíba. E funcionou! Na surdina, o Guns foi alertado pelo pessoal da gravação na Geffen que o álbum poderia atrasar, ou mesmo não ser lançado, se Adler deixasse a banda e os processasse. Então Steven Adler os forçou a isso e imediatamente foi incluído nos créditos das composições das músicas.

Em 1991, Axl avaliou que isso havia lhe custado 1,5 milhão de dólares. (Provavelmente tenha dobrado desde então.)

Um dia, em janeiro de 1987, Jeff Fenster estava no escritório da Warner Bros. quando recebeu uma ligação de Tom Zutaut, em

Nova York. Axl Rose queria que ele fosse a Nova York, onde estavam mixando o álbum, e gravasse seu solo de gaita em "Nightrain". Isso surpreendeu Jeff, que achou que havia feito sua parte no Rumbo. Só que não. Axl tinha outra parte em mente, que seria explicada a Jeff assim que ele chegasse a Nova York. Então Jeff teve que explicar a seus chefes da Warner que deveria tomar um voo para Nova York (pago pelo orçamento de gravação da Geffen para a banda) e refazer sua parte com a gaita no álbum do Guns.

Alguns dias depois, quando Jeff chegou ao Media Sound, Axl e Tom o encontraram no estúdio. Axl cantou a nova parte da gaita para Jeff, mas era difícil de tocar. "Tinha uma nota dobrada dupla que até daria pra fazer em uma gaita cromática", lembrou ele, "mas estava quase além da minha habilidade na gaita de blues que eu costumava tocar. Levou algum tempo para eu me aproximar do que ele queria."

Enquanto trabalhava na sala ao vivo do estúdio, Jeff viu o restante da banda entrar na sala de controle. Depois, através do vidro grosso, viu Axl conversando com uma jovem bem bonita e muito sexy. Então a porta da sala ao vivo se abriu e a garota entrou com uma garrafa recém-aberta de Jack Daniel's na mão. Ela vestia uma saia curtíssima. Axl falou com Jeff pelos fones de ouvido que ele usava.

"Jeff, essa garota é uma boa amiga nossa, ela acabou de chegar de Los Angeles e vai dançar para você enquanto você toca." A ideia pareceu inspiradora; Jeff faria o seu melhor enquanto uma dançarina exótica se despia à sua frente. Assim, entre boas goladas de Jack, a garota começou a se mexer. Tirou a blusa, depois a minissaia. Mais goles de Jack e ela estendeu a garrafa a Jeff.

"Ela estava dançando para mim – bêbada", lembra Jeff. "De calcinha e sutiã. Comecei a ficar excitado. Então ela parou de dançar e me disse: 'É até aqui que vou – a menos que você também tire as *suas* roupas'."

Dentro de um minuto nova-iorquino, Jeff estava tocando sua gaita usando apenas cueca listrada, meias e tênis.

"A essa altura ela já estava bem nua, e, claro, bastante bêbada. Havíamos terminado a garrafa de Jack. Então ela caiu

com tudo no chão. Mas estava acordada, se contorcendo e olhando para mim, então me empolguei e em seguida deitei em cima dela, aí meu rosto foi parar lá, ela curtiu, eu também."

Quando Jeff estava prestes a consumar essa nova relação excitante, sentiu uma mão em suas costas. Tentou ignorar, mas alguém o cutucava com insistência. A garota gemia, implorando. "Vamos, meu bem, o que está esperando?" Agora havia alguém sacudindo o ombro de Jeff; uma pessoa o puxava daquela jovem tumescente que parecia adorar sua masculinidade blueseira.

Era Axl. Ele disse: "Hã, Jeff... Desculpa, mas sou *eu* que vou transar com essa menina agora. É para o disco. Vamos colocar isso no disco".

Mãos desconhecidas puxaram Jeff para cima. Os roadies estenderam um cobertor no chão. Um engenheiro trouxe um microfone num tripé baixo e o colocou perto do cobertor. Enquanto era expulso do estúdio, Jeff ouviu a garota dizendo que não faria nada daquilo – a não ser que todos saíssem do estúdio, exceto o engenheiro na sala de controle. Ela conseguiu.

Agora Jeff se encontrava no salão do estúdio – "pê da vida, chateado pra valer, ainda excitado". Zutaut explicou que eles estavam tentando inserir barulho de sexo em uma faixa chamada "Rocket Queen." Jeff perguntou quem era a garota, e ficou sabendo que era uma frequentadora da Sunset Strip e boa amiga da banda, e que eles a haviam trazido para a sessão. Enquanto isso, os sons de Axl transando com ela chegaram até o salão. Então Zutaut não aguentou mais e entrou às escondidas na sala de controle, engatinhando, e, agachado atrás do console, ficou vendo Axl e a garota mandando ver.

A sessão foi um sucesso. Mike Barbiero dividiu os orgasmos operísticos da garota em três faixas separadas, e ao menos duas delas aparecem no *Appetite*.

Jeff Fenster estava muito nervoso. "Aí estou no salão, irado. A garota entra, ainda muito bêbada, só de camiseta e botas de caubói [de Axl]. Ela olha para mim e pergunta, 'Por que *você* não me comeu?'."

Após a sessão, Jeff, a banda e as garotas foram até a Wolf's Delicatessen lá perto. A garota que havia dançado para Jeff, fazendo sua participação em "Rocket Queen", era ardente, viva,

muito descolada. Eles pediram comida. Uma hora mais tarde, depois de entornarem algumas bebidas, clientes reclamarem e bolinhos de pão ázimo voarem pelo restaurante, eles foram expulsos. Eles podiam fazer essas merdas no Canter's, em Hollywood, mas não nas delicatessens de Nova York.

Um mês depois, Mike Clink ligou para Jeff Fenster para pedir desculpas, mas seu solo de gaita não entraria no álbum. Tanto Slash quanto Zutaut haviam curtido, mas aí Axl decidiu que não estava certo.

Naquele verão, quando o álbum foi lançado, Jeff levou os créditos como "Jeff (o cara da gaita) Fenster". (Victor Deyglio foi creditado como "o engenheiro foda" por seu trabalho nas fitas de sexo.)

"A escória mais desprezível de Los Angeles"

O Guns N' Roses voltou para Hollywood em março, quando deu dois shows na Sunset Strip. O primeiro foi no Whisky, no dia 23. A gravação que dava início ao show era "What's That Noise", do Stormtroopers of Death. O roadie berra: "GUNS N' ROSES, PORRA!". Eles abrem com "Reckless Life", metal fundido e metanfetamina. Logo todos estão sem camisa. Izzy manda ver em sua Gibson grande e branca, rondando a linha de trás, fora do caminho de Axl enquanto o esbelto vocalista quase fantasmagórico percorre o palco usando calças justas de couro roxas e botas de caubói puídas. Slash, fedendo a bebida, toca feito um demônio sua Les Paul preta por trás da cortina de cabelos, fazendo solos com facilidade concentrada. "Não é culpa minha que o técnico de PA desse lugar é uma merda", reclama Axl, antes de a banda começar "Welcome to the Jungle". Agora, toda a coreografia está presente: a queda de joelhos quando a selva o derruba, o movimento pélvico à menção do "serpentear", a crucificação final com braços escancarados, azuis por conta das tatuagens. "Nightrain", "You're Crazy", "My Michelle". O biógrafo inglês Paul Elliot descreveu o show como uma "depravação crua e irritante" e as músicas como "balas vindas do coração de um desajustado" e

“hinos para os alienados”.

O extravagante flyer rosa para o segundo show de março, no dia 29 no Roxy, anunciava, sob uma foto e o logotipo da banda:

> ARTISTA GRAVADO PELA GEFFEN / GUNS & ROSES / 1 ÚLTIMO SHOW EXPLOSIVO / COM FASTER PUSSYCAT / O EVENTO VAI ESGOTAR.

O Faster Pussycat, que se autointitulava “caras hollywoodianos desvairados e inconsequentes do inferno”, abriram o show diante de uma multidão gritalhona de adolescentes bonitinhas. O próprio guitarrista, Brent Muscat, era tão fofo que derreteu as garotas das primeiras sete fileiras com suas meias de náilon. Os vocais agudos do cantor Taime Down impulsionaram versões cover de “Star Fucker”, dos Stones, e de “I’m Your Venus”, do Shocking Blue. Eles anunciaram que haviam acabado de assinar com a Elektra Records.

Uma hora depois, a multidão estava ávida pelo GN’R, explodindo de ansiedade, mas a banda subiu ao palco sem luz em meio a problemas de som, retorno e confusão. Podia-se ouvir um Axl furioso berrando: “Que porra de barulho é esse?”. Mas depois, segundo o fanzine local *L.A. Rocks*, “eles rapidamente entraram no próprio mundo do rock, que fez o público todo sentir que estavam drogados. Os shows constantes e a finalização do álbum aprimoraram ao extremo os músicos arrasa-corações, e a voz aguda de Axl é tão perfeita e potente que não incomoda meus ouvidos como antes. Chego a ter arrepios quando ele supera os guinchos da guitarra-base, e o som de ‘Nightrain’ ficou tão bom que me tornei novamente um fã do GN’R. Agora, é sua vez. Confira.”

Mas agora não seria fácil a base local de fãs voltar a vê-los. Era o fim da época do Guns N’ Roses como banda de clubes. Sua genialidade original viera das ruas. Agora eles estavam saindo em turnê, indo embora da cidade. Agora tocariam para estranhos, não para amigos, amantes e traficantes. Não haveria mais flyers da banda colados por Hollywood e em Valley.

Enquanto isso, o trabalho que a banda e os técnicos haviam feito em Nova York passava pelo sequenciamento, e começaram a

rolar rumores de que o álbum do Guns era bonitinho, mas ordinário. Tom Zutaut insistiu que não devia haver baladas no que ele considerava o álbum mais pesado de rock em anos. Houve certa oposição a isso, mas Zutaut bateu o pé e recebeu apoio do chefe. “O Guns não era exatamente a coisa favorita de David Geffen”, afirma um ex-executivo. “Ele havia sido empresário de Joni Mitchell, e gostava de Bob Dylan, Neil Young e gente desse tipo. Mas ele realmente acreditava no seu pessoal, e achava que o departamento artístico geria a empresa. Apoiava ao máximo seus funcionários, como Zutaut e John Kalodner. A Geffen era famosa como uma empresa que era movida pelo departamento artístico.”

Uma das ideias iniciais de Zutaut era lançar a banda primeiramente em Londres, então, no fim de junho, foram agendadas três noites para o Guns no lendário Marquee Club londrino. Para isso, a assessora de imprensa da Geffen, Bryn Bridenthal, começou a marcar horários para jornalistas britânicos de rock entrevistarem a banda em sua terra natal, a fim de aumentar o burburinho no Reino Unido antes da chegada do Guns.

Foi mais ou menos nessa época que Axl fez a icônica tatuagem que cobre a maior parte de seu antebraço direito. Desenhada por Bill White e colorida por Robert Bedenetti na Sunset Strip Tattoo, a arte era uma variação da cruz teutônica com os cinco membros da banda retratados como caveiras no crucifixo. Axl estava no meio, com cabelos vermelhos e chapéu de motociclista. Izzy, no topo; Slash estava na base, com sua cartola cercada de anéis. Steven e Duff vinham ao lado de Axl, como os dois ladrões crucificados com Cristo. A nova tatuagem foi uma demonstração tão afrontosa que gerou muitos comentários e espanto. Mais tarde, Axl comentou que fez a tatuagem para não ficar tão parecido com uma menina quando a banda saísse em turnê naquele verão.

Mais tarde, em março, o Guns estava bebendo no Cathouse na Sunset, que 20 anos antes havia sido o London Fog, cuja banda da

casa em 1965 eram os Doors. A moral dos gunners nas ruas agora era imensa. Os donos modernosos do Cathouse estavam contentes por terem o Guns como centro das atenções no lugar, e alguém mandou uma garrafa de Jim Beam para a mesa deles. Dentro de uma hora, as cadeiras do clube haviam sido reduzidas a lenha, alguém teve a cabeça rachada por um taco de sinuca e a banda foi expulsa do clube.

No dia seguinte fez 21 °C de sol de fim de inverno na pequena casa de estrutura branca da banda, em Santa Monica Boulevard. Um repórter e um fotógrafo do jornal musical britânico *Sounds* chegaram ao meio-dia e encontraram a banda acordando. Seus carros antigos ladeavam uma rua de casas elegantes. O lixo que a banda não juntou, vários barris vazios de cerveja e algumas cadeiras quebradas estavam no pequeno jardim da frente. Uma placa de neon da cerveja Miller High Life piscava na janela frontal. A banda posou para fotos na Harley grandona de Todd Crew guardada no alpendre, enquanto o dono dela injetava heroína no banheiro imundo. Um mix tosco de *Appetite for Destruction* tocava a todo vapor e podia ser ouvido a duas quadras de distância. Os vizinhos chamaram a polícia – de novo.

Três viaturas pretas e brancas encostaram. Um policial saiu e atravessou o lixo, os vidros quebrados e detritos, e abordou a banda por trás de seus óculos espelhados de aviador. “Onde é a festa?”

“Er, ficamos sem cerveja”, arriscou Duff. Alguém lá dentro diminuiu bastante o volume da música.

“Claro”, disse o policial. “Tente deixar o volume baixo, OK? Voltaremos para checar em meia hora.”

Quando o oficial se virou para a viatura, Axl gritou: “Ei, que tal a gente tirar algumas fotos no seu carro? Você não se importa, né?”.

O policial disse que tudo bem, e a banda tirou fotos encostada no Ford policial. “Aquele foi o terceiro grupo de policiais maneiros em sequência”, disse Axl mais tarde.

A entrevista foi feita dentro da casa, no meio da bagunça de sempre. “São os delegados de West Hollywood que odiamos”, disse Izzy. Sua aparência era esquelética, ele estava muito inquieto e

fumava sem parar. “São os piores porcos que já conheci.” Duff estava em uma cama, apagado. Axl, sem camisa sob uma jaqueta de peles falsa, foi o que mais falou. Slash, escondido sob a máscara de cachos pretos, foi monossilábico. Steven Adler ouvia, principalmente.

“A voz de Axl é suave, profunda, levemente rouca. Axl gostou de se abrir, e os outros tentaram não competir.” Axl respondeu a todas as perguntas feitas para a banda, com exceção de uma, quando Alan Niven disse a ele que detalhes de problemas legais com a ex-empresária não deveriam ser gravados. O repórter havia perguntado sobre os rumores de que Vicky Hamilton estaria processando a banda em milhões de dólares.

O repórter, Paul Elliot, perguntou sobre “a cena” de Los Angeles. Ela estava se aproximando do auge da era glam metal dos anos 1980, quando a lúgubre cultura underground da Strip era transmitida em rede nacional pela TV a cabo e, basicamente, passava de uma contracultura pequena, decadente e regada a drogas para o que se tornou um rock padrão nos Estados Unidos, no intervalo de um ano.

Ao que parece, a pergunta irritou a banda, talvez porque sabiam que a agitada cena pós-punk de Hollywood que os havia alimentado já estava morta, que os clubes que lhe tinham dado apoio vital já estavam no passado, e que o álbum deles ainda não havia sido lançado.

Axl disse ao *Sounds* que achava que a cena em Los Angeles passava por um estado de decadência. “Ela morreu um pouco”, reconheceu, “e acho que o motivo somos... nós.” Os outros mexeram a cabeça, concordando. Axl explicou que, quando se tornaram os headliners nos clubes nos quais, em geral, pagavam para tocar, levavam bandas locais para abrir para eles – Jet Boy, Faster Pussycat, L.A. Guns. “E isso meio que criou essa cena, onde éramos a atração principal.”

“Então paramos de tocar por um tempo para trabalhar no álbum, e as outras bandas começaram a se destacar. Mas algumas delas não foram tão legais em ajudar outras bandas. Sempre tentamos ajudar os outros porque... quero ver uma cena rock realmente maneira aqui. Quero poder ligar o rádio e não ter asco da merda que vou ouvir.”

Axl destacou que agora voltariam a tocar com o Jet Boy e o Faster Pussycat. Mas as duas bandas tinham assinado contratos de gravação, "então está tudo começando de novo, mas só por alguns shows. É basicamente toda a cena que existe neste exato momento".

Izzy: "Nossa cena está morrendo porque as outras quatro bandas assinaram contrato".

Slash: "Pensar na cena de Los Angeles me faz querer vomitar. Los Angeles é considerado um lugar bastante gay, e muita gente fala merda pra nós pensando que somos posers, porra".

"O Poison ferrou tudo para nós", disse Axl, com tristeza. A primeira banda pós-Crüe de Los Angeles a lançar um disco, a primeira a conseguir exposição na MTV, a primeira a ser insultada como vazia e estúpida, o Poison se gabava para os Estados Unidos de que eles dominavam a Sunset Strip. "Eles disseram que todo mundo em Los Angeles seguia a tendência deles. Que piada sem noção!"

A banda estava claramente empolgada com o álbum. "Já planejamos nosso progresso", disse Axl – "como vamos crescer. Essa gravação vai soar como uma vitrine. Eu canto em, tipo, cinco ou seis tons diferentes, então nenhuma música é igual à outra, mesmo que todas sejam hard rock." Axl comentou que, no ano anterior, havia gastado mais de 1.300 dólares em fitas cassete: "Comprei de tudo, de Slayer a Wham!, para ouvir produção, vocais e tudo mais".

Slash observou, lacônico, que o Guns era a única banda de rock and roll de verdade a surgir em Los Angeles em dez anos. "O Van Halen foi a última."

Izzy: "O Mötley Crüe era mais teen metal. Temos um som mais raiz que a maioria das bandas aqui. O único motivo por que fomos rotulados com essa merda de 'bad boy' é que os outros grupos de Los Angeles são uns frangotes".

E as comparações com o Aerosmith?

"Aí tudo bem", disse Axl. "Para mim, a banda mais durona e corajosa que já surgiu nos Estados Unidos foi o Aerosmith.

Gostava do fato de eles não serem os caras que você queria encontrar numa rua sem saída se tivessem se desentendido. Sempre quis sair dos Estados Unidos com essa atitude."

O *Sounds* concluiu com a análise do repórter a respeito da banda a quem chamou de "A escória mais desprezível de Los Angeles":

> Sobreviventes, carniceiros, sexistas, desprezíveis, pirralhos, vagabundos, maçãs podres [...] mas não originais. Se achou isso parecido com o Guns N' Roses, não é nenhuma surpresa. Os movimentos por que eles estão passando são antigos, mas incessantes. Estes cinco são simplesmente os últimos em uma longa fila de inúteis que mantêm uma tradição com mania de grandeza, glorificada e gananciosa. E, num ano em que armar escândalos readquiriu seu antigo glamour, o Guns N' Roses está atraindo os holofotes.

Uma noite no Scream

Abril de 1987. O clube mais efervescente de Los Angeles, se não do mundo, é o Scream, um labirinto de salas temáticas entalhadas no salão de baile do antigo e central Embassy Hotel, no número 607 da S. Park Street. Um ano antes, o Scream havia sido inaugurado como uma pequena sala para as noites de segunda-feira e atraía uns 50 descolados em uma noite boa. Agora, ele abre às 11 da noite nos fins de semana e atrai sua capacidade total de 1.200 pessoas, com outros milhares esperando na Grand Avenue para entrar. Por uma taxa de adesão e entrada de dez dólares, eles recebem até três bandas locais, com frequência o Faster Pussycat, Jane's Addiction, Jet Boy ou o L.A. Guns. O DJ Mio Vukovic toca discos de hard rock dos anos 1960 e 1970 até furar os tímpanos: Sweet, Slade, T. Rex, Aerosmith, Free, Steppenwolf. Rola bastante Kinks na pista de dança. As bandas atuais de rock retrô Sisters of Mercy e Cult são aceitáveis. Pedidos de músicas do Duran Duran ou Brian Eno geram desprezo.

Há inúmeros olheiros de tendências. Malcolm McLaren, empresário dos Sex Pistols, chegou de Londres para ver o que consegue roubar. O produtor do Beastie Boys Rick Rubin voou de Nova York especialmente para passar uma noite no Scream e ver

o Guns N' Roses tocar.

Toda noite, o Scream enche de coisas diferentes suas pequenas salas. Nesta noite há salas de música, salas de vídeo, e uma em que não há nada além de uma caveira grande de um animal. Uma sala grande contém uma banda de flautim de 50 itens vinda do bairro de Watts, que passou oito meses ensaiando ali. A sala de tatuagens só permite a entrada se a pessoa já tem artes corporais significativas. Uma das salas contém um homem vestido de Jesus se arrastando com uma cruz nas costas em tamanho real, pedindo a quem entrasse que lhe comprasse uma bebida. Outra sala contém um grande urso canadense, aparentemente domado, com seu tutor. Outra está cheia de centenas de escorpiões pelo chão. Em outra, clientes podem depilar as pernas por um dólar.

Também há um supermercado de drogas. Em oferta, calmantes, anfetaminas, poppers de nitrato de amila e muita heroína. A cocaína era muito cara para a maioria, mas frequentadores do Scream a substituíram por um produto chamado Ener B, um gel nasal com vitamina B-12 que proporciona um fluxo forte de energia e até alucinações. Bares improvisados em cantos escuros vendem cerveja em lata para qualquer um com RG falso. O visual é preto, decadente e de couro. O clube está lotado de mulheres aproveitadoras, vítimas da moda, punks, prostitutas jovens e várias futuras estrelas do rock, inclusive alguns dos membros do Guns N' Roses, que relutantemente apareceram no Scream em resposta à estratégia de Geffen de fazer jornalistas ingleses os entrevistarem antes dos shows em Londres.

À meia-noite, chega o homem do *Time Out* ("London's Weekly Guide"). A caminho do clube, seu acompanhante da Geffen mencionou que a gravadora apostava que a banda seria gigante, e também que alguns de seus membros não viveriam muito tempo para agarrar os primeiros pagamentos de royalties. Quando nosso escriba chega ao Scream, percebe que já conheceu, ou ao menos viu, alguns da banda umas noites atrás, no Cathouse. Quando ele entrou, dois deles realmente se destacavam. "Um tinha cabelos ao estilo [Marc] Bolan, a cara suja e botas grandes, e passou boa parte da noite pulando em cadeiras

de madeira até elas caírem aos pedaços. O outro tinha cabelos pretos e amarelos, compridos e embaraçados, e passou tristes 40 minutos girando o corpo para alongar as costas, lamentando sobre seguros de guitarra. Os dois belos espécimes [eram] Slash e Duff, guitarrista e baixista do Guns N' Roses."

Problemas surgem imediatamente. O Guns acha que o Scream está totalmente *passé*, tipo, acabado, e todos querem se separar. Além disso, a banda parece sentir um pavor genuíno de um stalker skinhead psicopata chamado Animal e se pergunta, com nervosismo, se ele pode tentar matá-los. O predador astuto Slash consegue 20 dólares do repórter nos primeiros cinco minutos. Ele os entrega a uma garota, que supostamente lhes traria uma cerveja mexicana "especial", mas ela não volta mais. Eles dizem ao repórter que estão indo embora, mas Axl, acompanhado pela adorável jovem filha de Don Everly (que ainda é adorado como um deus na Inglaterra), o convida para o QG da banda no dia seguinte, para fazer a entrevista.

Tarde seguinte. Quase 30 graus e a Califórnia estava ensolarada, ou seja, uma grossa camada de neblina e fumaça se espalhava por causa do incêndio no matagal nas colinas sobre Hollywood. O céu parece branco em vez de azul.

"Junto com dez amigos, roadies e groupies, sua casa durante o dia se chama Hellhouse, um bangalô suburbano imundo e detonado em uma rua que é o oposto, intocada e com casas bem conservadas em West Hollywood." Os policiais chegam três vezes durante a entrevista, que durou quase uma hora – uma vez porque um vizinho reclamou que eles tinham estacionado na grama; outra para alertar que haveria prisões se houvesse mais quebra-quebra de garrafas; e outra, ainda, para revistar Candy, uma amiga da banda que havia acabado de chegar. Os policiais não encontraram nenhuma droga, mas um oficial conseguiu o número de Candy e prometeu telefonar.

Dentro da casa, Slash está descansando em um colchão encardido no chão, cercado de roupas sujas, garrafas vazias, cadeiras de jardim quebradas e lixo. Um roadie gordo e quase nu está desmaiado em uma poltrona, com a cabeça voltada para trás,

e quase parece morto, exceto pelo ronco repugnante. Alegremente, Slash começa a conversa: ele acabou de terminar com a namorada stripper, principalmente porque os peitos dela eram grandes demais. "O que você faz com eles? *Flop, flop, flop.* Eu tive que deixá-la." Também menciona que ela passou chato para ele, do qual está se recuperando.

Alan Niven chega, descrito como "o empresário inglês da banda (ou seja, o *Spinal Tap* da vida real)". Niven alerta que o Guns não achava o *Spinal Tap* engraçado. Reconhece que a gravadora está nervosa em relação à banda. "Na metade do tempo, a Geffen está entusiasmada com eles, na outra metade, morrendo de medo." Ele confessa que a banda quase foi despedida no ano anterior e teve que melhorar de atitude.

Questionado sobre a imagem de bad boy da banda, Slash fica indignado e diz que não é imagem, e sim sua realidade cotidiana. Ele insiste que a banda é perigosa de verdade:

> Você é alertado que, se puser o pé na estrada, as pessoas tentarão empurrar coisas para você – drogas e bebida. Eles deveriam se preocupar mais com a gente empurrando coisas nelas. Eu e Duff, cara, estamos nessa fase de bebida há dois anos. Quando acordamos de tarde para fazer a checagem do som, bebemos tanto que não conseguimos tocar, porque nossas mãos tremem como moinhos de vento, cacete. Então, o que acontece? Bebemos um pouco mais até ficarmos bem, e acordamos no dia seguinte com a mesma vadia, e você não sabe a porra do nome dela, e tem alguma coisa bizarra saindo do seu pau, e sua cama está toda molhada porque você mijou nela, e aí você fala [para a vadia]: "Você me faria um favor? Pode me arrumar uma bebida e uma pizza?".

Logo Axl chega. Slash, meio brincando, mas com malícia indisfarçável, o apresenta como "o merdinha mais temperamental... e mais malvado – *do mundo*".

Axl vem cambaleando até o jornalista londrino, que, conforme o alertaram, precisa de um bom gancho editorial se a banda quiser publicidade quando chegar à Inglaterra. Ele tinha perguntado do que os ingleses mais gostavam. Alguém disse que eles adoravam cães. Então ele falou o seguinte: "Só gostaria de dizer que tenho nojo pessoal de cachorros pequenos. Tenho *sérios problemas físicos* com eles. Tudo neles me faz querer *matá-los.* Preciso".

Isso não parecia certo, como qualquer coisa que W. Axl Rose

dizia, mas a citação foi publicada e encheu devidamente os tabloides ingleses de manchetes quando a banda apareceu em Londres dois meses depois.

Axl não estava muito a fim de conversa. Questionado sobre composição de músicas, ele tentou: "Às vezes, levo dois anos para fazer seis versos. Eles têm que expressar *exatamente* o que quero dizer. Às vezes escrevo umas palavras incríveis e ouço uma música fabulosa na minha cabeça, e penso 'Uau – está acontecendo de verdade. É melhor que o Led Zeppelin!'. Então vou para casa, coloco para gravar e percebo, merda, *era* Led Zeppelin".

A chegada de Axl multiplica por 10 mil a tensão na Hellhouse. De uma hora para outra, Slash parece bastante estressado e o clima geral fica estranho, deixando claro que Slash e Axl não se dão bem. Continuando, o *Time Out* pergunta sobre as influências da banda.

Slash: "Todos temos as nossas. Ficaríamos aqui até terça se tivéssemos que citar todas".

Alguém apontou que *era* terça.

Slash: "Olhe, pegue o som do AC/DC, da Mahavishnu Orchestra, do Aerosmith. Pegue o som daquele idiota, qual o nome dele? O que toca violão bem rápido... Al DiMeola, isso mesmo. Então coloque tudo isso junto na cabeça, e aí balance ela assim [*tump, tump*], e então, talvez, faça uma tatuagem nova, e aí, *bum*, vêm as músicas do Guns N' Roses".

Axl faz um "não" com a cabeça diante desse desabafo de bêbado. Isso deixa Slash tenso. Ele seca sua garrafa de Jim Beam e se levanta para quebrar o vidro. Eles conseguem ver os policiais começando a atravessar de novo a rua. Axl diz a ele para não esmigalhar a garrafa.

SLASH: "Eu *preciso*, cara!".

ALAN NIVEN: "Porra, Slash, para com isso!".

DUFF: "Não, por favor...".

ROADIE: "Não, cara. Eu tenho que morar aqui".

SLASH: "Eu *preciso*!".

AXL: "Faça isso do outro lado da rua".

SLASH: "Eu *quero* fazer isso".

AXL: "Não, não – você não mora mais aqui".

SLASH: "Só nessa parede aqui, porra. Só quero quebrar".

Os policiais reduzem a velocidade em frente à casa. Alan Niven fica pálido.

Slash: "Só essa paredezinha. Oi, parede". Ele esmigalha a garrafa. Cacos de vidro se espalham por toda parte. Slash parece extremamente aliviado. Se os policiais ouviram alguma coisa, ignoraram e seguiram em frente.

O artigo conclui com uma observação interessante sobre Los Angeles naquela primavera:

> Ambos [o Guns] e [o Scream] representam um tipo de nova era musical em Los Angeles. As pessoas que você encontra morrem de orgulho do fato de Los Angeles não ser mais a sombra musical de Nova York. Londres e Manhattan nunca falaram muito bem da cena espaçada de West Coast, e muito menos em termos positivos de qualquer bagulho doido das ruas, mas as atitudes estão mudando. Claro, em um extremo da cidade tem praia e banho de sol. Mas, no centro e em West Hollywood, tem maníacos com guitarras capazes de quebrar ossos em dois tempos.
>
> É preciso dar a essa banda o maior dos elogios. Ela não entrou nessa pelos vídeos e pelas mudanças de carreira. Ela vive essas coisas, e faz isso porque significa dinheiro para bebida e garotas de graça.

Seu único álbum bom

Maio de 1987. O Guns N' Roses tem 13 músicas para o álbum de estreia, todas mixadas e prontas para serem lançadas. Depois de terem dispensado "You Could Be Mine" por ter uma vibe diferente das outras músicas de hard rock implacáveis e arrasadoras, eles têm 12, agora sequenciadas em Los Angeles. O tempo de execução do álbum seria pouco mais de 58 minutos.

"Welcome to the Jungle" abre o álbum com suas guitarras intermitentes, um tributo específico ao riff blitzkrieg original de "Whole Lotta Love", do Led Zeppelin. A vibe do Zeppelin continua com os ventos uivantes da longa jornada ao metal do inferno, e então o problema sério começa com o convite explícito de Axl de lhe vender heroína ou "whatever you may need" [qualquer coisa de que precisar]. A selva de onde eles vêm, alerta ele, vai deixar você de joelhos. A garota muito sexy consegue

reconhecimento, e agora é hora de fazê-la gritar, em forma de um loop sexual ao vivo em estúdio, durante a serenata orgástica da guitarra de Slash. A ponte nos leva para baixo, nos suga, antes da reviravolta e da "seção intermediária" de ruído branco – outra homenagem ao vórtex de guitarra de Jimmy Page em "Whole Lotta Love". Em seguida: "You know where you are? You're in the jungle, baby. You're gonna *die*!".[19] A música conclui com as ameaças de Axl de violência e vergonha, alertas de fracasso e destruição, e uma vívida premonição de morte se as leis inexoráveis da selva forem violadas.

Com essa faixa de abertura, o GN'R afirmava sua reivindicação de predadores-alfa da cena hollywoodiana. Eles podem deixar você "alto" enquanto o alertam, com toda a certeza, de que você vai morrer. As provocações, as ameaças, os avisos e as profecias horríveis o repelem e o atraem para a órbita deles, até que você próprio se torne uma fera aspirante na selva.

Em seguida vem "It's So Easy", cantada por Axl em um rosnado baixo enquanto os dois guitarristas fazem um groove básico de Chuck Berry, igual à imitação que os Rolling Stones faziam no início da carreira. A letra descreve a decadência do sexo hiperdisponível e evolui para um trecho transicional de balada potentemente cantada de forma desagradável. Os versos destilam mais ameaças e grunhidos de desprezo. Axl insulta a irmã do ouvinte. Dela, ele só quer dinheiro e sexo anal. Você quer matá- -lo. Ele incentiva uma briga nas ruas úmidas – *Foda-se!* – do lado de fora de um clube às três da manhã – "See me hit you/ You fall down"[20] – mas, quando você tenta estrangulá-lo, ele se agacha atrás de um guarda-costas negro do tamanho de um armário e é jogado no banco de trás de uma limusine vulgar e desaparece, gritando "É tão fácil, porra" noite adentro.

"Nightrain" começa com um som de cowbell e, como na situação real, você se sente diante de uma droga rápida e barata que lhe dá uma dor de cabeça terrível mais tarde. Há canalhas e cafetões nos versos, e então você se encontra na Sunset Strip, chapado de ecstasy e esperando na esquina enquanto sua namorada lhe compra um vinho barato. O solo de Slash é puro Stones (da era Ron Wood), e em seguida há uma tórrida guinada para os gritos enlouquecidos e em staccato de Axl – é como Page

e Plant para leigos – e, depois, mais guitarras heavy metal até o fim.

Em “Out ta Get Me”, há o cenário paranoico de Axl sobre seus anos de fuga. “They break down the doors/ And they rape my rights but/ They won’t touch me”.[21] Izzy faz riffs na guitarra-base com a bateria de Steven, enquanto Slash voa sobre eles feito um urubu e é possível ouvir a porta da cela se fechando... Axl grita e guincha em um pânico paranoico, enquanto a banda proporciona um drone ao estilo country em Sol maior. A letra pulsa em um cenário desesperador de perseguição e fuga, considerando que Axl viveu vários anos com inúmeros mandados de prisão pairando sobre sua cabeça. É a queixa final do adolescente, “something I been building up inside” [algo que venho construindo lá dentro] – seja em relação aos policiais ou aos pais. “They won’t catch me/ I’m fucking innocent/ So you can suck me”.[22] A música termina com alarde, e Axl conclui com um deboche triunfante que envia uma mensagem a todos os que o perseguiram durante sua vida conturbada: “Take *that* one to heart”.[23]

“Mr. Brownstone”. Agora, o álbum detona feito um carro- -bomba em um shopping. Há sangue por toda parte. É Bo Diddley no crack. Homenagem explícita a “Walk This Way”, do Aerosmith, Slash inverte o riff característico de Joe Perry enquanto a letra rimada ecoa com brilhantismo a complexidade silábica do original de Steven Tyler. A história dos deslizes graduais e insidiosos da banda até o vício total em drogas – “I used to do a little, but a little wouldn’t do/ So the little got more and more”[24] – foi uma recriação estupenda da mentalidade junkie em versos brancos. Também era, é claro, uma confissão nua e crua do vício no Sr. Pedra Marrom, a heroína escura iraniana e droga preferida dos gunners viciados. (Dizem que Axl encontrou a letra no quarto de Izzy quando a banda estava saindo de um de seus hotéis infernais em Hollywood.) Axl usa um tom de voz quase operístico – “He’s been knocking/ He won’t leave me alone/ No, no, no”[25] – que nunca mais voltou a ser utilizado, e o solo de guitarra extremamente inspirador de Slash invocava o esquecimento da heroína. “Mr. Brownstone” retratava o “old man” [velho] – o vício em heroína – como um demônio a

ser evitado por qualquer pessoa que quisesse levar uma vida real. A música foi composta por Izzy e Slash, mas Axl acrescentou sua própria marcação vocal no fim, que não aparece na página das letras do álbum: "I should've known better, said I wish I never met her/ Said I leave it all behind".[26] A homenagem ao Aerosmith em "Mr. Brownstone" se estendia, inclusive, à ideia de largar as drogas, o que dá para ver inclusive na fala ao estilo Tyler no fim da música: "Yowzah!".

Então o ritmo do álbum muda com a introdução da guitarra ao estilo banjo, como no início de antigas baladas apalaches. "Paradise City" é um apelo ao aconchego do lar, paisagens verdejantes, e garotas sadias e bonitas – um mundo bem distante das referências escabrosas das outras músicas da banda. Acordes potentes sustentam a canção, e então o apito festeiro de Axl sinaliza o riff sujo que impulsiona os versos. O pivete do primeiro verso se transforma no criminoso de carreira do segundo. No terceiro, ele está na câmara de gás, enquanto os projéteis letais despencam. "Tão longe" de casa e da família, com o Capitão América, símbolo da liberdade perdida e agora uma velha piada, ele só pode suplicar e implorar: "*Please* take me home".[27] Após um guincho final, a busca pelo paraíso se transforma em uma frenética corrida de arrancada, com Axl ecoando o épico uivo de Robert Plant nos refrões acelerados. Slash toca como se houvesse uma ligação de óxido nitroso em sua Les Paul, dedilhando cada vez mais rápido. Agora Axl está em frenesi, falando sério: "I wanna go! I wanna go! Won't you please take me home?".[28]

As guitarras sombrias e ominosas e os címbalos cerimoniais que abrem "My Michelle" preveem problemas. Logo de cara, mamãe está no submundo, papai é um magnata do pornô, e a pobre Michelle é a doida do pó e uma vadia. Novamente, a música começa lenta, enquanto Axl conta sobre uma adolescente perdida à margem do vício hollywoodiano, mas, conforme a história se desenvolve, o tom da letra muda para amor e compaixão – notavelmente incomuns para uma banda em geral associada ao estúpido glam metal. Em seguida a banda muda para o modo rave, e Michelle fica limpa no último verso. Um retrato preciso de autodescrição de uma garota perturbada, que começa com

desprezo debochado e termina com uma demonstração de empatia, esperança e redenção. À medida que as guitarras seguem rumo ao estrondo final, Axl diz à menina que não pare de tentar ser boa e exclama, após uma marcação maneira e em zigue-zague de guitarra: "*Michelle*!".

Essa ternura heavy metal se estende para "Think About You", em que um som de cowbell inicia um rock acelerado sobre a paixão do primeiro amor e momentos de felicidade compartilhados. Axl abre o coração em sua letra mais emocionante – "There wasn't much in this heart of mine/ But there's a little left and babe you found it"[29] –, uivando e mugindo em sua persona bipolar de vocalista. As guitarras retorcem e ressoam como sinos da vitória – "I think about you, honey, all the time"[30] – e, enquanto Axl promete sua fidelidade, sua paixão sem fim, o Guns parece explodir em uma agitação maníaca que remonta não apenas à era do Zeppelin, mas aos dias nebulosos dos pioneiros Yardbirds, antigos fundadores do movimento hard rock. Em seguida, o fim da música avança no tempo para ecoar o ambiente sônico da obra-prima tardia do Zeppelin, *In Through the Out Door*. A exalação sussurrada de Axl no final liberta, com grande alívio, as lembranças agridoces da "melhor época de que consigo me lembrar".

"Sweet Child o' Mine", a música que levou o Guns para a MTV e as rádios – um ano depois –, dá continuidade à pegada terna e amorosa das canções. Ela começa com o riff circense de Slash, que surgiu de uma zoeira durante o aquecimento (e que, mais tarde, Slash afirmou que odiava). Através de acordes possantes e bateria em construção, Axl nos leva à sua infância chorosa em uma mensagem de lembranças bregas, mas doces. Após o refrão, a estrofe seguinte é a intimidade dos cabelos da mãe e a segurança de seu abraço quando os tornados e ciclones põem abaixo a cidade ribeirinha da criança. Os guinchos dos vocais são altos para os versos poéticos, e mais baixos para as declarações de amor – "Sweet child… sweet love of mine".[31] O ritmo é sensual, e os solos de guitarra lembram as cadências familiares dos Allman Brothers. Ultratradicional, descaradamente sentimental, "Sweet

Child” tem afinidades com títulos de clássicos setentistas do rock sulista, como “Sweet Home Alabama”. Mas então, de forma ameaçadora, a música muda de rumo. Enquanto Slash atrai pterodátilos jurássicos com sua guitarra, Axl faz a velha pergunta “Where do we go now?”[32] – 15 vezes. Não há resposta, é claro. É uma nova geração norte-americana se perguntando o que vem a seguir, no que Bob Marley havia chamado de “este mundo competitivo”. Conforme as guitarras começam a ficar furiosas de novo, os gritos agudos de Axl revelam a incerteza agonizante e a vulnerabilidade emocional da chamada Geração X, tentando descobrir o que diabos está acontecendo em um mundo onde o sexo é a morte e a chuva é ácida. “Sweet Child” é a coisa que mais se aproxima de uma balada romântica no álbum, mas, como se fosse incapaz de se conter, a pungente canção de amor de Axl se transforma em um dos maiores momentos do rock da década do Guns.

“You’re Crazy” é o outro lado de Axl, aquele que as pessoas mais veem: abusivo, acusador, vingativo. É uma versão regada a pó inspirada nos Sex Pistols, ardendo com fúria sônica, com versos que vão do amor sincero a acusações de traição, alguns aparentemente se alternando entre o ponto de vista de um rapaz e de uma garota. A música fica mais lenta com o rosnado de Axl e suas repetições sarcásticas de “you’re ffffuckin’ crazy” [você está louca, porra], e então o duelo de guitarras assume e é possível ouvir Axl Rose ecoando uma águia de sangue a caminho de Valhala. Um final insano e mais lento define outro riff e explode em uma bola de fogo de metal ao estilo da Strip.

Em seguida vem “Anything Goes”, originalmente “My Way Your Way” da Hollywood Rose, escrita por Izzy e Chris Weber. Uma slide imoral na guitarra e um uivo semelhante a uma sirene introduzem uma música que descreve o cenário sexual emborrachado na Hollywood Boulevard, um mundo fetichista de BDSM, “disciplina” e sexo anal à venda – uma visão de mundo adolescente pré-aids de 1983. “Panties round your knees/ With your ass in debris”.[33] Axl grita o refrão com um toque felino, e a banda inteira explode em hard rock até o fim.

Muitos fãs do Guns N' Roses acham que o grupo deixou a verdadeira obra-prima de *Appetite* para o fim do álbum. "Rocket Queen", na verdade, são duas músicas: a primeira descreve um relacionamento tenso, sexo bruto, violência e desespero; a segunda irradia cuidado e preocupação com uma garota amiga e confidente, e um alerta amoroso e explícito sobre os perigos da heroína. A música – a mais longa do disco – começa com bateria e uma miríade de acordes sombrios, sinalizando uma declaração importante a seguir. A ameaça explícita da navalha e do canivete no primeiro verso leva para o refrão, em que *queen* [rainha] rima com *obscene* [obscena]. O verso seguinte descreve uma sensibilidade esgotada, com uma alta demanda por drogas no paraíso estafado e falso de Hollywood. Há um solo de guitarra clássico de Slash e, então, um trecho com Axl dando gemidos sexuais – mais guitarras – e mais sons de sexo e gritos de orgasmo das sessões de gravação de uma transa ao vivo – *Huummmmmm... oh... ah... AH, AH, Ah, ahhh...*

A grande e preciosa *rocket queen* está sendo comida no chão. Bem-vindo à selva.

Nesse ponto, "Rocket Queen" muda para o que, à primeira vista, parece uma ponte, mas acaba virando uma música diferente, uma mudança da insensibilidade para a ternura e o reconhecimento público do grande valor da *queen* em meio à sua solidão e vulnerabilidade como mulher em um ambiente predatório. Conforme esse sentimento se intensifica, Axl usa sua voz mais crua e infantil com uma intensidade cada vez maior, e, após outra ária de guitarra, o vocalista faz promessas históricas de fidelidade e cuidado intermináveis à *rocket queen*: "All I ever wanted/ Was for you/ To know I care".[34]

Appetite for Destruction foi o único álbum *excelente* que o Guns N' Roses faria. (Algumas pessoas – inclusive fãs do GN'R – argumentam que esse também foi o único álbum *bom* que a banda fez.) Foi um dos últimos discos de rock clássicos a serem masterizados com o vinil em mente, sua fita de áudio analógica de duas polegadas editada à mão com uma lâmina de barbear, suas faixas finais mixadas por cinco pessoas manipulando

faders em uma mesa de mixagem. O *Appetite*, com todas as suas incongruências e surpresas, se esquivou da postura estúpida do glam metal oitentista e deixou sua marca com a clássica atitude dos hard rockers – uma visão dura do amor romântico –, além de uma solidariedade específica com o aspecto feminino do corajoso submundo da banda. O *Appetite* tem zero afinidades com o mundo externo. Além de "My Michelle", nada nas letras do álbum se refere a outro ser humano pelo nome. Não há nenhuma referência a um lugar específico, produto (além do vinho Night Train), acontecimento ou qualquer "significador" cultural de nenhum tipo. Assim como o Led Zeppelin uma década antes, essa banda mal existe fora da própria área, uma tribo nua isolada do contato com comerciantes e missionários do mundo externo. O *Appetite for Destruction* é um universo em estufa do próprio Guns, além de uma reafirmação visionária do que significava ser uma banda de rock norte-americana, reafirmação essa que permaneceria incontestada ao menos até Kurt Cobain e o Nirvana quebrarem o molde três anos depois.

O violento e temperamental

Mas em maio de 1987 era Jon Bon Jovi, outro roqueiro de Nova Jersey, que estava na capa da *Rolling Stone*. Naquela primavera, quase toda escola de ensino médio (de brancos) nos Estados Unidos escolheu como tema dos bailes de formatura um dos singles da banda, "You Give Love a Bad Name" ou "Livin' on a Prayer". Seu álbum de 1986, *Slippery When Wet*, vendia aos milhões nas lojas de discos. Para os fãs sérios do rock, as músicas-hino do Bon Jovi e os clipes leves eram a personificação antipunk do rock comercial da época. Mas o ídolo Jon Bon Jovi se apresentava voando acima do público nos shows, como um deus, em um fio de trapézio, e as rádios estavam começando a tocar o novo single, "Wanted Dead or Alive". Todo mundo odiava o Bon Jovi – exceto os jovens.

Em vários sentidos, sobretudo musicalmente, o Guns N' Roses tentou compor um estilo anti-Bon Jovi. Mas tinham um

pouco mais de respeito pelo Cinderella, agora uma das bandas mais quentes que tocava na Strip, cuja formação original havia sido descoberta por Jon Bon Jovi na Pensilvânia. Ao migrar para Los Angeles, o Cinderella escolheu o baterista Fred Coury, que havia feito parte da banda London com Izzy Stradlin. O álbum *Night Songs*, do Cinderella, saiu em 1986. Com o Cinderella abrindo para o Bon Jovi naquele inverno, o disco vendeu 3 milhões de cópias. Até Axl Rose respeitou isso.

Originalmente, *Appetite for Destruction* era o título de uma pintura do artista Robert Williams, que tinha crescido em meio à cultura automobilística da Califórnia, o *Zap Comix* e outras artes underground dos anos 1960. A imagem retratava uma cena pavorosa de rua, que atraiu um obcecado por pornografia extrema como W. Axl Rose. A pintura alegórica mostra três personagens. Uma adolescente com sapatos bicolores está sentada em uma calçada, a calcinha puxada até os joelhos, um seio exposto sangrando por uma ferida, a cabeça virada para trás, com os olhos esbranquiçados pelo choque. Ela é vendedora de rua, que comercializa robozinhos vermelhos chamados Mr. Mini-Mites, mas acabou de ser atacada, e possivelmente violentada, por um robô predador revoltado que tem uma lâmpada no lugar da cabeça e lentes de câmera no lugar dos olhos. Enquanto fica parado diante da tenra vítima, destruindo e pisando em seus pequenos robôs, ele ergue a cabeça medonha e avista o vingador escarlate da moça – uma esfera de cromo que salta a cerca, com quatro braços e dentes de faca, soltando vários espermatozoides da cabeça mortal e guiado por três homúnculos minúsculos. É uma fração de segundos antes de uma morte pavorosa, a merecida por um apetite letal pela destruição.

A imagem estava em um cartão-postal que Axl havia comprado na Tower Records, na Sunset, e o nome dela tinha tudo a ver com a fama de bad boys que a banda havia adquirido nas ruas. Axl queria a imagem na capa do álbum, e os direitos de reprodução foram devidamente negociados com o artista. Mas havia um problema com o departamento jurídico da Geffen, e também com algumas pessoas do marketing. Os advogados

acharam a imagem muito violenta após as audiências de Tipper Gore no Congresso e, sob as leis vigentes em alguns estados, possivelmente obscena. Os vendedores disseram, e errados não estavam, que as lojas "grandes" do Cinturão Bíblico e do sul não iriam gostar da garota seminua com a calcinha arriada. Mas a banda insistiu. De alguma forma, Teresa Ensenat fez a capa lúgubre e arriscada do *Appetite for Destruction* circular por toda a gravadora, onde praticamente todo mundo achou que se tratava de um grande erro. A data final de lançamento do álbum, adiada para maio, foi remarcada para julho de 1987.

Em junho de 1987, Vicky Hamilton processou o Guns N' Roses. (Os documentos foram entregues a Slash, no Cathouse.) Tinha havido um diz-que-me-diz na imprensa, em que Axl afirmara que ela nunca tinha sido, na realidade, a empresária da banda. Diante disso, Vicky se limitou a rir, e disse para perguntar a qualquer pessoa como o Guns havia conseguido o contrato de gravação se não com a ajuda dela. Todos em Hollywood sabiam que Vicky estava certa, e que ela havia sido roubada por um bando de canalhas e babacas. Por fim, houve um acordo. Vicky conseguiu 35 mil. Após pagar os 25 mil que pegara emprestados de Howie do Guitars R' Us, ela ainda tinha o bastante para alugar um novo apartamento e continuar desenvolvendo novos talentos. Axl Rose deixou mensagens obscenas em sua secretária eletrônica, e Vicky guardou as fitas.

O Guns N' Roses não estava tocando muito, e dois ou mais deles andavam fumando heroína, mas ao menos havia um certo entusiasmo abafado sobre seus próximos shows em Londres, no final de junho. A banda, ou pelo menos Slash, que não se importava em atormentar a imprensa do rock, deu várias entrevistas. Para a *Metal Edge*, ele descreveu Izzy Stradlin como "o quieto, reservado". Axl foi descrito com precisão como "o violento e temperamental". Duff era "o alcoólatra". Steve era "o fofinho". Slash afirmou ser o "homem de negócios da banda". Também disse que estavam todos falidos, tendo gastado o dinheiro do adiantamento com equipamentos e diversões. Insultou o Poison, nunca perdendo a chance de detonar uma

banda para a qual ele fizera audição no passado.

A primeira aparição nacional da banda na mídia roqueira foi na antiga revista para adolescentes *Hit Parader*, de Nova York, sob a manchete “O mais recente grupo de glam metal se apronta para o grande momento”:

“O que acontece quando você junta o atrevimento do Mötley Crüe, o estilo e o perfil do Hanoi Rocks e os elementos mais primitivos dos Stones? Bem, se agitar todos eles e os jogar nas ruas agitadas de Los Angeles, você tem o Guns N’ Roses.”

A matéria continua, mencionando o nome do Aerosmith e elogiando a banda por evitar calças de lycra, maquiagem e spray para cabelo. “Nunca planejamos nosso visual”, mentiu Izzy. “Usamos calças apertadas e botas, mas sempre usamos essas coisas.”

Axl refletiu sobre isso e acrescentou: “Há cinco anos, quando vim para Los Angeles de algum buraco do meio-oeste, usava botas de caubói e todos diziam que eu parecia ter acabado de sair do barco. Agora, você olha ao redor e todo mundo está usando isso, então agora acho que estou pilotando o barco.

“Neste momento”, continuou ele, “o que mais tem em Los Angeles são essas bandas contando histórias de azar: ‘Passamos por isso, passamos por aquilo’. Tudo besteira! *Nós* vivemos essas coisas, não eles! Morei cinco anos na rua até assinarmos contrato. Nunca morei em um lugar por mais de dois meses.”

Diante disso, um Slash aparentemente cansado, que parecia estar dormindo, sibilou: “Não tínhamos onde morar, cara. Andávamos para cima e para baixo na Hollywood Boulevard e visitávamos todas as lojas de pornô, porque elas ficam abertas 24 horas”.

Era melhor os fãs de rock dos Estados Unidos estarem preparados, dizia o editorial da revista, porque esse grupo não era certinho e pré-moldado. “Eles são divertidos e incomuns – o tipo de banda que dita a tendência para os próximos anos.”

“Queremos ficar um passo à frente de todo mundo”, concluiu Axl. “Sabemos que essa é a nossa grande chance, e temos certeza de que não vamos jogá-la fora.”

A primeira matéria da revista *RIP* sobre a banda, “Guns N’ Roses: Uma vida de maníaco”, publicada na edição de maio de

1987, foi uma entrevista com a banda sem Slash, em seu antigo ponto de encontro na Sunset, o El Compadre.

RIP: “Eles são roqueiros viscerais que moram nas ruas de Hollywood e colocam suas experiências nas músicas”.
AXL: “A gente dormia atrás de latas de lixo, porra. Transava no banco traseiro do carro porque era lá que a gente morava”.
DUFF: “Então, quando vemos algum bosta de um punk de Beverly Hills entrar no Troubadour com o cabelo espetado, queremos esmagar a cara dele, simples assim. Estamos fazendo isso há tempo demais para as pessoas nos chamarem de ‘Guns and Poses’. Não estamos fazendo pose, porra!”.
IZZY: “O tempo estimado de morte na banda é 29 anos, e talvez seja menos”.

[O garçom chega.]

DUFF: “Duas marguéritas duplas com sal”.
IZZY: “Gin e tônica”.
RIP: “Por que 29?”.
DUFF: “Para morrer. Meu médico me disse que tenho o fígado de um velho de 80 anos”.

[O garçom tenta ir embora.]

AXL: “Espera aí, espera aí! [Olha com desprezo para o garçom.] Você anotou meu pedido? Quero um Long Island [chá gelado com vodca]”.
RIP: “Como a bebida afeta a música de vocês?”.
STEVEN: “Ferra com tudo, cara – mas não com o Duff. Ele não sobrevive sem um drinque ao acordar de manhã”.
DUFF: “O que eu sei é que, se tocarmos bem, existe a chance de alguém nos dar mais cervejas”.

Quando lhe pediram para descrever o álbum, Axl disse: “É só rock and roll. Uma parte é agressiva, outra mais melosa. E outra parte é sexy e doce”.

"É um resumo de nossa vida", acrescentou Izzy. "Colocamos o que aparecia, tipo: 'Eu costumava acordar às sete, e agora acordo às nove' – e quero dizer sete horas da noite."

Steven: "Então saímos rumo a La Brea e Sunset".

Izzy: "Entramos na van. Damos um show".

"Ele só está te sacaneando", disse Axl ao entrevistador.

"Pior que não", protestou Izzy. "É a letra de uma de nossas músicas ['Mr. Brownstone']."

A banda foi questionada sobre o tipo de impacto que queria causar.

"O de uma ogiva, cacete", respondeu Izzy.

Duff: "Quero causar sérios problemas nas merdas das [rádios] FMS".

Axl: "Seremos a banda mais malvada, mais sórdida, mais sexy do rock and roll. Não somos glam, não somos punk, não somos heavy metal. Acima de tudo, somos uma banda de rock and roll".

Várias outras rodadas de margueritas, gins e tônicas e Long Island depois, a entrevista encerra com uma longa discussão sobre piolhos pubianos, ou chatos. Izzy diz que todos eles haviam tido esses piolhos. Axl comentou que preferia ter chato a qualquer outra porcaria que pairava por aí. Steven disse que ficaria feliz se pegasse piolho. Duff afirmou que "se você tira o chato de si, e outra pessoa pega o seu próprio chato e o coloca em uma jarra, os chatos vão lutar entre si até morrer".

Palavras de despedida para os leitores da *RIP*:

AXL: "Façam exercícios para os peitos e pompoarismo".
STEVEN: "Façam o que quiserem, contanto que pensem bem e façam por si mesmos. E não desistam!"
IZZY: "Nunca percam o Hanuká".

"A grande aventura do Guns N' Roses"

Junho de 1987. Três semanas antes de o Guns estrear em Londres, Axl se meteu em uma briga do lado de fora do Cathouse

com um delegado de polícia, que lhe deu uma surra tão violenta que ele acabou três dias no hospital, ligado a eletrodos e máquinas variadas. "Um policial me deu uma pancada na cabeça", explicou ele mais tarde, "e acho que só apaguei. Dois dias depois eu acordei, preso em uma cama com fios pelo corpo". Axl afirmou que não conseguia se lembrar do que tinha acontecido com ele, mas achava que havia tido um ataque de fúria e que alguém havia usado terapia de choque para acalmá-lo.

Depois que recebeu alta do hospital, Axl ficou pensando na música "Knockin' on Heaven's Door", de Bob Dylan. Slash explicou: "Axl ficou pensando nela, e eu também. Mas nunca quis tocá-la com a banda, porque achava que gente demais já tinha feito covers dela. Mas, certa noite, Axl chegou nesse lugar onde eu estava e disse 'Vamos *tocar*'". Ali mesmo, Slash e Axl elaboraram os arranjos do Guns para a música, e a levaram para a banda quando eles ensaiaram para os shows na Inglaterra. Slash começou a tocar os acordes. Steven Adler pensou que fosse uma música nova, até que, no meio do caminho, percebeu que era de Dylan.

A banda e sua comitiva, incluindo o fotógrafo Robert John, voaram para Londres no dia 15 de junho. Naquela época ainda era permitido fumar em voos transatlânticos, e Slash, que não se sentia muito bem, ficou bêbado, apagou com um cigarro aceso na mão e ateou fogo ao seu assento, que ficou um tempo soltando fumaça até a tripulação arrastar o guitarrista para fora da cadeira e jogar água nela.

Os membros da banda nunca haviam estado na Inglaterra (exceto Slash, que nasceu lá). Em seus primeiros dias na cidade, eles deram umas voltas, beberam em pubs e visitaram os escritórios da WEA (Warner-Elektra-Atlantic), a divisão europeia da empresa-matriz da Geffen, onde Izzy e Slash foram fotografados no telhado, bebericando uma garrafa de uísque escocês Glenlivet. Em um mercado, Robert John fotografou Axl sorrindo para uma embalagem de Spotted Dick,[35] uma sobremesa inglesa. Eles foram levados para a Denmark Street, a rua musical de Londres perto da Charing Cross Road e lar de

lojas de disco e editoras. Alguém que sabia que Izzy era fã dos Stones comentou que uma das lojas de guitarras na Denmark Street era a Regent Sound, o estúdio de gravações onde as primeiras músicas dos Rolling Stones foram editadas em 1963. Em outra loja, Slash estava paquerando uma antiga guitarra Gibson SC quando, de repente, desmaiou, vítima do álcool, do jet lag e da gripe. Eles o levaram de volta para o hotel e o colocaram na cama, onde descansou por dois dias. Ele vinha bebendo já fazia cinco dias seguidos.

Ninguém se sentia bem. A mudança de fuso horário foi estranha. Steven Adler, normalmente tranquilo, chegou a fazer comentários estúpidos para Robert John, que pagara a própria passagem para Londres a fim de registrar a estreia crucial do Guns em terras inglesas. Robert se lembrou de quando isso aconteceu: "De repente, Duff *perdeu* a cabeça, pegou Steven pelo pescoço e o jogou contra a parede. 'Quer calar a boca, porra? O Robert está aqui para nos ajudar – *de graça.* Vai falar merda pra ele? O que você é agora, o senhor rock star do caralho?' No início daquela viagem, todos estavam bem tensos".

Eles tinham motivos para estar. Os shows em Londres eram sua estreia na Europa – um acontecimento importante. Se ferrassem com isso, ou se fizessem shows horríveis e recebessem críticas ruins, isso impactaria o lançamento do álbum e afetaria o esforço que a gravadora faria para promovê-lo. As rádios britânicas não tocariam o primeiro single, "It's So Easy"/ "Mr. Brownstone" (lançado no dia 15 de junho), porque a letra de "Easy" era obscena e "Mr. Brownstone" parecia uma apologia ao uso de drogas. Portanto, a Geffen estava contando com a banda para gerar burburinho suficiente com os shows no Marquee e fazer a mídia do Reino Unido se interessar por eles, o que, assim se esperava, forçaria a imprensa roqueira norte-americana a considerar melhor o que se pensava ser outra banda glam chata de Los Angeles.

(A Geffen Records foi muito mais proativa com o Guns na Inglaterra. A gravadora também lançou um vinil de 12 polegadas com os dois singles lado A, além de mais duas faixas: "Shadow of Your Love" e "Move to the City", do EP UZI Suicide.)

Na verdade, os jornais de Londres já estavam interessados

no Guns. O perfil da banda na revista *Time Out* havia acabado de ser publicado, com Axl afirmando sua gana de assassinar cães pequenos e Slash explicando que a banda era composta de grandes alcoólatras extravagantes. Esses detalhes sórdidos foram replicados pelos tabloides londrinos, com manchetes como: ROCK VULGAR DE L.A.; CARREIRAS E NARIZES;[36] TRANQUEM SUAS FILHAS EM CASA; e MATADOR DE POODLES CONFESSO. O semanário musical *Sounds* fez uma crítica positiva do single, chamando-o de "boogie rastejante de olhos vidrados". O *Star*, de Londres: "Uma banda de rock ainda mais degradante que os Beastie Boys está chegando na Grã-Bretanha". Um jornal opinou que o suposto ódio de Axl por cães poderia provocar uma retaliação contra a banda.

No dia 18 de junho, a banda fez uma passagem de som no Marquee. Alan Niven contara a Izzy que os Rolling Stones haviam feito ali sua estreia nos clubes de Londres, mas os Stones tinham tocado no porão original, que começara na Oxford Street como um clube de jazz em 1958. O Guns estava tocando na segunda locação do Marquee, na Wardour Street, no Soho. Após a passagem do som, a banda foi levada para a principal loja da Tower Records no Reino Unido, na Piccadilly Circus, para comprar algumas coisas de música. Slash comprou uma camiseta do Damned. Izzy, duas fitas dos Stones – *Sticky Fingers* e *Some Girls*. Axl comprou uma fita cassete *Their Greatest Hits*, dos Eagles, depois se sentiu tonto e mal por conta do jet lag e do anti-histamínico que estava tomando para aliviar a congestão nasal e a dor de garganta.

Enquanto esperava os outros pagarem pelas fitas, Axl se sentou nos degraus externos da seção de fitas da Tower e apoiou a cabeça nas mãos. De repente, três seguranças valentões da loja agarraram Axl e o colocaram de joelhos, sem se identificarem. Axl começou a xingá-los, e o arrastaram para fora da loja. Alan Niven interveio e uma cena feia aconteceu, envolvendo alguns empurrões e tantos gritos e xingamentos que logo a polícia chegou. Tom Zutaut, por fim, ajudou as coisas a se acalmarem.

"Aqui, a polícia é meio diferente", disse Axl no dia seguinte. "Quando eles apareceram na Tower, Alan disse: 'Tirem as mãos de mim'. E tiraram! Em Los Angeles, os policiais não tiram porra nenhuma de ninguém. Eles dobram você no capô da viatura e

colocam uma arma no seu ouvido.”

O primeiro show do Guns no dia 19 de junho no Marquee foi péssimo. O local estava lotado de jovens muito bêbados e do pessoal da imprensa, e o calor era insuportável. “É bom estar na Inglaterra, porra – finalmente”, disse Axl à multidão antes de a banda começar “Reckless Life”. A resposta foi um bombardeio de pesados copos de plástico de cerveja, ranho e outras coisas. “Estão jogando *agulhas* em nós”, gritou Steven, depois que uma seringa hipodérmica recém-usada ricocheteou em seu bumbo. Outra quase acabou com o olho dele. Londres havia mostrado ao Guns algo que a banda nunca tinha visto antes. Depois de “Out ta Get Me”, Axl e Izzy ficaram com catarro no cabelo. (Mais tarde, alguém contou a eles que esse era o tratamento padrão quando o Iron Maiden tocava no clube.)

Axl: “Ei! Ei! Parem com isso, porra! Se continuarem jogando essas merdas, vamos embora, OK? Reflitam”. Outro copo de cerveja passou zunindo por sua cabeça e bateu em um dos pratos de Steven. Axl: “Ei! Vá se foder, seu boiola”.

Mas o ranho e os mísseis sem rumo abrandaram, e a banda começou a tocar o boogie sexual transgressor “Anything Goes”. Agora, o palco estava borbulhando de tão quente. Axl estava com problemas para respirar e tirou a camiseta, que continha uma mulher nua e as palavras FUCK DANCING/LET’S FUCK [“Foda-se a dança/Vamos foder”]. Entre uma música e outra, Axl gritava para Izzy: “É como se a gente estivesse no inferno!”. Os frequentadores tinham palpitação, e algumas garotas desmaiaram e tiveram que ser carregadas. Slash (nu da cintura para cima) e Duff (com camiseta preta da Harley) mergulharam do palco sobre a multidão em ebulição, e a intensidade continuava a aumentar com “Welcome to the Jungle” e “Mr. Brownstone”. Para acalmar um pouco as coisas, o Guns tocou “Knockin’ on Heaven’s Door” em público pela primeira vez. (Composta para o faroeste *Pat Garrett and Billy the Kid*, de 1973, a balada de Bob Dylan descreve as últimas palavras de um delegado do Arizona, baleado por Kid e prestes a entrar no outro lado da vida.) Axl transformou a mórbida canção em uma música para a plateia

cantar junto ("hey hey, hey hey hey") e, sarcasticamente, dedicou a obra a Todd Crew, que, sem conseguir heroína, havia bebido até chapar e capotado nos bastidores, perdendo toda a apresentação. (Alan Niven quis despedir Todd, mas Slash protestou que Crew era seu melhor amigo e insistiu que ele deveria ficar.)

Após o show, a banda teve visita. Ian Astbury era o líder do Cult, uma banda de rock gigante (originalmente de Yorkshire) que se inspirava no Led Zeppelin (com uma mística à la Doors) e estava se tornando extremamente popular na região central dos Estados Unidos. Axl contou a Astbury que a banda estava decepcionada com o próprio show, mas Astbury disse a eles que *adorou* o que eles fizeram, e logo em seguida ofereceu ao Guns a abertura da turnê norte-americana do Cult naquele verão. Foi uma notícia e tanto para eles. Para Axl, compensou a crítica generalizada que a banda recebeu da mídia londrina pelo primeiro show. "Então, que se fodam esses babacas que escreveram coisas ruins sobre nós", disse Axl mais tarde.

O segundo show em Londres, no dia 22 de junho, foi um pouco melhor. Alan Niven deu uma bronca em Todd Crew, e ele fez seu trabalho. A banda estava superando o jet lag e o mal-estar geral e, mais uma vez, transformou o Marquee lotado em uma sauna. Depois, fizeram uma festa no hotel, que lhes pediu que fossem embora no dia seguinte.

Ainda havia outro show no Marquee, agendado para o dia 28 de junho. Então o Guns se mudou para um flat alugado em Kensington, e Slash e Axl deram várias novas entrevistas a compositores londrinos intrigados com o que tinham presenciado. O Guns tinha chegado durante um período de marasmo na cena roqueira inglesa, e não havia muita coisa acontecendo, com exceção de bandas novas como o Blow Monkeys. Então o Guns conseguiu chamar atenção somente por ter chegado à cidade. (Algumas chamadas de atenção não foram bem-vindas, como quando Slash se envolveu em uma briga numa festa pela estreia de *Hearts of Fire*, um filme estrelado por Bob Dylan.) Fizeram muitas perguntas a eles sobre a cena glam em Los Angeles, e a banda teve o cuidado de insultar e rebaixar o Poison em quase todas as entrevistas. Enquanto o *Nazareth's Greatest Hits* tocava em seu quarto de hotel, Axl tentava

explicar o Guns à *Kerrang!*: "Temos um pouco de tudo em nossa banda, e tentamos realçar tudo, em vez de nos limitarmos a um único molde... Não se vê mais muito dessas coisas. O Queen costumava fazer isso, e também o Led Zeppelin, mas hoje as pessoas tendem a manter uma linha só.

"Canto em mais ou menos cinco ou seis tons de voz. Faz parte de mim, não tem nada planejado. Há dois guitarristas, que tocam de um jeito muito diferente um do outro. Um [Slash] toca [um estilo] bluseiro oitentista, e outro [Izzy] é totalmente Andy McCoy [do Hanoi Rocks] e Keith Richards, e eles descobriram um jeito de encaixar os estilos."

Colocaram para tocar uma versão teste de *Appetite*. Izzy ouviu com atenção e, então, comentou: "Esse álbum vai *decolar*, porra. Vai contra a corrente padrão. Você vai amar ou odiar – o que é bom, contanto que você o note".

"Na verdade, você não pode nos odiar", devaneou Slash, "porque essa banda é real. Mesmo que ninguém goste de nós, vamos continuar em frente e fazer o que fazemos. Queremos turnês. Queremos viajar e continuar a grande aventura do Guns N' Roses. E nos divertir. E transar muito!"

O último show em Londres foi em 28 de junho, e o Guns dominou. A dança serpenteante de Axl e os chutes para o alto colocaram o Marquee em polvorosa. Ele dedicou "Out ta Get Me" a "todos os malditos críticos no fundo da casa". Voltaram a tocar "Knockin' on Heaven's Door", com Slash fazendo lindos solos de blues. O show foi soberbo e, assim como os anteriores, gravado por Tom Zutaut. (Durante os dois anos seguintes, algumas dessas performances foram lançadas na Europa como singles lado B e como parte de colecionáveis.) O último bis foi uma versão realmente atrevida de "Whole Lotta Rosie", do AC/DC, que teve como ápice Slash e Duff pulando mais uma vez do palco e mergulhando sobre a multidão rodopiante.

Axl Rose queria garantir que a cena musical britânica se lembrasse de sua banda, portanto, fazia provocações propositais nas entrevistas. "Somos uma banda de bad boys", enfatizava. "Não temos medo de excessos com [...] substâncias, ou sexo, ou

qualquer outra coisa. Sempre vamos discordar das pessoas em relação a certos assuntos, e não temos medo disso. Por quê? Porque as bandas que realmente chegaram lá eram *assim* – sem medo. E os planos do Guns N' Roses são conseguir chegar lá – ser grande *de verdade*."

Então o Guns voltou para casa após duas semanas em Londres. Eles tinham chegado rotulados como sociopatas alcoólatras e assassinos de cães. Foram embora como a banda de rock mais sensacional do mundo, de acordo com a percepção de algumas pessoas.

Batendo nos portões do inferno

Julho de 1987. O Guns N' Roses voou para Nova York a fim de marcar presença na New Music Seminar, uma importante feira de shows para bandas novas e suas gravadoras, bem como um ramo relevante para bandas novatas em busca de agendamentos para shows e empresários. O Guns fez check-in no Milford Plaza Hotel, um ponto de encontro popular entre músicos onde era possível conseguir drogas de qualidade no bar.

Mas o Guns não tocou na New Music Seminar, cujo palco principal, o clube punk podreira CBGB na sarjeta de Manhattan, então apresentava o tipo habitual de grupos que nunca, ou mal, chegaria a ter momentos de glória: Fetchin' Bones, Mojo Nixon, Zeitgeist, Agitprop. O maior burburinho do evento foi a surpresa explosiva indie do R.E.M. (via rádio de faculdades), que havia dado uma nova esperança a todas as bandas jovens. Vicky Hamilton estava em Nova York no dia 8 de julho e compareceu à festa de lançamento do álbum *Velvet Kiss*, o disco de estreia do Lions & Ghosts, banda *shoegazer* de Los Angeles promovida por sua gravadora como o "próximo R.E.M.". Alguns integrantes do Guns estavam na festa, ao lado de Todd Crew, que parecia chapado (na verdade, morto). Vicky viu quando o Todd, que já tinha sido bonito, roubou uma caixa de cerveja da festa e desapareceu.

Mais tarde, naquela noite, Slash, Todd Crew e Lois Ayres, a

gloriosa estrela pornô de Los Angeles, usavam heroína no quarto de hotel de Slash quando Todd entrou em coma e caiu da cadeira. Alguns minutos depois, o telefone tocou no apartamento de Robert John em Los Angeles. O fotógrafo tinha voado de Londres direto para casa a fim de processar e preparar para a venda os rolos de filme da estreia do Guns N' Roses no Marquee. Para complicar as coisas, Robert também tivera uma briga daquelas com Todd Crew – que estava morando com o fotógrafo e sua namorada, Shannon – por causa do excesso de bebedeiras e consumo de drogas de Crew. Robert atendeu o telefone.

Era Slash, que sussurrou: "Robert, é o Toddy, cara... Ele está, tipo, com overdose de heroína. Quê? Ele está ficando... azul. Não, não está respirando. Acho que ele já era. O que fazemos?". Robert disse a Slash para ligar para a emergência e telefonar logo em seguida. Slash desligou, mas nunca voltou a telefonar.

Naquela noite, Todd Crew morreu no Milford Plaza, e todo mundo ficou comentando aquele choque no universo do Guns N' Roses. As notícias da morte de Todd atingiram imediatamente o submundo do rock de Hollywood, e houve torrentes de hostilidade na Strip após membros do Jet Boy começarem a espalhar que o Guns – sobretudo Slash – poderia ser culpado pela morte do músico popular.

Alguns dias depois, a mãe de Todd Crew ligou para Robert John. Ela tinha ouvido dizer que seu filho havia morrido em Nova York, e queria saber se era verdade.

Mais tarde naquele ano, Slash ficou extremamente arrependido. "Ainda não consigo acreditar que ele morreu num quarto de hotel em Nova York há pouco tempo. A gente queria usar algumas coisas, e ele conseguiu ali mesmo. Ele se foi... tentei trazê-lo de volta... foi horrível. E ele era, tipo, meu melhor amigo. Aquilo me assustou pra caralho. Eu tinha um hábito, e finalmente parei."

(Na verdade, não.)

Axl tinha os próprios arrependimentos. Ele havia presenciado a maneira como Todd Crew estava todo ferrado em Londres e instintivamente soube que Todd estava se afundando. Axl ficou longe da heroína. De acordo com Robert John, ele mal fumava maconha. Como os outros, Axl estava cheio de remorso.

“Eu me arrependo de não ter conversado com Todd antes de irmos a Nova York”, disse ele mais tarde. “Sentia uma imensa necessidade de falar com ele, estava preocupado com seu bem-estar. Mas eu não estava... *ciente* o bastante para perceber que não tinha o tempo que pensei que tivesse. Pensava que sempre teria tempo depois...”

18. “Tão longe… me leve para casa.” [N. T.]

19. “Vocês sabem onde estão? Vocês estão na selva, meus queridos. Vocês vão *morrer*!” [N. T.]

20. “Veja-me acertá-lo/ Você cai no chão”. [N. T.]

21. “Eles arrombam as portas/ E violam meus direitos, mas/ Não vão me tocar.” [N. T.]

22. “Eles não vão me pegar/ Sou inocente, porra/ Então chupa!” [N. T.]

23. “Leve isso a sério.” [N. T.]

24. “Eu usava um pouco, mas o pouco não bastava/ Então o pouco cresceu mais e mais.” [N. T.]

25. “Ele vem batendo em minha porta/ Ele não vai me deixar em paz/ não, não, não.” [N. T.]

26. “Eu devia saber, queria nunca tê-la conhecido/ Vou deixar tudo isso para trás.” [N. T.]

27. “*Por favor*, me leve para casa.” [N. T.]

28. “Eu quero ir! Eu quero ir! Você não vai me levar para casa?” [N. T.]

29. “Não havia muita coisa no meu coração/ Mas havia um pouco, meu amor, e você encontrou.” [N. T.]

30. “Penso em você, querida, o tempo todo.” [N. T.]

31. “Doce criança… minha doce criança.” [N. T.]

32. “Aonde nós vamos agora?” [N. T.]

33. “Calcinhas em seus joelhos/ E sua bunda detonada.” [N. T.]

34. “Tudo o que sempre quis/ Foi que você/ Soubesse que me importo.” [N. T.]

35. Axl riu porque *dick* – que na Inglaterra é uma forma de se referir a um tipo de bolo – pode significar “pênis”. E *spotted* é algo como malhado, machado. [N. E.]

36. No original, *Lines and Noses*, referência ao consumo de “carreiras” de cocaína pela banda. [N. T.]

Capítulo 1

OS VERDADEIROS REBELDES IMORAIS

Era a banda certa, na hora certa e no lugar certo.
De certa forma, acabamos atingindo a juventude dos Estados Unidos.

– *Slash*

Nas mãos dos verdadeiros rebeldes imorais

O imponente *Appetite for Destruction* foi lançado pela Geffen Records em 21 de julho de 1987, e tipo… nada aconteceu. Exceto por uma radiodifusão mínima no sul da Califórnia, as rádios ignoraram o álbum. A MTV não transmitiu repetidas vezes o clipe do primeiro single porque não havia clipe para rodar. Não havia toques de telefone para baixar porque mal havia celulares, e não existia essa coisa de toques. A *Rolling Stone* não deu a mínima. Em Nova York, os editores achavam que o Guns era só mais uma banda de Los Angeles, e, além disso, eles já odiavam o Poison, que *estava* tocando o tempo na MTV. Os palavrões e a violência das letras conseguiram para o *Appetite* o pequeno adesivo de alerta em preto e branco, fruto do PMRC, que dizia: AVISO AOS PAIS/ CONTEÚDO EXPLÍCITO.

A recepção do álbum na Inglaterra, onde o heavy metal era mais padrão, foi melhor. Na Inglaterra, não houve nenhuma patética etiqueta de alerta. *Kerrang!*: “Finalmente, tiraram o rock das mãos dos brandos, dos fracos, dos cansados, dos

exaustos, dos desgastados e o confiaram de volta às mãos dos verdadeiros rebeldes imorais". O restante da imprensa musical inglesa ficou tão entusiasmado quanto.

O motivo pelo qual o *Appetite* não passou no teste do "quem-se-importa" nos Estados Unidos foi a intensa concorrência. O grande álbum de retorno do Aerosmith, *Permanent Vacation*, continha ótimas músicas, como "Angel" e "Rag Doll". O Def Leppard, de Sheffield, Inglaterra, dominava as rádios hard rock com o álbum *Hysteria* e o single "Pour Some Sugar on Me". O W.A.S.P., o Anthrax, o Heart e o White Lion tinham lançado álbuns marcantes. Wendy O. Williams e sua banda, Plasmatics, apareciam muito na TV, ao lado do Night Ranger e do Europe. O rock teológico do U2 basicamente dominava a MTV no horário nobre. Bandas menores – Keel, Loudness, King Kobra – também estavam tentando sair do zero a zero. O Cinderella e o Megadeth competiam pelo mesmo público que o Guns. De fato, o mundo lá fora era uma selva.

No entanto, algumas pessoas – sobretudo o pessoal do ramo em Los Angeles – tinham uma ideia do que acabaria acontecendo. Jeff Fenster, que se tornara executivo da Geffen Records, se lembra de ouvir uma fita prévia do *Appetite* no começo de julho. "Eu estava dirigindo por Los Angeles com Mark Babineau, o chefe do departamento de promoções na Geffen, e estávamos ouvindo o rádio na maior altura, mandando ver um Run-DMC e os Beastie Boys. Então Mark colocou a fita do Guns e começou 'Welcome to the Jungle', mais alta do que eu já tinha ouvido. O som era simplesmente intenso. Ficamos lá, ouvindo. Quantas bandas faziam você pensar em Led Zeppelin? Eu me lembro de pensar, *Puta merda!* Esse álbum pode se tornar incrivelmente grande."

Em julho, o Guns ficou ocioso, e mal tocou até começar sua fabulosa participação como banda de abertura na turnê do Cult, em agosto. Foi uma chatice e tanto Todd Crew ter tido uma overdose de heroína no quarto de hotel de Slash, e alguns velhos

amigos da banda culpavam o Guns pela morte dele. Ninguém tinha tentado fazer porra nenhuma por Crew, que decaía em queda livre; mas na época os outros membros da banda e seus asseclas estavam quase tão detonados quanto Toddy.

O clima do momento ficou evidente nas entrevistas deprimentes que a banda dava. Ao falar sobre "Rocket Queen", Axl explicou: "Canto como se fosse sobre mim, sabe? Mas, na verdade, é sobre essa garota que conheço. Canto como se estivesse na pele dela, e depois, no fim da música, canto *para* ela.

"A garota de quem se trata... agora, a vida dela é história. Quero dizer, ela está viva, mas é viciada, e não sobrou muita coisa [de sua vida] [...] desde que estive em Los Angeles, perdi cinco ou seis amigos, pessoas com quem eu costumava sair – todos os dias. A coisa é bem dura, cara."

Praticamente desde o começo houve problema com a capa do álbum *Appetite*. O assustador desenho de Robert William foi rodeado dos dois lados pelo nome da banda e o título do disco. A contracapa continha a foto de estúdio de Robert John: Steven, Slash, Duff e Izzy sentados sobre um tapete oriental. Slash está com uma garrafa do uísque Jim Beam entre as pernas. Duff (citado como Duff "Rose" McKagan) segura uma garrafa de vodca Stolichnaya. Axl está atrás dele, como que afastado, segurando uma garrafa de cerveja. Com exceção de Steven, todos parecem drogados ou bêbados.

Nos Estados Unidos, as grandes redes de lojas – sobretudo o K-Mart e, no sul, o Walmart – tiveram problemas sérios com a arte do álbum. Elas se opuseram à terrível cena de estupro e à violência, e começaram a devolver os álbuns ofensivos aos distribuidores da Geffen. Na Grã-Bretanha, a onipresente W. H. Smith boicotou o álbum, e até a Virgin Megastore na Oxford Street de Londres se recusou a exibir o álbum quando ele foi lançado em agosto. Seguiu-se uma corrida louca na Geffen Records, e reuniões frenéticas com a banda. Axl protestou que tinha enviado o desenho original como uma piada porque não conseguiu pensar em nada melhor, e foi pego de surpresa quando a gravadora o aceitou. Então um diretor de arte da Geffen deu

uma olhada na tatuagem nova e grande no braço direito de Axl – o crucifixo com várias caveiras e as faixas celtas – e sugeriu que a arte dessa tatuagem ao estilo logotipo fosse a nova ilustração de capa. Axl achou OK, portanto, o desenho da cruz foi reelaborado e a ilustração de Williams foi relegada ao encarte interno do *Appetite*. As primeiras cópias foram retiradas e os álbuns redesenhados foram enviados às lojas em setembro.

Agosto de 1987. O Guns filmou seu primeiro clipe, para a música "Welcome to the Jungle", no Park Plaza Hotel (no lugar do Ambassador, hoje demolido, onde Robert Kennedy foi assassinado em 1968) e num estúdio na rua La Brea, número 450. Dirigido pelo britânico Nigel Dick, o clipe começa na rodoviária de Los Angeles. O jovem Bill Bailey salta do ônibus com sua mala surrada, e, no caso de você não ter entendido que se trata de um caipira, ele está realmente sugando um galhinho de trigo. Um traficante da cidade, interpretado por Izzy Stradlin, lhe oferece algo, mas Bill o afasta. Uma prostituta passa por lá. Em seguida, a música começa, e o Guns está no palco em frente a uma multidão de garotas. Axl está com os cabelos para cima, e Slash é o Chapeleiro Maluco. Axl faz movimentos discretos para a câmera, reprimindo a sexualidade intensa da banda para que eles pudessem aparecer na TV. A filmagem do show é intercalada por imagens violentas de abuso de autoridade policial na Califórnia, em Belfast, Israel e África do Sul. A seção do meio, em formato giratório, mostra Axl enlouquecido amarrado a uma cadeira, preso por uma camisa de força, com eletrodos presos à cabeça como um Droog do filme *Laranja mecânica*, de Stanley Kubrick. Axl está sendo forçado a assistir aos filmes *Faces da morte*, que obsessivamente via quando morava no flat de Vicky Hamilton.

Nigel Dick queria editar algumas cenas da banda com uma garota bonita no clipe. Steve Adler: "Reflitam: o Guns N' Roses, uma das bandas mais maneiras e mais importantes de Los Angeles, filmando 'Welcome to the Jungle', e nenhum de nós conseguia pensar em uma garota que pudesse filmar conosco. [A banda estava muito sem grana, e o orçamento para o clipe era

curto demais para pagar pela participação de alguém.] Ninguém conseguia pensar numa garota. Então eu disse: 'Vamos pegar a Julie Angel, cara. Ela tem uma bunda e tanto!'".

Na verdade, Julie era a locatária de Steven, já que ele estava dormindo num futon na lavanderia do apartamento dela e de sua amiga. "Eu tinha uma TV, coloquei um cabo, e tinha minha própria portinha. Elas eram minhas colegas de quarto. Eram as melhores garotas."

Steven ligou para Julie, pediu a ela que participasse do clipe, e ela aceitou. "E eu disse: 'Vamos pegar você em dez minutos'. E foi por isso que ela apareceu no clipe, porque nenhum de nós conseguiu pensar em uma garota, com exceção, obviamente – de mim."

O clipe de "Jungle" termina com Axl, não mais um caipira, mas um roqueiro contemporâneo de Los Angeles, assistindo a seu próprio vídeo em uma vitrine de loja de TVs. Ao terminar, ele dá meia-volta e parte para a noite quente hollywoodiana.

O Guns N' Roses pode ter sido uma das bandas mais telegênicas que apareceu em anos, com um vocalista de enorme apelo sexual, um baixista que parecia Duff e um guitarrista parecido com um maconheiro de desenho animado. "Welcome to the Jungle" pode ser uma estupenda música de rock, mas sua versão em clipe obcecada por violência mal chegava a passar na MTV. Quando isso ocorria, era fortemente editada e censurada, e mesmo assim sofreu uma grande intervenção, quase um ano depois, para que a transmissão acontecesse.

O Cult muda os crachás

Em agosto de 1987, o Guns N' Roses se lançou na América do Norte, abrindo shows para o Cult, começando em Halifax, Nova Scotia, no dia 14 de agosto. A banda percebeu que tinha um problema daqueles com a arte de capa do *Appetite* quando não viu nenhum álbum nas lojas de disco em Halifax, e a explicação dada foi que o encarte havia sido considerado indecente. A turnê, tomando um impulso vacilante, prosseguiu para o oeste até

Québec e Ontário, e de lá até Detroit, Michigan, no dia 21 de agosto, e continuou por Alberta, Winnipeg, Calgary e Vancouver durante o resto do mês. O Guns estava tão sem dinheiro que Izzy Stradlin, sempre engenhoso, começou a vender ingressos para o show fora do ônibus da banda, a fim de que eles pudessem pelo menos comer alguma coisa após o show.

Mas eles deram um duro danado, apimentando o ataque hard rock com “Don’t Cry” e outras baladas. Fizeram covers de “Nice Boys” e, vez ou outra, “Mama Kin”. Começaram a tocar “Used to Love Her (But I Had to Kill Her)”, e a moçada ria e aplaudia a premissa macabra da nova música. Eles mantiveram “Knockin’ on Heaven’s Door” no set como uma música para cantar junto com a plateia e continuaram dedicando-a a Todd Crew, mesmo tendo concordado em tentar não fazer mais isso, pois mais tarde ficavam deprimidos.

Axl: “Quando terminamos a música, assim que ela acaba um de nós vai ao microfone e a dedica ao Todd. Parece que não conseguimos romper com isso. Um amigo meu me disse, alguém que sabia das coisas, que não vamos superar até acontecer de novo”.

Axl batia papo com o público na turnê do Cult, apresentando a banda, promovendo o *Appetite*, atraindo de fato a galera entre uma música e outra. Seu papo antes de “Mr. Brownstone” era franco e direto em quase todos os shows. Embora se recusando a tolerar ou fazer apologia ao uso de drogas, Axl também destacava os perigos da heroína. Isso era necessário, porque muitos dos novos fãs da banda interpretavam a letra como a vida ficando mais fácil e divertida (dormindo até mais tarde, em meios de transporte melhores) quando se “dançava” com o Mr. Brownstone.

“Algumas pessoas acham que compactuamos com a heroína”, disse Axl a um repórter nessa época. “Fizemos isso em um único show [em Londres], e começaram a jogar seringas no palco. Então agora digo uma coisa ou outra sobre como é sua responsabilidade estar acordado de verdade na manhã seguinte. Não ensaio essas coisas nem nada. Sempre faço um pouco diferente. Mostro ao pessoal de onde venho. Não digo ‘Vá usar heroína’. E também, sabe, eu *realmente* me importo com o público. Gostaria de pensar

que, se as pessoas vão fazer... o que quer que seja depois do show, talvez... lá no fundo da mente – se elas estiverem se divertindo e dizendo '*É isso aí, Guns N' Roses*' –, elas dirão a si mesmas: 'Melhor não usar demais, porque amanhã tenho que...'. Entende o que quero dizer?

"Vi isso acontecer com Todd Crew", concluiu Axl, "e não quero ver acontecer com... outras pessoas." [Pode ter sido uma referência a Izzy e Slash.]

Questionado se a morte de Crew havia mudado suas opiniões, Axl respondeu: "Não, isso não me fez mudar de opinião. Só me fez ser um pouco mais cuidadoso às vezes". Axl refletiu por um instante, e então suspirou, "Eu me apavorei de verdade por conta do que aconteceu com Todd".

Foi no verão escaldante de 1987, na turnê com o Cult, que o Guns N' Roses rapidamente se tornou uma banda de rock de turnê. Eles estavam começando a se transformar naquilo que se tornariam – a maior banda do mundo. E, é claro, começaram a expulsar o Cult de seus próprios palcos, às vezes a ponto de a banda inglesa não querer tocar depois de o Guns ter gerado tantos pedidos de bis e cantorias enormes após as apresentações. Foi aí que os roadies do Cult começaram a sabotar alguns shows do Guns.

O Cult era uma boa banda de rock inglês do segundo escalão, mas já tinha seis anos de carreira, e, para eles, nunca seria melhor que isso. (O baterista Matt Sorum ainda não estava no Cult. A versão da banda que saiu em turnê com o Guns N' Roses em 1987 tinha Les Warner na bateria.) No início, o grupo se chamava Southern Death Cult, em Yorkshire, em 1981, e depois mudou para Death Cult, uma banda à margem do início da cena gótica londrina. Depois, Ian Astbury e o guitarrista Billy Duffy mudaram o nome da banda para Cult, e (influenciados por Jim Morrison) expandiram o interesse de suas letras para o xamanismo nativo-americano. Após 1985, "She Sells Sanctuary" e "Love Removal Machine" chegaram às paradas, e as tentativas à la Doors da banda de provocar orgasmos no público lhes conferiram seguidores fixos nos mercados norte-americano e

austro-asiático. Em 1987, eles faziam turnê na aba de um novo álbum, *Electric*, e do novo single "Wild Flower".

Ian Astbury curtia o Guns N' Roses. Mais tarde, Axl disse que Ian (com uma bandana amarrada na cabeça e óculos espelhados estilo aviador) passava mais tempo no camarim cheio de drogas do Guns que no ambiente maçante do Cult. No início da turnê, houve conversas entre Axl, Ian e Billy Duffy sobre tentar compor juntos, mas não deu em nada. A verdade era que nenhuma banda inglesa podia se dar ao luxo de ser ofuscada toda noite por uma apresentação de apoio norte-americana cujo álbum nem sequer estava nas paradas. Essa humilhação chegaria a Londres por meio da equipe e do pessoal da turnê, e o Cult perderia crédito no setor em mercados cruciais como a Europa e o Japão. Então os roadies do Cult começaram a foder com o Guns N' Roses quando eles subiam no palco.

Jeff Fenster assistiu a alguns desses shows. "Essa turnê era um acontecimento e tanto para o Guns, a primeira vez que saíam da zona de conforto da Sunset Strip, a primeira vez que tocavam para públicos de arena." Agora, eles estavam abrindo em pistas de hóquei canadenses, muitas vezes sem passagem de som e nenhum tipo de respeito do local ou de qualquer pessoa. "Os roadies do Cult continuavam fodendo com o Guns N' Roses, embora todos negassem o fato, porque o Guns estava ofuscando o Cult todas as noites. Às vezes, eles desplugavam o Guns, simples assim. A coisa podia ficar infantil e estúpida a esse ponto." A maioria das coisas envolvia estragos menores no equipamento do Guns, ou o backline pifava quando "Welcome to the Jungle" devia cair matando no público em frenesi.

Mas o Guns nunca reclamava, e a banda se saía melhor a cada noite. Em 2 de setembro, cruzaram de volta para os Estados Unidos e começaram uma corrida pela costa oeste – Seattle [Duff: "Foi um caos, cara: a família toda estava lá"], San Francisco, Santa Cruz, San Diego. No dia 5 de setembro, houve um fiasco na Long Beach Arena, perto de Los Angeles. Era o grande retorno do Guns à sua cidade de origem, um negócio e tanto para a banda, e sua lista de convidados era longa e relativamente ilustre, com uma bela festa planejada nos bastidores depois do show.

Slash: “Na noite anterior ao show, andei por aí com um de nossos roadies até, tipo, seis horas da manhã. Então andamos mais ou menos oito quadras para tomar café da manhã no Denny’s, e a caminho de lá era possível ver a Long Beach [Arena]. O Zeppelin tocou lá, cara. Todo mundo tinha tocado lá. E me lembrei de todas as vezes que tinha ido lá, descolando ingressos, ou entrando na fila para comprar ingressos para o Aerosmith, passando mal, vomitando. E de quando havia estado lá pelo AC/DC e coisas do tipo. E de repente... *iríamos tocar lá!* Só olhei para o lugar. Estava lá, ao amanhecer. Parece bobagem de gente ‘sensitiva’, mas... foi uma puta viagem!”

No verdadeiro espírito do rock, o Cult sabotou a volta para casa do Guns. A gerência da turnê do Cult decidiu cancelar todos os passes de bastidores para os shows em Long Beach, e também mudou os crachás da turnê – aos 45 do segundo tempo, sem informar o Guns. Ninguém disse por quê, e foi a primeira e única vez que fizeram isso. Os caras do Guns N’ Roses e sua equipe mal puderam entrar no local. “Ninguém deu nenhuma explicação”, disse Axl mais tarde. “Era o território do Guns N’ Roses, e naquele momento *nós* éramos os grandes heróis. Foi mais a gestão [do Cult] do que a banda. E não foi, tipo, ‘O Cult fodeu com a gente’ [como foi noticiado na imprensa musical de Los Angeles]. Mas tudo ficou muito estranho. Era uma aura muito bizarra. Até [o Cult] se sentiu meio esquisito.”

O show do Guns não foi lá essas coisas, e poucos de seus convidados conseguiram entrar nos bastidores depois. Foi um insulto, um ultraje. A equipe do Guns tentou interferir, mas foi fortemente intimidada e ignorada. Então a turnê foi interrompida por alguns dias e retomada no dia 11 de setembro, para mais cinco shows no sul.

Depois de San Antonio, Austin, Dallas e Houston, a turnê terminou para o Guns no Saengar Theater em Nova Orleans no dia 17 de setembro. Assim que o Guns subiu ao palco, Ian Astbury apareceu na lateral e começou a jogar comida neles. Uma torta passou zunindo pela cabeça de Slash enquanto ele fazia o solo de “Move to the City”. Depois, o chefe de equipe do

Cult chegou com uma vassoura e começou a varrer o palco como um faxineiro. Em seguida, enquanto Steven tentava tocar "You're Crazy", o pessoal chegou, desmontou o kit de bateria e o carregou para fora do palco.

Mas o Guns se vingou. Quando o Cult estava se apresentando e tentando encantar a galera cajun com a performance navajo, os gunners fizeram uma fila no riser da bateria com toalhas de banho presas na cabeça, como xeiques iranianos, e começaram a performar o que Axl chamou de "dança egípcia idiota. Então nós jogamos neles um monte de pedaços de queijo cottage e porcarias que pegamos das bandejas de comida – guacamole, homus, salada de ovos. Depois, Ian deixou Steven pelado – tudo o que ele vestia era a toalha – e o carregou nos ombros pelo palco".

Em seguida, os membros do Guns saíram do palco, mas a vingança deles ainda não havia terminado. Depois que o Cult começou a se apresentar, um minúsculo Stonehenge foi baixado no palco – uma referência direta ao destino patético da infeliz banda de cinema Spinal Tap. Então a equipe do Guns apareceu usando máscaras de Joe Piscopo, o comediante do *Saturday Night Live*, e dançou ao redor do Stonehenge de mentira como os anões no filme. Foi o sarcástico troco dado pelo Guns N' Roses em um grupo inglês de baixa mobilidade, e provavelmente mexeu bastante na ferida do Cult.

As duas bandas ficaram felizes em cortar relações. Alguns dias depois, o Guns voltou à Europa e continuou sua corrida para a vitória. Quanto ao Cult, sua turnê de 1987 acabou na Austrália, onde, de alguma forma, 30 mil libras de equipamentos de turnê foram destruídas, impedindo o Cult de fazer uma turnê (extremamente lucrativa) no Japão, onde eles eram gigantes. (Ninguém alugaria equipamento novo para eles.) Na época, o álbum *Electric* tinha conseguido platina na Inglaterra e vendido cerca de 3 milhões de cópias no mundo todo. O problema principal do Cult era que os membros da banda mal se falavam, e seus dias de glória estavam quase no fim.

Music Connection: "O Cult ficou intimidado com o sucesso de vocês?"

Duff: "Não! Eles apoiaram 100 por cento!"

As prostitutas nas vitrines

A ideia inicial para outubro de 1987 era o Guns N' Roses abrir uma série de shows para o estrondoso Aerosmith, cuja sobriedade conquistada a duras penas e a improvável volta ao showbiz tinham acabado de ser ratificadas pelo sucesso do álbum *Permanent Vacation*. Para a Geffen Records, era uma sessão dupla enviada pelos céus. Para Slash, um sonho realizado, uma turnê europeia com seus heróis de adolescência. Com orgulho, ele a chamou de "a sessão do inferno". As casas de shows foram reservadas, os ingressos, imprimidos, e alguns shows se esgotaram em uma hora.

Então o Aerosmith pulou fora no último minuto. Seu empresário, Tim Collins, recorda: "Houve uma série de motivos para isso. Esqueci da justificativa oficial. Mas a real foi que nosso pessoal achou loucura jogar o Aerosmith na arena com um bando de drogados e bêbados. Naquele momento, o Aerosmith estava sóbrio havia menos de dois anos. Nós os fazíamos frequentar as reuniões dos Alcoólicos Anônimos mesmo quando estavam na estrada, e a banda toda estava reagindo a essa disciplina autoimposta – muito além de todos os nossos sonhos. Portanto, sentíamos que a situação já era frágil o bastante sem expor os chamados "gêmeos tóxicos" aos modelos mais negativos do setor. Acredito que o que bateu o martelo, o que nos fez cancelar a turnê, foi quando Joe Perry me contou que costumava comprar drogas de Izzy Stradlin quando o Guns morava naquele beco atrás da Sunset. Quê! Como assim? Acho melhor não".

Então, de qualquer modo, o Guns decidiu marcar por conta própria algumas datas na Europa, mas como banda principal, e não de abertura. Convidaram o Faster Pussycat, que havia acabado de lançar seu primeiro álbum, para abrir para eles, dando início ao que foi descrito nos cartazes do show como "a Destruição de 87", uma turnê reduzida do Guns pela Alemanha, Holanda e Inglaterra, começando em 29 de setembro de 1987. O primeiro show foi no Markethall em Hamburgo, a cidade portuária alemã em que os Beatles aperfeiçoaram suas

apresentações. Ao chegarem um dia antes, alguns membros da banda visitaram o famoso distrito da luz vermelha de Hamburgo, onde ficaram encantados pelas mulheres curvilíneas de várias nacionalidades se vendendo nas vitrines das lojas. De volta ao hotel, o baterista do Faster Pussycat desmaiou no quarto de Slash depois de ficar o dia todo com o Guns, o que a banda achou irritante. Então Slash e Izzy o embrulharam da cabeça aos pés com fita adesiva, como uma múmia, o jogaram dentro do elevador e apertaram DESCER.

A banda caiu imediatamente nas graças dos jovens alemães, e a imprensa local achou que os trajes deles – roupas pretas de couro de motociclista, jeans apertados enfiados em botas de caubói enfeitadas com esporas, lenços, correntes e pulseiras descoladas – eram o símbolo-mor do glam atual de Los Angeles. Na noite seguinte, 30 de setembro, eles tocaram no clube Tor 3 em Düsseldorf. A energia estava tão forte que os policiais tiveram que lidar com janelas quebradas e carros virados nas ruas próximas ao show.

Então foram a Amsterdã, via Lufthansa. O taxista que levou Izzy ao hotel jogou a real sobre a Holanda: "Como disse o motorista, 'limite de velocidade? Que limite de velocidade? Quem dá a mínima? Prostituição? Quem liga? Aqui é legalizado. Drogas? Quem se importa? Aqui você pode comprar o que quiser! Do que você precisa?'.

"É o lugar mais degenerado que já conheci", concluiu Izzy – aprovando.

Slash adorou Amsterdã. "Todas as coisas legais estão em uma só parte da cidade", explicou ele mais tarde, "como se houvesse uma única Hollywood Boulevard. Nem toda Los Angeles é assim, e nem toda Amsterdã é assim." Na noite anterior ao show no famoso Paradiso, a banda foi escoltada pelo bairro de prostituição da cidade, onde garotas à venda se exibiam nas vitrines. (Algumas delas tricotavam e liam livros.) "Vou dizer uma coisa", comentou Slash, "é quase possível afirmar em qual país você está pelo tamanho e formato de corpos das mulheres." Na Alemanha elas são grandes, na Holanda, menores. "Elas são de todas as idades, formatos, etnias e tamanhos – e usam qualquer roupa imaginável: couro, espartilhos, renda. O que você

precisar."

A banda curtiu especialmente os bares de haxixe de Amsterdã, onde você se sentava, pedia maconha do Nepal, do Líbano ou do Marrocos em um cardápio e fumava acompanhado de uma xícara de chá. Eles não conseguiam acreditar nisso. Slash: "Entrei num bar de haxixe procurando por Steven, que tinha sumido. O ar de lá cheirava a cola. E ali estava meu baterista, caído num canto com a porra de um tubo de narguilé na boca – totalmente apagado".

O show no Paradiso foi ótimo. Os jovens estavam alucinados. Antes da segunda música, "Move to the City", Axl desabafou sobre comentários negativos em relação ao Guns que haviam corrido pela imprensa musical britânica. Contou à multidão que vinha lendo o que alguns astros do rock das antigas andaram dizendo sobre a banda. Resmungou que o Guns não estava tentando ser mais ninguém. "E esse pessoal, como o Paul Stanley do KISS, pode vir chupar meu pau! [Aplausos.] E esses caras velhos... dizem que estamos acabando com eles... talvez precisem ouvir alguns dos álbuns antigos, e talvez devam se lembrar de como se toca, porra." [Mais aplausos.]

No dia seguinte, eles voaram para Londres. A WEA acabara de lançar "Welcome to the Jungle" como um single.

Partiram para Newcastle no dia 4 de outubro, em seguida para Nottingham, onde chegaram tarde da noite. Axl surtou no antiquado hotel da banda, porque não havia nada para comer e ele estava desesperado para falar com Erin na Califórnia. Mas a ligação não completava, ninguém o ajudava, e ele estava com dificuldades para fazer a conexão no telefone de seu quarto. Ele ficava mais furioso a cada minuto. Depois que ele se queixou a respeito, o hotel desligou seu telefone por completo. Então Axl arrancou o aparelho da parede e o atirou escada abaixo em direção à recepcionista que não colaborava. Foi necessário todo o talento diplomático do novo gerente de turnês do Guns, o ex-segurança Doug Goldstein, para que o hotel não os expulsasse.

Robert John não estava nessa viagem, então o Guns conheceu, na casa de shows Nottingham Rock City, George Chin,

um dos melhores fotógrafos de rock da Inglaterra. Rapidamente, George captou a vibe impenetrável de gangue da banda, e percebeu que, ao menos naquela noite, Axl Rose estava extremamente nervoso com alguma coisa que tinha acontecido antes. Quando a banda subiu ao palco (Axl de calça jeans branca, bandana rosa, camiseta branca da Zurich Tattoo Convention), Chin ficou estupefato com a intensidade nua e crua de Axl Rose, em primeiro plano. "Naquela noite, no show", recordou Chin, "foi a primeira vez que vi um vocalista expressar toda a sua raiva no palco. Era puro poder vocal, uma apresentação em que Axl trotou, pisou duro e girou até que seus incômodos saíssem de seu corpo e a raiva passasse."

O Guns fez a multidão pular desde o instante em que começaram "It's So Easy", e a mantiveram suando durante 90 minutos e dois bis. Eles correram para o ônibus da turnê, mas seus novos fãs, agitados, começaram a cercar o veículo e a balançá-lo, quase virando-o enquanto a banda tentava escapar do local.

Mais uma vez, houve problemas nas ruas de Nottingham após o show assim que o público foi embora. Foi quase como se Axl tivesse transferido a própria fúria para o povo que viera vê-lo se apresentar, e os mais impressionáveis agora carregavam um pouco de sua psique irada em uma catarse reversa.

Após os shows em Bristol e Manchester (onde um fã deu a Slash um ingresso para a turnê Aerosmith/Guns, cancelada, e a banda fez uma apresentação mais curta para vários lugares vazios), a turnê se encerrou no lendário Hammersmith Odeon, o teatro em West London onde o Clash e outros ícones do rock britânico criaram fama. George Chin trabalhava nos bastidores: "Eu tinha sido contratado pela *BURRN!*, a revista japonesa de rock, para fazer uma capa de Axl para a reportagem de janeiro de 1988. Quando cheguei à casa de shows, o pessoal de publicidade da Geffen me alertou que Axl estava em um daqueles dias. Em seguida Axl deu as caras, aparentemente meio ofegante e de ressaca, usando uma boina preta feia do exército alemão inclinada para um dos lados. Ele me lembrava um daqueles sujeitos do IRA, sem os óculos escuros". Para George, era nítido que Axl se sentia horrível e não queria estar lá. Ele ficou

indiferente e se limitou a olhar para a câmera. Chin sabia que Axl ficava com raiva e ofendia em dois tempos, que as fotos ficariam ruins, e então desistiu depois de um único rolo. "Mais tarde, quando lhe mostrei as fotos, ele concordou imediatamente com uma nova sessão. Pouco depois, reapareceu, mais bem-humorado e com um visual reformulado. Um grande crucifixo de prata estava pendurado em seu pescoço. Ele envolveu a cabeça com uma bandana, sua marca registrada, e, após aquecer um pouco, concordou em tirar a jaqueta preta de couro e cruzar os braços para destacar suas tatuagens exclusivas. Eu sabia que a foto era para a capa da revista. Ele também, e começou a usar aquela pose quando tinha que ser fotografado – algo que ele realmente passou a odiar cada vez mais."

George Chin também fez uma série de fotos de Axl e Izzy juntos nos bastidores, e ficou impressionado com o bom senso de Izzy. "Era possível afirmar que eles eram de fato bons amigos – muito leais um ao outro. Axl respeitava as opiniões e ideias de Izzy, sobretudo as relacionadas à música. Você até poderia ouvir os outros criticarem Axl por X ou Y, mas nunca Izzy – mesmo se ele estivesse de saco cheio do vocalista. Achei Izzy o melhor exemplo do cara legal."

O show no Hammersmith, faltando 200 lugares para se esgotar, tinha que ser uma obra-prima, porque todos os jornalistas de rock e DJs importantes da Inglaterra estavam lá – e a banda deu conta. Slash tocou de casaco jeans azul por cima das roupas pretas de couro e fez um solo depois do outro, mostrando aos britânicos o lado blueseiro do GN'R. Axl se apresentou com uma camiseta do Mickey Mouse, as lúgubres tatuagens nos braços quase fluorescentes pelo suor. A banda tocou tudo o que conhecia, e o público queria mais, portanto eles fizeram alguns covers, como "It's Alright", do Black Sabbath. Slash parecia excepcionalmente amargurado após "Knockin' on Heaven's Door", quando dedicou a canção ao amigo morto. O ápice em Hammersmith foi "Rocket Queen", quase no fim do show. A música, que já era longa, se estendeu para uma jam atômica, no meio do caminho, com Slash arqueado para trás, fazendo um solo enquanto apoiava uma das botas em cima do monitor do palco. De repente, a bateria se transformou em um

canhão ensurdecedor, as guitarras pararam e o restante da banda desapareceu durante o solo de bateria. Eles deixaram a tensão aumentar por um minuto, depois Izzy apareceu e saltou no riser da bateria com um par de baquetas, batendo em contra-ritmo. Então Duff apareceu do outro lado e começou a batucar com as próprias baquetas. Em seguida, Axl se materializou, tocando o baixo de Duff, e Slash voltou a assumir o centro do palco e trouxe a casa abaixo com uma fúria tempestuosa à la Hendrix. Os aplausos posteriores foram longos e sinceros. Alguns dos jovens e do pessoal da mídia que se amontoaram nos últimos trens do District Line após o show diziam que aquele tinha sido o melhor show de rock que já tinham visto.

Os críticos agora tentavam superar uns aos outros na descrição da "heavyosidade" que haviam vivenciado. *Star*, de Londres: "A banda mais afrontosa do mundo". *Kerrang!*: "Esta equipe afrontosa que mata a pau, sem pretensão alguma e com o som mais cru que existe por aí, é o melhor grupo novo que se ouve em eras [...] a banda que mais se aproxima de captar a essência real do hard rock [...] sem dúvida, a banda mais perigosa do mundo". *Sounds*: "Uma depravada banda de garagem de Hollywood, um coquetel tóxico de suas influências, a coisa mais próxima de uma banda de rua de uma cidade com autoestradas, e eles próprios conseguiram isso". *Metal Hammer*: "O Guns N' Roses é a melhor banda de hard rock do planeta".

Eles ficaram em Londres mais um ou dois dias. A Geffen queria que eles fizessem uma rápida turnê pelos clubes e teatros da região nordeste dos EUA, que durariam até o restante de outubro, logo, não havia tempo para voltar à Califórnia. Na noite seguinte ao show no Hammersmith, Slash foi a uma festa para Bob Dylan em Kensington. Mais tarde, alguém perguntou a Slash se ele tivera uma chance de conversar com Bob, cuja canção "Knockin' on Heaven's Door" estava se tornando um marco dos shows ao vivo do Guns. Slash lamentou não ter trocado uma ideia com Dylan, mas a noite não tinha sido um desperdício total, já que ele havia tomado cinco garrafas de vinhos franceses muito bons.

O Guns foi embora de Londres com uma fama e tanto para manter, tendo sido chamados de a banda mais perigosa do mundo. Agora, eles tinham que viver com base nisso. E Slash, daquele jeito lacônico, ficou empolgado. Posteriormente, falando ao jornalista inglês Mick Wall, ele explicou: “Para mim, e sei que para Izzy também, juntar seu equipamento e varar a Inglaterra é o símbolo-mor do que é de verdade um show de rock and roll”. Wall achou isso um pouco estranho, mas Slash foi irredutível. “Não, cara, é sério; os fãs britânicos são *destemidos pra caralho*. Percebemos que, se você consegue ser bom na Inglaterra, se você vai lá e é bem recebido, significa que consegue tocar *em qualquer outro lugar do mundo*, entende o que quero dizer?”

Mijando NO Hammerjacks

Outubro de 1987. O Guns N’ Roses começou uma turnê de duas semanas em clubes no nordeste dos Estados Unidos, lotado de faculdades, iniciando no dia 16 no clube Sundance de Long Island em Bay Shore. Depois do show da noite seguinte em um clube no aeroporto de Allentown (Pensilvânia), a banda foi até o Hammerjacks, o famoso clube de Baltimore em que todas as bandas de hair metal tocavam. Izzy Stradlin, geralmente o Sr. Gente Boa, se conectou de forma negativa com o lugar quase imediatamente.

Axl: “Izzy – em geral, ele não é desses que causam nenhum tipo de problema, mas ficou totalmente aniquilado nesse tal de Hammerjacks, o lugar mais fodido em que já toquei. Primeiro, eles têm cerca de 30 seguranças [uniformizados] parecidos com delegados de West Hollywood. E Izzy se envolveu numa discussão com eles no início do dia por conta de alguma merda que estavam dizendo para a nossa equipe, que estava apenas tentando fazer o trabalho dela. Então Izzy ficou bêbado e sentiu um verdadeiro ódio do clube. Aí, pouco antes de tocarmos, com mais aborrecimentos além desses e Izzy de saco cheio de tudo, ele foi até o escritório do gerente do clube, tirou para fora e

mijou na mesa inteira do cara – que estava sentado ali! Aquilo os deixou malucos. Então continuamos, e Izzy estava tão bêbado que tivemos que desligar sua guitarra, e quando ele percebeu o que estava acontecendo desplugou o instrumento e o jogou na multidão".

Foi necessário um pouco mais dos talentos persuasivos de Doug Goldstein para recuperar a guitarra e, depois, evitar que os policiais de Baltimore prendessem Izzy por atentado ao pudor e agressão com urina.

Na noite seguinte, em um clube da Filadélfia chamado The Experiment, as pessoas jogaram seringas hipodérmicas na banda. Os roadies e seguranças que as pegaram disseram que elas cheiravam a heroína.

Depois de shows em Albany (Nova York) e na suburbana Nova Jersey, o Guns voltou para Manhattan, onde gravou um quadro para o *Headbangers Ball* da MTV, o programa de heavy metal da TV a cabo que passava depois da meia-noite para não corromper os jovens com hard rock satanista. Três meses após o lançamento do *Appetite*, o Guns ainda estava (mal) relegado ao gueto metaleiro da madrugada na MTV, principalmente porque o álbum estava estagnado na lista da *Billboard*, mas também porque as rádios não estavam tocando o disco e havia zero pedidos para o clipe de "Jungle". (O clipe do futuro segundo single do Guns, "Sweet Child o' Mine", provavelmente foi filmado por Nigel Dick antes que a banda fosse à Europa. Sweet Child continha imagens granuladas e rápidas em preto e branco de Erin Everly, editadas em gravações da banda tocando a música em uma sala de ensaios em Los Angeles.)

Mas Tom Zutaut e outras pessoas da Geffen continuavam a atormentar a MTV por causa do Guns, e então a rede agendou um horário para gravar com a banda no estúdio em West Side no dia 24 de outubro, uma noite após o Guns esgotar os shows no clube noturno Manhattan Ritz, a maior casa de rock da cidade nos anos 1980, localizada em um antigo auditório maçônico na 34th Street. Após cantar com playback para as gravações de "Jungle" e "Sweet Child", a banda foi orientada a fazer um pouco de balbúrdia, para combinar com a "tal da imagem de bad boys". Eles acharam essa sugestão, vinda de um diretor ostensivamente

gay, um pouco bajuladora, então a banda e a equipe começaram a desmontar todo o cenário.

E aí o *Appetite* começou a subir um pouco nas paradas, atingindo a 64ª posição em novembro de 1987. Somente 12 estações de rádio nos Estados Unidos estavam tocando o disco, porém, em metade delas, o Guns era a banda mais pedida. No setor de varejo, também teve início um burburinho sério sobre o fato de que o álbum ainda iria decolar, e que poderia vender toneladas se a MTV investisse de verdade nele. Então a Geffen Records prorrogou o contrato e começou a falar sobre o segundo álbum. Mas Slash bateu o pé, dizendo que não conseguia compor enquanto viajava. Izzy, que havia composto boa parte do *Appetite*, não estava em condições de pensar em escrever outro disco. Axl disse à gravadora que a banda tinha muitas músicas, e que o próximo álbum de verdade do Guns N' Roses provavelmente seria duplo. Então decidiram lançar as quatro músicas do UZI Suicide, além de um monte de faixas acústicas que a banda gravaria em Los Angeles após voltar de viagem. Isso seria lançado no ano seguinte, e o Guns N' Roses gravaria seu segundo álbum "oficial" em 1989. "Isso se eles ainda estiverem por aqui", sussurravam os executivos da Geffen, alguns sem muita esperança.

Em seguida, shows no Chance, em Poughkeepsie, Nova York; no Lupo's Heartbreak Hotel, em Providence, Rhode Island; no Paradise, em Boston; e no L'Amour, no Brooklyn. (O Guns estava seguindo o itinerário básico dos clubes do nordeste que tinham dado certo para o emergente Police em 1977, o U2 em 1980, e muitas outras bandas que tentavam o sucesso.) A banda estava exausta, e tinha tido apenas dois dias de folga em duas semanas, logo depois da Europa. Eles deram entrada no desleixado porém barato Gramercy Park Hotel, na 23rd Street.

Houve certa confusão no dia seguinte ao da entrada da banda. West Arkeen estava viajando com o Guns e soube que o pai havia morrido em decorrência de um ataque cardíaco. Haviam deixado um recado para Arkeen no hotel, mas o funcionário da recepção no Gramercy Park não o deu. Axl:

"Então West desceu e gritou com o cara, que saltou sobre o balcão e o acertou. Aí, dois outros caras pularam em cima do West e o encheram de porrada. Depois, ele subiu e me contou, aí desci e dei de cara com dois grandalhões segurando cacetetes. Então peguei uma placa grande de metal e tivemos um pequeno confronto". Um Axl enfurecido fincou o pé, disse aos capangas do hotel para se mandarem, e eles fizeram isso. Os policiais chegaram e acalmaram as coisas sem nenhuma prisão.

No dia 30 de outubro, a banda ensaiou um show acústico (sem Axl) no Record Canteen da CBGB, a loja de discos do clube punk, localizada a algumas casas de distância do Bowery, a boca do lixo de Manhattan. O clube, decorado para o Halloween, tinha um palco minúsculo e capacidade para espremer umas cem pessoas se os bombeiros não estivessem por perto. Naquela noite, Axl apareceu com West Arkeen e uma comitiva que incluía a namorada, a pequena Erin Everly, maravilhosa de calça jeans preta e cabelos longos cacheados. Uma equipe de vídeo gravou a apresentação da banda e a posterior coletiva de imprensa.

Quando a banda apareceu, sob aplausos dispersos do público jovem e sobretudo feminino, eles tiveram dificuldades para se sentar em uma configuração acústica, com vários membros da equipe e amigos sentados atrás. Na ausência do kit de bateria, Steven tocou pandeiro. Quando estavam quase prontos, Axl apareceu e se sentou, usando uma camiseta preta do Bauhaus, os longos cabelos ruivos sob a bandana rosa, óculos de aviador cobrindo a maior parte do rosto. "Esse microfone é uma merda", resmungou. As garotas continuavam chamando Slash, reluzente em seus trajes de couro sobre o jeans, camiseta do Metallica, cartola preta. Garotas: "Slash! Slash! Slashy, querido!".

Slash: "O quê? Como assim? Calem a boca!".

Duff bebe cerveja. Então faz a contagem da versão acústica de "You're Crazy", tocada como uma balada folk-rock enquanto Axl se mexe como um réptil na cadeira. "Ela foi composta assim", diz ele às garotas depois que a música termina. Então comenta com elas que, "daqui a mais ou menos um ano", a banda vai lançar um EP com algumas das canções acústicas que estão tocando ali, e que a música a seguir estará nesse álbum. Em seguida, o Guns começa "One in a Million", a qual, menciona Axl,

a banda só tinha tocado uma vez em público. Eles cantam juntos os versos irados, racistas, homofóbicos e xenófobos, com o diretor musical Duff usando linguagem corporal e contato visual para sinalizar um ritmo mais lento conforme vão chegando ao refrão. A parte dos "policiais e negros" deixa os jovens em silêncio, que não tinham ouvido isso antes, mas os trechos sobre gays e "essas porras de doenças" despertam risinhos envergonhados. Outra música desconhecida, "Used to Love Her", apresentada por Axl "não como uma música de fato, mas sentimentos que você tem às vezes", causa risadinhas femininas excitadas quando Axl canta sobre como costumava amar uma mulher, mas teve de matá-la. Enquanto isso, no patamar acima do palco, Erin Everly dança sua própria coreografia serpenteante. Quando as câmeras são apontadas para a modelo, ela para e some de vista.

Há um pequeno intervalo antes de "Patience". Slash toma uma golada de uma garrafa de Jack Daniel's. Em uma folha de papel, Axl verifica letras recentemente reelaboradas. O Guns tocou essa música quase todas as noites na Europa, então ela está firme e forte. Os violões improvisam uma finalização da música que poderia estar no *Led Zeppelin III*, uma infusão acústica vinda das montanhas enevoadas do antigo País de Gales.

Em seguida, vem uma versão eletrizante de "Mr. Brownstone", com Axl se levantando da cadeira numa entrega contida e sua namorada se contorcendo atrás da banda em sedutora majestade. Então Axl fica em pé na última música, "Move to the City", e faz a dança da serpente, sua marca registrada, enquanto a banda arde em (forçoso) silêncio e em fúria sônica total, mas contida.

Terminado o show, a banda se levanta em meio a um barulho de instrumentos batendo em cadeiras dobráveis de metal e microfones. As garotas gritam para Slash que ele prometeu a elas algumas de suas palhetas customizadas, e ele abre um largo sorriso e levanta o dedo do meio. "Sim", gritam elas. "Faça *isso* com a gente." Ele só ri e se junta aos colegas de banda em uma mesa na loja de discos, onde começam a autografar capas de álbuns e, ofuscados pela luz da TV, fazem comentários sobre

tópicos variados.

Quando lhe pedem para autografar uma cópia do álbum UZI Suicide, Axl cutuca Slash. “Essa foto nossa... nesse dia eu estava sóbrio, mas pareço [...] arruinado. Foi por ter saído com Barbi [Von Grief].” Ela tinha arrumado o cabelo dele e feito a maquiagem para a foto da contracapa de Richard Lue, de 1986 (que, de acordo com a percepção de muitos fãs, é *a* imagem clássica do Guns N’ Roses). “Ninguém mais tem essa mentalidade de compreender a conexão entre drogas e rock and roll. Ela é tão inteligente. E sabe como fazer as coisas.”

Já que a MTV está filmando, Axl dá uma deixa daquelas. “O que eu quero *de verdade* é abrir para o U2.”

Questionado sobre as canções acústicas pouco familiares que a banda tinha acabado de tocar, Axl respondeu: “Bem, outras bandas como a nossa têm medo de se aventurar em qualquer coisa que não seja hard rock. Elas têm medo de ser [...] fracotes. Quanto a nós, fazemos o que queremos”.

Perguntaram a Slash como eles se juntaram. “Eles eram as únicas pessoas com quem eu queria montar uma banda”, afirmou, bebendo ostensivamente de uma garrafa de Jack.

Axl: “Somos como uma família. Acreditamos uns nos outros. É quase como uma coisa de família”.

A pergunta seguinte foi sobre a campanha de Tipper Gore contra a obscenidade no rock. Izzy resmungou que isso era coisa da esposa de alguém [de Al Gore].

AXL: “Não estou nem aí para esse PMRC”.
SLASH: “Quanto mais adesivos eles colam nos discos, mais discos vendemos”.
AXL: “É a rebeldia clássica, coisa de adolescente”.

No mês seguinte, novembro de 1987, o Guns abriria para o Mötley Crüe, e perguntaram a eles sobre isso. Slash explicou que havia questões políticas envolvidas. “Era para abrirmos uma turnê, mas a gravadora achou que o Whitesnake [de David Coverdale] seria mais maneiro. Mas aí o Whitesnake cresceu e começou a liderar, então agora é nossa vez.

“Eles [o Crüe] gostam de nós, e vice-versa. Estão estendendo

o tapete vermelho para nós – mais luzes que o normal para um show de abertura, mais monitores [de palco]. Eles estão nos ajudando de verdade nisso."

Alguém perguntou sobre a filosofia geral do Guns. Axl e Slash estavam sentados perto um do outro. Slash bebia altas goladas de Jack.

Slash: "É uma coisa autêntica. Não é pretensiosa. Não tem como mira as Dez Melhores das rádios. Vem da essência da coisa".

Axl: "Cuidamos uns dos outros para nos mantermos na linha. [Cutuca Slash.] Tipo, só nesta semana, salvei a vida desse cara algumas vezes". Axl deu um trago no cigarro e sorriu. Slash ficou acanhado e virou-se de leve, obviamente envergonhado pela humilhação de ter ficado azul no hotel da banda duas noites atrás.

Questionado sobre planos para gravar discos, Axl respondeu: "Dissemos à Geffen que gravaremos um álbum duplo quando acabarmos a turnê. Já estamos escrevendo algumas coisas. Temos umas 40 músicas em que acreditamos".

Após uma digressão sobre suas tatuagens ("Queria mostrar [a tatuagem de rosa] para o Phil Linnott [do Thin Lizzy], mas ele me fez o favor de morrer"), Axl se queixou com amargura sobre as recentes condições da turnê com o Cult: "Alugamos o andar inteiro do hotel. Fizemos um show e tanto – 10 mil pessoas – e eles não nos deixaram entrar no restaurante [do hotel] por causa do dress code. Um cara que ganha oito dólares por hora nos mandando cair fora...".

Pediram a Axl que dissesse algo sobre si mesmo. Ele retrucou: "Sou, tipo, um esquizofrênico da porra! Mas, sabe", riu, "posso ligar e desligar".

E foi embora num piscar de olhos.

Cadê minha vodca?

Novembro de 1987. O Guns N' Roses abre para o Mötley Crüe no Municipal Auditorium em Mobile, Alabama, começando uma

turnê pelo sul dos Estados Unidos com a banda glam mais popular de Los Angeles no auge da carreira – a turnê *Girls Girls Girls*. Assim como no caso do Cult, o Guns estava abrindo para uma banda que nunca ficaria maior do que já era, uma banda que o Guns logo confinaria à pilha de compostagem da história do rock. Enquanto isso, ao menos no início, a turnê do Crüe foi bem divertida. As relações entre os músicos da Sunset Strip e os veteranos de estrada eram amigáveis. Havia toneladas de heroína persa marrom à disposição, para os que tinham uma queda por ela. Slash, Steven e o baixista do Crüe, Nikki Sixx, formaram uma pequena panelinha que tocava o terror nos bares do hotel depois dos shows e então se retirava para prazeres proibidos em suítes de festa no andar de cima. Algumas dessas cenas ficaram tão assustadoras que a gerência do Mötley Crüe avisou Slash, na cara dura, que a banda seria expulsa da turnê se Nikki Sixx recebesse mais narcóticos da farmacinha móvel do Guns.

O vocalista do Mötley Crüe, Vince Neil, mais tarde descreveu Axl Rose (o que era improvável) como "um cara tímido, humilde, muito divertido de se ter por perto", e disse que Axl lhe pediu conselhos por conta da garganta, que tendia a fechar como uma prensa após uma hora gritando a plenos pulmões. Axl estava com problemas sérios para respirar durante os shows, e começou a recorrer a pausas para usar balões de oxigênio no vestiário durante os longos solos de guitarra de Slash, que ficaram mais extensos para esse propósito.

A turnê se seguiu em meio ao clima ameno do sul em novembro – Cajun Dome, na Louisiana; Lake Front Arena, em Nova Orleans; Mississipi Coliseum, em Jackson; Carolina do Norte; Savannah, Georgia; Carolina do Sul; e de volta a Atlanta, onde Axl foi preso no palco no dia 20 de novembro.

O problema começou quando um segurança sádico do local, o Atlanta Omni, mexeu com Axl logo que ele entrou pela porta dos fundos para a passagem do som da banda naquela tarde. À noite, quando a banda estava prestes a subir no palco, Axl e o guarda começaram de novo, trocaram xingamentos e Axl deu um murro no rosto do cara. Dez minutos depois, durante "Mr. Brownstone", policiais de Atlanta invadiram o palco e prenderam Axl.

Provavelmente foi a primeira prisão de um astro do rock no palco desde os lendários dias de Jim Morrison – 20 anos antes.

O gerente de turnês Doug Goldstein tinha que pensar rápido. O Guns havia sido contratado para tocar por 45 minutos, ou a banda não seria paga. Ele pediu ao roadie Big Ron (ou, como Slash o chamava, King Kong Ron) para subir no palco e cantar, e Ron atendeu ao pedido. Eles tocaram "Communication Breakdown" e "Honky Tonk Women", as únicas músicas que o roadie sabia. Enquanto os policiais interrogavam Axl nos bastidores, Slash tocava solos de guitarra longos e improvisados. Steven Adler fez o solo de bateria mais longo desde a morte de John Bonham. O show do Guns foi péssimo, mas, de qualquer forma, a multidão dispersa viera para ver o Mötley Crüe. De acordo com registros do tribunal, mais tarde Axl se declarou culpado das acusações de agressão (mesmo sem comparecer à audiência) e pagou uma pequena multa.

Nos dias 24 e 25 de novembro, houve dois shows da turnê no Civic Center em Lakeland, na Flórida. A MTV, atrasada para transmitir o Guns, mas influenciada pelo burburinho da indústria sobre os incendiários shows da banda, enviou uma equipe para o Lakeland em outra tentativa de fazer alguma coisa com o Guns, já que o canal tinha achado as fitas do CBGB cruas demais para levar ao ar.

Agora, o *Appetite* ocupava a semirrespeitável posição de número 61 (e estava subindo) na parada dos 100 melhores álbuns da *Billboard*, e a MTV queria a banda. O único problema era que os integrantes do Guns estavam moídos até os ossos após um mês inteiro de turnê – algo que a banda nunca tinha feito antes – e não tinham condições físicas de aparecer na MTV. Slash e Steven (e Nikki Sixx) estavam juntos no clube da heroína. Izzy estava apenas sobrevivendo. Duff McKagan enxugava, diariamente, um litro de vodca russa. Só Axl Rose não estava usando drogas nem bebendo até cair. Ele gostava de cocaína, mas ela não o havia transformado num idiota, mesmo porque ele tinha que cuidar da garganta e não cheirava demais.

O Guns era uma jovem banda de rock em seu primeiro ano

de estrada, então os bastidores não eram muito agradáveis. Ou, ao que parece, nem o palco, já que a banda não queria deixar a MTV gravar seus shows em Lakeland. De fato, a equipe de vídeo da MTV foi mantida longe da banda até o último instante possível, pouco antes do show no dia 25 de novembro. A gravação está rodando e vemos Steven com um conjunto de bumbos usando um chapéu com duas latas de cerveja, uma de cada lado, e tubos saindo delas até sua boca. Duff McKagan, visivelmente bêbado, cambaleia e berra: "Cadê minha vodca?". Ele olha para a câmera e diz, como um idiota: "Merda!". A câmera passa para Slash, com todos os seus trajes típicos. "Beba alguma coisa", oferece, com a fala arrastada. Axl, agitando a bandana rosa, aparece no vestiário no último instante e o grupo sobe no palco. Eles deixam a equipe de cinegrafistas filmar apenas alguns minutos de "It's So Easy", com Duff cantando o refrão com Axl.

Enquanto o Guns se apresenta, a MTV entrevista Doug Goldstein: "[...] cerca de duas horas de sono por noite [...] os caras mais loucos para quem já trabalhei [...] eles me fazem pular o tempo todo [...] querem se certificar de que bebi o bastante [...] não importa se são oito horas da manhã".

A famigerada entrevista com a banda é filmada no salão de encontros após o show. As batidas do Mötley Crüe podem ser fracamente ouvidas ao fundo. Os integrantes do Guns estão detonados, espalhados em uma bagunça telegênica pelo sofá, com exceção de Axl, ereto, sóbrio e coerente, e de certa forma explicitamente diferenciado de sua banda zoada.

Exausto, Axl tenta ajudar: "Tom Zutaut contratou o Crüe, o Tesla, Dokken [...] conseguiu o dinheiro de que precisávamos e a liberdade que queríamos [...] Também ajudou muito na elaboração do disco [...] As outras gravadoras não pareciam saber nada disso". Perguntado sobre "Welcome to the Jungle", ele conta a história de ter se perdido em Nova York ao visitá-la pela primeira vez, e do velho que lhe disse que ele estava na selva e que iria morrer. "História real", concluiu Axl.

Slash tenta comentar a respeito, mas parece cansado, usa *porra* a cada três palavras e, por fim, ri da própria grosseria confusa.

Izzy [prestativo]: "Ei, é só a linguagem das ruas... como

falamos".

Duff [zoado]: "São histórias da vida real, essas porras dessas músicas".

Slash [tentando]: "A banda... e a porr – e aquilo em que acreditamos são mais importantes que uma... uma... uma porra de um selo no álbum".

Axl encerra a discussão sobre palavrões: "Olha, a gente está pouco se fodendo. Talvez o próximo disco não tenha nenhum [palavrão], só porque não escrevemos assim".

Alguém da MTV editou a gravação para um quadro de meia hora chamado "Uma noite na selva". Quando ela foi exibida para os executivos do canal, a banda foi considerada obscenamente detonada para aparecer em horário nobre. De acordo com os arquivos (caóticos) da MTV, o quadro foi mostrado um ano depois, às três da manhã, e depois arquivado e esquecido.

Após mais algumas paradas na Flórida, o Mötley Crüe finalizou a turnê pelo sul, e as duas bandas voltaram para Los Angeles. Basicamente, o Guns estava sem teto, então a gerência os instalou no Franklin Plaza Hotel, um refúgio favorito em Hollywood para bandas errantes de glam metal. Em poucos dias o Guns voltaria às turnês, abrindo shows para Alice Cooper durante o restante de 1987.

Slash e Nikki Sixx se tornaram bons amigos durante a turnê *Girls*, guerreiros de estrada que compartilhavam drogas e gostavam de sair para farrear depois. Certa noite, no início de dezembro, Nikki saiu em uma limusine prata, com presentes para Slash: uma antiga cartola de pele de castor (pela qual pagou *uma nota*) e uma edição limitada de "apresentação" de uma garrafa de uísque Jack Daniel's. Ele parou na casa de um traficante – o cara ficou irritado com a limusine parada na frente, um chamariz para policiais – e pegou alguns papelotes de heroína após degustar o produto. Isso fez Sixx vomitar dentro da limusine, atirando pedaços de vômito por todo o chapéu de castor, com que ainda corajosamente presenteou um revoltado

Slash, junto com a garrafa de Jack. Alguns membros do Megadeth também estavam no Franklin Plaza, o que acabou em festa.

De acordo com Nikki, todos usaram drogas até o cérebro esvaziar. Depois, eles se amontoaram na limusine cheirando a vômito e foram ao Cathouse, onde encheram a cara e marcaram presença até a hora da próxima dose. Saltaram de volta na limusine, escoltada por carros cheios de fãs do Crüe, adolescentes excitadas do Valley, e acabaram no quarto de Slash no Franklin Plaza. O tal do traficante estava à espera deles, recém-abastecido de uma heroína marrom que descreveu como "especialmente doce". Nikki estava chapado demais para se injetar, então pediu ao traficante que fizesse isso. Enquanto Slash observava, o traficante amarrou o braço de Nikki com um tubo de borracha e injetou a droga persa em uma veia. Quando a heroína potente começou a percorrer sua corrente sanguínea, Nikki ficou azul e caiu da cadeira.

"Ah, não", murmurou Slash. "De novo, não." A namorada de Slash ligou para a emergência enquanto Steve Adler arrastava o cadáver azulado de Nikki Sixx até o chuveiro do guitarrista e ligava a água fria.

A ambulância chegou poucos minutos depois. Encontraram Nikki morto no piso do banheiro de Slash. Seu coração simplesmente havia parado, e alguns caras parecidos com roadies tentavam massagem cardíaca e gritavam: "Estamos perdendo-o!". Carregaram Nikki até a ambulância, passaram por suas jovens fãs, que gritavam horrorizadas, e enfiaram duas agulhas de adrenalina no coração dele. Isso salvou sua vida.

Slash ficou em choque profundo por isso acontecer de novo, mas também foi um acontecimento e tanto. O restante da turnê do Mötley Crüe foi interrompido. Slash ficou meses falando sobre a terrível overdose de Nikki, e isso não o impediu de cultivar o mau hábito por pelo menos mais dois anos.

O declínio da civilização ocidental

Dezembro de 1987. Dois meses de estrada do Guns com a banda dando seu melhor empurram o *Appetite* para a posição 59, quando as vendas ultrapassam as 200 mil unidades. A equipe de promoção da Geffen afirma que a sórdida reputação da banda como estupradores e assaltantes neobárbaros ajudou a vender discos. A um incrédulo Geffen, Tom Zutaut afirma prever que o *Appetite* entrará no Top 10 de Álbuns de Rock, e que dentro de seis meses o Guns estará liderando. "Isso *se* eles chegarem à MTV", anui alguém. "Isso *se* eles ainda estiverem vivos daqui a seis meses", sussurra outro.

O *Music Connection* faz uma segunda entrevista com o Guns no início de dezembro, depois que a banda e a revista fizeram as pazes. (O autor do primeiro e polêmico perfil da banda na *MC* deixou a cidade na esteira do artigo.) Axl dá parte da entrevista por telefone, de Nova York. Falante e honesto, ele confirma os rumores de que o Guns talvez faça uma turnê com o Aerosmith em 1988. Diz que as comparações de alguns articulistas entre o Guns e o Aerosmith e o Led Zeppelin são elogiosas, mas não o fim do mundo. "Ultimamente, ouvimos Metallica o tempo todo. O legal é que esses caras ouvem a gente o tempo todo. Logo antes de sairmos em turnê, eu estava em Chicago e Lars [Ulrich, baterista do Metallica] estava tentando entrar em contato comigo, aí minha namorada passou a ele os números de todos os membros da banda, e todo mundo saiu e tomou todas – sem mim." (Pode-se apenas especular como Erin foi castigada por isso.) "O Metallica é fantástico em termos de autenticidade, de sinceridade. Muitas coisas deles são mais sombrias, descarregam a raiva, e, à nossa maneira, também fazemos isso."

Questionado se o speed metal ao estilo do Metallica poderia influenciar o próximo álbum do Guns, a resposta de Axl foi interessante, revelando o trabalho interno de sua banda. "Ah. Bem, antes que Slash realmente soubesse quem era o Metallica, tínhamos catalogado um material bem pesado. Mas não o colocamos no disco porque Slash e eu não achamos que a [nossa] banda tinha capacidade de tocar o material – ao menos, na época. Não naquele momento. Tipo, Izzy tinha o próprio estilo de tocar guitarra e não queríamos dizer a ele, 'Ah, você não sabe tocar

isso, você não está na banda'. Porque o que ele tocava funcionava perfeitamente para outras músicas. Então decidimos dar tempo ao tempo e progredir do nosso jeito, simples assim. Agora, todo mundo compõe. Escrevemos músicas que nunca gravaríamos antes. Espere até ouvir a nova que fizemos, 'Cornshucker'. Vamos voltar a Los Angeles e soltar mais algumas coisas, porque vamos lançar um EP acústico."

Sobre resenhas do disco: "Acabei de ler uma resenha do [crítico] Robert Christgau sobre o Faster Pussycat [no *Village Voice*], mas não era sobre como o Faster Pussycat é ótimo. É sobre como o Guns N' Roses é estúpido; sobre como deveríamos nos matar e ponto. Pessoas assim [...] não dão tempo ao tempo para entrar na coisa. Acho que há muito em nosso disco para explorar – pequenas partes diferentes em todas as músicas. Eles *poderiam* ouvir isso, se apenas fizessem seu trabalho e *ouvissem* a porra do álbum. Quero dizer, estou tentando fazer *meu* trabalho – o melhor que consigo. Quero que os articulistas façam o deles também."

Perguntaram a Axl sobre o próximo álbum do Guns (que ficaria mais quatro anos sem sair). Ele respondeu que haveria altas baladas da próxima vez, "porque escrevemos oito e botamos fé em todas elas. Gosto de escrever de um jeito bem emotivo. Posso cavar fundo em mim mesmo". Mencionou "November Rain" como dez minutos de guitarras acústicas e talvez uma orquestra, e ele mesmo tocando piano. Axl insistiu que deixaria o mundo da música por completo se "November Rain", no fim, não fosse gravada como ele queria. Também citou "Don't Cry" e "Patience".

No fim da entrevista, Axl disse estar farto de Los Angeles e que queria se mudar para Nova York. "Quero voltar a explorar as coisas", afirmou ele, com melancolia.

Após falar com Axl por telefone, a articulista Katherine Turman vai até a Geffen e encontra o restante da banda. Ela os encontra dispersos em uma sala de reuniões que dava para a Sunset Boulevard, banhados pela luz reluzente do início do inverno. Entre altos goles de uma garrafa de Jack Daniel's, Slash

tenta tirar dinheiro dela, explicitamente para comprar cerveja mexicana, mas ela foi alertada sobre essa artimanha e diz que está dura. O relato dela: "Slash é astuto, espertalhão, manipulador e engraçado [...] o baixista Duff McKagan é prestativo e cortês; o baterista Steve Adler é brincalhão e gentil; o guitarrista Izzy Stradlin parece preocupado, mas vez ou outra entra na conversa de um jeito inteligente". A entrevista segue a passos de bêbado:

REPÓRTER: "O público inglês é diferente? Como?".
SLASH: "Não quero ofender as bandas, mas o Poison e o Ratt, e muitos outros grupos de Los Angeles, não se saíram bem lá. Foi o que nos disseram. Então foi legal ser de Los Angeles e cem por cento aceito. Tivemos que fazer três bis no Hammersmith no mês passado".

Perguntam à banda se Axl sempre começa "Mr. Brownstone" com discursos sobre não se matar com drogas, ao mesmo tempo sem fingir que é "antidrogas".

SLASH: "De uma forma ou de outra. Na verdade, ele só diz 'Pense por si mesmo'. Ele tenta transmitir essas coisas porque realmente acredita nelas, porra, e só consigo imaginar quantos jovens punks não entendem o que ele diz e acham que está fazendo apologia ao uso de drogas, cacete".
ADLER: "Em nosso primeiro show no Reino Unido, algumas seringas voaram para cima do palco".
DUFF: "Putz, cara!".
SLASH: "Mas teve essa garota inglesa que achou que a música era sobre groupies!". [Eles começaram a encher o saco de Slash sobre ele ter transado com ela.]
REPÓRTER: "Você se sente meio responsável por seu público?".
SLASH: "Não. Só estamos dizendo a eles 'Não é nossa culpa'. Não vamos pregar porcaria nenhuma. Você precisa entender o que a letra diz, se vai levá-la a sério".
REPÓRTER: "E quanto a seu estilo de vida em geral?".
SLASH: "Aí já é outra entrevista".

REPÓRTER: "Quando eram adolescentes, vocês não olhavam para as bandas e diziam 'Quero ser assim'?".
GN'R: "Sim!".
SLASH: "Todo mundo quer nos criticar porque somos honestos pra valer e falamos abertamente [sobre o uso de drogas], enquanto as outras pessoas estão entrando em grupos de apoio contra bebida nos carros, e no PMRC, e anti-isso, anti-aquilo, e não se pode transar sem camisinha. E *nós não somos assim*! Estamos transando... *expostos!* É como um mau aluno – quanto mais dizem para não fazer isso e aquilo, mais ele fará. Mas ouça – não dizemos a ninguém o que fazer ou que nos levem a sério demais, porque nem nós mesmos nos levamos tão a sério".

Nessa época, Slash tinha uma amiga – não uma groupie, mas uma amiga de verdade: alguém com quem ele podia contar. Quando ele estava em Los Angeles, perdido entre turnês, sempre carregava no bolso o nome e o telefone dela em um pedaço de papel. Em várias ocasiões, ela recebeu ligações de madrugada de pessoas preocupadas que haviam encontrado Slash – desmaiado, às vezes na sarjeta, uma vez sem sapatos, após ter sido enrolado e roubado pela última pessoa com quem bebeu no Cathouse ou no Rainbow. Slash tinha 22 anos.

As pessoas estavam começando a falar sobre Axl, Erin e repetidas agressões. No ano anterior, a melhor amiga de Erin flagrou Axl batendo na namorada e chamou a polícia. Quando os oficiais chegaram, Axl se escondeu atrás da porta e Erin disse a eles que se tratava de alarme falso. Depois, o casal brigou em um churrasco lotado numa casa em Hollywood Hills. "Ele estava batendo nela", diz uma testemunha, "e puxando seus cabelos. Ele era como um cão raivoso". Erin contou às amigas que amava Axl, mas que estava com medo dele. Também havia pessoas que achavam que ela provocava Axl, e que Erin era capaz de revidar tão bem quanto recebia. A polícia foi chamada tantas vezes para ir à casa do casal que um deles, Mike Ascolese, apareceu nos créditos do álbum *Appetite*.

O Guns N' Roses fez dois últimos shows com o Mötley Crüe no Texas, no início de dezembro de 1987. (Slash destruiu com

tanta violência seu quarto de hotel em Dallas que a polícia foi chamada. A banda teve que fugir, sem fazer check-out, para evitar ser presa por vandalismo com agravantes.) Eles estavam desesperados por outra turnê (Slash: “Ninguém queria ir para casa”), mas quase nada estava funcionando. David Lee Roth, que deixara o Van Halen e estava fazendo turnês por conta própria, já tinha um show de abertura. O Guns quase saiu com o AC/DC; as duas bandas se adoravam, mas o dinheiro que o AC/DC ofereceu beirava o desrespeito. Então a banda voou para San Francisco para uma breve aparição em um novo filme de Clint Eastwood, *Dirty Harry na lista negra.* Nos anais da cultura pop oitentista, quase nada é mais bizarro que a mistura de Guns N’ Roses com Dirty Harry Callaghan.

Dirty Harry foi o personagem característico de Eastwood enquanto atuou ao longo de cinco filmes entre 1971 e 1988: um detetive de homicídios de San Francisco que também trabalhava como vigilante para livrar a cidade dos vagabundos e dos seres humanos mais desprezíveis. A arma típica de Dirty Harry era o revólver Magnum 44 de cano longo, em que Slash se inspirara para compor o logo do Guns N’ Roses dois anos antes. E isso não passou despercebido ao filho de Clint Eastwood, Kyle, que morava em Los Angeles e era fã do Guns N’ Roses. Assim, quando o roteiro do último filme da série Dirty Harry precisou de uma banda punk, Kyle Eastwood convenceu o pai a escolher, obviamente, o promissor Guns para o papel. Também fizeram um acordo com a Geffen para usar “Welcome to the Jungle” como tema recorrente no filme.

A banda e os gerentes não viram o roteiro e ficaram sem saber a trama do filme. (Mais tarde, eles se arrependeriam disso.) Tudo o que eles sabiam era que interpretavam a banda de um astro do rock morto, cujo assassinato Dirty Harry estava tentando resolver. O Guns apareceu somente em duas cenas, incluindo o funeral do astro do rock. A cartola de Slash se destaca, vista de longe, mas a banda não teve nenhuma fala. O diretor disse a eles que ficassem ali, parecessem descolados e nunca olhassem para a câmera.

Após dois dias, o Guns participou da turnê de Alice Cooper durante o restante de dezembro. Axl perdeu o primeiro show em Santa Barbara, e a banda quase foi despedida. Mas o restante da turnê correu bem pelo meio-oeste – alguns familiares de Axl foram ao show em Chicago – e, depois, pelo sul da Califórnia. A gerência de Cooper ficou chocada com a quantidade de festas pesadas e proibidas para menores no vestiário do Guns, e rumores sobre eles começaram a voar pelo circuito de rock dos Estados Unidos como morcegos ao pôr do sol. O próprio Alice, um alcoólatra recém-recuperado de um vício em cocaína pura, disse a seu gerente que, antes de a turnê acabar, pensou que um dos membros do Guns acabaria no caixão que Cooper usava como enfeite em seus típicos *rock horror shows*.

Mas, na verdade, o Guns, envergonhado pelo show que não aconteceu, estava no auge do bom comportamento. "Eles se comportaram como completos profissionais", disse um sócio de Cooper. "Nenhum quarto de hotel foi destruído." Essa turnê se encerrou com quatro noites em Pasadena, na Califórnia. Steven Adler perdeu algumas apresentações ao machucar a mão depois de (dizem) socar um poste de luz com raiva de alguma coisa. (O poste de luz se transformou em uma "briga de bar" quando os assessores da Geffen transmitiram o acontecimento em um comunicado à imprensa.) Em alguns shows, Steven Adler foi substituído por Fred Coury (do Cinderella). Com um baterista diferente e enérgico, o Guns N' Roses ficou tão efervescente que muitos fãs foram embora após o show, e Alice Cooper se viu tocando para muitos lugares vazios. (Nessa época, o Guns foi ao estúdio e apoiou Alice cantando seu cavalo de batalha "Under My Wheels", mais tarde usado na trilha sonora do sombrio documentário de rock *The Decline of Western Civilization: The Metal Years* [O declínio da civilização ocidental: os anos do metal].

O Guns encerrou 1987 com um show de Ano-Novo no Glamour, um clube recém-inaugurado e cafona em West Hollywood. Mais tarde, após a meia-noite, Axl e Erin acabaram indo para outro clube, o Central, onde ele cantou "Honky Tonk Women" com a banda da casa ao amanhecer.

Foi um ano decisivo, e até mesmo triunfante, para o Guns N' Roses, porém marcado por mortes e overdoses. A verdadeira festa ainda não tinha começado. Naquele momento, no início de 1988, ninguém podia sequer prever como a banda seria grande.

Exceto por Axl Rose. Mais tarde, ele afirmou que sabia de tudo desde o começo.

"Era a banda certa, no lugar certo e na hora certa", disse Slash mais tarde. "De certa forma, acabamos atingindo os jovens dos Estados Unidos. Eu não tinha nenhuma expectativa de que seria um evento tão global."

Capítulo 8
MONSTROS DO ROCK

Sentimos cheiro de medo.

– *Slash, 1988*

Evento global

Janeiro de 1988. Foi no início do ano que o Guns N' Roses assumiu o que havia restado do movimento do rock. Estimulado pela gerência, cuja filosofia era incitar a banda a fazer um bom dinheiro antes que um (ou mais deles) morresse(m), o Guns trabalhou com tanto afinco naquele ano que isso quase matou os integrantes. Pessoas próximas do Guns afirmam que a banda nunca se recuperou por inteiro dos esforços extremos de automedicação empreendidos em 1988 para estenderem a si mesmos, e a suas energias proteicas, para mais perto de seu público jovem e em constante ebulição.

A ironia era que os jovens apetites do Guns corriam contra os ventos prevalecentes do hard rock do fim dos anos 1980 e da cultura heavy metal. Inspiradas pela recuperação quase milagrosa do Aerosmith depois de décadas de vício, outras bandas começaram a dar atenção a isso. A maioria dos membros do Mötley Crüe foi para a reabilitação em janeiro. A revista *Circus* citou o vocalista do Great White, Jack Russell, como um típico veterano do rock de atitudes novas: "Percebi que poderia sair e usar drogas todos os dias de minha vida, e que eu poderia

morrer. Ou então poderia sair, tocar rock and roll, ficar feliz e fazer outras pessoas felizes”.

Ninguém no Guns pensava assim.

Em 5 de janeiro, o Guns abriu para o Great White, banda também gerenciada por Niven, no Santa Monica Civic Center. Dois dias antes, eles tinham ido ao estúdio com o produtor Mike Clink e gravado (pelo menos) cinco faixas acústicas para um EP que a Geffen queria lançar como um tapa-buraco entre o *Appetite for Destruction*, que agora galgava rapidamente as paradas do rock, e o próximo álbum “oficial” do Guns N’ Roses, que Axl já havia dito que não ficaria pronto em menos de dois anos. (Na verdade, foi mais ou menos três anos.)

Essas sessões acústicas de 1988 deram origem a algumas das músicas mais populares do Guns – e mais polêmicas. A maioria datava da época das sessões de 1986 do *Appetite*, ou até tinham sido escritas meses antes disso. “Patience” era uma baladinha fofa composta por Izzy Stradlin bem antes de várias músicas do *Appetite*. “Used to Love Her”, de Izzy e Slash, era a cançoneta em tom de piada sobre matar uma namorada irritante, que o Guns tinha tocado algumas vezes em público. “You’re Crazy” havia sido escrita (sobretudo por Axl) na primavera de 1986, logo após a banda assinar com a Geffen. A versão de 1988 tentou captar o toque original e orgânico da canção com violões que se transformara em uma faixa violenta de hard rock durante as sessões do *Appetite*.

“One in a Million” era a diatribe de Axl contra traficantes, homossexuais e imigrantes que ele havia escrito – a maior parte como piada – enquanto assistia a uma invectiva do comediante pentecostal de TV Sam Kinison, em 1985. A ideia original da música devia ser em tom de comédia, mas no estúdio Axl mudou o tom de brincadeira para deboche, que enfatizava seus pontos de vista raciais e sociais politicamente incorretos. O fato de usar a palavra tabu *niggers* para se referir aos negros foi um problema imediato para Slash (cuja mãe era negra) e para a Geffen Records; mas Axl bateu o pé, e a música assumiria uma vida própria (negativa) quando o *GN’R Lies* fosse lançado mais adiante

em 1988.

Esta curta sessão de gravação, que durou algumas horas, mais tarde descrita pela banda como coisa de bêbado, também incluiu “Cornshucker”, um rock imoral e sem magia que a banda nunca lançou. Essas faixas seriam editadas esporadicamente nos próximos 11 meses antes de serem lançadas no fim de 1988.

No dia 14 de janeiro, a banda paralela de Duff, Drunk Fux, foi reativada para um show no Coconut Teaszer em Hollywood. O Fux estava mais para um Guns sem Axl, com West Arkeen e o escritor Del James, com quem Duff dividia apartamento em Hollywood. Eles tocaram os punk rocks habituais do Drunk Fux e algum material acústico recente do Guns – “You’re Crazy” e “Used to Love Her” – que faziam as pessoas rirem. Duff fez o vocal principal de algumas pérolas do punk, como “Attitude”, do Misfits. Uma semana depois, o Guns N’ Roses fez um show similar no Cathouse, na Sunset, causando sérios impasses na Strip, já que aqueles que eram jovens demais para entrar – como Axl, cinco anos antes – impediam o trânsito na avenida engarrafada do lado de fora do clube.

Dez dias depois, o Guns fez um show de madrugada no Limelight, uma igreja desativada transformada em clube noturno (e ponto de venda de drogas) no West Side de Manhattan. No dia 2 de fevereiro, a banda se apresentou para uma multidão no lotado Ritz, na 34th Street. Esse show foi filmado pela MTV.

Era uma noite gelada em Nova York. Os ingressos para o show tinham esgotado em minutos, e as calçadas cheias de gelo estavam abarrotadas de pessoas tentando entrar – de alguma forma. Dentro do antigo teatro maçônico, o salão e as varandas estavam lotados. O banner grande com o novo logo do Guns pendia de forma impressionante atrás do rises da bateria. Nos bastidores, Slash estava furioso com algum problema e disse a Doug Goldstein que não iria continuar. Mas Goldstein fez sabe-se lá o quê, e houve uma gritaria quando as luzes se apagaram e alguns acordes de afinação feitos por uma pessoa de cartola explodiram dos alto-falantes.

"Com vocês, a banda mais quente de Los Angeles – GUNS AND ROSES!!"

A multidão avançou para a frente quando o Guns entrou com tudo tocando "It's So Easy". Axl rosnava, batendo nas mãos das pessoas amontoadas contra o palco. Ele havia sido solicitado a minimizar o verso "so fuckin' easy", para que a MTV não tivesse que cobrir com um "bip" repetidas vezes a música de abertura, mas Axl ignorou isso para se conectar com os jovens à sua frente. Axl usava uma jaqueta dourada de pele de cobra e calças de couro justas. Izzy, uma camisa branca no estilo byroniano e casaco preto, com um quepe de couro cobrindo os olhos. Duff detonava com um conjunto preto de couro. Slash usava seu casaco jeans decorado com buttons sobre a roupa de couro. Steven era um esfregão fofo de cachos loiros sob os holofotes, todo sorridente, como sempre. "Obrigado", disse Axl após "Easy" acabar. "Esta noite está sendo filmada para a MTV. Vocês vão me ajudar a arrancar o telhado deste lugar hoje?"

VRRAAAAAAUUUUUUUUU!

Steven começou a trovejar uns Bo Diddleys enquanto Mr. Brownstone erguia sua cabeça feia. Izzy cantava o refrão com Axl, e Saul Hudson se inclinou para trás e arrancou solos de guitarra semelhantes a uma sirene. Terminou a música encostando a cabeça no ombro de Axl, indicando que quaisquer problemas de bastidores tinham sido perdoados.

Neste instante, Axl, de olhos arregalados, inclusive um pouco maníacos, falou com o público: tanto o que estava à sua frente quanto o que os assistiria mais tarde na TV a cabo (se não falassem tanto palavrão).

"Quero dedicar a próxima música... às pessoas que o impedem de crescer. Às pessoas que dizem a você como viver. Que dizem a você como se vestir. Que dizem a você como falar. Que dizem a você o que falar e o que não falar... EU NÃO PRECISO DISSO! NÃO PRECISO DESSAS MERDAS NA MINHA VIDA!"

Recompondo-se, com voz de alma penada e olhar alucinado, Axl cuspiu o restante de seu manifesto artístico:

"Essa gente me coloca pra baixo. Essa gente me faz sentir como se alguém estivesse... *NA MINHA COLA!*[37]"

A banda entrou no ritmo. Axl agarrou uma garrafa de água

no riser da bateria, enxaguou a boca e deu início a uma série de chutes para o alto que gerou um intenso empurra-empurra entre a multidão da frente. Mandou ver na dança da serpente, incendiando ainda mais o público. Duff cantou a parte do "they can't touch me". Conforme a banda desenrolava o show, a atmosfera ia ficando densa com suor humano e uma grossa fumaça de maconha.

Também estava ficando quente, e a banda tirou as jaquetas, revelando camisetas variadas, cuidadosamente escolhidas por serem descoladas. Durante um carrossel doido de um solo de Slash introduzindo "Sweet Child o' Mine", alguém jogou uma camisinha no palco. Axl desenrolou a película com os dentes e soprou, fazendo um balão. Depois, deixou-a voar e se lançou num redemoinho maníaco, saltitando pelo palco, os braços nos quadris, as pernas marchando ao ritmo da música. Ficou de joelhos na parte do "where do we go?" como se estivesse em oração, atraindo a energia da multidão para si como o ex-pregador pentecostal que havia sido no passado. Foi uma performance brilhante, perversamente intensa, e o público aplaudiu por um minuto inteiro.

Introdução de Axl a "My Michelle":

"Esta é para uma namorada minha, que fica muito chateada porque ninguém acredita que é sobre ela. E agora ela está por aí dando autógrafos, *se é que me entendem*... E esta é para as pessoas que... se você tem algo que preenche sua vida, seu espaço, mas lá no fundo sabe que não está certo... *nunca* desista de ter esperanças. Tem algo lá fora, e tudo o que você precisa fazer é segurar as pontas e acreditar... Esta música se chama 'My Michelle'."

A introdução sombria da música evoluiu para outro caldeirão de seres humanos enquanto Axl dançava com o microfone estendido acima da cabeça. Isso fez a temperatura no palco subir para quase 30 graus, e a banda inteira (exceto o friorento Izzy) tirou a camiseta. Estavam todos banhados de suor, e eles se enxugaram enquanto Axl apresentava a próxima música:

"Há uns cinco ou seis anos, peguei carona até aqui [Nova York] e acabei parando no meio do nada... Saímos da autoestrada,

e aí um velhinho negro se aproximou de mim e do meu amigo; estávamos de mochila, com umas dez pratas cada um, e ele disse: [guincha] '*Vocês sabem onde estão?* [a multidão vibra] Vocês estão na *selva*, meus queridos! [vibra mais alto] Vocês vão *MORRER*!'.

"A história é verdadeira", mencionou Axl, enquanto Slash dedilhava um da-da-da/da-da-da na guitarra. "Não é mentira, não. Então... *BEM-VINDO À SELVA, RITZ*!"

O que se seguiu foi um lembrete hipersônico e esfuziante de que as ruas não eram seguras em nenhum local, que a lei da selva o deixará de joelhos, e que o Guns era o novo Godzilla do rock.

"Knockin' on Heaven's Door" foi a seguinte, e seu puro tédio levou a plateia a se afastar até o bar e ir ao banheiro. Após um coro totalmente desleixado (Axl: "Somos a banda mais desmazelada do mundo"), Axl apresentou a banda. Duff foi chamado de Rei da Cerveja. Axl afirmou que conhecia Izzy havia 13 anos. O baterista era Steven "Pipoca" Adler. "E por último, mas definitivamente não menos importante... Em um mundo que ele não criou... mas pelo qual passará como se fosse sua própria criação... meio homem, meio animal... não tenho certeza do que ele é, mas – o que quer que seja – é *bizarro*, é *furioso*, e ele se intitula – *Slash*!"

Altos aplausos. Slash – sem camiseta, acendendo um cigarro – foi até o microfone enquanto Axl desaparecia. "OK... calem a boca. Vou abrir esta música, sem dizer nada ofensivo para podermos aparecer na TV. Esta música *não* é sobre bebidas ou vício em drogas, nem nada do tipo. É sobre uma caminhada no parque – e se chama 'Nightrain'."

Axl voltou com um casaco preto sobre uma camiseta do Thin Lizzy, usando um quepe preto de couro. Dançando com energia renovada que pode ter tido origem nas colinas do interior do Peru, ele chutava para o alto como uma Rockette[38] da Radio City durante o solo de guitarra blueseiro de Slash. Depois, foram direto para a última música do set regular, "Paradise City", e os fãs começaram a tentar subir no palco. Durante o solo de guitarra, houve uma briga bem debaixo do palco, Axl ficou com um olhar alucinado e mergulhou bem no meio. Doug Goldstein e

o roadie "King Kong Ron" foram atrás dele enquanto Slash continuava dedilhando e, finalmente, conseguiram recolocar o vocalista no palco, onde Axl encerrou "Paradise City" com intensidade renovada, o lugar inteiro bradando "Take me home".

O bis foi "Rocket Queen", mas Axl abandonou o palco após o primeiro verso, deixando a banda tocar a primeira metade da música sem ele. Depois, ele voltou, acendeu o cigarro pendurado na boca de Slash e começou sua dança cósmica da serpente, dançando ferozmente ao som dos riffs barulhentos de Slash durante o solo da segunda seção. Mas antes que a música acabasse, Axl ficou furioso com alguma coisa de que não gostou ao lado do palco. Atirou o microfone no alvo de seu aborrecimento e saiu enfurecido na direção contrária. O Guns N' Roses terminou "Rocket Queen" sem ele, depois recebeu aplausos e gritos prolongados.

Sonhos com lítio

Fevereiro de 1988. O Guns começou sua primeira turnê como banda principal no Crest Theater, em Sacramento, no dia 4 de fevereiro, e as coisas corriam bem para o grupo. "Welcome to the Jungle" tocava muito nas rádios, e o *Appetite* subia nas paradas. O T.S.O.L., banda de punk rock *old school* de Los Angeles, abria uma série de shows pela Califórnia e pelo Arizona. (O T.S.O.L. tinha vergonha de seu nome, que supostamente significava "the sound of liberation" [o som da libertação].) Os pós-punks britânicos Zodiac Mindwarp eram "Convidados Especiais" eventuais em alguns shows.

O Guns estava tocando bem, mas as pessoas começaram a se preocupar com Axl Rose, que parecia mais excêntrico que o habitual. Ele e Erin Everly eram um meigo casal quando apareciam em público, como nos bastidores do Celebrity Theater em Anaheim, onde o Guns estava tocando, mas depois tinham brigas horríveis no apartamento de Axl, na esquina da 3rd Street com a Sycamore. (Entre os itens de decoração havia um display enorme de Arnold Schwarzenegger.) E talvez tenha sido

por volta dessa época que Axl soube por um amigo da família que seu pai verdadeiro, William Rose, provavelmente estava morto.

Então Axl perdeu seu primeiro show em Phoenix, Arizona, onde o Guns estava agendado para duas apresentações em 12 e 13 de fevereiro de 1988. Axl não deu as caras. De início pareceu que ele havia sumido. Telefonemas frenéticos não tinham retorno. Erin disse que não sabia onde ele estava. Na esperança de que ele estivesse apenas atrasado, o T.S.O.L. subiu e tocou seus 45 minutos de show, seguidos por uma hora de clássicos do Led Zeppelin, até Axl finalmente telefonar e dizer que não conseguiria ir. (Diz a lenda que ele contou a Doug Goldstein que estava saindo da banda, mas Doug escondeu isso dos outros porque eles estavam muito chateados.)

Os shows em Phoenix foram cancelados e a banda entrou numa espiral descendente. Eles sabiam que uma apresentação não feita era imediatamente reportada à indústria dos shows, e os futuros agendamentos da banda sofreriam as consequências. Conversaram sobre despedir Axl. Naquela noite, Duff enxugou uma garrafa de vodca. Slash ficou completamente enfurecido. Mais tarde, comentou que foi a coisa mais baixa que já fez, "um episodiozinho de merda em Phoenix em que surtei com cocaína, destruí um quarto de hotel e fiquei banhado em sangue, correndo nu pelo hotel e coisas do tipo". Slash estava tão assustador que a equipe não conseguia controlá-lo. O hotel chamou a polícia, que chegou com paramédicos. Quando a equipe do hotel viu o que Slash havia feito no quarto, e aquele sangue todo no banheiro, "algumas pessoas quiseram prestar queixa, mas felizmente menti para sair dessa". (Isso envolveu uma alegação espúria de que Slash havia sido atacado e processaria a rede de hotéis caso fosse preso.) Eles o deixaram ir. King Kong Ron dormiu no corredor, do lado de fora do novo quarto de Slash, para que o gato de cartola não fugisse.

Axl chegou a Phoenix no dia seguinte. Parecia cansado e alterado, e não falava muito sobre onde havia estado. A banda foi informada de que eles haviam perdido a cobiçada vaga de abertura na turnê de David Lee Roth por causa de Phoenix. A

reunião acabou e a banda voltou para Los Angeles, sentindo-se amargurada e arrasada. Essa era uma turnê importante para eles, com a qual a Geffen estava contando, e naquela primavera perderam vários trabalhos. O pessoal da Geffen parou de falar sobre a chance de o Guns abrir shows da turnê de Jimmy Page para seu álbum solo *Outrider*.

Durante três dias tensos, ninguém se falou. Por fim, Axl e Slash conversaram por telefone, em seguida Slash e Izzy se encontraram com Axl e ouviram os motivos por que ele não tinha ido a Phoenix. Axl estava arrependido, mas ainda arrogante. Eles até poderiam despedi-lo, disse-lhes, mas quem diabos colocariam no seu lugar? Então eles se entenderam, mas com sentimentos feridos e raiva mal contida por toda parte.

“Não foi grande coisa”, disse Slash a Mick Wall mais tarde, “exceto que, quando se cancela um show, começa toda essa reviravolta. Todo mundo surta. A imprensa cai matando. Na verdade, não estávamos com medo de que a banda acabasse; só de saco cheio do Axl.”

Uma das várias promessas e compromissos de Axl depois do contratempo em Phoenix foi passar por uma avaliação psiquiátrica. “Ei”, disse ele a seu empresário, rindo, “todo mundo já sabe que sou louco.” Mas a gerência exercia certa influência, e levou Axl para um psiquiatra no Centro Médico da UCLA.

Lá, Axl fez alguns exames, conversou com psiquiatras, contou a eles sua sobre sua infância, as 20 prisões, e recebeu um diagnóstico clínico de transtorno maníaco-depressivo (hoje conhecido como transtorno bipolar), um tipo de doença psiquiátrica que às vezes se manifesta por alterações de humor intensas e convulsivas, da mais efusiva euforia à depressão profunda – e, depois, começa tudo de novo. Prescreveram lítio para Axl, um estabilizador de humor recém-desenvolvido naquela época (e ainda amplamente usado para tratar o chamado transtorno bipolar I).

Axl não teve a menor vergonha disso, fazendo perguntas a amigos sobre lítio, muitas vezes mencionando-o a repórteres no ano seguinte. Acredita-se que Axl tenha começado a tomar o

medicamento em março de 1988. Vez ou outra, não gostava das sensações que a droga lhe causava e, portanto, não tomava sua dose diária de lítio. Consequentemente, as pessoas ao redor nunca sabiam qual versão de Axl apareceria, se é que apareceria.

Um ano depois, em 1989, Axl tentou explicar a situação a Del James. "Fui a uma clínica, achando que isso ajudaria no meu humor. A única coisa que fiz foi preencher o teste de 500 perguntas, completando aqueles pontinhos pretos. De uma hora para outra, recebo o diagnóstico: maníaco-depressivo! '*Vamos botar o Axl pra tomar remédio!*' Só que o remédio não funcionou. Mas ajuda a tirar as pessoas do meu pé, porque elas acreditam que estou 'medicado'."

Axl também falou à *Rolling Stone* a respeito.

"Muitas coisas sobre minhas alterações de humor são, tipo... perco a calma e descarrego as coisas em mim mesmo. Não fisicamente, mas detono a TV, sabendo que preciso pagar por ela, em vez de descer até o salão e detonar a pessoa com quem estou de saco cheio.

"Posso ser mais feliz do que qualquer pessoa que conheço. Fico tão feliz que até choro. E posso ficar o total oposto, bem irritado." Axl afirmou que não achava que o lítio estava fazendo muita coisa por ele. Ele mencionou ter visto *Frances*, um filme recente sobre a atriz de filmes *noir* Frances Farmer, que foi internada por conta de rompantes emocionais. "Sempre me pergunto se, tipo, alguém vai deslizar uma faca sob meu olho e me fazer uma lobotomia. Penso demais nisso."

No último dia de março de 1988, um mês em que a banda não trabalhou, o Guns N' Roses apareceu no *Late Show*, do canal Fox. Em formação acústica, eles tocaram "You're Crazy" e "Used to Love Her". Foi uma apresentação discreta, mas totalmente controlada e brilhante, com Axl lançando olhares maliciosos enquanto contava sobre matar a namorada e enterrá-la no jardim – e ainda assim a ouvia reclamar. Não era politicamente correto. O público do estúdio da Fox adorou.

A banda estava sem dinheiro por não ter trabalhado, mas o *Appetite* já tinha vendido meio milhão de cópias. Disseram ao

grupo que eles ganhariam discos de ouro.

Um dia, Izzy Stradlin, com o cabelo mais curto que o habitual e totalmente pálido, saiu de seu apartamento na Hollywood Boulevard, pagou 85 centavos para entrar no ônibus Sunset Boulevard e desceu na Sunset com a Gardner. “Fui lá para ver nosso antigo estúdio na Sunset ao lado do Guitar Center”, contou Izzy a um repórter. “Um velho amigo nosso agora mora lá. Pagávamos 400 dólares por mês por esse cômodo de 12 metros quadrados sem chuveiro.” Izzy contemplou o lugar com evidente nostalgia. Quando o *Appetite* ganhou o disco de ouro, ele achou que ia conseguir comprar um carro e dar adeus aos ônibus. Só que não. “Foi aí que descobri que era mais que isso. Primeiro temos que pagar todo mundo que nos emprestou dinheiro. Depois, é como receber um pagamento a cada seis meses, ou alguma merda do tipo.”

Ao inspecionar o antigo covil do Guns, Izzy se divertiu ao descobrir que “a tal da Michelle ainda tinha seu nome e número de telefone gravados na parede. Deus, esse lugar era um caos naquela época. Quando você pensa nisso, vê que estamos bem melhor do que nunca.”

Que diferença o dinheiro vai fazer?

Abril de 1988. O show do Guns do dia 2 de fevereiro no clube noturno Ritz é levado ao ar pela MTV em seu programa de metal da madrugada, o *Headbangers Ball*. Foi o episódio de maior audiência do programa até hoje. Então Axl Rose ficou furioso quando ouviu a edição que a Geffen tinha feito de “Sweet Child o’ Mine” para lançá-la como segundo single do *Appetite*. A gravadora acreditava que “Sweet Child” era o “ou vai ou racha” do Guns N’ Roses. O *Appetite* estava começando a vender de verdade, mas “Welcome to the Jungle” fracassara como primeiro single, não conseguira chegar às rádios e o clipe havia sido rejeitado pela MTV. (Quando a MTV finalmente começou a tocar “Jungle” com certa regularidade, sete meses após o lançamento, a rede exigiu mudanças no conteúdo violento do clipe.) Ao que

parece, o diretor britânico Nigel Dick filmou algumas cenas para o clipe de “Sweet Child” no fim de 1987. Outras filmagens também foram feitas no Ballroom no Huntington Park em 11 de abril de 1988. Nigel Dick estava entediado nas filmagens. A banda estava toda arrumada, e Axl dançava sedutoramente de couro e jeans. Dick olhava fixamente para o monitor, pensando que o clipe ficaria péssimo e que o visual da banda estava muito comum. Mas algumas garotas da Geffen estavam espiando por cima do ombro dele. Quando a câmera fez um close em Axl, uma delas suspirou, “Isso é legal pra caralho”. Foi um ajuste instantâneo de atitude para Dick, porque as garotas obviamente gostavam do fato de Axl ser muito, muito sexy.

O lançamento de “Sweet Child o’ Mine” como single agora tinha que se encaixar cem por cento nas rádios, portanto Tom Zutaut editou a faixa do álbum de seis minutos para quase quatro. Quando a tocaram para Axl, ele espumou de raiva porque ninguém o havia consultado. Ele ficou ainda mais irado quando o acusaram de estar em uma daquelas alterações de humor. Conversa mole, disse ele mais tarde à *Rolling Stone*. “Quando algo é editado e você não sabia, e a música é muito importante para você, você *perde a cabeça*. E aí falam, tipo, ‘Axl está com o humor alterado’. Bem, ‘humor alterado’ o cacete. Esse single é meu, e a edição ficou uma merda.”

O pessoal do marketing e seu empresário tentaram acalmá-lo. “Eles disseram: ‘Ora, Axl, seus vocais não sofreram nenhum corte’. Mas minha parte favorita da música é o solo lento de Slash; é a parte mais pesada pra mim.” Ele criticou para os executivos a ganância das rádios imbecis e corruptas. Músicas mais curtas significavam mais tempo para propaganda. Desabafou sobre a versão para rádio de “Layla”, de Eric Clapton (“não que nossas músicas sejam comparáveis”, anuiu ele), que ficou sem a parte final do piano, apoteótica. Mais tarde, ele disse a um repórter, “Quando se recebe a versão mutilada de ‘Paradise City’ ou de metade de ‘Sweet Child’, estão fodendo com você”.

W. Axl Rose estava começando a atingir o estrelato. “Com toda essa pressão”, explicou ele, quando algo assim acontece,

"parece que vou explodir. Então, enquanto outras pessoas dizem 'Ah, bem, foderam com a gente', Axl diz '*Filho da mãe!*' e quebra tudo ao redor. É como eu libero frustrações. É por isso que chuto e soco tudo no palco."

O *Appetite for Destruction* entrou no Top 10 da *Billboard* no fim de abril de 1988. Em maio, o Guns foi escolhido para abrir a turnê norte-americana do Iron Maiden. As duas bandas não se bicavam.

Assim como o Judas Priest, o Iron Maiden era um exemplo da chamada nova onda do heavy metal britânico: bandas do fim dos anos 1970 que, usando couro e tachinhas, aproveitaram a brecha do Led Zeppelin, vendendo temas de terror e monstros a plateias lotadas sobretudo de homens jovens. (O Def Leppard, na época a maior banda dos Estados Unidos, mesmo com um baterista de um só braço, fazia parte do lado mais jovem desse movimento.) Mas o Maiden não estava vendendo tantos ingressos assim e precisava do iminente Guns para preencher alguns dos lugares vagos para os quais haviam tocado no início da turnê.

O Guns entrou na turnê do Iron Maiden em Iowa no final de abril e ficou no meio-oeste até a banda principal fazer uma pausa no início de maio. O Guns aproveitou a oportunidade para lotar casas de show em Boston, Filadélfia e Nova York. Axl chegou atrasado para o show esgotado no Felt Forum, o teatro sob o Madison Square Garden, e o pessoal estava surtando porque cada minuto depois das 11 da noite custava à banda principal milhares de dólares em horas extras de funcionários e multas.

"Eu me atrasei porque apaguei depois de beber Night Train e fazer uma entrevista na MTV", contou ele à revista *RIP*. Quando Doug Goldstein o colocou de pé, "tomei banho, fiz meus exercícios de vocalização, me vesti em 15 minutos e fui ao show". O Guns teve 8 mil dólares de horas extras só porque as barricadas em frente ao palco estavam mal posicionadas e não foram ajustadas quando ele chegou. "As pessoas se perguntam por que as bandas não tocam por mais tempo... há noites em que queremos tocar a noite toda, mas simplesmente não podemos pagar."

Depois, a turnê do Iron Maiden seguiu em direção ao norte, até as províncias marítimas do Canadá, e a oeste, para Calgary e Vancouver. O Guns tocava para a mesma galera que viera ver o Cult um ano atrás, mas agora esses jovens pareciam mais empolgados para vê-los. Eles tocaram um novo rap-rock por duas semanas naquela turnê, anunciado como parte de um próximo álbum, mas depois que a turnê acabou não se ouviu falar mais nele.

"Sweet Child o' Mine" foi lançada como single no fim de maio e foi direto para as rádios. Os programadores de rádio de 1988 gostaram dela pelo mesmo motivo que fez seus colegas mais velhos gostarem dos Rolling Stones de 1964: eram roqueiros do mal cantando uma música terna. "Sweet Child" entrou no Top 40 muito depressa, e na Geffen a esperança era de que a banda tivesse obtido o primeiro single de sucesso.

Na época em que a turnê voltou para os Estados Unidos, o Maiden e o Guns tinham parado de se cumprimentar. Com o Guns na conta, os shows na Califórnia e no noroeste do Pacífico tinham se esgotado. Tantos jovens deixaram a arena depois da apresentação do Guns que os promotores locais começaram a falar à banda (de acordo com Slash): "Vocês não deveriam abrir para o Maiden, porque poderiam ser a banda principal aqui". O Iron Maiden simplesmente surtou. O show de abertura foi maior que o principal, um cenário de pesadelo para qualquer banda importante.

O Guns estava tocando bem, mas Axl estava perdendo a voz e eles não podiam esperar a turnê acabar. Depois do show no Seattle Center Coliseum, dizem que Duff e Slash foram presos após uma briga de bar. As coisas estavam tão ao deus-dará que, em seguida, Duff saiu da turnê por alguns dias para se casar com Mandy Brix, a vocalista loira da banda de girl metal de Los Angeles Lame Flames. (O período de namoro tinha sido bem curto.) O baixista do Cult, conhecido profissionalmente como Haggis, substituiu Duff durante o restante da turnê.

Axl perdeu totalmente a voz durante um show em Mountain View, na Califórnia. Slash teve que tocar solos de guitarra para preencher os espaços em que Axl não conseguia cantar. No dia seguinte, Axl foi ao médico, e a banda foi para Sacramento e

montou o equipamento. Eles fizeram a checagem do som e esperaram Axl. Uma hora antes de tocarem, Doug Goldstein recebeu a ligação: Axl não viria, e os médicos disseram a ele que não terminasse a turnê.

Os portões já estavam abertos, e havia centenas de jovens na frente do palco. Quando os roadies subiram e começaram a tirar o imenso banner do Guns, o público começou a surtar. Slash: "Tive que enfrentar acho que uns 22 mil jovens – e falar: 'Axl está sem voz no momento, então, é, não vamos tocar esta noite'. Eles ficaram loucos, simples assim".

Axl Rose apareceu dez minutos depois, muito desanimado, e eles dirigiram a noite toda, direto para Los Angeles.

Nos dias 8 e 9 de junho, o Guns e o Maiden deveriam fazer dois shows com ingressos esgotados no Irvine Meadows, um lugar com capacidade para 17 mil pessoas próximo a Los Angeles. Mas Axl saiu da turnê, supostamente – essa foi a informação que o Maiden recebeu – após ter sido diagnosticado com pólipos nas cordas vocais. (Isso acontecia com muita frequência com pessoas que ganhavam a vida no grito.) No dia 8 de junho, foi o L.A. Guns quem abriu o show. No final, Slash e Izzy se juntaram a eles para uma jam. Na noite seguinte, para tentar acalmar os fãs decepcionados, o Guns N' Roses – sem Axl Rose – entrou no palco depois que o L.A. Guns terminou, e mandou ver um "It's So Easy" infernal com Duff no vocal principal. "Nunca tive tanto medo na vida, porra", disse ele mais tarde. Depois, o Guns N' Roses deixou a turnê do Iron Maiden.

Alguns dias depois, em seu quarto no Continental Hyatt House na Sunset, onde estava registrado como "Sr. Desordeiro", Slash disse a Mick Wall: "Na tarde em que descobrimos que sairíamos da turnê do Iron Maiden, peguei todas as garrafas de Jack que consegui encontrar [...] e levei tudo para o hotel. Isso foi há cinco dias, e tenho vivido disso desde então".

Questionado sobre o sucesso crescente da banda, Slash ficou irritado. "Vocês só sabem falar de dinheiro" – revirou os olhos – "e é aí que me perco. Quero dizer, olhe para mim [jeans surrados, camiseta do Led Zeppelin usada, botas velhas]. É o que tem pra

hoje. É tudo o que sempre terá. Não gosto da ideia de entrar em uma porra de um vestiário e trocar de roupa várias vezes só para subir no palco e tocar. Me dê um teto acima da cabeça e alguma coisa para beber, e tenho tudo de que preciso. *Que diferença o dinheiro vai fazer?*"

Sentimos o cheiro do medo

Na mesma época, em junho de 1988, o Poison deu uma festa no London, um clube mal frequentado em West Hollywood. Slash foi com seu guarda-costas e Mick Wall, que estava cobrindo o Guns para a *Kerrang!*. "Vamos, cara", provocou Slash. "Vamos começar uma briga. Eu cuido de você."

Com o aumento repentino de entrevistas feitas à imprensa por Slash, o verdadeiro porta-voz do Guns N' Roses, vieram ataques incessantes ao Poison, o alvo principal de todas as piadas do Guns – a banda com quem eles não queriam ser comparados. Em Los Angeles, todo mundo odiava o Poison, mas só Slash tinha a plataforma pública para tornar concreto esse ódio.

Na festa, ao lado de uma garrafa de Jack Daniel's, Slash explicou esse fato. O Guns e o Poison costumavam tocar juntos nos mesmos clubes pequenos de Los Angeles em 1985, quando todas as bandas iniciantes meio que se ajudavam. Mas o Poison tinha uma atitude diferente, sobretudo quando abria o show.

"Toda vez que esses babacas subiam primeiro", disse Slash (entre goles generosos de Jack), "Bret Michaels encerrava a apresentação anunciando que a banda daria uma festona e todo mundo estava convidado. E não era preciso pedir duas vezes, às pessoas que frequentavam os lugares em que tocávamos na época, que fossem à festa de alguma banda, e em poucos minutos toda a porra do clube ficava vazia. [O Poison] sempre fazia truquezinhos sorrateiros e de merda como esses. Isso é uma bosta, cara... acho que eles devem ser inseguros em relação ao próprio talento."

Mais tarde, Slash conheceu CC Deville, mas não conseguia

entender seu forte sotaque do Brooklyn. “Eu não entendia o que ele falava, e isso me irritou. No dia seguinte, cometi o erro de mencionar isso em uma entrevista para uma revista. Transformaram uma única frase sobre CC Deville em um artigo inteiro.”

Slash também afirmou, talvez em tom de piada, que ameaçou atirar em CC Deville quando o guitarrista do Poison começou a usar cartola no palco. Agora, a imprensa do rock estava comentando que as duas bandas recebiam eventuais ameaças de morte de fãs da outra banda.

Mick Wall tinha notado a tensão que tomou conta da festa quando Slash entrou. Slash estava ciente disso? “Ah, sim. Bom. [Eles estão pensando:] ‘Ah, meu Deus. Slash está aqui, ou Axl, e eles vão acabar com o lugar’. O único momento em que isso acontece é com esses babacas de merda por aí que tentam foder com você [...] É o mesmo que ser comido por um lobo. Sentimos o cheiro do medo.”

Slash aproveitou a festa, que não teve violência nem mesmo outro contato social além dos breves olás entre o guitarrista e Bret. Slash ficou dançando com sua garrafa de Jack. Quando caiu contra a parede, segurou-a nos braços como se ela fosse um bebê.

Pouco tempo depois, o Poison foi a um show do Mötley Crüe no Forum. O after party também contou com a presença da assessora de imprensa do Guns, Bryn Bridenthal (que logo trabalharia para David Geffen em período integral). Após tomarem todas, Bret Michaels e Bobby Dall se lembraram de alguns insultos públicos e humilhações mordazes dirigidas a eles pelo Guns N’ Roses. (Axl: “Não nos associamos ao glam porque é com isso que o Poison se associa. Já disse pessoalmente para esses caras [que] podem me trancar num quarto com todos eles e serei o único a sair de lá andando”.)

Então os dois cavalheiros do Poison, com sua masculinidade de gloss labial devidamente ameaçada e relutantes em ficarem trancados num quarto com W. Axl Rose, mas ainda decididos a se vingarem, descarregaram sua fúria contra o Guns atacando a assessora deles. Cambalearam até Bryn Bridenthal na festa e começaram a insultá-la, chegando a ameaçá-la se ela não conseguisse fazer o Guns parar de criticar sua banda. Em

seguida, para enfatizar que estavam falando sério, jogaram bebidas no rosto dela. Foi a gota d'água. Ninguém conseguia acreditar em como isso foi baixo. Alguém chamou a polícia. Os policiais perguntaram se Bryn queria prestar queixa, e ela disse que sim. Michaels e Dall foram presos e acusados de agressão e lesão corporal. Mais tarde, Bryn Bridenthal também entrou com uma ação civil contra eles. O juiz mandou que eles pedissem desculpas, e seu advogado enviou a ela uma carta formal.

Quando não estava na farra, Slash ficava em um hotel na Sunset e evitava encrencas. Ele terminou com uma namorada com quem vinha tendo problemas. Passou muito tempo em várias clínicas de detecção de doenças venéreas. Ficava preocupado (não muito) em contrair aids. "Eu estava saindo com uma mina do pornô", lembrou ele, "e também com uma namoradinha menor de idade viciada." Tentou cortar a heroína. Leu as duas obras principais do escritor francês Louis-Ferdinand Céline, *Viagem ao fim da noite* e *Morte a crédito*. ("Ele tem uma das visões mais amargas e mais negativas que já li na vida.") Vez ou outra, ele saía com uma das strippers de seu harém, ou: "Fico muito bêbado, então vou para o hotel e pego a primeira garota que vejo". De manhã, tinha uma crise de ansiedade sobre contrair aids. "Slash", dizia a si mesmo, "você precisa tomar cuidado, está brincando com a morte." Ele disse a Mick Wall: "O que posso fazer? Se a bebida não me pegar, a aids vai. É como a porra de um fantasma enviado para nos assombrar. Tenho esse medo subjacente, o tempo todo. Se qualquer coisa – *qualquer coisa* – dá errado comigo, penso, *Ah, merda. É isso*!". Em determinado momento, Slash descobriu que uma atriz com quem ele andava transando havia feito cenas de sexo com John Holmes, um ator pornô que recentemente morrera de aids. Pânico total. "Todo mundo devia saber que, tão logo David Lee Roth, Gene Simmons ou eu pegasse esse negócio, todos pegariam. Seria, tipo, 1989, 1990 – o ano em que todos os astros do rock morreram!"

Questionado sobre o futuro imediato, Slash respondeu que a banda gravaria o novo álbum no outono de 1988, mas depois admitiu que sempre havia a chance de a banda não existir mais,

que o colapso total estava na próxima esquina. "Pode parecer uma coisa negativa, mas prefiro ser o melhor possível, no tempo que conseguirmos, e dar o máximo. Depois – colapsar, morrer, não importa. Prefiro fazer isso do que cinco, seis ou dez álbuns e aí acabar como a porcaria do KISS."

Na maior parte do tempo, ele sentava e esperava. "Sou 125 por cento voltado para a banda. Tudo o que faço é movido a isso. Quando temos folga, não consigo me concentrar em mais nada. Eu colecionava cobras, mas agora não tenho tempo para cuidar delas. Então saio e bebo o tempo todo, e espero pelo próximo show."

No início de 1988, Tim Collins tinha um problema. Como empresário do Aerosmith, ele precisava de um show de abertura marcante para a grande turnê de verão da banda. O Aerosmith viajaria divulgando o importante álbum de retorno, *Permanent Vacation*, lotado de singles de sucesso, e também gigante nas ruas pela épica aparição da banda no clipe em que o rap encontrou o rock: o cover de "Walk This Way", de Run-DMC. Tim estava sendo pressionado pela Geffen para colocar o Guns na turnê, mas estava preocupado.

"Todo mundo queria o Guns na turnê. Seu representante de marketing, Tom Zutaut; o nosso, John Kalodner; e até o próprio David Geffen. Em geral, Geffen era bem despreocupado com as bandas mais jovens de sua gravadora, mas ele se envolveu com o Guns quando a MTV demorou para tocar 'Sweet Child o' Mine'. O pessoal de David – Kalodner, Eddie Rosenblatt [presidente da Geffen Records] – insistiu que David interferisse. Fiquei sabendo que ele contatou pessoalmente o chefe da MTV e o presidente da Viacom para reclamar, e, é claro, eles começaram a tocar 'Sweet Child o' Mine' em horário nobre, e veja o que aconteceu.

"De qualquer modo, havia muita pressão para colocar o Guns na turnê. Eu não sabia o que fazer. Fazia somente um ano que o Aerosmith estava totalmente sóbrio, e os integrantes do Guns eram usuários de drogas assumidos. Nossos caras haviam comprado drogas deles no passado. A última turnê do Aerosmith tinha sido um fracasso, e não podíamos deixar isso acontecer de

novo. Eu também me preocupava com a possibilidade de Axl Rose acabar com Steven Tyler. Steven estava cansado com o estresse da reabilitação. Ele parecia gordo, inchado. E Axl estava no auge dessa intensidade furiosa, que era própria dele. No fim, decidi assumir o risco, mas só quando Joe Perry afirmou que queria fazer isso. Joe queria o público do Guns, e Geffen queria o nosso para o Guns.

"O engraçado era que Alan Niven estava dificultando as coisas, e seu agente [de reservas] também não queria fazer isso. Niven ficava dizendo que o Guns não precisava do Aerosmith, e que eles seriam a maior banda do mundo. (Ele estava certo!)"

Mas Geffen continuava insistindo que Niven e Collins fizessem uma reunião e fechassem um acordo.

"Então fui me encontrar com Alan – em seu clube de tiro em Orange County. Mas, ei, aprendo rápido, e ele me ensinou a atirar, e meio que criamos um vínculo por conta disso. O preço dele [5 a 7 mil dólares por show] era alto por uma banda ainda considerada desconhecida, mas acabamos fechando o acordo para o Guns fazer turnê com o Aerosmith durante os três meses daquele verão."

O Guns ficou feliz com isso. "Eles eram como nossos heróis de adolescência", admitiu Slash. Mas o que Tim Collins não sabia era que Axl havia perdido a voz. Ele mal conseguia falar, que dirá cantar. As pessoas estavam preocupadas. Quando ele tentou cantar para seu otorrino, apenas subsons roucos saíram de sua boca. A garganta de Axl estava fechada de pólipos e tecido inchado. Se precisasse de cirurgia para remover os pólipos, teriam de esperar dez dias para o inchaço sumir e, depois, mais duas semanas para cicatrizar. Falava-se sobre ir ao Japão no fim de junho para promover um (maneiro) álbum de compilação japonês do Guns N' Roses, que tinha sido lançado em abril e estava vendendo bem. A viagem foi adiada para o fim de 1988. (O álbum japonês misturava faixas do UZI Suicide, do *Appetite* e edições ao vivo do Marquee em 1987.)

"Temos duas semanas de ansiedade pela frente", disse Slash a um repórter, "se a operação correr bem e Axl ficar fora de

perigo. Basicamente, temos três meses de turnê com o Aerosmith pela frente, e não queremos que nada ferre com isso. De todas as turnês que fizemos no ano passado – além do lance do Monsters of Rock na Inglaterra que estamos fazendo neste verão –, *essa* é a turnê que realmente significa algo para nós. Para nós e para o Aerosmith!"

Quando perguntaram a Slash se o Guns tinha algumas músicas novas legais, ele mencionou "You Could Be Mine" e "Patience". E disse que sentia que as coisas haviam mudado de verdade, para si mesmo e para a banda.

"Um ano atrás, as pessoas nos tratavam como lixo porque tínhamos a pior reputação da cidade. Agora, elas agem como se fôssemos heróis épicos *porque* temos a pior reputação da cidade. (Era verdade. Ninguém superava o Guns em termos de fama de bad boys desde 1985.) "Isso me faz sentir estranho", murmurou Slash, gostando da mudança nada sutil do Guns (que apenas os cinco membros da banda perceberam) de autênticos rebeldes das ruas para personagens de desenho animado na MTV. "Isso me deixou uns 50 por cento mais cínico do que no ano passado."

Um homem mudado

Julho de 1988. Quase todas as diferentes personas vocais de Axl Rose – pregador insano, vocalista crooner, bebê gritalhão – voltaram, e diz a lenda que sem cirurgia. Correu um boato de que Axl tinha ido à reabilitação para tratar o vício em cocaína, mas, ao que parece, isso não era verdade. Outro boato era de que Axl estava morto – mentira. Porém, no que dizia respeito à banda, W. Axl Rose entrou no verão de 1988 como um homem mudado. Os otorrinos lhe haviam dito que ele deveria moderar seu apetite por destruição se quisesse manter a voz. A maior mudança foi que Axl começou a se afastar dos outros e não viajou mais com a banda.

Depois de dois shows-demo em Phoenix, o Guns N' Roses se juntou à turnê do Aerosmith já em andamento no Poplar Creek Music Theater em Illinois, no dia 17 de julho. Axl tinha seu

próprio ônibus. A banda tinha o dela. Isso fez com que as pessoas erguessem as sobrancelhas, já que geralmente significava que os membros da banda se odiavam. Na verdade, isso foi ideia de Izzy, para que as alterações gigantescas de humor de Axl pudessem simplesmente explodir sem gerar vítimas.

Mais tarde, Axl explicou a Del James que isso foi um jeito de cuidar dos negócios. "Após os shows, não dou conta de sair e farrear como os outros caras. Houve várias vezes em que tive de sair do ônibus por conta de... '*nervos*', entende o que digo?" Deixando subentendido que o uso pesado de drogas estava no passado, Axl prosseguiu: "É impossível ficar lá [no ônibus da banda] completamente sóbrio, ouvindo alguém totalmente zoado falando alguma merda estúpida". Axl também apontou que agora os membros da banda estavam um pouco mais velhos e precisavam do próprio espaço. "Todos nós costumávamos viver juntos, mas agora já deu de ficar amontoado. Não porque não nos gostamos, só temos estilos de vida diferentes."

Diferentes em que sentido?

"Bem, não parei de usar drogas, mas não me permito que isso vire hábito. Não me permito. Se eu fico três dias usando pó, minha mente diz '*Não, porra*'. E me recusarei a usar pó nesse dia, porque... sei que, se eu usar, não vou conseguir cumprir meus objetivos com a banda."

Axl se habituou depressa à nova separação. Enquanto o restante da banda farreava em bares, Axl ficava no quarto de hotel. Naquela turnê, muitas vezes ele chegava meia hora antes do show e se preparava para se apresentar ouvindo "The Needle Lies", do Queensryche, ou alguma coisa do Metallica.

O Aerosmith estava pronto para o Guns N' Roses entrar na turnê, mas não sem medo. Primeiro, o *Appetite for Destruction* estava bombando no Top 10, bem além do álbum que os Bad Boys de Boston promoviam, e os executivos da Geffen previam que o Guns teria o álbum número um do país antes do fim de julho – enquanto ainda abriam shows para o Aerosmith. Tim Collins sabia que, sob essas circunstâncias, qualquer empresário competente de bandas tentaria renegociar o contrato do Guns, e

isso poderia mudar significativamente o fim financeiro do Aerosmith em uma turnê longa e exaustiva.

Tim Collins também não queria que o Aerosmith, recém-convalescente, fosse contaminado pelos viciados e alcoólatras do Guns. "Estávamos todos preocupados", recorda Collins, "e ficamos supercontroladores, porque tínhamos que fazer aquilo dar certo. Tivemos um monte de reuniões malucas com nossos consultores de sobriedade e o pessoal da segurança e decidimos que tínhamos de manter as duas bandas afastadas. Elaboramos esse 'plano de contenção', que dividia a área dos bastidores entre as bandas. O Guns podia usar drogas e beber na área deles, nas quais mantínhamos guarda para que as coisas não vazassem. Cronometramos para que o Aerosmith chegasse ao local enquanto o Guns estivesse no palco. Dissemos ao Guns que eles tinham de sair assim que a apresentação acabasse. As áreas dos bastidores foram divididas por paredes de lona, e o pessoal da nossa segurança [liderado por um policial do estado do Arizona] garantiu que não haveria interação entre as bandas. Fizemos isso só nas primeiras semanas, até vermos em que condições o Guns se encontrava."

Nada boas, na verdade. "Eles estavam totalmente chapados, o tempo todo. Você os olhava nos olhos – Axl não, mas os outros, sim – e eles basicamente pareciam mortos." Ninguém nunca via os olhos de Slash, ou mesmo seu rosto. "Víamos os caras do Guns vagando pelos saguões do hotel, com cara de... não só de ciganos, mas de vagabundos esfarrapados, *viciados*. A bagagem deles dava vergonha – sacolas de compras, mochilas, caixas fechadas com fita adesiva. Na verdade era meio deprimente, então decidimos deixar as coisas [nos bastidores] como estavam, e depois ver o que acontecia enquanto estávamos na estrada com eles."

O Guns entrou em ação antes mesmo de a turnê começar. Eles tentaram fazer check-in no hotel de uma rede nos arredores de Chicago, mas a recepção acusou um problema. As pessoas levantaram a voz. Chamaram a segurança. Um problema foi evitado – por um triz. Mais tarde naquela noite, Axl estava no bar do hotel com alguns amigos que tinham vindo de Indiana para ver a banda de Bill Bailey abrir para o Aerosmith. Um executivo bêbado, parte de um grupo com sérios problemas de

babaquice, fez um comentário sobre uma garota que acompanhava um dos amigos de Axl. Depois, em voz alta, disse a Axl Rose que não aceitaria nenhuma merda de "alguém parecido com o Bon Jovi".

Vrau! Axl o acertou na cara. A polícia chegou e prendeu Axl e Steven Adler por agressão. Mais tarde, na mesma noite, Slash, chapado, apagou no mesmo bar do hotel, onde foi descoberto embaixo de uma mesa por Doug Goldstein, que fez Ron Stalnaker colocar Slash no ombro e carregá-lo até o quarto. No meio do caminho, Slash mijou em seu fiel cuidador. Depois de colocar Slash na cama, apoiado na lateral por travesseiros para não sufocar com o próprio vômito como Jimi Hendrix ou John Bonham, Ron dormiu do lado de fora do quarto de Slash para evitar que ele fugisse.

Tim Collins: "Quando o Guns N' Roses se juntou a nós, já tínhamos saído [em turnê] com outras bandas – White Lion, Dokken. Quando o Guns chegou, notamos imediatamente a diferença. Eles tinham um single de sucesso [com 'Sweet Child']. Apareciam muito mais na MTV do que nós. De repente, Steven Tyler quis conhecê-los. Mas tínhamos essa estratégia de segregação em pauta. Menti a Steven: 'Ah, o Guns? Lamento – eles já saíram do hall. Você os verá em Cleveland'.

"No entanto, eles eram incríveis! O Guns N' Roses tinha a mesma intensidade que o Aerosmith em 1975, uma verdadeira banda de rock and roll – das grandes." Joe Perry foi a alguns shows mais cedo, para poder assistir ao Guns. Ele queria ver depois de quais pessoas o Aerosmith entraria. Tim Collins: "Eu ficava ao lado do palco, com Joe Perry e Brad Whitford, e víamos Slash e Izzy trocando olhares de semidescrença de que estavam sendo observados, e talvez julgados, por seus velhos heróis.

"Acredite em mim, isso fez as duas bandas tocarem *muito* melhor."

Os queridinhos dos Estados Unidos

Em 23 de julho de 1988, após o quarto show do Guns N' Roses na turnê do Aerosmith, no Show Me Center em Cape Girardeau, Missouri, o Guns soube que seu álbum de estreia, *Appetite for Destruction*, estava em primeiro lugar no Top 200 da revista *Billboard*, começando naquela semana.

Tim Collins: "Aquilo nos impactou completamente, embora soubéssemos que aconteceria. Foi quase épico. De repente, nosso show de abertura era maior que nós. Isso nunca tinha nos acontecido antes. Ficamos como que boquiabertos. Até Steven Tyler, que já tinha visto de tudo, ficou impressionado".

Os integrantes do Guns também ficaram impressionados, além de um pouco surpresos. "Sempre imaginei que seríamos apenas uma banda cult", admitiu Slash.

Izzy Stradlin ficou chateado porque era um artista, um purista, um depravado, e definitivamente não era uma coisa legal e punk fazer tanto sucesso. Isso não era necessariamente o que Izzy queria.

Axl telefonou para a mãe em Lafayette e contou a novidade a ela.

Steven Adler ficou fora de si, orgulhoso e alegre.

Duff ficou atônito, mas não surpreso, porque "Sweet Child o' Mine" tocava em todos os rádios de carros, em todas as cidades que eles invadiam. Até a legião de sobrinhos de 13 anos de Duff em Seattle tinha começado a ouvir a banda, ao lado do Metallica e do Def Leppard, seus heróis.

Duff, para a *Circus*: "A música ['Sweet Child'] foi composta – tipo, três acordes – em cinco minutos. Os vocais eram ternos e sinceros. Era para o lick de guitarra ser uma brincadeira. Pensamos: 'Que raios de música é esta? Não é nada. É para encher linguiça no álbum'. Nunca pensamos em torná-la um single".

Os integrantes do Guns ficaram realmente chocados com o que aconteceu quando "Sweet Child" foi lançada e começou a ir ao ar na MTV em maio e junho. "Não tínhamos *a menor ideia* do que ela faria pelo álbum", contou Duff. "Você devia ter visto a diferença [da reação da multidão] antes e depois que o single saiu. Antes, só as pessoas na frente do palco sabiam quem

éramos. Elas tinham ido nos ver porque eram nossas fãs, umas duas dúzias delas. Depois, quando [tocávamos 'Sweet Child'], todo mundo estava de pé com os isqueiros acesos. Foi incrível, da noite pro dia. Aconteceu depressa assim."

Como Izzy, Duff achava que ter um disco de enorme sucesso era hipócrita, na visão clássica do punk. Ele quase pediu desculpas. "Somos uma banda de rock and roll. *Nunca* escrevemos uma música para fins comerciais. *Desprezamos* isso, porra. Mas... aconteceu, simples assim. Certamente aconteceu."

E o enorme sucesso e ascensão do Guns N' Roses em 1988 foi um acontecimento e tanto – se você adorasse rock; se adorasse hard rock; se adorasse metal; se adorasse punk; se adorasse a antiga perversidade tradicional norte-americana; se achasse que todas as músicas grudentas de merda e voltadas para adolescentes nas rádios e na MTV dos anos 1980 – a maioria delas "produzida" por dois britânicos picaretas da desacreditada era do rock progressivo, Phil Collins (ex-Genesis) e Jeff Lynne (ex-Electric Light Orchestra) – "eram o que havia de pior" (conforme disse Izzy Stradlin na *Rolling Stone* naquele mês).

Slash estava acima de tudo isso. Ele disse à *Circus*, aos sussurros: "Em comparação com qualquer coisa oitentista, nós *realmente* nos destacamos. Não há muitas bandas de rock tão fortes como a nossa, em busca de total aceitação comercial". Slash, ao contrário de Izzy ou Duff, não estava em conflito com a abrangência mundial. "Há um elemento em nossa música que pode alcançar um público totalmente diferente e muito mais amplo."

(Slash disse isso três meses depois, em outubro de 1988, depois de o *Appetite* ter vendido 5 milhões de cópias em três meses.)

O *Appetite for Destruction*, dizem alguns sábios, salvou o rock: isso porque o formato clássico (Stones/Yardbirds/Zeppelin) havia praticamente desaparecido no final dos anos 1980, época em que a apropriação de Paul Simon da música coral sul-africana foi um acontecimento importante e junções maçantes de antigos astros como os Traveling Wilburys (George Harrison,

Bob Dylan, Roy Orbison, Tom Petty e, inevitavelmente, Jeff Lynne) tocavam a rodo na mídia porque não havia mais nada acontecendo.

Para os fãs, o Guns N' Roses era antioitentista. Para os mais jovens, nascidos nos anos 1970, a banda era uma síntese mágica e viva das maiores lendas do rock: os Stones, os Yardbirds e o Zeppelin; Aerosmith, AC/DC, Sex Pistols; todas as bandas que jamais tocariam na sua cidade. O Guns lembrava seu público jovem do poder bruto, da emotividade intensa e das amplas paisagens psíquicas a serem descobertas em uma ótima banda de rock em fúria total. Alguns historiadores do rock ainda se perguntam o que teria acontecido se o Guns tivesse falhado ou se destruído antes. Algumas pessoas acreditam que o rock teria fracassado e, talvez, acabado.

Enquanto isso, o Aerosmith – merecidamente – não estava exatamente sendo ignorado no palco. O clássico ataque de duas guitarras agora conquistava duas gerações, e músicas novas como "Dude (Looks Like a Lady)" e a balada "Angel" angariaram novos fãs irados. O chefe do Aerosmith, Joe Perry, verificava com cuidado seu show de abertura e notou que o Guns tinha algumas noites irregulares: "Eles tinham muita atitude, mas achei que lidaram realmente bem com o estrelato. Era possível dizer quando eles tinham uma noite ruim, mas sempre chegavam a tempo e sempre davam seu melhor".

"Axl realmente sabia como lidar com o público. Reparei que sua equipe colocava borracha esponjosa em tudo o que ele poderia tocar – teleprompters, o suporte de microfone – para garantir que ele não quebrasse nada nem se machucasse. Percebemos que [Axl] basicamente era tirado da jaula e jogado no palco. A fúria da situação era nua e crua. A adrenalina era: o que ele vai fazer em seguida?

"Depois que os vimos, passamos a respeitá-los. Eles tinham aquela solidariedade, como uma gangue que tocava música junta, exatamente o que se quer de uma banda. Eles nos mostraram como o rock poderia progredir. As pessoas diziam que não era possível ficar melhor que os Stones ou o Zeppelin; e [o Guns]

apareceu e inspirou o pessoal. Você acha que já está tudo escrito, mas não é por aí. Sempre há outra maneira de girar os três acordes."

No fim de julho, Tim Collins decidiu abrir mão de parte do controle nos bastidores, porque o protocolo do rock agora precisava disso. "O Guns N' Roses, temporariamente, ficou maior que a minha banda", recorda Tim. "Eles simplesmente *explodiram*. Foi um período realmente intenso para todo mundo. Então, pouco depois, deixamos [o Guns] vir e dizer olá [ao Aerosmith] – se o Guns não estivesse detonado ou fodido. Mas eles respeitaram o que estávamos tentando fazer, então foi tudo muito discreto. Bebiam e fumavam no lado deles e, quando chegavam, deixavam as coisas na própria área.

"Axl parecia sóbrio, mas não era isso que ele afirmava. Ele era o que vinha mais vezes, e Steven [Tyler] fez amizade com ele, por assim dizer. Axl já me conhecia, então vez ou outra medíamos a temperatura psíquica dele – seu 'relatório meteorológico', como chamávamos –, que, na maioria das vezes, podia ser descrita como uma 'depressão agitada'. Era difícil não se sentir triste pela situação dele. Na época, provavelmente eu sabia, por meio de boatos da gerência, que ele tinha sido diagnosticado como maníaco-depressivo e deveria estar tomando remédio – um estabilizador de humor.

"De qualquer modo, Steven conversava com Axl sobre coisas que ele [Axl] achava interessantes ou úteis. Então, quase sempre, Alan Niven chegava, falava com Axl sobre algum problema, aumentava o nível de estresse e Axl o expulsava. Mas eu lamentava [por Niven]; ele estava trabalhando com um cantor que tinha um transtorno mental grave, mas que também era um gênio. Eu me solidarizava com isso."

Logo depois que o *Appetite* chegou ao primeiro lugar, Tim Collins recebeu uma ligação da assessora de imprensa Bryn Bridenthal, que ele contratara para trabalhar na turnê. "A *Rolling Stone* está chegando. Temos a capa!". Foi uma notícia e tanto. Um articulista da *Rolling Stone* se juntaria à turnê em Detroit, e prometeram ao Aerosmith a capa da lendária revista

pela primeira vez. Os executivos da Geffen estavam entusiasmados. Para eles, parecia possível que o Aerosmith realizasse a manobra mais assustadora no showbiz: o retorno. David Geffen era um chefe generoso, e talvez houvesse bônus astronômicos no fim do ano.

O diabo com a Les Paul

Foi a melhor das épocas; foi a pior das épocas. O Guns N' Roses estava prestes a se tornar a primeira banda de rock de uma geração a ter, ao mesmo tempo, um single e um álbum no primeiro lugar nas paradas. O *Appetite* tinha vendido 2,5 milhões de cópias e subia cada vez mais. (Axl insistia que seus prêmios de álbum de platina emoldurados apresentassem a capa censurada de Robert Williams.) Mas W. Axl Rose e o restante da banda simplesmente surtaram quando *Dirty Harry na lista negra* – seu filme de estreia em Hollywood – foi lançado naquele mês. O filme os deixou com cara de idiotas e perdedores. Clint Eastwood os usou como exemplos de tudo o que Dirty Harry odiava, sobretudo a subcultura hair metal de Los Angeles, decadente, drogada e criptossatânica. O Guns N' Roses, a banda número um dos Estados Unidos, foi ridicularizado e retratado como escória humana na telona. "Welcome to the Jungle", sua música de destaque e hino, foi usada, abusada e degradada. No clímax do filme, quando o anjo vingador Dirty Harry está prestes a acabar com o assassino psicótico, ele entra em uma sala onde "Jungle" está bombando em uma caixa de som. Ele olha para ela com desprezo, entortando os lábios, e, mesmo com pouca munição, ergue sua Magnum .44 – a mesma arma no logo do banner em frente à qual a banda tocava todas as noites! – e destrói o aparelho de som que toca o sucesso do Guns N' Roses.

Alguém perguntou a Axl sobre *Dirty Harry na lista negra.* "Foderam a gente sem vaselina", retrucou ele. Enviaram um recado a Kyle Eastwood, alertando-o que nunca mais chegasse perto do Guns.

A turnê Aerosmith/Guns ficou no meio-oeste durante o fim de julho de 1988: Texas, Kansas, Iowa, Wisconsin, onde tocaram no espaço Alpine Valley em East Troy. Axl gostou do lugar e pensou em comprar um terreno ali quando os cheques começassem a chegar mais tarde naquele ano. Depois de shows em Michigan e Ohio, o Guns N' Roses foi para casa, por assim dizer, para abrir para o Aerosmith no Market Square Arena em Indianápolis, Indiana.

Na verdade, Axl voltou para casa em 3 de agosto, um dia após o show, tomando cuidado, disse ele a um repórter, para evitar qualquer contato com a polícia em Lafayette. (O intransigente Izzy Stradlin não se importou com Lafayette e continuou na turnê.) O Guns era um assunto quente em Lafayette, com "Sweet Child o' Mine" na TV e no rádio, especialmente na escola Jefferson High, depois que as pessoas começaram a ver Jeff Isbell e Bill Bailey na MTV. "Não queiram ser como ele", diziam alguns antigos professores de Bill a seus alunos. "Ele não se saiu bem aqui." As antigas histórias de Bill Bailey voltaram a correr. Ele largou a escola, disseram. Ele não tinha nada além de más atitudes. *Não queiram ser como ele.* (Esse burburinho negativo foi, inclusive, relatado no *Journal & Courier* de Lafayette.)

Uma lenda urbana de Lafayette afirma que, naquela noite, Axl levou sua família e alguns amigos para jantar na pizzaria Arni's, na Elmwood Avenue. A festança continuou no Toys in the Attic Room, onde um garçom adolescente, nervoso, tropeçou na bolsa de Sharon Bailey e derramou uma bandeja grande com refrigerantes sobre Axl e seus convidados. O garoto ficou aterrorizado, mas Axl disse que a bolsa não deveria estar ali, e limparam tudo sem nenhuma confusão. (Os colegas do garçom o acusaram de derramar o refrigerante de propósito, mas não foi o caso.)

Depois disso, a coisa ficou um pouco mais louca. Os dois ônibus do Guns fizeram todo o trajeto de madrugada de Indiana até Filadélfia para dois shows, começando no dia 4 de agosto. Mas a segurança da arena no Philadelphia Spectrum ficou relutante

em deixar entrar o ônibus de Axl na área de carga e descarga, porque estavam esperando apenas um ônibus para o show de abertura. Axl desceu do ônibus, e a situação descambou para gritarias e ameaças explícitas. O irmão de Axl, Stuart Bailey, estava trabalhando para o vocalista e tentou acalmar as coisas, mas nem lhe deram bola, e logo os dois irmãos foram cercados por uns dez canalhas usando a mesma camiseta e alguns membros à paisana da polícia da Filadélfia, famosa por sua truculência. Axl foi agarrado pelos policiais e agredido. Uma prisão foi evitada graças à chegada providencial de reforços de Doug Goldstein e dos roadies, mas trocaram palavrões, e W. Axl Rose entrou num estado de nervos. O clima nos bastidores do Philadelphia Spectrum estava pesado quando o Guns subiu no palco às oito da noite.

Axl, ainda furioso pelo episódio do estacionamento, usando roupas de couro com as cores do GN'R e uma bandana, já começou detonando com "It's So Easy". A banda toda entrou na energia alta da casa – uma raridade para um show de abertura. As garotas gritavam, não só as da frente. No meio da música, Axl notou que vários gorilas da segurança que ele havia confrontado no lado de fora estavam "guardando" o palco à sua frente. Alguns olhavam torto para ele. Quando o Guns terminou a música, Axl foi até a beira do palco e olhou para baixo: "[ininteligível]... empregado do estacionamento – *VÁ SE FODER*!". Axl levantou o dedo do meio para ele. Steven Adler começou a batida à la Bo Diddley. Duff, de chapéu de caubói de couro e camisa do CBGB, entrou no meio. A arena inteira estava agitada. Izzy gesticulava por meio de acordes sustentados e, como sempre, cantava o refrão com Axl, agora balançando um boné de beisebol de couro em sua cabeça ensebada. Slash, de jaqueta preta de couro com franjas por cima de uma camiseta do Batman, espremia notas como balas rastreadoras. Quando terminaram, o alarido foi impiedoso.

Em seguida, Axl contou ao público suas aventuras no estacionamento. "[...] A segurança do estacionamento [...] tipo, eu e meu irmão contra 15 caras da segurança do estacionamento – um bando de babacas. Aí vem um deles e agarra justo eu – o cara de cabelo comprido – e me joga contra uma grade! Não estou

reclamando disso... O que estou reclamando é: como ele podia afirmar que era o cara de cabelo comprido que estava errado, porra? [A multidão brada.] Como diabos ele sabia que o cara de cerveja na mão estava errado? A melhor frase [do policial] foi 'Fodam-se seus direitos civis. Eu sou a lei'."

O público da Filadélfia, que conhecia sua força policial, fez muito barulho. Com total desprezo, Axl olhou para os valentões reluzentes à sua frente, e soltou: "Felizmente saímos dessa merda, e vou acabar essa história para vocês não terem que me ouvir falar a noite toda [...] Mas, de qualquer modo, são esses babacas a causa da maioria dos nossos problemas. Então vamos dedicar a próxima música [...] a esse pequeno contratempo no estacionamento [...] *e a esses babacas aí embaixo* [aponta o dedo do meio para a fila de capangas abaixo dele] que estão... NA MINHA COLA!".

O Guns começou detonando na música enquanto uma verdadeira chuva de roupas – principalmente camisetas, sutiãs, calcinhas e faixas – era jogada pelos jovens da frente. Em vez do habitual "e leve isso bem a sério", Axl terminou a música com um convite à equipe de segurança, agora pálida: "E CHUPEM MEU PAU!".

Em seguida, Axl, ofegante e transpirando, apresentou "Patience" como uma nova música composta por Izzy e Duff. Ele fez a dança da serpente, sua marca registrada, atraindo uma enxurrada de gritos femininos. Izzy providenciou a alta harmonia vocal no refrão. O solo blues-metal de Slash canalizou James Marshall Hendrix por intermédio de James Patrick Page.

Depois, Axl apresentou a banda com um falso sotaque neozelandês. "Na guitarra base, Sr. Izzy Stradlin. No baixo, o Rei da Cerveja, Sr. Duff 'Rose' McKagan. Na bateria, Sr. Steven Adler, o andarilho ambulante que não vai a lugar nenhum [a multidão berra]. E o diabo que segura a Les Paul... direto do inferno... Sr. Slash! E ele vai falar agora com vocês."

Slash (cigarro pendurado na boca, cabelos cobrindo o rosto, peito nu banhado de suor):

"Ei, Filadélfia – vocês estão se divertindo – ou não? [A multidão vai à loucura.] Não tenho muito tempo, só quero dizer uma coisa: vocês vieram até aqui e esgotaram dois shows...

então... calem a boca! *Silêncio*! Então, o que estou dizendo é... a Filadélfia *é foda*! Então... esta é minha chance de tocar guitarra... é a 'hora da coca' para quem não tem vontade de sair."

Isso levou a uma versão dedilhada da introdução de guitarra em "Sweet Child o' Mine", o single de sucesso número um dos Estados Unidos, aqui em energia vulcânica, desencadeada pela dança furiosa de Axl com o microfone na parte do "where do we go now?". Pandemônio no Spectrum! Depois, Axl agradeceu ao público:

"Bem, graças a pessoas como cada um de vocês aqui... Vocês tornaram nossos sonhos realidade [a multidão brada]... Fizemos um disco que ninguém queria tocar [berros], e com o qual ninguém queria lidar... Vocês, galera! Pessoal! Vocês o levaram direto para o número um! [Gritos e berros.] Eu quero agradecer... a *vocês*... por isso! [Gritaria.] E... se vocês não foram ver o novo filme do Clint Eastwood, nem percam seu tempo! *É uma merda*! [A multidão urra.] Eles nos deram dinheiro, e demos esta música a eles, e nos foderam sem vaselina! E agora, com vocês: WELCOME TO THE FUCKING JUNGLE, BABY!".

Axl tocou a música usando seu quepe de couro, agarrou a virilha enquanto preparava seu serpentear e entrou em uma fúria tão imensa que caiu enquanto dançava durante a parte do meio. Depois disso, voltou a falar: "Esta noite, recebemos muitos funcionários de nossa gravadora aqui... Queremos agradecer a todos da Geffen Records, porque hoje, ontem ou amanhã o *Appetite for Destruction* vai atingir platina tripla [3 milhões de cópias vendidas]. Obrigado! [A multidão urra e vibra.]

"Então acho que Bobby Dall estava errado", continuou ele. "Estamos numa pequena egotrip aqui [...] Até que gosto do que fazemos aqui [...] Sabe esses caras? Esses caras são minha banda favorita! [Aplausos.] [...] Bom, mas Bobby Dall, do Poison, diz, 'Para fazer sucesso, você precisa ser ruim'. [Vaias com alguns aplausos.] Bem... *CHUPA O RUIM AQUI*!" [Agarra a virilha.] [Fortes aplausos.]

A última música antes dos bis foi "Used to Love Her" em arranjos country rock, com Axl de chapéu de caubói, fazendo gestos de gargantas cortadas durante o "but I had to kill her".[39] Após o solo de Slash, a letra de Axl fez algumas pessoas rirem:

“She bitched so much/ She drove me nuts/But now we’re happier this way”.[40]

Uma banda brutal para tempos brutais

Dia 6 de agosto, 1988. O Guns N’ Roses abriu para o Aerosmith no Saratoga Performing Arts Center, no interior do estado de Nova York. O galpão ao ar livre estava lotado de jovens, que foram para a frente assim que o Guns começou “It’s So Easy”. Do palco, os músicos assistiam a um maravilhoso espetáculo de fãs maníacos, conforme ondas humanas da parte de trás se aproximavam e batiam nas pessoas que estavam na frente, para chegar mais perto da banda. Na frente, um turbilhão de jovens girava ao redor de si mesmos, enquanto frenéticos seguranças ultra- passavam as barreiras e tiravam as meninas assustadas do olho do furacão. Axl parou o show após “Mr. Brownstone” e pediu à galera que se acalmasse, mas cada música nova despertava um comportamento enlouquecido, tribal. Um pouco antes de “Jungle”, Izzy foi até Axl e disparou, “Isso vai dar merda”. Quando os fãs começaram a pular no palco, a banda se mandou.

Depois do show, eles passaram pela cabine de primeiros-socorros, onde médicos cuidavam dos que haviam se ferido no meio da bagunça. Havia dezenas deles, e vários rostos sangrando. O Guns nunca tinha visto esse nível de confusão antes, e depois conversaram entre si a respeito. “Depois que saímos do palco, a tenda dos médicos do lado de fora estava lotada de jovens”, disse Slash. “Cara, eles estavam saindo pelo ladrão. Isso me fez lembrar de quando eu ia a festivais, e era pesado. Você precisava ser forte. Quando toda a multidão se agita, você tem que se segurar e ir junto com ela. É *pesado*. É como se o mundo estivesse prestes a explodir. Lembrei de mim mesmo quando vi toda aquela gente ensanguentada.”

Izzy: “Sim, foi quase um motim [em Saratoga]. Mas eu curto essa vibe, onde qualquer coisa está pronta para vir abaixo. Quando tem, tipo, 20 mil pessoas e três caras da segurança. Deus

– aquilo foi intenso pra cacete, cara. Quase 20 mil pessoas na beira da porra do palco".

Enquanto isso, o Aerosmith absorvia tudo com certo grau de espanto. Joe Perry disse a seu empresário que o Guns estava gerando uma reação rock and roll mais louca e mais autêntica do público que o Aerosmith. Isso fazia o Aerosmith se sentir um patrimônio. Não só isso, de acordo com Tim Collins:

"Em agosto, o Guns tinha o single número um, o álbum número um e o clipe mais pedido na MTV. A carreira dos caras disparava. A *Rolling Stone* se juntou à turnê e, no fim, acabou colocando o Guns na capa, não o Aerosmith. (Vivi o inferno por conta disso com minha banda.) Em termos de negócios, estávamos nervosos com tudo isso, porque achávamos que o empresário deles ia querer renegociar nosso acordo. A cada show, esperávamos que ele fosse falar a respeito e pedir, talvez, 25 mil dólares e uma porcentagem, mas ele nunca falou. Mas, ao mesmo tempo, Alan Niven estava obviamente irritado com o acordo, e a cada noite ele ficava mais furioso comigo, gritando, arrumando briga por conta do espaço no palco. A gente dizia pra ele: 'Joey Kramer não vai tirar a bateria dele pro Steven Adler. Joe Perry não vai tirar o amplificador dele para ninguém'. Havia muita picuinha por poder. Teríamos dado os 25 mil dólares, mas ele nunca pediu. Para ser franco, acho que ele estava preso ao contrato original porque tinha um código de honra de que trato era trato."

Dia 13 de agosto, 1988. A última de três noites no Pine Knob Music Theater em Clarkston, Michigan, perto de Detroit. Rob Tannenbaum, um repórter da *Rolling Stone*, foi autorizado (não sem um pouco de medo) a entrar no vestiário do Guns para ver o clima pós-show dos bastidores.

Izzy estava caído num canto, enxugando uma segunda garrafa de vinho, ouvindo Stones a todo vapor em uma caixa de som. Ele parou para informar o repórter de que "o rock and roll em geral tinha ficado péssimo pra caralho desde os Sex Pistols".

Slash, o entrevistado indicado, com a pele acobreada ainda úmida por conta do show, usava apenas um short e embalava uma garrafa de Jack. Axl, descansando do show, usava jeans, botas de caubói e uma camiseta que dizia BEM-VINDO A DETROIT/ CAPITAL MUNDIAL DOS ASSASSINATOS.

Slash e Axl estavam tentando ser entrevistados. Slash explicou seu antigo vínculo com o Aerosmith: "Nossos caras vendiam drogas para os caras deles". Izzy aumentou o volume de "Stupid Girl". O estresse no recinto estava chegando a ponto de arrepiar os cabelos.

O show do Guns não tinha sido bom. Slash tivera que ser carregado pela equipe para o palco. Quando o tiraram de lá, ele apagou. (De acordo com os membros da equipe, isso era mais comum do que incomum naquela turnê.) Depois, os monitores do palco pifaram. A banda encerrou o show cinco minutos antes por causa disso. Então Axl meteu a bota na parede do vestiário. Enquanto estavam todos sentados ali, tentando ser legais para a revista de rock mais famosa dos Estados Unidos, começou uma confusão do lado de fora, porque o rapaz da mixagem de som e o motorista de ônibus estavam sendo demitidos por incompetência.

Isso deixou Izzy envergonhado, então ele decidiu fazer um "showzinho" para a *Rolling Stone*. Pegou uma garrafa de vodca, gritou "Alteração violenta de humor!" e a quebrou contra a parede. "Alteração de humor!", berrou Axl, saltando do sofá. Agarrou um vaso cheio de rosas frescas e o atirou contra a parede, depois da vodca.

Todo aquele vidro quebrado fez pouco para aliviar a tensão no local. Slash disse como esperava morrer pela inevitável epidemia de aids entre as bandas de metal de Los Angeles, "já que todos transamos com as mesmas garotas". Falou sobre seu problema com a bebida. "É a única coisa que me tira da concha o suficiente para eu conseguir me relacionar socialmente."

Duff entrou e notou que sua garrafa de vodca tinha virado cacos de vidro. Izzy ainda ouvia Stones no volume máximo, o que estava deixando Slash irritado. Duff explodiu. "Isso é divertido", disse um Axl Rose meio distraído, acrescentando: "O uso de drogas não ficou no passado. Enchemos o saco uns dos outros porque não queremos perder o que consideramos uma família".

Izzy colocou "Some Girls" no volume máximo. Slash e Axl gritaram com Izzy, que ficou arrependido. "Porra, o Duff, cara", disse ele. "Eu não devia ter quebrado a vodca. Sei o quanto ele adora isso."

"Mas o Guns N' Roses não toca heavy metal [opinou a *Rolling Stone* na história de capa da banda, publicada ainda em 1988]. Eles tocam um ramo vicioso de hard rock que, especialmente em shows, se aproxima mais do Metallica que do heavy metal. Eles são uma espingarda musical de cano serrado, com muita potência, mas alvo errático – em uma apresentação típica, variam de terrível a brilhante, muitas vezes em uma única música."

A revista apontou que a maioria das bandas de metal baseava suas descrições em um mundo de fantasia que não tinha nenhuma relação com a realidade de seus fãs adolescentes. Os fãs não têm nada em comum com David Lee Roth e os outros astros do rock atuais, mas Axl Rose e companhia, com 20 e poucos anos, ainda se lembravam de como era ter 17 anos e se deram ao trabalho de comunicar as contradições da adolescência em uma linguagem que esses jovens conseguiam entender. O Guns foi comparado com o Public Enemy, artistas de rap que projetavam firmeza e promoviam o autoaperfeiçoamento, e com os Rolling Stones em início de carreira, que também cantavam sobre hostilidade e rancor. "E se os gunners foram além dos Stones [...] é porque os tempos estão mais duros; eles são uma banda brutal para tempos brutais. Ao contrário dos Stones, o Guns não mantém uma distância irônica entre eles e suas músicas."

Slash explicou: "Nossa atitude simboliza o que é o rock and roll. Pelo menos, o que *eu* acho que é, que é tudo o que importa. Algumas bandas aparecem, e a coisa toda é completamente errada, mas de qualquer forma elas conseguem dar um show bom. Não somos assim". Slash mostrou ao repórter sua mão direita, machucada por mandar ver na guitarra durante os três shows de Detroit. "Está vendo? Nós *damos sangue* e suor por isso, saca? Fazemos coisas que outras bandas ficariam, tipo,

‘Deixa o dublê fazer isso’.”

“Eu fui, tipo, um grande babaca ontem à noite?”. A entrevista da *Rolling Stone* com Slash foi feita no início da tarde, com o guitarrista curtindo uma ressaca. Na noite anterior, Slash havia tomado shots de vodca no bar do hotel até cair na cadeira, desmaiado. Ronnie Stalnaker (“O trabalho dele é ficar me seguindo quando estou bêbado”) levou Slash para seu quarto, onde – já reanimado – o guitarrista ameaçou jogar os móveis pela janela. Após colocar Slash na cama, o cuidador grandalhão tirou a TV do quarto e dormiu do lado de fora, mais uma vez.

“Sou um desses bêbados que tem lapsos”, admitiu Slash. “Fico tão fodido que não me lembro de nada. Provavelmente eu passo a impressão de ser um babaca a maior parte do tempo, mas na verdade não sou tão ruim.”

A *Rolling Stone* percebeu que a dobradinha Aerosmith/Guns era um grande sucesso, já que os ingressos para os shows se esgotavam de maneira consistente. Por algumas horas, a única supervisão era a da equipe de segurança. “Você pode conseguir uma Miller Lite quente e simples por 3,75 dólares se tiver mais de 21 anos ou se um de seus pés encostar no chão.” Foi aí que o Guns N’ Roses encontrou seu grande público. O Aerosmith era a banda principal, aplaudida e amada, mas os jovens os consideravam coisa do passado, como os Doors ou o Dead. “A reação deles ao show do Guns era muito mais potente e demonstrava uma conexão emocional incomum com as músicas e as atitudes da banda.”

“É a sinceridade dos shows da banda”, explicou Slash. “É por isso que a multidão é violenta pra cacete. Não aprovo violência e tumulto, mas faz parte da energia que liberamos.”

Axl: “Às vezes, como aconteceu na Filadélfia, eu consigo começar um tumulto em dois tempos. Quero dizer, é o máximo ver a galera enlouquecer e se bater, mas não quero ver as pessoas se machucando”.

“Acho que estamos brincando com fogo”, reconheceu Duff. “Parece que um incidente violento é inevitável, da mesma forma que os Stones estavam destinados àquele incidente em

Altamont" – o show fatal na Califórnia em 1969 em que um fã com uma arma em punho foi morto por motociclistas em frente ao palco, enquanto câmeras filmavam. Foi uma cena, comentou Duff, que ele vira umas cem vezes enquanto assistia ao documentário *Gimme Shelter*, dos Stones.

Monsters of Rock

Sexta-feira, 15 de agosto, 1988. Os ônibus do Guns N' Roses foram a Nova York após os shows de Detroit. "Paradise City" foi escolhida como próximo single, e em Manhattan a banda foi acompanhada pela equipe de vídeo de Nigel Dick, que os filmou caminhando pelas ruas da cidade no verão, comprando guitarras na lendária Manny's na West 48th Street, e fazendo a passagem de som no Giants Stadium vazio do outro lado do rio. A próxima noite de show seria o ápice da turnê do Aerosmith, tocando diante de 80 mil fãs, o maior público que o Guns teria. Mas o Deep Purple abriria o show, não o Guns N' Roses. Depois, a banda voaria para a Inglaterra no supersônico Concorde e tocaria no palco do Monsters of Rock, o maior festival de metal e hard rock de todos.

No dia seguinte, filmaram a banda tocando no estádio de futebol com os ingressos quase esgotados. Axl usava um novo conjunto branco de couro (com as cores da banda nas costas da jaqueta) quando começaram "Paradise City", que normalmente encerrava os shows. Nesse momento, a grande multidão efervescente na área ao ar livre havia se apertado contra o palco, com milhares de braços erguidos saudando Axl ao estilo nacional-socialista enquanto ele saltava pelo palco, e Slash era uma rajada de vento correndo pela passarela inferior soltando "riffs de guitarra atômicos e trituradores" com sua Les Paul preta. (Ele usava uma camiseta com a frase: O POISON É UMA MERDA.)

Dois dias depois, 19 de agosto, o Guns foi filmado entrando a bordo do Concorde da British Airway's em Nova York para o voo de três horas para Londres. O clima na pequena cabine do avião

era de festa, com refeições servidas em elegantes porcelanas chinesas e a curva da Terra visível pelas janelinhas do Concorde. (Slash encheu a cara e foi dormir.) De Londres, a banda foi levada (com uma pequena equipe de filmagem) em um ônibus de luxo até Leicestershire, nas Midlands inglesas. A banda foi alojada em um sóbrio hotel de campo perto da pista onde, no dia seguinte, os poderosos monstros do rock arrasariam além das muralhas. Após a passagem de som, Slash passou o dia todo no quarto, dando entrevistas para rádios e a imprensa. Axl ficou em isolamento, com dor de garganta. Izzy carregava uma câmera Bolex 16mm que a equipe de vídeo havia emprestado a ele.

A maioria dos membros do Guns passou a noite bebendo em silêncio no bar de madeira do hotel, ouvindo, distraídos, uma forte chuva de verão inglês caindo do lado de fora das janelas abertas.

O Monsters of Rock era o maior show de rock ao ar livre da Inglaterra, descendente dos grandes festivais dos anos 1970 em Reading e em Knebworth House. Já que em geral chovia durante todo o verão na Inglaterra, era comum que essas grandes festas em agosto se transformassem em banhos de lama ao estilo Woodstock. Desde 1980, o Monsters era realizado no Castle Donington Motor Race Circuit, uma pista de hot rod perto de Melton Mowbray. Voltados exclusivamente para bandas de metal e hard rock, os shows, que duravam o dia todo, atraíram uma média de 40 mil fãs durante os oito verões em que vigoraram. Mas a programação de peso da edição de 1988 do Monsters of Rock – Iron Maiden, KISS, David Lee Roth, Megadeth e o Helloween como banda de abertura – atraiu, segundo consta, mais de 100 mil fãs britânicos de metal. (Estimativas da quantidade de pessoas no Castle Donington naquele dia – 20 de agosto – variam entre uma faixa oficial de 107 mil e mais 25 mil, segundo acreditavam os roadies veteranos norte-americanos, no momento em que o Guns entrou no palco, às duas da tarde.)

O dia 20 de agosto amanheceu chuvoso, frio e horroroso. O

primeiro aguaceiro começou à uma da manhã, assim que o Helloween (um clone alemão do KISS) deu início à apresentação. Choveu forte durante meia hora, e uma rajada de vento arrancou dos andaimes uma das enormes telas de vídeo na lateral do palco, jogando-a no chão sem ferir ninguém. Os jovens ensopados em frente ao palco estavam visivelmente com frio. Quando o Helloween terminou a apresentação, o declive em frente ao palco era um mar de lama vermelha líquida.

Ninguém havia contado a Slash (de cartola, jaqueta preta de couro por cima de uma camiseta da revista *RAW*, uma echarpe maneira com estampa de cobra pendurada no pescoço) sobre uma preciosa tradição do Monsters of Rock chamada engarrafamento. No instante em que a banda apareceu ao lado do palco grande, havia 100 mil fãs amontoados, com lama até os tornozelos. Sem nenhum lugar para mijar, eles simplesmente enchiam de urina garrafas vazias de plástico e, então, as jogavam o mais longe que conseguissem. Dezenas delas vagavam pelo ar a qualquer momento, nem todas tampadas, criando uma constante garoa amarela sobre a multidão. Esperando para entrar no palco, Slash tomou um gole de uma garrafa de cerveja que encontrou no chão, apenas para cuspir um nojento bocado de urina inglesa.

Foi um dia daqueles para o Guns N' Roses.

O céu estava baixo e escuro, mas pelo menos a chuva tinha parado. O Guns foi anunciado, sob mornos aplausos da multidão fria e úmida, e começou "It's So Easy". Os fãs ganharam vida. Garotas em cima dos ombros dos namorados agitavam cartazes toscos nos quais se lia WELCOME TO THE JUNGLE. Então Izzy deu início a "Mr. Brownstone" e todas as pessoas no declive começaram a dançar. Axl dançava pra lá e pra cá, com a barba por fazer, casaco de couro preto, botas de caubói e calças de couro pretas rasgadas nos joelhos, por ficar se jogando no palco. Os cabelos ruivos estavam cobertos por uma bandana azul e um chapéu de beisebol com a aba para trás. Empunhava o microfone como um dardo e simulava sua tremedeira causada por narcóticos, agora conhecida pelos fãs por conta dos clipes. A enorme multidão foi ao delírio, e milhares no topo do declive se lançaram para a frente a fim de ficar mais próximos da ação.

Entre uma música e outra, Axl gritava para Izzy que o

ambiente estava zoado. Axl sentia que algo estava errado. Fez alguns comentários sem o microfone para as pessoas à sua frente, dizendo a elas que se acalmassem. Slash: "Apenas olhamos para o público e foi, tipo, *Ah, merda!*". Para esfriar as coisas, começaram a versão acústica de "You're Crazy", mas isso não ajudou. De repente, veio uma violenta onda humana do lado direito do palco, e os jovens apertados na frente se comprimiram em um desmaio mortal. Rostos virados para cima se transformaram em elipses que gritavam. A cerca de seis metros do palco, claramente visível para a banda, abriu-se um buraco na multidão, e num instante vários rostos desapareceram, caídos. Em seguida o buraco sumiu, coberto imediatamente por um mosh pit violento. A banda percebeu que as pessoas caídas podiam não ter se levantado. Izzy parou de tocar e gesticulava feito um louco. Slash [para a *Kerrang!*]: "Visto lá de cima, parecia um caos total. Conseguíamos ver a onda. Era possível ver a 'força'. E são... apenas pessoas, manja?".

A banda parou de tocar. Gritando palavrões, com o rosto vermelho de raiva, Axl foi à beira do palco e disse às pessoas que se acalmassem. Slash e Duff apontavam para o lugar onde estava o buraco, gritando para as pessoas saírem. Mais tarde, Slash disse que eles pararam de tocar porque se borraram de medo do que tinham visto. Agora, com a banda parada, vários corpos imundos, alguns deles mancando, eram puxados da grossa lama vermelha pelos seguranças e encaminhados para os médicos.

Levou alguns minutos para as coisas se resolverem, mas aí Slash começou a introdução ao estilo banjo de "Paradise City" e o show continuou. Conforme a música avançava, a multidão ia novamente ficando caótica. Durante o "so far away", o declive inteiro se transformou em um mosh pit, para deleite da equipe de vídeo que filmava o evento para o próximo clipe do Guns. Mas então mais corpos começaram a aparecer na barreira da frente, e uma garota sangrando, com cara de morta, incomodou Axl. Ele parou o show pela segunda vez.

"Ei! Ei! Parem com essa merda, OK? Estou parando de cantar para fazer isso, e esta é a única diversão que tenho o dia todo."

Eles terminaram a música e atacaram com "Welcome to the Jungle", ansiosos para cair fora dali. O céu ficou cinza-escuro,

com nuvens carregadas. "Jungle" deixou a multidão ainda mais tresloucada, então a banda tentou esfriar as coisas com a nova música "Patience", recebida com úmida indiferença.

Depois disso, Axl falou à multidão, agora mais quieta, agradecendo ao pessoal por ter tornado a próxima música o primeiro single de sucesso na Inglaterra. A introdução circense de Slash para "Sweet Child o' Mine" recebeu o maior aplauso do dia. A banda deu uma guinada na música e saiu do palco. "Tenham um ótimo dia", disse Axl à multidão, acrescentando – "e tentem não se matar, cacete!". Então ele também foi embora. Nos bastidores, enquanto médicos atendiam freneticamente cinco pessoas enlameadas e inconscientes deitadas no chão, Alan Niven contou aos preocupados promotores que o Guns não voltaria para o bis.

Pessoas que tinham visto o Guns na Inglaterra no ano anterior ficaram impressionadas. Segundo o fotógrafo britânico da banda, George Chin: "Eles não eram mais como nenhuma outra banda de Los Angeles; toda a imagem deles tinha se afastado para bem longe daquela coisa glam. O show estava melhor agora, mais rápido, mais frenético. Axl parecia cansado, muito mais magro. Todos diziam que eles eram a atração do dia". Eles teriam recebido ótimas críticas se ninguém tivesse sido pisoteado até a morte.

Começou a chover de novo depois do show do Guns, então os fãs que estavam na parte mais alta se dispersaram um pouco, dando ao pessoal da frente um espaço para respirar. Foi quando alguém notou uma mão saindo da lama, a mais ou menos seis metros do palco, onde havia se formado o buraco na multidão. Ouviu-se um grito, e as pessoas começaram a cavar a lama feito loucas. Um corpo foi puxado de dentro dela, e em seguida outro. Ambos haviam sido esmagados por terem sido repetidamente pisoteados pela multidão que saltava. Levados às pressas à área médica nos bastidores, ambos foram declarados mortos imediatamente. Alan Dick, de 16 anos, foi identificado por documentos encontrados

em seu bolso. O outro cadáver estava tão desfigurado que foi necessário que sua família identificasse o adolescente, Langdon Siggers, pelas tatuagens de tigre e escorpião nos braços. O empresário da turnê, Doug Goldstein, que estava na frente do palco, disse a George Chin que não contasse à banda que pessoas haviam morrido, se ele os visse no hotel.

O Guns só ficou sabendo disso mais tarde, naquela noite. No bar, Slash notou que Alan Niven estava realmente chateado com alguma coisa, e perguntou o motivo. Slash disse à VH1: "Nosso empresário nos contou mais tarde, no pub. E simplesmente passamos, tipo, de um ponto máximo de animação – algo que não se pode comparar a nada – a uma depressão tremenda".

Os acontecimentos no Donington viraram manchete no dia seguinte nos jornais britânicos, e os tabloides londrinos se apressaram em culpar a banda. O *The Mail on Sunday* os rotulou como "A Banda Mais Perigosa do Mundo". Um ano antes, a imprensa britânica saudara o Guns N' Roses como os novos avatares do rock. Agora, ela se virava contra a banda. Vários jornais relataram que o palco tinha cedido e que o Guns se recusara a parar de tocar, o que na verdade não fazia sentido algum. Ninguém contou que a banda interrompera o show duas vezes. Essas maledicências injustas e mentiras descaradas foram repetidas durante vários dias, e Axl começou a nutrir verdadeiro ódio pela imprensa em geral.

Ninguém foi preso ou acusado pela morte dos dois garotos. Mas o Monsters of Rock foi cancelado em 1989, e os promotores levaram dois anos para obter outra licença das autoridades locais, e só depois que concordaram com um limite de público de 70 mil pessoas.

O Guns voou de volta para Nova York no Concorde e retomou a turnê com o Aerosmith. Eles trouxeram da Inglaterra um novo tipo de conhecimento, informações sérias com base em experiências pessoais. Não apenas haviam testemunhado a morte de dois de seus fãs como também – assim como tinha acontecido em Altamont – sua equipe de filmagem havia captado o evento com as câmeras.

Dois meses depois, Slash disse a Mick Wall que ainda se sentia péssimo em relação aos jovens mortos. "O que mais me

deixa bolado é que tinha alguém, tipo, *em cima de outra pessoa* [...] não dá pra ficar em cima de alguém sem saber que essa pessoa está lá. Eles eram tão autocentrados e egoístas que *tinham* que estar perto do palco, mesmo que alguém sofresse por isso, tendo que morrer sob seus pés em 20 centímetros de lama." Slash deu um trago no cigarro. "Os mais loucos sempre serão os das primeiras 20 filas", murmurou. "Esses são os obstinados."

Duff McKagan foi honesto em relação ao que sentia: "O que quer que alguém diga ou escreva sobre o incidente não pode fazer a gente se sentir pior. Isso é um peso e tanto sobre nós. Não estamos nem aí se a mídia está nos fazendo de bode expiatório. Mas isso vai me assombrar para sempre. É estranho como a tragédia e a dor parecem perseguir nossa carreira".

O dia mais triste da vida dele

Fim de agosto, 1988. Enlouquecidos com o desastre em Donington, o Guns N' Roses voou para Nova York, em seguida para Boston, para três noites de shows perto da cidade natal da banda principal, o Aerosmith. O Guns não teve descanso após a Inglaterra, e todos estavam com a cabeça fervendo. Vários dependiam da heroína para aplacar a sensação de deslocamento, o jet lag, a agenda implacável da turnê no fim de sua temporada com o Aerosmith. Em tom de piada, eles se perguntavam quem teria o primeiro colapso ou, simplesmente, morreria. Fotógrafos da banda no fim de agosto de 1988 revelavam um bando abatido de jovens exaustos. O álbum *New Jersey*, do Bon Jovi, havia desbancado o *Appetite* do topo das paradas. Alguns dos shows do Guns nessa época e no início de setembro foram considerados bem mequetrefes por Steven Tyler. Um veterano (e ex-viciado) astro do rock, Tyler sabia exatamente o que estava acontecendo com sua banda de abertura.

Durante uma imersão final no meio do verão norte-americano – Ohio, Missouri, Tennessee –, Izzy Stradlin convidou o fotógrafo inglês Ian Tilton para o ônibus de turnê da banda. Izzy o levou ao banheiro e sugeriu – quase com orgulho emotivo

– que ele registrasse o enorme tolete que o guitarrista havia feito e queria preservar para o futuro.

A turnê voltou para a Califórnia no dia 4 de setembro. Três dias depois, em Hollywood, eles tocaram “Welcome to the Jungle” na transmissão ao vivo do MTV Video Music Awards e, alguns minutos depois, receberam um pequeno troféu de astronauta cromado da MTV pelo vídeo de “Sweet Child o’ Mine”, escolhido como Melhor Clipe de Artista Revelação. Eles fizeram o melhor para parecer elegantemente detonados no pódio, mas ninguém falou palavrão nem foi censurado com “bipes”. As avaliações do show foram as mais altas de todos os tempos. Quando a versão em single de “Paradise City” foi lançada algumas semanas depois, a MTV colocou o clipe em alta rotatividade. O público jovem do Guns, agora se vendo pela primeira vez (em imagens coloridas do Giants Stadium, entrecortadas com cenas granuladas em preto e branco do caos no Castle Donington), fez de “Paradise City” o clipe mais pedido na história da MTV.

Hollywood era o hábitat natural do Guns. E agora, como Duff McKagan afirmava publicamente, eles podiam comprar drogas *muito* melhores. Durante seus shows na Califórnia nas primeiras duas semanas de setembro, parte da banda curtiu uma heroína persa de alta qualidade. Duff saboreava vodcas russas. Axl, de acordo com pessoas que trabalhavam com ele, continuou com a cocaína.

O baterista do Guns, Steven Adler, venerava Steven Tyler e o restante do Aerosmith, e respeitava o compromisso público deles com a sobriedade como alternativa à degradação e à morte. Mas, ao mesmo tempo, ele era um astro do rock de 23 anos, e vez ou outra “usava um pouquinho” aqui e ali. Então, certa noite na Califórnia, ele usou um pouquinho, e se lembraria disso com arrependimento 20 anos depois:

“Naquela última noite em que tocamos com o Aerosmith em Irvine Meadows – eu estava andando de motoneta [nos bastidores] – e subi a rampa por onde os caminhões desciam. E cruzei com o baixista do T.S.O.L. E eu disse oi – porque o conhecia – porque tinha amizade com o baterista deles – é por isso que usei a camiseta do T.S.O.L. no clipe de ‘Sweet Child o’ Mine’. E aí, eu disse ‘Ei, cara!’ – o nome dele era Roach – e perguntei, ‘Roach,

e aí, cara? Como você está?'. Ele respondeu: 'Ah, beleza, tô de boa'. Perguntei, 'Você tem ingressos, passes [para o show]?'. Ele disse que não, então abri minha pequena bolsa hippie e lhe dei ingressos e passes.

"Aí perguntei: 'Está indo aonde agora?'. E ele: 'Vou comprar um pouco de heroína'. E eu já tinha usado essa droga uma vez – com Izzy e Slash – e nunca fiquei *tão mal* em toda a minha vida. Mas tinha sido três anos antes – e eu nem sequer pensava nisso – e me esqueci totalmente de como fiquei mal. Então disse: 'Toma aqui 20 pratas, pega um pouco pra mim também'."

Roach voltou com uma dose para Steven, que a inalou no banheiro. Então lembraram Steven de um rápido encontro que as duas bandas deveriam ter com uns figurões de Hollywood que tinham vindo assistir ao show. Pelo menos Steven não ficou mal, o que era um alívio, mas ele estava *bem* chapado.

"E foi aí que entrei no quarto, e Steven Tyler me viu. E foi aí que... ah, meu Deus!"

Tyler, usuário velho de guerra, intuiu que Steven Adler estava chapado de heroína, e, com um sorrisinho e linguagem corporal nada sutil, fez Adler saber que ele sabia. Adler pôde ver a decepção (e, talvez, a inveja) no rosto de Tyler, antes de o astro do Aerosmith virar as costas em evidente desprezo.

"Ah, cara", disse Steven Adler em uma entrevista para o site Metal Sludge Web, em 2006. "Aquele... ah... hum... foi o dia mais triste da minha vida, porra."

Setembro de 1988. A épica turnê Aerosmith/Guns estava nos últimos dias. Nos shows em Los Angeles, o Guns se juntou ao Aerosmith no palco para "Mama Kin", o único momento em que os dois grupos tocaram juntos. O Guns foi informado por seus roadies que o Aerosmith *nunca* assistia a um show de abertura daquele lado do palco. Slash: "Mas, para nós, eles estavam lá quase toda noite [no fim da turnê]. A primeira vez que eles nos viram tocar fodeu minha cabeça. Foi bizarro".

A turnê terminou no enorme festival Texas Jam, em Dallas. As duas bandas apareciam no line-up, encabeçado pelo INXS, que também contava com Iggy Pop e Ziggy Marley. No camarim,

antes do show, o Aerosmith cuidadosamente deu ao Guns N' Roses presentes de alta qualidade: conjuntos completos de malas de alumínio Halliburton pintadas de dourado, a última palavra em apetrechos para viagens de alta categoria. (Nem todo mundo achou isso legal.)

Os membros do Guns estavam radiantes com o fim da turnê. Eles estavam na estrada havia nove meses. "Sweet Child o' Mine" era o single número um nos Estados Unidos. Eles odiavam o INXS e pensaram em se mandar do Texas Jam. "O que eles vão fazer", perguntou Izzy no camarim, "expulsar a gente da turnê?". Eles haviam concordado muito tempo antes em fazer esse show, e desde então o temiam. "Espero que a gente aprenda uma lição com isso", divagou Axl. "Não faça algo só pelo dinheiro, porque não vai funcionar."

Muita gente queria que o Guns ficasse ainda mais tempo na estrada. O *Appetite* estava chegando aos 5 milhões de cópias vendidas; informaram a banda de que eles poderiam bater o recorde para um álbum de estreia se continuassem em turnê. Nos bastidores em Dallas, Slash disse à revista *Musician*: "Os promotores e a agência de reservas querem que a gente continue. Estamos recebendo propostas para ser a banda principal do Forum [de Los Angeles], do Madison Square Garden... mas sabemos que isso tem de acabar. E a voz de Axl está chegando ao ponto em que ele não pode continuar. Todo mundo se divertiu, mas a questão é que estamos esgotados".

Duff jogava futebol com os roadies. Steven Adler batia em cadeiras e mesas com as baquetas, tomando calda de geleia real. (Ele disse ao jornalista Paul Elliot que isso "fortalece a porra dentro das bolas".) A frase na camiseta de Doug Goldstein era ME DEIXA EM PAZ. (Alguns dias antes, Axl fora até Goldstein e perguntara se os outros caras achavam que ele tinha se tornado uma prima-dona. "Eu não mudei, né, Doug? Mudei?". Goldstein abraçou Axl. "É claro que não", respondeu calmamente. "Você é o mesmo cretino de sempre.")

Era o aniversário de 23 anos de Slash, e um bolo foi entregue no camarim aos cuidados de Peter Cottontail, o nome de hotel de Slash. Estava escrito, com cobertura de glacê, FELIZ ANIVERSÁRIO, SEU CUZÃO.

O Guns demorou a entrar, já que os vestígios chuvosos do furacão Gilbert haviam transformado o palco em um tobogã. Axl se apresentou com chapéu de couro, jaqueta de pele de cobra e sua calça com a braguilha de couro. Duas músicas depois, Axl percebeu que a banda não estava enganando ninguém. Depois de se esforçar num "Mr. Brownstone" cheio de erros, Axl rosnou: "Acho que eu poderia usar um pouquinho, hein?". Ele fez alguns comentários depreciativos sobre o vocalista do INXS, Michael Hutchence, mas não foi possível ouvi-los com clareza por conta do sistema de som do estádio. Na metade do show, Axl disse: "Peço desculpas se... minha voz está uma merda... mas, aviões demais... *e cocaína demais* [a multidão urra]... Mas... *VOCÊS SABEM ONDE ESTÃO, PORRA?* [a multidão berra] *VOCÊS ESTÃO NA SELVA, MEUS QUERIDOS!... VOCÊS VÃO... MORRER!!!!*".

Foi zoado, mas funcionou. Lá no fundo, garotas usando camisetas do Guns gritavam como fãs dos Beatles enquanto seus namorados cerravam os punhos. Mas de perto, Axl estava achando sua banda uma merda. Ele olhava pros colegas, tropeçando pelo palco como bêbados e mal dando conta de fazer uma apresentação profissional. "Acho que ninguém quer tocar hoje", disse ele, enojado. Em seguida, chutou um monitor do palco que não parecia estar funcionando. (Slash: "Normalmente, quando entramos nessa situação, ficamos muito punks. *Brilhamos*, mesmo que não toquemos tão bem. Mas hoje não conseguimos [em Dallas]. Fracassamos, porra. Não demos conta".)

"Sweet Child": 40 mil fãs texanos cantaram a parte do "where do we go?" com fervor religioso – como se Axl soubesse a resposta. Então viram a banda discutindo no palco. Gravações do show mostram os membros levantando a voz fora do microfone. Eles tocaram uma versão truncada de "Paradise City" e acenaram dando adeus – menos de 40 minutos de uma apresentação que, por contrato, deveria durar 75. Duff destruiu seu baixo. Slash foi ao microfone e guinchou um monte de palavrões que ninguém chegou a entender. Nada de bis. Nos bastidores, um dos promotores murmurou: "Será que ainda dá para ficar pior que isso?". Mas na arena e nas arquibancadas a multidão ainda aplaudia o Guns N' Roses, implorando por mais.

W. Axl Rose joga a bomba

O Guns N' Roses se recuperou da exaustão e dos vários níveis de dependência de drogas durante os meses seguintes, no quente outono de 1988 em Los Angeles, uma estação que ficava excepcionalmente infernal por conta da fumaça dos incêndios nas colinas secas acima de Hollywood. As chamas eram atiçadas pelos misteriosos ventos sazonais Santa Ana, que sopravam os gases tóxicos da cidade de volta para o leste. No sul da Califórnia, há muito tempo os ventos eram associados com distúrbios psíquicos, má sorte e gente chata. Os próximos eventos durante o resto de 1988 e o início de 1989 não deixariam o Guns N' Roses ileso.

Slash se mudou para um apartamento alugado. Como porta-voz do Guns, ele passava muito tempo conversando com repórteres curiosos sobre a realidade da banda mais perigosa do mundo. "Eu gostava de quando os garotos nos adoravam e ainda éramos meio que underground", disse ele ao autor Mark Rowland. "Agora, somos uma espécie de número circense para pessoas normais assistirem: 'Olha só eles caindo! Não é gracioso?' [...] O fato é que temos sentimentos, cara. É por isso que, por exemplo, eu bebo tanto, e que Axl perde a porra do controle e tem essas enormes crises de depressão. Porque ainda estamos vivendo a vida, e às vezes é duro lidar com... Não tem ceninha de machão nesta banda. Duff é casado. Axl ama muito a namorada. Ninguém [da mídia] quer saber isso, porque esses acontecimentos não têm nada a ver com o 'Guns N' Roses'."

Duff voltou a morar com a esposa. (Eles brigavam muito.) Steven conseguiu um lugar para si, mas ficou tão maluco sem nada para fazer que pediu a Alan Niven para trabalhar como roadie para o Great White, a fim de poder voltar às turnês – um lugar organizado e com estrutura disciplinada. Senão, "Stevie" ficava por aí, sozinho ao telefone, e todos os traficantes tinham seu número.

Izzy morava com a namorada, que a banda mal conhecia. Um dia, ele apareceu em uma sessão de fotos para a capa da revista

Musician. Tinha vindo a pé e chegou na hora combinada. O ônibus espacial *Challenger* havia explodido recentemente, matando a tripulação, e Izzy notou que as chances de reunir o GN'R em uma única sala eram iguais às da próxima viagem espacial. Duff, Slash e Steven ligavam periodicamente, para ver se Axl tinha dado as caras. Duas horas se passaram. Izzy e a namorada batiam papo com Mark Rowland. Quando perguntaram sobre o que ele fazia em turnês, Izzy disse que frequentemente perambulava sozinho pelas ruas de cidades desconhecidas. "Ele é um eremita", disse a garota. "Quer comprar uma casa no deserto, longe das pessoas."

"Gosto mais da vida agora", admitiu Izzy, quando perguntaram sobre o sucesso do Guns. "Não fico de saco cheio o tempo todo. Quando você não tem nem pão, tem problemas com drogas e bêbados vomitando na sua calçada, isso tende a deixar você pior. Agora, posso viver como uma pessoa normal. Durante os dez anos em que morei aqui, nunca tive uma cama. Acabei de comprar um futon, porque estou acostumado a dormir no chão."

Izzy mencionou que seu pai havia aparecido em um de seus shows recentes. Era a primeira vez que ele o via em oito anos. "Ele veio andando pelos bastidores, sem ser anunciado, do nada. Levei um ou dois segundo para reconhecê-lo. Foi uma doideira, mas não foi..." Izzy decidiu que bastava. "Bem, não quero entrar em detalhes. Quero dizer, em dez anos só estive duas vezes em Indiana. Não fico mantendo contato, como Axl faz. Nem sequer conheço mais ninguém de lá." Com alguns cutucões, Izzy admitiu certa afeição pelo lugar. "Bem, quando olho para trás, vejo um certo tipo de estabilidade que provém do fato de ter crescido em uma porcaria de milharal. Você e a terra 'são um só'." Diante da ironia, ele riu. "Você não liga pra tanta coisa. É uma vida simples."

Como isso explica Axl? "Bem, tem muito a ver com a maneira como ele foi criado e como ele enxerga as coisas." Izzy pensou em seu velho amigo por um instante. "Ele é muito desprendido. É o primeiro a dizer 'Foda-se isso'."

Depois de três horas esperando, Izzy se preparou para ir embora. "Conheço esse cara [Axl]", disse ao fotógrafo. "Se eu não for agora e ele der as caras, terei que esperar *cinco horas* da

próxima vez." Axl nunca apareceu. Na semana seguinte, perdeu outra sessão de fotos. Faltou numa entrevista. Os assessores de imprensa torciam as mãos. "Não é pessoal", acalmaram. "É só o jeito dele."

Mas, quando precisava, Axl cuidava dos negócios. Ele ficava em um hotel ou com Erin. Estava à procura de um apartamento em um prédio seguro. Foi à festa promocional de outra banda e saiu com Slash, algo que eles raramente faziam nos últimos tempos. Fez um backing vocal para o novo disco do baterista do Eagles, Don Henley. Foi comprar um carro, quanto mais veloz, melhor. Esteve no estúdio com Mike Clink, mexendo nas partes dos vocais para o próximo e já controverso álbum do Guns. Ficava no telefone o tempo todo, brigando com a gravadora, seu empresário, os advogados e, principalmente, com a banda, lutando com cada fibra de seu ser para colocar a música "One in a Million" no álbum – sem censura.

A Geffen queria que o novo disco do Guns fosse lançado até o fim do ano, enquanto o *Appetite* ainda estava entre os dez melhores e o burburinho sobre a banda ainda estava quente por conta da grande roubada da turnê com o Aerosmith. (Mais ou menos nessa época, Alan Niven deu um soco em Tim Collins em um restaurante em Beverly Hills, porque achou que Collins havia tentado roubar sua banda e o insultara dando ao Guns o conjunto de malas caras.) Ao mesmo tempo, a gravadora de primeira linha estava preocupada com o fato de que um ou outro material do Guns provocasse uma reação que não valeria sequer o trabalho de lançar o álbum. O departamento jurídico da firma supostamente alertou a Geffen que não lançasse o álbum conforme as exigências de Axl Rose. Até alguns membros da banda tinham sérias dúvidas sobre o que Axl estava fazendo.

O título do álbum era provisório: *The Sex, The Drugs, The Violence, The Shocking Truth* [O sexo, as drogas, a violência, a verdade chocante]. O primeiro lado continha as quatro faixas do EP UZI Suicide ("Reckless Life", "Nice Boys", "Move to the City", "Mama Kin") e quatro músicas provenientes da sessão "acústica" gravada anteriormente naquele ano. A primeira era "Patience",

composta por Izzy, assoviada por Axl, uma canção calma para uma mulher triste pedindo por tempo, com um solo de guitarra ao estilo Dobro. Na parte final da música – posteriormente acrescentada para cortar o tédio da balada –, Axl trocou de tom: de crooner metaleiro a bebê gritalhão. "Used to Love Her", a música sobre o assassinato de uma namorada pé no saco, era como uma canção engraçada e falseada do Eagles (composta por Izzy e Slash). "You're Crazy" transpunha o screed metálico do *Appetite* para o falso rock sulista e uma jam blueseira R&B com umas pegadas bonitas.

Mas "One in a Million" era outros quinhentos. Começava como "Jumpin' Jack Flash", com uma batida agitada, acordes sombrios, dedilhado folk. Então Axl atirava a primeira bomba, no terminal rodoviário do centro. "Police and niggers, that's right, get out of my way."[41] Ele não quer comprar nenhuma corrente de ouro falso. No refrão, ele mudou a perspectiva, deixando soar a voz dos supostos comentários sarcásticos de seus amigos de Indiana, que o xingavam de egomaníaco e que ainda tinham esperança de revê-lo antes que morresse.

A segunda bomba veio na segunda estrofe. "Imigrantes e bichas" tomavam conta dos Estados Unidos e espalhavam "essas porras de doenças". O refrão meteórico continha bastante do que os anos 1980 vinham oferecendo. Slash tocou um solo de violão e, em seguida, Axl alertou a Klan e os "radicais e racistas", que podiam tentar explorar o complexo conjunto de imagens que ele estava cantando. Com um grito, ele bradou que era apenas um garoto branco de uma cidade pequena descontando sua raiva. Então o coral de Indiana o lembrou de que ele estava "too high" [muito doido] e concluiu: "Maybe someday we'll see you, before you make us cry".[42] A música vai desvanecendo – "much too high, much too high"[43] – em uma nota única de piano, tocada através do fade.

A energia furiosa e as fobias lúgubres de "One in a Million" incomodaram todo mundo, inclusive Axl, impelido pelos próprios demônios a defendê-la até a morte. Em geral, músicas assim apareciam em álbuns independentes de skinheads nazistas ou bandas sérvias de death metal. Ninguém entendia por que a maior banda dos Estados Unidos divulgava racismo, homofobia,

xenofobia explícitas. David Geffen era gay. Slash era mestiço, e seu pai, um imigrante. (Ele contou a um autor inglês que tinha vergonha de que a mãe ouvisse a música.) Um dos irmãos de Duff se casara com uma garota negra. (Chateado, Duff disse que tinha familiares negros que não gostariam do que a banda estava lançando.) Mas Axl defendeu sua odiosa música de rock e até arriscou a carreira para que ela ficasse do jeito dele. "One in a Million" encerraria, intocada, o *GN'R Lies*, ou não haveria álbum nenhum.

Mais tarde, Slash lembrou: "Tem um verso nessa música [...] "police and niggers" [policiais e pretos] [...] que eu não queria que Axl cantasse [...] mas Axl é o tipo de pessoa que vai cantar qualquer coisa que lhe der na telha. Então eu sabia que a música ia sair, e não havia nada que eu pudesse fazer". Slash argumentou que era loucura ficar atraindo problemas desse tipo. "Há momentos em que fazer um comentário é bacana, mas há outros em que você faz coisas desnecessárias e acaba atraindo problemas, simples assim. Colocar-se intencionalmente em uma situação assim não é legal."

Finalmente se chegou a um acordo, quando Axl concordou em se desculpar com antecedência pela música – no próprio encarte do álbum. (Mais tarde, ele afirmou que foi ideia sua.) A capa foi elaborada para se parecer com um tabloide londrino zoado, com manchetes gritantes sobre sexo e violência ("Sue foi baleada nos dedos do pé por uma quadrilha") e até uma paródia – no encarte interno – dos nus que o tabloide *The Sun* costumava publicar em sua página três. O próprio Axl escreveu o deplorável e raivoso pedido de desculpa na capa por "One in a Million":

> Você já foi injustamente assediado por alguém com uma arma e um distintivo? [...] Já foi a um posto de gasolina ou loja de conveniência e o trataram como se aquele não fosse o seu lugar, e essa pessoa mal falava inglês? Espero que não, mas já foi atacado por um homossexual? Alguns religiosos, por assim dizer, já tentaram surrupiar seu dinheiro suado? [...] Esta música é muito simples [...] peço desculpas a quem se sentir ofendido.

Como uma soma das experiências e opiniões de W. Axl Rose (e William Bruce Bailey), esse pedido de desculpas é incomparável. Como declaração em capa de álbum, era sem

precedentes. (Também não foi a única declaração do disco. Explicando os sentimentos por trás da misoginia e do sexismo em “Used to Love Her”, lia-se no encarte: “A violência contra a mulher existe há 10 mil anos”.) Mas isso acalmou os advogados e o pessoal do marketing da Geffen, que assinaram o contrato, e a gravadora agendou o lançamento do álbum que se chamaria *GN'R Lies* para o início de dezembro de 1988.

Quando “One in a Million” causou furor na imprensa no começo de 1989, ninguém sequer notou o pedido de desculpas. O *Lies* disparou para o segundo lugar na lista da *Billboard* e começou a vender aos milhões poucos dias depois do lançamento, juntando-se a *Appetite* no Top 10.

Heróis do hard rock

Novembro de 1988. Antes do lançamento do *GN'R Lies* no fim do mês, a conversa no mundo do rock é o álbum solo ultramaneiro de Keith Richards, *Talk Is Cheap*. Os Rolling Stones ficaram na geladeira durante a maior parte dos anos 1980. Eles não faziam turnês desde 1982, e já havia anos que não lançavam um álbum decente. Os Stones, outrora sagrados e imbatíveis, se afundavam em brigas internas e amargura pessoal. Mick Jagger estava fazendo álbuns solo irrelevantes e clipes sem graça, enquanto Keith Richards se contorcia em vergonhoso desconforto. Enfim convencido a fazer um álbum próprio, Keith apareceu com uma banda estepe de funk pesado e um livreto de canções cheias de charme, especialmente “You Don't Move Me”, um ataque explícito ao ex-parceiro e *glimmer twin*. *Talk Is Cheap* foi um sucesso de crítica e vendeu bem. Keith fez uma turnê pelos Estados Unidos e recebeu ótimas resenhas. (Mas Richards, amplamente considerado o Velho Oráculo do Rock, um sacerdote druida do gênio essencial da música, desrespeitou abertamente o Guns N' Roses nessa época, por meio de comentários antiglam, antimetal [e antirrap] publicados na imprensa roqueira do Reino Unido.) Mas, de algum modo, o álbum corajoso de Keith, um ataque frontal a seu companheiro de banda, gerou uma

reconciliação entre os Stones poucos meses depois, em 1989, evento que repercutiria tanto entre os Rolling Stones como entre o Guns N' Roses, mais tarde naquele ano.

O Guns N' Roses foi capa da edição número 539 da *Rolling Stone*, datada de 17 de novembro de 1988. A foto (tirada em um bar de motociclistas em Nova Jersey ao amanhecer, antes do show no Giants Stadium no verão anterior) era um miasma de cabelos arrepiados, jeans rasgados, tatuagens e atitude. A manchete era HERÓIS DO HARD ROCK. Sem pudor algum, a revista consagrava a banda como os salvadores do rock: "Finalmente uns bad boys que são bons". Axl Rose foi retratado como pálido e frágil fora do palco, quase "angelical", uma alma sensível cujos gostos musicais remontavam a George Michael, Frank Sinatra, os Raspberries, Philip Glass e o maestro da trilha sonora existencialista Enrico Morricone. Só que: "No palco, desafogando anos de raiva, ele é uma figura notavelmente carismática. Canta com selvageria, abusando das cordas vocais, levando a multidão a uma loucura sem igual".

Slash, sobre Axl: "Ele faz um monte de merda bizarra que ninguém entende".

Axl falou sobre uma música "nova" em que ele estava trabalhando obsessivamente, uma balada de oito minutos chamada "November Rain". Ela seria o grande destaque do próximo álbum "de verdade" do Guns, e Axl já estava preocupado com isso. "Se não for gravada como tem que ser", disse ele, baixinho, "deixarei o negócio."

Questionado sobre as mortes no Monsters of Rock, Axl se recusou a assumir a responsabilidade. "Não sei o que pensar a respeito", retrucou. "Não dizemos às pessoas 'encham a cara a ponto de não se aguentarem de pé'. Não me sinto responsável nesse sentido. Não quero que as pessoas se machuquem [...] queremos exatamente o contrário."

No final de 1988, a banda estava em todos os meios de comunicação do rock, destacando-se como capa da *Circus*, *Musician*, *NME*, *Hit Parader*, *The Face*, *RIP*, *RAW*, *Kerrang!*, *Spin* e todas as revistas de rock na Europa e, sobretudo, no Japão. Axl

alertou os leitores que havia músicas no EP a ser lançado que "fariam as pessoas surtarem", mas afirmou que não deixaria nenhuma reação alheia influenciá-lo. "Esse pessoal fica encanado e fala 'Acho que você não devia dizer isso, cara, porque é meio pesado'. Mas não me preocupo com isso. Não quero me censurar antes de apresentar uma música para a banda." Axl também disse que estava compondo muitas baladas e que, para o próximo lançamento, o Guns tentaria fazer o disco mais longo que conseguisse.

Sobre compor músicas: "Slash fica no violão. Dou algumas ideias enquanto ele toca, então juntamos as partes. Izzy e eu escrevemos muita coisa engraçada bem rápido e de cabeça". Axl disse que ele mesmo compunha as próprias letras. "Tem que ser uma situação real, mas ainda assim uma versão abstrata. Quero escrever sobre os dois últimos anos – pessoas que conheci, situações que vivi."

Como ele está lidando com o sucesso da banda? "Neste exato momento está difícil, cara. Ainda vou levar um tempinho, desde viver como um rato nas ruas até conseguir gerenciar minhas contas, encontrar lugar para morar, comprar casas. Estou comprando uma casa aqui [em Los Angeles] e no meio-oeste, e mais cedo ou mais tarde gostaria de morar em Nova York e arranjar pelas ruas ideias para músicas." O principal, afirmou ele, era "me manter estável, porque temos outro disco para fazer, e realmente quero fazê-lo. É como um sonho. Nós nos tornamos 'os artistas de grande talento', respeitados pelas pessoas do ramo". Axl afirmou que queria gravar o máximo possível de músicas novas, até mesmo fazer um álbum duplo, "para que, se alguma coisa acontecer com a banda, ele ainda fique por aí mais um pouco [...] só espero escrever o tipo de música que rode por aí por muito tempo, seja nas rádios ou não. É isso que eu quero: fazer parte de uma banda que consiga um lugarzinho na história".

Axl também mencionou (para a *Musician*) que acabara de comprar um carro esporte Corvette Sting Ray com motor Chevy de 1967 que ele insistiu, com orgulho, que poderia fazer 280 quilômetros por hora. Enfim, alguns sonhos se tornavam realidade.

Slash fazia a maior parte das entrevistas por telefone. Mas se encontrou com um repórter de Nova York no Hamburguer Hamlet, bem perto da Sunset, no início de uma tarde de outono, e, ainda de pileque, pediu uma Stoli dupla com laranja. Explicou que tinha passado a beber vodca depois de tomar uma garrafa de Jack Daniel's por dia nos últimos cinco anos. "Estou desde as cinco da manhã dando entrevistas", suspirou. "Um cara do Brasil me ligou. O álbum tem 14 meses, mas acabou de atingir o sétimo lugar no Brasil, e na Grécia está em quarto lugar. Na Holanda, ele está, tipo, em décimo. Então tive que fazer tudo isso."

Slash então lhe deu uma opinião superficial, mas que já estava desatualizada em 1988. "Somos um espelho do que os jovens de fato passam, da realidade da juventude: ter que trabalhar das nove às cinco, ou ter pais que enchem o saco, lidar com a polícia, com autoridades [...] Então, somos próximos dos jovens para quem tocamos [...] Rock and roll é coisa de rebelde, de se afastar das autoridades, transar, ficar bêbado, usar drogas em algum momento. Somos esse tipo de banda, e não há muitas outras assim." Questionado sobre a fatalidade em Donington, Slash pareceu quase orgulhoso. "A maioria dos shows de rock é mais do mesmo", zombou. "Fazemos mais que isso... algo imprevisível, que tem uma certa quantidade de... atrevimento."

Slash, nem um pouco bobo, ainda estava promovendo o Guns no fim de 1988 como a banda de rua que um dia tinha sido – em 1986. Ele não previu que – agrilhoada pela fama e pelo sucesso – a era do Guns N' Roses como avatares do som "das ruas" já tinha acabado. Sua banda raramente voltaria a tocar para "os jovens" – a menos que eles pudessem pagar por um ingresso no estádio local de basquete ou em um gigantesco campo de futebol nos arredores da cidade.

No fim de 1988, o Guns tinha dois álbuns no topo da lista da *Billboard*, tendo inclusive ultrapassado seus heróis de adolescência, o Aerosmith. E, de fato, a concorrência tinha sido acirrada no ano em que o Guns estourou: *Rattle and Hum*, do U2, *And Justice for All*, do Metallica, *Faith*, de George Michael; a

trilha sonora de *Dirty Dancing – Ritmo quente*, que vendeu milhões de cópias; Bon Jovi, INXS, Def Leppard. O *And Justice for All*, do Metallica, obteve platina poucos dias depois do lançamento, sem praticamente nenhuma difusão comercial. Mas o Guns tinha contrariado todas as ditas "tendências" e transcendido a falta de credibilidade do establishment musical e sua interpretação errônea do psicológico dos fãs. O Guns havia empurrado o hard rock *old school* (com uma pegada bipolar glam-blues) goela abaixo dos jovens do ensino médio. Tinha forçado o *mainstream* dos Estados Unidos a aceitar a banda do jeito que ela era.

Todas as revistas de rock fizeram pesquisas de fim de ano, e o multiplatinado Guns venceu consistentemente como melhor banda nova. "Não parece mais que somos um grupo novo", disse Duff à *Circus*. "Comemos o pão que o diabo amassou. Mesmo antes do lançamento [do *Appetite*], não nos sentíamos uma banda nova. Agora, estamos lidando com todas as coisas com que uma banda normal lidaria após o primeiro álbum – além do estouro nas vendas. É uma sensação estranha."

Em meados de dezembro, o Guns cumpriu seus compromissos adiados no Japão. Tocaram a céu aberto em Tóquio e Osaka e fizeram aparições em lojas de discos nas duas cidades. Não havia droga disponível no Japão, então a banda bebeu uísque Suntory. Duff e Slash foram registrados em hotéis como os irmãos Likesheet: Luke Likesheet e Phil Likesheet. Antes de tocar no Budokan Arena em Tóquio, a banda e seus asseclas foram convidados para jantar com o lendário promotor japonês de shows Sejiro Udo, que havia trazido os Beatles para o Japão em 1964. Antes disso, nenhuma banda de rock havia desfilado pelo Budokan, construído como uma casa de artes marciais e sagrado para os devotos do jiu-jítsu e outras técnicas de luta. O "Senhor Udo", como era conhecido entre as bandas ocidentais que promovia, recebera sérias ameaças de morte na época, mas mesmo assim os Beatles tocaram no Budokan, e agora o grande recinto era a mais importante casa de shows do país. O Guns N' Roses esgotou os ingressos do local em meia hora. (Durante o

jantar, diz-se que Axl perguntou a Udo-san se ele tinha algum conselho para a banda. O inescrutável gângster do rock de Tóquio respondeu sabiamente que relacionamentos duradouros eram muito importantes para o sucesso.) Em 10 de dezembro de 1988, o Guns fez um show rápido, punk e superagitado no Budokan, tocando como se fosse para salvar a própria vida. Os fãs (muito jovens) gritavam como se aquilo fosse para salvar a própria vida. No dia seguinte, o jornal de Tóquio *Asahi Shinbun* chamou o Guns de a melhor banda de rock que já tinha tocado no Japão. Enquanto isso, os roadies ouviram dizer que Axl se trancara na suíte do hotel e se recusava a falar com qualquer pessoa.

Em seguida, o Guns fez dois shows em Melbourne, Austrália. No dia 15 de dezembro, a introdução que Axl fez para “Mr. Brownstone”, um discurso longo e desconexo sobre o uso de drogas e o livre-arbítrio, pareceu tolerar e glorificar o uso de heroína, o que era uma ofensa pública passível de prisão. Alguém no local se queixou à polícia. Um mandado de prisão foi supostamente preparado para Axl.

O show seguinte foi em Sidney, onde a imprensa divulgou alguns comentários imprudentes da banda de abertura da turnê, os heróis locais Kings of the Sun, no sentido de que o Guns N’ Roses devia muito aos roqueiros australianos da Rose Tattoo. Isso deixou Axl furioso. No show daquela noite, ele cuspiu xingamentos contra o Kings of the Sun, cujos fãs locais vaiaram o Guns durante o resto do show. A cena ficou realmente feia, e em dado momento Izzy teve que agarrar o braço de um Axl irado e sugerir que ele se acalmasse, impedindo-o de entrar no meio da multidão e ir atrás de uma pessoa vaiando.

O Guns voou para a Nova Zelândia para um show em 19 de dezembro perto de Auckland. Lá, descobriram que um promotor excessivamente cuidadoso em Melbourne havia emitido um mandado de prisão para W. Axl Rose, acusado de (suposta) apologia a drogas. O esquadrão de narcóticos observava o hotel da banda para prender Axl quando o Guns passasse por Sidney a caminho de casa. A viagem de retorno da banda do outro lado do mundo foi redirecionada, para evitar a Austrália.

37. "OUT TA GET ME", no original, fazendo referência ao título da canção. [N. T.]

38. Referência à companhia de dança The Rockettes, fundada em 1925. Seus passos de dança são perfeitamente sincronizados, e o mais famoso deles é o chute para o alto. [N. T.]

39. "Mas tive que matá-la." [N. T.]

40. "Ela encheu demais o saco/ Me deixou maluco/ Mas agora estamos mais felizes assim." [N. T.]

41. "Policiais e pretos, é isso mesmo, saiam do meu caminho." [N. T.]

42. "Talvez algum dia nós o vejamos, antes que você nos faça chorar." [N. T.]

43. "Doido demais, doido demais." [N. T.]

Capítulo 9
UMA ÉPOCA BEM LOUCA

A urgência para destruir também é uma urgência para criar.

– A. Bakunin

Estado de choque

O ano de 1989 foi difícil para o Guns N' Roses: cinco jovens lutando sob o fardo diário de dar conta de ser a Banda Mais Perigosa do Mundo. Mas o ano foi cem por cento memorável para quase todas as outras pessoas do mundo. O chocante e imprevisto colapso do comunismo europeu pegou o Ocidente de surpresa quando o Muro de Berlim foi derrubado. Ao longo dos dois anos seguintes, esse evento foi seguido pelo desaparecimento (na maioria das vezes, não violento) dos regimes opressores na Rússia, na Polônia, na Tchecoslováquia, na Hungria e nos demais países que faziam parte do antigo Pacto de Varsóvia. A Rússia se dividiu em repúblicas: Georgia, Ucrânia, Letônia etc. A Iugoslávia se autodestruiu em uma corrida genocida pela guerra. Tudo isso, segundo uma teoria de Keith Richards na época, tinha irrompido por causa da influência subversiva do rock and roll. Richards afirmou que foi a artilharia cultural do jeans, do backbeat, dos cabelos longos e da "ausência de satisfação" que por fim empurrou o comunismo europeu para a pilha de lixo da história. (No ano seguinte, quando as fronteiras orientais se

abriram, milhares de peregrinos foram ao túmulo de Jim Morrison em Paris para prestar homenagem ao falecido poeta do rock. No aniversário de sua morte, ocorrida em 3 de julho de 1971, eles se recusaram a sair do cemitério à noite, dando uma festa louca até os policiais aparecerem com gás lacrimogêneo e cacetetes.)

No hermético mundo hollywoodiano habitado pelo Guns N' Roses, 1989 foi o ano do renascimento dos Rolling Stones – a banda que havia inspirado o Guns se reconciliou após sete anos de rancor. David Bowie tinha uma nova banda fantástica de avant rock, a Tin Machine. Madonna ainda liderava as pistas de dança. Seus antigos *protégées*, os Beastie Boys, agora dominavam as escolas secundárias. Os NWA (Niggers With Attitude), da região de Compton em Los Angeles, eram os maiores astros do rap. O Great White mandava ver no heavy metal pela estrada, em turnês constantes. O New Kids on the Block dominava as rádios mais comerciais. O álbum *Sonic Temple*, do Cult, fazia sucesso em Los Angeles. Havia também uma nova banda de metal headbanger chamada Skid Row: três garotos da Filadélfia descobertos por Jon Bon Jovi que formaram grupo com um ardente vocalista de Toronto – Sebastian Bach. No início de 1989, já havia gente na Sunset Strip prevendo que o Skid Row seria o próximo Guns N' Roses.

O verdadeiro Guns N' Roses estava fora da estrada, e em estado de choque. Em janeiro de 1989, Axl fez Alan Niven despedir a maioria dos roadies e quase todo mundo que tinha trabalhado para a banda até então: seguranças, assistentes de palco, fotógrafos, estilistas. Havia rumores de que Axl também queria demitir Niven, que nunca se recuperara da turnê com o Aerosmith e agora era *persona non grata* na Geffen, mas dizem que Axl foi dissuadido disso pelos advogados. Jeff Fenster, que então trabalhava como executivo do departamento artístico da Geffen Records, afirma que Axl também queria despedir Tom Zutaut. Fenster (e outros) dizem que Axl queria ouvidos novos na gravadora, e que ele (e outros) tinham sido abordados para trabalhar com o Guns no próximo álbum. Mas Zutaut tinha

conseguido o cargo para Fenster na Geffen, e Fenster precisava demonstrar lealdade. (Ele também sabia que não deveria trabalhar com o volátil Axl Rose, a quem considerava um gênio mas totalmente instável.)

Portanto, Axl começou o ano fazendo uma faxina. Quase todos os rostos conhecidos foram embora. O primeiro novo contratado foi um técnico de guitarra para Slash. Era Adam Day, um jovem roadie de Los Angeles que pulava de turnê em turnê. Ele conseguiu o cargo porque havia trabalhado para George Lynch, do Dokken, cujo estilo de tocar Slash apreciava. Adam Day não somente conseguiu o emprego como também se mudou para a casa alugada de Slash em North Hollywood, como uma espécie de cuidador fixo do guitarrista e de seu crescente zoológico de répteis.

E Slash precisava de companhia, porque estava em depressão total. Não havia nada para fazer além de beber e se drogar. Ele estava totalmente desiludido. "A gente caía na estrada", lembra ele, "e ouvia falar que tinha vendido 'x' discos [...] e o ritmo era o que nos estimulava. Não tínhamos outra vida. Então – *bum* – vem uma interrupção gritante. Não tem os roadies para tomar conta de você. A camareira não vem fazer a limpeza. Você fica deitado na cama, esperando para ir ao show, mas isso não vai acontecer [...] aí, voltamos para Hollywood e é a mesma merda – morar num apartamento barato e usar drogas o tempo todo –, com exceção de que agora eu nem queria sair, porque as pessoas me reconheceriam." Logo o pânico se instalou. Slash disse à *Rolling Stone*: "Saímos da estrada e foi tipo aquelas bolas de feno voando. Pessoas se mudando para casas, comprando carro e coisas do tipo. Isso não nos matou, mas havia muita pressão, e as pessoas ao redor de nós não nos deixavam em paz. Elas achavam que agíamos mal, mas [...] estávamos infelizes pra cacete, porra. Foi deprimente porque a sensação de... *abandono*... foi embora. A gente achava que tinha aquela experiência das ruas e que era descolado e coisa e tal, mas na verdade a gente era ingênuo. Foi aí que [o sucesso] nos ferrou, porque tirou totalmente a nossa inocência".

Slash não era o único. Todos estavam deprimidos. Duff bebia vodca com força total, além de brigar com a esposa. Izzy se isolou

dos outros com a namorada, Dezi. Steven Adler estava usando heroína, atravessando a Strip com sua nova Mercedes-Benz, desfrutando da atenção e da adulação dispensadas a um astro do rock em seu hábitat natural (exceto quando estava se escondendo dos traficantes a quem devia dinheiro). Axl, extremamente deprimido, se mudou com os discos de ouro e platina emoldurados para um apartamento de luxo em West Hollywood, cujas paredes ou eram todas espelhadas ou pintadas de preto. O piso e o teto, e até a geladeira, eram pretos. Nos dois anos seguintes, como ele se lembrou mais tarde, "vivi num quarto escuro, com cortinas blecaute. Às vezes eu estava muito bem, outras, era um pesadelo. Tentava colocar a cabeça no lugar e encontrar respostas, porque não conseguia encontrar um motivo para ficar vivo". Ele e Erin Everly muitas vezes brigavam feito doidos, ao menos até os gritos e berros saírem do controle e Axl começar a quebrar as coisas, ou então até Erin ou os vizinhos chamarem a polícia.

No dia 30 de janeiro, o Guns deveria se apresentar no American Music Awards, que ocorreria no Shrine Auditorium em Los Angeles. Eles tinham ensaiado "Patience", o novo (e único) single do álbum *Lies*, mas no dia do show disseram que Steven Adler estava passando por um tratamento na Betty Ford Clinic, por conta do vício em heroína. Don Henley o substituiu na bateria, a teletransmissão seguiu conforme planejado, mas agora Axl estava extremamente irritado. Estava ficando de saco cheio daquela banda de viciados e alcoólatras. Ele comentou com um executivo da Geffen que logo, logo os outros caras do Guns N' Roses teriam algumas decisões difíceis a tomar se não conseguissem se recompor.

Fevereiro de 1989. Dezoito meses após seu lançamento, o *Appetite for Destruction* chegou a 7 milhões de cópias vendidas e ainda estava no Top 5 da *Billboard*. Depois, no início do mês, o *GN'R Lies* também entrou no Top 5, e o Guns se tornou a primeira banda desde 1984 a ter dois álbuns em lugares altos nas paradas. Isso apesar da polêmica estimulada pela imprensa sobre a letra de "One in a Million". Ninguém "entendeu" a música como uma

expressão artística de frustração e das realidades da vida urbana nos Estados Unidos. Longe disso: ninguém conseguia acreditar que a banda de rock mais maneira do mundo na verdade estava ofendendo pessoas negras, desrespeitando a polícia, atacando imigrantes em geral, e especificamente os iranianos, e se enfurecendo contra homossexuais e os culpando pela epidemia de aids. Nenhum astro do rock, nem mesmo o arquicontroverso Jim Morrison, havia ido tão longe ao expor em versos o que sentia para a enorme plateia do rock.

A reação da imprensa padrão foi previsível. O editor da *Billboard* soltou: "['Million'] ainda é um lixo racista, contra os gays, um discurso acéfalo [...] que afronta qualquer pessoa que acredita no mandato da arte para articular a Verdade". (Ninguém nunca tinha ouvido falar nesse mandato, mas não importa.) As rádios não tocavam a música. Até mesmo algumas revistas de rock (as que dependiam de propaganda) questionaram a capacidade de discernimento da banda. Slash passou vergonha na frente da família e estava semirrecluso. Quando o *Lies* foi lançado, ele telefonou para a mãe: "Minha mãe, que é negra – certo? – estava na Europa, e era a primeira vez que nos falávamos depois de muito tempo. Perguntei se já tinha ouvido o EP, e ela disse que não. Mas depois meu irmão mais novo veio e me disse que ela tinha ouvido, mas que ficara tão chocada que não sabia o que me dizer por telefone. Compreendi. Não há nada que eu possa dizer à imprensa que vá tapar o sol com a peneira".

Axl Rose ficou meio recluso naquele inverno e assistiu ao furor se desdobrando em torno de "One in a Million". As colunas de fofocas diziam que o Guns seria impedido de se apresentar num evento beneficente contra a aids associado ao dono assumidamente gay de sua gravadora. (Axl notou, com a devida ironia, que Geffen estava fazendo muito dinheiro com o disco, já que as vendas do *Lies* atingiram a marca de 2 milhões de cópias.) Axl afirmou que já havia pedido desculpas – na porra da capa do álbum! Disse aos amigos que se orgulhava de ter feito o público (geralmente burro) do hard rock refletir sobre o significado da música. Ele contou a um repórter que a canção era sobre uma pessoa que teve de escolher um dos lados, um que fosse contra mentiras e injustiça. A outro, disse que pensou que a coisa toda

era “uma estranha quantidade de poder para compartilhar”. Acusado de homofobia, Axl defendeu seus direitos artísticos: “A música é muito genérica. É muito vaga, e bem simples. Ela foi escrita assim. Foi, tipo, ‘OK, estou escrevendo esta música – *do jeito que eu quero*’”. Axl relatou que um vice-delegado de West Hollywood havia lhe contado ter prendido um michê soropositivo, mas que no dia seguinte voltou a vê-lo trabalhando em Santa Monica Boulevard. Axl explicou a uma revista inglesa de heavy metal que nunca tinha presenciado racismo até ir a Los Angeles, e chegou a descrever outra interpretação possível de “One in a Million”, envolvendo seu próprio anjo da guarda negro: um homem mais velho, negro, que notara a confusão do recém-chegado Bill Bailey na agora arquetípica rodoviária central; uma espécie de ancião tribal afro-americano que ajudara a guiar o caipira furioso e humilhado ao lugar aonde ele precisava ir. “Talvez esse cara fosse um em um milhão”, sugeriu Axl. Ninguém acreditou em uma única palavra disso.

No dia 18 de fevereiro, o Guns se reuniu para gravar o clipe de “Patience” no Record Plant. Enquanto a banda tocava violões acústicos (e Adler ficava à toa com uma só baqueta), Axl assoviava a introdução e percorria a letra, que lia em uma folha de papel. Cenas adicionais filmadas por Nigel Dick apresentavam imagens fantasmagóricas de pessoas se movendo por corredores de um hotel e um Slash desgrenhado na cama, acariciando uma cobra grande e entretendo várias garotas bem paramentadas com lingerie de stripper. O clipe ajudou a catapultar “Patience” para o Top 5 da *Billboard* novamente, quando o single foi lançado mais tarde naquela primavera.

A caixa de pandora

Março de 1989. O single “Paradise City” atingiu o Top 5 dos Estados Unidos. Estações de rádio FM tocavam a versão integral de sete minutos. As rádios que tocavam apenas as músicas das

paradas de sucesso transmitiam uma versão editada, para desgosto de Axl.

Del James entrevistou W. Axl Rose para a revista *RIP* no apartamento preto e espelhado do vocalista. Na época, Axl tinha deixado crescer a barba ruiva e o bigode. Com orgulho, exibiu sua nova coleção de armas, incluindo uma espingarda de choque, uma pistola 9 milímetros e uma submetralhadora Uzi feita em Israel. Ele explicou que havia se desentendido com uma pessoa cuja casa estava tentando comprar e sentiu vontade de ter uma arma Uzi. Axl e Del conversaram sobre o processo pendente de homicídio culposo contra o Judas Priest depois que um jovem norte-americano, fã de metal, se matou e a família culpou as letras satânicas do Priest. Todas as bandas de Los Angeles estavam na estrada, com exceção do Guns. O Slayer e o Motörhead estavam em turnê. O Danzig abria para o Metallica na Europa. Hollywood era agora a linha de montagem da indústria musical, produzindo cabeludos para os desejos insaciáveis dos fãs de metal no mundo todo.

Axl gostava de Del James e concedeu a ele uma boa entrevista. Descreveu seu diagnóstico clínico de maníaco-depressivo e foi o primeiro astro do rock a admitir que tomava remédio para as oscilações de humor. Disse que estava diminuindo as drogas ilegais, deixando isso para os outros membros da banda. Explicou todos os rumores de que estava morto, dizendo que eles aconteciam porque de vez em quando ele gostava de desaparecer por algumas semanas, apenas se escondendo e tentando digerir o que acontecia ao seu redor. Tentou explicar "One in a Million", forjando um sotaque iraniano artificial para imitar os donos de loja de pele morena que ele tanto odiava. Negou que o Guns estivesse ganhando milhões, e deu uma aula convincente de economia para bandas. Falou sobre uma nova música de Izzy em que a banda estava trabalhando, "Double Talkin' Jive".

Axl disse que ficava triste por Slash ter de beber tanto, mas compreendia. "Quando você chega a ponto de ter vários discos de platina, de uma hora para outra está lidando com executivos importantes de gravadoras, advogados e empresários, a MTV e tudo o mais. Você se torna uma dessas pessoas a quem

supostamente era avesso [...] Provavelmente Slash não beberia tanto se não tivesse que lidar com todas essas pessoas. Ele consegue beber uma garrafa tranquilamente e falar com elas. Se eu ficasse bêbado desse jeito, só diria para todo mundo cair fora da porra da minha casa."

Axl disse à *RIP* que tinha medo de pegar aids. Voltou a enfatizar que não usava drogas. "Não posso mais me esconder nas drogas", comentou ele. "E tenho shows a fazer. Não vou mexer com drogas porque isso fode minha garganta."

Conselho aos leitores da *RIP*? "Meu conselho é: não deixe que nada vire hábito, não use a seringa de mais ninguém e não deixe as drogas virarem condição imprescindível para ter bons momentos. Faça as coisas com moderação e tome cuidado." A edição de abril de 1989 trazia Axl na capa, com o grande cano preto da espingarda saindo da virilha e apontado para o leitor de maneira obscena.

Fim de março de 1989. Slash havia deixado o primeiro apartamento em que morou naquele ano. Era uma bagunça constante, com a polícia aparecendo por lá quase toda noite. Tanta gente se amontoava em sua casa que, em geral, Slash fugia após a meia-noite e dormia em sofás de amigos. Um de seus locais favoritos era a casa em West Hollywood da assessora de imprensa Arlett Vereeke, que na época trabalhava para David Lee Roth. Repórteres telefonavam procurando por Roth. Slash atendia o telefone: "Não, ele não está, mas aqui é o Slash, do Guns N' Roses, e posso dar a entrevista".

Em março, Slash se mudou para uma casa alugada mais afastada, no fim de uma estrada de terra, nas colinas acima de Hollywood. A estrada era tão ruim que os taxistas o faziam seguir a pé os últimos 50 metros. Certa noite, uma limusine quase caiu do penhasco. Após escurecer, a paisagem abaixo se espalhava como uma grande lagoa de estrelas piscando. (Ele nunca via a paisagem durante o dia.) A sala principal, decorada com cortinas roxo-escuras, continha pilhas de miniamplificadores vermelhos Marshall e montes de guitarras colecionáveis. Pandora, a novíssima píton de 2,5 metros de Slash,

estava em sua caixa de vidro. As outras cobras recebiam cuidados em outros lugares, enquanto a casa que Slash comprara no outro lado das colinas era preparada para ele.

Três da manhã. A TV estava ligada, uma reprise trêmula da série *Dynasty* sem som. Fitas de vídeo incluíam *Richard Pryor Live*, *Scarface*, *Clube dos cafajestes*, *Sex Boat*. A biografia de Frank Sinatra, escrita por Kitty Kelley, estava aberta na mesa de centro. Slash (camiseta do Metallica, calça jeans preta, pés descalços) serviu um Jack e uma Coca-Cola ao entrevistador Mick Wall. "Cansei da vodca", explicou ele. Quando Slash desapareceu no banheiro e voltou com energia renovada e frases novas, Wall presumiu que ele tinha cheirado fileiras de cocaína. Slash confirmou. O telefone nunca parava de tocar. Adam, o técnico de guitarra, dormia no andar de baixo.

Wall perguntou o que o Guns estava fazendo. "Compondo e ensaiando", respondeu Slash. "Ao menos, era para estarmos." Ele disse que tinha músicas novas, com as quais Axl estava empolgado. "Izzy tem algumas. Eu o trouxe aqui e conseguimos gravá-las em uma fita. Se tudo der certo, Axl virá daqui a algumas semanas e começará a colocar letra e melodia nelas." Slash disse que, em determinado momento, ele e Axl iam alugar uma casa juntos e compor músicas, mas ainda não tinham encontrado nenhum imóvel que fosse grande o bastante para os dois.

A verdade era que o sucesso tinha deixado os membros da banda mais distantes uns dos outros, e isso não era tão fácil de consertar. Slash estava infeliz. Ele precisou negar que a banda estava no auge da empolgação. "Na verdade, não é mais empolgação. A empolgação inicial foram as primeiras turnês; aquilo foi o melhor. Agora, estamos fora da estrada, temos muita grana e podemos fazer o que quisermos. Só que – não tem nada que eu queira fazer além de voltar para lá e tocar, porra. Só quero voltar para a estrada. Agora só vou para um clube e acabo saindo de lá bêbado e totalmente deprimido. Na verdade, é uma experiência bem traumática [...] A coisa fica meio solitária depois de um tempo."

O telefone voltou a tocar. Ninguém atendeu.

Mick Wall insinuou que Slash parecia amargurado em

relação ao sucesso do Guns. Slash desviou o olhar. "É como as músicas que a gente escrevia quando não éramos nada, sendo fodidos o tempo todo, assediados, e éramos forasteiros e oprimidos – essas experiências nos forneceram todo o material de que precisávamos para o primeiro álbum. Só que agora, tipo, a quantidade de besteira que temos de aturar e a quantidade de merda que temos que ouvir das pessoas mudaram. Você não consegue fazer amigos de verdade nem manter um estilo de vida normal. Isso o deixa amargurado, e você começa a escrever com essa verve. Então não é que falte material: é só que ele meio que mudou de uma coisa para outra."

Nem tudo era ruim. Slash havia sido eleito o melhor guitarrista do ano nas revistas *Kerrang!* e *Circus*. A empresa de guitarras Gibson queria comercializar uma Les Paul modelo Slash, com um captador especial Slash "e coisas do tipo. Isso, para mim, é um elogio e tanto. Realmente significa algo para mim, sabe?". Mas alguma coisa não parecia bem para Slash. "É como se esse único álbum tivesse nos levado o mais alto que podemos ir – *um único álbum, porra*. É assustador, cara." E se não houvesse um segundo disco? Slash disse à Gibson que só faria esses acordos quando o segundo álbum ficasse pronto e a próxima turnê do Guns N' Roses começasse pra valer.

"Quer dizer, olha o que aconteceu com o Aerosmith. Eles eram gigantes, e aí, de repente" – estalou os dedos – "*puff*. Não importa quem você seja, uma única banda não faz o mundo girar, e você não pode se levar tão a sério a ponto de pensar que faz."

O telefone continuava tocando. A campainha tocou. "Merda", murmurou Slash. "Não queria companhia hoje à noite." Era Izzy Stradlin às quatro da manhã, depois que os clubes de Hollywood tinham fechado, com uma turma que incluía o roqueiro Billy Squier, cujas músicas à la Zeppelin haviam dominado as rádios e a MTV cinco anos antes. Mick Wall observou: "[Izzy] entrou na sala como um homem tentando evitar um campo minado, um boné molenga caído por cima de um dos olhos, um cigarro pendendo dos lábios pálidos, o rosto e as mãos tão cinza quanto os de um fantasma". Izzy foi direto para a cozinha. "Tem mais

vodca?", gritou ele para Slash.

Slash o ignorou. "Tudo bem!", gritou Izzy. "Eu encontro!". Slash enxotou Izzy e sua turma para o andar de baixo, a fim de conseguir terminar a entrevista. Ele disse a Mick Wall que o Guns estava pensando em aceitar uma oferta dos Rolling Stones para abrir shows para eles em Los Angeles, quando os Stones chegassem à cidade em sua (muito comentada) turnê de retorno aos Estados Unidos no fim de 1989. A gravação de Mick Wall registrou a festa barulhenta no andar de baixo, com Izzy e Billy cantando e tocando guitarra. Slash entrou na cozinha, na esperança de que eles tivessem lhe deixado a garrafa de Jack Daniel's. Izzy apareceu para pegar o violão Martin de 12 cordas de Slash e deslizou com ele escada abaixo. O telefone tocou de novo. A festa continuou por dois dias ou mais, até todo mundo se esgotar.

Vamos explorar esse babaca

Maio de 1989. "Patience", o primeiro single do *GN'R Lies*, foi lançado na Inglaterra e se tornou um hit imediato. Em Los Angeles, rumores continuavam a girar em torno do inativo Guns, histórias improváveis de morte e putaria. Dizia-se que Axl e Slash tinham morrido. Uma das histórias era sobre Steven Adler sequestrado pelos traficantes a quem ele devia dinheiro. Outra, sobre um Duff McKagan enfurecido indo atrás dos tais traficantes com uma espingarda, invadindo, bêbado, um rancho no Valley onde pensava que Steven era mantido prisioneiro e percebendo que estava na casa errada quando um velho assustado começou a ligar para a polícia.

Izzy Stradlin teve a prudência de sair da cidade por um tempo. Viajou pela Europa com a namorada e manteve apenas contato esporádico com o escritório do Guns.

O rumor persistente era que mais tarde, naquele ano, os Rolling Stones chegariam à cidade para quatro noites e tocariam no imenso Los Angeles Coliseum. Os Stones estavam gravando um álbum novo – *Steel Wheels* – que, esperava-se, faria a épica

banda ressurgir das cinzas. O burburinho local era que haviam oferecido ao Guns N' Roses todos os shows de Los Angeles, mas a banda continuava negando esses rumores por meio dos porta-vozes da Geffen. A gravadora também estava analisando inúmeros pedidos da revista *Rolling Stone* para entrevistar Axl. Finalmente concordou, quando a revista prometeu que colocaria Axl na capa, sozinho; que o entrevistador seria seu amigo Del James; e que o fotógrafo oficial do GN'R, Robert John, faria todas as fotos, inclusive a consagrada capa.

Del James chegou ao condomínio de Axl em West Hollywood no fim do dia, em meados de maio. Axl e Erin tinham brigado na noite anterior, e seu apartamento ainda estava um campo de batalha. A grande parede espelhada na sala de estar estava despedaçada. Um violão acústico era uma trágica pilha de cacos no canto. Os álbuns emoldurados de Axl, de ouro e platina, que antes adornavam ordenadamente as paredes ao lado de vários prêmios e troféus, estavam espalhados pelo chão, a maioria sem chance de conserto. Alguém tinha dado um chute num estéreo caro. O telefone tinha sido jogado da sacada do 12º andar. A ira imensa e incontrolável de Axl ainda pairava no ar, como gás lacrimogêneo.

Ele não queria dizer o motivo da briga. Agora, Axl explicava, estava tentando se acalmar, assumir as rédeas das coisas, compor algumas músicas e tentar não ser, em suas palavras, só mais um "rico babaca". Afirmou que atingira sua ambição adolescente, que era vender mais que o álbum de 1976 do Boston. (O *Appetite for Destruction* havia atingido a marca de 12 milhões de cópias vendidas.) Agora ele estava se reorganizando, tentando ser o CEO do Guns N' Roses, aprendendo a se atentar a coisas como marketing e merchandising.

Sua atividade principal era compor músicas, ou, ao menos, tentar. A gravadora queria outro álbum, e rápido. "Estão todos dizendo 'Vamos explorar esse babaca'." Axl ficou satisfeito pelas músicas novas serem mais ricas, na sua opinião, do que as canções antigas: mais emotivas e mais cheias de nuances. Pela primeira vez desde que foi embora de Indiana, ele conseguira comprar um piano e ter um lugar para tocá-lo. ("Durante anos eu não sabia nem onde ia dormir em determinada noite, que dirá

ter um piano.") Compor ao piano fazia surgir baladas, não músicas de rock. Ele mencionou "November Rain" e "Don't Cry", mas quase com a mesma respiração preocupada (e errado não estava) de que o *Appetite* seria "o único álbum bom que faríamos".

Axl estava cansado de tentar explicar "One in a Million", já que qualquer coisa que dizia sobre uma música que ninguém entendia só parecia fazer os críticos odiá-lo ainda mais. Ele confirmou que a banda havia sido excluída de um evento beneficente da Gay Men Health Crisis, à qual David Geffen era afiliado.

Axl insistiu que não era anti-homossexual, apenas pró-heterossexual. Ele não acreditava em atacar gays. "O máximo que faço – a caminho do Troubadour em 'Boystown' [West Hollywood] – é gritar da janela do carro: '*Ei – por que vocês não gostam de buceta?*'. Porque fico confuso. Simplesmente não entendo."

Axl disse que fazia sexo sempre que possível, e deu uma pista sobre seu desentendimento doméstico recente. "Sou uma pessoa que tem vários relacionamentos diferentes. É difícil manter uma relação linear se a outra pessoa não me permite estar com outras. Tenho uma atitude sexual realmente aberta, hedonista. Só porque você não está cem por cento apaixonado por alguém não significa que não goste dessa pessoa. Você pode achá-la atraente e querer tocá-la, passar ótimos momentos com ela. Amor e luxúria andam de mãos dadas, como o bem e o mal."

Questionado sobre música, ele mencionou Derek and the Dominoes, Todd Rundgren, os Bar-Kays, "a Patti Smith do início". Estava começando a conhecer o Cure e gostava do Soundgarden por causa do vocalista, Chris Cornell. Os discos que levaria para uma ilha deserta seriam os do Sex Pistols e o *Queen II*. Disse que nenhuma oferta formal tinha sido feita para o Guns abrir para os Rolling Stones mais tarde naquele ano. Afirmou gostar de ir à praia à noite. Indicou que tinha feito as pazes com o padrasto, afirmando que ele era fã da banda. Com orgulho, disse que havia comprado ternos (e tirou foto com um deles para a capa da *Rolling Stone* – para a qual também se barbeou.) A entrevista, publicada no verão seguinte, terminou com o maior

arrependimento de Axl.

"Não ter falado com Todd Crew antes de ele ir embora para Nova York."

Em junho, Axl e Slash estavam compondo músicas em Chicago. Axl queria mudar de ares, e adorava Chicago. Era a Cidade Grande de sua infância em Indiana. *Batman*, de Tim Burton, acabara de estrear, e Axl foi assisti-lo algumas vezes, tentando aperfeiçoar a risada diabólica que Jack Nicholson tinha desenvolvido para o Coringa.

Eles trabalharam nas duas baladas poderosas de Axl, "November Rain" e "Estranged", em um estúdio de ensaios em cima do clube noturno Metro. Essas eram as épicas autobiografias de amor e perda de Axl, direto do coração, diferente de tudo que ele tinha composto antes. "November Rain" era uma música mais antiga, "Estranged", mais recente. Ambas refletiam a relação turbulenta de Axl com Erin Everly. Axl fez uma prévia das canções para amigos de Indiana e visitantes de Los Angeles em um piano imenso no meio da ampla sala. Enquanto isso, Slash começava a elaborar a bela melodia de guitarra que mais tarde acrescentou em "Estranged", em Los Angeles.

Axl também vinha compondo músicas com West Arkeen durante o verão escaldante de 1989 na Califórnia. Em julho, os dois músicos fizeram uma apresentação no Scrap Bar em Hollywood. Com Arkeen acompanhando ao violão, Axl cantou duas músicas, duas baladas que escrevera com Del James: "The Garden" e "Yesterdays". A sessão foi filmada pela MTV e trechos foram usados para o posterior *Rockumentary* do GN'R. Axl também foi visto em vários clubes de Nova York naquele verão e no início do outono, fazendo a maior farra com alguns membros do Cult, tendo um caso (dizia-se) com uma jovem chinesa muito gata enquanto se hospedava no Mayflower Hotel perto do Central Park. Uma noite, depois que ele a levou para a gravação de um clipe de Michael Monroe (ex-Hanoi Rocks), foi possível ouvi-la gritando com Axl no corredor do hotel, reclamando que ele tinha transado com ela só uma vez naquele dia. Em breve,

todas as histórias do tipo “*Até que ponto Axl Rose está fodido?* ” começaram a se espalhar pela Manhattan noturna como vapores malignos.

Vinte e um de agosto, 1989. Slash subiu no palco com o Great White no South Street Seaport em Manhattan e mandou ver em algumas músicas dos Stones. No dia 26, Axl se juntou a Tom Petty na feira estadual em Siracusa, Nova York, e tocou o sucesso “Free Fallin’”, de Petty, e “Knockin’ on Heaven’s Door”, de Dylan. Isso gerou um pequeno mal-estar, já que Petty era cliente do gerente de talentos de Los Angeles Irving Azoff e corriam rumores de que Axl estava pensando em dispensar Alan Niven. Mas nada aconteceu de imediato em decorrência disso.

Vinte e sete de agosto, 1989. Izzy Stradlin estava em um avião rumo a Los Angeles, onde deveria trabalhar no próximo álbum do Guns, e não estava exatamente feliz com isso. Também estava bêbado. Acendeu um cigarro. “Estava fumando, e a comissária de bordo veio, aí acho que a mandei se foder.” Em seguida a bexiga de Izzy exigiu atenção, mas havia uma extensa fila de gente esperando para usar os banheiros. Então, incapaz de se conter, Izzy se esgueirou até a pequena cozinha do avião, abriu o zíper e mijou na lata de lixo. Quando contaram isso ao piloto, ele pousou o avião em Phoenix. Izzy foi levado para fora da aeronave, preso e acusado de interferir na tripulação do voo e de atentado ao pudor. “Eu me lembro de ter pensado: ‘Ops, estraguei tudo de novo’.” Isso virou notícia em dois tempos. De repente, Izzy Stradlin estava com seis meses de prisão à frente porque tinha um mandado anterior por posse de drogas em Los Angeles. (Um assessor de imprensa da Geffen sugeriu, providencialmente, que urinar em público era só a maneira de Izzy se expressar.)

O tipo de cara que sabe usar drogas

Duas semanas depois, em setembro de 1989, Izzy estava em Los Angeles, hospedado em um hotel perto de Venice Beach. Sua

urina estava sendo testada para drogas, então ele tentava ficar limpo. Certa madrugada, o telefone tocou às quatro horas. Era Slash, ligando de um orelhão. Policiais o tinham parado por dirigir chapado, mas de alguma forma ele conseguira convencê-los a deixá-lo ir. Mais tarde, Izzy disse: "Foi quando ele estava usando muita heroína, sabe? Então ele apareceu com o dia clareando, fodido da cabeça, e o deixei dormir lá. Na manhã seguinte, encontrei duas sondas escondidas no armário. Disse a ele: 'Escuta aqui, babaca, tenho meus problemas e não posso ficar com essa merda por perto'. Na época, eu estava em liberdade condicional havia seis meses".

Uma noite, Izzy estava cercado de gente no Cathouse quando Sharise Neil, loira, peituda e praticante de luta livre na lama, se aproximou dele. Era a esposa de Vince Neil, vocalista do Mötley Crüe. Vince estava fora da cidade, e Sharise, nada tímida, tentou conversar com Izzy, mas dizem que ele supostamente a rejeitou com o mesmo charme dispensado à aeromoça a oito milhas de altura.

Então ela contou ao marido que Izzy, "todo fodido", tinha dado em cima dela e puxado sua camiseta, deixando-a exposta. Ela contou a Vince que havia batido em Izzy e que ele a chutara. Todo mundo no Cathouse viu isso acontecer, afirmou ela. Vince refletiu a respeito e jurou vingança.

No dia 11 de setembro de 1989, Izzy e Axl apareceram no Video Music Awards da MTV no Universal Amphitheater, onde receberam uma estatueta por Melhor Clipe de Heavy Metal/Hard Rock (por "Sweet Child"). Mais tarde, no programa, Izzy e Axl se juntaram a Tom Petty and the Heartbreakers em "Free Fallin". Ao sair do palco, Izzy entregou seu violão e, em seguida, levou um soco na cara de uma silhueta robusta de cabelos compridos que surgiu das sombras. Era Vince Neil, dizendo que Izzy havia maculado a honra de sua esposa. Izzy foi ao chão. O anel de Vince cortara seu lábio. Neil foi arrastado de lá e expulso. Axl correu atrás dele, gritando ameaças de morte. Neil afirma que se ofereceu para lutar com ele, e que Axl recuou. "Só não volte a se meter com a minha banda, OK?" – Axl disse isso e, de acordo com Neil, se afastou.

Mais tarde, Neil afirmou que Izzy pediu desculpas à sua

esposa. Mas isso chegou à imprensa e gerou uma briga embaraçosa, depois que Axl começou a usar as entrevistas para sugerir um duelo entre ele – "facas, armas, punhos, qualquer coisa" – e o exterminador covarde do Crüe. Vince Neil e Nikki Sixx disseram algumas merdas também. Naturalmente, os punhos nunca entraram em ação, e todos eles pareciam criancinhas aos leitores da *RIP*, *RAW*, *Metal Edge*, *Smash Hits*, *Kerrang!*, *Circus*, *Hit Parader* e das outras revistas em cujas capas Axl apareceu ao longo do ano seguinte. (Duff e Slash também ficaram chateados, pois eram conhecidos por farrear com certos membros do Crüe. Tommy Lee até foi um Drunk Fux em uma noite.)

Setembro de 1989. O Guns deveria estar elaborando o próximo álbum com Mike Clink. Axl dizia à imprensa que eles tinham 35 músicas e fariam o disco mais longo que conseguissem. Só que não: Axl e Slash não estavam se falando, e Steven Adler não podia tocar bateria. Duff bebia, e ele e Mandy andavam se desentendendo. Os membros da banda nunca se viam. Não havia nenhum novo álbum.

Slash: "A banda se afastou. Fizemos o primeiro álbum quando morávamos num só cômodo. Agora, estávamos em nossas casas. Slash aqui, Axl lá. Duff está aqui, e não sei onde Steven mora. É tipo, 'Duff, podemos ir praí?'. E ele diz: 'Bem, o jardineiro vem hoje'. Era uma nova experiência para nós, e levamos um bom tempo para nos ajustarmos a ela".

Slash também fazia alguns ajustes para se tornar, como mais tarde ele colocou, "um grande viciado em heroína". Sua amada avó morrera no verão, piorando ainda mais as coisas para Saul Hudson. A heroína o ajudou a passar por essa perda dilacerante. Porém, para os colegas, o narcótico estava roubando a energia da banda. Dizem que Axl estava furioso. Mesmo o usuário veterano Izzy Stradlin estava chocado: "[Slash] estava uma zona. Ele é um ótimo cara e tudo o mais, mas não consegue monitorar seu consumo, e o resultado é que está sempre ferrando tudo: deixando heroína na mesa quando tem polícia chegando; acenando para a própria comida nos restaurantes [...] Slash *não*

é o tipo de cara que sabe usar drogas. Ele é muito descuidado [...] faz muita merda – como usar heroína no apartamento de outras pessoas".

Slash estava tão fora de si que pegava emprestado o carro dos amigos e se esquecia de onde o tinha deixado. Andava pelo Rainbow tentando pegar dinheiro emprestado para poder se dar bem. Era vergonhoso. Seu empresário e seus amigos tentavam obrigá-lo a frequentar programas de reabilitação com o mesmo pessoal que ajudara o Aerosmith, mas Slash nunca ficava muito tempo. Alan Niven e a esposa hospedaram Slash em casa e suportaram uma maratona abrupta de desintoxicação que durou dias. Slash teve uma recaída imediata. Então, pouco antes do show dos Stones – a maior performance da carreira do Guns até então –, Slash começou a ser encontrado tarde da noite, inconsciente, deitado na sarjeta de vários clubes, às vezes sem o relógio, a carteira e as botas de caubói.

"Aquilo estava ficando lamentável", afirma o fotógrafo Robert John. Nessa mesma época, ele foi à casa de Slash em Walnut Drive fotografar uma sessão de capa para a *RIP*. Slash pediu licença para tomar banho e não voltou mais. Robert o encontrou caído no chuveiro, fumando um cigarro. Fez algumas fotos de Slash pelado, embaixo da fumaça, os olhos fechados em um devaneio movido a papoula. A revista divulgou as fotos após algumas semanas como um retrato honesto da vida de um astro do rock norte-americano.

No início do verão de 1989, Axl basicamente disse que a banda deveria editar o álbum sem ele, que faria os vocais quando eles gravassem as faixas. De acordo com alguns relatos, Duff, Slash e Steven Adler trabalharam esporadicamente em Chicago por vários meses naquele ano. "Esperamos Axl e Izzy", lembrou Duff, "mas Axl tinha alguns motivos para não aparecer. Ele estava esperando que fizéssemos nossa parte, como músicos. Izzy [...] estava em um momento difícil da vida e viajava pela Europa. Então nós três ficamos três meses em Chicago, e meio que ficamos deprimidos. Mas também fizemos algumas coisas, e acho até que talvez tenha sido uma vantagem [após um longo período

de inatividade].”

Axl contou a Mick Wall que os membros da banda tinham brigado feito cães em Chicago, e até se culpou. Disse que ligou para Slash no meio da estrada enquanto dirigia pelo país em sua caminhonete, e que Slash reclamou que as coisas não estavam caminhando. Quando ele chegou, começou a mexer na música de Duff, atrapalhando os riffs de Slash. “Achei que estivéssemos numa maré de sorte. E então decidiram que eu era um ditador, sabe? Sou um ‘total ditador’ e ‘um babaca totalmente egoísta’. Slash ficou, tipo, ‘Não estamos conseguindo terminar nada’. E eu, ‘Como assim – acabamos de fazer seis trechos de músicas novas!’. Parecia que estávamos girando em círculos.”

Em outubro de 1989, o Guns N’ Roses se recolheu em Hollywood para recuperar a energia que ainda restava na banda, a fim de mais tarde, naquele mês, conseguirem dar conta dos esfuziantes Rolling Stones por quatro noites. Ofereceram ao Guns 400 mil dólares por duas noites em Los Angeles Os dois shows tiveram ingressos esgotados em minutos. Foram acrescentados mais dois shows em Los Angeles, com o Guns ganhando mais 600 mil dólares. Até então, aquele tinha sido o pagamento mais alto para a banda. Mas nenhum membro dela estava lá essas coisas, e dizem que Axl logo mudou de ideia e não quis continuar. A banda não tocava junto desde a Nova Zelândia nove meses antes, e, aparentemente, desde uma vida inteira. Agora, o Guns era a segunda banda num line-up de três. A banda de abertura dos shows seria o virtuoso trio de metal Living Color, cujo guitarrista, Vernon Reid, vinha sendo instigado pela mídia para reagir ao racismo de “One in a Million” no palco do Coliseum diante de 70 mil pessoas.

No dia 10 de outubro, o Guns tentou gravar um clipe para “It’s So Easy”, no caso de a antiga faixa precisar ser o próximo single da banda. A equipe de filmagem se instalou no Cathouse. Erin Everly deveria aparecer no clipe, vestida com um provocante conjunto de couro preto estilo BDSM. Havia chicotes no cenário. Um visitante surpresa foi o tio postiço de Slash, David Bowie, que talvez tivesse tomado algumas antes de chegar.

Bowie começou a dedicar muita atenção a Erin, sem perceber que ela era a namorada do vocalista louco. Axl percebeu e encerrou tudo em um piscar de olhos, empurrando e xingando, provavelmente sem perceber quem estava dando em cima de sua mulher seminua e estonteante da cabeça aos pés. Às pressas, David Bowie bateu em retirada, seguido por Axl e todos os outros. A história saiu nos jornais. O clipe nunca foi finalizado.

Axl nem sequer tinha certeza de que o Guns poderia se apresentar em 18 de outubro de 1989, data do primeiro show dos Stones. Porém, em vez de ensaiar com a banda, ele aceitou o convite da *RIP* para tocar na festa do terceiro aniversário da revista, no dia 13 de outubro. O Guns N' Roses começou o show à uma da manhã no Park Plaza Hotel no Echo Park, próximo ao centro de Los Angeles, depois que os bombeiros expulsaram mil pessoas do salão lotado do hotel. A banda deu um show improvisado, mas convincente, a última apresentação em salão pequeno que o Guns N' Roses faria.

Depois, Axl disse algo a Izzy sobre não querer mais abrir para os Stones. Izzy não conseguia acreditar. A banda poderia se arruinar no ápice da carreira. Izzy Stradlin disse à namorada que seria preciso uma porra de um milagre para fazer o Guns N' Roses durar até a semana seguinte.

"Mixed Emotions"

O dia clareava em Los Angeles em uma manhã amena de sexta-feira, 18 de outubro de 1989. O telefone de Izzy Stradlin tocou às seis horas, e ele atendeu porque sabia quem estava do outro lado da linha. De acordo com Izzy, Axl Rose estava "totalmente chapado". Ele disse a Izzy: "Estou saindo da banda". Eles se falaram um pouco e, em seguida, Axl desligou o telefone.

Algumas horas depois, quando Izzy entrou no camarim do Guns N' Roses nas entranhas do Coliseum, ele olhou para a banda e disse: "Meus amigos, serão quatro *longos* dias".

W. Axl Rose chegou ao backstage do Los Angeles Coliseum no início da tarde. Fã dos Rolling Stones desde criança, ele nunca tinha visto a banda se apresentar nem conhecido seus integrantes, que dirá abrir para eles, como faria mais tarde, naquela noite. Axl observava, fascinado, Mick Jagger dar ordens à sua tropa como um general em campo de batalha. O outrora primitivo Rolling Stones, originalmente uma banda de cinco integrantes, agora consistia de 15 músicos no palco, com uma equipe de apoio de cerca de 200 pessoas. O palco era um andaime gigantesco, que lembrava uma usina de aço enferrujada ou a plataforma de lançamento de um foguete obsoleto.

Axl Rose notou que, entre os ensaios de algumas das músicas novas dos Stones – "Mixed Emotions", "Rock in a Hard Place", "Terrifying" –, Mick revisava documentos de assessores, assinava cheques, recebia ligações de Jack Nicholson e Warren Beatty. Axl também reparou no novo tecladista de Jagger, Matt Clifford, que parecia ser o diretor musical dos Stones – a mando de Jagger. Axl pensou que talvez ele também devesse ter um tecladista no Guns N' Roses para mantê-lo na linha, como Mick fazia. E, talvez, se Mick Jagger podia ser um total ditador e tomar a frente de todas as coisas, talvez também isso funcionasse na banda de Axl. W. Axl Rose, filho do falecido William Rose, que morreu assassinado – *o que ele tinha feito para acabar assim?* –, já devia ter um truque na manga, uma carta que jogaria naquela noite diante de várias pessoas.

Após a passagem do som, Axl ficou nos bastidores observando, sentado em cima de um amplificador, quando Mick Jagger foi até ele. Axl ficou surpreso, porque Mick não conversava com ninguém, e ninguém deveria incomodá-lo. Havia um cavalheiro de óculos e olhar terno acompanhando Jagger: Eric Clapton.

Jagger, com seu sotaque britânico: "Então, Axl? Se meteu em uma briga com David Bowie, certo?".

Axl: "Acredita? E eu, tipo... contei a história verdadeira bem rápido, e eles se fecharam no próprio mundinho, bem na minha frente, falando sobre o fato de se conhecerem há anos. '*Bem, é claro, quando David fica bêbado, ele se transforma no diabo*

sangrento de Bromley, não é?' Eu nem fazia parte da conversa, só estava ali sentado, e de vez em quando eles me perguntavam uma coisa ou outra, e aí voltavam a falar do Bowie. Fiquei pensando: *uau*!". No fim, Jagger pediu licença, dizendo que tinha umas papeladas para resolver.

"Ele checava tudo", disse Axl. "*Tudo*, porra. Cada detalhezinho, desde o pagamento dos backing vocals até quanto estavam pagando pela parte do assessor de imprensa. Ele estava por dentro de tudo."

Enquanto isso, Slash estava tendo um dia ruim. "Na época, eu estava no fim de um problema muito, muito sério com heroína", disse ele mais tarde. "Senti que *precisávamos* fazer os shows com os Stones para reunir a banda. A gente *nunca* se via. Eu estava naquelas [com a heroína]; só três de nós ensaiavam com regularidade. Eu queria fazer o show – mesmo que nossa gerência fosse contra." Mais tarde, Slash afirmou que havia feito um acordo claro e prévio com a banda, os empresários e a gravadora de que iria ficar limpo depois dos shows.

Dezoito de outubro de 1989. Era uma bela noite no sul da Califórnia. Setenta mil fãs de rock ocupavam seus lugares quando o Living Color subiu no palco sob o reluzente anoitecer. Conforme esperado, o guitarrista Vernon Reid fez comentários sobre racismo. Ele disse que todo mundo que ofendesse os negros, sobretudo em uma música de rock ouvida por tanta gente, estava vendendo preconceito, e isso não era legal, independentemente da quantidade de desculpas que alguém tentasse dar. Houve alguns aplausos dispersos do público, composto em sua maioria de brancos e ricos, e que possivelmente sentiam o mesmo que Axl em relação a negros predadores, gays que espalhavam aids e imigrantes iranianos grosseiros.

No camarim do Guns N' Roses, o clima estava moderado. Slash se escondia atrás dos cabelos, dedilhando o violão. (Estava

usando speedballs – cocaína e heroína.) Seu traficante tinha passe para os bastidores. No show, haveria três trompetistas com roupas de couro (os Suicide Horns), ancorados pelo irmão de Duff, Matt McKagan, no trombone. Steven Adler estava hiperativo, um pouco inchado. Izzy mantinha a cabeça baixa, sem fazer contato visual. Estavam bebendo Jack, ouvindo a fita sortida pré-show: Prince, Fear, Faith No More, Live, Metallica, Cameo.

Mas... nada de Axl Rose. Onde diabos ele estava?

Os shows de Los Angeles estavam nas manchetes de vários jornais dos Estados Unidos naquele outono. Agora, pessoas do passado de Axl tentavam contatá-lo. Axl ficou espantado ao ver que uma delas era seu tio, irmão de seu pai biológico, o desaparecido e dado como morto William Rose.

"O irmão dele me ligou", disse Axl mais tarde a um repórter, "mais ou menos na época dos shows dos Stones, e fiz meu irmão falar com ele. Não nos falamos, porque eu precisava manter essa distância. Mas confrontei minha mãe e finalmente ela me falou sobre isso, e aí me contaram que meu pai estava morto. De qualquer modo, ele estava destinado a isso – um tipo muito desagradável, pelo que diziam." (Mais tarde, um investigador soube apenas que William Rose provavelmente tinha sido morto em 1984: baleado à queima-roupa e enterrado em uma mina de 11 quilômetros, em algum lugar de Illinois.)

Essa informação veio em má hora, pois fez Axl ter uma queda depressiva. O gerente de turnês Doug Goldstein disse a um repórter que Axl ficou mais de 40 horas sem dormir antes do show.

No Coliseum, eles começaram a entrar em pânico por volta das seis horas da tarde. Nada de Axl, ainda. Eles não conseguiam encontrá-lo em lugar nenhum. Izzy disse a Doug Goldstein que achavam que Axl não viria. Ele não atendia o telefone. Finalmente atendeu, com uma voz cansada e profundamente deprimido. Alguém disse a ele que fizesse o show. Robert John:

"Descobrimos que Axl ainda estava em casa, e Alan [Niven] mandou que eu fosse pegá-lo. Eu o apanhei no apartamento de Erin em Beverly Hills. Ele e Erin estavam brigando, ou coisa assim. Ele disse que queria sair da banda porque Slash não parava de usar heroína, mas não levei a sério".

O Guns N' Roses entrou às 21 horas, tocando em frente à parafernália pós-industrial dos Stones. A multidão fez um barulho estrondoso por seus heróis locais, o mais alto que os músicos já tinham ouvido. Aparentemente correu tudo bem com a primeira música, então chegou a hora de "Mr. Brownstone", durante a qual Axl geralmente falava com a plateia sobre o uso de drogas, de uma forma ou de outra. Ainda com os óculos aviador, olhando para baixo enquanto falava, Axl foi até a beira do palco, ajustou o suporte do microfone e deixou todo mundo maluco.

"Só quero dizer que... odeio ter que fazer isso no palco... mas eu tentei – de tudo quanto foi jeito... E, a não ser que certas pessoas da banda deem um jeito de se recompor... esses serão os últimos shows do Guns N' Roses que vocês verão, porra." [Gritos do público.] A gravação mostra Slash segurando a guitarra, mexendo-se, olhando para baixo, pensando em se mandar e se demitir naquela hora e naquele lugar.

Andando de um lado para outro como um pastor pentecostal dos infernos repreendendo seu rebanho, Axl continuou: "Porque estou cansado... desse monte de gente, nessa organização... DANÇANDO COM O MALDITO SR. BROWNSTONE!".

Esse era o sinal para iniciar a música, mas Mr. Brownstone começou bem lentamente, já que a banda percebeu que Axl acabara de ameaçar ir embora na frente da cidade inteira. Isso era algo inédito. Mick nunca tinha denunciado Keith como viciado no Wembley Stadium. Paul McCartney nunca havia detonado John Lennon no *The Ed Sullivan Show.* Mesmo os ataques de Johnny Rotten a Sid Vicious aconteciam mais nos bastidores. Aquilo era novidade, uma intervenção pública, um humilhante chute no saco que ficaria ainda pior no dia seguinte.

A banda entrou em choque e o restante do show foi péssimo. Quando acabou, eles só ficaram em seus lugares no palco, com cara de atordoados, porque ninguém queria dar de cara com

ninguém nos bastidores. Ouviram Axl dizer a David Lee Roth que três caras da banda estavam fora, e depois foi embora do local. Eles ficaram chocados. Ninguém conseguia acreditar na merda que Axl tinha feito.

Antes que os Stones subissem no palco, Mick Jagger foi informado de que Axl poderia pular fora. Seu advogado ouviu a gravação dos comentários de Axl e entendeu que o vocalista apenas *alertara* de que "aqueles shows" – uma grana e tanto para o Guns – podiam ser os últimos da banda. Ao que parece, havia pouco perigo iminente para os Stones: mas Rose tinha fama de ser volúvel e, definitivamente, havia ameaçado sua banda – em público. Mais tarde, naquela noite, o pessoal dos Stones trocou uma palavrinha com o pessoal do Guns, sugerindo discretamente uma ação legal esmagadora se o Guns N' Roses não aparecesse, conforme contrato, para mais três shows. O contador do Guns supostamente informou que a banda seria processada em quase 2 milhões de dólares se Axl cancelasse.

Os Rolling Stones tocaram bem naquela noite. Mick Jagger – em tom zombeteiro – dedicou "Mixed Emotions" a Axl Rose. "Button your lip, baby" [Feche a matraca, meu bem].

Os Stones receberam elogios no dia seguinte. As resenhas sobre o Guns foram mornas, focadas na questão do racismo e na ameaça pública de Axl. O *L.A. Times* escreveu que algum dia a verdade sobre a ira de Axl viria à tona, como se ele escondesse algum segredo obscuro e sujo. Isso o deixou furioso. Mas as atitudes de Axl haviam roubado todo o burburinho da noite de estreia dos poderosos Rolling Stones. "Um verdadeiro showman", chamou-o mais tarde Mick Jagger com um sorriso maldoso.

As críticas ruins fizeram Elton John enviar um exagerado buquê de flores ao vestiário do Guns na segunda noite. No cartão, estava escrito: "Não deixe que esses bastardos acabem com você. Também odeio todos eles. Com amor, Elton".

A segunda apresentação do Guns N' Roses no Coliseum aconteceu após acaloradas negociações – pelo telefone. Duff recordou: "Eu estava de saco cheio do Axl [...] porque eu não era um dos caras de quem ele falou. Então fiquei furioso. Mas no dia

seguinte estávamos juntos no telefone, e deu tudo certo porque ele explicou seus motivos para ter feito aquilo. E desabafou muito sobre um monte de merda [...] o fato de a banda não ter se reunido em Chicago, coisas assim. Eu estava com muita raiva de Axl, mas ficamos no telefone e entendemos de verdade o que estava acontecendo. Não reprimimos nada. Talvez não tenha sido o lugar certo [para Axl explodir], mas com certeza funcionou".

Slash e Steven Adler, e, em menor grau, Izzy, disseram que mudariam – depois que os shows de alto risco acabassem. Slash: "Axl disse que só se apresentaria [no segundo show] se eu concordasse em subir no palco e pedir desculpas – o que recusei". No entanto, na noite seguinte, Axl saiu do palco durante os comentários habituais de Slash, por volta da metade da apresentação. Houve gritos e urros quando Slash se aproximou do microfone. Em seguida, 70 mil pessoas fizeram silêncio enquanto Slash (usando uma camiseta da Betty Ford Clinic) disse o seguinte:

"Escrevem muita coisa sobre a relação da nossa banda com as drogas. Muito é besteira. Um ou outro ponto é verdade [...] Eu me lembro de vir aqui quando adolescente para ver o Aerosmith, o Van Halen e os Stones, sonhando em ficar aqui em cima. Bem, na noite passada eu estive, e nem sequer me dei conta [...] Ficar chapado não é tudo o que há. Ninguém desta banda defende heroína [...] Não seremos uma dessas bandas fracas que se separam por causa dela."

Em seguida, Axl voltou ao palco e falou no microfone: "Só não quero mais ver nenhum de meus amigos ir embora". Então a banda começou "Patience" e o show continuou.

A sinceridade (e evidente dor) de Slash comoveu o público. "Apenas me abri e disse o que sentia em relação à heroína, e o que ela faz às pessoas, e como as pessoas morrem por causa dela, e como isso é foda. Era o que sentia. Mas na época eu era viciado. Nunca cheguei a ser viciado em *cocaína* também. Não foi um pedido de desculpas. Foi uma espécie de explicação. Eu disse o que disse, e Axl veio [para o palco], e tudo se acalmou [entre nós], porque o que falei foi cem por cento honesto."

Essa foi a interpretação que Slash tentou dar ao episódio. Mas o que se divulgou imediatamente na Strip foi que Axl havia

humilhado Slash na frente dos fãs. Essa atitude não era lá muito rock and roll. Anos depois, Slash contou a verdade à VH1: "Eu sabia que tudo aquilo era para mim, porque na época estava realmente detonado. Mas provavelmente foi uma das coisas que me fez odiar Axl mais que tudo. Algo pelo qual nunca vou perdoá-lo, sem nem pestanejar".

O Guns N' Roses tocou melhor nas duas últimas noites dos Stones, nos dias 21 e 22 de outubro de 1989. Durante o terceiro show, Axl começou um discurso sobre uma crítica no *Los Angeles Times* que o comparara com o incontrolável Jim Morrison. "Não sou racista, porra", bradou. "Isso é arte, cacete, *é como me sinto*. Se não gosta, não ouça, caralho. Simples assim. Foda-se [o jornal], porque quem está no palco hoje à noite sou eu."

Mick Jagger ficou impressionado com a reação do público ao Guns, incomumente feroz para uma banda de abertura, ainda que local, em um estádio cheio de fãs dos Stones. Ao mesmo tempo, ele comentou que, assim como o Clash antes deles, o Guns tinha um fator de obsolescência embutido. Mas após o quarto show, Jagger convidou Axl para se juntar aos Stones quando tocassem em Atlantic City no fim da turnê. O show final seria um evento imenso com superastros como convidados, e seria transmitido para um público de elite e assinante de TV a cabo no mundo todo. Axl Rose disse que pensaria a respeito.

Uma época bem louca

Depois que os Stones foram embora da cidade, tudo ficou tranquilo por um tempo. Em certos lugares, achava-se que Axl Rose havia desviado (astutamente) a atenção negativa de seu suposto racismo ao expor seu guitarrista como um drogado. Em alguns círculos, Axl também era admirado por ter desviado a atenção da mídia para si mesmo, e não para a grande volta dos

Stones. Ele contou a um repórter que, mais tarde, a mãe e o irmão de Slash o cumprimentaram e agradeceram pelo que fez, porque à época o guitarrista participou de um programa de 12 passos ("forçado a fazer reabilitação", nas palavras dele) e estava bem melhor.

Ninguém podia dizer o mesmo de Steven Adler, que não se importava em ficar limpo. Ele apenas mentia para a banda que não estava usando drogas, dando início a uma queda da qual nunca iria se recuperar.

Robert John afirma que muitas pessoas próximas do Guns consideravam que Axl tinha feito a coisa certa. "O clima que pairava sobre a banda ficou muito tenso depois dos shows [dos Stones]", diz ele. "Todos víamos que Axl estava dando 150 por cento de si, *toda noite*, e ele queria que os outros membros da banda também dessem. Ele estava chateado pra cacete. Por fim, se cansou do pessoal estragando as coisas. E, sim, eles ficaram limpos. Ou melhor, Slash e Izzy. Mas quer saber? Para compensar, eles bebiam mais."

Jeff Fenster recorda que o incidente tornou obsoleta a imagem mais prezada que o Guns tinha de si mesmo: a gangue de rua de traficantes desesperados. "As consequências disso foram *intensas*", afirma ele. "Imediatamente, as pessoas começaram a falar a respeito. Para alguns de nós, da Geffen, não foi nenhuma surpresa, porque havia meses Axl vinha reclamando – muitas vezes, com amargura – das drogas. Agora, todo mundo podia enxergar a tensão impressionante na banda. Ficou registrado que não se tratava mais de uma gangue. Uma página havia virado. Agora, Axl era sua própria gangue."

Mas pessoas próximas a ele sabiam que era isso que Axl Rose queria. Ele tinha visto como Mick Jagger controlava uma banda de 27 anos, assim como a "marca" Rolling Stones. Axl começou a dizer às pessoas que não o chamassem mais de ditador. "Vá trabalhar para os Rolling Stones por um tempo", ria ele, "aí você verá o que é um ditador *de verdade*."

"Como demos conta desses shows [dos Stones], nunca saberei", disse Izzy mais tarde. "Tinha merda demais caindo sobre nós: o clima de desistência de Axl, o problema com as drogas, o problema de Steven, a questão do racismo. Cheguei a ter

uma audiência no tribunal [por ter mijado na lata de lixo do avião] às oito da manhã depois do último show dos Stones, e podia pegar seis meses de cadeia porque já tinha uma acusação prévia, se os advogados não pudessem cuidar disso. Então foi uma época bem louca."

De alguma forma, o Guns conseguiu se manter unido – por um tempo. Porém, embora na época ninguém conseguisse prever isto, os shows de abertura para os Stones foram os últimos tocados pelos cinco caras originais da banda pós-punk da Sunset Strip chamada Guns N' Roses.

Alguns dias depois de tudo isso, David Bowie tentou pedir desculpas a Axl por ter dado em cima da mulher dele. Foi planejado um encontro, por intermédio de Slash, em um restaurante chique de Hollywood, onde Axl e sua turma deselegante (ex-roadies, Izzy) chegaram de jaquetas de couro e óculos de sol espelhados. David Bowie se aproximou da mesa deles e se inclinou perto de Axl para pedir desculpas. Alguém esbarrou no braço de Axl e sua mão roçou os olhos de Bowie. Bowie apertou os olhos, disse "Ah, MERDA!" – como se alguém o tivesse cegado, e depois riu como se fosse piada. Axl agradeceu a Bowie, dizendo a ele que nunca ninguém havia lhe pedido desculpas por nada. Depois, foram ao China Club, onde encheram a cara. Axl, sobre Bowie: "Nunca conheci ninguém tão maneiro, tão por dentro [do negócio musical], tão zoado e tão maluco – em toda a vida. Quero dizer, sou bem maluco, mas esse cara é simplesmente *insano*". A conversa com Bowie, herói veterano do rock, levou Axl a uma séria reflexão. "Estava pensando com meus botões, *Tem mais 20 anos disso aí à minha espera? Eu já sou assim! Mais 20 anos?* Foi pesado, cara."

Mais ou menos na mesma época, um familiar de Duff McKagan – supostamente um cunhado – deu a Duff uma ideia para investimento. Havia umas empresas interessantes sendo abertas na região de Seattle, e, se Duff quisesse investir um dinheirinho, poderia ter um belo lucro algum dia. Então Duff deu 50 mil

dólares a seu parente. Acontece que as startups viraram a Microsoft e a Starbucks Coffee. Quinze anos depois, diz-se que o lucro estava girando em torno de 15 milhões de dólares, e Duff nunca mais teria que trabalhar de novo a menos que quisesse.

Os três últimos shows norte-americanos da turnê Steel Wheels dos Stones foram feitos no Convention Center em Atlantic City, Nova Jersey, em três noites de dezembro de 1989. Axl havia concordado em participar, bem como da transmissão internacional do último show, no dia 20 de dezembro, como artista convidado – mas sob certas condições. A principal era que ele escolheria qual música dos Stones cantaria com Mick Jagger. A segunda era que Izzy Stradlin também aparecesse no palco. Já que tocar com os Stones era um sonho impossível que ele e Izzy compartilhavam desde os 14 anos em Indiana, Axl decidiu realizar esse sonho para ambos.

Izzy chegou primeiro em Atlantic City, no dia 16 de dezembro. Telefonou para o escritório do Guns a fim de descobrir onde Axl estava, mas ninguém sabia. Disseram que talvez ele estivesse indo para o leste, mas não tinham a menor ideia. Izzy foi até o centro, onde os Stones estavam ensaiando, e foi efusivamente recebido por Ron Wood, seu antigo cliente de heroína da época do beco. O amigo e convidado Eric Clapton ensaiava seu solo de guitarra para "Little Red Rooster". A lenda do boogie John Lee Hooker ensaiava sua parte com a seção rítmica dos Stones.

Roonie Wood perguntou a Izzy qual música eles queriam tocar. "Escolhemos 'Salt of the Earth'", lembrou Izzy, "mas eles disseram que não sabiam tocar! E eu pensando, *Caralho, vocês a escreveram – uns 20 anos atrás. Devem se lembrar um pouco dela.*" Levaram Izzy para a sala de afinação, uma casa móvel estacionada nos bastidores. Colocaram uma fita de *Beggar's Banquet* em um pequeno gravador, e Mick ouviu a música com a letra em mãos. "E lá estava eu tocando guitarra com Keith [Richards], e Charlie [Watts] e Bill [Wyman] estavam sentados ali, escutando, e eu pensando, *Isto é tããããããão legal.*

"Por fim, terminamos a música. Todos se viraram para mim

e perguntaram, 'E então, cadê seu vocalista?' E eu não sabia o que responder. Axl estava atrasado de novo – atrasado pra valer."

W. Axl Rose chegou em Atlantic City a tempo para o primeiro show no dia 17 de dezembro. "O atraso dele estava deixando Jagger irritado", comentou um funcionário do Guns. "Era uma atitude típica de Axl, supostamente para mostrar quem de fato estava no comando." Jagger, para dar o troco, os fez subir no palco mais tarde naquela noite: "Temos alguns convidados especiais hoje à noite [...] Eles abriram para nós em L.A. [gritos] e têm nos acompanhado desde então, em uma velha van detonada [...] E eles percorreram todo esse caminho de volta para retocar as tatuagens! [Wood ri] Com vocês, Axl e Izzy, do Guns and Roses! [gritos altos]".

Axl entrou no palco com seu traje de estampa de esqueleto da cabeça aos pés, uma camiseta de *Exile on Main Street* e um boné de beisebol virado para trás por cima da bandana, acompanhado por Izzy com um violão. Muito animado, fazendo a dança da serpente agora familiar, Axl roubou totalmente o "Salt of the Earth", ofuscando Mick Jagger em frente a um público de TV internacional e injetando um pouco de sua paixão assustadora no revival roqueiro dos Stones. Axl também apareceu mais tarde, quase no fim do show dos Stones, para cantar como backing vocal em "Sympathy for the Devil". Ele e Izzy repetiram essas apresentações por mais duas noites em Atlantic City, depois pegaram um voo de volta à Califórnia para passar o Natal em casa.

O ano ainda não tinha acabado. Duff McKagan expulsou a esposa de casa no dia de Natal. "Ela disse que me odiava, e eu disse a ela para cair fora, e ela fez isso. Foi o pior Natal que já tive." Duff e a esposa estavam juntos havia três anos, e ele ficou extremamente chateado. (Dizem que Axl e Erin também brigaram naquele dia.) Uma semana depois, Duff apareceu no China Club, na véspera de Ano-Novo. Olhos vermelhos, barba por fazer, desgrenhado, perturbado, ele tentou entrar no espírito do show do Bang Tango. Era sua primeira noite na cidade desde que sua esposa havia ido embora. Mas então alguém lhe disse algo desrespeitoso. Duff entregou sua carteira a Del James, virou-se em seguida e arrebentou a cara do grandalhão. Uma briga

começou, e Duff saiu pouco antes da chegada da polícia. Sobre 1989, ele disse mais tarde que foi “um ano muito duro para todos os membros da banda”.

Capítulo 10
MEMÓRIAS RECUPERADAS

Se seu dedo está gangrenado, o que você faz? Deixa a mão inteira, depois o corpo, se encherem de gangrena? Ou corta o dedo? O que traz corrupção a um país e a seu povo precisa ser arrancado como ervas daninhas que infestam uma plantação de trigo.

– *Aiatolá Khomeini*

Nós somos assim

Janeiro de 1990. O presidente George Bush enviou os fuzileiros navais ao Panamá para derrubar Noriega, o implacável ditador e traficante de cocaína. O ditador se refugiou na embaixada do Vaticano. Os norte-americanos fizeram com que ele se rendesse tocando fitas do Guns N' Roses e do AC/DC em um volume de sangrar os ouvidos por 72 horas sem parar. Os romenos tinham acabado de executar seu próprio ditador sem escrúpulos, Ceauçescu. O implacável ditador do Iraque, Saddam Hussein, começou a ameaçar o Kuwait e os xeiques consanguíneos que exploravam as vastas reservas de petróleo do pequeno país. E o implacável ditador do Guns N' Roses, W. Axl Rose, foi visto visitando o túmulo de Jim Morrison no cemitério Père-Lachaise, em Paris, uma visita sentimental de um astro do rock para outro. Axl deixou um cigarro aceso no túmulo simples de Jim.

Agora já fazia dois anos e meio que o *Appetite for*

Destruction havia sido lançado, e estava vendendo bem, mas a Geffen Records queria um novo álbum do Guns. Alguns executivos visionários da Geffen já sugeriam que o Guns (e o "hard rock" em geral) poderia estar obsoleto. Em Seattle, as novas bandas grunge que acabariam substituindo o metal nos estacionamentos das escolas de ensino médio norte-americanas estavam começando a tomar forma. Na Inglaterra, grupos novos como o Primal Scream e o Happy Mondays tentavam criar algo diferente: trance rock, hardcore hipnótico. O *Achtung Baby*, do U2, e o *Pump*, do Aerosmith, estavam em produção, dois álbuns que alguns fãs consideram as duas últimas obras-primas de todo o movimento hard rock que se espalhara durante o último quarto de século, desde 1965.

Mais tarde em janeiro, quando Axl Rose voltou a Los Angeles, a banda tentou trabalhar no Rumbo Sound. Mas a química essencial do Guns tinha desaparecido. Slash parecia melhor, mas Duff estava se divorciando e bebendo mais do que nunca. Izzy Stradlin tinha parado discretamente de beber e usar drogas, e, portanto, não gostava mais de sair com os amigos viciados. A última vez que bebera tinha sido com Keith Richards e Ron Wood. Izzy: "Eu tinha chegado a um ponto em que disse 'Vou acabar me matando. Pra que morrer por esta merda?'". Izzy se mandou para um lugar onde não conseguisse comprar nenhuma droga, e sofreu um pouco. "Então comecei a beber, mas parei após alguns meses. Álcool não é bom para meu sangue ameríndio. Eu não podia mais estragar tudo. Havia usado todos os meus cartões de 'sair da prisão'." Izzy passaria boa parte do ano seguinte viajando, visitando a Alemanha, a Espanha, a Inglaterra, Amsterdã e Paris. Contou aos amigos que às vezes sentia falta das drogas, "mas não de toda a merda que vinha junto – os ferimentos, os furtos, as drogas ruins, o aborrecimento diário".

E aí havia Steven Adler, em meio à agonia de sua incrível missão suicida. No estúdio, Slash olhava enojado para seu velho amigo, enquanto Steven tentava tocar bateria. Apesar de negar com firmeza que estava usando heroína, ele cochilava no banco do bumbo, tentando ficar sentado, quase tocando o chão com a

cabeça. Adler insistia que não estava chapado, apenas cansado. Eles conseguiram fazê-lo tocar semiprofissionalmente em uma música, "Civil War", depois o obrigaram a ir a outra reabilitação. Também não funcionou.

Mais tarde, Adler tentou explicar esse período: "Eu queria largar a heroína e [...] é que só comecei a usar isso por causa dos outros caras [da banda]. No primeiro dia fiquei mal, chamei meu empresário e disse 'Cara, estou bem mal'. E ele me levou ao médico dele, que me deu um bloqueador de opiáceos [...] e aí fiquei totalmente mal, mas eles queriam continuar e gravar 'Civil War'. Eu disse ao Slash: 'Cara, estou tão mal que não posso fazer isso agora'. E ele disse: 'Não podemos jogar dinheiro fora, precisamos fazer – *agora*'".

Steven não conseguia parar de usar heroína, e sua vida virou uma espiral em queda livre. Ele mentia para a banda e todas as outras pessoas. Havia novas e sérias ameaças de morte por traficantes não pagos. Membros da banda alertaram, e até ameaçaram, os traficantes que vendiam para Adler, gerando tensão nas ruas e nos clubes noturnos que eles frequentavam. Aconselhados pelos advogados, o Guns tirou Steven da sociedade limitada da banda e passou a lhe pagar um salário fixo. Ele foi informado de que não era mais diretor da companhia. Deram uma opção: se ele ficasse limpo o bastante para gravar o disco e fazer a turnê, eles voltariam a torná-lo membro integral do Guns N' Roses. Axl disse a um repórter que, depois, Steven cortou os pulsos. Também não funcionou.

No dia 22 de janeiro de 1990, Slash e Duff McKagan foram ao American Music Awards, produzido pelo veterano do rock Dick Clark e transmitido ao vivo em cadeia nacional pelo canal televisivo ABC. Mais tarde, Slash afirmou que ele e Duff nem sequer sabiam que sua banda estava concorrendo a algum tipo de prêmio, então, quando "Patience" ganhou na categoria de melhor clipe, eles estavam despreparados para aceitá-lo com modos. Duff e Slash cambalearam até o pódio, ambos visivelmente bêbados. Slash abriu a torneira de palavrões ao falar, usando frequentemente a palavra com "f", e em seguida levantou o dedo

do meio para o público e milhões de espectadores ao sair do palco. Não houve atraso na transmissão, e dizem que a rede recebeu 10 mil chamadas telefônicas protestando. O Guns ganhou outro prêmio, e Slash e Duff tropegaram até o pódio de novo, e o guitarrista voltou a falar "foda-se". Dick Clark ficou furioso, e a ABC também. Na manhã seguinte, a história saiu em primeira mão em Los Angeles e Nova York, e Alan Niven foi convocado para uma reunião na Geffen Records. Várias estações de rádio já haviam tirado o Guns da programação. De acordo com um ex-funcionário da Geffen, disseram a Niven que a gravadora estava de saco cheio. Niven foi informado de que, na opinião de Geffen, ele havia perdido o controle de seus clientes, e o Guns seria liberado do contrato por justa causa, a menos que a banda voltasse aos eixos e terminasse a merda do álbum.

Um repórter perguntou a Slash sobre esse último ultraje. "Lamento", retrucou Slash, "mas nós somos assim."

Então a debilitada banda tentou voltar ao trabalho. Eles tinham, de fato, o início de algumas músicas. Izzy tinha "Dust N' Bones", "Pretty Tied Up" (inspirada em uma dominatrix da Melrose Avenue) e "Double Talkin' Jive". "You Could Be Mine" tinha sido deixada de fora do *Appetite*, assim como as principais baladas de Axl: "Don't Cry" e "November Rain". Havia "The Garden" e "Yesterdays", ambas compostas com West Arkeen e Del James. Parecia até que a escabrosa "Back Off Bitch" veria a luz do dia. O problema era que estavam sem o baterista. Axl contou a um amigo que a sensação era de quase terem que recomeçar a banda.

"Ele simplesmente não conseguia tocar", disse Slash sobre Steven. "Estava tão detonado que não conseguia criar as batidas de bateria. E mentia para nós. Íamos à casa dele e encontrávamos drogas atrás da privada, embaixo da pia."

No fim de janeiro, Axl deu uma entrevista para uma revista britânica de heavy metal. Na época, ele estava morando em um apartamento confortável de dois quartos em um prédio de West Hollywood, onde andava às turras com uma mulher do imóvel vizinho. A mesa de vidro para café que ele havia destruído no

ano anterior tinha sido substituída e estava cheia de detritos de astros do rock e cinzeiros abarrotados. Questionado sobre o enorme atraso do álbum, ele tentou explicar: "Em parte, a resposta é: drogas. Mas outro motivo por que as coisas têm sido tão difíceis é este: o primeiro álbum foi elaborado com Axl cantando um verso, ou talvez uma melodia, ou o modo como eu queria apresentá-la, e em seguida fazíamos uma música com base nisso. Ou alguém tinha ideia para um verso, certo?

"Para este, Izzy trouxe oito músicas – no mínimo. Slash trouxe um álbum inteiro. Eu trouxe um álbum. Duff conhece o material de todo mundo, de cor e salteado. Então temos, tipo, 35 músicas de que gostamos e queremos lançar todas elas, e estamos decididos a fazer isso."

Sobre os shows dos Stones: "Não os cancelei porque a banda teria que pagar um preço alto demais. Não quero que Duff perca a casa porque Axl cancelou os shows. Mas, ao mesmo tempo, não quero ficar vendo eles todos se matarem. E funcionou, cara. Funcionou *mesmo*. Slash está de volta, como um filho da puta. As músicas estão se encaixando de verdade. Escrevi um monte de baladas, mas Slash está compondo todos os rocks barulhentos. Ele tem umas oito músicas para as quais preciso compor letras, e elas são foda!".

Fevereiro de 1990. Em North Hollywood, Darren "Dizzy" Reed estava sendo despejado do apartamento que ocupava. Ele era um tecladista de hard rock de 27 anos, de fora da cidade, que vinha tendo uma maré de azar. Conhecia Izzy Stradlin desde que os dois haviam chegado em Los Angeles dez anos atrás. Tinha tocado em bandas – o Wild, Johnny and the Jaguars – que nunca decolaram. (O Wild havia ensaiado no depósito perto do antigo covil do Guns na Sunset com a Gardner cinco anos antes.) Dizzy quase recebeu um convite para se juntar ao Guns em 1985 – "eles falaram comigo a respeito", disse ele – mas em seguida o tecladista se feriu em um acidente de carro que destroçou sua mão. Agora, em 1990, Reed ensaiava com o Guns e outro baterista para ver no que ia dar. Axl disse a Mick Wall: "Dizzy chegou e tocou três músicas que ele nunca tinha ouvido antes, músicas em

que nem havíamos planejado colocar faixas de piano – tipo heavy metal. Mas ele colocou o piano nelas e ficou maravilhoso".

Mas todo o dinheiro de Dizzy Reed havia ido embora, e seu carro, apreendido. Ele estava sem emprego, deprimido, a pé e prestes a ficar sem casa. Ele ligou para Axl em um domingo à noite. "Eu disse, 'Cara, estou passando fome, e amanhã não terei mais telefone, apartamento, comida, nada. Se vocês precisarem me contatar, não sei onde estarei'."

Axl: "Quando descobri que [Dizzy] iria para o olho da rua, liguei para o Alan [Niven] e disse: 'Dê um abrigo para esse cara, contrate-o, arranje um salário fixo e um adiantamento para ele conseguir um apartamento. Agora temos um tecladista'".

O telefone tocou no dia seguinte. Era Alan Niven, convidando Dizzy Reed para se juntar ao Guns N' Roses nos teclados. Dizzy aceitou, com imenso alívio, e imediatamente recebeu um salário fixo e foi efetivado. "Basicamente", contou Reed à *Rolling Stone*, "eles salvaram a minha vida."

Foi-se o tempo em que o Guns era uma banda de guitarras. Agora, como Mick Jagger, Axl Rose tinha um pianista que o ajudaria a ajustar seus vocais no tom certo.

Agora, o Guns estava ensaiando informalmente com bateristas diferentes. Eles disseram a Steven Adler que ele poderia participar da turnê, mas só se conseguisse fazer o álbum. Na verdade, Slash e Duff queriam Steven fora da banda, mas Axl bateu o pé por vários motivos. Robert John: "Eu me lembro de Slash reclamando durante os ensaios e as gravações, sobre tentar fazer as coisas e Steven estar alto demais para trabalhar. Todos falavam sobre arrumar outro baterista, mas me recordo de que Axl era a última pessoa que queria despedi-lo. Ele achava que Steven era parte importante do show. Mas ninguém – sobretudo Slash e Duff – aguentava mais. Aquilo estava acabando com a banda".

Portanto, o Guns tocou com Adam Maples, ex-Sea Hags. De acordo com Slash, Maples quase pegou a vaga de Steven Adler, mas acabou não ficando. O Guns também trabalhou uma semana no estúdio com Martin Chambers, o enérgico baterista inglês que

catapultara os Pretenders. Dizem que o Guns gravou 11 músicas com Chambers, mas a química não deu certo – Chambers era muito mais velho, e mais sensato, e supostamente tinha uma atitude arrogante –, então o Guns teve que continuar procurando.

Nossa criança interior

Na primavera de 1990, na Califórnia, pessoas próximas de Axl Rose sentiam que sua conturbada relação com a namorada estava chegando ao clímax, por assim dizer. Uma dessas pessoas era seu empresário, Alan Niven, cuja secretária eletrônica frequentemente registrava pedidos de socorro frenéticos, tarde da noite, de Erin Everly, já que seu namorado furioso a agredia, socava e até chutava. (Uma das fitas gravadas supostamente foi usada como som de fundo em um álbum do Great White, alguns anos depois.) Mais tarde, Erin afirmou que ele a arrastou pelos cabelos e a trancou em um armário, nua e tremendo, durante a noite toda. Posteriormente, conforme ela testemunhou, ao ser tirada do móvel Axl a estuprou por trás. Robert John afirma que Axl trancou Erin em um armário em uma suíte de hotel em Las Vegas e depois ateou fogo. (Era a imitação de uma cena do recente filme biográfico de Oliver Stone, *The Doors*, em que Jim Morrison fez algo similar com a namorada e parceira de luta, Pamela Courson.) Mais tarde, a namorada de Slash testemunhou que Axl jogou uma televisão em Erin, chutou-a com as botas de caubói e cuspiu nela, enquanto ela chorava e implorava para que ele não a machucasse. (Essa mulher, Megan Hodges-Knight, também afirmou que, quando ela pediu a Slash que tentasse acalmar Axl, o guitarrista retrucou que isso só pioraria o comportamento dele.)

Dizem que esses ataques a Erin continuaram durante a primavera com cada vez mais frequência, até que uma briga homérica culminou com Erin no hospital. Isso trouxe consequências fatais para a banda de Axl, e quase para a própria Erin.

Só os dois combatentes conheciam os motivos dessas brigas homéricas. Os detalhes são obscuros. "Erin e eu nos tratávamos feito merda", admitiu Axl mais tarde. "Às vezes nos tratávamos muito bem, porque nossas crianças interiores eram melhores amigas. Mas havia outras vezes em que fodíamos totalmente com a vida um do outro." Axl contou a amigos que Erin – sem dúvida, provocada – estragara de propósito sua adorada BMW. Ele então bateu nela, que tentou revidar. Ele arrancou o telefone da parede, quebrou uma mesa de centro feita de vidro, e então percorreu suas preciosas coleções de antiguidades e figurinos, quebrando tudo em uma fúria descontrolada de cristais despedaçados e porcelana quebrada. De acordo com Axl, Erin fugiu para a casa de Steven Adler, onde o baterista injetou um speedball nela – uma mistura de heroína e cocaína. Erin ficou azul em 60 segundos, e Adler ligou para a emergência.

Ela passou os dias seguintes em coma, com Axl a seu lado implorando que sobrevivesse. Seu primeiro impulso foi assassinar o baterista viciado. Os parentes de Erin, o clã dos Everly, originários do Tennessee, também queriam matar Steven, ou ao menos ferrar com ele pra valer, mas Axl suplicou que não fizessem isso. A mãe de Erin queria chamar a polícia e prender Steven, mas Axl a convenceu de que não era uma boa ideia.

Mais tarde, Steven Adler jurou de pés juntos que não tinha dado nenhuma droga a Erin Everly. Adler afirmou que estava em seu estúdio em Laurel Canyon naquela noite, tentando compor músicas com Andy McCoy, do Hanoi Rocks. "E a esposa [de McCoy], que morava na colina acima da minha casa, foi até lá com Erin, que mal conseguia ficar de pé. Ela só ficou, tipo, *blá-blá-blá*. E eu disse à esposa dele: 'Que porra é essa que você deu pra ela?'. Ela disse: 'Bem, Axl e ela brigaram e ele a surrou. Então ela veio até minha casa, histérica, e lhe dei todos esses remédios' – clonazepam, clonodinas e coisas do tipo.

"Existem os grandes infortúnios, né? E Erin estava lá, toda fodida, na minha casa. Eu perguntei: 'O que tem de errado com ela?'. E a esposa de Andy McCoy ficava, tipo, 'Blá-blá-blá, e dei a ela todos esses remédios'." Aí Erin caiu e não pôde ser reanimada. Ela estava ali, deitada no chão, espumando pela boca. Alguém gaguejou "Puta merda!". Steven a pegou e a levou para

sua cama. “Então chamei a ambulância e salvei a vida dela. E o tempo todo essa vadia – a esposa de Andy McCoy – ficava me dizendo ‘Dê um pouco de heroína a ela, dê um pouco’. E eu, tipo, ‘Vá se foder, sua vaca. Não vou dar heroína a ela porra nenhuma’. Primeiro, porque só tinha um pouco sobrando, e, se você é viciado em heroína, não vai dar o pouco que resta. Segundo, era a namorada de Axl, porra! E você *nunca* ferra com seus camaradas de banda, tá? A mulher de seu companheiro de banda – eu *nunca* faria isso com ninguém. Então chamei a ambulância e a salvei. E aí, essa vadia [a Sra. McCoy] diz a Axl que eu dei heroína [para Erin]! Ela contou a ele que eu dei heroína à sua senhora! Aí, ele me ligou, dizendo que estava chegando com a espingarda e ia me matar. Mas ele nunca fez nada. Ei – fui *eu* que chamei a porra da ambulância. Nunca fiz nada com Axl ou com Erin. Mas aí ele contou para todo mundo que eu dei heroína a ela, e quase a matei, mas que ele me perdoava por isso. É – *tá bom.*”

No fim do inverno de 1990, quando todo mundo já parecia estar esgotado, Duff McKagan foi entrevistado por uma revista japonesa de rock: “Na visão geral da situação, somos apenas uma banda de rock and roll. Estamos aqui, fumando cigarro e bebendo, e aí chegamos em casa, trepamos com nossas namoradas e vamos dormir. Então acordamos, vamos ao estúdio e trabalhamos em algumas músicas. Porra, cara – ficam pedindo pra gente comentar coisas totalmente fora da nossa alçada, só porque vendemos alguns discos. Porra, cara – *o que é que a gente sabe sobre a libertação de Nelson Mandela?*”.

Abril de 1990. Em todo o país, havia uma crise contínua em fazendas familiares, em que os baixos preços significavam que os agricultores do país estavam lutando para sobreviver. O espectro maligno do impiedoso agronegócio se agigantou, conforme grandes corporações tomavam as preciosas colheitas dos norte-americanos. Imagens de leilões de fazendas falidas e funerais de agricultores que haviam cometido suicídio dominavam os noticiários na TV. Ninguém gostou disso. Portanto, Willie Nelson,

Neil Young e outros inauguraram o Farm Aid, uma série de concertos anuais para ajudar famílias de agricultores. Quando o quarto show do Farm Aid foi agendado para Indianápolis naquele ano, John Mellencamp, nascido em Indiana, sugeriu aos organizadores que os heróis locais do Guns N' Roses – a maior banda do país na época – fossem convidados para se apresentar.

Axl Rose aceitou, mas tão em cima da hora que a banda não apareceu no line-up.

Após algumas deliberações e mal-entendidos, Steven Adler tocou no show. Por conta dos problemas de Izzy Stradlin com linhas aéreas, a banda fretou um jatinho e voou para Indiana na manhã do dia 7 de abril de 1990.

Um pandemônio eclodiu quando anunciaram o Guns. Eles não tocavam em público havia seis meses, desde os shows dos Stones no ano anterior. (Axl e Slash haviam feito um bis com o Aerosmith em Los Angeles um mês antes.) Não se sabe se o Guns ensaiou para o Farm Aid, mas eles tocaram realmente bem. Enquanto a multidão empolgada começou a aplaudir intensamente esse inesperado deleite, Steven Adler saiu da lateral do palco e saltou no suporte da bateria.

Ele não conseguiu. O salto foi mal cronometrado, ou ele tropeçou, e o público de TV a cabo da MTV viu o azarado baterista do Guns se estabacar na plataforma. (Slash: "Steven quase quebrou o pescoço".) Aquilo foi de matar, mas Steven se recompôs depressa, e Axl – com jeans rasgados, botas de caubói e chapéu de palha – dedicou o show a seu tio Bob, que tinha uma fazenda em algum lugar de Illinois. "Esta música é nova", grunhiu ele, e a banda começou a tocar "Civil War". A balada desconhecida foi ouvida com respeito, com Axl e Duff nos vocais, e então a multidão entrou na onda quando a canção passou para a segunda parte agitada, e a banda deixou rolar e Slash entrou no clima.

O plano (vago) era tocar "Welcome to the Jungle" em seguida, mas Axl não resistiu a uma provocação contra Indiana e começou o hilário pesadelo punk dos U.K. Subs, "Down on the Farm". "Esta é a única música sobre fazenda que conhecemos", disse ele à multidão. Steven Adler não tinha a menor ideia do que estava acontecendo. Ele nunca ouvira a música antes. Adler recordou: "Estamos no palco, e de repente Axl diz 'Esta música se

chama ‘Down on the Farm’. E gritei para o Duff. Disse: ‘*Duff! Duff! Que porra é essa? Como é que toca isso?*’. E Duff bateu as palmas das mãos [com ritmo] e disse: ‘É só fazer assim – *bum, bum, bum*. E a música saiu muito foda, porque eu sempre sabia o que Duff tocaria antes mesmo de ele tocar. Encaixou muito bem. Foi incrível”.

Axl cantou “Down on the Farm” com uma camiseta da Marlboro e um falso sotaque londrino, dançando loucamente, serpenteando com os quadris enquanto a banda detonava no rock. A multidão enlouqueceu com o discurso antiagrícola e arrogante, que terminava assim: “But I’d rather be back in Soho than down here on the farm – the fucking farm”.[44] O Guns parou de tocar, e Axl olhou para o olho vermelho da câmera, bateu o microfone no palco e gritou: “OBRIGADO – BOA NOITE, CARALHO!”.

Ninguém sabia, mas esse foi o último show de Steven Adler com o Guns N’ Roses.

Qual é a do piano?

Abril de 1990. Axl Rose, motivado pelo que descreveu como “medo e depressão”, decidiu que deveria se casar com Erin Everly imediatamente. Ele havia se mudado do apartamento deles algumas semanas antes. Apareceu à porta, sem avisar, às quatro da manhã do dia 27 de abril e a pediu em casamento. Sabiamente, Erin recusou. Ele implorou a ela que fosse sua esposa. Ela voltou a recusar. Ele disse que tinha uma arma no carro e ameaçou se matar. O que ela poderia fazer? Axl telefonou para o programa de rádio de Howard Stern para anunciar que eles estavam indo a Las Vegas para se casarem.

Durante a longa viagem, ele prometeu nunca mais bater nela, e nunca se divorciar. Erin e Axl se casaram em uma capela em Vegas no dia 28 de abril. Um mês depois, Axl ameaçou se divorciar dela, e depois mudou de ideia. O casal glamuroso e disfuncional continuou casado, ao menos por ora. Eles brigavam com frequência. Certa noite, ela jogou a aliança pela janela. No dia seguinte, Axl foi visto andando na grama do lado de fora da

casa com um detector de metal. Em junho, afirmou Erin, Axl bateu nela com tanta força que ela acabou no hospital. O casamento conturbado se tornaria a base de muitas das amargas baladas e canções sobre dor que Axl e o Guns vinham tentando transformar em material para o próximo e tão aguardado álbum.

Por volta dessa época, o Guns chegou a ensaiar com mais um baterista, e esse deu certo. Era Matt Sorum, um enérgico roqueiro norte-americano que era o (quarto) baterista do Cult. Slash o tinha visto tocar em um show recente do Cult em Los Angeles e percebeu que ele poderia ser o cara certo para a vaga. Além disso, Slash disse a amigos que estava meio desesperado, pois estava convencido de que o Guns acabaria se não conseguissem encontrar o baterista certo. Matt Sorum era um cara franco, agradável, com um som pesado de bumbo, bom ritmo, dinamismo sólido. Fazia parte dos clubes de Los Angeles desde 1976 e tocava de tudo, de power pop new wave até um stint com Gladys Knight. Matt Sorum sabia como dar energia a uma banda de rock, e, o melhor de tudo, não era viciado em heroína. Slash o queria, e Sorum ficou com a vaga.

Izzy foi ver Steven Adler, e encontrou-o no fim de uma farra de drogas que havia durado três dias, tentando cheirar partículas de cocaína do chão. Adler ainda mentia para a banda sobre o fato de usar drogas, e na verdade parecia pior do que nunca. Circulavam histórias no moinho vicioso de rumores (muitas vezes, acurado) da Sunset Strip que Adler (ou colegas com acesso a seu talão de cheques) estava perifericamente envolvido no financiamento do tráfico, mas esses rumores permanecem sem provas. Ao que parece, Axl Rose os confirmou mais tarde, quando contou à MTV que Steven "não conseguia largar as drogas. Então ele se envolveu em outras coisas, além da banda, que eram perigosas e assustadoras. Não quero ter nada a ver com ele".

Matt Sorum estava empolgado por fazer parte do Guns N' Roses, a mais importante banda dos Estados Unidos, prestes a concluir um novo álbum e, depois, com até três anos de turnê pelo mundo todo. Mas Sorum também estava com um pé atrás,

por conta do ambiente de drogas pelo qual a banda era famosa. "Estive envolvido com essas coisas, como todo mundo", disse ele mais tarde, "mas *nada* parecido com o que você ouvia falar que eles faziam. Quando comecei, achei que estava entrando em um antro de ópio." Sorum não se deu conta, mas nessa época os dias mais pesados de uso de drogas entre o Guns N' Roses já estavam no passado.

Junho de 1990. O New Kids on the Block era a bola da vez no show business, dominando as rádios mais comerciais ao lado do grupo de garotas Wilson Phillips. MC Hammer e 2 Live Crew dominavam o hip-hop. (Este último teve problemas com censura, mas as vendas quadruplicaram.) O rapper durão Ice-T pediu a Axl para fazer uma versão de "Welcome to the Jungle" com ele, mas Axl recusou. Os Replacements (com Tommy Stinson no baixo) eram a nova melhor banda da Terra. Slash tocou com os Black Crowes em Nova York, juntando-se à efervescente banda da Georgia em três bis. A versão do Guns N' Roses de "Knockin' on Heaven's Door" foi lançada na trilha sonora de um filme com Tom Cruise, *Dias de trovão*. Era a primeira música nova da banda em quase dois anos.

As gravações do novo álbum foram interrompidas naquele verão, depois de Steven Adler ser demitido em julho. Slash disse que estavam cansados de assumir as responsabilidades de Steven por ele. Adler estava fora da banda, anunciou um comunicado de imprensa conciso, datado de 11 de julho, sem compensação ou retribuição. O triste comentário de Slash foi amplamente reportado: "Com Steven, era sexo, drogas e rock and roll. Era a vida dele. Depois, drogas e rock and roll. Depois, apenas drogas".

Adler não conseguia acreditar no que estava acontecendo. Axl e Slash expressaram em público seu desprezo por ele. De uma hora para outra ele não entrava mais no Cathouse direto, e era orientado a esperar na fila com os outros clientes esperançosos. Tentou se matar. "Eu não tinha motivo nenhum para viver", comentou ele mais tarde. "Isto é, todo mundo que eu conhecia, que eu pensava que eram meus amigos, eles tiraram

tudo o que puderam de mim e... desapareceram!". Sua bebedeira saiu dos trilhos. Ainda naquele ano, ele processou a banda por sua demissão, afirmando que o grupo o levou a usar drogas e, depois, lhe virou as costas. Ele usava tanta cocaína que teve um colapso e quase morreu.

Mais tarde, em 1990, Slash tentou explicar a situação. "Veja, Steven foi uma parte que deu vida ao Guns N' Roses. Ele tinha uma energia e tanto. Não era lá um excelente baterista, mas tinha muita atitude. Quando o lance do sexo e das drogas saiu de controle, ele se deixou levar. Mas aí chega um ponto em que você precisa controlar sua vida. Não é? Não tenho nenhuma moral para ficar dando bronca [...] mas você *precisa* estar ciente da própria existência e cuidar dos próprios assuntos. Não pode ficar chumbado o tempo todo e esperar que tudo fique bem. Acredite em mim, eu sei."

Axl ficou furioso ao ser processado por Steven. "Nós o levamos a usar drogas?", disparou ele. "Levamos o caralho! Ele diz que está sóbrio agora, mas sempre que o vejo ele está zoado. Não sei o que ele anda fazendo, e não me importo. Parei de me preocupar com esse cara e de ter qualquer sentimento por ele. E reconheço uma mentira sobre drogas quando vejo uma."

Anos depois, a revista *Mojo* perguntou a Slash sobre a demissão: "Izzy e eu penamos para assumir nossas responsabilidades, mas nunca conseguimos botar o Steven de volta nos eixos, e olha que tentamos. E Axl, na verdade, nunca gostou do Steven, então essa era toda a desculpa de que ele precisava para demiti-lo. Era o começo do fim de nossa pequena gangue, igual aos homenzinhos daquela porra do Robin Hood".

A última música que o Guns gravou com Steven Adler, "Civil War", apareceu naquele verão em *Nobody's Child: The Romanian Angel Appeal*, um álbum organizado por George Harrison em prol de órfãos romenos. Veio bem a calhar, já que as imagens televisivas da violenta rebelião romena haviam inspirado "Civil War", que começava lenta e terminava vigorosa. Lançada em julho de 1990, era a primeira canção original do Guns no mercado desde o *GN'R Lies*, dois anos antes.

Naquele verão, Axl fez amizade com o roqueiro canadense Sebastian Bach, vocalista da banda de metal multiplatinada Skid Row. O grupo tinha a mesma energia selvagem (cabelo comprido, couro, correntes, decotes, piercings, maquiagem leve, tatuagens, pentagramas) do Guns no início de carreira, e o alto e cabeludo Bach era claramente o sucessor de W. Axl Rose em termos de vocalista de psycho metal. "Bas", como era conhecido, e sua namorada bonitinha, Maria, saíam com Axl e Erin e todos se davam muito bem. O extrovertido Bach idolatrava Axl e o persuadia a sair mais. No dia 28 de julho, Bas e Axl apareceram (com suas respectivas, Del James e o xamã do Cult, Ian Astbury) na festa de aniversário do editor da *RIP*, Lonn Friend, em sua casa em Culver City. Em vez de cantarem "Parabéns pra você" a Lonn, Axl e Bas cantaram um emocionante dueto à cappella de "Amazing Grace" na cozinha, enquanto pegavam cerveja gelada. Depois, Axl levou Lonn até o carro, colocou a faixa instrumental de "November Rain" para tocar e cantou a letra para ele ouvir.

Algumas semanas depois, os dois casais – Axl e Erin, Bas e Maria – jantavam na varanda do apartamento de Axl em West Hollywood, no 24º andar. Estavam comemorando a gravidez de Erin – que, na verdade, não tinha sido planejada – ouvindo algumas mixagens novas do Guns N' Roses em volume máximo. De repente, umas dez viaturas apareceram na rua lá embaixo. Alguns minutos depois, bateram na porta. Alguém havia reclamado de barulho. Axl escapou por um triz de ir preso, e, mais tarde, fez seu advogado entrar com uma queixa de assédio contra os policiais que o importunavam.

Setembro de 1990. O Guns N' Roses voltou ao estúdio com Mike Clink e sem Axl Rose. Eles gravaram mais faixas para o álbum com Matt Sorum e Dizzy Reed, sem vocais ou mixagens. Em outubro, eles tinham quase 21 faixas adicionais, que foram entregues ao engenheiro veterano do rock Bob Clearmountain para as mixagens. Um ex-executivo da Geffen se lembra do caos: "Tinha o Bob Clearmountain – um excelente engenheiro – mixando em um estúdio, enquanto Axl fazia os vocais em outro estúdio, e Slash tocava guitarra [os overdubs] em um terceiro

estúdio. Foi uma receita para o caos. Bob mixou 20 músicas sem ter nenhum contato com a banda. Enquanto Slash gostava da mixagem de uma música, Axl odiava". No fim, Slash e Axl rejeitaram os valores de produção "escorregadios demais" de Clearmountain, dispensaram todas as mixagens e começaram de novo. Axl foi irredutível: "Eu só quero enterrar o *Appetite*. Não quero viver minha vida através desse único álbum. Quero enterrá-lo e fazer uma coisa nova".

O pessoal da Geffen estava ficando alarmado. Seus bônus de Natal começavam a voar pela janela. Tom Zutaut teria dito o seguinte sobre o motivo do atraso do álbum: "A ideia criativa de Axl de seguir em frente foi 'Não podemos refazer o *Appetite*. Temos que seguir uma direção diferente'". Muita gente na Geffen Records sentia que ninguém daria bola para um álbum cheio de baladas do Guns N' Roses. Decidiram contatar Bill Price, que havia trabalhado no *Never Mind the Bollocks*, para mixar o álbum por uma soma fabulosa, que atrairia Price até Los Angeles.

Bill Price: "Eles me ligaram e disseram que havia cerca de 40 músicas. Já tinham estourado o orçamento, o tempo e tudo o mais, mas Geffen queria finalizar. Começaram a me pressionar para ir a Los Angeles, mas na realidade nem era para mixar o disco, mas para um 'teste' a fim de mixá-lo". Bill Price voou para a Califórnia. "A Geffen pagou meu voo e o hotel, e fiz um 'teste' de mixagem de 'Right Next Door to Hell'. É um rock bem honesto, então fiz um mix agressivo e fortemente comprimido da faixa de apoio, e acrescentei os vocais crus de Axl por cima [...] para que fosse possível ouvir o que ele estava cantando. Todo mundo adorou, então eles me contrataram."

Enquanto isso, as condições de trabalho do Guns andavam estranhas, já que Axl quase nunca dava as caras no estúdio. "Era impossível reunir todos nós em um só cômodo", disse Slash. Izzy também não aparecia muito, contentando-se em deixar suas músicas em estado de demo, cruas, punks e em quatro acordes. (Axl se queixava disso, com amargura.) Slash havia dado a Axl a faixa instrumental para "Coma" naquele verão, mas o vocalista levou mais um ano para compor a letra da complexa canção. (Axl disse que continuava tendo apagões sempre que tentava se

concentrar no material difícil da letra.) Na tentativa de compor juntos, Axl e Slash se comunicavam somente por telefone. Matt Sorum se lembra dessas sessões de gravação como "muito escuras, com um monte de sensações tóxicas, e as aparições de Axl Rose [no estúdio] eram poucas e espaçadas".

O Guns tinha várias canções novas, mas elas não pareciam interagir entre si em nenhum sentido orgânico, tradicional de um "álbum". Mais tarde, Slash disse à VH1: "Estava uma confusão só, todo aquele material vindo de direções diferentes. Era a versão do Guns do *White Album* [dos Beatles] – talvez não tão bom quanto".

A maior parte da energia de Axl foi para a épica balada "November Rain", a qual mais tarde foi descrita por Slash como "o som de nossa banda se rompendo". O Guns tinha começado como uma banda curta e grossa de guitarras, mas a produção sinfônica e impulsionada pelo piano de Axl de "November Rain" não empolgava ninguém – só a ele mesmo. Axl a chamava de "a nossa 'Layla'".

Slash: "Agora tínhamos piano, uma orquestra, backing vocals e toda essa merda que nós, a banda, não necessariamente queríamos; mas Axl ainda queria, e foi o que ele fez".

Até o novo baterista do Guns, Matt Sorum, tinha lá suas dúvidas: "Senti que, tipo, na verdade eu não tinha entrado para *isso* – todas essas baladas. Minha expectativa era fazer parte de uma banda foda de rock and roll. Fiquei, tipo: *qual é a do piano?*".

Memórias recuperadas

Erin Everly sofreu um aborto espontâneo no dia 29 de outubro de 1990. Axl foi à casa em Hollywood Hills que o casal vinha preparando para se mudar com o filho e arrasou o lugar de cabo a rabo. Os danos foram estimados em 100 mil dólares. Axl estava perturbado. Mais tarde, Erin disse que teve de vender seu jipe para cobrir as despesas hospitalares após o aborto. Era o começo do fim do malfadado casamento de W. Axl Rose.

Na noite seguinte, Axl brigou com a azarada mulher que morava no apartamento vizinho. Os problemas eram música alta, brigas em alto volume, fãs ensandecidos e cretinismo generalizado. Pouco depois da meia-noite, a mulher bateu à porta dele com uma garrafa de vinho. Segundo a vizinha, Axl tirou a garrafa das mãos dela e lhe deu uma pancada na cabeça. No início da manhã de 30 de outubro, Axl foi preso pela polícia de West Hollywood por agredir a mulher. Pagou fiança de 5 mil dólares e foi para casa. Os advogados cuidaram disso, e mais tarde todas as acusações foram retiradas.

Erin Everly deixou Axl Rose em novembro de 1990, depois que ele voltou a bater nela. "Olhe bem para mim", Erin disse a ele, "porque você nunca mais vai me ver de novo." O casamento foi anulado em janeiro de 1991. Erin vendeu suas joias e se mudou para um apartamento no Valley. Quando Axl a achou e ligou para ela, Erin se mudou no dia seguinte.

Axl Rose terminou a letra de "Right Next Door to Hell" e começou a procurar uma casa em Malibu. Enquanto isso, colocaram uma cama para ele no Rumbo Sound, e Axl basicamente viveu no estúdio enquanto fazia os vocais e mixagens para o novo álbum. No dia 9 de novembro, Axl e Slash se juntaram a Sebastian Bach e a maior parte do Metallica e tocaram no aniversário da *RIP* no Hollywood Palladium. Axl cantou em "Hair of the Dog" e "Piece of Me", fazendo repetidos mergulhos no meio da multidão como nos velhos tempos, e não voltou a ser visto em público durante oito meses.

No fim de 1990, Axl foi ver um psicoterapeuta para tentar descobrir as fontes dos tormentos e manias que o deixavam tão volátil e infeliz. Ele contou a um repórter que andava deprimido e que quase tivera uma overdose de remédios. Mais ou menos na mesma época, ele experienciou uma epifania que mudou sua vida, bem como a dos membros da banda e das pessoas ao seu redor.

No início dos anos 1990, os Estados Unidos estavam

fascinados por uma série de casos amplamente divulgados em vários lugares em que pessoas que faziam terapia ou aconselhamento passaram a se lembrar de abuso infantil que sofreram nas mãos de pais, cuidadores e professores. Consequentemente, professores primários na Califórnia e em Massachusetts foram condenados e presos por abuso sexual de crianças – depois de muitos anos, e mesmo décadas – quando as "memórias recuperadas" de uma ou mais vítimas se provaram convincentes no tribunal. Vez ou outra, comunidades inteiras ficavam estigmatizadas como cultos satânicos, quando as pessoas afirmavam se lembrar de orgias massivas de estupro coletivo infantil. Mais terapeutas começaram a praticar a "terapia de recuperação de memórias", com base na crença de que a angústia e as dificuldades psicológicas na fase adulta às vezes podem ser causadas por um abuso sexual na infância que foi reprimido ou esquecido.

Ao mesmo tempo, identificou-se um novo transtorno mental: a síndrome da falsa memória, em que as pessoas em tratamento "se lembravam" de abusos sexuais na infância que, na verdade, nunca tinham acontecido. Alguns terapeutas, afirmava-se, estimulavam os pacientes a escarafunchar memórias reprimidas, muitas vezes usando técnicas como a hipnose. Sob influência terapêutica, alguns pacientes acreditavam na realidade dos acontecimentos imaginados e apresentavam histórias pavorosas que despedaçavam famílias e chegaram a gerar processos amplamente divulgados contra o suposto abusador, em geral o pai. Declarações de inocência eram vistas como evidência de negação e culpa.

Foi nessa atmosfera horrenda que Axl começou a se lembrar de coisas ruins que afirmou que aconteceram com ele. Certo dia, ele estava dirigindo seu carro. "De repente, me veio uma lembrança", disse ele a um repórter, "do que havia acontecido comigo durante a infância e que eu tinha enterrado bem – e nem sequer me lembrava. Quando veio esse pensamento, tive que parar no acostamento, sair do carro e aí eu tive um colapso nervoso – chorando." Axl foi tomado por um paroxismo de dor. "Uma explosão de sentimentos que eu nunca havia sentido antes."

Logo Axl começou a contar às pessoas que seu pai biológico tinha abusado dele e o estuprado. Ele disse que seu pai o estuprara pelo ânus quando tinha 2 anos de idade, e que era esse o segredo horrível que seus pais guardavam dele sempre que Axl perguntava sobre William Rose. Fosse essa uma lembrança real ou falsa, ela fez Axl ter pensamentos desesperados e suicidas. Tudo isso gerou muitos anos do (possivelmente) mais intenso percurso de psicoterapia já experimentado por qualquer astro do rock, antes ou depois. E, é claro, a "terapia regressiva" que ele vivenciou confirmou os piores temores de Axl sobre o que aconteceu com ele quando criança.

Dezembro de 1990. No fim do ano, o Guns tinha 35 músicas para lançar. A banda chegou à conclusão de que a Geffen deveria lançá-las em quatro CDs que viriam numa caixa. A gravadora afirmou que esse conceito ficaria caro demais para os fãs. (Slash: "Não se faz um jovem sair e comprar seu disco por 70 dólares se esse é [apenas] seu segundo álbum".) Eles se comprometeram a lançar as músicas em dois CDs separados, a serem lançados no mesmo dia. Após proporem vários títulos possíveis (como *GN'R Sucks* e *Buy This*), Axl insistiu que o(s) álbum(ns) recebesse(m) o nome de *Use Your Illusion*. Assim como o *Appetite for Destruction*, *Use Your Illusion* era o título de uma ilustração, desta vez de um artista provocador de Nova York, Mark Kostabi, que manipulava personagens antigos de *A Escola de Atenas*, um mural do mestre da Renascença Rafael, no Vaticano, que representava os maiores filósofos da antiguidade.

A expectativa da Geffen era que o *Use Your Illusion* estivesse mixado e pronto na primavera de 1991. Mas ninguém que conhecia bem a situação tinha qualquer esperança de isso acontecer. Um executivo do departamento artístico da Geffen recorda: "O disco era tão importante que eles queriam que ficasse perfeito. Sempre que se trabalha com uma banda desse porte, leva um tempo para mixar a gravação. Se havia uma mixagem pronta, Axl tinha que aprovar. Slash tinha que aprovar. Tom [Zutaut] tinha que aprovar, a gerência tinha que assinar. Havia todas essas opiniões diferentes sobre como o álbum deveria ser".

O disco ainda demoraria tanto para ficar pronto que o Guns N' Roses saiu em turnê por três meses antes de os álbuns finalmente serem lançados, em setembro de 1991.

Natal de 1990. Slash foi comprar brinquedos numa sex shop. Ele tinha uma nova namorada, uma bela casa em Laurel Canyon cheia de filhotes de gato e cachorro e estava relativamente sóbrio e estável. Estava de luto pela morte recente de Clyde, sua cobra favorita. (Ele tinha outras dez.) Ensaiava com o Guns e seu novo baterista para um grande show no Rio de Janeiro, em janeiro. Deu uma entrevista para a *Rolling Stone*, aparecendo na capa da revista no mês seguinte. Gravou um trecho do álbum *Under the Red Sky*, de Bob Dylan, e também faixas com Lenny Kravitz, Iggy Pop e Michael Jackson. Conheceu George Harrison (na sessão com Dylan) e Les Paul, que gentilmente disse a Slash que ele seria bastante bom quando aprendesse a tocar. Ele tocou para alguns amigos as primeiras mixagens das novas músicas do Guns: "Dust N' Bones", "Double Talkin' Jive" e "The Garden".

Slash disse à *Rolling Stone* que o novo álbum seria como limpar o armário, e que seria sombrio. "Não tem muita coisa alegre nele, sabe? A maioria das músicas é furiosa. Muito furiosa, e bem pesada." Questionado sobre por que a banda era tão infeliz, Slash respondeu que a vida deles era mais divertida quando eles não tinham dinheiro algum e nenhuma responsabilidade, e apenas vadiavam pelas ruas. "Não confio em ninguém", disse ele. "Já tive muitos amigos que se viraram contra mim."

Quando lhe perguntaram sobre heroína, Slash afirmou que não queria ser outro Keith Richards, a quem os fãs de rock conheciam tanto pelas drogas quanto pela música. Slash descreveu o vício como "uma das coisas mais desastrosas pelas quais alguém pode passar. É como estar em seu leito de morte o tempo todo".

No que diz respeito a Axl Rose, Slash o descreveu exaustivamente como um para-raios de problemas. "Quero dizer, ele *continua* na merda. Ele lhe diria a mesma coisa." Slash disse que qualquer tensão entre ele e Axl contribuía, "de um jeito bem mórbido", para a colaboração artística entre os dois. Slash não

tinha vergonha de expressar sua frustração com a situação do Guns: "Axl não faz a menor ideia da realidade financeira. Gastar aquele dinheiro todo para fazer um disco é ridículo. É claro, se eu fosse falar isso na cara do Axl, ele diria que eu não sabia o que ele andava enfrentando e haveria uma briga naquele instante [...] Temos nossos altos e baixos. Nós batemos de frente. Então fico sentado ali, com a cabeça entre os joelhos, surtando [...] mas a loucura de Axl enlouquece mais a mim do que a ele próprio, sem ele saber. E essa é a verdade".

Na sex shop Pleasure Chest, em Hollywood, Slash e a namorada compraram para Axl Rose uma camisa de força estilo BDSM como presente de Natal.

Manic Nirvana

Janeiro de 1991. W. Axl Rose saltava de uma crise para outra, muitas vezes sobrecarregado pelo comportamento maníaco. Ninguém tinha a menor ideia do que fazer com ele. Seu casamento havia sido formalmente desfeito em janeiro de 1991. Axl tentava lidar com (afirmava ele) devastadoras memórias recuperadas de ter sido estuprado por seu pai biológico aos 2 anos de idade. Pessoas próximas a ele sentiam que seu nível de angústia estava fora de controle. Então a meia-irmã de Axl supostamente lhe disse que ela também havia sido molestada pelo pai – o padrasto de Axl. Logo Axl deu início a sessões intensivas de psicoterapia – cinco horas por dia, cinco dias por semana – na tentativa de se sentir melhor de alguma forma. Em determinado momento, desesperado para se livrar de demônios e maus fluidos, Axl passou por um exorcismo estilo Nova Era que, conforme comentou mais tarde, lhe custou 72 mil dólares. Posteriormente, ele se sentiu roubado.

Agora, o Guns N' Roses era uma banda de seis membros que ainda não havia sido atração principal em nenhuma turnê importante. Dois deles, Matt Sorum e Dizzy Reed, nunca tinham

tocado em público com a banda, nem mesmo alguma música com o vocalista. Esse era o grupo agendado como banda principal em duas noites do festival brasileiro Rock in Rio 2, sediado no maior estádio de futebol do Rio de Janeiro. Outras atrações principais incluíam Prince, New Kids on the Block, INXS, George Michael e A-Ha. (Desses, o Guns foi a única banda a ter ingressos esgotados nas duas noites.)

No início de janeiro, o Guns ensaiou (sem Axl) na Long Beach Arena, depois voaram para o Rio no dia 15. Axl foi registrado no hotel como Bob Omnibone. Slash era Luke Likesheet. Duff era Phil Likesheet. Izzy, Dalai Lhama. Matt, Ian Wasasaint. Cada músico tinha um guarda-costas, e eles precisavam porque eram imediatamente seguidos por fãs sempre que saíam do Intercontinental Hotel, na praia de Ipanema. Eles ensaiaram dois dias em um pequeno teatro no Rio, mais uma vez sem Axl, que também não deu as caras na reunião da banda com a imprensa. Slash e Duff assumiram a tarefa com a ajuda de um intérprete, desviando de várias perguntas sobre a Guerra do Golfo dizendo que o Guns não era uma banda política. Enquanto isso, Izzy dava umas voltas sozinho, andando de skate anonimamente sob o sol escaldante de verão. Matt Sorum visitou a imensa estátua do Cristo que paira sobre a cidade como um deus de pedra. O fotógrafo George Chin, que voara de Londres para trabalhar com o Guns, ficou espantado pelo fato de Sorum, que nunca tinha tocado com o Guns em público, nem sequer aparecido em uma foto da banda, ter sido imediatamente reconhecido como um gunner e atraído uma multidão na rua.

Slash ficou na piscina do hotel a maior parte do tempo, à sombra de seu guarda-costas Ron Stalnaker, descrito pela imprensa local como o Slash com esteroides. (Em um dia de folga, eles pegaram um voo para São Paulo para visitar um criadouro de cobras da Amazônia.) Duff tinha vindo com a nova namorada, portanto, ficou com ela no quarto a maior parte do tempo. Dizzy Reed, que nunca havia feito uma turnê com nenhuma banda, tinha se separado da esposa pouco antes de vir ao Rio e estava aproveitando a fartura de garotas seminuas que fariam de tudo para se aproximar de qualquer pessoa minimamente ligada ao Guns N' Roses. Dizzy Reed disse aos

quatro ventos que seus sonhos mais loucos haviam se realizado.

Mas entre os membros da banda a tensão corria solta. Em uma reunião antes do primeiro show, Axl exigiu que os outros (Slash, Duff e Izzy) transferissem o nome da marca, Guns N' Roses, exclusivamente para ele. Dizem que ele ameaçou não subir no palco no Brasil se isso não acontecesse, e a papelada estava pronta para os membros da banda assinarem. Era um pagamento importante para os membros da banda, alguns dos quais estavam sem dinheiro, e Axl sabia que eles não tinham escolha a não ser transferir o controle da organização para ele. Foi um jogo de poder extraclássico do showbiz, sujo e baixo. Era algo que não se fazia com os amigos, diziam as pessoas fazendo um "não" com a cabeça. Mais tarde, Tom Zutaut explicou à VH1: "Na cabeça do Axl, o nome lhe pertencia. Ele queria garantir a sobrevivência da banda, mesmo que essa versão do grupo rompesse".

Depois disso, o humor da banda ficou péssimo, e em seguida a coisa piorou. Mick Wall descreveu a atmosfera no QG do Guns como confusa e aterrorizante. Doze guarda-costas com aparência de gorila cercavam a banda e mantinham todo mundo afastado. Os gunners se recusavam a dar entrevista, a não ser por contrato assinado que garantisse a aprovação final dos assessores de imprensa da banda de qualquer coisa que fosse publicada. Essa era uma nova ordem na relação com a mídia pop, e rendeu ao Guns um ódio generalizado, exceto das revistas de adolescentes mais servis. Depois, um fotógrafo brasileiro muito benquisto, que tentou fotografar Slash no bar do hotel, foi carregado em uma maca depois que guarda-costas o pisotearam e esmagaram sua câmera. O Judas Priest, a segunda banda no line-up do segundo show do Guns, deixou claro que eles haviam sido ameaçados. Axl não subiria no palco a menos que o Priest fizesse um show curto, não usasse efeitos pirotécnicos e tocasse apenas um bis. Rob Halford também não poderia entrar de moto, o que ele vinha fazendo havia dez anos. Também houve problema na passagem de som do Guns, quando Axl reparou que eles estavam sendo

filmados pela TV Globo sem sua permissão. Doug Goldstein arrancou a fita da câmera e foi cercado por funcionários do estádio, que a exigiram de volta. Goldstein jogou a fita para o chefe dos seguranças do Guns, John Reese, que imediatamente convocou a equipe de roadies. Todo mundo tinha faca no cinto, e muitos haviam bebido. Houve um tenso impasse, até que um intérprete acalmou as coisas.

A passagem de som foi a primeira vez em que Axl Rose tocou com Matt Sorum e Dizzy Reed, mas essa banda essencialmente nova fazia um som excelente de qualquer forma. Mesmo assim, a equipe notou que os teclados de Dizzy Reed mudaram a pegada simples e clássica de duas guitarras que havia tornado o Guns famoso. Alguns dos veteranos perceberam, com tristeza, que a banda nunca mais teria o mesmo som do velho Guns N' Roses.

No dia 20 de janeiro, o Guns N' Roses subiu ao palco diante de 160 mil fãs de rock amontoados no estádio do Maracanã, depois que o Queensryche, o Faith No More e a banda de Robert Plant aqueceram a multidão. (O vocalista do Led Zeppelin, em turnê com seu álbum solo *Manic Nirvana*, supostamente não foi ameaçado pelo Guns.) Axl estava em sua melhor forma, provocante e musculoso, sem óculos e bem alinhado. Ele disse a George Chin que estava fazendo duzentas flexões por dia. A nova música de Izzy, "Pretty Tied Up", abriu o show. Todas as dúvidas sobre o novo baterista da banda foram dissipadas quando Sorum, de jeans, martelou com habilidade os ritmos de "Mr. Brownstone". Seu ataque estrondoso soava como Bo Diddley com uma pegada de óxido nitroso, e o estádio inteiro tremeu diante de seu timing de especialista.

Axl foi ao palco usando uma jaqueta branca de couro do Guns sobre shorts apertados de ciclista, com estampa da bandeira dos Estados Unidos. Ele tirou a jaqueta depois de duas músicas e ela nunca mais foi vista (para posterior fúria de Axl). Ele fez o show inteiro de shorts e bandana, exibindo pernas e coxas definidas, dançando com um par de tênis de cano alto da Nike feito sob medida, com seu nome bordado em couro nas linguetas dos calçados.

"Não tínhamos um set list pronto para o Rio", disse Duff mais tarde. "Temos uma 'lista de opções' que gostamos de usar. Dissemos ao Matt – três minutos antes de subirmos – que ele faria um solo de bateria. [Sorum não tinha feito isso com o Cult, mas Axl precisava de tempo para usar o cilindro de oxigênio no vestiário.] E ele conseguiu, porra! Pouco antes de entrarmos no palco, a banda inteira – e isso não acontecia havia *muito* tempo – se reuniu em um só cômodo. Era possível sentir a eletricidade entre nós."

A nova banda tocou bem, e o Guns arrasou no show. Entre as estreias públicas de músicas novas estavam "Double Talkin' Jive", "You Could Be Mine", "Estranged" e "Bad Apples". Mas Axl achou a multidão péssima – a cantoria em conjunto em "Heaven's Door" foi morna, e olhe lá –, cortando 20 minutos do show e se recusando a tocar um segundo bis.

Duas noites depois, eles voltaram a tocar no Rio e detonaram. Há fãs veteranos de longa data (e entusiastas) do Guns N' Roses que afirmam que esse foi o melhor show da banda de todos os tempos. As músicas "Pretty Tied Up", "Double Talkin' Jive", "Estranged" e outras novas agitaram o local. As ovações no grande estádio – onde os lendários times de futebol brasileiros haviam emplacado algumas de suas maiores vitórias – foram ruidosas. O show foi tão bom, tão perfeito, que toda a banda ficou agitada depois. Axl não conseguia dormir, e decidiu dar uma festa em sua suíte – ao amanhecer. A equipe toda foi chamada em seus quartos de hotel para a festa. Até Billy Idol, que estava no mesmo hotel, acordou com uma ligação de W. Axl Rose.

Quando as máquinas tomam conta

De volta a Los Angeles no início de fevereiro de 1991, o Guns passou o inverno e a primavera no sul da Califórnia trabalhando no álbum e se preparando para sua primeira turnê como banda principal. O pano de fundo psíquico de tudo isso foi o bombardeio de Bagdá em fevereiro de 1991, seguido pela carnificina da primeira Guerra do Golfo. Punido por brutalizar o Kuwait, um

irado Saddam Hussein incendiou os campos de petróleo no deserto, escurecendo os céus sobre o Oriente Médio, mostrando ao mundo algumas das imagens mais apocalípticas desde Hiroshima e Nagasaki. Axl Rose absorveu tudo isso, hipnotizado pelas fotos do conflito, assim como ficara fascinado anos antes pelos filmes snuff.

Desde o desentendimento com a vizinha alguns meses antes, Axl vinha morando em hotéis variados, muitas vezes no Sunset Marquis, e em sua nova casa em Malibu. Após os shows no Rio, ele basicamente se mudou para o Record Plant, onde gravava suas faixas de vocal. O fotógrafo Neal Preston o encontrou morando no estúdio A, que Axl equipara com uma cama e uma bicicleta ergométrica. “Tinha também um saco de pancada”, recorda Preston, “e duas máquinas de pinball – KISS e Elton John. Ninguém deveria entrar no local quando Axl estivesse lá, mas ele me deixou tirar algumas fotos enquanto jogava pinball. Ele parecia calmo, e disse que estava trabalhando duro no próximo álbum da banda.” O pessoal do estúdio observou que Axl ficava acordado por dois ou três dias seguidos, parecendo transbordar adrenalina e energia nervosa. Izzy Stradlin, considerado por todos o único membro estável da banda, foi incentivado a perguntar a Axl sobre a conclusão do álbum. “Eu *tentei* conversar com ele”, disse Izzy mais tarde. “[Sugeri] termos uma agenda, entrar [no estúdio] em determinado horário [...] e ele surtou completamente comigo.”

“Nada dessa porra de agenda”, rosnou Axl. Izzy nunca mais voltou a incomodá-lo, e também não voltou a trabalhar no álbum novo.

As novas músicas do Guns agora estavam nas mãos de Bill Price, que tinha vindo de Londres para mixar o *Use Your Illusion*. Em março de 1991, Price pensou já ter dado conta da maioria das músicas. Mais tarde, ele descreveu seu trabalho em um dos álbuns mais aguardados e pré-encomendados da história das gravadoras:

“Passei um período bem longo em Los Angeles [em 1991], dando duro com uma quantidade enorme de material. Tive uma ajuda fantástica de Mike Clink, que havia produzido as faixas originais de fundo, e apoio diário de seu engenheiro, Jim

Mitchell. Aí, recebia visitas alternadas de Slash, Axl e vários outros, e então enviava DATS [fitas digitais de áudio] para aprovação.

"Em seguida, depois de trabalhar em umas 20 músicas, tinha que esperar a próxima canção ser finalizada. Por exemplo, 'November Rain' – que era como que uma filha para Axl: eu tinha as 24 faixas-mestres originais de Mike Clink, que só continham bateria e baixo, e 24 faixas-cópias [duplicatas] contendo várias ideias de vocal, e outras 24 faixas-cópias com várias ideias de guitarra, além de 48 faixas-cópias com uma caralhada de vocais e trabalhos com teclado que Axl vinha fazendo no estúdio. E outras 48 faixas-cópias que Slash vinha trabalhando no estúdio. Aí, tentei um método telefônico de apresentar quais faixas seriam usadas, mas não consegui fazer ninguém concordar exatamente em relação a qual utilizar.

"Decidi que a única maneira de fazer isso seria tocar todas elas juntas. Estávamos no estúdio de Skip Sailor [Sailor Recording], que tinha um SSL [Solid State Logic] de 84 canais – uma mesa bem grande. Então alugamos um monte de gravadores de fita, e é claro que eles não rodavam em sincronia; mas as empresas de aluguel de Los Angeles têm alguns engenheiros técnicos muito bons, e logo um sujeito cabeludo de bermuda chegou com uma interface caseira, e conseguiu deixar tudo funcionando em sincronia. Aí, pude tocar todas as faixas que qualquer um deles tivesse gravado.

"A única forma eficiente de descobrir quais faixas usar era colocar a banda inteira no estúdio ao mesmo tempo." Price não tinha a menor ideia do que isso significava. "Pra mim, parecia uma coisa bem normal. Quando mencionei isso aos empresários da banda, eles ficaram aterrorizados. Pensar nos gunners todos juntos no mesmo cômodo ao mesmo tempo era demais para suportarem! Eles me alertaram a respeito, mas eu não conseguia pensar em outro meio."

Quando a banda chegou ao Saylor Recording, deram uma olhada na mostra impressionante de gravadores conectados. Havia cabos do tamanho de uma tromba de elefante passando pela porta, que acabava na mesa de mixagem. Bill Price disse que parecia um desses filmes de ficção científica em que as máquinas

dominam tudo.

“Por fim, todos chegaram, e começamos uma mixagem.” Logo de cara o Guns tratou com muito respeito o homem que mixara *Never Mind the Bollocks*. “Eles foram perfeitos cavalheiros. Axl entrou e disse [algo como] ‘Boa tarde, Slash. Sei que a guitarra é sua, e é óbvio que você tem a última palavra nisso, mas eu *realmente* adorei esse lick aí. Acha que podemos deixar um pouco mais alto?’. Um total cavalheiro. Finalmente, conseguimos terminar a mixagem.

“Mas era só o começo. A mixagem [de uma só música] ficou no quadro por uma semana. DATs iam para a frente e para trás, e linhas de harmonia eram trocadas e licks diferentes de guitarra, acrescentados. E por aí vai. [O *Use Your Illusion*] foi uma das mixagens mais complicadas – em termos musicais, técnicos e pessoais – que já fiz em toda a vida.”

Brice continuou trabalhando nisso por quase sete meses. O processo foi tão lento que, mais tarde naquele ano, o Guns sairia em turnê antes de o novo álbum estar próximo do fim.

W. Axl Rose tinha planos ambiciosos para uma série de clipes de canções do *Use Your Illusion*. Três em particular – “Don’t Cry”, “November Rain” e “Estranged” – teriam uma produção digna de cinema e conectariam as músicas em uma trilogia de baladas sobre as circunstâncias avassaladoras da vida de Axl. Eles precisavam de uma jovem atriz para interpretar a mulher de Axl nos três clipes, portanto contrataram uma supermodelo norte-americana, a reluzente Stephanie Seymour.

Na época, ela namorava Warren Beatty – mas não durou muito. Ela era uma beldade morena de 23 anos de San Diego, com um corpo perfeito e um filho de 3 anos de um breve casamento com um músico de rock local. (Dizem que o caso com Beatty terminou o casamento.) Stephanie trabalhava como modelo desde os 14 anos e era conhecida como uma jovem festeira que tinha um lado espirituoso e até visionário. De biquíni, também foi capa da *Sports Illustrated*, e modelo principal do catálogo de lingerie da Victoria’s Secret. (Ela quase não foi contratada, porque, com 1,78 metro e de salto alto, era

bem mais alta que Axl.) Salvando Axl do suicídio em "Don't Cry" e se casando com ele em "November Rain", Stephanie Seymour conquistou imediatamente seu coração. Ele ligou para ela na noite posterior à de seu primeiro encontro no set de filmagem, e logo eles foram vistos se beijando nas primeiras filas de desfiles de moda nas costas leste e oeste dos Estados Unidos. Eram inseparáveis, e Axl estava convencido de que eles eram um casal de almas antigas. Ele contou aos amigos que ela o ajudava com as coisas que o incomodavam, que o impediam de fazer o que precisava.

Por meio de uma série de "leituras de vida" com um médium em transe, Axl e Stephanie foram alertados de que realmente tinham sido almas gêmeas antes, em 16 encarnações anteriores. Mais tarde, Erin Everly disse que Axl contou a ela que ele e Stephanie tinham sido irmãs em uma vida passada. Axl também disse a Erin que, em uma vida anterior, ele e Erin eram indígenas, e que ela tinha matado os filhos, e por isso ele era tão mau com ela na vida atual. Axl também lhe disse que estava "possuído" pelo espírito maligno de John Bonham, o baterista do Led Zeppelin que bebeu até morrer em 1980. (Os outros membros do Zeppelin muitas vezes se referiam ao rude e predador Bonham como "A Besta".)

Dizem que Axl Rose pediu Stephanie Seymour em casamento logo depois que eles se conheceram, na primavera de 1991, mas ela o deixou em banho-maria até conhecê-lo um pouco mais. Seymour deveria ter deixado Warren Beatty, mas algumas fontes sugerem que o poderoso astro de cinema e produtor não largou o osso, por assim dizer. De qualquer forma, na primavera de 1991, W. Axl Rose pensou que finalmente havia conhecido a mulher de seu destino. E, na verdade, ele estava claramente desesperado por algum tipo de normalidade. "Gostaria de ter alguma segurança", disse Axl a Mick Wall. "Nunca conheci segurança *nenhuma* na vida, sabe?"

Em maio de 1991, Axl despediu Alan Niven, empresário do Guns havia cinco anos. Diz a lenda que Axl se recusou a finalizar o *Use Your Illusion* a menos que Niven fosse substituído e que a banda

continuasse. Mais tarde, Axl contou à *Rolling Stone* que havia se cansado da lenga-lenga de Niven. O fotógrafo Robert John e outras pessoas próximas do Guns N' Roses afirmam que Axl nunca confiara cem por cento em Niven, e os executivos da Geffen Records não conseguiam acreditar que o *Use Your Illusion* ainda não tinha saído. De qualquer maneira, Alan Niven já devia estar farto. Ele continuou a empresariar o Great White e outras bandas.

O novo empresário do Guns N' Roses era Doug Goldstein, que havia começado com eles como segurança. Izzy Stradlin achava que Alan Niven tinha sido enganado, mas tentou dar a notícia de outra maneira: "Dougie [Goldstein] fez muita coisa nos últimos anos". Ou seja, ele tinha cuidado bem da banda. "Agora, ele é o cara que precisa ir até a casa de Axl às seis da manhã quando a porra do piano estiver pendurado para fora da janela." (Isso foi pouco depois de um Axl furioso tentar empurrar um piano de cauda Steinway de 50 mil dólares pela janela de vidro de sua casa em Malibu, para que se espatifasse em mil pedaços no desfiladeiro abaixo. O piano era grande demais para a janela, então ele ficou dependurado ali, precariamente, até alguém puxá-lo para dentro da casa.) "Agora, quando recebermos essas merdas de ligações: '*Ficou sabendo o que aconteceu? Axl fez o quê?*' Tudo bem, Dougie. *Você* cuida disso, e me liga quando tudo estiver resolvido."

John Reese substituiu Goldstein como gerente de turnês. Portanto, sob nova direção, e ainda trabalhando no álbum com Mike Clink e Bill Price, o Guns N' Roses se preparou para o que se chamaria "Get in the Ring Tour", que seguiu o sol do verão pelo mundo durante os 28 meses seguintes.

Nós estamos aqui

Maio de 1991. O Guns N' Roses se aquecia para sua primeira turnê como banda principal no Top Secret Club Tour, três noites em lugares pequenos. As camisetas feitas para essas datas, ecoando o antigo espírito dos cartazes de rua da banda,

declaravam: HERE TODAY, GONE TO HELL.[45] O primeiro show foi em 9 de maio no Warfield Theater em San Francisco, com os heróis locais Dumpster como banda de abertura. Axl surgiu dançando com uma camiseta C.A.M.P. (Campaign Against Marijuana Prohibition)[46] e liderou a banda em um ensaio insano de duas horas. Duas noites depois, o Guns tocou no Pantages Theater em Los Angeles, diante de um público de fãs ensandecidos e de jornalistas que haviam assinado o contrato midiático draconiano da banda. No dia 16 de maio, a banda tocou no Ritz em Nova York. Parte dessa apresentação foi filmada para o clipe do primeiro single do *Illusion*, "You Could Be Mine". Axl Rose, de legging com estampa de listras e estrelas, para se exibir para uma câmera de vídeo, pulou de uma rampa do lado esquerdo do palco e sentiu uma dor terrível na perda esquerda ao pisar no chão. Depois do show, não conseguiu andar. Raios X revelaram uma fratura no tornozelo esquerdo de Axl. Todo mundo entrou em parafuso. A turnê era dali a três semanas. Mas médicos profissionais de futebol foram trazidos, e também designers de tênis, e duas semanas depois Axl começou a Get in the Ring Tour usando uma bota/tala personalizada na altura do joelho, protegendo seu pé esquerdo enquanto a lesão cicatrizava.

Em uma tarde no meio do mês de maio, alguns dias antes da turnê, Axl se sentou com a jornalista Kim Neely em uma hamburgueria em Hollywood e pediu um cheeseburger, batatas fritas e milk-shake de chocolate. Usando shorts apertados, tênis com o nome AXL bordado e blazer preto, ele discorreu sobre vários tópicos. Mal conseguia acreditar que Steven Adler estava processando a banda e afirmando em público que seus colegas do Guns o haviam levado para a heroína. Axl descreveu semanas intensivas de psicoterapia que envolviam sessões de cinco horas, cinco dias por semana. Agora versado em jargões terapêuticos, Axl disse que costumava desprezar mulheres, mas que naquele momento se sentia diferente:

"Tive um relacionamento extremamente volátil com Erin", admitiu. "E estava projetando fortes sentimentos negativos sobre mim em outras pessoas. Eu era atraído a outras pessoas com

traços disfuncionais semelhantes, com quem eu acabava não me dando bem. Não era bom para mim nem para elas. Isso me fazia odiar estar com alguém, ou conhecer alguém, ou ter pensamentos bons sobre me conectar a alguém."

Mas Axl afirmou estar se sentindo ligeiramente melhor. "Estou ficando mais à vontade com as coisas. Ainda não sou bom em lidar com o estresse, e me disseram que isso se deve à maneira como fui criado. Minha família ferrava com todo tipo positivo ou produtivo de liberdade [...] Ainda tenho de me conter. Não vai acontecer da noite para o dia." Questionado sobre comportamentos sexuais, Axl replicou que passou por situações feias e violentas durante a infância. "E elas me afetaram de maneira negativa. Formei algumas opiniões muito sólidas e sérias, e tenho agido conforme isso desde então." A entrevista encerrou com o desejo de Axl de ajudar, de alguma forma, uma organização que lidasse com abuso sexual infantil.

O primeiro show do Guns foi em Alpine Valley, em Wisconsin, no dia 24 de maio de 1991. A esfuziante banda de hair metal Skid Row abria a turnê de 28 meses, e os jovens headbangers comemoraram sua boa sorte detonando o vestiário noite adentro. Os policiais que faziam a segurança do local quiseram prender Bas e sua banda de arruaceiros, mas foram dissuadidos por Doug Goldstein. Agora o Skid Row era o que o Guns N' Roses havia sido quatro anos antes: delinquentes afrontosos que faziam coisas estúpidas e se metiam em encrencas. Os caras do Guns, por outro lado, agora eram velhos estadistas do rock. Voavam para shows no caro jato fretado MGM Grand, um Boeing 727 equipado como se fosse um bordel alado da Máfia, com quartos, um bar e um salão; degustavam champanhe e canapés enquanto desbravavam os Estados Unidos. (Mas não Izzy Stradlin; entre os shows, ele viajava em seu próprio e luxuoso ônibus de turnê, desfrutando de privacidade, de sua bela esposa, Anneka, e de sua sobriedade obtida tão a duras penas, bem como de brinquedos – motos da Harley, bicicletas, skates, aeromodelos – que carregava consigo. Axl se referia a ele como "Sr. Invisível". Ninguém sabia dizer o que Izzy fazia nas horas vagas. Seu pastor alemão,

Treader, tinha seu próprio camarim laminado.) Portanto, em última análise, para muitos dos fãs mais jovens do Guns, era o Skid Row quem forneceria o gostinho da autêntica anarquia das ruas que eles haviam pagado para experimentar, enquanto a turnê de astros do rock tocava nos anfiteatros suburbanos e campos de futebol norte-americanos durante aquele verão de 1991.

Mas o Guns andara ensaiando, e alguns dos primeiros shows simplesmente arrasaram. Não havia um set list rígido, já que Axl insistia em começar espontaneamente as músicas, dependendo do que sentisse vontade de cantar. Da mesma forma, a banda tinha receio de testar algumas das canções novas, já que o álbum que as continha ainda não havia sido lançado. Frequentemente eles começavam com uma das novas ou com “Out ta Get Me”; em seguida sempre vinha “Mr. Brownstone” e, geralmente, “It’s So Easy”. Depois, eles davam uma misturada. Uma apresentação típica seguia com “Attitude”, depois “Live and Let Die”. Em seguida, músicas novas: “Bad Obsession”, “Double Talkin’ Jive” e “Civil War”.

Depois, Axl acalmava a multidão com “Patience”. Mas “Welcome to the Jungle” transformava estádios inteiros em uma fúria frenética. O solo de bateria noturno de Matt Sorum dava a Axl uma chance de ir até o cilindro de oxigênio em seu esconderijo minúsculo logo ao lado do palco. Em seguida, a banda voltava com “You Could Be Mine”, um novo hard rock que alguns fãs já conheciam das rádios. Então um piano era trazido ao palco e Axl se sentava para tocar “November Rain”, o novo e autoproclamado momento “Layla” do Guns, repleto das orquestras sintéticas de Dizzy Reed para teclado e a ária sustenida para guitarra de Slash, um hino. “Sweet Child o’ Mine” vinha depois, outra grande produção, seguida por “Heaven’s Door” como uma música para o público cantar junto, o clímax do show. O bis vinha com “Paradise City”, rápida e furiosa, e vez ou outra a banda mandava o público para casa com “Don’t Cry”, lembrando os fãs de que havia um céu acima deles.[47]

Tinha chovido em Alpine Valley, encharcando a galera na grama.

Às três horas da manhã, no hotel da banda, Dizzy Reed estava ficando incomodado com as quatro garotas molhadas desmaiadas em sua cama. ("Sempre é fácil identificar os caras novos na banda", brincou um dos roadies. "Eles ficam com as garotas sujas de lama.") Enquanto a equipe farreava no corredor, Axl estourava champanhe para um pequeno grupo em sua suíte. Às cinco da manhã, ele falou sobre o álbum para alguns repórteres que cobriam a turnê. Disse que possuía alguns terrenos naquela área e já quis ser enterrado ali algum dia, mas agora não tinha mais tanta certeza.

Acaloradamente, Axl explicou que o álbum estava atrasado porque o Guns se recusava a atender executivos necessitados e gananciosos. "Presenciei várias bandas lançando dois a quatro discos, e quem se importa?". Ele disse que queria recapturar a pureza de coração por trás do *Appetite for Destruction*. "Nós não juntamos as coisas de qualquer jeito para sermos astros do rock. Queríamos reunir coisas que significassem algo para nós." Axl insistiu que estava com o moral elevado: "Sempre soube muito bem aonde queria que o Guns N' Roses chegasse, e não posso afirmar que todo mundo tem esse tipo de controle. Agora estamos competindo com lendas do rock, e lisonjeados por estarmos nessa situação. Queremos nos definir. O *Appetite* foi um alicerce, um pontapé inicial. Foi, tipo, 'Nós estamos aqui', e colocamos uma estaca no chão. Agora, vamos construir alguma coisa".

Axl reconheceu que o Guns tinha perdido uma parte de seu velho eu, mas afirmou: "Há muita boa vontade em preservar o que temos juntos. Quero dizer, já perdemos um dos caras. Na verdade, perdemos muita gente – Alan [Niven], certos fotógrafos [que não eram mais bem-vindos], alguns seguranças, roadies, ajudantes de palco [que haviam sido dispensados]". Axl mencionou que os próximos shows da banda eram em Indiana e que havia muita gente que ele *não* convidaria para a apresentação, quase a mesma quantidade de pessoas convidadas. Ele pareceu estressado ao falar sobre Indiana. W. Axl Rose não parecia nem um pouco ansioso para ir para casa.

É como vender a alma

VÁ PARA O CHUVEIRO, FILHO DA MÃE!, mandava a folha de informações da turnê que foi passada por debaixo da porta dos quartos de hotel do Guns N' Roses na manhã do dia 28 de maio de 1991:

ACORDAR – 10H
MALAS NO HALL – 10H30
VANS PARA O AEROPORTO – 12H
VOO PARA INDIANA – 13H
CHEGADA EM INDIANA – 14H
PASSAGEM DE SOM – 16H
SKID ROW – 19H15
GN'R NO PALCO – 20H45
TOQUE DE RECOLHER – 23H
VOCÊS MANDARAM BEM PRA CACETE ONTEM À NOITE!

O Guns N' Roses fez dois shows no Deer Creek Music Center em Noblesville, perto de Indianápolis, começando no dia 28 de maio. A "casafobia" de Axl ficou patente após a música de abertura, "Out ta Get Me". Ele parou o show e reclamou amargamente do palco pequeno e do toque de recolher às 22h30 nas apresentações. Em um discurso de cinco minutos, Axl xingou as autoridades locais e disse que só um estado caipira como Indiana tinha um toque de recolher tão estúpido. Relatou que amigos de Lafayette lhe disseram que, quando ele "se mandou" do lugar, isso os inspirou a fazer o mesmo. "Tenho a impressão", disse Axl, andando pelo palco com uma jaqueta dos Estados Unidos, kilt xadrez e bandana, "de que tem muita *gente velha medrosa* nesta porra de estado, e basicamente [...] durante dois terços da minha vida, eles tentaram *me reprimir*." Houve muitos aplausos, e Axl olhou para os jovens em frente ao palco. "Parece que tenho um monte de prisioneiros descolados de Auschwitz aqui", sorriu. O comentário foi parar nos jornais, e logo as agências de notícias reportaram que Axl Rose havia comparado Indiana com a Alemanha nazista. Mais tarde, ele tentou explicar ao *Los Angeles Times*: "Eu só queria dizer [...] que eles também podem fugir".

Acredita-se que esse show foi o primeiro que contou com a apresentação ao vivo de “November Rain”. Sebastian Bach trouxe uma dançarina exótica para dançar no palco durante “Rocket Queen”.

Para o segundo show de Indiana, Axl enviou uma limusine para pegar sua avó e outros familiares em Lafayette. (O chofer também parou no Arni’s, em Elmwood, e encheu o porta-malas da limusine com dez pizzas recém-saídas do forno.) Todo mundo da equipe ficou impressionado com a semelhança da vovó Lintner com uma versão mais velha de Axl. Ela também conhecia as letras das músicas do Guns e cantou junto durante o show. Depois da apresentação, Axl fez uma reunião familiar decente nos bastidores. Mas algum gatilho – talvez o mero contato com familiares – deve ter provocado Axl, porque ele estava espumando de raiva ao voltar para o hotel. O campeão peso-pesado Mike Tyson havia estuprado uma garota no mesmo hotel pouco tempo antes, e Axl insistiu em ficar na mesma suíte. Mais tarde, naquela noite, Axl foi ouvido destruindo coisas de um jeito assustador e arbitrário, enquanto enlouquecia com algum assunto sobre o qual não queria conversar com ninguém. Doug Goldstein teve que ressarcir o hotel para impedir que Axl fosse preso.

Depois de mais shows no meio-oeste e no Canadá, o jatinho do Guns pousou na Filadélfia no dia 13 de junho. Como habitual, três limusines pararam ao lado do avião: uma para Axl, uma para Slash e Duff, e outra para Matt e Dizzy. Duas vans levavam os empresários, assistentes e fotógrafos que viajavam com a banda. Em seguida, a comitiva ia para o hotel ou para o show.

Na época, o novo disco do Skid Row, *Slave to the Grind*, era o álbum número um nos Estados Unidos, um eco do que o Guns havia feito com o Aerosmith três anos antes. (Mais tarde, Slash disse que a chegada do doidaço Sebastian Bach à turnê acrescentou um nível de devassidão que o Guns não via há um bom tempo.) Mas também havia uma grave tensão na banda, porque Axl tinha deixado multidões em Ohio e Nova York esperando por mais de uma hora, recusando-se a sair do camarim até estar pronto para se apresentar. (O Guns tinha que pagar multas pesadas quando isso fazia seus shows se

estenderem além dos toques de recolher do local e, sobretudo, quando não respeitava as regras do sindicato dos ajudantes de palco. Axl não se importava. Os outros membros da banda, que estavam financiando suas atitudes intencionalmente atrasadas, se importavam.)

Havia certa preocupação em relação à Filadélfia, onde Axl tinha escapado por um triz de ser preso na última vez, mas Stephanie Seymour se juntara à turnê, o que geralmente era útil para acalmar o neurótico avatar do Guns. Axl mencionou o desagradável incidente anterior no início do show, que seguia numa boa até ele interromper “Welcome to the Jungle” e tentar aplacar uma briga violenta em frente ao palco.

Depois, a banda recebeu a imprensa (submissa e puxa-saco) em uma sala nos bastidores à luz de velas e de lamparinas estilo art déco. O Queen e o AC/DC tocavam a todo vapor em alto-falantes enormes. Stephanie esfregava as costas de Axl, sentado de pernas cruzadas no carpete. Duff dizia que queria largar a bebida e estudar em Harvard quando o Guns acabasse. Matt Sorum, entorpecido entre uma fartura de groupies frugalmente vestidas, disse que se sentia como o Led Zeppelin sempre que entrava no jato de luxo particular do Guns. Slash comentou que estava de saco cheio de ambientes com groupies e se mandou. O contrato de turnê do Guns, que especificava o que era fornecido à banda no camarim, continha uma lista do que o grupo queria beber. Axl havia escolhido champanhe gelada e outros vinhos brancos. O bar de Slash incluía licor Jägermeister, uísque Jack Daniel’s, Coca-Cola e vodca Black Death. Duff bebia vodca e suco de mirtilo. Matt ficou satisfeito com cerveja. Dizzy, com Jack. Izzy bebia exclusivamente água mineral.

Izzy Stradlin (“lúcido, sagaz, despretensioso”) explicou que havia tomado o último drinque 18 meses antes, com Keith Richards e Ron Wood. Disse que viajava de ônibus “porque, se você está indo por terra, isso o mantém em contato com o restante do mundo”. Kim Neely, da *Rolling Stone*, observou que Izzy tinha a fama de ter composto a maioria das músicas em *Use Your Illusion*, mas ele refutou. “Tenho algumas no álbum”, admitiu, mas seu espírito era comunitário: “Mas todas foram mixadas em conjunto. Quando elas são gravadas com Axl

cantando e Slash tocando guitarra, parecem coisas do Guns N' Roses e pronto". Ele acrescentou que queria que o álbum saísse para poder ouvir as músicas novas em jukeboxes nas paradas de caminhoneiros. "Eu *nunca* toquei música nossa nessas paradas", acrescentou ele, depressa, "mas é o máximo ouvir Hank Williams e, em seguida, uma de nossas canções. É, tipo, *Isso aí! Conseguimos!*".

Dezesseis de junho. O Guns contornou Manhattan nessa etapa inicial, mas tocaria no Nassau Coliseum em Long Island no dia seguinte. Eles ficaram no Royalton Hotel em Manhattan, preferido por Axl pela decoração refinada e suítes escuras. Naquela noite, Axl convidou a banda para comer carne e beber champanhe na churrascaria Old Homestead. Mas Slash achou que o convite de Axl estava mais para uma convocação real e não foi ao jantar, preferindo ficar em seu quarto bicando heroína e ouvindo Metallica, especialmente "One".

Slash, escondido atrás do véu de cachos escuros para que seus olhos não fossem vistos, disse à jornalista Kim Neely que não era viciado. "Não sou nenhum anjinho, mas sei que não posso me viciar de novo. É uma droga alienante e ponto-final." Ele admitiu que o nível de estresse na banda estava estratosférico, e lidar com isso era terrível para todos. E ele já conseguia ver o fim da estrada: "O que me deixa bolado – se a banda acabar – é que nunca aceitarei o fato de que sou o ex-guitarrista do Guns N' Roses. É quase como... vender a alma".

Às nove da noite, a banda deveria ser fotografada para a capa da *Rolling Stone* pelo fotógrafo de moda Herb Ritts. Axl não queria fazer isso no mesmo dia do show, mas Ritts estava com muita demanda e aquele horário foi o único que ele conseguiu oferecer à banda. Izzy Stradlin chegou no horário no estúdio de Ritts, mas foi ler dentro do ônibus até o restante da corja dar as caras. Axl e Stephanie apareceram – às três da manhã. Os estilistas fizeram seu trabalho, os seis membros do Guns posaram para a capa, e então Ritts fez fotos de cada um deles. Axl foi o último a posar para Ritts e aparentemente gostou da sessão, que acabou às seis da manhã, quando os dedos rosados da

aurora surgiram sobre os arranha-céus da cidade de Nova York.

Mais tarde, naquela noite, o estacionamento do Nassau Coliseum, uma grande arena de hóquei em Uniondale, Long Island, ficou cheio de carrões dos jovens ricos de Nova York: Mustangs, Firebirds, Corvettes, BMWs série 3. Na arena escaldante, o público gritava durante o show de abertura feroz e sem frescuras do Skid Row. Cinco anos mais jovem, com um front man mais bonito e descrito como geneticamente projetado para o trabalho, o Skid Row impressionou a todos sem luzes nem nada além de um ataque massivo e despojado. O pessoal adorou a cantoria que Bas usava para encantar o público, mantras de arena como "One, two – fuck you!". Eles gostaram da camiseta de Bas, AIDS KILLS FAGS DEAD [A aids mata bichas]. (Na época, Sebastian Bach cumpria três anos de condicional por atirar de volta uma garrafa em um jovem em Springfield, Massachusetts, e acertar uma garota inocente no lugar dele. Ela entrou com um processo, e Bas teve de lhe pagar tudo o que recebeu naquela turnê.) Agora, o público esperava o Guns entrar. E esperava. E esperava um pouco mais.

Chegando de helicóptero de Manhattan, porque a Long Island Expressway parecia um estacionamento, Axl apareceu com duas horas de atraso, e o Coliseu, com ingressos esgotados e barulhento, se iluminou com isqueiros e lâmpadas de flash quando a banda subiu no palco. Axl (com suas roupas de palco estampadas com listras e estrelas) estava furioso – incomodado com a gravadora, os críticos de Nova York que haviam desrespeitado seus shows fora da cidade e o fotógrafo Herb Ritts. Depois da primeira música, Axl pediu desculpas:

"É, eu sei, eu sei. Está uma merda [...] Se vocês tiverem alguma reclamação de verdade, me façam um favor [...] escrevam uma pequena carta contando como foi uma merda e enviem para a Geffen Records [...] E podem pedir a *essas pessoas* que larguem do meu pé." (Logo "essas pessoas" – uma fila cheia de funcionários da Geffen perto do palco – supostamente receberam uma mensagem "de um certo camarim" de que seus crachás não serviam para o backstage depois do show. Então os funcionários

da Geffen foram embora, conferindo ao Guns o desprezo imortal e institucionalizado de várias das pessoas encarregadas de vender seus discos.)

Axl estava apenas aquecendo. Depois de "Mr. Brownstone", ele disse à multidão que não comprasse a *Rolling Stone* com a banda na capa. "Roubem", aconselhou ele a 18 mil fãs do Guns. Mas a fúria explícita de Axl aos poucos se transformou em um concerto esfuziante e empolgante, com o blues elétrico de Slash e a eurritmia maníaca roqueira do vocalista. No meio da apresentação, antes de uma sequência de músicas novas, Axl falou à multidão: "O álbum novo está atrasado de novo [...] a Geffen Records nos disse que eles queriam mudar o contrato [da banda], e decidi: VÃO SE FODER! [gritos] E já que não tenho tempo para fazer as duas coisas – voltar lá, brigar e encher o saco deles, ou ficar em turnê [...] – acho que simplesmente vamos fazer a turnê, nos divertir e... ELES QUE SE FODAM!". Isso também atraiu altos gritos. Axl continuou: "É uma vergonha, mas... Então vamos tocar muita coisa nova esta noite, e na verdade não importa, né?".

O Guns começou "Live and Let Die". Depois, durante "Patience", uma garrafa veio parar nos pés de Axl, e ele pediu ao público que batesse em qualquer alma viva que jogasse coisas no palco. Ele ameaçou sair se qualquer outra coisa caísse ali, e os fãs levaram suas palavras a sério. O restante do show incluiu farpas de Axl contra o *The New York Times*, o jornal semanal de Nova York *Village Voice* e uma crítica do *Philadelphia Inquirer* que havia elogiado o Guns mas detonado a banda local Skid Row. Ao que parece, Axl Rose vinha prestando muita atenção às notícias que saíam sobre o Guns. Diferentemente de outros astros de rock de qualquer época, Axl começou a usar o palco para atacar, citando nomes, jornalistas e críticos que ousavam dizer o que lhes viesse à cabeça sobre o que a revista *RIP* ainda chamava de "a banda dominante do rock 'n' roll".

Rock de combate

Julho de 1991. "You Could Be Mine", primeiro single de *Use Your*

Illusion, foi lançado no início do mês. A música fazia parte do filme de ação *O exterminador do futuro 2*, com Arnold Schwarzenegger, e o futuro governador da Califórnia aparece no clipe. "You Could Be Mine" atingiu as rádios com menor intensidade do que a Geffen esperava, porque o hard rock das antigas do Guns estava sendo rapidamente ofuscado (e mesmo ultrapassado) pelo novo som "alternativo" e movido a heroína de Seattle – o *grunge*. As novas bandas importantes de 1991 – Nirvana, Pearl Jam, Soundgarden, Stone Temple Pilots – reciclavam a ressaca sônica do Led Zeppelin com letras de ambivalência torturada e niilismo subversivo. A nova música era perfeita para uma era em que o "Revolution" dos Beatles era usado como um jingle de propaganda, e a Guerra do Golfo – com suas bombas inteligentes e drones não tripulados – estava sendo reportada como se fosse um video game. Em poucos meses, Kurt Cobain, do Nirvana, já havia recebido o título de voz de sua geração, e de repente os problemas pessoais de Axl pareciam irrelevantes para todo mundo, exceto para ele mesmo. Na verdade, alguns novos heróis do grunge faziam o Guns parecer convencional e quadrado. Enquanto Axl Rose atacava a homossexualidade, Kurt Cobain dava um beijo de língua em seu baixista no *Saturday Night Live* e tocava no *Headbangers Ball* da MTV usando um vestido de festa.

Ainda que o *Use Your Illusion* estivesse sendo mixado, ficava claro para certos executivos da Geffen, sobretudo os que trabalhavam com a atração grunge da gravadora, o Nirvana, que o novo álbum do Guns N' Roses já era obsoleto. Logo as estações de rádio de hard rock nos Estados Unidos mudariam para o formato "alternativo", deixando bandas de rock como o Guns lutando por uma transmissão. Apesar disso, os fãs do Guns e os varejistas ainda queriam o(s) álbum(ns), os pedidos antecipados estavam na casa dos milhões, e a banda mantinha Bill Price ocupado enquanto fazia turnê.

Bill Price recordou: "Eles ainda não tinham terminado o álbum quando a turnê colossal começou. Mike Clink estava na estrada com a banda, gravando-os sempre que possível. Eu estava de volta a Los Angeles na mesa de mixagem, esperando a DHL [correio] passar a próxima fita pela porta. Então as seis últimas

músicas foram gravadas, sobrepostas, e receberam as partes dos vocais e das guitarras em estúdios aleatórios espalhados pelos Estados Unidos, quando a banda tinha folga entre os shows. Meu método de mixagem mudou e passei a voar pelos Estados Unidos com os bolsos cheios de DATS, tocando as mixagens para a banda nos bastidores – o que era divertido pra caramba, na verdade. Eles me mantinham bem ocupado".

Mais tarde, Duff McKagan disse que a Marlboro havia oferecido ao Guns um patrocínio de 20 milhões de dólares pela turnê, e que a banda tinha declinado. Todos fumavam, afirmou Duff, mas isso não significava que eles queriam que os jovens também fumassem. Mesmo assim, Axl Rose apareceu em vários daqueles shows de verão usando um camisetão com o logo vermelho da marca no peito.

Nas entrevistas, Axl se referia às turnês como a "zona de combate" de sua vida já conturbada. Ele chegava atrasado a muitos shows, e algumas apresentações ficavam péssimas. O gerente de turnês John Reese afirmou que, dependendo da noite, o Guns podia matar você de tédio ou lhe oferecer o melhor show do rock que você já tinha visto. A psicoterapeuta de Axl, uma mulher jovem e atraente, às vezes pegava a estrada como parte da ampla comitiva do vocalista, e a equipe percebeu que ele se saía melhor quando ela estava por perto. No mínimo, diziam seus amigos, a terapia de Axl o ajudara com a depressão esmagadora que o havia feito querer se matar no passado. "Entro em parafuso por medo de minha própria fraqueza", disse ele. "Minha fraqueza envolve o que faço, e o que faço é cantar, correr e ser fotografado." Questionado sobre sua ampla equipe de apoio (psicoterapeutas, sua irmã Amy, guarda-costas, estilistas, assistentes, fisioterapeutas), Axl replicou, "sempre precisei de manutenção potente para fazer o show continuar. Na verdade, nada vem naturalmente, exceto o desejo de cantar". Ele também afirmou que se sentia preso por seu destino. "O que vou fazer – ir a Paris e escrever poesia? Visitar museus de arte e esperar que

aquilo que me propus a fazer não me destrua?"

Dois de julho de 1991. Axl Rose odiou as vibrações do Riverport Arts Center, um novo anfiteatro próximo a St. Louis, Missouri, assim que o Guns subiu ao palco uma hora depois do horário combinado. O calor e a umidade do verão na velha cidade ribeirinha eram intensos e davam nos nervos. A segurança do local parecia relaxada demais, e Axl tinha ficado irritado com a chegada de um fã ansioso no backstage. Quando o show começou, ele viu um dos gorilas da segurança empurrar uma jovem, obviamente machucando-a. No palco, a temperatura era de uns cem graus. Ele notou câmeras entre a multidão, o que odiava, e depois viu pessoas bebendo cerveja em garrafas de vidro proibidas, algumas das quais logo acertaram o palco perto de Duff McKagan.

Depois, com sua raiva aumentando incontrolavelmente, Axl viu uma gangue de motoqueiros locais ocupar a área em frente ao palco, empurrando os garotos de lado e forçando os valentões da segurança. Isso foi aos 90 minutos do show. O motoqueiro maior e com cara de mais malvado começou a gritar o nome de Axl, tentando chamar sua atenção. Axl parou o show e deixou o homem lhe entregar um cartão de visita. Em seguida, o motoqueiro sacou uma câmera de vídeo e começou a filmar. Furioso, Axl interrompeu o show e mandou que confiscassem a câmera, mas ninguém se atreveu a entrar no meio de uma gangue de motoqueiros do Missouri com a cara cheia de cerveja e tentar uma missão suicida.

Rock de combate! Axl Rose voou do palco pelos ares e aterrissou no meio da gangue. Não se sabe como, mas ele agarrou o motociclista com a câmera e pediu ajuda. A banda parou de tocar e ficou observando, impotente, a equipe de segurança do local agarrar e puxar Axl. O vocalista atacou um dos guardas, e o corpo a corpo ficou descontrolado até os guarda-costas do Guns colocarem Axl de volta no palco. Mas ele havia perdido uma das lentes de contato e mal conseguia enxergar. Os motoqueiros ainda estavam lá na frente, e a equipe de segurança parecia rir dele. Foi uma situação ultrajante. Axl disse: "Bem... graças à

segurança de merda de vocês... vou para casa!". Ele jogou o microfone com força no chão e saiu do palco.

O infeliz promotor acendeu as luzes dez minutos depois, como se o show tivesse acabado – um grande erro. O público se sentiu roubado e surtou. Começaram a atirar garrafas, depois, cadeiras; os mais bêbados tiraram a camiseta e ocuparam o palco. "Fui ao camarim", disse Axl mais tarde, "e encontrei outra lente. A coisa estava ficando louca, e decidimos voltar e tentar tocar porque não queríamos que ninguém se machucasse." Com centenas de jovens ocupando o palco, anunciou-se que o show recomeçaria se eles voltassem a seus assentos. Ninguém se mexeu. Fogueiras foram acesas. Fileiras de assentos inteiras foram erguidas e levadas para o palco para serem usadas como artilharia de fãs. Então alguém subiu ao palco com uma mangueira e começou a jogar água nos fãs revoltados, o que transformou toda a situação num caos. Rapidamente, os policiais assumiram o controle do palco, lançaram spray de pimenta nos jovens da frente e, depois, recuaram totalmente. Slash: "O lugar ficou todo destruído. Foi a coisa mais assustadora que já vi. Nos bastidores, pessoas em macas, ensanguentadas, retorcidas. Estávamos no camarim, ouvindo os sons do inferno".

Mais tarde, Axl contou à MTV: "É, eu pulei do palco, e depois disso as coisas se descontrolaram. Eu poderia ter lidado melhor com aquilo, mas naquele ponto ninguém controlava nada. Então assumi a responsabilidade [...]".

Os promotores culparam Axl por ter começado o tumulto e sugeriram a Doug Goldstein que caísse fora de lá com a banda. Enquanto os membros do Guns eram levados às pressas até uma van anônima sob um bombardeio de garrafas, o som de incêndios criminosos, vandalismo e sirenes policiais preenchia a noite úmida. John Reese disse à banda que ficasse de cabeça baixa e mandou ao motorista que os tirasse do Missouri antes que alguém tivesse tempo de acusar Axl de alguma coisa. O equipamento do Guns e alguns instrumentos estavam em pedaços. Enquanto cruzavam o rio Mississipi rumo à segurança de Illinois, a banda conversou muito pouco. Mais tarde, John Reese recordou: "Só disse ao motorista que fosse até a fronteira estadual mais próxima – e rápido. Lá estava a maior banda do

mundo, agachada no banco de trás de uma van para fugir da prisão. Fomos direto a Chicago, sem parar. Foi uma loucura".

A polícia levou três horas para restaurar a ordem. Prenderam 20 pessoas, e ambulâncias levaram 60 feridos para hospitais. Os danos ao novo anfiteatro e à área adjacente foram estimados em centenas de milhares de dólares. Na manhã seguinte, o tumulto virou manchete nos jornais de St. Louis, e poucas horas depois o mergulho destemperado de Axl Rose na multidão em um tórrido galpão do meio-oeste virou notícia nacional.

Liberdade de expressão

Verão de 1991. O Guns N' Roses fervia pelos estádios, arenas e coliseus dos Estados Unidos em vários níveis de arte. (A banda estava competindo com o primeiro festival Lollapalooza, um novo circo itinerante para bandas alternativas e indie com mais credibilidade nas ruas que o Guns.) Em algumas noites, o Guns cavalgava eclusas de águas límpidas cheias de brilhantismo do hard rock; em outras, era como o show abatido em Charlotte, na Carolina do Norte: após tocar duas músicas que ninguém conhecia, Axl insultou o público pela falta de apreciação e, em seguida, basicamente ficou de cara feia por duas horas, o que deixou os fãs de saco cheio. Depois, ele pediu desculpas por seu comportamento e afirmou que não havia "orgasmos fingidos" em seu palco. Os jovens em assentos baratos que haviam comprado os ingressos com o dinheiro da mesada não teriam se importado com orgasmos fingidos, o que era melhor que duas horas de tédio.

Após o desastre de St. Louis, os shows das celebrações de Quatro de Julho em Chicago foram cancelados, o que deu ao Guns e ao Skid Row quase uma semana de folga. Os roadies tiveram que se virar para construir um palco novo e encontrar equipamentos para substituir os estragados. O promotor de St. Louis fez três acusações de agressão a Axl e uma de danos a propriedade, relacionadas ao tumulto. Essas acusações mencionavam três anos de prisão, e foram levadas a sério pela

equipe jurídica do Guns. Por fim, o caso foi resolvido, mas o Guns N' Roses nunca mais voltou a St. Louis.

Axl Rose usou esse recesso para aprimorar as faixas vocais do *Use Your Illusion*. Axl chamou o vocalista do Blind Melon, Shannon Hoon, para cantar as partes mais agudas em várias das baladas novas. Como Izzy e Axl, Hoon era de Lafayette, Indiana. (Supostamente, Hoon também era um parente distante de Axl, e também acumulou uma lista similar de pequenos delitos quando estava no ensino médio.) Ele havia seguido Axl até Hollywood e, por fim, o contatou depois que uma demo de quatro músicas do Blind Melon recebeu um adiantamento de meio milhão de dólares da Capitol Records. A voz de soprano e etérea de Shannon suavizou os uivos estridentes de Axl em novas músicas cruciais, como "The Garden" e "Don't Cry", além de conferir às novas baladas do Guns um toque leve e ligeiramente assustador.

A turnê foi retomada uma semana depois, em Dallas, com dois shows no Starplex Amphitheater. Como sempre, Axl estava fervendo de raiva: durante a semana inteira, ele vinha assistindo a uma reportagem da CNN sobre ele ter começado um tumulto em St. Louis. Foi uma história extensa no canal a cabo, e, sempre que Axl a assistia, ficava mais furioso.

Portanto, o primeiro show em Dallas começou com mais de duas horas de atraso. A banda estava tinindo, pronta para arrasar, mas a deixaram esperando: uma humilhação interna excruciante para uma banda de rock importantíssima e internacional. Matt Sorum murmurou que queria encher Axl de porrada. O Guns começou às 11 e meia da noite. Após as primeiras músicas, um Axl obviamente agitado falou ao público: "Às vezes [...] é difícil entender por que subimos no palco para fazer isso, porque [...] às vezes é divertido, mas... outras, é preciso toda a energia física que temos para subir aqui e fazer o nosso trabalho".

Ele reclamou da CNN: "Eles estão falando que *'Na banda, tem um viciado em heroína em recuperação, e uma vez Axl Rose foi visto dirigindo na rua e gritando obscenidades para a ex-esposa'*. [...] Que *diabos* isso tem a ver com St. Louis?".

As pessoas da frente gritavam pedidos de música, mas Axl só estava aquecendo. "Agora, ao mesmo tempo [...] que isso não terá efeito sobre Dallas, também *não deveria* me afetar, *isso fode com o rock and roll* – em geral. Tipo, *quem são as principais pessoas* que assistem a essas notícias e leem essa merda? Todas na casa dos 40 e 50 anos, sentadas lá, comendo cereal e bebendo café."

Axl disse que não estava criticando o fato de as pessoas envelhecerem, mas gente mais velha não deveria negar aos mais jovens sua humanidade essencial. Afirmou que se preocupava com o fato de pessoas mais velhas lerem aquelas merdas sobre a banda e, se seus filhos gostassem do Guns, "eles tomariam um tapa na cabeça ou algo do tipo". (Que foi o que aconteceu com Bill Bailey anos atrás.)

Finalmente, Axl chegou ao ponto: "E isso [o fato de o jovem levar tapas] realmente me faz questionar 'Porra, qual o sentido?'. Estamos aqui, e o que fazemos [...] é algo que *está morrendo nos Estados Unidos, porra* – em geral, permanece na clandestinidade e não faz tanto sucesso quanto o Guns N' Roses – é liberdade de expressão. E, basicamente, é tudo o que somos, porra. O Guns N' Roses é apenas um maldito exemplo de liberdade de expressão". Altos gritos. O restante do show foi ótimo, com Axl e Slash correndo para cima e para baixo pelo palco de aço de alta tecnologia e despendendo energia suficiente para iluminar a cidade pelo resto da noite. Após o show, Matt Sorum invadiu o sacrário de Axl. Sorum se queixou amargamente sobre o atraso do show, mas Axl estava em clima conciliador e conseguiu, com firmeza, colocar o novo baterista da banda em seu lugar.

Tinha sido uma semana difícil, que havia colocado uma pesada carga psíquica e financeira na turnê. Logo, o grupo de terapeutas, conselheiros e médiuns de Axl decidiu que seria bom se ele pudesse pedir desculpas à banda e à equipe sobre o ocorrido. Palavras são analgésicos, disseram a ele, e no fim das contas o ajudariam a se sentir melhor. Portanto, após o segundo show em Dallas, Axl convidou toda a equipe para jantar em uma sala privativa do hotel. Respaldado pelos terapeutas, Axl ficou em pé e pediu desculpas por seu comportamento: chegar atrasado, ficar com raiva, ser arrogante; ser um babaca (conforme

ele colocou); começar um tumulto. Todo mundo aplaudiu enquanto ele falava.

Porém, duas noites depois, no Colorado, aconteceu tudo de novo. O pessoal só meneava a cabeça. Izzy Stradlin foi estoico. “Temos os shows agendados”, afirmou ele, “então é melhor aparecermos e tocarmos. Além disso, não quero mais aparecer na CNN.”

No backstage em Denver: Slash e Duff estão na suíte luxuosamente decorada do Guns, desmontada e remontada para cada show. Ela tem móveis confortáveis, um grande sistema de som, vários video games, um bar e um bufê. A equipe odeia esse lugar, por causa da ordem estrita de Axl para não desmontarem nada até ele deixar o local após o show, o que às vezes acontecia de manhãzinha. Slash e Duff passam em revista as garotas perto do palco, usando um feed de vídeo ao vivo e atribuindo valor em uma escala de 1 a 10. (Duff: “Belos peitos! Nove!”.) Roadies são enviados até as sortudas, com credenciais para elas depois do show. Izzy joga video game num canto, literalmente fora do ar. Axl não está lá.

A banda entrou no palco duas horas depois de o Skid Row ter encerrado. Como sempre, “Mr. Brownstone” veio depois de “You Could Be Mine”. “Live and Let Die” foi musicalmente áspera e irregular, mas cinco grandes holofotes lançaram luzes estroboscópicas no público durante os acordes martelados do refrão. Tudo estava indo bem até Axl passar o microfone para Izzy em “Dust N’ Bones”. Após dois compassos da música, Axl parou o show para detonar um pobre adolescente que havia levantado o dedo do meio para o vocalista. Axl o chamou de escória de merda, idiota, babaca estúpido, filho da mãe e filho da mãe estúpido. Izzy, que havia sido interrompido, só olhou, quase sem acreditar. Quando Axl se acalmou, eles terminaram a música. A próxima era “Patience”.

O filme *The Doors*, de Oliver Stone, havia saído recentemente, e Axl já o vira diversas vezes. Em Denver, entre as músicas, ele andava nervosamente pelo palco e disparava contra a mídia. “Bem, eles mataram Jim Morrison, não mataram? E

agora [...] *estão tentando me matar*!" Alguns críticos apontaram que o famoso hábito de Axl de começar os shows com atraso era uma tentativa de imitar o costume de Morrison de fazer o mesmo. Mas não importava o quanto as coisas ficassem estranhas no palco, as músicas antigas sempre conquistavam as multidões no fim. A banda mandava ver em "Rocket Queen", "Sweet Child" e "Paradise City" e em algumas noites o show virava um espetáculo.

Nos shows em Chicago, Axl detonou sua família em um discurso furioso de 15 minutos praticamente ininteligível. Algumas pessoas da plateia pensaram ter ouvido Axl dizer que foi abusado sexualmente, e sua irmã também. Havia muita gente de Lafayette no show, e essas pessoas (e muitas outras) ficaram chocadas com o que ouviram. Axl não se desculpou. "Recebi telefonemas pesados de meus familiares. Eles disseram, 'Como pôde fazer isso com a coitada da sua mãe?'. Foda-se, cara. Como foi que ela nunca saiu de casa, sendo que sabia de toda a merda que me acontecia lá dentro? [...] As pessoas querem que eu me cale, mas vou falar sobre isso. Vou é *atacar* esses filhos da mãe. E sou a *última* pessoa que eles deviam esperar que beijasse o traseiro delas."

O Guns ficou na estrada durante o restante do mês de julho, principalmente em estados do oeste, encerrando na Califórnia. Axl teve problemas com os roadies em San Francisco, porque chutou um roadie que havia subido no palco para pegar um microfone que Axl tinha detonado, e depois teve que pedir desculpas. A banda terminou com quatro shows com ingressos esgotados em Los Angeles. (O último show durou três horas e meia, o mais longo que a banda já tinha feito.)

Durante a preparação para esses shows, Axl e Slash finalizaram os vocais e as sobreposições de guitarra para os dois álbuns novos. A última música em que trabalharam foi a infernal "Get in the Ring", uma venenosa provocação a críticos, policiais e qualquer pessoa tola o suficiente para se meter no caminho da impiedosa corrida do Guns N' Roses até o pote de ouro. Axl assinou formalmente a mixagem final da DAT no dia 28

de julho de 1991. Na noite seguinte, no que à época recebeu o nome de Great Western Forum, Axl disse ao público que ele e Slash haviam terminado o disco novo. "O filho da mãe está finalizado", anunciou, recebendo altos gritos de aplauso por isso. A sala VIP dos bastidores estava cheia de estrelas: Johnny Depp, Schwarzenegger, Cher, Billy Idol, Lenny Kravitz, Pee-wee Herman, entre outras menos conhecidas.

O Guns teve dez dias de descanso entre os shows de Los Angeles e a próxima leva de turnês pelo norte da Europa, mas Axl estava inquieto. Primeiro, tinha que dividir Stephanie com Dylan, seu filho de 3 anos. Isso era um saco, dizia ele aos amigos. De uma hora para outra, Axl era o (mau) padrasto, recebendo orientações indesejadas sobre como cuidar de uma criança (hiper)ativa. Ele contou a um entrevistador que, depois de alguns dias, aquilo o sobrecarregou. "Estou até tonto por causa das mudanças que isso está me causando [...] Ah, cara, eles pulam dos lugares e coisas do tipo. Isso me deixa apavorado [...] Então, quando dizem que Axl é uma criança gritalhona de 2 anos, estão certos!" A prioridade do filho na vida de Stephanie Seymour gerou conflitos, e Axl também reclamava com frequência do desejo por cocaína da namorada, começando a ser rude com ela.

Outro problema de Axl era Izzy Stradlin, agora uma lenda dentro da própria banda. Izzy, sempre solitário, nunca estava por perto. Ele não havia trabalhado em nenhuma de suas músicas novas além da etapa demo de quatro faixas. Izzy estava irredutível sobre não querer mais fazer clipes patéticos. Pensava em voz alta que o Guns tinha ficado grande demais. Todo o lance do Guns N' Roses era inflado, chapado e neurótico demais para Izzy. Ele ainda tinha uma mentalidade boêmia, purista e de banda de garagem. Nunca quis que o Guns fosse *gigante*, a ponto de as coisas deixarem de ser divertidas. No palco, Slash, Duff e Axl davam suor e sangue com o peito nu enquanto subiam e desciam as rampas do palco, tentando se conectar com o público, sobretudo durante as músicas novas que às vezes não empolgavam. Muitas vezes, Izzy apenas ficava lá com seus chapéus variados, tocando guitarra base, com um visual bem

descolado, mas sem contribuir com a coreografia maníaca necessária para agitar uma pista de corrida em Birmingham, no Alabama. Axl e Slash sentiam que ambos estavam dando cem por cento de si toda noite. Sentiam que, de algum modo, estavam sendo roubados. Algo devia ser feito, decidiu Axl.

"Welcome to the Jungle 2"

A primeira turnê europeia do Guns começou no dia 13 de agosto de 1991, mais uma vez com abertura do Skid Row. Agora, "Live and Let Die" era a música mais importante do show depois de "Welcome to the Jungle". Axl tocou a antiga música dos Wings como uma estrela dramática, com holofotes o seguindo enquanto ele corria por seu playground de aço durante os remendos de teclado de Dizzy e as árias de Slash com a Les Paul. Na maioria das noites, Axl explicava que "Live and Let Die" era uma obra central de *Use Your Illusion*, ainda não lançado. "Ela meio que resume tudo sobre nós", disse ele a uma plateia. "Consideramos que ela é o 'Welcome to the Jungle 2'."

Nesta parte da turnê, Axl frequentemente cantava com um protetor peitoral de um apanhador de beisebol, um boné do NWA (Niggers With Attitude) e shorts curtos que mostravam a maior parte de suas pernas nuas e musculosas. Duff McKagan usava couro da cabeça aos pés, com um chapéu de caubói combinando. Slash preferia camisetas largas da Ferrari, enquanto Izzy usava seus chapéus molengas habituais e lenços de astro do rock. O palco no estádio era ladeado por telas enormes de vídeo e versões de três andares das ilustrações *Illusion* de Kostabi: a dourada à esquerda, a azul à direita.

Uma hora depois do primeiro de dois shows esgotados no Ice Hall em Helsinki, Finlândia, Axl se sentiu mal e saiu do palco enquanto a banda começava "Civil War". O Guns terminou a música só com os instrumentos e continuou com a nova "14 Years" com Izzy nos vocais. Nada de Axl ainda, que estava no camarim com a cabeça entre as mãos, pensando nas questões de sua vida que tratava em terapia enquanto a banda enrolava no

palco. Como ele disse mais tarde à *Rolling Stone*: "A pressão de *ter que* fazer o show quando há mais coisas acontecendo na vida é difícil de superar. Só comecei a fazer terapia em fevereiro, e neste exato instante estou no meio de um monte de coisas. Na Finlândia, eu me sentei enquanto cantava 'Civil War' porque não conseguia entender o que estava fazendo. Meus lábios, o microfone, os roadies [...] e tudo simplesmente apagou. Não consegui fazer um bom show". Ele explicou que esse era o motivo de chegar atrasado nas apresentações, e que não havia por que começar um show se não estivesse mentalmente pronto para terminá-lo.

Portanto, Matt Sorum martelou um solo de bateria estendido; depois, Slash disparou em um longo e improvisado monólogo de guitarra, com generosas chicotadas de Hendrix, cascatas estrondosas de notas cadentes e arabescos intrincados de guitarra de blues. Axl Rose voltou após meia hora e terminou o show de 90 minutos para o qual o Guns tinha sido contratado.

Quatro noites depois, em Estocolmo, na Suécia, Axl deixou sua suíte de hotel para o segundo show em dois dias. Pela primeira vez, ele estava no horário. Mas, em vez de entrar no carro que o esperava, ele ficou uma hora na roleta do cassino do hotel enquanto uma casa cheia o aguardava na arena do Globe do outro lado da cidade. Ele devia estar irritado porque uma foto não autorizada da banda, feita às escondidas em um clube noturno, estava na página principal do jornal *Expressen* (que havia feito uma crítica extremamente positiva do show do Guns). Após perder algum dinheiro, Axl voltou para o quarto. Mas depois desceu e entrou no carro. A meio caminho do Globe, ele mandou parar o carro para olhar os fogos de artifício do feriado sueco de verão Vattenfestivalen. O show, marcado para as nove horas, começou quase à meia-noite. O público estava cansado. Durante "Heaven's Door", Axl provocou: "Agora, nesta aqui, talvez vocês que, tipo, *dormiram durante toda a porra do show* [...] pudessem cantar juntos também [...] Ei, se estão entediados, deveriam ter guardado dinheiro e ido ver os fogos de artifício hoje à noite. *Eu vi* [...] estavam incríveis!".

Na noite seguinte, o Guns tocou em Copenhague, na Dinamarca. Duff e Slash tiveram uma coletiva de imprensa

surreal, na qual fizeram a eles perguntas sobre política até Duff perder a paciência. "*Não somos* a queda do Muro de Berlim", disse ele. "*Não somos* a queda do comunismo, cara. *Não somos* a guerra civil na Iugoslávia. Somos só uma banda de rock and roll, cacete!" Slash concordou. "Toda a atenção que uma banda de sucesso recebe é simplesmente ridícula."

Copenhagen ia bem até uma bombinha vinda da plateia explodir perto de Slash. Axl parou o show e disse que nada aconteceria até o atirador da bomba dar um passo à frente e confessar. O Guns voltou ao palco 15 minutos depois, mas terminou o show mais cedo e com um bis mais curto. Axl Rose saiu imediatamente e desapareceu.

No dia seguinte, 20 de agosto, o Guns voou para Oslo, Noruega, e se registrou no Hotel Grand. Os ingressos para o show de Oslo estavam esgotados. Naquela tarde, durante a passagem de som, Izzy mencionou por acaso ao promotor da turnê sueca que ninguém sabia onde Axl Rose estava. Então a assistente de Axl ligou e disse que ele estava em Paris. Algumas horas depois, ela voltou a ligar para dizer que Axl não viria. O show de Oslo foi cancelado. Sozinho em sua suíte de um hotel cinco estrelas em Paris, W. Axl Rose bancou o Aquiles amuado em sua tenda. (Houve relatos na imprensa de que Axl foi visto meditando no túmulo de Jim Morrison naquela tarde. A tumba de Morrison, na época, era lotada de peregrinos dos países do Leste Europeu recém-libertos do domínio da União Soviética. Fãs dos Doors de todas as idades dançavam, ligavam caixas de som, tocavam guitarra, fumavam maconha e bebiam – uma festa constante.) Mas o Guns e sua equipe, presos em Oslo e amargando um impotente ressentimento, sabiam que algo maior estava fervilhando e que não havia a menor possibilidade de isso ser bom.

A fúria irrompeu no backstage em Manheim, Alemanha. O Guns tinha vendido mais ingressos que os Rolling Stones e Madonna juntos, que haviam tocado no local um ano antes, e o show único da banda estava sendo coberto pela imprensa alemã como um evento nacional. Enquanto o Nine Inch Nails e o Skid Row abriam o show, Axl convocou uma reunião incomum com a banda antes da apresentação, que se estendeu muito além do

horário em que o Guns deveria entrar no palco. A equipe ouviu vozes alteradas por trás das portas trancadas e vigiadas, e o clima nos bastidores era de tensão e nervosismo. Robert John: "Estávamos na Alemanha, e eu sabia que havia algo errado. A banda não subia no palco, e ninguém sabia por quê. Duff saiu da reunião realmente chateado, depois voltou para lá. Começamos a mandar as namoradas de volta para o hotel com as coisas delas. Finalmente a banda saiu e fez o show, mas ninguém parecia feliz. Então disseram por alto à equipe que o que aconteceu foi algo relacionado à demissão de Izzy. Tipo, disseram que ele não estava rendendo o suficiente e que seu pagamento poderia ser afetado, e coisas do tipo. Não conseguia acreditar, porque na minha visão Izzy tinha composto todas as melhores músicas do grupo. Ele era parceiro de escrita de Axl. A maioria das melhores músicas do álbum – como 'Dust N' Bones' – era de Izzy".

Mannheim era um estádio aberto de futebol sob o crepúsculo do verão na Alemanha. O Guns entrou (muito tarde até para eles) com "You Could Be Mine". Mas Axl saiu depois de 20 minutos, e a banda deixou o palco em seguida. Axl entrou na van que o trouxera do camarim e não queria sair. Alguns dos 40 mil jovens alemães começaram a atirar objetos, mas o promotor Ossy Hoppe subiu no palco e explicou que Axl não se sentia bem. Na van, Doug Goldstein suplicava a Axl que terminasse o show, para que não houvesse um tumulto. Duff e Slash também tentaram, mas Axl continuou na van. Por fim, Matt entrou no veículo no instante em que Axl se preparava para voltar. "O que você tá fazendo, porra?", gritou Sorum. "Volte para o palco!". Slash entrou no meio dos dois, e Axl subiu de volta na van e disse ao motorista que voltasse ao hotel. Mas o promotor tivera a prudência de fechar os portões do estádio, para que a banda não conseguisse sair. Por fim, os promotores disseram a Axl que ele seria preso se os jovens fizessem um tumulto. Então o Guns voltou após meia hora e terminou o show. Dizem que a multa paga pela banda por tocar após o toque de recolher ficou na casa das dezenas de milhares de dólares.

Depois disso, Izzy Stradlin confidenciou a amigos que se sentia numa ditadura, e que provavelmente sairia do Guns após o lançamento de *Use Your Illusion*. Slash afirma que Izzy disse a

Doug Goldstein que sairia após a turnê atual. “Não acho que Izzy tenha sequer chegado a discutir isso com Axl”, lembrou ele. A equipe dos roadies ficou chateada; muitos deles achavam que Izzy era a verdadeira alma do Guns N’ Roses. Izzy Stradlin deixou a turnê e desapareceu por quase uma semana.

Slash tentou dissuadir Izzy de deixar a banda, que estava no auge: grandes estádios, públicos enormes, viagens, dinheiro pra valer. Izzy se limitava a responder: “Eu sei. Mas, cara, não quero mais fazer isso, simples assim”.

Mais tarde, Axl descreveu a reunião que tirou Izzy do Guns: “Foi, tipo [dissemos a ele], ‘você não está contribuindo como os outros’. Slash e eu estávamos fazendo todo o trabalho – de manter a atenção e a energia da multidão. Estou no palco, falando: ‘Isso é difícil pra valer, e estou dentro, e mandando ver, mas *aquele cara* só fica ali parado?’ […] Esse cara levanta às seis e meia da manhã, anda de bicicleta, moto e compra aviões de brinquedo, despendendo toda a energia em outras coisas, e é preciso cem por cento da *nossa* energia para fazer o que fazemos no palco […] estamos sendo roubados”.

O último show da turnê europeia foi em 31 de agosto no Wembley Stadium, o gigantesco estádio de futebol no norte de Londres. Bandeiras heráldicas e do Reino Unido ondulavam nos parapeitos do estádio naquela tarde brilhante sob o sol de verão, enquanto 72 mil fãs seguiam para o show sob o crepúsculo do fim do verão. Os assentos tinham se esgotado em tempo recorde, o mais rápido de qualquer banda de rock até então. Os jornais londrinos haviam informado que o conselho municipal, a autoridade que licenciou o show, estipulara que nenhum palavrão seria permitido no palco do estádio, para que os sentimentos da comunidade não fossem feridos. Logo, alguns dias antes do show, o metrô de Londres ficou cheio de pôsteres de campanha de guerrilha que recordavam os cartazes foras da lei do Guns de outrora. Os cartazes toscamente pintados continham as frases: GUNS N’ FUCKING ROSES / WEMBLEY FUCKING STADIUM / SOLD FUCKING OUT.48

Na base do Guns, corria certa preocupação de que Izzy

Stradlin talvez não desse as caras. À boca pequena, integrantes da turnê diziam – "*Não cite meu nome, colega*" – que aquele poderia ser o último show de Izzy com o Guns N' Roses. Doug Goldstein disse ao empresário de outra banda que eles estavam a uma reunião de demitir Izzy. Mas Izzy chegou em Wembley para a passagem do som naquela tarde quente de verão, no dia 31 de agosto de 1991. A atmosfera nos bastidores era de matar. O Skid Row entrou depois do Nine Inch Nails, e é claro que Sebastian Bach se superou em cuspir afrontas verbais e liderar a multidão em cantorias provocativas e acéfalas, cheias de palavrões.

Então, a seu favor, os integrantes do Guns, exaustos e estressados, fizeram um show decente em Londres. Até Izzy Stradlin demonstrou mais interesse, talvez porque uma parte do show, sobretudo "Live and Let Die", estivesse sendo gravada para clipes e transmissões futuras. Axl subiu no palco de camisa xadrez – muito grunge – e um kilt escocês do mesmo padrão. Deu seu máximo durante o solo louco e esfuziante de Slash e tentou agradar tanto os jovens no estádio quanto as câmeras de vídeo. Foi um trabalho árduo e esmagador, na maior das escalas imagináveis. O Guns tocou muitas músicas desconhecidas do *Illusion*, que enviaram dezenas de milhares aos bares em busca de copos de cerveja. Fumegando de raiva, Axl fez os insultos habituais a seus supostos inimigos na mídia londrina. Dedicou "Double Talkin' Jive" à revista *Sky*, à *Time Out* e "a uma que eu respeitava anos atrás, mas que agora prefiro usar para limpar a bunda – a *Kerrang!*". (Os redatores da revista ofensiva haviam sido especificamente proibidos de ver o show.) Talvez competindo com o Skid Row, Axl xingou e falou palavrões, referiu-se aos clientes como "filhos da mãe", acariciou sua virilha e coxas como um stripper gay (ou Jim Morrison) e fez o show mais lascivo que o Guns já havia dado.

A imprensa deu o troco na mesma moeda. *The Sun*: "ATAQUE DE AXL: Homem louco incita abuso diante de fãs atordoados!". A respeitável *Melody Maker* perguntou se uma banda pode ser punk e andar em Porsches ao mesmo tempo. A revista *Q* chamou o Guns de a banda mais triste do mundo. A *New Musical Express*, paladina do punk original, perguntou: "Onde estava o lendário rolo compressor do rock 'n' roll que detonava tudo que via pela

frente?". O *Observer* observou: "Perigosa? Nem de leve. Divertida? Sem dúvida!". O pior veio do emblemático jornal da Inglaterra *The Times*: "Mesmo nos padrões inflados do mundo do rock, o agito em torno do Guns N' Roses tem sido exagerado. Seria o show deles uma exibição de brilhantismo primitivo ou uma bagunça amadora? A realidade foi uma mundana decepção [...] Se há uma verdade que surgiu desse show longo e medíocre foi a de que quem vive sob a espada da autogratificação não é o melhor juiz de quando se deve encerrar um solo de guitarra [...] Reminiscente dos piores excessos do rock dinossauro pré-punk [ai!] [...], a apresentação foi uma afronta ao *status quo* como uma criança arrotando à mesa do almoço".

Anos depois, *sir* Paul McCartney recordou: "Uns 15 anos atrás, meus filhos foram ver o Guns N' Roses em Wembley, depois todos voltaram para casa usando camisetas pretas e as malditas bandanas. Perguntei qual tinha sido a parte mais legal do show e minha filha Stella respondeu: 'Live and Let Die'.

"Eu disse: 'Ei, fui eu que escrevi isso!'.

"E meus filhos retrucaram: '*Aham*, pai. *Tá bom*. Conta outra'".

Alguns dias depois, um Guns N' Roses ainda intacto partiu separadamente de volta para Los Angeles. Agora a turnê estava suspensa por três meses enquanto a banda recuperava o fôlego, lançava o álbum novo e fazia clipes novos. Após voltar para casa, a banda se encontrou uma única vez, para uma sessão de fotos de dez minutos com Robert John, a fim de fazerem imagens para a divulgação do novo álbum. (Foi a última vez que o Guns N' Roses posou para fotografias em grupo.) O restante de 1991 foi um borrão agitado de audições em segredo e ajustes criativos que não resultariam em nada menos que uma reformulação total do Guns N' Roses. Izzy Stradlin havia feito seu último show com a banda com que sonhara, depois fundara, e então vira crescer além do que ele considerava o mais remotamente descolado.

44. “Mas prefiro voltar para o Soho a ficar aqui na fazenda – esta porra de fazenda.” [N. T.]

45. “Hoje aqui, fui para o inferno.” [N. T.]

46. “Campanha Contra a Proibição da Maconha.” [N. T.]

47. Referência a um trecho do refrão da referida música: “There’s a heaven above you, baby”. [N. T.]

48. “O Guns N’ Roses, cacete/ Esgotou as porras dos ingressos/ Na porra do Wembley Stadium.” [N. T.]

Capítulo 11
CONFUNDA SUA ILUSÃO

Tudo o que [ele] havia tentado ser, fosse certo ou errado, era ele próprio. Mesmo com todos os médicos, especialistas, terapeutas, fãs e todo mundo ao redor tentando ajudá-lo, ele só se afundava mais para dentro do casulo, alienando-se ainda mais. Frequentemente, ele se perguntava quem era. Um fenômeno ou uma mera farsa? Ele era um produto da própria imaginação ou só mais um na multidão? Algum dia ele entenderia o próprio destino?

– Del James, "Without You"

O Livro dos Mortos vindo de Indiana

A Geffen Records lançou os álbuns *Use Your Illusion I* e *II* em três formatos – LP, CD e fita cassete – à meia-noite do dia 21 de setembro de 1991. As lojas da Tower Records em Los Angeles, Chicago e Nova York ficaram abertas a noite toda para a multidão de fãs que clamava para comprá-los às 12 badaladas. E, estimulados tanto pela campanha publicitária quanto pela magia provocadora do *Appetite for Destruction*, os fãs chegavam aos milhares. Em Nova York, as filas começaram a serpentear pela Broadway por volta das 21 horas. Em West Hollywood, a fila de fãs começou a se estender pela Sunset Strip ainda mais cedo. As estações de rádio mais importantes já estavam tocando o primeiro single do *Illusion*, "You Could Be Mine", além das

faixas "Live and Let Die" e "Don't Cry". Todas as pessoas que trabalharam nos álbuns saíram para ver a multidão fazendo fila na Sunset. Por volta das 11 da noite, Slash recebeu ligações de amigos sobre os (literalmente) milhares de jovens esperando nas ruas, nervosamente monitorados por policiais de West Hollywood que decidiam se chamavam ou não o batalhão de choque. Slash precisava ver isso, portanto, foi levado para a Tower Records na Sunset e passou pelo cais de carga e descarga – sob o qual Axl Rose costumava dormir. O gerente da Tower levou Slash até o escritório da segurança para ver a multidão entrando na loja. Slash observou que já estivera naquela sala antes, como um ladrãozinho de 14 anos pego com uma fita roubada do Aerosmith no bolso de trás da calça.

O fã do Guns N' Roses que comprava os dois discos de *Use Your Illusion* voltava para casa com 30 músicas novas envoltas pela "apropriação" ao estilo cartoon de *A Escola de Atenas*, de Mark Kostabi. Na ilustração, um garoto faz anotações num caderno, observado por um dos grandes filósofos do mundo clássico. O *Use Your Illusion I* tinha 16 músicas e uma forte cor dourada. O *Illusion II* tinha 14 músicas e um tom de azul mais escuro. Os dois álbuns traziam adesivos de alerta para os pais, porque as novas músicas do Guns continham mais palavrões obscenos que um pelotão da Marinha em uma patrulha noturna.

Isso porque as novas canções eram um misto maníaco-depressivo das preocupações pessoais de Axl Rose e pianos à la Elton John; das reflexões irônicas (e totalmente visionárias) de Izzy Stradlin sobre os aspectos mais sórdidos da vida de um astro do rock contemporâneo; dos solos farpados de Slash e (vez ou outra) de inspiradas melodias de guitarra; da estética roqueira inata de Duff McKagan e dos ritmos de bateria confiáveis e com um toque de liderança de Matt Sorum. Diante de uma quantidade tão grande de material desconhecido, imediatamente os fãs do Guns começaram a jogar o jogo de escolher o melhor dos dois álbuns para montar um único disco virtual, alternativo, do *Use Your Illusion*, que daria ao poderoso *Appetite* uma concorrência e tanto em termos de frenesi

enlouquecido e canções arrasadoras.

O *Illusion I* começa com "Right Next Door to Hell", um relato explosivo sobre sua ex-vizinha, finalizado com "Vá se foder, sua vaca!". Axl invoca o dr. Freud, talvez a primeira vez que o pai da psicanálise foi mencionado em um contexto punk-metal. Dor, raiva, paranoia e amargura sobrecarregam a música de dois acordes e deixam um gosto ruim enquanto Izzy começa a segunda faixa, "Dust N' Bones". (Slash disse que ele compôs "Dust" com Izzy depois que ambos usaram uma quantidade imensa de heroína.) Uma ampla homenagem ao estilo atrevido dos Stones com um glam definitivamente debochado, "Dust" era a filosofia existencialista e austera de Izzy, editada com elementos biográficos sobre "deixar sua mente na Interestate 65", a estrada que tanto Jeff Isbell quanto Bill Bailey usaram para sair de Lafayette.

A versão para estúdio de "Live and Let Die", de Paul e Linda McCartney, que o Guns havia tornado um arraso nos shows, agora era a trilha sonora de um filme imaginário sobre uma banda de rock com licença – se não para matar, ao menos para deixar o público esperando indefinidamente. A versão do Guns era a do Wings com esteroides. Axl começa com um tom de voz estrangulado, e Shannon Hoon fornece os "ya know ya dids" femininos. O acompanhamento principal é tocado por uma seção de instrumentos de sopro liderada pelo irmão de Duff, e o refrão passou a ser a exibição de ameaças de Axl, com a mensagem explícita de que a única coisa a fazer – quando um mundo em constante mudança tenta esmagar seu espírito – é atacar e voltar a atacar, com a mesma intenção mortal de um 007 sem remorso.

"Don't Cry" foi uma das primeiras músicas que Axl e Izzy tinham composto em Los Angeles dez anos antes. Após um drone baixo de guitarra, ela evolui para um hard rock de ninar que se transforma em um duro beijo de despedida. A tendência de Slash de tocar o mesmo solo em todas as baladas entra em foco. "Don't Cry" termina com um drone vocal sustenido e nervoso, mais assustador que reconfortante. Ele se transforma em "Perfect Crime", de Izzy, um lançamento de míssil punk juntamente com uma contagem regressiva ao estilo da Nasa, um solo de guitarra

além do esforço humano e um eco patente do Guns pós-adolescente que havia cativado a galera no Scream e no Troubadour em 1985. “Perfect Crime” é a confissão (fascinante, ao estilo Rimbaud) de um traficante aposentado e mediano, lembrando-se dos aspectos sórdidos de ganhar a vida com o leva e traz, em que o único objetivo é sobreviver por tempo suficiente para vender mais drogas na noite seguinte.

Em seguida, o clima muda enquanto Izzy faz a contagem da batida lenta de “You Ain’t the First”, uma música de violão composta com a vibe crua e estilo demo de uma faixa não usada de *Exile on Main Street*. “Bad Obsession”, creditada a Izzy e West Arkeen, pode ter sido inspirada em *Goats Head Soup* – um boogie desprezível com uma ária esfuziante para gaita de Michael Monroe, do Hanoi Rocks. A má obsessão era o vício em heroína, e Izzy usou a música para informar ao público que agora ele estava limpo: “But I already left you/ And you’re better off left behind”.[49] Axl usou a música para um propósito diferente: “I call my mother/ She’s just a cunt now”.[50]

Bill Bailey e Paul Huge haviam composto a versão inicial de “Back Off Bitch” quando eram jovens punks em Indiana. No meio de *Use Your Illusion I*, “Bitch” ressurge como uma faixa estúpida do álbum descrevendo uma hostilidade patente em relação a mulheres. “Face of an angel with the love of a witch/ Back off, back off, bitch”.[51] A faixa é tão ridícula que Slash não consegue salvá-la com o solo de guitarra suave, e muitos fãs do Guns ficaram com vergonha dessa imbecilidade. Os outros membros do Guns insistiram em acrescentar comentários irônicos sobre a falta de sutileza da faixa enquanto ela ia se encerrando.

A agitada “Double Talkin’ Jive”, de Izzy Stradlin, havia se tornado uma faixa obrigatória para o Guns naquele verão. O vocal principal de Izzy vai destrinchando a música, descrevendo o afastamento de um traficante da clientela de cuja carne ele se alimentava. O esboço sucinto, chocante e de dois minutos e meio de Stradlin termina com o trabalho de especialista de Slash para um som semelhante a violões flamencos, e continua sendo um dos destaques de *Use Your Illusion I* – uma das raras obras de

arte do disco.

Durante anos, a incisiva balada para piano "November Rain" foi o projeto de estimação de Axl Rose. Ele a descreveu como "uma música sobre amor não correspondido", e o Grande Testamento pelo qual ele gostaria de ser lembrado, assim como Eric Clapton se identificava com "Layla". Agora, após anos de ajustes, "November Rain" era lançada no *Illusion I* como uma novela madura cuja melodia sentimentaloide de sintetizadores se mescla a estrondosos coros de guitarra e corais bombásticos murmurando uma letra de esperança romântica e os desafios dos caprichos do amor. Esta balada bonitinha (mas irremediavelmente sentimental) está pedindo demais em termos de uma pegada pesada flamejante que ela na verdade não tem. "November Rain" acabaria sendo intensificada por sua versão em clipe, que no ano seguinte tentou explicar com mais detalhes aos fãs do Guns N' Roses as emoções incandescentes e, por fim, despojadas por trás da canção.

O *Illusion I* continua com "The Garden", um pesadelo do art-metal escrito por Axl, West Arkeen e Del James, e cantado por Axl com Alice Cooper e Shannon Hoon. Uma das melhores músicas do *Illusion*, ela apresenta raps letrados e escorregadios antes que todo o jardim com cheiro de papoula exploda em um bombardeio de guitarras à base de napalm.

Em seguida vem "Garden of Eden", uma explosão punk de coautoria de Slash e Axl. Um ataque específico à religião organizada a uma velocidade de drag racer, "Eden" afirma que as religiões "debocham da humanidade" e que "nossos governos são perigosos e fora de controle". Se a ironia foi intencional ou não, a heresia conspícua de Axl é seguida por "Don't Damn Me", uma mensagem de cair o queixo para as legiões de odiadores de Axl por conta de "One in a Million". Escrita com Dave Lank, a música não contém nenhum pedido de desculpas de Axl por falar o que pensa, e, após uma balada lenta e poderosa fazendo uma ponte, Axl reafirma o direito de cuspir o que sente vontade no rosto dos fãs. "Your satisfaction lies in your illusions", canta ele, "but your delusions are yours and not mine."[52] Em seguida

vem "Bad Apples", com Dizzy Reed tocando um boogie no piano sobre uma velha melodia sensual à la Stones enquanto Axl lança uma clássica atmosfera de bad boy. É preciso ler a letra impressa para descobrir o que as frases inteligíveis (e, no fim das contas, inúteis) estão dizendo.

Para muitos fãs do Guns que ouviam o *Illusion I* pela primeira vez (alguns em um confuso estado de choque e decepção), o álbum finalmente ganha vida na faixa 15, "Dead Horse", em que, após uma introdução suave, o bebê gritalhão do *Appetite* solta sua voz feia e a banda começa um groove de hard rock que faz lembrar os últimos dias dos Aero-Stones e os primeiros do Guns N' Roses.

"Coma", de Slash (composta durante um transe de heroína, de acordo com seu autor), por fim recebeu a letra que o traumatizado Axl levou um ano para escrever. (Axl contou a um repórter que ele apagava sempre que tentava trabalhar na música.) O resultado foi a última faixa (e primeira obra-prima) de *Use Your Illusion I*. Axl faz uma voz "glam", e a banda, um ruído à la Sabbath, para dar início a uma novela de rock autobiográfico sobre uma terrível condição clínica definida em uma paisagem mental de gritos distorcidos e complexidade psíquica. "Will someone tell me what the fuck is going on – GODDAMN IT!"[53] A faixa é acentuada com batimentos cardíacos, máquinas de funções vitais apitando, funcionários na sala de emergência em pânico e o assustador crepúsculo sônico de uma experiência de quase-morte. À medida que Axl se aproxima da luz branca mortal no meio da canção, ele flutua alegremente até que os médicos colocam em seu peito as pás do desfibrilador e lhe dão um choque dos diabos, trazendo-o relutantemente de volta à vida. Em seguida, Slash assume com um de seus solos de sono febril enquanto um coro de "Vadias" reclama e fofoca, sem remorso, em segundo plano. Os dez minutos de "Coma" fecham o *Illusion I* em uma viagem alucinante de traumas e recordações – uma amostra vívida do que essa banda gigante era capaz de fazer quando catapultada do convés de um porta-aviões com motores a jato queimando a todo vapor.

O *Use Your Illusion II* começa com a voz embargada do ator Strother Martin justificando a tortura brutal do personagem de Paul Newman em *Rebeldia indomável*, o drama "prisional" antiautoritário de 1967. (A "falha de comunicação" entre carcereiro e prisioneiros provavelmente fez Axl Rose se lembrar de como era ser Bill Bailey.) Os vocais calmos da introdução de "Civil War" se transformam em uivos psicóticos de almas penadas quando Axl percorre o Vietnã, os assassinos de Kennedy, as guerrilhas do Sendero Luminoso no Peru contemporâneo e "as mãos sangrentas do hipnotizado/ Que carrega a cruz do homicídio". "Civil War" sai da contemplação para o clímax do hino, e em seguida para um piano agitado e movido a protestos e um boogie de guitarra. Por ter sido uma das primeiras músicas gravadas para o *Illusion*, foi a última em que Steven Adler tocou. Conforme a faixa vai acabando em meio a efeitos sonoros de chuva e trovões (emprestados do The Doors), Axl assovia e faz a velha pergunta, sussurrando: "O que há de civil na guerra, afinal?".

O melhor momento de Izzy Stradlin no *Illusion* são seus vocais em "14 Years", uma amarga análise de seu relacionamento com Axl, definida como uma poderosa balada sequencial. Mais uma vez, Izzy oferece uma breve visão de seu antigo mundo, um cenário sórdido de prostitutas e traficantes em que "nada é de graça". Axl toca um trecho divertido para piano, enquanto o órgão de Dizzy é deixado em modo drone. Slash manda ver um solo impetuoso e vingativo que parece secundar o lamento de Izzy sobre ter de lidar com uma das figuras mais difíceis a alcançar as paradas de sucesso.

West Arkeen e Del James foram os compositores principais de "Yesterdays", uma elegia à nostalgia involuntária de um cantor cujas memórias são dolorosas demais para compreender. A bela e fluida melodia é prejudicada pela rouquidão tensa de Axl que deixa cair cada gota de *pathos* ao virar as costas para o passado. Novamente ao piano, Axl encerra com um acorde repetido tocando as mesmas notas, assim como "A Day in the Life", dos Beatles – um aviso sinistro de que a memória pode ser um lugar doloroso e até mesmo fatal.

"Knockin' on Heaven's Door", de Bob Dylan, que já fora tema de filme em 1973, sempre foi uma daquelas canções que o público canta junto nos shows do Guns, e muitas vezes era dedicada ao falecido Todd Crew, às vezes envolvendo intimamente centenas de milhares de jovens em gigantescos estádios de futebol. Elaborada em *Illusion II* como um canto fúnebre de death metal gospel com insinuações de controle das multidões – "Hey hey, hey-hey-yeah" –, Axl grunhe e guincha com um prazer perverso enquanto a fria nuvem escura desce sobre o xerife moribundo da canção. Após o reluzente solo blueseiro de Slash, uma fita de secretária eletrônica fala de um jeito enigmático sobre a libido zoada de alguém, sobre o banco e o agente funerário, e um coral gospel se junta ao Guns para os acordes finais da música de Dylan, uma balada do oeste transformada no *Livro dos Mortos* vindo de Indiana.

Em seguida, o *Illusion II* faz um desvio e derrapa numa estrada úmida e doentia com as polêmicas enfurecidas de "Get in the Ring". Enquanto Slash faz licks genéricos de blues e a banda agita, Axl ataca a imprensa que ajudou a transformar o Guns N' Roses no maior grupo do mundo – citando nomes. A revista *Circus*; Andy Secher, da *Hit Parader*; e Mick Wall, da *Kerrang!*, são acusados de publicar mentiras e roubar dinheiro dos jovens que só queriam ler a verdade sobre as bandas de que gostavam. Axl grunhe: "Get in the ring, motherfucker, and I'll kick your bitchy little ass! Punk!".[54] Bob Guccione Jr., da revista *Spin* (e filho do editor-chefe da Penthouse), é chamado pelo nome: "What, you pissed off 'cause your dad gets more pussy than you? Fuck you! Suck my fuckin' dick".[55] (Isso era muito diferente de "Feel my serpentine" [Sinta meu serpentear].) Após esse ataque frenético, Axl dedica a música a "todos os fãs do Guns N' Roses que continuaram conosco durante toda a merda". "Talvez vocês não gostem de nossa integridade", rosna ele para os críticos. "Construímos um mundo à base de anarquia."

Em seguida, vêm duas músicas de Axl. "Shotgun Blues" é outro ataque sônico ao inimigo, com vários xingamentos. "Breakdown" é uma música romântica de rompimento em clima

de rock sulista que parece explicitamente dedicada a Erin Everly. A negação da memória em “Yesterdays” é revertida nessa música confusa e episódica que vem com um trecho recitado de um inócuo filme de ação da época, *Corrida contra o destino*. Axl Rose, sobre o passado: “Fun how everything was roses/ When we held on to the guns”.[56]

Este é o ponto em que o novo álbum do Guns finalmente irrompe numa sensação de futilidade artística e perda – não para Axl Rose, mas para os verdadeiros fãs do Guns N’ Roses. O efeito final de “Breakdown” é de um álbum duplo inflado, afundando como o Titanic, com todas as mãos erguidas e a banda ainda tocando no convés após o *Use Your Illusion II* atingir um imenso (e muito mais empático) iceberg chamado Grunge.

“Pretty Tied Up (The Perils of Rock N’ Roll Decadence)”, de Izzy Stradlin, começa com um lick de cítara sintética anunciando um exotismo que nunca vem à tona neste ótimo rock sobre uma desilusão. Slash toca uma guitarra mediana e animada, enquanto Izzy canta sobre uma banda de rock, no passado cria das ruas, que desde então virou piada – “e tudo virou fumaça”. Um filme pornô desgastado e ultracínico sobre uma dominatrix da Melrose Avenue, “Pretty Tied Up” se destaca no *Illusion II* como algo que o fã do Guns estava esperando havia mais de uma hora para finalmente ouvir. Essa energia elevada continua em “Locomotive”, um som desagradável que se transforma em um ensaio pesado sobre o uso de ilusões. Uma estrutura complexa com refrão de dois tempos, de coautoria de Axl e Slash, “Locomotive” também poderia ter sido intitulada “Author’s Message”, já que Axl tira muita coisa de seu coração sitiado: “I’ve worked too hard for my illusions/ Just to throw them all away”.[57] Assim que a faixa parece acabar, ela entra em uma coda lírica de piano e um encerramento bem extenso (estilo do Fleetwood Mac no meio da carreira) enquanto Axl entoa um mantra estendido: “Love’s so straaaaaaaaaange”.[58]

Axl e Duff cantam juntos a bonita canção de amor “So Fine”, de Duff, que se transforma em rock and roll no meio do caminho, com Slash tocando seu solo de guitarra genérico usando como

inspiração a primeira melodia da música. (Duff dedicou "So Fine" à memória de Johnny Thunders, ex-guitarrista do New York Dolls, que havia tido uma overdose recente e morrido em Nova Orleans.)

Axl Rose vinha falando havia muito tempo que "Estranged" era a terceira parte de uma trilogia que começava com "Don't Cry" e continuava com "November Rain". Desta vez, "Estranged" vem à tona como a última ferida de um coração partido, apresentando a melhor melodia de guitarra que Slash gravou durante sua carreira e um relato doloroso do vazio e dos desejos emocionais que se seguem a um rompimento entre amantes ardentes. O piano de Axl ecoava a melancolia de seu buraco negro – "Old at heart, but I'm only twenty-eight"[59] – e uma dor profunda por uma relação que acabou. Uma era chegava ao fim. O gritalhão desvairado do *Appetite* agora é uma criança chorona abandonada pela namorada-mãe. Para alguns fãs, isso era Axl Rose sendo sensível. Outros achavam patético. Os dois últimos refrões parecem ter como base o final de "Stairway to Heaven" – uma elegia por um amor quase mítico que se perdeu e nunca mais vai voltar.

"You Could Be Mine" havia sido originalmente composta por Izzy e Axl para o *Appetite*, mas ela não foi usada. O Guns a reeditou com Matt Sorum, e agora ela era o primeiro single do *Use Your Illusion* (que vendeu 2 milhões de cópias no primeiro mês) e uma de suas faixas mais incríveis. Sorum e Slash dão duro para sobrepor a canção, e a intensidade da ira de Axl é palpável e assustadora. Se você fosse a namorada dele e curtisse cocaína, era ainda mais assustador.

A nova letra da segunda (e bem diferente) versão de "Don't Cry" do *Illusion* é muito mais sombria que a original. A primeira versão, do *Illusion I*, é reconfortante e esperançosa. Mas a "Don't Cry" alternativa no fim do *Illusion II* tem uma letra mais nervosa e vingativa, um adeus sinistro. É triste que as ilusões românticas de um jovem que mirava o paraíso tenham se tornado as noites insones e os pesadelos de um astro do rock em decadência. Os fãs perceberam isso. Havia um sopro de queda no ar, o *pathos* de uma jovem banda que crescera com o que a tornara descolada no início.

Quando Izzy Stradlin ouviu a prensagem teste de *Use Your Illusion II*, ele descobriu que o álbum terminava com a versão reescrita de "Don't Cry", uma das primeiras músicas em que ele e Axl haviam trabalhado juntos. Esse foi o álbum que Izzy autorizara em julho.

Só que não.

Anexado ao *Illusion II* estava o surpreendente quadro de rap-rock de Axl Rose "My World". Um primo branco rítmico dos rappers contemporâneos da costa oeste NWA, Easy E e Tupac Shakur, "My World" é um vórtice de perversões confessas, chicotes estalando e orgasmos femininos (reciclados por Mike Clink das fitas sexuais do *Appetite*). Izzy nunca tinha ouvido essa faixa antes.

Izzy: "Dei uma ouvida e pensei: *Que porra é essa?*".

Grafite psicológico

Fim de setembro de 1991. Saíram as críticas para o *Use Your Illusion*, e dizer que elas se dividiam seria bondade. Não que isso importasse. O *Illusion II* havia estreado em primeiro lugar nas paradas dos Estados Unidos, enquanto o *Illusion I* vinha em segundo lugar. Os críticos notaram imediatamente que os novos álbuns do Guns não tinham nenhum hino multinacional e cativante como "Welcome to the Jungle" ou "Sweet Child o' Mine". Nenhuma das baladas era maneira como "Patience". O novo baterista havia mudado o Guns N' Roses de punk-metal para hard rock. A imprensa musical, que geralmente tinha medo da banda, descreveu os álbuns *Illusion* como fisicamente agressivos, verbalmente incendiários e, "às vezes, francamente malucos" (*Rolling Stone*). O *L.A. Weekly* chamou o *Illusion* de "uma declaração de insolência movida a uma raiva hipócrita e confusão terrível". Muitos fãs do Guns, que agora tinham que gastar duas vezes a quantia normal com um novo lançamento de uma banda, ficaram decepcionados com as novas músicas. Ao abandonar a depravação punk e o rock and roll das ruas e focar

em emoções maduras, o Guns estava pedindo demais de sua base principal de fãs. E eles reagiram à própria maneira. Na época, o *Appetite for Destruction* estava na casa dos 14 milhões de cópias vendidas. Os dois álbuns *Use Your Illusion* venderam no máximo 7 milhões de unidades cada um nos primeiros meses de lançamento, muito aquém do que a Geffen Records havia projetado na época.

A triste verdade é que ninguém caiu de amores pelos amargos e controversos álbuns *Illusion*. Para muitos fãs do Guns, foi um caso de tarde demais. O Nirvana e o Pearl Jam também vinham explorando o território das emoções, mas sem o rancor desprezível e imaturo e a amargura furiosa das letras de Axl.

Antes de parar de dar entrevistas, Axl Rose tentou explicar que, de propósito, eles não haviam tentado recriar a pirotecnia sonora do hair metal de 1986. “As músicas mais importantes são as que contêm piano, as baladas, porque ainda não tínhamos explorado esse lado da banda. A música bela é a que realmente faz com que eu me sinta um artista. É mais difícil escrever sobre emoções sérias, descrevendo-as o melhor possível, do que tentar compor uma balada melosa só para vender discos.”

Para o clipe da música “Don’t Cry”, dirigido pelo recém-contratado Andy Monahan, o Guns seria filmado tocando à noite no topo do arranha-céu TransAmerica no centro de Los Angeles. O prédio havia sido protegido, um helicóptero e equipes de filmagem tinham sido contratados e um orçamento alto para clipes estava em jogo. Logo antes da filmagem, Izzy Stradlin enviou uma carta formal para o Guns N’ Roses e a gerência. Izzy os informou de que não faria mais clipes, os quais considerava egotrips ridículas e caríssimas. A carta também estipulava várias condições que teriam de ser cumpridas antes de Izzy se juntar à turnê do *Illusion*, que seria retomada em janeiro de 1992. Para total horror de Axl, Izzy também anunciou que voltaria a contar com Alan Niven como empresário, já que Doug Goldstein parecia trabalhar exclusivamente pelos interesses de Axl.

A filmagem espetacular de "Don't Cry" no arranha-céu aconteceu sem Izzy. Quando o helicóptero desceu sobre o telhado iluminado do prédio em strafing de vídeo, as câmeras a bordo identificaram um jovem de camisa xadrez cantando com Axl. Era Shannon Hoon, substituindo Izzy no palco da cobertura. As duas semanas seguintes foram cheias de ligações angustiadas, já que Axl Rose tentava convencer Izzy Stradlin a não sair da banda. Axl disse a Kim Neely: "Estávamos filmando 'Don't Cry', e [Izzy] tinha que estar lá, mas ele não apareceu. Em vez disso, ele mandou essa carta curta e fria, dizendo 'Se mudarem isso e aquilo, talvez eu faça a turnê em janeiro [de 1992]'. E eram exigências ridículas, que não iríamos cumprir".

Axl telefonou para Izzy e eles conversaram durante quatro horas. Axl: "Eu chorava. Implorava. Fazia tudo o que podia para mantê-lo na banda". Ao mesmo tempo, Axl insistia que ele e Slash estavam cansados de fazer toda a correria nos palcos imensos onde tocavam, e que Izzy teria de ganhar menos dinheiro se só ficasse ali parado, mesmo que seu visual fosse descolado. A conversa se encerrou sem nenhuma resolução clara.

Duas semanas depois, em outubro de 1991, Axl e Stephanie Seymour estavam em Nova York, sendo fotografados para a capa da revista *Interview* pelo fotógrafo de moda Bruce Weber. Axl não estava muito a fim de fazer isso, mas Stephanie Seymour tinha feito amizade com os editores, Sandi e Peter Brandt, e lhe haviam prometido a capa da revista se Axl aparecesse com ela e fosse entrevistado. Enquanto faziam as fotos, Axl recebeu uma ligação. Ele voltou, visivelmente trêmulo, ao saber que Izzy Stradlin havia deixado o Guns N' Roses. Stephanie Seymour correu para confortá-lo, e Weber tirou vários rolos de fotos deles se beijando e se acariciando com ternura e emoção patente.

"Bruce estava tirando fotos", lembrou Axl mais tarde. "E eu lá, chorando. Fiquei em pedaços – meu amigo há 15 anos estava indo embora." Demorou um pouco para cair a ficha. Axl não imaginava que Izzy iria de fato sair, e entrou em uma espécie de choque. A cada poucos minutos, ele parava e pensava consigo mesmo: "*Não estou mais trabalhando com Izzy*".

A saída de Izzy Stradlin do Guns N' Roses causou outra sensação de abandono em W. Axl Rose, e o deixou furioso. Ele

ficou ainda mais irritado quando soube que Izzy estava compondo músicas para seu próprio álbum. Algumas semanas depois, Izzy foi de carro até a casa de Axl em uma estrada escondida em Malibu e tocou o interfone do lado de fora dos portões de ferro trancados. Axl xingou Izzy pelo interfone e não o deixou entrar. “Fui um babaca”, disse Axl mais tarde. “Izzy tentou falar comigo – numa boa, sabe? E simplesmente explodi com ele.”

“Estou contente por termos extraído dele as músicas que fizemos”, disse Axl a outro entrevistador, “e estou contente por ele ter ido embora. Quer saber o que me magoou de verdade? Ele veio até minha casa e ficou, tipo, *‘O que há de errado, cara?’.* E foi bizarro, porque, sei lá como, eu *sabia* que ele estava vindo. Eu conseguia, literalmente, sentir o carro dele subindo a estrada enquanto me vestia. Fui lá fora e me sentei, porque Izzy não podia entrar na minha casa. Eu não poderia agir como se ele fosse meu amigo depois do que me fez. Ele veio aqui e agiu como se não tivesse feito nada. Mas Izzy telefonou para os membros da banda e tentou virá-los contra mim [...] Ele disse muita merda pelas minhas costas. Ele tentou fazer joguinho de poder e nos prejudicou ao sair, e isso é bem escroto.”

Questionado sobre por que Izzy saiu, Axl comentou: “Pessoalmente, acredito que Izzy nunca quis, na verdade, algo desse porte. Havia responsabilidades que Izzy não desejava assumir, e ele simplesmente não queria trabalhar conforme os padrões que Slash e eu definimos para nós mesmos [...] Eu queria ser grande, o maior possível, desde o primeiro dia, mas essa não era a intenção de Izzy de forma alguma.

“Estou com raiva dele porque ele saiu de um jeito bem escroto”, irritou-se Axl, “e por ele ter sido um babaca ao fazer o que fez, e por tentar agir como se tudo estivesse bem. Ele confiou em pessoas que considero inimigas [...] não preciso que Alan Niven saiba merdas sobre o Guns N’ Roses. É tipo [para Izzy], ‘se você está envolvido com essa gente, não podemos conversar com você’”.

A decisão de Izzy de deixar a banda foi mantida em segredo até novembro de 1991, quando o Guns anunciou sua saída. Naquela época, Izzy estava montando uma nova banda, a Ju Ju

Hounds, e compondo músicas para a próxima fase de sua carreira. Correram boatos de que alguns membros dos Rolling Stones tocariam no disco de Izzy. Ele disse às pessoas que sentia que o peso do mundo havia sido tirado de seus ombros, e Jeff Isbell não falaria com seu velho amigo Bill Bailey por um bom tempo depois disso.

gn'r, parte III

Outubro de 1991. Sem Izzy Stradlin e com dois anos de turnê para preencher, W. Axl Rose e Slash decidiram repensar a banda. Eles precisavam de um guitarrista-base de primeira linha, que conseguisse trabalhar em um velho castelo irlandês ou em um palco ensopado de chuva num estádio de futebol na Argentina. Agora, Axl queria a mesma produção que vira Mick Jagger comandando em 1989: uma banda de guitarras de cinco membros ampliada por teclados, quatro vocalistas de fundo (um homem) e uma seção com três instrumentistas de sopro. Com 12 músicos no palco, as grandes apresentações do Guns – "Live and Let Die" e "Heaven's Door" – transcenderiam as performances às vezes anêmicas que haviam feito durante os primeiros trechos da turnê. Logo, Slash assumiu a responsabilidade de recrutar essa orquestra filarmônica do GN'R, apenas algumas semanas antes de a turnê recomeçar, no fim de 1991.

Gilby Clarke era um guitarrista de 29 anos nascido em Cleveland – considerado muito bom pelos colegas – que conhecia os caras do Guns desde meados dos anos 1980. Ele tocara em algumas bandas de Hollywood, como Candy, Kill for Thrills e Blackouts, e era maneiro. Em setembro de 1991, sabia-se muito bem nos círculos musicais de Los Angeles que Izzy estava saindo do Guns, então Gilby mexeu os pauzinhos.

"Ouvi dizer que tinha alguma coisa acontecendo", disse ele mais tarde, "e liguei para um amigo meu [Adam Day, técnico de guitarra de Slash] que trabalhava para a banda, e disse a ele: 'Se

esses caras estiverem procurando alguém, coloque meu nome na lista'. Um dia, voltei para casa e lá estava a ligação."

Era Slash no telefone. Ele conhecia Gilby antes de o Guns sequer existir, quando as bandas desse guitarrista tocavam no Madame Wong's West com a Hollywood Rose e os grupos com que Slash tocava.

Slash: "Mas eu não o tinha mais visto durante todos esses anos. O nome dele foi citado e eu só disse – *beleza.* Na verdade, ele foi a única pessoa que testamos". Slash recebeu Gilby no estúdio, com Duff e Matt; eles tocaram um pouco e o som foi ótimo, como um Gunmóvel com um novo carburador. Mas Gilby não conseguiu a vaga logo de cara. "Na primeira semana", lembrou ele, "continuei indo ao estúdio todos os dias, sem saber se voltaria no dia seguinte. Eles ainda estavam chamando outros guitarristas. Eu estava esperançoso, tentando ficar frio, e com medo de verdade. Cara! Tive que deixar todas as outras coisas de lado e me concentrar – sabe-se lá como – em aprender umas 40 músicas. Tinha que ser o período mais intenso da minha vida. Para minha sorte, aconteceu tão rápido que não tive tempo de pensar. Dentro de três semanas, lá estava eu no palco, fazendo shows com eles."

Slash estava louco para contratar Gilby Clarke, só tinha que conseguir afastar da banda a primeira opção de Axl, Dave Navarro. Slash disse a Axl que o Chili Pepper Dave era maneiro, mas que ele era um guitarrista solo, não o habilidoso guitarrista-base de que o Guns precisava. "Além disso", afirmou Slash mais tarde, "[Navarro] tinha problemas com heroína, e obviamente isso era uma questão importante."

O fato de Gilby se parecer um pouco com Izzy não importava; seria bom para o visual da banda e a continuidade dos clipes. Então deram um salário a Gilby Clarke e o estimularam a se vestir como seu antecessor, que na verdade copiara o visual de sua primeira fonte, Keith Richards, por volta de 1978.

Slash preencheu a Parte *III* do GN'R com o vocalista Theodore Andreadis, conhecido profissionalmente como Teddy Zig Zag, que provinha do mesmo ambiente musical de Nova Jersey que Bruce Springsteen. No show, Teddy cantava as partes de Shannon Hoon em "Don't Cry" e outras baladas, e também tocava gaita, teclado e

pandeiro quando solicitado. Três vocalistas mulheres foram contratadas – Diane Jones, Roberta Freeman e Tracy Amos –, bem como três membros do 976 Horns: Lisa Maxwell, Cece Worrall e Anne King. Essas seis mulheres – que muitas vezes se apresentavam com trajes exíguos e bustiês de couro preto – rodaram o mundo com o Guns durante os dois anos seguintes, conferindo um encanto desleixado (e talentos musicais mais que dignos) aos novos arranjos do Guns, especialmente as versões de músicas alheias que agitavam os estádios.

Outono de 1991. O Guns N' Roses fazia ensaios esporádicos em vários locais ao redor de Hollywood – a maioria sem o vocalista da banda. Slash havia terminado (novamente) com sua namorada de longa data, Renee, e andava usando heroína de leve. Tocou em sessões do álbum *Dangerous*, de Michael Jackson, e apareceu com o Rei do Pop no programa do décimo aniversário da MTV. Duff McKagan bebia muito, mas compunha músicas e trabalhava em um álbum solo. Axl Rose era visto pela cidade em estados variados de tormento psíquico enquanto tentava negociar algum tipo de acordo com Stephanie Seymour, com quem estava desesperado para se casar, mas o problema era aquele filho irritante dela, uma carreira de supermodelo e vários projetos paralelos que reduziam o tempo que eles passavam juntos.

Naquela época, Tim Collins os encontrou em Hollywood. "Eu os vi juntos duas vezes, mais tarde naquele ano, no Nowhere Café da Melrose. Os dois iluminavam o lugar – ele, com seus longos cabelos ruivos, e ela por ser simplesmente maravilhosa. Na primeira vez, Axl lembrou de mim por causa da turnê que o Guns tinha feito [com o Aerosmith]. Ele me deu um forte abraço, perguntou como eu estava e pediu para dizer oi a Steven [Tyler] e a Joe [Perry]. Duas semanas depois, eu estava no mesmo lugar com alguns amigos e cumprimentei Axl quando ele e Stephanie passaram por nossa mesa. Mas ele se virou e começou a me xingar. Ele estava com o rosto vermelho, aos gritos. Pensei com meus botões: *Jesus – totalmente bipolar!* Axl me ameaçou, dizendo que era melhor eu parar de falar coisas ruins a respeito dele – ou alguma merda do tipo. Eu não fazia a menor ideia do

que ele estava falando. Então ele virou as costas e saiu do restaurante, pisando duro. Stephanie só olhou para mim e, depois, correu atrás dele. Foi triste. Tudo o que se poderia fazer era dar de ombros."

Como os ventos sazonais e diabólicos de Santa Ana causaram incêndios florestais pelos desfiladeiros secos perto de sua casa em Malibu, Axl Rose passou boa parte daquele outono trabalhando nos novos clipes da banda. "Don't Cry" já estava passando na MTV, contando a história de Stephanie Seymour salvando Axl e impedindo-o de explodir os próprios miolos, depois lutando com ele, em seguida batendo em sua ex-namorada. Slash joga um velho Ford Mustang de um penhasco e, é claro, o veículo explode. A banda toca no topo do arranha-céu. Depois, Axl é visto deitado num divã enquanto sua terapeuta (da vida real e bem bonita) faz anotações. Suas mãos trêmulas descrevem um ataque grave de ansiedade, enquanto sua autoconsciência demoníaca (um Axl nu com tinta corporal verde) saltita e atormenta sua alma interior. A terapeuta sexy conforta Axl enquanto ele surta. O clipe termina com Axl olhando para o próprio túmulo. Um bebê sem roupas flutua para a superfície, abre os olhos. Surge uma mensagem na tela: "There's a lot goin' on" [Tem muita coisa acontecendo].

Axl queria que Stephanie Seymour gravasse mais dois clipes do *Illusion*, "November Rain" e "Estranged". A produção de "Rain" começou em novembro. Foi vagamente baseada em "Without You", um conto então não publicado escrito por Del James, uma história terrível sobre a degradação e o suicídio de um astro do rock que James criara com base em acontecimentos da vida de Axl. Entre as cenas filmadas no fim de 1991, havia Axl e Stephanie se casando na igreja com toda a pompa; o Guns e as namoradas à vontade no Rainbow Bar and Grill; e a banda no palco no Ritz em Nova York, com uma orquestra de cordas bombasticamente conduzida por Michael Kamen (do New York Rock Ensemble, falecido), enquanto Axl (desgastado, exausto, de óculos) ensaia "November Rain" em um piano de cauda.

Novembro de 1991. Axl Rose passou um bom tempo no telefone com o guitarrista Dave Navarro, que supostamente entraria no Guns se Izzy saísse. Navarro vinha passando por crises pessoais, e Axl o ajudava. O vocalista seria entrevistado pelo programa de rádio FM Rockline, e foi devidamente levado ao estúdio na Cahuenga Boulevard, perto da Universal City, por Stephanie Seymour, chegando 15 minutos antes de entrar no ar. Uma multidão de fãs que aguardava na rua o manteve ocupado dando autógrafos, mas não houve nenhum drama. Axl falou sobre o *Use Your Illusion*, a morte recente de Freddie Mercury em decorrência da aids e sua relação de amor e ódio com Slash. As linhas telefônicas estavam todas ocupadas, com fãs ligando para expressar seu amor e lealdade ardentes a Axl e ao Guns, e mais tarde Axl disse que ficou genuinamente comovido. Ao fugir da mídia, Axl se afastara das mesmas pessoas que o haviam ajudado a chegar aonde ele estava. Contudo, agora ele estava a alguns meses de excluir quase todo mundo de sua vida – totalmente.

"Axl tende a reclamar"

Em Worcester, Massachusetts, o Guns N' Roses retomou o que W. Axl Rose ainda estava chamando de Get in the Ring Tour, em dezembro de 1991. (Todas as outras pessoas a chamavam de Use Your Illusion World Tour.) O Soundgarden, de Seattle, abriu os shows, principalmente porque Axl gostava do vocalista Chris Cornell, que cantava "I want to fuck, fuck, fuck, fuck you"[60] no hino "Big Dumb Sex", com uma voz cheia de desejos carnais. Mas isso também foi um grande aceno para o movimento grunge que tomava conta das ondas de rádio, tornando cada vez mais difícil para o Guns obter espaço para competir com o Nirvana, o Pearl Jam e os Stone Temple Pilots, já que literalmente centenas de estações de rádios nos Estados Unidos estavam mudando de formato, passando do rock para uma programação "alternativa".

O novo show do Guns N' Roses – uma alternativa somente para o "Alternativo" – levou algumas noites para definir as

novas rotinas. Não que houvesse alguma rotina. Axl ainda não usava um set list fixo, preferindo cantar as músicas de acordo com necessidades psíquicas, portanto, as seis vocalistas e trompetistas tinham que esperar embaixo do palco (de bustiê, lingerie preta, cabelão e meia arrastão) até que Axl as chamasse para "Bad Obsession", "Pretty Tied Up" e outras canções em que atuavam. Incentivado pelo incansável Matt Sorum, Slash tocava a melhor guitarra de sua carreira. Fazendo suas primeiras apresentações com o Guns no dia 5 de dezembro, Gilby Clarke fez das tripas coração como um guitarrista-base simpático e hábil, com características próprias consideráveis. Naquela noite, Axl encerrou "November Rain" sentado ao piano de cauda, e mais tarde disse que era um prazer fazer parte da banda – pela primeira vez depois de anos.

Mas Axl, em geral, ficava sozinho, entocado, às vezes em hotéis diferentes. Membros da banda tinham de passar por uma série de guarda-costas afro-americanos irritados e grandalhões, armados, se quisessem ver o vocalista. Ainda magoado pela deserção de Izzy, Axl reagiu sendo mais recluso, exigente e hipercontrolador do que nunca. Ninguém da banda conseguia fazer nada a respeito, porque (de acordo com Slash) Doug Goldstein parecia trabalhar exclusivamente para Axl. Mas, na época, todos estavam resignados com uma situação que nunca mudaria. "Foi aí que realmente começamos a nos afastar de Axl", disse Slash mais tarde. "Ele estava em outra." Mas Slash também era compreensivo. "Era o que Axl precisava fazer para lidar com a situação. E ficávamos, tipo, 'Se é assim, então que seja'."

A turnê do Guns foi uma das mais badaladas de todos os tempos. Robert John era um dos dois fotógrafos da comitiva, ao lado do colega de trabalho e amigo Gene Kirkland. "Agora havia um grupo bem grande de pessoas viajando com a banda", afirma Robert. "De um pequeno grupo de amigos da banda para uma equipe enorme de roadies, além de quiropratas, gurus, massoterapeutas, assistentes de assistentes, garotas da assessoria de imprensa, estilistas – *essa galera toda*. Crescia cada vez mais. Ao mesmo tempo, havia esse afastamento entre Axl e os outros. Não era uma banda de fato, pelo menos não o que achávamos que era 'uma banda'. Agora, era um bando de homens que se

encontravam e subiam no palco – se tanto.”

Todos sentiam falta de Izzy Stradlin. O gerente da turnê, John Reese, posteriormente afirmou que, em segredo, todos queriam ter ido com ele. O clima nos bastidores dos shows do Guns N’ Roses ficou diferente dali em diante. Havia muita tensão e intriga, e ninguém sabia de fato o que estava acontecendo. Gilby Clarke estava contente com o novo emprego, mas também esgotado. “Era assim: ‘Tome – aprenda estas músicas. Aqui está seu pagamento’. Era isso. Desde o primeiro dia, soube que poderia acabar no dia seguinte.”

O Guns repaginado tocou em três noites no Madison Square Garden em Nova York entre 9 e 13 de dezembro. Os shows continham alguns dos esquemas de palco e novas rotinas que o Guns desenvolveria ao longo do ano seguinte: os ataques chocantes e espantosos de “Nightrain” e “Mr. Brownstone”; as luzes assustadoras e garotas cantando em “Live and Let Die”; a introdução com gaita de Teddy Zig Zag em “Bad Obsession”; a plateia surtando quando “Jungle” explodia no meio do show; Duff cantando o hino punk do Misfits “Attitude”; Gilby e Slash tocando um dueto de guitarra em “Wild Horses”, dos Stones; a introdução macarrônica, “sensível”, de Axl para piano em “November Rain” – uma música que se provou difícil de apresentar em shows e que continuou desajeitada e estranha durante a maior parte da turnê. O solo retumbante de bateria de Matt Sorum era sempre cheio de clichês e longo demais, mas Axl precisava de tempo para respirar e descansar as cordas vocais danificadas. As variações de solo de Slash em “Theme from *The Godfather*” geralmente precediam “Sweet Child o’ Mine”. Em seguida, “Rocket Queen”, “Move to the City”, “Heaven’s Door”, “Estranged” e o último bis, “Paradise City”.

Resenhistas notaram, com vários graus de ironia, a corrida frenética pelo palco durante tudo isso, com os músicos trocando de lugar em rampas e plataformas, geralmente à velocidade máxima, enquanto davam saltos altos sobre monitores no palco e, às vezes, uns sobre os outros. O crítico do *Times* escreveu que a plateia da noite de abertura parecia estranhamente comedida, o

que enfureceu Axl porque era verdade. Agora, eram os fãs mais velhos do rock que vinham para os shows (relativamente) caros do Guns em arenas, e não os ávidos jovens fãs de metal dos anos 1980. Durante o segundo show em Nova York, Axl xingou o crítico do *Times* (John Pareles) e o desafiou a aparecer no palco no terceiro show para se explicar. (O jornalista do *Times* se esquivou do convite.)

De acordo com Slash, um dos pontos altos dos shows em Nova York foi o encontro com Billy Joel nos bastidores. O pianista Joel era um dos heróis de Axl dos nebulosos anos 1970. Slash achou "excelente conhecer Billy, porque ele era um ícone tão importante e porque estava muito, mas muito bêbado". O Guns e Billy Joel se deram extremamente bem.

Os shows encerraram o ano na Flórida com uma apresentação de Ano-Novo em um estádio de futebol em Miami com ingressos esgotados e explodindo de energia. Tinha sido um ano difícil, muitas vezes decepcionante, para os músicos do Guns N' Roses, já que eles tiravam proveito de sua aura de rebeldes oitentistas, e qualquer pessoa esperançosa por dias melhores no ano seguinte só poderia estar de brincadeira.

Janeiro de 1992. O Faith No More se juntou à turnê assim que o Guns chegou em Baton Rouge, Louisiana, em 3 de janeiro. Promovendo o álbum *The Real Thing*, que estava no topo das paradas, o vocalista do Faith, Mike Patton, começou a debochar do Guns N' Roses já no palco, dizendo ao público que seria um milagre dos diabos se a banda principal entrasse antes da meia-noite, se é que eles apareceriam. Após o terceiro insulto do tipo, Axl e Slash tiveram uma conversinha com Patton, de cuja banda todo mundo no Guns gostava de verdade. (Curto e grosso, Slash disse a Patton para calar a boca ou cair fora.) Depois disso, não houve mais explosões tolas. O GN'R teve um problema diferente com o Soundgarden, cujos integrantes, em sua maioria, eram ideólogos hardcore do grunge que, na verdade, não queriam estar na turnê do Guns. "Eles não conversavam com a gente", queixou-se Slash. O Soundgarden vinha de um submundo de Seattle que via o Guns da mesma forma que o Clash e outros punks

londrinos tinham visto o Led Zeppelin – como velhotes chatos.

Mais tarde, Chris Cornell recordou: “Axl sempre estava escondido em algum lugar, tendo uma crise pessoal – sempre. Uma vez, eu estava na sala enquanto ele conversava com seu empresário sobre o desejo de contratar o dirigível da Goodyear para o show. Comentei – em tom de piada, embora fosse verdade – que o dirigível da Fuji era o maior do mundo. Axl falou, tipo, ‘É isso! Tem que ser o dirigível da Fuji’. Não havia limites para esse cara, simples assim”.

O Guns não conseguia acreditar em como os grungeiros do Soundgarden eram sisudos. Slash: “Eles vieram de um lugar onde não havia diversão enquanto faziam rock”. Assim, durante seu último show juntos, os reis da zoação Slash, Duff e Matt tiraram a roupa e invadiram o palco com bonecas infláveis durante a apresentação do Soundgarden. Slash: “Eles ficaram estupefatos”. Slash estava completamente nu, montado em uma boneca inflável, quando foi arrastado por seu próprio pessoal antes que pudesse ir preso.

O Guns ficou em turnê o mês inteiro, a maior parte do tempo no extremo sul e no Texas, entrando atrasados no palco quase todas as noites. Em Dayton, Ohio, Axl reclamou na primeira noite do editorial de um jornal local que havia chamado o Guns de a perfeita banda da casa para o tipo de país defendido pelo político racista David Duke. Axl perguntou aos jovens em frente ao palco se eles o achavam racista. Alguns gritaram que não, outros apenas gritaram. Axl perguntou à multidão: “É isso que vocês pensam, que somos racistas [...] e estão nos apoiando? Se é esse o caso, vou pra casa, porra”. A galera gritou e o show continuou. Em seguida, Axl cortou a mão no suporte do microfone quando uma solda se soltou. O sangue jorrou, e ele saltou para fora do palco. Enquanto recebia os primeiros-socorros, Axl pensou ter ouvido Slash tirando sarro dele para a plateia. Axl pirou. “Enrolei a mão numa toalha [...] voltei para o palco e fui um completo babaca com ele [Slash], dizendo que acabaria com a raça dele na frente de 20 mil pessoas. Foi idiota, porque eu me enganei sobre o que ele tinha dito. Pedi desculpas no exato

instante em que percebi ter cometido um erro." Dois shows em Detroit foram cancelados por conta da laceração profunda na palma da mão de Axl, e ele foi enviado de volta a Nova York para tratamento adequado.

No dia 25 de janeiro, o Guns tocou em Las Vegas, onde Axl foi entrevistado em sua suíte do Hotel Mirage por Kim Neely, da *Rolling Stone*. Desabafando de forma incomum para qualquer astro do rock, Axl basicamente explicou que estava mentalmente doente; que fizera o equivalente a sete anos de terapia em um só ano; e que estava vivendo dia após dia em um modo de catástrofe total. Admitiu que era um moleque mimado, com a maturidade emocional de uma criança gritalhona de 2 anos. "Axl tende a reclamar", escreveu Neely, "mal parando para respirar, e mesmo o comentário mais inocente pode deixá-lo no limite." Neely, como muitas pessoas que conheciam Axl, observou que suas mudanças bruscas de humor – da calmaria à fúria – eram experiências terríveis de se contemplar.

Axl disse que odiava se apresentar, mas precisava da "liberação de energia" que ele conseguia fazendo shows. Defendeu o novo Guns N' Roses, maior, contra acusações de ser pasteurizado demais, estilo Vegas e chamativo. Insistiu que os fãs de longo prazo do Guns acabariam entendendo o que eles estavam tentando fazer. "Éramos só nós cinco contra o mundo. Agora, trouxemos um pouco do mundo lá fora para a banda." Axl afirmou que não tinha despedido Izzy, porque Izzy é que o deixara. Defendeu as relações duras entre a mídia e o Guns como uma forma de evitar a hiperexposição, levando à morte certa da carreira.

Axl voltou a dizer à *Rolling Stone* que ele não era o racista de "One in a Million". Confessou que estava contente pelo fato de a música ao menos ter levado as pessoas a pensar.

Sobre seus problemas com mulheres, Axl estava arrependido. Admitiu que ambos haviam se tratado mal. Colocou a culpa de sua misoginia no abuso infantil, explicando que a terapia regressiva (que supostamente incluiu lembranças da vida uterina) trouxera à tona lembranças de ter sido sequestrado e estuprado pelo pai biológico, e em seguida visto a mãe apanhar quando ela veio pegá-lo. Dali em diante, sua mãe nunca mais

interferiu quando Bill estava levando alguma bronca, e ele nunca a perdoou por isso.

Axl prosseguiu, acusando seu padrasto de molestar sua irmã, Amy, e disse que agora ela estava trabalhando para ele na turnê, a fim de protegê-la do pai dela, a quem Axl chamava de "um dos seres humanos mais perigosos que já conheci". O que Axl chamou de "enterrar essa merda", juntamente com o puro ódio que sentia de seus pais, familiares e de si mesmo, é que o enlouquecera. "Homofóbico?", perguntou Axl, de forma retórica. "Acho que tive um problema com isso, já que meu pai *me comeu o rabo* quando eu tinha 2 anos. Acho que com isso eu tenho problema."

Questionado por que estava expondo essas informações incomuns, Axl disse que era por questões de segurança, porque seu padrasto ainda estava por aí. "É muito importante o fato de ele não estar mais na minha vida nem na de minha irmã [...] Você tem de reviver [o abuso], lamentar o que lhe aconteceu, fazer um luto por si mesmo e se acolher, e depois se recompor [...] e, depois, dar um jeito de romper a corrente. Gostaria de me consertar, dar a volta por cima e ajudar outras pessoas." Axl mencionou que tinha visitado recentemente uma clínica para vítimas de abuso infantil.

"Tenho muitos motivos para falar publicamente sobre isso", disse Axl. "Todo mundo quer saber: 'Por que o Axl é tão fodido?'. E de onde vêm todas essas coisas? Agora, as coisas estão mudando e vindo à tona [...] serei atacado. Vão pensar que estou entrando na onda. Mas aí ficará óbvio quem é um babaca e quem não é."

Kim Neely mencionou que uma personagem de um recente romance de horror de Stephen King descrevera Axl Rose como um babaca. Sempre espirituoso e provavelmente um pouco entendido em escrever ficção, Axl fez a brilhante pergunta: "Mas era a protagonista ou a antagonista?".

Os editores da *Rolling Stone* sabiam que tinham uma entrevista explosiva. O vocalista da maior banda do mundo estava levando a público acusações de estupro infantil, abuso sexual e negligência – contra sua própria família. Os advogados da revista, receosos

de possíveis acusações criminais, exigiram algum tipo de corroboração antes de assinarem a publicação. Mas Axl não atendia o telefone e logo parou por completo de dar entrevistas. Por fim, os advogados ficaram satisfeitos quando o irmão e a irmã de Axl, além de uma fonte identificada apenas como um amigo da família, forneceram uma corroboração por escrito das escandalosas alegações de Axl Rose contra seus pais, que se recusaram a comentar quando contatados pela revista. Axl se recusou a ser fotografado. Então, quando a entrevista foi publicada dois meses depois, em março de 1992, a *Rolling Stone* usou na capa uma imagem feita por Herb Ritts no ano anterior.

Banzai, filhos da mãe!

Fevereiro de 1992. O Guns N' Roses fez dois shows para o lendário promotor japonês Sr. Udo no gigantesco Tokyo Dome, um dos maiores espaços para eventos internos do mundo. Slash voou para o Japão alguns dias antes da banda com uma pequena comitiva, incluindo o técnico de guitarra Adam Day, o guarda-costas Ron Stalnaker e a namorada de longa data Renee Suran, com quem sempre terminava e voltava (e com quem mais tarde se casou naquele ano enquanto tinha um caso secreto com a adolescente Perla Farrar, a quem desposaria dez anos depois).

Slash chegou antes em Tóquio para tocar com Michael Jackson nos shows da turnê *Dangerous* na capital japonesa. (Slash havia tocado nas sessões de gravação do álbum *Dangerous*.) Slash ficou contente por ter causado uma reação estrondosa dos fãs de Michael ao aparecer no palco com sua figura cabeluda e de cartola. Até Michael Jackson ficou surpreso por ter sido brevemente ofuscado por alguém que, em segredo, ele considerava um personagem de desenho animado.

Os shows do Guns em Tóquio tiveram ingressos totalmente esgotados. A introdução na primeira noite: "BANZAI, FILHOS DA MÃE! DE HOLLYWOOD, CALIFÓRNIA – GUNS AND LOSES!". O venerável Sr. Udo oferecera a eles uma turnê japonesa completa, mas Axl quis ficar em um só lugar. Os shows de Tóquio foram gravados por

uma equipe de TV japonesa, então Axl trocava de roupa dezenas de vezes a cada apresentação, com alguns novos figurinos impressionantes. Para "Double Talkin' Jive", usou uma camiseta pavorosa do assassino Charlie Manson. Ostentava kilts e tartãs, jaquetas elegantes sob medida, camisas de futebol (#22, Mean Machine), couro branco de pele de cordeiro, bonés de beisebol de Ice-T e bandanas variadas. Mais tarde, nos shows, ele dançou de shorts brancos apertados que delineavam com detalhes vívidos seu traseiro atrevido e a virilha saliente. (Muitos fãs acharam estranho, e até um pouco "gay".) "Civil War" foi tocada em frente às bandeiras dos Estados Unidos, do Japão e dos Confederados, em tamanho grande. Axl começou a música usando as estrelas e barras do sul rebelde e terminou com as estrelas e listras da União vitoriosa. "Sweet Child o' Mine", outrora uma terna canção de amor, era agora – por conta de um amargo divórcio e coração partido – um grito abrasivo de dor que terminou com um uivo prolongado que sacudiu e abalou os estádios durante o resto da longa turnê *Illusion*. Para os fãs mais astutos do Guns, essa reformulação de "Sweet Child" indicava que as coisas haviam mudado drasticamente para Axl Rose. Agora ele estava com 30 anos, e mais distante da cidade-paraíso que qualquer pessoa da plateia.

O Guns tocou "Estranged" como um bis no Japão. Axl disse ao público que a canção era sobre um sentimento tão intenso de depressão que poderia fazer a pessoa desejar cometer harakiri (ele pronunciou "hairy carry"). A isso, houve muitos gritos, o que fez Axl rir. Os shows em Tóquio terminaram com uma "Paradise City" em chamas e estroboscópica, com um Slash sem camisa e pingando pelos corredores em total modo jam, enquanto seus guarda-costas tentavam acompanhá-lo. Após o último show, toda a turma fez uma reverência, colocando os braços nas cinturas uns dos outros e sorrindo.

De volta a Los Angeles, o trabalho no clipe de "November Rain" continuou. Uma igreja rural de madeira branca, finalizada com um campanário alto, foi construída no deserto do Novo México, onde o solo de guitarra de Slash foi filmado. A fictícia recepção

de casamento de Axl e Stephanie foi arruinada por uma tempestade hollywoodiana que (profeticamente) transformou seu momento de êxtase em um holocausto de vidro quebrado e vinho derramado. A mórbida cena do funeral no clipe foi adiada, porque Stephanie estava preocupada em ser filmada dentro de um caixão forrado de cetim. Ela acabou cedendo, e no fim "November Rain" se tornaria o clipe musical mais caro já feito.

Abril de 1992. O Guns fez seus primeiros shows na Cidade do México no início do mês, seguidos por apresentações no meio-oeste. A banda estava em Chicago no dia 9 de abril, quando foi alertada de que os policiais de Cook County iriam prender Axl após o show com um mandado de prisão em aberto por conta do tumulto em St. Louis no mês de julho do ano anterior. Axl saiu às pressas da cidade antes que pudesse ser extraditado para o Missouri, e 18 mil jovens ficaram imaginando o que aconteceu quando chegaram ao Rosemont Horizon e foram informados de que não haveria show.

O Guns N' Roses voou para a Inglaterra a fim de se apresentar no Freddie Mercury Tribute Concert for AIDS Awareness em Londres, no dia 20 de abril. O grupo ACT UP, pelos direitos dos homossexuais, tentou fazer com que eles fossem desconvidados, mas a banda estava louca para se juntar a Elton John, David Bowie, Metallica, George Michael e um leque muito amplo de astros do rock, além de uma transmissão televisiva ao vivo para o mundo todo. Slash: "Todos nós crescemos ouvindo o Queen. Então, quando nos pediram para tocar, apenas aproveitamos a chance. Aí, tivemos toda aquela coisa de ativismo gay contra nós, mas decidimos seguir em frente mesmo assim. Não íamos perder um show daqueles". O Guns chegou alguns dias antes para ensaiar, com sua formação de seis membros, com exceção de Axl, que não ensaiou. (Ele também exigiu um camarim privativo.) No Wembley Stadium, Slash tocou "Tie Your Mother Down" com o Queen, e Axl fez a parte do vocal do falecido Mercury em "We Will Rock You". Após a insistência de Brian May, Axl se juntou a

Elton John e cantou “Bohemian Rhapsody” como um dueto em falsete não ensaiado e aos gritos. (Elton John estava nervoso com o encontro com Axl, o rei dos homofóbicos, mas Axl se comportou de forma muito respeitosa. Até encantou Elton John, dizendo-lhe o que sua música havia significado para ele durante a adolescência.) O Guns viera preparado para tocar três músicas, mas os shows anteriores atrasaram e a banda toda tocou às pressas “Heaven’s Door” e “Paradise City”, com Axl dançando como se sua vida dependesse disso. Duff, Slash e Axl se juntaram aos outros músicos no fim da noite para cantar um triunfal “We Are the Champions”.

No dia seguinte, Axl chegou ao aeroporto Heathrow meia hora antes de seu voo para casa. Ele solicitou que sua bagagem fosse revistada manualmente, e não por raios X, porque estava levando remédios homeopáticos que poderiam estragar com a radiação. Isso exigia supervisão especial, o que levou tempo e fez Axl perder o voo. Ele ficou tão irritado que policiais vieram tirá-lo do aeroporto.

O Guns N’ Roses estava agendado para uma turnê de dois meses na Europa na primavera de 1992, porém, no início de maio, os planos para os shows de verão não haviam se concretizado. Nenhum membro do Guns queria ficar fora da estrada. (Na época, todos sentiam que esse era o único motivo que tinham para viver.) Correram rumores de que Axl queria que o Nirvana abrisse para o Guns naquele verão, mas que Kurt Cobain tinha recusado, dizendo que *odiava* pra cacete o Guns N’ Roses e seus “fãs otários”. Em vez disso, em uma coletiva de imprensa no dia 12 de maio no clube Gaslight, em Hollywood, Slash e o baterista do Metallica, Lars Ulrich, anunciaram que as duas bandas fariam uma turnê juntas naquele verão. (Durante as negociações dessa turnê, o Metallica habilmente insistiu em tocar primeiro toda noite, porque assim eles seriam pagos independentemente de o Guns aparecer no horário ou não.)

A última entrevista que W. Axl Rose concedeu à imprensa foi

publicada na revista *Interview* em maio de 1992. As fotos de capa e do interior exibiam a química entre Axl e Steph, nome pelo qual chamava a namorada de coração selvagem, com imagens grandes em preto e branco de beijos, abraços e até línguas. Axl ficou à vontade para conversar sobre sua vida problemática com a editora da *Interview*, Ingrid Sischy, revelando nova maturidade ao explicar seus problemas com mulheres e a decisão de deixar as drogas pesadas para trás. Por conta de a *Interview* ser uma revista essencialmente gay, Axl prestou muitos esclarecimentos sobre homofobia, racismo e ataques a imigrantes. Mais uma vez, ele negou que fosse racista, afirmando que era "casado" com Slash, que era metade negro. Disse que os versos anti-imigrantes em "One in a Million" foram apenas dois pensamentos diferentes que se misturaram. Axl insistiu que não era antigay, mas que era um pró-hetero fervoroso, simples assim. Admitiu que conseguiu ver Madonna brincando com seus dançarinos gays em seu documentário musical contemporâneo, *Na cama com Madonna*, sem sentir nojo. Destacou que suas grandes influências – Freddie Mercury e Elton John – eram gays assumidos. Ao mesmo tempo, Axl foi levado a justificar sua óbvia homofobia afirmando que, quando jovem, teve de se esquivar de investidas homossexuais não desejadas. Então foi além e disse que havia sido estuprado.

Axl: "Homofobia? OK, vou repetir. Foi uma coisa que acabei de dizer à *Rolling Stone*. Não sei [...] Talvez eu realmente tenha problema com homofobia. Talvez eu tivesse 2 anos, e aí meu pai me comeu pelo rabo, e isso tenha me causado um problema desde então [...] *Isso é um fato*. Isso foi algo que aconteceu, e faz parte dos danos em que tenho trabalhado [...] Mas, além disso, não sei se tenho homofobia".

Questionado se já havia escrito algo além de letras de música, Axl respondeu que recentemente vinha trabalhando com um amigo (Del James) "reunindo informações e coisas do tipo. Mais verdade e realidade vêm à tona quando converso com ele do que quando falo com alguém que não sabe o que está acontecendo. Sempre acreditei que a verdade sobre o que está havendo com a vida do Guns N' Roses é tão excitante, tão *perigosa*, tão pesada e tão *real* quanto as pessoas achavam que a

cena hype era”.

Bastardos ex-comunistas e idiotas dirigindo Mercedes

A turnê europeia de 20 shows do Guns N’ Roses, na primavera de 1992, foi a mais louca em que a banda já estivera. Sobreviventes afirmam que os dois meses de apresentações – flagelados por atrasos, cancelamentos, manias, brigas internas, ciúmes e performances medíocres – se pareceram mais com dois anos. Uma década depois, o gerente de turnês John Reese disse ao *Behind the Music*, da VH1: “Você não sabia, de um minuto para o outro, se tudo ia acabar naquele dia – por causa de uma overdose, ou de um tumulto, ou porque simplesmente implodia. Mas, ao mesmo tempo, você também não sabia se naquela mesma noite veria o melhor show de rock – de todos os tempos”.

A primavera irlandesa verdejava como esmeralda sob o Guns enquanto seu jato particular fazia um pouso barulhento no aeroporto de Dublin em 15 de maio de 1992. No dia seguinte, o rosto sorridente de Axl Rose estava na página principal do *Irish Independent* e em outros jornais diários. Ele não compareceu à passagem de som da banda em Slane Castle, uma mansão no vizinho County Meath, onde os Stones, Madonna e o U2 haviam tocado para 100 mil pessoas no anfiteatro natural entre o castelo e o rio Boyne. O sistema de som de um quarto de milhão de watts podia ser ouvido na aldeia vizinha de Slane, que havia sido tomada por um exército incrível de fãs irlandeses de rock sob o olhar vigilante de 800 policiais.

Quando o Guns chegou de helicóptero de Dublin para a apresentação do dia 16 de maio, eles ficaram contentes ao encontrar nos bastidores uma caixa com garrafas de uísque escocês de 40 anos e um barril de Guinness, ambos presentes de

boas-vindas do U2. A banda irlandesa My Little Funhouse fez a abertura, seguida pelo Faith No More. O helicóptero de Axl ainda não tinha saído de Dublin quando chegou a hora de o Guns subir ao palco. Com uma hora de atraso, eles iniciaram o show sob a luz do verão irlandês. Axl correu enquanto cantava “Nightrain” e “Mr. Brownstone”, de shorts pretos justos e uma jaqueta preta com detalhes verdes, saltando pelo palco de 50 metros como um duende agitado de cabelos vermelhos. Os jovens irlandeses fizeram sua parte e ficaram alucinados.

Axl quis fazer uma conexão de herança celta com o público: “Caso vocês não tenham reparado, temos um McKagan na banda, e eu próprio sou metade irlandês [...] mas não dá pra ver, né?”. (Isso era para soar engraçado.) Depois que Duff, inchado e bêbado, cantou “Attitude”, cuspindo saliva no palco inteiro, Axl calmamente cobriu o microfone com um pano novo. “Por mais que eu ame o Duff”, brincou Axl, “eu jamais compartilharia uma camisinha com ele.” Isso fez o pessoal aplaudir.

Após “Don’t Cry”, Axl dedicou a música seguinte a “todos os que não conseguem deixar de se intrometer [...] na porcaria do nosso negócio. A miséria adora companhia, então, se vocês conhecem alguém assim [...] chamem essa pessoa e digam, da minha parte, que ela está de ***DOUBLE TALKING JIVE,***[61] ***FILHOS DA MÃE!***”. Era a deixa para “Double Talkin’ Jive”, com Axl cantando a parte de Izzy na ausência do compositor. Axl ainda insistia em trabalhar sem um set list fixo, retirando-se em seu minúsculo camarim sob o riser da bateria para oxigenações e trocas de roupa durante os longos solo de bateria e guitarra. Isso não apenas deixava as garotas da banda em alerta permanente como também era difícil para os funcionários, que tinham enormes monstros infláveis para encher quando começava “Jungle” e altas pirotecnias para acender durante “Live and Let Die”.

(Os roadies do Guns – veteranos e novatos –, ao lado de toda uma comitiva de massoterapeutas, estilistas, quiropratas, técnicos vocais, motoristas de ônibus, profissionais de bufê e seguranças eram obrigados a assinar vários documentos – ordens de sigilo e isenções de responsabilidade – que eram periodicamente espalhados pelos bastidores, por insistência de Axl. O nível de paranoia nessa turnê foi muito alto, e a equipe se

afastava se visse alguém com um caderno de anotações ou um microfone. Um executivo da Geffen se lembra: "Axl estava exigindo controle total sobre qualquer informação a seu respeito, sobre a banda e sobre a turnê. Tinha um monte de documentos judiciais idiotas que precisávamos assinar para o show. Era ridículo, mas ninguém conseguia dizer não para esse cara".)

Em Slane Castle, o piano de Axl foi içado ao palco por elevador para tocar "November Rain", precedida por um recital do vocalista que citou "It's Alright", do Black Sabbath. Um dos destaques do show em Slane Castle (e de toda essa era) foi "Move to the City", que deu a Dizzy Reed, Teddy Zig Zag e à seção de sopro seus momentos sob os holofotes. As três garotas – dois saxofones e um trompete – tocaram até o fim, cada uma pegando dois refrões e encantando as maiores plateias de suas carreiras. (Slash achou que uma seção masculina seria chata, e, como sempre, seu instinto acertou na mosca.) O show terminou com "Paradise City" ecoando pelo vale Boyne. Slash, aos frequentadores: "Obrigado pela recepção. Vocês foram ótimos pra cacete!".

Os membros do Guns passaram alguns dias em Dublin antes de começarem a longa turnê pela Europa. Eles ficavam nos pubs e andavam pelas ruas, apreciando as moças bonitas de vestidos caros a caminho do famoso Trinity Ball. Slash foi citado na imprensa dublinense: "Sempre posso dizer que uma cidade é boa de copo se as pessoas no bar ficam bêbadas antes de mim".

As críticas da imprensa britânica foram duras por conta dos insultos de Axl em "Get in the Ring". A outrora adorável *Kerrang!* chamou o Guns de "uma triste bagunça musical". A defensora do punk *NME* disse que eles foram "apenas mais um show de estádio, ficaram lá em cima feito perus engordados". *Melody Maker*: "[...] uma banda de desenho animado com talvez três músicas decentes e um monte de violência escandalosamente sexista disfarçada de nudez psicológica. Eles são apenas mais uma máquina vazia de fazer dinheiro, estabelecida com segurança dentro dos parâmetros convencionais, seguindo uma fórmula previsível e desgastada".

O jornal musical irlandês *Hot Press* tinha mais sintonia com os fãs do Guns: "De todas as formas possíveis e imagináveis, o Guns N' Roses é uma bagunça; um grande [borrão] Rorschach[62] de confusão, grosseria e contradição. No entanto, também é um grupo de rock impossivelmente gigante, glamuroso e empolgante, glamuroso e empolgante justamente por ser tão gigante".

Ao menos *alguém* entendia o que estava acontecendo com a banda.

O mais recente acréscimo à enorme comitiva do Guns N' Roses era uma minúscula asiática na casa dos 40 anos, que também tinha a própria assistente. Era a conselheira espiritual de Axl Rose, Sharon Maynard, que exercia significativa influência sobre Axl e atuaria como suporte em muitas das turnês do Guns daquela época. A equipe de roadies foi informada de que ela era a vidente de Axl e começou a chamá-la de Yoda, em homenagem ao guru cosmicamente feio dos filmes da série *Guerra nas Estrelas*. Sharon Maynard morava em Sedona, no Arizona, onde tinha uma empresa de consultoria New Age registrada como um "negócio educativo" sem fins lucrativos, chamada Arcos Cielos. Uma de suas especialidades era o magnetismo e o bem-estar humanos. Ninguém sabia exatamente o que ela fazia por Axl, mas diziam que Yoda andava usando aplicações tópicas eletromagnéticas para tentar controlar as graves crises de depressão do vocalista. Seu passe de bastidores dizia "Acesso a todas as áreas".

O Guns N' Roses começou sua turnê continental no Leste Europeu, mais uma vez com abertura do Soundgarden e do Faith No More. Em Praga, no dia 20 de maio, a banda tocou no Straov Stadium, o estádio de futebol em ruínas da República Tcheca. O show começou com: "OK, SEUS BASTARDOS EX-COMUNISTAS – PREPAREM-SE PARA ABALAR!". Após o show, Slash e Gilby foram levados a um clube de strip, onde ficaram maravilhados e satisfeitos ao descobrir que as garotas exibiam fartos pelos pubianos. Duas noites depois, em Budapeste, o avião da banda

pousou 20 minutos antes do horário que eles deveriam estar no palco. Eles foram levados ao Nepstadion por uma escolta policial militar, com as sirenes disparando. Em seguida, o show foi encharcado por uma tempestade, com torrentes de água caindo de lonas frágeis diretamente no palco. Com toalhas, os roadies tentavam secar as coisas, mas de nada adiantava. "Estamos patrocinando um lava-rápido, porra", brincou Axl, "e vamos todos ficar sem camisa."

O U2, que tocaria no mesmo local na noite seguinte, foi assistir ao show do Guns em Viena. As duas bandas dividiam o mesmo jato, já que viajavam em turnê pela Europa ao mesmo tempo. Ao introduzir "Live and Let Die", Axl se perguntou em voz alta se Adolf Hitler já havia cantado a música para si mesmo quando criança. (A menção a Hitler gerou aplausos na terra nativa do Führer.) Mais tarde, Bono (Paul Hewson) convidou Axl Rose (Bill Bailey) para uma festa de aniversário do contador da turnê da banda irlandesa. Na noite seguinte, o Guns foi ao show do U2 em Viena, e Axl subiu ao palco com Bono para uma versão acústica de "Heaven's Door".

Eles seguiram para a Alemanha, onde o Guns começou a dar o seu melhor, fazendo shows longos que geraram grandes elogios. Eles tocaram para 40 mil pessoas no Estádio Olímpico de Berlim (onde Axl parou o show para expulsar um fã ["seu babaca do caralho"] que havia jogado uma garrafa no palco), e em seguida para 75 mil em Stuttgart, onde se apresentaram assim: "OK, seus idiotas bebedores de cerveja e motoristas de Mercedes – direto de Hollywood, Califórnia...". Entre as músicas tocadas no sistema de som antes de o Guns subir ao palco estavam a versão de Sid Vicious de "My Way"; o tema do filme *Três homens em conflito*; e vários raps homicidas do NWA.

Duas noites depois, em 29 de maio, o Guns tocou em Colônia durante quase três horas, inserindo as novas músicas "Perfect Crime" e "So Fine" no set list. Depois, a banda teve alguns dias de folga antes do último show na Alemanha, em Hanover. Todos descansaram um pouco, exceto Axl Rose, ardendo no próprio inferno particular. Ele não dormia havia três dias e não conseguia desligar a adrenalina do palco e relaxar. Axl passava horas ao telefone com Stephanie Seymour, e ficou inquieto

quando a namorada lhe contou que Warren Beatty andava ligando para ela. Dentro da banda também havia certo atrito por conta da recusa de Axl em fazer a passagem do som, ocasiões em que muitas vezes Doug Goldstein representava o vocalista. (A desculpa de Axl era que sua garganta estava fragilizada e que ele tinha de proteger as cordas vocais.) Slash também começava a se preocupar com as despesas extravagantes da banda, já que Doug Goldstein aprovava todas as vontades e caprichos de Axl. Slash tinha ouvido histórias pavorosas de grandes bandas de rock encerrando turnês imensas que, no fim, não tinham gerado dinheiro significativo, e ele não queria que isso acontecesse com o grupo.

Axl Rose, ainda insone e totalmente exausto, desembarcou em Hanover. A banda entrou a tempo no palco, para espanto geral, e mandou ver nas primeiras quatro músicas. Então Axl se sentou no riser da bateria e ficou olhando, carrancudo, para 60 mil fãs barulhentos de rock. Os outros membros do Guns se entreolharam, nervosos. Axl não dizia o que havia de errado. Ele não disse nem uma palavra. Os monitores de palco e o teleprompter de Axl foram novamente checados, e confirmou-se que estavam funcionando. Minutos excruciantes se passavam. Nada. Então Axl se levantou, foi até a frente do palco e desceu até o espaço dos seguranças. Olhou fixamente para alguns jovens da fileira frontal, então voltou ao palco e se sentou de novo. Por fim, recomeçou o show, mas desta vez de mau humor. Repreendeu a plateia por não cantar “Heaven’s Door” alto o suficiente. Em seguida, apresentou “Sweet Child” como “uma música sobre ser comido pelo rabo com uma garrafa de Coca”. Ele usou a coda longa e gritante da música para soltar uivos de agonia humana e os tormentos invisíveis que lhe dilaceravam a alma. Depois, jogou o microfone e saiu. Não houve bis naquela noite, e Axl se mandou para o próximo show, em Paris, antes da banda.

Uma experiência extracorporal

Junho de 1992. Axl Rose e Izzy Stradlin haviam tocado com os

Rolling Stones três anos antes, em um show imenso na TV por assinatura no final da turnê dos Stones de 1989, do álbum *Steel Wheels*. Agora que sua banda era a maior do mundo, Axl decidiu que o Guns N' Roses deveria ser o anfitrião do próprio espetáculo internacional para TV. A rede de TV a cabo HBO concordou sem hesitar. Negociações longas e complicadas resultaram no show do Guns em Paris no dia 6 de junho, onde receberiam Steven Tyler e Joe Perry; o roqueiro-retrô Lenny Kravitz (em cujo último disco Slash havia tocado); e o *guitar hero* inglês primordial Jeff Beck.

Os membros do Guns chegaram a Paris em 4 de junho e se registraram no Hotel Crillon, o mais caro da Cidade-Luz. A banda e seus convidados fizeram a passagem de som na tarde seguinte, no Hipódromo de Bois de Vincennes. Slash ficou com vergonha por Axl não ter aparecido. "Cadê seu *vocalista*, cara?", perguntou Steven Tyler, sua maneira de dizer que Slash e Axl estavam desrespeitando os músicos convidados. Depois que a equipe de TV terminou de posicionar as câmeras, a equipe transportou o equipamento da banda até o clube de rock Elysée Montmartre, a fim de que o Guns pudesse ensaiar com os convidados. Toda a equipe de roadies se amontoou no clube para ouvir Beck, Joe Perry e Slash fazerem uma jam de "Train Kept A-Rollin" por meia hora em meio a rajadas sonoras de feedback, que muitos concordaram que foi o ponto alto musical mais transcendental de toda a turnê. Tudo corria bem até Matt Sorum bater no prato perto de Jeff Beck, de pé próximo ao riser da bateria. De repente, Beck perdeu totalmente a audição do ouvido esquerdo, ensurdecido pela força do golpe de Sorum. O volátil guitarrista ficou furioso e tomou um voo de volta para Londres. Um convidado a menos, e os outros não estavam nada animados.

Axl ficou na suíte do hotel, pirando. (Sua irmã, Amy, que viajava com a banda, era uma das poucas pessoas que conseguiam acalmá-lo quando as coisas complicavam.) Stephanie Seymour havia prometido ir a Paris, e ele estava contando com a presença da namorada na grande transmissão. Mas ela não tinha chegado, e ele não estava conseguindo contatá-la. Axl estava louco de ciúmes por conta de uma história nas colunas sociais de fofoca de Nova York de que ela tinha sido vista com Warren

Beatty em um restaurante em Manhattan na semana anterior.

No dia 6 de junho, quase 60 mil fãs de rock lotaram o hipódromo. O Guns N' Roses começou com uma hora de atraso. Disseram que 400 redes de TV do mundo todo fariam a transmissão, dando ao Guns sua primeira audiência global. Lenny Kravitz entrou e tocou "Always on the Run", e tudo corria bem com o show até Axl dedicar "Double Talkin' Jive" a Warren Beatty – com uma vingança:

"Então, esse *velho* tem família e um bebê [...] mas tem que passar o tempo se metendo com outras pessoas, porque não sabe o que fazer com a própria vida [...] ele é um *parasita* que gosta de jogar com a vida dos outros. [Na central de controle da TV, os executivos da HBO se entreolhavam preocupados.] Ele é tão *vazio* que [...] tudo o que faz é jogar. Ele *suga* a [...] energia vital das outras pessoas, porque não tem nenhuma."

Em seguida, Axl se dirigiu diretamente a Beatty: "Olhe aqui, seu cuzão – se acha que *Madonna* acabou com você, aposto meu dinheiro em Annette [Benning, esposa de Beatty] – *seu babaca de merda*".

Mais tarde, Axl transmitiu sua mensagem antiautoritarismo ao dedicar "Live and Let Die" aos que "tentam controlar e manipular você: os poderes, o governo, sua família, amigos ou qualquer coisa que opte por te foder. Você até pode tentar conversar com algumas dessas pessoas. Pode tentar fazer amizade. Pode tentar fazer dar certo [...] mas, se não conseguir salvar ninguém, terá sorte de salvar a própria pele. Mas vamos dedicar esta canção a essas pessoas, cacete". Depois, com tristeza, Axl apresentou "November Rain" como "uma música sobre amor não correspondido".

Izzy Stradlin assistiu a tudo isso em sua casa em Los Angeles, pagando a mesma taxa de 25 dólares que qualquer assinante da HBO. Ele estava às voltas com a mixagem de seu primeiro álbum com os Ju Ju Hounds. Era a primeira vez que Izzy via o novo Guns N' Roses.

"Foi uma experiência realmente bizarra, extracorporal", disse Izzy mais tarde. "Na verdade, não os reconheci. Eles tinham

instrumentistas de sopro, um cara na gaita e garotas como backing vocals. Claro, naquela noite eu *era* o Gilby. Foi muito *estranho*, sabe?"

Steven Tyler e Joe Perry entraram no fim do show em Paris – após esperarem três horas no backstage – e tocaram "Train Kept A-Rollin'" e "Mama Kin" com o Guns. Depois houve uma grande festa e Axl afogou as mágoas, o que raramente fazia em público. Disseram que ele estava com muita ressaca para voar para a Inglaterra com a banda no dia seguinte, mas sua energia maníaca ainda o deixava incapaz de dormir mais que alguns minutos de cada vez. Em busca de inspiração, Axl foi ao Museu do Louvre para visitar a Vitória de Samotrácia, sua escultura antiga favorita, mas foi instantaneamente reconhecido por turistas que o importunaram por fotos e autógrafos até ele precisar sair. Seus encarregados acharam que um cruzeiro pelo rio Sena poderia acalmar os nervos de Axl, e ele realmente conseguiu dormir por dez minutos quando o barco saiu do cais. Mas depois ele acordou e ficou agitado ao saber que não poderia sair. Axl se sentia tão mal quando chegou a Londres que um médico lhe disse para descansar um pouco, e o show do dia 9 de junho em Manchester foi adiado por motivos de exaustão.

A banda teve três dias de folga em Londres, enquanto esperava por Axl. A namorada de Slash, Renee, pegou um voo para tentar uma reconciliação, e por um tempo ele parou de carregar uma garrafa de uísque Jack Daniel's para todos os lugares aonde ia. Duff McKagan, com a ajuda da namorada Linda Johnson, tentava diminuir seu hábito de beber um litro de vodca por dia. Todos estavam no Conrad, um hotel exclusivo com vista panorâmica para o Tâmisa perto da Chelsea Bridge. Prince, atração principal do Earl's Court, também estava no local. (No bar do hotel, o Guns ficou sabendo que os funcionários tiveram de tirar todos os móveis da suíte de Prince, e que sua cama e lençóis haviam chegado de avião de Minneapolis. As janelas de Prince foram vedadas para impedir a passagem de qualquer luz natural, e ele insistiu que o salão de beleza do hotel estivesse disponível para ele às duas da manhã. Alguém zombou que

Prince fazia Axl Rose parecer o Willie Nelson.)

O agente londrino do Guns organizou um passeio exclusivo de kart para a banda em uma pista de West London. Slash perguntou em voz alta quem estava pagando por aquilo, e ninguém teve coragem de dizer que era ele mesmo.

No dia 13 de junho, o Guns N' Roses fez um show efervescente sob um sol vespertino escaldante no Wembley Stadium para 72 mil bebedores de cerveja. Axl exigiu ser levado de helicóptero para o show, mas não havia nenhuma pista de pouso naquela parte lotada do norte de Londres, e ele acabou pousando mais longe do local do que onde havia começado. Brian May, do Queen, participou com "Tie Your Mother Down" e "We Will Rock You". Axl interrompeu o show duas vezes: mandou levar embora um bêbado barulhento e fez o pessoal da segurança ajudar uma garota que estava sendo esmagada em meio ao amontoado de fãs logo abaixo do palco. Desta vez, as críticas da imprensa foram mais gentis com a banda. "Era impossível parar de olhar [para Axl]", escreveu um crítico. "Já fui a vários shows, mas nunca vi nenhuma banda provocar uma empolgação tão espontânea, visceral, *tribal* em um estádio."

Enquanto estavam em Londres, Duff e vários membros da banda trabalharam em seu álbum solo em um estúdio de Shepherd's Bush. A banda fez o show reagendado de Manchester (com duas horas de atraso, escassamente avaliado como o declínio e a queda de uma banda outrora gigante) e depois mais duas noites em Newcastle no dia 16 de junho. Duff McKagan teve um atrito com um fã no Gateshead Stadium que estava gritando com ele, e Axl interferiu: "Eu não mexeria com o Duff", disse ele ao fã, em tom de alerta. "Ele está sem beber nada há duas semanas." Agora a banda acertava o ritmo, e mais tarde Axl disse que considerou a apresentação em Wembley "a melhor performance de que sou capaz a esta altura da carreira".

Depois, na tarde de 19 de junho, a banda foi levada ao aeroporto Heathrow para pegar um voo para a Alemanha. Axl Rose foi avistado por um oficial da segurança, que se lembrou dele da fila do aeroporto em abril. Axl foi retirado da fila e,

dizem, revistado. Axl fez seu assessor de imprensa emitir uma declaração: "Ser escolhido por alguém que só quer marcar alguns pontos e ter algo para contar aos amigos enquanto bebe cerveja é realmente sem noção". A queixa de Axl foi publicada por quase todos os jornais diários na Inglaterra durante aquela semana.

Junho de 1992. O Guns N' Roses fez alguns shows excelentes pela Europa. Uma repentina tempestade teutônica irrompeu sobre o estádio de futebol em Wurzburg no dia 20 de junho, com os poderosos raios de Thor competindo com os efeitos pirotécnicos do Guns. Banda e plateia ficaram ensopadas em segundos, mas o Guns continuou tocando, finalizando 90 minutos de show enquanto uma grossa camada de vapor humano pairava sobre jovens agitados que aplaudiam em uma rara comunhão entre uma banda de rock e 45 mil fãs. No show seguinte, eles tocaram para 50 mil pessoas na Suíça, mas Duff ficou gripado e a garganta de Axl parecia em chamas. Sua farmácia móvel de remédios homeopáticos não ajudou, e médicos foram chamados. Em Roterdã, o Guns entrou duas horas depois que o Faith No More terminou de se apresentar. Mas havia um toque de recolher às 11 da noite, e disseram a Axl que o gerador seria desligado às 11 e meia se a banda ainda estivesse no palco. Exasperado e sentindo-se doente, Axl disse aos 50 mil jovens holandeses que eles tinham direito a um show inteiro. "Vocês pagaram por isso", resmungou ele. "Então, se cortarem a energia – fiquem à vontade, caras – *Façam o que quiserem*!". Prudentemente, e após discussões furiosas nos bastidores, a polícia deixou a banda tocar até terminar "Paradise City", à meia-noite e meia.

Duff estava tão doente que um show em Bruxelas foi cancelado, e a banda voou para Milão a fim de descansar durante alguns dias. Depois de ter sido coberta de flores e chocolates por Axl, Stephanie Seymour voou para ver o namorado em Milão, agraciando-o com um passeio pelo universo dela: visitas privativas aos showrooms de Armani e Versace; jantar com Donatella Versace e a amiga modelo Naomi Campbell; e compras na Via Monte Napoleone. O ânimo de Axl e a saúde de Duff

estavam melhores quando eles tocaram para 65 mil no Stadio delle Alpi, em Turim, no dia 27 de junho. Depois desse show, a banda foi ao porto mediterrâneo de San Remo e passou alguns dias em um imenso navio motorizado alugado, onde Duff e Linda anunciaram um noivado e futuro casamento. Slash se perguntou quem estava pagando pelo iate de 180 pés obscenamente caro.

Em seguida, a banda voou para Gênova, onde seu jatinho estava aguardando para levá-los à Espanha. A ultradescolada Sevilha não tinha toque de recolher, portanto o Soundgarden e o Faith No More fizeram shows extensos, e em seguida o Guns esperou o longo crepúsculo do verão europeu passar para poder tocar no escuro, onde as luzes e a pirotecnia poderiam ser apreciadas. O último show dessa parte da turnê deveria acontecer em Madri, mas a cidade fechou o Calderon Stadium de uma hora para outra, alegando problemas estruturais. O promotor não conseguiu encontrar nenhum outro lugar em um período tão curto de tempo, então, com relutância, o show foi cancelado.

O último show europeu do Guns foi em Lisboa, no dia 2 de julho – uma noite louca. Os jovens portugueses estavam esperando desde a entrada do Soundgarden, às 16 horas. Quando o Guns entrou às 11 da noite (após Yoda fazer uma espécie de bênção do palco e do microfone de Axl), um bombardeio de garrafas d'água atingiu o palco. Axl escorregou ao saltitar enquanto cantava "Mr. Brownstone" e caiu com tudo de costas, quando terminou a música. Em seguida, Axl xingou a plateia. "Não vim aqui para me machucar", grunhiu ele, saindo do palco, acompanhado pela banda. Alguém nos bastidores apontou que o tumulto de St. Louis estava completando exatamente um ano. Então o Guns voltou a tocar após dez minutos de tensão. Mas Axl parou o show mais uma vez quando uma série de fogos de artifício foi parar perto dele durante "Civil War". O promotor saiu e falou em português durante dois minutos, até a plateia barulhenta se acalmar. O Guns voltou e tocou "Patience", e o restante do show foi ótimo, com a dança da serpente de Axl e o salto com um pé só para trás com o microfone, sua marca registrada, que parecia sacudir o estádio sempre que o vocalista o fazia.

Todos tomaram rumos separados até a próxima parte da turnê, que começaria em julho – o Guns seria a banda principal junto com o Metallica. Axl voltou a Paris por um tempo, depois voou para Nova York no dia 12 de julho, onde foi detido no aeroporto Kennedy pelo mandado de prisão como fugitivo impetrado pelo condado de St. Louis, relacionado ao tumulto de 1991. Ele pagou fiança e, dois dias depois, alegou inocência em relação a várias acusações de agressão e danos a propriedades. O juiz permitiu que Axl cumprisse suas obrigações contratuais e agendou a audiência seguinte para outubro. (Ele se declarou culpado mesmo sem ter ido à audiência e foi multado em 50 mil dólares.)

O infame golpe de misericórdia

A turnê do Guns N' Roses junto com o speed-metal colossal do Metallica começou no RFK Stadium em Washington, D.C., no dia 17 de julho de 1992. Slash sentiu vergonha em relação à sua banda, porque Axl Rose decretara que seu irmão e irmã fossem contratados para criar salas temáticas em cada show, onde supostamente fariam festinhas após as apresentações. Poderia ser um antro de apostas em uma noite, um saloon do velho oeste na outra, e assim por diante – à (alta) custa do Guns N' Roses. Slash ignorou as festas. O Metallica saía dos locais imediatamente após os shows. Até o Faith No More, que ainda abria shows, mas estava chocado com o clima nocivo que tomava conta da turnê, raramente aparecia nas festas pós-apresentações da família Bailey, e por fim acabaram sumindo.

Na noite seguinte, no Giants Stadium, em Nova Jersey, Axl teve uma inflamação séria na garganta. Havia sangue em sua boca, mas ele decidiu terminar o show. Porém, durante "Heaven's Door", alguém atirou um isqueiro de metal em Axl, atingindo-o bem no meio da saliência formada pelo shortinho. Ele correu para fora do palco e Duff terminou as partes vocais do show. A garganta de Axl estava estourada, então os médicos o fizeram adiar a turnê por uma semana, para que ele pudesse descansar

suas cordas vocais dilaceradas. Correu um boato entre os roadies de que um show em Minneapolis foi adiado porque a médium de Axl não achou que seria uma boa hora ele se apresentar em uma cidade que começasse com a letra *M*.

Eles tocaram no Hoosier Dome em Indianápolis no dia 22 de julho, quando Axl provocou a multidão dizendo como Indiana era conservadora e retrógrada; falando sobre Dan Quayle, de Indiana, o vice-presidente irresponsável de George Bush; e como Indiana estava sendo transformada em uma fábrica de carros japonesa. (Ele insultou até uma plantação de milho.) No dia seguinte, Axl e seus irmãos visitaram Lafayette. Robert John os fotografou com algumas árvores que eles tinham plantado. A caminho da cidade, pegaram pizzas e seguiram para o próximo show no estado de Nova York.

Essa turnê cheia de astros do rock chegou a Montreal no dia 8 de agosto de 1992. Jovens canadenses amantes do hóquei lotaram o Olympic Stadium, ansiosos para ver o show, e o Metallica pegou fogo – literalmente. Depois de tocarem algumas músicas, a camiseta de James Hetfield apanhou uma faísca de uma explosão pirotécnica muito próxima que derreteu o tecido no ombro e no braço do guitarrista. Hetfield foi levado ao hospital às pressas, com queimaduras agonizantes de segundo grau. Com calma, Jason Newstead, do Metallica, explicou que a banda lamentava muito, mas o show estava encerrado. Desesperados, os promotores perguntaram – reparem no absurdo – se o Guns N' Roses poderia entrar mais cedo, e a banda correu para o estádio.

Axl Rose ficou no hotel. Suas cordas vocais estavam em modo crise, e ele não estava pronto para assumir a inatividade do Metallica.

Axl apareceu no estádio duas horas depois. Então passou mais uma hora se preparando. Quando o Guns finalmente entrou, já fazia quatro horas desde o acidente de Hetfield. O Guns teve de tocar por 90 minutos para ser pago, e a essa altura Axl segurou a garganta e saiu do palco. A multidão imensa aguardou esperançosa pelo bis, "Heaven's Door" e "Paradise City", mas a banda acompanhou Axl e saiu do palco. Ninguém disse nada. O

show estava encerrado. Então acenderam as luzes da casa e a plateia causou um tumulto.

“Não posso dizer que fiquei surpreso quando começaram aquele tumulto”, disse Slash mais tarde. “Sendo profissionais nisso, ficamos no camarim. Dava para ouvir o alarido lá fora, e sabíamos que não tinha volta.” Gilby retornou para dar uma olhada nas guitarras (“Foi meu primeiro tumulto”), mas os fãs já haviam tomado o palco e estavam destruindo tudo. Atacaram os seguranças e a polícia, que se abrigaram dentro dos vestiários. Destruíram os saguões de entrada, saquearam produtos, estragaram tudo o que podiam e roubaram barris de cerveja das barracas de vendas. Quando o local ficou arruinado, eles saíram para queimar viaturas e lutar com o batalhão de choque. Enquanto os membros do Guns fugiam, em desespero, viram jovens arrancando postes de luz no estacionamento.

No hospital, a vítima de queimadura, James Hetfield – que não sabia do tumulto –, notou que o aumento repentino de jovens feridos com camiseta do Metallica lotando as salas de emergência pareciam recém-saídos de seu show. Mais tarde, Slash descreveu os acontecimentos em Montreal como “o infame golpe de misericórdia de tudo o que andava errado com nossa banda”. Ele estava morto de vergonha, porque o Guns não conseguiu cumprir suas promessas ao Metallica, aos promotores que os contrataram ou aos fãs que haviam pagado um bom dinheiro por um bom show. “Minha cara caiu no chão”, disse Slash mais tarde. “Não conseguia olhar nos olhos de James, Lars nem de ninguém da banda durante o resto da turnê.”

O Guns voltou a Los Angeles para tentar se reunir. Agora, o clipe de “November Rain” era o mais pedido nos dez anos de história da MTV, com seu enredo de desespero e alienação revelado como um pesadelo de Axl regado a remédios e uísque. Stephanie se casa com Axl enquanto Slash desaparece. Ela percebe seu erro terrível e, em seguida, morre. Mais uma vez, Axl é visto no próprio túmulo. O público da MTV não conseguia se cansar disso.

O Guns usou parte do tempo livre para filmar material para o próximo single e clipe do *Illusion*, “Yesterdays”, bem como para

trabalhar no clipe de "Estranged". Em 25 de agosto, eles voltaram para trabalhar em Phoenix, onde James Hetfield cantou com o braço numa tipoia enquanto seu técnico de guitarra mandava ver nos stutters de guitarra característicos de Hetfield. Em seguida, a turnê continuou por quase todos os estádios, coliseus e pistas de corrida dos Estados Unidos. O Metallica quase sempre tocava antes e pegava o dinheiro. Em seguida, vinha o Guns – com horas de atraso. Mais tarde, Slash afirmou que o Guns perdeu quase 80 por cento da renda com pagamento de multas por toque de recolher e horas extras sindicais. Isso envolvia a banda toda. Slash recordou, com amargura: "Ficar horas esperando sentado, aguardando para continuar [...] Isso estragou a música, de verdade. Foi difícil. Havíamos cancelado shows, shows em que praticamente não tocamos nada, muitas saídas do palco. Era uma provação total".

Gilby Clarke: "Uma bebida antes do show. Depois, outra e mais outra. Na hora em que entrávamos, estávamos chapados por termos bebido tanto [...] Duff era o quadro da dor. Ele mal conseguia falar".

Matt Sorum: "Eu estava lá, tocando, aí ouvia alguém roncando – e via Duff – deitado com o baixo em cima dele, desmaiado, simples assim!".

Dez de setembro de 1992. Elton John e Axl Rose estavam juntos no Video Music Awards da MTV quando tocaram uma versão vibrante de "November Rain". Axl disse à *MTV News* que aquele foi um grande momento em sua vida. Alguns minutos depois, Axl esbarrou com a comitiva do Nirvana na área de lounge. Kurt Cobain e Courtney Love estavam lá com a filha bebê. Não houve constrangimento algum. Cobain havia se recusado a fazer turnê com o Guns. Anteriormente naquele ano, Axl tinha chamado o Nirvana para tocar em sua 30ª festa de aniversário, e Cobain recusara. Chegou a insultar o Guns N' Roses em público. Para quebrar o gelo, Courtney gritou a Axl que viesse dizer oi. Cobain, brincando, perguntou a Axl se ele seria padrinho de sua bebê.

Axl foi até eles pisando duro e rosnou para Cobain: "*Ou você cala a boca da sua vadia*, ou vou quebrar a sua cara!". Tudo

congelou.

Kurt Cobain sabia como lidar com babacas. Havia feito isso a vida toda. Ele apenas sorriu para a esposa e disse: “Cala a boca, vadia!”. Todo mundo do Nirvana *riu*. A banca de machão de Axl foi desfeita pela ironia e raciocínio rápido de Cobain. “Achamos que era apenas uma piada idiota”, disse Cobain mais tarde. Axl e seus guarda-costas seguiram às pressas para sua limusine, que os aguardava.

“Na verdade, são pessoas [...] sem talento algum”, disse Cobain sobre o Guns N’ Roses, “e escrevem esse lixo de música, e são a banda de rock mais popular do mundo neste momento. Não consigo *acreditar*!”.

A limusine branca levou Axl Rose para o oeste, descendo a Sunset Boulevard até a praia. Então virou para o norte, ao longo da Pacific Coast Highway, e atravessou os Palisades e Topanga Canyon, continuando rumo a Malibu. Axl e Stephanie Seymour haviam se mudado para uma casa que o vocalista comprara (por 4 milhões de dólares) no topo do bucólico Latigo Canyon. Era uma espaçosa *villa* estilo mediterrâneo com jardins, piscinas, garagens para a coleção de carros de Axl e segurança reforçada. A luz em uma grande janela em formato de estrela podia ser vista da autoestrada, bem abaixo. Quando Axl e Stephanie deram uma festa de inauguração da casa naquele mês, Axl encomendou (por avião) dezenas de pizzas frescas especialmente do Arni’s, sua pizzaria favorita de Lafayette.

Uma torcida daquelas

Setembro de 1992. O Guns e o Metallica tocaram no show reagendado em Minneapolis, depois que os vórtices geomagnéticos presumivelmente se alinharam da maneira adequada. O Faith No More foi expulso da turnê depois do que Slash misteriosamente descreveu como “um incidente” – provavelmente, mais um desrespeito no palco. (O Faith No More se separou logo depois disso.) Nos últimos cinco shows da turnê – todos na costa oeste –, eles foram substituídos pelos heróis

britânicos do metal Motörhead e pela banda de abertura Body Count – a banda de black metal do rapper de Los Angeles Ice-T. O single "Cop Killer", do Body Count, havia deixado uma grande marca no recente mundo da murder music, mas Ice-T foi forçado a deixar a música de fora do álbum de estreia da banda por conta de pressão política sobre a empresa-mãe Warner Bros. (Sobre a ligação do Body Count com o suposto porco racista W. Axl Rose, Ice-T posteriormente escreveu que "One in a Million", de Axl, havia sido totalmente incompreendida.)

Essa versão da turnê aconteceu em San Francisco – na verdade, no Oakland Coliseum – no dia 24 de setembro de 1992, não muito tempo depois da morte de Slash.

A turnê havia chegado em San Francisco um dia antes. Slash viajava com a noiva, Renee Surran, e o casal feliz teve uma briga daquelas (logo antes da passagem de som do Guns, à tarde) sobre o oneroso acordo pré-nupcial que o advogado de Slash queria que ela assinasse. Renee foi embora, e Slash lidou com o estresse convidando alguns amigos junkies para uma festa pós-show em sua suíte de hotel. Eles levaram cocaína e crack. A certa altura, bem depois da meia-noite, Matt Sorum ligou e convidou Slash para ir ao seu quarto cheirar um pouco. Slash foi até o corredor do hotel, onde desmaiou.

O gerente de turnê John Reese acordou com o telefone tocando. "Recebi uma ligação às 5h30 ou 6h. 'Sr. Reese, um dos membros da sua banda está desmaiado em frente aos elevadores do quinto andar.' Me enfiei numa calça e saí do quarto, correndo – e lá estava Slash, morto. Azul. *Morto*. Ele não tinha pulso. Logo em seguida a porta do elevador abriu e os paramédicos saíram." Um deles auscultou o peito de Slash. Nada. "*BAM!* Injetaram adrenalina nele, direto no coração."

Slash: "Disseram que meu coração parou por oito minutos. Não sei quem ligou para a emergência. Meu guarda-costas, Ronnie, estava lá, e também o do Axl, Earl, e eles cuidaram de mim e chamaram os paramédicos. Acordei quando os desfibriladores fizeram meu coração voltar a bater".

A ambulância chegou e levou Slash para o hospital. Após algumas horas, ele estava de volta ao hotel. "Não tive nenhum remorso em relação à overdose", disse ele mais tarde, "mas fiquei

muito puto comigo mesmo por ter morrido. Toda aquela incursão no hospital ocupou meu dia inteiro de folga." Slash relaxou no quarto por um tempo, com Ronnie e Earl vigiando a porta. (Earl, que trabalhava com Axl, era um negro enorme com uma pistola automática em um coldre no ombro embaixo da jaqueta bem alinhada. Slash: "Earl era aterrador, porque tinha um rosto suave; então, quando ele enfezava, você *realmente* sabia".)

Então Doug Goldstein chegou no devido tempo e demonstrou o que Slash considerou uma exibição não sincera e patética de "preocupação de merda" com o que acontecera. Para mostrar seu ponto de vista, afirma Slash, Goldstein jogou uma garrafa de Jack Daniel's na TV do hotel. Depois que Goldstein finalmente foi embora, Slash recuperou a garrafa intacta de Jack da TV despedaçada e se serviu de uma dose farta. Em seguida, Slash teve que enfrentar uma reunião da banda na suíte de Axl. "Naquela altura, eu estava parado, tipo, meneando a cabeça." Todos os membros do Guns expressaram preocupação ao estilo intervenção por Slash, que mais tarde comentou: "O comentário que mais se destacou foi o de Axl. Aquilo me deixou fora de prumo".

Axl, para Slash: "Você deu um susto na gente". Pausa. Axl fez contato visual, o que era muito raro.

Axl disse: "Pensamos que você tivesse morrido".

Slash olhava para o chão.

Axl: "Achei que ia ter que procurar... outro guitarrista".

Slash decidiu largar a heroína, por ora. Ele se casou com Renee logo depois, em um hotel em Marina Del Rey, perto de Los Angeles.

A turnê Guns/Metallica continuou até o início de outubro de 1992. A propaganda negativa por conta de tumultos, cancelamentos, adiamentos e inícios com atraso começou a afetar a venda dos ingressos. Um show com o Motörhead no gigantesco Rose Bowl, em Pasadena, perto de Los Angeles, chocou as bandas quando elas perceberam que estavam tocando para um estádio com dois terços dos lugares vazios. O último show, no Kingdome, em Seattle, no dia 6 de outubro, estava com três

quartos da capacidade. Slash estava aliviado por essa parte da turnê ter chegado ao fim, já que não teria de voltar a encarar o Metallica.

Quanto ao Metallica, eles não conseguiam acreditar na banda de merda em que o Guns tinha se transformado. James Hetfield insultou publicamente Axl Rose, em um vídeo feito durante a turnê. Ao ler, do contrato do Guns, uma lista de exigências para o camarim, Hetfield zombou do que chamou de "desejos e vontades fúteis de certas pessoas na estrada – Axl Pose". A lista continha o que o promotor devia providenciar para o vestiário de Axl, "sem nenhuma substituição, de maneira alguma":

- uma xícara de presunto em cubos (Hetfield: "Tem que ser em cubos, para poder passar pela gargantinha dele".)
- um bife ancho para o jantar ("Não sabia que o cara comia carne. Ele tem pinta de vegetariano.")
- pizza de pepperoni, fresca ("Acho que é só pra deixar jogada por aí.")
- uma lata de batatas Pringles ("Tem gordura pra cacete, para ele poder passar no cabelo e jogá-lo para trás.")
- um pote de mel ("É isso que o faz [debochando com crueldade dos guinchos de bebê psicopata de Axl] *CANTAR ASSIM*.")
- uma garrafa de champanhe Dom Pérignon ("Ah, é para *lá* que vai o dinheiro deles – lá mesmo.")

Hetfield largou o contrato de Axl Pose no chão e pisou em cima dele como se o papel fosse uma barata.

A fala de James Hetfield apareceu no vídeo de sua banda *A Year and a Half in the Life of Metallica/Part Two*. Uma extraordinária quebra de etiqueta no mundo do rock, o vídeo indicava um incomum desprezo público, além de um alerta a qualquer outra banda que estivesse cogitando fazer turnê com o Guns N' Roses num esquema meio a meio.

Izzy Stradlin and the Ju Ju Hounds foi lançado pela Geffen Records em 12 de outubro de 1992. Apresentando os vocais

lacônicos de Izzy, a guitarra-base flamejante de Ron Wood e o teclado dos associados aos Stones Ian McLagan e Nicky Hopkins, o *Ju Ju Hounds* não contém muito o som de um álbum dos Rolling Stones, sendo mais parecido com *Talk Is Cheap*, o primeiro disco solo de Keith Richards. E a maior parte dele é muito boa, especialmente os vocais limpos de Izzy em "Somebody Knockin'" e "Take a Look at the Guy". Izzy recebeu comentários respeitosos, em que os críticos notaram, com tristeza, o que se perdeu quando Izzy Stradlin saiu do Guns N' Roses.

Axl Rose sabia disso muito bem, e também o que as pessoas andavam dizendo sobre ele e o Guns, mas absorveu a crítica de maneira filosófica. "Negativismo vende", afirmou ele, "e a mídia sabe disso. 'AXL ROSE – O CARA MALVADO DO ROCK 'N' ROLL.' Mas muita gente também falava merda dos Rolling Stones. Agora que somos gigantes, parece que as pessoas que mais falam são as que não gostam de nós. Elas escolhem qualquer pedra e jogam na gente."

A América do Sul era *terra incognita* para as grandes bandas de rock de 1992. O Led Zeppelin acabou antes que pudesse pousar lá. Os exaustos Stones cancelaram a parte sul-americana da turnê Steel Wheels em 1989. O Aerosmith e o KISS nunca se importaram, porque o mercado nunca foi grande o suficiente em termos de vendas de álbuns, e também não havia promotores confiáveis o bastante para levar uma banda grande a estádios de futebol nas "repúblicas de bananas" politicamente instáveis ou governadas por ditaduras militares esquálidas.

Então o Guns N' Roses teve uma chance. Era verão na América do Sul, e a banda estava decidida a seguir o sol pelo mundo. O trecho sul-americano da turnê de 1992 Get in the Ring visitou cinco países em novembro e dezembro, dando de cara com os fãs de rock mais loucos e ávidos que uma banda já tinha visto. Em Caracas, Venezuela, no dia 25 de novembro, o Guns tocou para 45 mil pessoas em um estacionamento gigantesco – o maior show já apresentado no país. Duas horas depois que a banda saiu, generais da força aérea venezuelana deram um golpe militar, que deixou alguns equipamentos da banda e cerca de metade dos

roadies no aeroporto. O primeiro show em Bogotá, Colômbia, foi cancelado. Quando o equipamento chegou e o palco estava sendo montado sob uma forte chuva, seis toneladas de treliças de palco e aparatos de iluminação caíram no chão. Ninguém se feriu, mas a equipe ficou assustada. Quando o Guns começou o show no dia 29 de novembro, os céus abriram novamente as comportas e ensoparam a banda – e o maior público da história colombiana – até os ossos. Fora do estádio El Campin, centenas de fãs sem ingressos, e também os que tinham ingressos mas não haviam conseguido entrar no local com lotação esgotada, causaram um tumulto. Enquanto o Guns tocava lá dentro, viaturas eram reviradas e incendiadas do lado de fora. Houve intensas discussões com os promotores sitiados em relação a dinheiro. Era por isso que as bandas grandes não iam à América do Sul.

No início de dezembro, eles tocaram em Santiago, no Chile, e em seguida fizeram dois shows no monumental River Plate Stadium em Buenos Aires, Argentina. Lá, fãs de rock argentinos altamente emotivos cercaram o hotel do Guns. Se um membro da banda ousasse sair, imediatamente era cercado e sujeitado a dezenas de beijos apaixonados, dados por fãs do *sexo masculino*, sem medo de demonstrar sua paixão e lealdade eterna ao GN'R. Então seguiram para o Brasil: os dois shows em São Paulo foram feitos sob chuvas torrenciais. Axl entrou numa briga com paparazzi do lado de fora do hotel da banda. Então ele subiu e começou a jogar as cadeiras da varanda em cima deles. "Animal!", gritavam eles. "Babaca!" A turnê acabou em uma pista de corrida no Rio, no dia 3 de dezembro, e o Guns N' Roses tirou o resto do ano de folga.

Mais tarde naquele mês, Axl Rose e Stephanie Seymour convidaram amigos para uma festa de Natal na casa que dividiam em Malibu. Mas aconteceu sabe-se lá o quê e Axl quis cancelar a festa. Ela não queria ficar presa às oscilações de humor dele, e insistiu que dessem a festa. De acordo com documentos judiciais protocolados em amargos processos no ano seguinte, Axl começou a bater em Stephanie depois que os últimos convidados foram embora. Mas Seymour não era saco de

pancadas de ninguém. Conforme admitiu nos arquivos judiciais, Stephanie Seymour agarrou W. Axl Rose pelos testículos e os torceu com força. Enlouquecido, ele a empurrou escada abaixo.

Entre terapeutas, sabe-se que casais que se envolvem em repetidos ataques de abuso e redenção muitas vezes ficam confusos por seus relacionamentos desregrados e turbulentos. Portanto, provavelmente não foi nenhuma surpresa para os amigos quando, no início de 1993, Axl Rose orgulhosamente anunciou que ele e Stephanie Seymour estavam noivos e se casariam. Todo mundo que os conhecia prendeu a respiração e esperou para ver o que aconteceria em seguida.

Skin and Bones

Janeiro de 1993. O Guns ficou contente por estar de volta à estrada. Uma turnê foi agendada para julho; se concluída, estabeleceria recordes de resistência nos anais sagrados do rock. Ninguém mais tinha ficado tanto tempo fora. (O Guns também não tinha planejado, mas no fim de 1992 os contadores acharam que eles não tinham ganhado dinheiro suficiente. Doug Goldstein assumiu as rédeas e agendou outro ano de shows.)

Eles voltaram ao Japão, com a curandeira espiritual de Axl, Sharon Maynard, e uma comitiva de 80 pessoas composta de roadies, terapeutas e assessores. Mais uma vez, Axl insistiu em tocar apenas em Tóquio, onde se encorujou na suíte do hotel, falando apenas com sua equipe pessoal. Depois que a senhora Maynard se certificou de que não havia nenhuma instalação de energia nuclear na área, ela foi levada para o Tokyo Dome, onde dizem que fez uma espécie de varredura magnética do palco que estava sendo montado para o Guns. Somente quando ela declarou que as vibrações eram compatíveis com as exigências magnéticas de Axl os concertos puderam prosseguir conforme agendados.

Os shows começaram com uma "Nightrain" esfuziante. O stone Ron Wood fazia uma turnê solo pelo Japão e se juntou ao Guns no Tokyo Dome para uma versão estendida em riffs de "Heaven's Door". No início de fevereiro, o Guns fez grandes

shows de verão em pistas de corrida da Austrália e da Nova Zelândia. A apresentação final desse trecho foi no aniversário de 31 anos de Axl, em 6 de fevereiro de 1993, no Mount Smart Stadium em Auckland.

De volta a Los Angeles, o Guns N' Roses cortou os excessos. A venda de ingressos para a próxima turnê norte-americana estava fraca, já que seria a terceira vez que o Guns tocaria em algumas cidades. O longo final da turnê contaria apenas com os seis membros da banda, sem os tão criticados (e caros) trompetistas, vocalistas e Teddy Zig Zag. ("Mantivemos Dizzy e dispensamos todos os outros", comentou Slash.) Axl parou com as várias e chatas trocas de roupa, que haviam gerado comparações irônicas com as apresentações de Madonna. Brian May, do Queen, abriu a maioria desses shows de 1993 com sua própria banda.

Pela primeira vez em um show do Guns, houve uma parte encenada no palco – a antítese do punk. Uma sessão acústica, no meio das apresentações, contava com músicas do *GN'R Lies* ("Patience", "You're Crazy", "Used to Love Her" e, às vezes, "Dead Flowers", dos Stones). Enquanto a banda tocava sentada em banquinhos e um confortável sofá amarelo, pizzas quentes eram entregues no palco. (Essa era a ideia de comédia roqueira de Axl.)

O primeiro show (Austin, Texas, 23 de fevereiro de 1992) teve um momento chato quando Axl irrompeu na mesa de som, no meio do show, e despediu o técnico de áudio porque seus monitores de palco estavam inaudíveis. Mas depois o Guns N' Roses tocou pelos Estados Unidos durante os quatro meses seguintes, com o mínimo de traumas e poucos problemas declarados. Axl interrompeu um show no dia 3 de abril em Sacramento, na Califórnia, quando alguém da plateia acertou Duff com uma garrafa de plástico cheia de urina e ele foi levado para o hospital. A banda saiu do palco. Slash voltou, explicou o que aconteceu e disse que o show estava encerrado. Ele pediu à multidão que se comportasse. "Não se metam com ninguém", ordenou Slash, "e não detonem o lugar."

Axl Rose estava se apresentando sob um estresse descomunal porque ele e Stephanie Seymour haviam rompido, sob condições dignas de campo de batalha, três semanas depois que ele havia anunciado o noivado, em fevereiro de 1993. Ele suspeitou que ela o traía e a confrontou, então ela e o filho fugiram da casa em março. Nove meses depois, no fim de 1993, Seymour deu à luz o filho do magnata da imprensa Peter Brandt. (Stephanie Seymour e Peter Brandt se casaram no ano seguinte, tiveram mais filhos e um longo casamento.)

Em agosto de 1993, Axl Rose processou Stephanie Seymour por ela se recusar a devolver mais de 100 mil dólares em joias que ele lhe havia dado. Axl também pediu a um juiz uma medida protetiva contra ela, citando o que, segundo ele, foi um ataque à sua masculinidade durante a briga de Natal que eles tiveram no ano anterior. Isso fez com que ela contraprocessasse Axl em outubro de 1993 por, entre outras coisas, agressão e lesão corporal, inclusive por ter lhe passado uma doença venérea – um caso de herpes. Seymour falou muito sério sobre a maneira como foi tratada – seu processo legal admitia ter torcido os órgãos genitais de Axl – e seus advogados arrolaram Erin Everly como potencial testemunha. Isso, por sua vez, levou Erin – cujo casamento anulado com Axl a deixara sem dinheiro e dependente de familiares e amigos – a também processar o vocalista. Esses casos acabariam chegando ao tribunal no ano seguinte, em meio a uma horrenda publicidade nacional.

Assim, agora Axl estava sozinho em sua mansão em Malibu, tentando compor músicas novas sobre a angústia e os tormentos pelos quais passava. Stephanie Seymour havia contratado uma babá para o filho, a imigrante brasileira Beta Lebeis, uma mulher de meia-idade que tinha dois filhos. Mas agora, na casa de Brandt, ela estava sobrando, e foi dispensada. Logo, Axl pediu à ex-babá de Stephanie para trabalhar para ele como governanta. A sra. Lebeis concordou, assumindo cada vez mais responsabilidades pelos negócios de Axl com o passar do tempo. Ao longo dos anos, Beta Lebeis evoluiria para um tipo de coach pessoal, figura materna e porta-voz de seu patrão cada vez mais recluso.

O desastre romântico de Axl nunca foi abertamente conversado entre os membros do Guns N' Roses. Agora, Axl só via seus companheiros músicos quando estavam no palco. (E ninguém ousava perguntar a Axl como ele estava indo.) Talvez por isso a turnê Skin and Bones do Guns N' Roses tenha sido tão desesperadamente maneira. Slash adorava tocar as músicas do *Illusion* como as escrevera e trabalhara nelas no estúdio – como canções de uma banda de rock de guitarras, não apresentações altamente produzidas. E daí que alguns dos shows no noroeste – como o do Hartford Civic Center, no dia 4 de março de 1993 – estavam apenas metade cheios? Pelo menos agora havia uma aura de semi-integridade em relação aos valores de produção da Skin and Bones.

Mas então Gilby Clarke sofreu um acidente de moto enquanto ensaiava para um show beneficente de celebridades e quebrou o punho esquerdo. Os médicos inseriram metal para manter o osso reto. Os quatro shows seguintes do Guns tiveram que ser cancelados – e eram shows importantes no noroeste, que já tinham sido adiados e reagendados. O crédito da banda foi para o brejo. Os promotores e agentes estavam enlouquecendo. E, agora, uma lucrativa turnê europeia de primavera parecia ameaçada.

A história oficial foi que Axl encontrou a solução: "Foda-se. Vamos chamar o Izzy". (A outra versão foi que Slash ligou para Izzy – sem contar a Axl, que, é claro, ficou uma fera, mas depois aceitou.) Para surpresa e alegria de todos, Izzy Stradlin disse que topava. Ele havia levado os Ju Ju Hounds para uma curta turnê inglesa no início de 1993, e os Hounds não necessariamente incendiaram as massas, então Izzy talvez precisasse de fluxo de caixa. Dizem que ele pediu, e conseguiu, 1 milhão de dólares por cinco shows. (Izzy também disse ao Guns que não ensaiaria.) "Izzy e eu crescemos juntos, e somos como uma família em vários sentidos", disse Axl em uma coletiva de imprensa datada de 17 de maio de 1993. "Isso mostra que você nunca sabe o que o destino reserva."

Após os primeiros shows do Guns na Rússia serem cancelados por conta do fracasso do golpe de 1993 contra o

governo pós-comunista, Izzy se juntou ao Guns em Israel, onde estavam ensaiando para um show no Hayarkan Park, em Tel Aviv. Izzy entrou no estúdio – exibindo dreadlocks. Abraços por todo lado. (Axl não estava lá.) Izzy não havia praticado nenhuma das músicas e estava enferrujado, mas, afinal, era Izzy, e estava de volta à banda até Gilby conseguir segurar de novo a guitarra. No meio do show em Tel Aviv, a banda tocou a canção folclórica "Hava Nagila". Axl usava uma camiseta em que se lia GUNS N' MOSES.[63] Izzy tocou com o Guns na Grécia e na Turquia e encerrou com dois grandes shows em estádios ingleses, em Milton Keynes, no fim de maio. O Blind Melon, o Soul Asylum e o Cult foram as bandas de abertura.

Em junho de 1993, o Guns fez shows no norte da Europa, às vezes com abertura do Blind Melon. Outros shows de apoio incluíam os cretinos do thrash de Los Angeles Suicidal Tendencies e Brian May. No dia 16 de junho, no St. Jakob Fussballstadion em Basel, na Suíça, Shannon Hoon, do Blind Melon entrou no palco – nu em pelo – durante a parte acústica do Guns e entregou pizzas a um incrédulo Axl Rose. Esse trecho da turnê foi extensivamente registrado por Del James e uma equipe de vídeo composta por dois homens; mas o pelado Hoon e muitos outros prazeres arriscados da campanha europeia do Guns em 1993 nunca foram exibidos em público, e permanecem no arquivo privado de Axl Rose. Eles filmaram partes do clipe de "Estranged" em um show num estádio em Munique, e então começaram a incluir a melosa música nas apresentações, bem como uma versão de "Dust in the Wind", do Kansas. O último desses shows europeus foi na arena esportiva Bercy, em Paris, em 13 de julho de 1993. No dia seguinte, o Guns deu a volta ao mundo e foi à Argentina para os últimos shows da turnê.

No demorado voo para Buenos Aires, houve uma certa discussão sobre o Guns tocar em alguns grandes festivais de fim de verão com o U2, mas ninguém acreditou que isso aconteceria de verdade. A principal preocupação de todo mundo era encerrar a longa turnê e voltar são e salvo para a Califórnia. A conversa recorrente durante a turnê era o alcoolismo cada vez mais

desesperador de Duff McKagan, mas o inchado baixista, com cara de acabado, raramente deixava passar uma nota no palco. Havia quem dissesse que McKagan – imaculadamente chapado, sem desculpas – mantinha vivo o espírito original do Guns. Outros se sentiam mal por ele estar, obviamente, se matando.

O Guns chegou a Buenos Aires logo de manhã, no dia 15 de julho de 1993. Alguns membros passaram a tarde assistindo ao novo filme *Parque dos Dinossauros* em um cinema próximo, tendo usado disfarces para fugir do hotel nos arredores. Slash, fanático por répteis, ficou em êxtase enquanto lagartos carnívoros gigantescos devoravam suas merecidas vítimas humanas. Alguns hóspedes do hotel, e os poucos fãs que conseguiram entrar no saguão naquela noite, foram entretidos por Slash, Gilby e Dizzy Reed até fecharem o lugar ao amanhecer.

Em 16 de julho, pouco antes da hora do show, Axl Rose jantava um bife argentino de primeira linha em sua suíte na cobertura quando a porta foi arrombada e 50 oficiais do departamento de narcóticos entraram procurando drogas. Conforme se explicou, eles estavam agindo de acordo com informações confiáveis. Tudo o que encontraram foi a extensa farmacopeia de remédios homeopáticos de Axl. Após uma busca surreal de meia hora, eles saíram tão depressa quanto chegaram, e Axl terminou de jantar e foi ao estádio.

Os ingressos para o show estavam esgotados, e 70 mil argentinos ensandecidos rugiram uma saudação animalesca quando o Guns N' Roses entrou no palco e começou "It's So Easy". Os destaques foram o pandemônio massivo que saudou "Welcome to the Jungle" e, depois, "Double Talkin' Jive", que Axl dedicou ao "filho da puta que disse que tínhamos drogas". (No meio dessas, Slash e Gilby tocaram uma jam agitada de guitarra em "Train Kept A-Rollin'", recordando os Yardbirds Beck/Page de *Blow Up* e "Stroll On".)

O último show no estádio do River Plate, no dia 17 de julho de 1993, também foi o fim da turnê. Eles começaram "Nightrain" às 21h30 e tocaram 21 músicas durante duas horas. De volta ao hotel, Axl, Slash e Dizzy ocuparam o saguão. Um melancólico e brincalhão Axl Rose ficou ao piano de cauda até as seis da

manhã. Em 36 horas todos estavam de volta a Los Angeles, e a saga do verdadeiro e original Guns N' Roses definitivamente havia chegado ao fim.

A turnê Use Your Illusion/Get in the Ring/Skin and Bones do Guns N' Roses havia durado 28 meses, a mais longa da história do rock. As estatísticas variam, mas as turnês – ao menos 195 shows em 27 países – estabeleceram vários recordes de público, tocaram para cerca de 7 milhões de fãs e arrecadaram por volta de 60 milhões de dólares. De volta a Los Angeles, os gunners entraram em níveis diferentes de choque. "Na verdade, ninguém queria voltar para casa", recordou Gilby Clarke. "Lá no fundo, todo mundo acreditava que aquilo nunca acabaria."

Mas acabou. O último show em Buenos Aires foi a última vez que Slash, Duff McKagan, Gilby Clarke e Matt Sorum tocaram com W. Axl Rose em público.

O verdadeiro significado de alternativo

Verão de 1993. A bomba pós-grunge *Dookie*, do Green Day, roubou o restante do público do Guns N' Roses fortemente polarizado. Os adolescentes queriam dançar e bater cabeça, não agonizar com os sórdidos problemas familiares de Axl. Os executivos da Geffen notaram que os principais membros do Guns pareciam se detestar, portanto, na indústria musical, agora a banda era oficialmente classificada como disfuncional.

No dia 23 de agosto, W. Axl Rose atuou como testemunha no processo de Steven Adler contra o Guns N' Roses. Segundo Adler, a banda o havia viciado em heroína e, depois, demitido-o ilegalmente. (Adler também afirmou, em registros legais, que testemunhara Axl jogar uma garota de um lance de escadas no início de 1990, após ela se recusar a fazer sexo com ele.) No banco das testemunhas da Suprema Corte de Los Angeles, Axl atestou que Adler não conseguia tocar bateria por conta do abuso de drogas, e afirmou que a faixa para bateria de Adler em "Civil

War" teve que ser emendada de 60 tomadas diferentes. O caso se arrastou por mais um mês, até que o Guns e Adler fizeram um acordo extrajudicial, prometendo 2,25 milhões de dólares como pagamento a Adler, a devolução dos créditos de publicação de músicas que haviam sido tirados dele, e 15 por cento de royalties futuros. (O acordo foi considerado uma vitória completa para Steven Adler, cujo status em Hollywood era tão baixo que seguranças de clubes o faziam esperar na fila, atrás das cordas de veludo. Adler ficou tão eufórico com o acordo que se afundou em tudo – principalmente cocaína –, até sofrer um AVC que o deixou com uma deficiência permanente de fala.)

Em setembro de 1993, a Geffen lançou o álbum solo de McKagan, *Believe in Me*, que não conseguiu atrair o público apesar de conter a maioria dos membros do Guns e Sebastian Bach. Slash se juntou a Duff em Nova York para uma promoção na mídia, mas o álbum era fraco em termos musicais, e o alcoolismo crônico de Duff o transformou em uma sombra de seu antigo eu.

No entanto, o Guns trabalhou (praticamente em segredo) em um novo álbum de covers punk durante o quente outono californiano de 1993, enquanto incêndios varriam as colinas secas e os desfiladeiros fora da cidade. Algumas dessas músicas tinham sido gravadas enquanto Izzy Stradlin ainda estava na banda. Slash apagou as faixas de guitarra-base de Izzy e inseriu as novas de Gilby Clarke. Havia fumaça no ar enquanto o Guns trabalhava em "New Rose", do Damned (com Duff nos vocais); na hilária "Down on the Farm", do U.K. Subs; em "Human Being", do New York Dolls (dedicada a Johnny Thunders); no hino protopunk dos Stooges "Raw Power"; no lamento death-punk de 1978 dos Dead Boys "Ain't it Fun" ("when you know that you're gonna die young",[64] dedicada ao falecido Stiv Bators); "Buick Makane", do T. Rex, de 1973, misturada com "Big Dumb Sex", do Soundgarden; "Hair of the Dog", do Nazareth, de 1975; a amostra da turnê *Illusion* "Attitude" (com Duff nos vocais); uma versão ótima e afiada de "Black Leather", dos Sex Pistols; "You Can't Put Your Arms Around a Memory", de Johnny Thunders (Duff: "Esta é pra você, Johnny"); e "I Don't Care About You", do Fears, um hardcore anarquista – "Fuuuuuuuuuuuuuuck

youuuuuuuuuuu" – que recordava os dias iniciais de glória do Guns N' Roses.

Duas pérolas marcaram essa sequência de rock de bêbado. "Since I Don't Have You" foi uma desconstrução bombástica do clássico doo'wop de 1958 dos imortais Skyliners. Axl vinha cantando essa bela canção melodramática para si mesmo desde que Stephanie Seymour tinha se mandado. ("Sim, estamos fodidos", admitiu ele logo antes do solo de guitarra.)

A lista de faixas impressas do álbum terminava com "I Don't Care About You", mas a última canção, sem créditos, era "Look at Your Game, Girl". Ela foi tirada de um disco de um cantor/compositor que Stuart Bailey havia tocado para Axl e Slash, sem dizer de quem era. Axl se concentrou especialmente nessa música. Slash ficou pasmo quando soube que o tal disco era *LIE*, de Charlie Manson. (Era a fita demo, mais tarde lançada como um disco pirata, cuja rejeição pela indústria fonográfica de Los Angeles havia alimentado a fúria assassina que levou ao massacre de seis pessoas inocentes em Hollywood – incluindo a atriz Sharon Tate e o cabeleireiro Jay Sebring – no verão de 1969.) Axl cantou a música de forma linear, com uma voz natural quase exclusiva para a performance. Slash diz que não tocou guitarra nela. Na verdade, alguns executivos da Geffen entenderam que o restante da banda ficou surpreso ao descobrir a música de Manson no álbum.

Essas músicas foram lançadas no álbum final de estúdio do Guns N' Roses, *"The Spaghetti Incident?"*, no fim de novembro de 1993. O título nunca foi formalmente explicado, mas se relacionava ao obscuro filme de ação hollywoodiano de 1992 *The Linguini Incident*, estrelando David Bowie e Rosanna Arquette, uma das primeiras fãs famosas do Guns. A capa mostrava espaguetes enrolados cobertos com molho enlatado. Foi feito um clipe para o primeiro single, "Since I Don't Have You", com a modelo (e nova namorada de Axl) Jennifer Driver. A banda deu algumas entrevistas, Geffen deu um empurrãozinho, mas o álbum não vendeu a quantidade de cópias do passado. *Rolling Stone*: "Com a ascensão da música 'alternativa' com raízes punk nos últimos anos, ficou patente a única coisa para a qual essa música era uma alternativa: GN'R, que passou a ser o ponto

máximo dessa geração em termos de excesso de rock inflado".

Slash tentou explicar: "Só achamos que seria legal mostrar a nossos fãs as bandas que significavam muito para nós. A maioria dos discos é difícil de achar, e vários músicos estão mortos, quase todos falidos. Nossos heróis não se saíram bem".

Axl foi questionado sobre a música de Charles Manson. "Manson é parte da cultura e história norte-americana", disse ele. Axl frisou que o uso frequente no palco de uma camiseta com Manson servia para "marcar uma posição, porque muita gente adora me colocar como o cara malvado e louco. Desculpe, esse cara não sou eu".

Slash disse que adorou o álbum. Ele contou a um repórter que nunca gostou de estar em uma banda com Izzy Stradlin, cujo estilo de tocar o irritara desde o primeiro dia. "Foi maravilhoso ficar sem ele neste álbum", admitiu Slash. "O som está mais coeso, e muito mais maneiro do que qualquer coisa que tínhamos feito até então."

49. “Mas eu já deixei você/ E é melhor você ficar para trás.” [N. T.]

50. “Ligo para minha mãe/ Agora ela não passa de uma vadia.” [N. T.]

51. “Carinha de anjo com o amor de uma bruxa/ Cai fora, cai fora, vadia.” [N. T.]

52. “Sua satisfação reside em suas ilusões, mas seus delírios são seus, e não meus.” [N. T.]

53. “Alguém pode me dizer o que diabos está acontecendo – MALDIÇÃO!” [N. T.]

54. “Entre no ringue, filho da mãe, e vou acabar com você, seu merdinha! Vagabundo!” [N. T.]

55. “Que foi, está puto porque seu pai come mais minas que você?/ Vá se foder!/ Chupa meu pau, porra.” [N. T.]

56. “Engraçado como tudo eram rosas/ Quando nos agarrávamos às armas.” [N. T.]

57. “Trabalhei tão duro por minhas ilusões/ Só para jogar todas elas fora.” [N. T.]

58. “O amor é tão estranho.” [N. T.]

59. “Velho de coração, mas só tenho 28 anos.” [N. T.]

60. “Quero foder você.” [N. T.]

61. Algo como “conversa fiada”. [N. T.]

62. Referência ao famoso teste de Rorschach (popularmente conhecido como “teste do borrão de tinta”), técnica pictórica de avaliação psicológica desenvolvida pelo psicanalista suíço Hermann Rorschach (1884-1922). [N. T.]

63. Uma brincadeira com o personagem bíblico Moisés (Moses, em inglês). [N. T.]

64. “Quando você sabe que vai morrer jovem.” [N. T.]

Capítulo 12
A MELHOR BANDA TRIBUTO AO GN'R DO MUNDO

O sucesso não é definitivo, o fracasso não é fatal;
o importante é a coragem para continuar.

– *Winston Churchill*

O som de uma banda se rompendo

No início de 1994, o Guns N' Roses ainda estava intacto, mas as fissuras entre as personalidades da banda estavam ficando amplas demais para serem consertadas. Axl estava isolado em sua casa em Malibu, quase completamente recluso. Mas em meados de janeiro ele voou para Nova York, para a inclusão do inspirador Elton John no Hall da Fama do Rock and Roll. Axl se juntou à jam das celebridades no fim do programa, cantando "Come Together", dos Beatles, com Bruce Springsteen.

Foi sua última aparição em público (exceto em tribunais) durante seis anos.

A Geffen Records estava ávida por um novo álbum do Guns N' Roses. Em 1990, David Geffen havia vendido a gravadora para a MCA (Music Corporation of America) por 1 bilhão de dólares, e em 1994 havia mais um ano restante em seu contrato de trabalho. Geffen havia oferecido ao Guns um adiantamento pelo álbum, supostamente no valor de 10 milhões de dólares. Assim, na primavera de 1994, a equipe colocou o Guns em uma sala

grande do The Complex, um estúdio de Los Angeles, equipado com mesas de bilhar e uma máquina de pinball do GN'R. Mas a banda quase nunca aparecia, e os engenheiros – que estavam permanentemente a postos – nunca viam todos os seis membros do Guns ao mesmo tempo na sala. Não importava, porque na verdade o Guns não tinha músicas novas, somente alguns fragmentos, riffs e ideias fracamente elaboradas. As despesas começaram a crescer enquanto o estúdio ficava lá, pronto e geralmente vazio.

Duff McKagan teve um colapso em abril. Ele se lembrou: "O fim de minha carreira etílica chegou quando meu pâncreas arrebentou, e não foi nada engraçado. Ele solta bile, fazendo queimaduras de terceiro grau no estômago e no intestino. Em geral, os médicos deixam você aberto para a pressão sair um pouco, o que alivia a dor antes de morrer". Duff passou dez dias no hospital, morto de medo, chateado não porque a vida havia passado rápido e ele morreria jovem, mas porque seu cadáver ficaria bizarro. "Eu parecia um Elvis inchado", disse.

Os médicos explicaram que, se ele fosse para casa e bebesse vodca, morreria na hora, já que sua glândula arrebentada ainda estava exposta. Eles haviam deixado o pâncreas no lugar, e Duff ficou aliviado por não ter virado diabético. "Pode parecer piegas", disse ele a um repórter, "mas meu médico falou: 'Há um motivo para você ainda estar vivo. Aproveite, porque isso não acontece o tempo todo'."

Duff foi para Seattle a fim de se recuperar. Kurt Cobain estava no mesmo voo, a caminho de um programa de reabilitação. Os médicos deixaram Duff à base de morfina para a dor pancreática e de outras drogas para controlar o *delirium tremens* da desintoxicação do álcool. Kurt Cobain pôs uma arma na boca e puxou o gatilho, chocando muitos fãs e pessoas de sua geração. "Eu estava sóbrio", recordou Duff, "e parecia que tinha tomado ácido, pois era real demais."

Duff começou a se exercitar, com a ajuda de um professor de artes marciais. Para se manter ocupado, começou a checar os demonstrativos contábeis da banda, que achou impossíveis de compreender. Ao voltar a Los Angeles, mudado, Duff começou a fazer aulas de gestão de negócios em uma faculdade comunitária

no centro da cidade. Mais tarde, McKagan entrou em uma faculdade jesuíta de administração em Seattle e, por fim, graduou-se em finanças (tendo feito algumas disciplinas na área de contabilidade).

Junho de 1994. O Guns estava em silêncio enquanto Axl se preparava para se defender no tribunal contra dois processos de abuso movidos pelas ex-namoradas. Dizem que ele apagou as cenas gráficas de BDSM de Erin Everly do clipe não divulgado do Guns para música "It's So Easy", e em seguida a fita foi queimada. Enquanto isso, Gilby Clarke trabalhava duro em um álbum solo, com participação de Duff, Slash e Axl, além de alguns astros convidados. O disco de Gilby foi lançado (pela Virgin Records) sob o título *Pawnshop Guitars* (e ainda é considerado, por fãs, o álbum solo mais marcante associado ao Guns). E também acabou fazendo com que Gilby fosse despedido.

Na verdade, Gilby Clarke já tinha sido demitido e recontratado três vezes nos primeiros meses de 1994. Então Clarke deu entrevistas para promover seu disco, e alguns comentários leves, praticamente sem críticas e supostamente não oficiais, que o guitarrista fez sobre os problemas de autocontrole de Axl foram publicados na *Kerrang!* naquele mês. Axl ficou furioso.

"Axl demitiu Gilby sem consultar ninguém", disse Slash mais tarde. "Seu argumento foi que Gilby sempre havia sido um mercenário e que ele não podia contar com o guitarrista."

Gilby saiu sem dizer nada. Então os pagamentos dos royalties pararam. Ninguém retornava suas ligações. Com relutância, Gilby processou o Guns N' Roses. Em 1995, foi feito um acordo sigiloso.

No verão de 1994, Slash passou a levar mais a sério um projeto paralelo, uma banda originalmente concebida como SVO Snakepit. (SVO era a sigla de Slash's Very Own.) Slash, Gilby e membros de outras bandas locais trabalharam em algumas ideias que Slash andava tentando desenvolver para o próximo álbum do Guns.

Slash: “Nós mesmos agendamos uma turnê pelos Estados Unidos, pela Europa, Japão e Austrália – em clubes e teatros. Filmamos dois clipes e lançamos um single, ‘Beggars and Hangers On’. Não havia drama. Agendávamos shows, aparecíamos, subíamos ao palco e tocávamos. Isso me ajudou a redescobrir porque eu amo o que faço”.

A demissão de Gilby deixou um vazio enorme no Guns N’ Roses. Slash não conseguia se comunicar com Axl. Izzy Stradlin havia sido a ponte entre Axl e o restante da banda. Slash: “Izzy foi o último membro da banda que conseguiu acessá-lo de forma criativa”. Slash afirmou que nem ele nem Duff tinham habilidades sociais para atravessar a parede de silêncio de Axl, e isso era um problema, porque a banda tinha concordado em gravar um cover de “Sympathy for the Devil”, dos Rolling Stones, para o novo filme com Tom Cruise e Brad Pitt, *Entrevista com o vampiro.*

Então Axl contratou Paul Huge para substituir Gilby no Guns N’ Roses. Huge era um amigo das antigas de Axl, de Lafayette, e coautor de “Back Off Bitch”, indiscutivelmente a pior música do Guns de todos os tempos. Os outros ficaram pasmos. Todos odiavam Paul Huge. Slash afirmou que Huge tinha zero personalidade, nenhuma habilidade musical e era o cara menos interessante empunhando uma guitarra que ele já conhecera. Eles insistiram a Axl, por intermédio de Doug Goldstein, que reconsiderasse, mas agora Paul Huge estava na banda. Tentaram trabalhar com ele no estúdio da casa de Slash, mas não saía nada além de um clima tóxico e negatividade generalizada. Slash enviou a Axl fitas das músicas novas em que ele vinha trabalhando, mas nunca teve retorno. Depois disso, Slash ficou um bom tempo sem falar com Axl.

Essa versão de “Sympathy for the Devil” do Guns foi editada com Mike Clink no Rumbo Sound, no outono de 1994. A esperança de Tom Zutaut era que isso voltaria a reunir a banda em estúdio, daria início ao novo álbum do Guns e catapultaria a trilha sonora lançada pela Geffen entre os discos mais vendidos. Slash, Duff e Matt Sorum apareciam todos os dias para

trabalhar. Axl ficava de fora, gravando os vocais e a guitarra-base de Huge quando os outros saíam. Slash: "Axl nunca aparecia, então todo mundo perdeu o interesse". Uma vez, Slash invadiu as sessões de vocais para tentar falar com Axl. Ficou horas esperando. Quando Axl finalmente chegou, eles se sentaram no saguão. "Ele falou comigo por trás de uma revista", afirmou Slash, "sem me olhar nos olhos nem uma vez." Após 15 minutos de desrespeito, Slash não aguentou mais e se mandou.

Quando as faixas ficaram prontas, Bill Price pegou um voo de Londres para mixá-las. Enviaram a Slash um DAT do novo mix com os vocais, e ele entrou em choque porque havia outra camada de guitarra por cima da dele, a fim de deixá-la mais parecida com a criação de Keith Richards de 1968. Slash ficou bravo. "Axl fez Paul Huge me duplicar [...] foi tipo um plágio ruim."

Os outros membros do Guns ficaram com vergonha dessa versão de "Sympathy for the Devil", que foi lançada como um single do Guns N' Roses em dezembro de 1994. De acordo com Slash, ela era "bem mediana". Foi também a última gravação dos remanescentes maltrapilhos dos rebeldes caóticos de 1985. Em sua biografia, Slash afirmou que foi o golpe final. "Se você já se perguntou qual o som de uma banda se rompendo, ouça nosso cover de 'Sympathy for the Devil'."

"Nunca deixe sua banda"

Abril de 1995 foi uma péssima época para W. Axl Rose, já que ouviu no tribunal suas duas ex-namoradas e testemunhas deporem contra ele. Erin Everly afirmou que ele a sodomizou contra sua vontade. Que foi parar no hospital com ferimentos por conta das surras. Uma ex-namorada de Slash testemunhou que Axl fora violento com Erin e estragara as coisas dela, chamando-o amargamente de porco diante do júri. Tudo isso foi parar na imprensa, portanto, a desgraça foi total. Stephanie Seymour alegou que Axl a arrastara, descalça, por cima dos cacos de uma garrafa que ele havia quebrado. Disse que ele lhe deu um

murro no rosto e um chute na barriga. Ao ouvirem tudo isso, e com mais testemunhos por vir, os advogados de Axl deram o dia por encerrado e fizeram um acordo. (Talvez ele não devesse ter processado a esposa de um homem rico.) A revista *Parade* relatou que uma companhia de seguros pagou 400 mil dólares a Seymour. A quantia referente ao acordo de Erin Everly não foi revelada. Axl Rose se absteve de quaisquer comentários. Seu assessor de imprensa afirmou que Axl estava concentrado no trabalho. Mais tarde, ele disse que escreveu uma música nova durante o julgamento chamada "Oklahoma", sobre o bombardeio simultâneo de um prédio em Oklahoma City em vingança pelo cerco do FBI à seita Branch Davidian em Waco, Texas, onde todo mundo havia morrido em um holocausto religioso cheio de perigos e munição explosiva.

Fevereiro de 1995. O Slash's Snakepit lançou o álbum *It's Five O'Clock Somewhere* pela Geffen Records e manteve o hard rock estilo Guns durante o resto do ano. Gilby, Duff e Matt Sorum tocaram no álbum e na formação do Snakepit no festival Monsters of Rock daquele verão, no Castle Donington na Inglaterra. Então o grupo se separou, foi retirado da estrada pela gravadora após a respeitável venda de 2 milhões de cópias e recuperou os custos da gravadora.

Mas a Geffen estava seca, com poucos discos de sucesso, e a gravadora precisava do Guns N' Roses de volta ao estúdio se quisesse sobreviver. David Geffen havia saído da gravadora em 1995 e formado o império multimidiático Dreamworks SKG com dois magnatas do cinema. A Geffen Records, de certa forma reduzida, agora operava como uma gravadora semi-independente sob a égide do Universal Music Group, que havia incorporado a MCA. Depois, a Universal foi vendida para a Seagram, a megaempresa de bebidas canadense. Quando a poeira corporativa baixou, e o catálogo anterior do Guns continuava a gerar bastante receita em meio ao marasmo cultural de meados dos anos 1990, Axl Rose foi deixado em paz para gravar no próprio ritmo.

Na verdade, a banda ensaiou no Complex algumas vezes

naquele ano, mas Axl só dava as caras por volta das duas da manhã. Ele queria mudar a direção da banda para uma versão tecno-industrial, a fim de permanecer atual. Slash não queria negar as raízes blues-rock do Guns. “Não passávamos muito tempo trabalhando juntos”, lembrou Slash. A banda tocava algumas coisas para Axl. Slash: “Ele ficava sentado na cadeira, olhando – um riff aqui, um riff ali. Mas ninguém sabia onde isso ia dar”. Então a banda ficava cansada ou entediada e ia para casa, deixando Axl sozinho.

Nos idos de 1986, eles costumavam zombar de Axl e o chamar de aiatolá, mas agora ele era de fato um ditador. Axl e Doug Goldstein tomavam todas as decisões pela banda, que depois era notificada por fax ou telefone. Então Axl presenteou Slash e Duff com um novo contrato para a banda. Slash: “O contrato dizia que Axl detinha os direitos do nome da banda e poderia começar uma nova banda chamada Guns N’ Roses. Duff e eu poderíamos ser membros, mas somente nos termos dele, e a sensação era a de que estávamos sendo definidos como mão de obra”. Slash e Duff hesitaram. Axl lhes enviou uma carta no dia 31 de agosto de 1995, informando-os de que estava deixando a banda e assumindo a marca. Slash e Duff cederam e assinaram o novo acordo de Axl.

“Assinei e deixei pra lá”, afirmou Slash. Ele estava esgotado por toda aquela bobagem, e os advogados faziam fortunas indo a reuniões sobre esses assuntos. “Eu queria seguir em frente e ver se ainda havia algum lugar aonde pudéssemos ir juntos.”

Quando as notícias correram, Slash e Duff foram amplamente criticados por terem se submetido a W. Axl Rose. Até Slash concordou. Ninguém ficou mais espantado que ele pelo fato de “terem concedido a Axl a liberdade, ao longo de todos esses anos, de transformar o que tínhamos em uma realidade mórbida que só existia na cabeça dele”.

A morte de Shannon Hoon por overdose afetou Axl profundamente. O vocalista do Blind Melon foi encontrado morto em seu ônibus de turnê, antes de um show no lendário clube Tipitina’s, em Nova Orleans, no dia 21 de outubro de 1995. O

legista municipal definiu a morte como overdose de cocaína. Shannon, de quem todos gostavam por seu olhar inocente e voz angelical, tinha apenas 28 anos. Deixou para trás uma filha bebê chamada Nico Blue.

Slash passou a maior parte de 1996 trabalhando em projetos pessoais. Ele tocou na festa de aniversário de James Brown e compôs mais músicas para a própria banda. Sua esposa, Renee, o deixou. Enquanto isso, Duff e Matt Sorum se juntaram a Steve Jones, dos Sex Pistols, e ao baixista do Duran Duran, John Taylor, e formaram uma banda exclusiva e (na maioria das vezes) sóbria, os Neurotic Outsiders, que gravou um álbum genérico típico de supergrupos (leia-se: nenhuma música boa) para a Maverick Records, de Madonna.

Todo o trabalho com o próximo álbum do Guns foi interrompido em setembro de 1996. A mãe de Axl Rose, Sharon Bailey, morreu de repente aos 51 anos. Incêndios alastrados pelos ventos diabólicos da Califórnia queimaram Malibu e ameaçaram o desfiladeiro de Axl. Slash montou uma banda temporária, a Slash's Blues Ball, e disse (em um chat on-line) que ele e Axl estavam "deliberando sobre o futuro de nossa relação". Os Rolling Stones estavam em Los Angeles, trabalhando no álbum *Bridges to Babylon*. Slash foi a algumas sessões e notou a atmosfera de respeito mútuo apesar de diferenças pessoais intensas. Slash contou seus problemas a Keith Richards, e Keith, sério, alertou Slash de que era um dever sagrado *nunca* deixar a própria banda. Outras pessoas o lembraram de que Slash e Axl haviam criado a maior colaboração de linha de frente de sua era. Isso só piorou os problemas de Slash.

Em seguida, Axl e Slash jantaram, em segredo e pela última vez, em um restaurante italiano em Brentwood. Axl expôs seus novos planos para o Guns, tentando com dificuldade fazer Slash concordar com seu ponto de vista – que, para o guitarrista, era totalmente sem noção.

Slash estava farto de ser manipulado. Após uma noite insone de desespero e pensamentos suicidas, ele ligou para Doug Goldstein.

“Chega”, disse Slash. “Eu me demito.” Goldstein tentou responder, mas Slash já tinha desligado.

De acordo com Slash, Axl reagiu. Ele ligou para o pai de Slash, para a esposa dele, seu guarda-costas, ligou para todo mundo que pudesse ter contato com o recalcitrante guitarrista. Axl disse que Slash estava cometendo o maior erro de sua vida e jogando fora uma fortuna. Slash não se importou. Ele sentiu que um peso enorme havia sido tirado de seus ombros. Telefonou para Duff, Matt Sorum e o técnico de guitarra Adam Day para contar a novidade, e todos disseram que compreendiam.

No dia 30 de outubro de 1996, Slash anunciou por meio de seu assessor de imprensa que havia deixado o Guns N’ Roses. Axl enviou um fax para a *MTV News* afirmando que Slash já não estava na banda desde 1995, e que logo o Guns N’ Roses lançaria um novo álbum.

Chinese Democracy

Em 1997, Todd Sullivan, executivo da Geffen, ficou encarregado de bisbilhotar o próximo álbum do Guns N’ Roses fora das garras do proprietário exclusivo da banda, W. Axl Rose. A gravadora achava que ouvidos novos poderiam ajudar, e queria dar um novo produtor à equipe do Guns. Portanto, Sullivan enviou a Axl uma caixa de CDs de diferentes produtores, a fim de verificar se algum o atraía. Alguns dias depois, Sullivan soube que Axl havia jogado os CDs em sua garagem, sem ouvi-los, e em seguida os atropelara com o carro até se transformarem em meros pedaços de plástico amassado. Todd Sullivan, então, se encontrou com Axl, que tocou para ele alguns dos fragmentos que a banda vinha tentando desenvolver. Sullivan reagiu com entusiasmo, e sugeriu que Axl se esforçasse e finalizasse algumas das canções. Axl encarou Sullivan e, em seguida, disse: “Hmmm, me esforçar e finalizar algumas das canções”. No dia seguinte, Sullivan recebeu uma ligação de Eddie Rosenblatt, presidente da Geffen, informando-o de que ele não estava mais trabalhando com o Guns N’ Roses.

Em fevereiro, Axl voou para o Arizona a fim de visitar seus conselheiros espirituais em Sedona. No dia 11 do mesmo mês, ele foi preso no aeroporto de Phoenix e acusado de ameaçar um funcionário da segurança que revistava sua bagagem. Depois, ele se declarou culpado por perturbar a paz e foi multado, ficando um dia na cadeia.

Pelo menos o novo álbum agora tinha um título, *Chinese Democracy*, o irreverente reconhecimento de Axl de que o Guns na verdade era uma ditadura. Axl contratou o DJ Moby para rever algumas faixas e, talvez, acrescentar algumas produções no estilo techno. Moby não durou muito. Mais tarde, ele afirmou que Axl parecia reservado e desconfiado – "como um cachorro que apanha". Era impossível descobrir qualquer padrão lógico nos fragmentos das músicas que Axl tinha gravado na fita. Axl ficou na defensiva quando Moby lhe perguntou sobre os vocais. "Ele só disse que, mais cedo ou mais tarde, os acrescentaria." Moby foi embora, e mais tarde comentou que ficaria surpreso se *Chinese Democracy* chegasse a ser lançado.

Depois as sessões ficaram paradas por um bom tempo. West Arkeen, que havia ajudado a compor algumas das melhores músicas do Guns, morreu em maio de 1997 por overdose de heroína, aos 36 anos. Então Duff McKagan, incapaz de encontrar mais sentido para a existência da banda, saiu do Guns N' Roses em agosto, deixando Axl como o único membro original remanescente.

No início de 1998, as sessões do *Democracy* passaram para o Rumbo Sound, onde a equipe instalou tapeçarias, luzes coloridas e os típicos acessórios de astros do rock. Matt Sorum foi despedido e substituído pelo baterista Josh Freese. O substituto de Slash foi Robin Finck, guitarrista aposentado da banda de rock industrial Nine Inch Nails. Dizzy Reed e Paul Huge continuaram na banda. Duff foi substituído pelo baixista Tommy Stinson, ex-Replacements. O novo produtor era Youth (Martin Glover). A Geffen estava desesperada por um álbum de sucesso, já que a gravadora estava prestes a ir parar no moedor de carne

corporativo. Eles disseram a Axl que seus empregos estavam por um fio, e então lhe adiantaram 1 milhão de dólares, com a promessa de outro milhão como bônus se o álbum fosse finalizado até março de 1999.

Eles também prometeram bônus de royalties a Youth, o que não era comum, mas nada disso fez Axl ir ao Rumbo Sound. Youth visitava Axl em Latigo Canyon, notava o isolamento completo em que ele vivia, era informado por Axl que ele não estava de fato preparado para fazer um disco naquele exato instante. Então Youth saiu e foi substituído por Sean Bevan, que havia trabalhado com o Nine Inch Nails e Marilyn Manson. Ele começou a trabalhar com a banda, tentando transformar fragmentos e trechos em faixas instrumentais coerentes. As despesas operacionais eram estratosféricas, já que eles compravam ou alugavam todos os sistemas computacionais novos no mercado. Cinco dias por semana, os correios enviavam a Axl, em Malibu, DATs contendo novas mixagens das várias músicas, e ele as recebia, na maioria das vezes, sem fazer comentários. Às vezes, o estúdio ficava sem atividade alguma durante semanas. Mas, no fim do ano, eles tinham mais de mil DATs e CDs de músicas gravadas e cuidadosamente etiquetadas.

A pressão sobre os executivos da Geffen se intensificou. O presidente do Universal Music Group, Edgar Bronfman, ligava semana sim, semana não para os executivos da Geffen e ficava cada vez mais irritado porque a gravadora não tinha data de lançamento para um álbum em que eles já tinham investido milhões. Doug Goldstein sugeriu que a Geffen lançasse um álbum ao vivo do Guns N' Roses para aliviar um pouco da pressão sobre Axl. Agora, despendia-se muita energia vasculhando fitas de shows, desde a época das apresentações em clubes londrinos, em 1986. Isso não foi o bastante para salvar mais de cem funcionários da Geffen, que foram despedidos em janeiro de 1999, quando a Universal fundiu a Geffen Records à Interscope Records, cujo presidente, Jimmy Iovine, assumiu as gravações do Guns. Dizem que Axl Rose ficou chateado pelo êxodo em massa de pessoas com quem ele havia trabalhado na Geffen durante dez anos ou mais e se afastou do estúdio de gravações em um protesto tácito. O prazo de 1999 para a entrega do *Chinese*

Democracy passou sem muito alarde.

Em 16 de março de 1999, o Guns N' Roses foi presenteado com um prêmio Diamond Album pela associação comercial da indústria fonográfica, comemorando as vendas de 15 milhões de cópias do *Appetite for Destruction*. O prêmio foi recebido por Steven Adler, em Nova York.

Jimmy Iovine fez um certo progresso com Axl em 1999. Naquele verão, o Guns N' Roses lançou sua primeira música nova em oito anos. "Oh My God", com sonoridade industrial, foi elaborada para a trilha sonora de *Fim dos dias*, outro filme de ação de Arnold Schwarzenegger, e foi, inclusive, apresentada por Axl na MTV. As esperanças pelo *Chinese Democracy* aumentaram em uma enxurrada de propaganda, mas a música era chata, mal tocava nas rádios e foi criticada pela imprensa como outra bola murcha de uma banda que já tinha decepcionado seus fãs e a si mesma. Mais tarde, naquele ano, Axl fez uma prévia de umas dez faixas do *Chinese Democracy* para a *Rolling Stone*. A revista foi educadamente indiferente às versões iniciais das novas músicas "I.R.S.", "Catcher in the Rye" e "The Blues". Ela informou que o novo álbum estava provisoriamente programado para o verão de 2000.

O álbum ao vivo do Guns N' Roses, muito aguardado, saiu em novembro de 1999. O *Live Era '87-'93* era um CD duplo com 22 faixas. Axl e os ex-gunners mixaram e sobrepuseram separadamente as faixas antigas, comunicando-se por intermédio de empresários e funcionários. Repleto do barulho ambiente de um estádio sul-americano, um futuro eco distante de "Benny and the Jets", o álbum se apoiou profundamente nas turnês do *Illusion* – a bombástica fase final do Guns – e perdeu um pouco da violência frenética de uma banda jovem em clubes cheios de gente suada. (O diretor de arte tentou compensar isso com reproduções dos flyers de rua de 1985 do GN'R.) Mais uma vez, apesar de performances esfuziantes das músicas do *Appetite*, não houve nenhuma transmissão nas rádios, e as críticas ao *Live*

Era não foram nada empolgantes. Axl havia decidido que nenhum ex-membro do Guns poderia ajudar a promover o álbum, e ele também não perdeu tempo com isso, portanto as vendas na época crucial de Natal totalizaram menos de 1 milhão de unidades, um chocante tapa na cara dado pelos antigos fãs. Para muitos, a impressão era a de que a carruagem havia virado abóbora e de que o público do Guns tinha seguido em frente.

Um traiçoeiro mar de horrores

Em 2000, Sean Bevan parou de tentar produzir o *Chinese Democracy*. A Interscope fez Axl concordar em contratar Roy Thomas Baker, que havia produzido os principais álbuns do Queen. Baker fez o Guns regravar qualquer coisa minimamente relevante com um novo baterista, Brian Mantia, ex-Primus. Em seguida, Axl contratou Buckethead, o tímido *guitar hero* do metal que aparecia em público usando máscara de plástico e um balde de frango frito na cabeça. Axl fez com que essa nova formação do Guns regravasse as faixas que eles haviam feito para o produtor Baker.

O Ju Ju Hounds, de Izzy Stradlin, e o Slash's Snakepit fizeram turnê pelo Japão e pela Europa em 2000, tocando para públicos que pediam, aos berros, as velhas músicas do Guns. Axl Rose se apresentou em público pela primeira vez em seis anos, quando se juntou aos Starfuckers de Gilby Clarke no Cathouse no dia 22 de junho. A plateia de talvez 300 pessoas entrou em ebulição quando Axl subiu no palco, a qual o estimulou a dançar em meio a interpretações de "Wild Horses" e "Dead Flowers". Depois, Axl pareceu genuinamente aliviado pelo fato de as pessoas ainda desejarem sua performance serpenteante.

Na véspera de Ano-Novo, o Guns N' Roses tocou no House of Blues em Las Vegas. Buckethead e Robin Finck lideraram a banda junto com Axl, faltando algumas horas para 2001. Paul Huge tocou a guitarra-base. Chris Pittman contribuiu com efeitos. Dizzy Reed ancorou tudo. "Atravessei um traiçoeiro mar de horrores para estar com vocês aqui hoje", disse Axl ao público.

A banda entrou com tudo em “Nightrain” e a casa toda se agitou. Eles tocaram várias coisas do *Appetite*, inclusive “Think About You”, pela primeira vez desde 1987. Tocaram várias músicas novas: “Oh My God”, “Silkworms”, “The Blues” e “Chinese Democracy”, que Axl compôs, segundo explicou, após ter visto o filme *Kundun*. Buckethead fez um solo prolongado, e em seguida jogou rosas de dentro de um recipiente da Kentucky Fried Chicken para a plateia. No fim do show, Axl agradeceu aos 1.800 fãs delirantes e lhes desejou um feliz ano novo.

Duas semanas depois, o GN’R tocou para 200 mil pessoas no Rock in Rio III. Após milhares de pessoas gritarem pelo ausente Slash, Axl respondeu: “Tá bom, beleza. Tudo bem. Sei que estão decepcionados porque algumas pessoas que vocês conhecem e amam não puderam estar conosco hoje à noite [...] Mas, independentemente do que vocês ouviram, meus antigos amigos trabalharam muito duro [...] para fazer todo o possível [...] *para que eu não estivesse aqui hoje!* [...] E eu digo, FODAM-SE!”.

Em seguida, foi anunciada uma turnê europeia, e ingressos para alguns shows se esgotaram sem promoção alguma; mas depois a turnê foi cancelada sem explicações. O planejamento de um DVD do show de Las Vegas também foi engavetado. Mais tarde, naquele ano, a turnê europeia reagendada foi novamente cancelada.

Março de 2001. A Interscope mandou chamar Tom Zutaut para tentar finalizar o *Chinese Democracy*. Zutaut era o único executivo de gravação que conseguia tirar músicas originais do Guns N’ Roses, e lhe prometeram um gordo bônus se o álbum ficasse pronto no fim de 2001. Alguns CDs de tomadas instrumentais alternadas eram levados a Axl quase todos os dias. Então Buckethead ameaçou sair e teve que receber alguns mimos. Ele fez Axl levá-lo à Disneylândia, e depois exigiu que o estúdio construísse um galinheiro, no qual Buckethead passou a gravar seus solos. O produtor Greg Wattenberg foi contratado para trabalhar nas faixas vocais de Axl, que aparentemente era a última pedra no caminho do *Chinese Democracy*. Greg Wattenberg esperou seis semanas torturantes para conhecer Axl,

tendo conseguido uma conversa de apenas 20 minutos no estúdio, às quatro da manhã. Wattenberg foi para casa. As torres do World Trade Center foram bombardeadas e tudo mudou, mas a carapaça de isolamento de W. Axl Rose não foi rompida. Tom Zutaut e Roy Thomas Baker estavam fora da jogada na época do Natal.

O Guns N' Roses fez dois shows em Las Vegas no fim de 2001. Axl: "Estamos tocando quatro ou cinco das músicas novas, mas mantendo em segredo as mais importantes". Slash e a nova esposa, Perla Ferrar, tentaram ver o show na véspera do Ano-Novo, mas foram rudemente barrados na porta do backstage – uma afronta grave. A esse respeito, Doug Goldstein foi citado na imprensa: "Não sabíamos quais eram as intenções [de Slash]. Teria sido uma distração. Axl estava com os nervos à flor da pele em relação aos shows, e decidimos não correr nenhum risco". Durante os shows, houve problemas com os monitores de som, e Axl ficava saindo do palco. Quando tudo voltou a funcionar, "Tio Axl" (como ele se apresentou) ficou agachado na lateral do palco, observando a banda tocar músicas antigas, como um espectador invisível.

No início de 2002, Axl fez a banda regravar todas as músicas novas – de novo. Paul Huge saiu da banda e foi substituído pelo guitarrista Richard Fortus. Naquele verão, o Guns N' Roses fez shows com ingressos esgotados (e bem recebidos) no Japão e na Europa. O quarentão Axl Rose apareceu no palco de jaqueta esportiva e cabelos trançados sob a bandana. Ele parecia ter menos de 40 anos, e vieram a público rumores de que ele havia feito cirurgia plástica no rosto e transplante capilar. No dia 23 de agosto, no Leeds Festival, na Inglaterra, Axl protestou contra um toque de recolher precoce:

"Não vim para a Inglaterra para um babaca de merda me mandar pra casa, porra. [Aplausos.] Tudo o que recebi da porcaria da imprensa foi merda atrás de merda nesses últimos oito anos – 'Axl isso', 'Axl aquilo'. Então, se vocês querem ficar, e se eu quero ficar, veremos o que acontece. Todo mundo... ei, não me arrumem encrenca ou algo do tipo. Tentem se divertir!"

Durante "Patience", Axl viu uma pessoa usando uma camiseta onde se lia "Where Is Slash?" [Cadê o Slash?]. "Tá aqui,

na minha bunda", berrou Axl. "É aqui que o Slash está! *Seu merda!* Vá para casa!"

Eles encerraram a turnê na Arena Wembley, em Londres, com abertura do Weezer e ingressos totalmente esgotados. O Tio Axl disse ao público que o Guns tinha dois álbuns novos, prontos para sair. Reclamou por algum tempo, depois perguntou a Tommy Stinson se os seus comentários se qualificavam como uma reclamação. Em seguida, sentiu-se muito mal para continuar, então Sebastian Bach entrou em seu lugar para encerrar o show com "Nightrain" e "Paradise City".

No dia 29 de agosto de 2002, o Guns N' Roses fez uma aparição surpresa no Video Music Awards da MTV. Após "Jungle", a banda estreou a nova música "Madagascar" e encerrou com "Paradise City". Axl terminou a miniapresentação de olhos fechados e mãos erguidas, descrito na imprensa como uma postura messiânica. Deu uma entrevista curta a Kurt Loder, da MTV, e deixou o recinto.

Robert John vinha atuando como fotógrafo do Guns N' Roses desde o início da banda, mas agora começava a receber reclamações de Axl. "Ele não estava feliz com sua nova aparência nas fotos", disse Robert. "Mas sua aparência havia mudado. As pessoas envelhecem, certo? Ele ganhou alguns quilos. Criticou o brilho nas fotos, mas eu não estava iluminando os shows. Ele já havia despedido Gene Kirkland, um fotógrafo incrível que tirava fotos do Guns havia quase tanto tempo quanto eu.

"Então comecei a trabalhar com Marilyn Manson, e Axl falou, tipo: 'Marilyn só está trabalhando com você para sugar minha energia através de você'. Veja, *sempre* tinha a ver com Axl, não importa o quê. Começou a me dar nos nervos. O mundo inteiro de Axl era fazer seus funcionários puxarem seu saco e lhe dizerem que ele estava certo. Mas eu não era pago por ele, portanto, podia dizer a Axl o que sentia. E eu disse a ele que o cara com o balde de frango parecia bizarro pra cacete, e que eu não via química alguma nessa banda. Eles apenas tocavam as músicas antigas, quase nota por nota.

"Além do mais, eu vinha recebendo mensagens de Axl por

meio de sua *governanta*. 'Queremos isso. Queremos aquilo.' Era a empregada, a governanta, não importa. Não me lembro de ela fazer parte da organização. Eu me lembro de que ela tinha sido babá de sua ex-namorada. E ela também nunca transmitia minhas mensagens a ele.

"A certa altura daquele ano [2002], cheguei a ficar seis meses sem ver Axl, e ele tinha mudado. Ele parecia diferente. As pessoas não estavam sendo bem tratadas. Ele tinha um monte de médiuns lhe dizendo o que fazer. Sharon, de Sedona, estava enfeitiçando as coisas, para que elas não drenassem a preciosa energia de Axl. Era tudo muito bizarro."

Robert John fez um acordo com Axl para lhe vender todas as fotografias dele – milhares de imagens, desde 1984. Robert levou os arquivos à casa de Axl e esperou pelo pagamento, que nunca apareceu. Por fim, Robert John teve de processar Axl Rose para receber pelos anos de trabalho com o Guns N' Roses.

Sete de novembro de 2002. A primeira turnê do Guns pela América do Norte depois de dez anos começou com um tumulto em Vancouver, quando o avião de Axl se atrasou e o promotor cancelou o primeiro show. Os jovens quebraram algumas janelas, e a tropa de choque chegou com cães e bateu nas pessoas. Buckethead ficou chateado ao ver os jovens com os dentes quebrados. Mas o restante do mês fluiu bem, apesar do público disperso em lugares menores, e a banda fez um show impecável no lotado Madison Square Garden de Nova York, no dia 5 de dezembro. Depois, Axl saiu com um pessoal, mas foi rudemente impedido de entrar no Spa, um clube noturno ultrachique e frequentado por modelos, por estar usando um casaco de pele, e o clube tinha uma rígida política contra peles de animais. Humilhado e louco pra diabo, ele voltou para o hotel, furioso. Em vez de tocar na Filadélfia no dia seguinte, ele ficou no quarto e assistiu a um jogo de basquete na televisão. Depois que as duas bandas de abertura tocaram, Axl ainda em Manhattan, o show da Filadélfia foi cancelado às 23 horas. Cadeiras voaram pelos ares. Incêndios foram provocados. O batalhão de choque chegou. O restante da turnê foi cancelado pelo promotor.

Em 2003, Slash, Duff McKagan e Matt Sorum começaram a formar uma nova banda à qual deram o nome de Reloaded. Eles perguntaram a Sebastian Bach se ele queria cantar, mas Bas recusou. Em maio, Scott Weiland, ex-Stone Temple Pilots, foi confirmado como vocalista do grupo. Em junho, o guitarrista Dave Kushner entrou e a banda foi renomeada como Velvet Revolver. Eles fizeram o primeiro show em Los Angeles com uma nervosa coleção de covers que surpreendeu as pessoas. Duff McKagan disse que o Velvet Revolver era a banda em que ele sempre quis estar.

Naquele verão, a Geffen Records disse a Axl Rose que estava lançando um álbum com os maiores sucessos do Guns N' Roses. Axl não queria que isso acontecesse, e fez Doug Goldstein prometer a eles o *Chinese Democracy* para o fim do ano se eles desistissem da ideia. A gravadora concordou, mas não obteve o novo disco. Em fevereiro de 2004, a Geffen finalmente descontinuou as sessões de estúdio da banda. Dizem que o orçamento para a gravação do *Chinese Democracy* já havia chegado a mais de 11 milhões de dólares.

Buckethead saiu da banda.

Em março de 2004, a Geffen lançou o *Greatest Hits* apesar das acaloradas objeções de Axl e um acordo judicial que foi indeferido pelo juiz. O último álbum do Guns deixou todo mundo chocado por vender rapidamente 2 milhões de cópias. Ele atingiu o primeiro lugar na Inglaterra e em muitos mercados europeus e alcançou o terceiro lugar na lista da *Billboard*. As vendas do *Appetite for Destruction* também engrenaram, bem como a compilação do *Use Your Illusion* que a Geffen havia lançado em 1998. (Essa versão apagou todos os palavrões, para que pudesse ser vendida no Walmart e em outras varejistas conservadoras.)

Uma jornada longa e incompreensível

O primeiro álbum do Velvet Revolver, *Contraband*, saiu na primavera de 2004, e a nova banda começou a fazer turnês,

dando shows de rock ao estilo dos clubes e começando sempre no horário. O som do *Contraband* (e seu sucessor, *Libertad*, três anos depois) era implacavelmente sombrio, refletindo, talvez, a frágil saúde física e mental de ex-viciados e ex-alcoólatras agora na casa dos 40 – músicos altamente comprometidos, cujos anos de farra haviam ficado para trás e não voltariam mais.

Steven Adler ressuscitou a própria banda, Adler's Appetite, e fez turnês pela Europa. Steven Adler morava em Las Vegas, falando lentamente devido a um derrame induzido por cocaína. Em 2005, ele admitiu (para fãs do site Metal Sludge) que às vezes ainda fumava crack, mas que estava tentando parar, e levava uma vida confortável com os royalties do GN'R.

Izzy Stradlin estava morando em Indiana, para surpresa dos que se lembravam do desprezo que ele usava para descrever o estado onde havia nascido.

Slash morava com a esposa, Perla, e seus dois filhos (London e Cash) em San Fernando Valley. Após anos de vícios, Slash teve sérios problemas cardíacos, e em 2000 um dispositivo semelhante a um marcapasso foi instalado em seu peito a fim de mantê-lo vivo. Duff McKagan vivia em Los Angeles com a esposa, Susan Holmes, e suas duas filhas. Os rigores das turnês do Velvet Revolver levaram Slash e Duff de volta à dependência de drogas – Matt Sorum também foi com Duff para a reabilitação –, mas depois eles ficaram limpos de novo.

Em janeiro de 2005, Axl Rose anunciou que havia mudado a empresa de gravação de músicas do GN'R para a Sanctuary Records, uma candidata recente ao status de Industry Heavy. O executivo da Sanctuary, Merck Mercuriades, também estava gerenciando o Guns, já que Doug Goldstein havia se demitido ou sido despedido por Axl por motivos desconhecidos. Oito meses depois, Slash e Duff McKagan processaram Axl após terem parado de receber pagamentos de royalties do Guns N' Roses. Os advogados de Axl alegaram que era tudo um mal-entendido, e Axl também processou Slash.

O Guns N' Roses do século XXI fez uma semana de shows incríveis em Nova York, em maio de 2005 – concertos intensos para arena, aclamados por críticos e fãs. A banda tocou "Madagascar" e outras músicas novas, mas focou sobretudo em

imitar os discos antigos. Axl ganhou as manchetes dos jornais de Nova York ao levar um soco do estilista Tommy Hilfiger em uma boate no centro da cidade.

No início de 2006, várias músicas do *Chinese Democracy* vazaram na internet por meio do site de um fã-clube. As novas canções – com drones, ritmos robóticos, variações de teclado tipo órgão – soavam tensas, grandiosas e inacabadas. “Better” era a melhor delas, embora algumas rádios tenham baixado “I.R.S.” e começado a tocá-la em fevereiro – até o empresário da banda dar um fim a isso. Nenhuma das músicas combinava com a grandiosidade da banda das antigas, e as pessoas começaram a entender por que o novo álbum do Guns estava demorando tanto.

A briga entre os membros originais da banda continuava a todo vapor em 2006. Após uma controversa visita noturna de Slash à casa de Axl, o vocalista fez seu advogado lançar uma declaração pública afirmando que Slash admitira que Axl estava certo em relação a *tudo* durante todos aqueles anos. A declaração também afirmava que Slash havia dito a Axl que Duff McKagan era um covarde e que Scott Weiland não estava dando liga. Um furioso Scott Weiland, por sua vez, atacou Axl no site do Velvet Revolver: “Arrume uma peruca nova, filho da puta! [...] Ah, merda, *lá vem* – seu gordo, cara de botox, babaca de peruca”.

Maio de 2006. O Guns N’ Roses anunciou uma turnê mundial, começando com quatro shows de aquecimento no Hammerstein Ballroom em Nova York (o antigo Rits, onde o Guns tocava com frequência). Os ingressos para os quatro shows – 16 mil assentos – esgotaram em três minutos. A plateia da noite de estreia soube que o Guns agora tinha três guitarristas, pois Buckethead havia sido substituído por Bumblefoot, vulgo Ron Thal, que se juntou a Robin Finck e Richard Fortus. Axl abriu a noite com “Welcome to the Jungle”, usando uma camiseta de couro e um grande crucifixo de prata, os cabelos trançados e puxados para trás. Sua barba e bigode ruivos lhe conferiam uma aparência feroz, como um guerreiro irlandês. A multidão rugia as letras com ele, palavra por palavra. Voltaram a rugir quando ele trouxe Izzy Stradlin para tocar cinco músicas. Izzy usava cabelos curtos sob

uma bandana, e parecia tão espantado quanto qualquer outra pessoa por estar novamente num palco com Axl Rose. O pessoal da frente viu que Izzy parecia ter lágrimas nos olhos quando a banda começou a tocar “It’s So Easy”.

Toda a multidão cantava junto quando reconhecia uma música, o que foi descrito no *The New York Times* como “um espetáculo estonteante”. As pessoas ouviam com atenção as músicas novas, tentando entender “Madagascar” e “The Blues”. Mais tarde, Axl trouxe Sebastian Bach ao show, que atuou como segundo vocalista, assumindo os vocais em “My Michelle” quando Axl saiu do palco. Axl agradeceu Bas no palco por tê-lo convencido a fazer turnê de novo. Daí em diante, frequentemente Bach ficava na estrada com o Guns N’ Roses, atuando como ajudante ou astro de rock de apoio, preenchendo vagas sempre que necessário.

Em seguida, o Guns tocou na Europa, começando na Espanha. Em junho, fez um show com ingressos esgotados em Estocolmo, após o qual Axl farreou com um grupo de loiras usando couro no Café Opera. De volta ao Hotel Bern, bêbado às três da manhã, ele entrou num bate-boca com uma jovem. Um segurança tentou interferir. Axl despedaçou um espelho, depois mordeu a perna do guarda. A polícia o arrastou para a cadeia. No dia seguinte, manchetes ganharam jornais internacionais, ao lado de uma multa de 5 mil dólares.

Os sete membros do Guns fizeram uma turnê bem-sucedida na América do Norte, começando em setembro de 2006. Os rappers roqueiros Papa Roach abriram muitos dos shows. O baterista Brian Mantia foi substituído por Frank Ferrer. A turnê foi realizada a fim de arrecadar dinheiro para terminar o álbum e manter a banda viva, já que a gravadora se recusava a renegociar ou discutir marketing e tratamentos de vídeo até pôr as mãos nas fitas master do *Chinese Democracy*.

O show de Los Angeles (na verdade, San Bernardino) em setembro foi o primeiro em 14 anos. Eles lotaram o local e receberam críticas respeitosas, embora um tanto confusas, como se fossem a melhor banda tributo ao Guns N’ Roses do mundo.

Depois, Axl deu uma festa de arromba em seu complexo em Malibu e tocou o álbum *Chinese Democracy* para convidados em sua sala de bilhar. Ele disse que o engenheiro veterano Andy Wallace, que havia mixado o *Nevermind* do Nirvana, estava trabalhando no álbum do Guns em Nova York. Merck Mercuriades disse à *Rolling Stone* que o disco sairia no fim de 2006. No mês seguinte, Axl disse a Mercuriades que estava fora. O *Chinese Democracy* ficou em banho-maria.

A Tower Records fechou no fim do ano por falência, porque os jovens não compravam mais CDS, preferindo baixá-los ou copiá-los. Axl ficou chocado com isso, e se perguntou se ainda restariam lojas para vender o *Chinese Democracy* – se é que ele seria lançado. No fim de 2006, em uma carta aberta aos fãs do Guns no site da banda, Axl escreveu: "Dizer que a produção deste álbum foi insuportavelmente longa e a jornada incompreensível seria um eufemismo". Ele também deixou subentendido que o lançamento ocorreria em março de 2007.

Mas não aconteceu. Dois meses depois, mais faixas "vazaram" na internet. A maioria eram remixes de músicas previamente baixadas, e os críticos bocejaram. O Guns passou aquele verão fazendo shows no México, na Austrália e no Japão. Axl trabalhou com Sebastian Bach em seu álbum solo, *Angel Down*, que saiu no fim de 2007. Os três duetos que Axl fez com Bas foram suas primeiras gravações em anos. Mais tarde, naquele ano, com os ventos de Santa Ana rugindo do leste, Axl manejou uma mangueira de jardim enquanto sua mansão de Malibu por um triz não foi consumida pelos incêndios que varreram milhares de hectares no sul da Califórnia. Parte do telhado queimou, mas a casa, bem como seu proprietário astuto e implacavelmente determinado, sobreviveram para matar mais um leão por dia.

Na primavera de 2008, o Velvet Revolver implodiu quando Scott Weiland – que pagou fiança de 40 mil dólares para sair da cadeia após ser preso por posse de drogas em uma rodovia – deixou a banda para voltar para os Stone Temple Pilots. Weiland e Matt Sorum brigavam publicamente, e Slash divulgou um comunicado

dizendo que eles estavam fartos do "comportamento errático de Weiland no palco e de problemas pessoais". Nenhum substituto foi anunciado, e começaram a correr altos boatos de que Axl Rose, que (diziam) estava com sérios problemas de fluxo de caixa, reuniria o Guns N' Roses original para uma estupenda turnê final. A imprensa queria falar com Axl sobre essa possibilidade, mas ninguém conseguia encontrá-lo e ele não retornava as ligações.

Para muita gente, Axl Rose permanecia um enigma. Quase nada do que ele fazia chegava às manchetes dos jornais norte-americanos. Outros o viam como um garoto-propaganda do narcisismo e da deliberação neurótica. Seus retoques obsessivos no *Chinese Democracy* convenceram certas pessoas de que o álbum nunca sairia. Alguns fãs de longa data do Guns – os que ficaram emocionalmente exauridos depois de ouvir o *Appetite for Destruction* pela primeira vez – expressaram o desejo fervoroso de que o álbum *Democracy* não saísse, segundo a ideia de que era melhor deixar uma banda gigante morrer com certa dignidade.

Outros não viam dessa forma. Para eles, Axl era um artista heroico, que não se interessava por fama ou dinheiro, visando à perfeição musical a qualquer custo. Tom Zutaut defendia publicamente Axl de seus críticos, afirmando que as decisões artísticas do vocalista eram, e sempre foram, "motivadas por um desejo honesto de fazer cada gravação contar como uma verdadeira reflexão de seus próprios padrões elevados".

Todos os que já tinham amado o Guns N' Roses esperavam para ver o que aconteceria em seguida.

Epílogo
HIPOCRISIA CHINESA

Talvez eu pudesse abrir uma rede de hamburguerias GN'R. Haha.

– *W. Axl Rose*

Na madrugada do dia 18 de julho de 2008, a polícia de Los Angeles foi chamada para Canyon Drive, em Hollywood, após relatos de tumulto em uma casa particular. Os policiais encontraram Steven Adler, ex-baterista do Guns N' Roses, cochilando em um carro do lado de fora da casa. Eles prenderam Steven por posse de heroína, por dirigir sob efeito de narcóticos e por um mandado pendente. Adler foi preso sob fiança de 45 mil dólares e liberado no dia seguinte.

Um mês antes, em junho de 2008, as primeiras gotas do lendário e tão aguardado álbum *Chinese Democracy*, as primeiras músicas novas em 17 anos do assim chamado Guns N' Roses, começaram a vazar na internet. As faixas vazadas – por fim atribuídas aos fãs fervorosos do GN'R em Portugal – consistiam em mixagens de 2006 de músicas que estavam havia muito tempo (dizia-se) no *Chinese Democracy*, incluindo "Better", "I.R.S.", "Catcher in the Rye" e "There Was a Time". Outra faixa vazada, "Song #2", mais tarde acabou se tornando "Prostitute", a última canção da gravação finalizada. O burburinho nos fóruns on-line do GN'R começou a aumentar, e no fim de junho nove faixas do Guns N' Roses foram carregadas na internet e transmitidas em vários sites. Alguns acharam que isso

era um sinal claro de que a terra tremeria, que o êxtase final estava próximo, e que W. Axl Rose realmente conseguiria lançar o *Chinese Democracy* enquanto alguns fãs originais da banda ainda estavam vivos.

Enquanto isso, Slash começava a trabalhar em um álbum solo. Sua esposa Perla anunciou que o disco teria a participação de Ozzy Osbourne e outras estrelas do heavy metal. Com muito tempo livre à disposição, Slash continuou a aparecer como um ganhador de prêmios em série, especialmente na Europa, onde muitas vezes dava as caras de cartola e trajes de couro para receber estatuetas e troféus por suas supostas proezas de guitarra. Os troféus vinham de premiações bregas e somente por TV a cabo, e de revistas britânicas de música de terceira linha, como a *Classic Rock*.

Já Duff McKagan havia reformulado sua banda-hobby de uma década de idade, a Loaded. Eles gravaram e lançaram *Wasted Heart*, uma mistura de metal pós-punk, e embarcaram numa turnê curta, mas intensa, por pequenos locais na Inglaterra, na Escócia e na Irlanda. Músicos do calibre de Duff não faziam showzinhos pequenos com frequência em locais remotos como ilhas escocesas, e os salões e teatros ficavam lotados de fãs fervorosos quase toda noite da turnê. Duff e a banda gostavam de lá, o extremo norte. No verão, o céu ficava claro até a meia-noite.

Izzy Stradlin permaneceu recluso em seu adorado estado natal de Indiana.

Aguardando a próxima data do tribunal por sua prisão por heroína em julho, Steven Adler concordou em filmar sequências de um novo reality show, *Celebrity Rehab*, a ser transmitido no canal VH1 no fim do ano.

A expectativa pelo lançamento agora iminente de *Chinese Democracy* aumentou em julho de 2008, quando foi anunciado, no site oficial da banda, que uma faixa do novo álbum, “Shackler’s Revenge”, seria apresentada no novo video game da

MTV, *Rock Band 2*. Na verdade, isso sinalizou uma mudança histórica para o ramo das gravações, ressaltando o poder dos video games de vender músicas para jovens por dinheiro real. As séries *Rock Band* e *Guitar Hero*, da Activision, que permitem aos jogadores tocar junto com as músicas em controles com formato de instrumentos, começaram a vender feito água quando uma nova versão de *Guitar Hero* dedicada ao Aerosmith foi lançada em 2006. Ambos os jogos ajudaram as bandas e gravadoras licenciando músicas e usando redes on-line para vender faixas adicionais a jogadores. No início de 2009, vendas de video games eram mais rentáveis para astros do rock clássico e suas gravadoras que as do poderoso iTunes.

Mais tarde, em agosto de 2008, agentes do FBI prenderam um azarado fã do Guns de 27 anos, Kevin Coghill, e o acusaram de pirataria virtual por transmitir em seu site, no mês anterior, nove faixas não lançadas do GN'R. A promotoria afirmou à corte que o vazamento poderia resultar em perdas "significativas" para os detentores dos direitos autorais, e fixou-se uma fiança de 10 mil dólares. A prisão – uma das primeiras do tipo – virou manchete em todos os lugares. Posteriormente, Coghill se declarou culpado e foi liberado após o pagamento de uma pequena multa.

No mês seguinte, "Shackler's Revenge" ajudou a catapultar *Rock Band 2* na lista de video games mais vendidos. Ao mesmo tempo, outra faixa nova do GN'R, "If the World", foi tocada durante os créditos do filme de espionagem *Rede de mentiras*, gerando mais especulações de que o *Chinese Democracy* poderia ter uma data de lançamento.

Como se constatou, as negociações estavam acontecendo havia pelo menos um ano entre o empresário do Guns, Irving Azoff, e a Best Buy, loja e varejista de eletrônicos com sede em Minneapolis, para criar uma plataforma de marketing a fim de lançar o *Chinese Democracy*. O acordo foi assinado em algum momento de setembro, afirmando que o álbum seria lançado no fim de novembro de 2008 e vendido exclusivamente nas lojas da Best Buy. Dizem que Axl participou de uma reunião com o marketing, em que deu garantias pessoais aos executivos da gravadora e à nervosa equipe da Best Buy de que a data de

lançamento para novembro estava confirmada. Axl viu materiais de marketing relacionados ao álbum, além de cronogramas promocionais e agendas publicitárias, e vetou tudo. “Ele disse não a tudo”, afirmou, mais tarde, um decepcionado publicitário à imprensa.

Em seguida, Axl desapareceu de sua casa em Malibu. A quem telefonava, Beta Lebeis dizia que Axl não retornaria as ligações. Não haveria nenhuma entrevista, promoção, rádio, TV, chats na internet. Nenhum membro do Guns N’ Roses faria nada para ajudar a vender o novo álbum.

No entanto, no início de outubro, o anúncio oficial de que o *Chinese Democracy* seria lançado no dia 23 de novembro de 2008 virou manchete internacional. A Best Buy publicou afirmações esperançosas de que o álbum lotaria as lojas de fãs, as quais já estavam vivenciando o primeiro fluxo da recessão econômica mundial. Uma fonte próxima da banda disse à *Rolling Stone* que um clipe para a música “Better” estava a caminho, e que o Guns esperava fazer uma turnê em 2009. Um repórter ligou para o escritório de Irving Azoff e o passaram para Andy Gould, que afirmou cogerenciar o Guns N’ Roses. Ingenuamente, o repórter perguntou sobre a lacuna de 14 anos entre os álbuns de estúdio e foi informado de que a Capela Sistina também não havia sido criada da noite para o dia. Mais tarde, quando o repórter telefonou de volta para dizer que Michelangelo levou apenas quatro anos para pintar a Capela Sistina, não retornaram sua ligação.

Com Axl sumido e o restante da atual formação do Guns invisível, o lançamento foi um pouco silenciado. No entanto, havia interesse midiático suficiente para lembrar as pessoas de que – tal como Elvis Presley e John Lennon em relação às gerações anteriores – o Guns N’ Roses era um vasto repositório de energia psíquica da cultura de massas. As pessoas sonhavam com Axl e Slash. O Guns N’ Roses dos primeiros tempos agora era uma lenda nos Estados Unidos do século XXI. Suas músicas – principalmente as introduções de guitarra de Slash para “Jungle” e “Sweet Child” – eram apresentadas como canções de

intervalo em quase todos os eventos esportivos profissionais no país. "Esqueça Barack Obama", informou o *The Times* londrino logo após os norte-americanos elegerem Obama como presidente. "*Esta* é a democracia que os fãs de rock vinham esperando." Mas todo mundo que levava isso a sério percebeu que o *Chinese Democracy* era um álbum do Guns N' Roses apenas no nome; que, na realidade, seria um disco solo de Axl Rose com vários guitarristas e somente Dizzy Reed para conectá-lo ao antigo Guns N' Roses.

Cópias antecipadas do *Chinese Democracy* foram enviadas à mídia em meados de novembro, e as primeiras críticas foram decididamente mistas. A *Rolling Stone* deu quatro estrelas ao álbum e o chamou de um excelente e audacioso disco de hard rock: "uma massa barulhenta de memórias ruins e lições duras". O *The Times* londrino o chamou de "um grosso ensopado sônico de paranoia e recriminação". O *The New York Times* disse que o álbum soava como o último suspiro do reinado de um mimado astro do rock.

A maioria dos críticos sentiu que o álbum havia sido lançado antes de ser finalizado, já que muitas faixas pareciam sem solução no fim. Muitos acharam que as introduções instrumentais – violões flamencos, adornos orientais, filarmônicas, corais, trilhas sonoras hollywoodianas – eram mais interessantes que o hard rock e o shredding que se seguia. Quase invariavelmente, o *Chinese Democracy* seria descrito como um álbum dos anos 1990, o filho bastardo de Rob Zombie e do Nine Inch Nails, com Elton John como parteira. Jornais londrinos reportaram que o álbum tinha sido parcialmente gravado em um antigo templo maçônico e que centenas de milhares foram gastos para regravar as faixas de bateria depois que "Brain" – Bryan Mantia – substituiu John Freese no Guns alguns anos antes.

Sem nenhuma surpresa, o *Chinese Democracy* foi banido na China após ser denunciado como reacionário no jornal oficial do Partido Comunista Chinês. O editorial descreveu o disco do Guns como um "ataque venal" e "uma lança apontada para a China". O site do álbum e as buscas na internet pelo Guns foram bloqueados. Nenhum publicitário cínico da indústria musical poderia ter desejado mais.

O *Chinese Democracy* foi disponibilizado para vendas no dia 23 de novembro de 2008. Um jornal britânico enviou um repórter à casa de Axl. "Comprada em 1992, a mansão ocupa mais de 9 mil metros quadrados e oferece uma vista tão impressionante que parece quase risível: 180 graus das ondas do Pacífico, brilhando ao sol de Malibu no fim da tarde. Mas tudo o que podia ser visto do lado de fora era um imenso portão de aço, um sistema de interfone, uma antena parabólica militar cutucando as copas das árvores e um par de SUVs estacionados do lado de fora." Axl não estava em casa. Na verdade, estava em Las Vegas, onde foi visto com um café para viagem no Bagel Café no dia do lançamento de seu disco.

O fã do Guns N' Roses que gastou 12,99 dólares em uma loja da Best Buy ou fez o download do álbum pelo iTunes adquiriu 14 faixas de músicas de várias camadas que tinham em comum um clima de autopiedade áspera e lamuriosa, além de uma atmosfera frenética, muitas vezes histérica, de arrependimento e remorso – temperada pela afronta e agressividade habituais de Axl. Nos Estados Unidos, ele foi lançado pelo selo Black Frog, uma subsidiária até então desconhecida da Geffen Records, ela própria uma subsidiária da Interscope, que, por sua vez, era subsidiária do Universal Music Group, ele próprio pertencente ao conglomerado Vivendi. O formato em CD estava enfeitado com estrelas vermelhas, bandeiras vermelhas, um retrato do revolucionário assassino em massa Mao Tsé-Tung e outras iconografias comunistas. A produção foi creditada a Axl Rose e Caram Constanzo. ("Na verdade, nunca achei um produtor", disse Axl mais tarde.) O livreto do CD agradecia e citava centenas de nomes em letrinhas minúsculas, e listava com precisão meticulosa qual guitarrista tocava em cada faixa. Às vezes, cinco guitarristas diferentes – Bucket, Bumble e outros – tocavam juntos em uma única música. Os créditos pela composição das canções se distribuíam entre membros da banda e vários associados.

Essa coisa escamosa, esse álbum que mais se parecia com um dragão cospe-fogo, explodiu desde os primeiros instantes: uma colagem sonora de macacos dando risada, sirenes, vozes chinesas

e o vento uivando sobre a Grande Muralha. A letra de "Chinese Democracy" mencionava o culto espiritual Falun Gong, que é proibido na China e amplamente considerado contrarrevolucionário e um delírio claro. A segunda faixa, "Shackler's Revenge", era um hard rock com inspirações industriais. Vários solos episódicos de guitarra e o lamento de amor romântico não correspondido, bem como uma melodia real, fizeram de "Better" a melhor música de um álbum que praticamente não tinha "músicas", ao menos no sentido tradicional.

Dizzy Reed encarnou Elton John em "Street of Dreams", uma balada comovente e poderosa que era como um soco na cara ao se transformar em uma das jams de forasteiro ferido de Axl. "If the World" era uma espécie de balada de trilha sonora de filmes blaxploitation, com um solo acústico de violão por Buckethead que era a coisa mais bonita em um álbum extremamente ousado. Esse clima muda para as guitarras estridentes de "There Was a Time", uma elegia por dias e noites melhores. A faixa foi amortecida por uma orquestra de cordas com arranjos de Paul Buckmaster, um concertista britânico frequentemente associado a Elton John.

"Catcher in the Rye" parecia motivada pelo sincero arrependimento de Axl de não ter matado seus pais, e tinha camadas de guitarra tão densas que só conseguimos imaginar a aparência do desktop do Pro Tools para essas faixas. Da mesma forma, "Scraped" era um hino antiautoritário, sem sentimentalismo, com duas vozes gritando e riffs furiosos do exército de guitarristas de Axl. "Riad N' the Bedouins" era a declaração de política externa do álbum: previsível; desdenhosa do inimigo, quem quer que ele fosse; com ventos uivantes orientais e um fim orgástico que – como muitas das outras canções – dava a entender que a música estava inacabada.

Cinco baladas diretas e poderosas completavam o álbum. "Sorry" era uma espécie de pedido de desculpas carregado de desgraças: infantil, soturno e cheio de hiperatividade sulfúrica. "I.R.S." – uma das faixas mais antigas do *Democracy* – era sobre um rompimento tóxico com questões não resolvidas e vários shredding de guitarras, além da velha gritaria. Outra

antiguinha, “Madagascar”, misturava rock terapêutico de ritmo médio com as cadências operísticas de dois estilos diferentes de sermões de Martin Luther King e uma colagem de som (criada por Axl) de trechos contundentes de vários filmes hollywoodianos. Angústia e arrependimento também permeavam “This I Love”, de Axl, cuja orquestração brega trazia à mente os piores excessos de “November Rain”. Foi a única faixa do álbum creditada exclusivamente a Axl Rose. (Os fãs do Guns perceberam de imediato que o clipe exibiria vistas arrebatadoras de margens do desfiladeiro e estradas desertas.)

A última faixa do *Democracy* era “Prostitute”, que tinha cara de U2 à base de lítio. Axl canta: “Ask yourself why should I choose to prostitute myself/ To live with fortune and shame?”.[65] A faixa continha uma pegada bombástica de riff vocal sem uma melodia real, e foi o estrondo final de uma experiência extracorpórea de um álbum, uma experiência que atingia o ouvinte com a ferocidade de um predador atacando um ônibus escolar lotado. *Chinese Democracy* encerrava com o conjunto de cordas de Paul Buckmaster desaparecendo na paisagem sonora exuberante de um coma causado por calmantes, conforme vivenciado por Ralph Vaughn Williams em algum lugar a oeste da Paradise City.

Ao que parece, a ideia original era lançar o álbum do Guns em meio a uma atmosfera frenética de marketing corporativo, mas isso não aconteceu. Não havia filas de fãs esperando do lado de fora das lojas Best Buy. Não houve nenhuma exibição promocional de nenhum tipo, nem funcionários direcionando os fãs para os compartimentos de CDs. Era como se as lojas não achassem isso grande coisa. O *Chinese Democracy* entrou em terceiro lugar na lista da *Billboard*, vendendo 250 mil cópias na primeira semana. (O disco estreou em primeiro lugar em alguns mercados internacionais, inclusive na Finlândia, no Brasil e na Nova Zelândia.) As (muito) poucas rádios verdadeiras de rock ainda no ar nos Estados Unidos tocavam principalmente a faixa-título, o primeiro single do álbum e também “Better”, mais fácil e mais melódica.

Na época, houve uma festa de audição exclusiva do *Chinese Democracy* em um clube na Sunset Strip, para o pessoal da imprensa e da indústria fonográfica, rádios, empresas pontocom e outras mídias. Entre os participantes, estava Tom Zutaut, ex-diretor artístico do Guns N' Roses. No meio do álbum, Zutaut foi escoltado para fora do clube pelo pessoal da segurança sem nenhum motivo aparente, mas presumiu-se que Axl havia dado a ordem. Zutaut foi filosófico sobre a ira de Axl: "Uso o ódio dele como um distintivo de honra", afirmou, "pois para ele seria muito pior não se importar de forma alguma".

Durante a segunda semana de vendas, o *Chinese Democracy* despencou para o 18º lugar.

Em dezembro de 2008, após vários episódios de *Celebrity Rehab* terem ido ao ar no VH1, um juiz de Los Angeles ordenou que Steven Adler fosse a um centro fechado de reabilitação, em vez de ir para a cadeia pelas acusações referentes a heroína no verão anterior. A Best Buy – cujas lojas tinham vendido menos da metade dos álbuns do Guns que haviam comprado diretamente da Black Frog/Geffen/Interscope/Universal – despediu centenas de funcionários quando o inverno chegou, e a crise econômica mundial se aprofundou. O *Chinese Democracy* foi rapidamente descrito como uma bomba financeira e artística por quase todo mundo que tinha acesso às mídias. Palavras do jornal diário *London Lite*: "Você não o colocaria para tocar se seus amigos estivessem por perto. Provavelmente, nem o colocaria se quisesse ouvir Guns N' Roses". A *Rolling Stone* acusou Axl de matar uma das melhores bandas de rock de todos os tempos.

Mais tarde, em dezembro, Axl rompeu o silêncio em uma carta aberta a sites de fãs, anunciando que um clipe de "Better" estava a caminho. "Não fiz um álbum solo", insistiu ele. "Um álbum solo seria completamente diferente desse, e muito mais instrumental. Fiz um álbum do Guns com as pessoas certas, que foram as únicas que realmente quiseram me ajudar a tentar, [que] eram qualificadas e capazes, ao mesmo tempo suportando insultos públicos por anos [...] O nome [Guns N' Roses] ajudou a música mais do que vocês jamais saberão, e não estou falando de

estúdios e orçamentos. Estou falando de ser impulsionado por alguma coisa, e sobre levar a música a um lugar onde posso encontrar minha paz, independentemente do que qualquer pessoa diga."

E eis que... como alguns fãs do GN'R passavam tempo escutando o *Chinese Democracy*, o álbum começou a crescer dentro deles. As primeiras quatro faixas ficaram melhores com o tempo, e o restante do disco começou a se parecer com uma obra de arte superaquecida – uma pintura de Jackson Pollock – em oposição a uma mistura louca e excessiva de guitarras e angústia humana em excesso. Qualquer rockaholic que no passado tivesse levado a sério o *Appetite for Destruction* ouviria o *Chinese Democracy* quase com algum nível de apreciação. Em fevereiro de 2009, três meses após o lançamento, o Guns N' Roses recebeu disco de platina pela venda de mais de 1 milhão de cópias do *Chinese Democracy* na América do Norte. A Universal International afirmou que mais de 2,6 milhões de cópias haviam sido vendidas em todo o mundo. Ainda assim, isso estava muito aquém das expectativas, e a culpa recaiu sobre Axl, que se recusou a fazer turnês, lançar um clipe rápido ou mesmo dar as caras por aí para promover seu trabalho. Outros culparam a Best Buy por uma campanha publicitária invisível que não conseguiu atrair os fãs até as lojas.

Axl Rose reapareceu em janeiro de 2009, quando concordou em ser entrevistado (por e-mail) pela *Billboard*. Já fazia nove anos que ele não dava uma entrevista substancial à imprensa. Perguntaram sobre a longa espera pelo novo álbum: "A arte vem em primeiro lugar", insistiu ele. "Ela dita, se não o curso, o destino em termos artísticos. Para mim, uma vez que a verdadeira obra de arte de acompanhamento está lá com alguns clipes e um pouco de turnê, o pacote [será] obtido e entregue."

Axl se queixou amargamente da gravadora do Guns, a qual identificou como a Interscope, e repreendeu vários de seus executivos por não se importarem com o Guns N' Roses da maneira devida. Ele deu a entender que apenas uma forte pressão do topo da corporação (mencionando Vivendi pelo nome)

havia forçado o *Chinese Democracy* a entrar no mercado antes de ficar pronto. Ele descreveu os executivos da Interscope como "amigáveis, mas também agiotas cruéis". Críticos que não gostaram do *Chinese Democracy*, disse ele, eram "os mesmos idiotas negativistas de sempre", acrescentando: "Ver um babaca hasteando bandeira e depois sendo o primeiro punk a entrar na água é sempre ótimo". (Ninguém entendeu o que isso significava, mas parecia um bom indicativo do pensamento de Axl na época.)

Quando questionado sobre um encontro com o que Axl descrevia como o "antigo Guns" – a banda original –, ele afirmou, irredutível, que isso nunca aconteceria. "Eu até poderia fazer uma ou mais músicas com Izzy ou sair com ele de novo [em turnê]. Não me sinto à vontade para fazer nada com nenhum dos outros ex-integrantes. Talvez com Duff… mas só isso."

E Slash?

"Sobre Slash, li uma mensagem desesperada de um fã que dizia, tipo, e se um de nós estivesse morrendo, olhasse para trás e visse a possibilidade de um encontro e blá-blá-blá [...] Dá um tempo, porra. O que está claro é que um de nós vai morrer antes de um encontro, e, por mais que alguém considere isso triste, feio ou infeliz, é assim que as coisas são. Essas decisões foram tomadas muito tempo atrás." Algumas semanas depois, em uma entrevista on-line com Del James, Axl difamou Slash como "uma prostituta de holofotes" e um "câncer que precisa ser removido".

E assim a saga do Guns N' Roses chega não a um fim, mas a uma pausa. Em 2009, o *Appetite for Destruction* já havia vendido mais de 18 milhões de cópias, tornando-se o álbum de estreia mais vendido da história fonográfica. Mas as coisas haviam mudado para o Guns no século XXI. A clássica rebeldia rock and roll havia sido ridicularizada pelo gagsta rap e pela murder music em meados dos anos 1990. Os primeiros fãs, que reverenciavam o Guns por ser tudo o que seus pais (e Dirty Harry) odiavam, agora tinham os próprios filhos. Os adolescentes em busca de uma banda durona de bad boys não podiam usar

uma mais velha que os próprios pais. Alguns acharam irônico Axl Rose ter voltado aos palcos, 21 anos depois do *Appetite*, apenas para descobrir que a plateia outrora enorme que havia suportado os shows cancelados, se inquietado com atrasos intermináveis e se esquivado das cadeiras voadoras nos tumultos tinha finalmente deixado o local e ido para casa.

65. “Pergunte-se por que eu escolheria me prostituir/ Para viver com fortuna e vergonha.” [N. T.]

OBRIGADO!

Quando o Guns N’ Roses fez uma turnê mundial no início dos anos 1990, a banda obrigou os funcionários a assinar acordos de confidencialidade que ameaçavam processar qualquer um que falasse sem autorização. Alguns jornalistas e fotógrafos assinaram documentos similares para conseguir acesso à banda e entrevistas, assim como outras pessoas – amigos do grupo, traficantes, namoradas – que estavam lá apenas de passagem. O resultado é que 13 pessoas entrevistadas para este livro solicitaram anonimato.

Meus sinceros agradecimentos a eles e a Tim Collins, John Kalodner, Vicky Hamilton, Robert John, Chris Weber, Gene Kirkland, Jeff Fenster, Bryn Bridenthal, Joe Perry, John Bionelli, Janiss Garza, Neal Preston, David Bieber, Bill Glasser, Dr. Linda Ho, Roger e Mary Steffens, e especialmente ao Malibu Fire Department.

Qualquer tentativa de uma linha do tempo exata do GN’R, sobretudo anterior a 1987, se baseia nos meandros da memória humana e em palpites. A linha do tempo editada por Jarmo Luukkonen (“The History of GN’R / The Shocking Truth”) no site heretodaygonetohell.com pareceu ser a mais confiável. A equipe da British Library em King’s Cross (Londres) foi bastante prestativa para localizar materiais de referência obscuros.

Agradeço a Mike Harriott, Kirsten Neuhaus e Kirby Kin.

E também a Queen Judeesh, Lily e India, Christopher B. Davis, Howard e Hana, Sugar Katz, Kaati Lyon, Mme. Marguerite Gauzargues, Mr. & Mrs. Nelson, Doug Tillotson, Margaret Ferrell, Nick e Annie Oakley, Peter Simon, James Isaacs, Ande Zellman, W. M. F. Magicel, Roy Pace, Lev Braunstein e ao farol Gay Head e seus funcionários.

Agradecimentos especiais a Dave Van Orden, Ben Arons, à enfermaria do clube Woodland Hills Caregivers e a minhas belas musas no Leonard Stephen Inc., David Winner e Maria Evangelinellis.

Meus respeitos: Bob Miller e Jason Bitting.

A equipe da Gotham Books é o time dos sonhos de qualquer autor. O *publisher* Bill Shinker é Zeus lançando raios. Lauren Marino editou este texto com destreza e conhecimento de historiadora da música e de seus contextos. Tenho também um profundo respeito por Ray Lundgren, Brianne Ramagosa, Amanda Walker, Lisa Johnson, Melanie Koch, Peternelle Van Arsdale e Brett Valley. Agradeço também a John Pelosi, Esq., Carter Alan, Mark Shanahan, Steve Oppenheim, Rufus Oppenheim e ao Rev. Bruce Davis. Brendan Cahill – você pediu por isto. Aqui está.

De nihilo nihil, in nihilum nil posse reverti.

FONTES SELECIONADAS

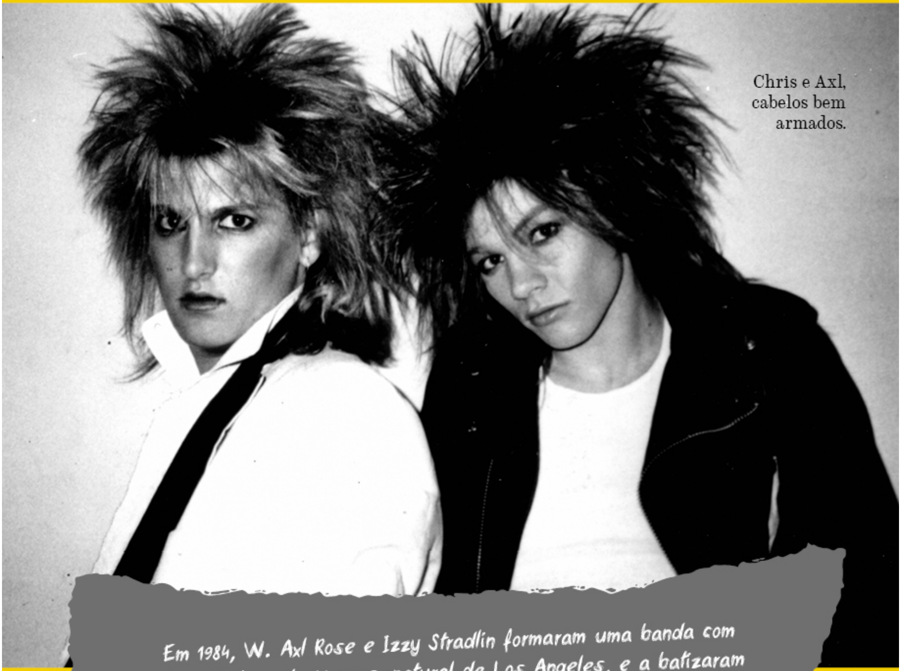
Aerosmith, com Stephen Davis. *Walk This Way.* Nova York: Avon Books, 1997.
Anônimo. "Fresh Blood", *rip*, dez. 1986.
______. "Guns & Roses & Faster Pussycat at the Roxy", *L.A. Rocks*, 30 abr. 1986.
Aquilante, Dan. "Kick in the Axl", *New York Post*, 15 maio 2006.
Axl Rose: The Prettiest Star. Chrome Dreams [uk] dvd, 2005.
Azerrad, Michael. *Come As You Are.* Nova York: Doubleday, 1994 [ed. bras.: *Come as you are: a história do Nirvana.* São Paulo: Madras, 2014].
Baker, Geoff. "More Beastly Than the Beasties", *The Star* (uk), 9 jun. 1987.
Bateman, Bill. *Guns N' Roses.* Londres: Orion, 1994.
Bidmead, George. "Abuse Your Illusion", *Classic Rock*, maio 2006.
Brouk, Tim. "Memories of Axl Rose Linger", *Lafayette Journal & Courier*, 17 nov. 2002.
Burch, Karen. "Days of Guns N' Roses", *Music Connection*, 14 abr. 1986.
Chin, George. *Guns N' Roses / The Pictures.* London: Omnibus, 1994.
Craig, Kelly. "Guns N' Roses: An Interview", *L.A. Rocks*, 22 ago. 1986.
Dougherty, Steve. "Bye Bye Love", *People*, 18 jul. 1994.
Droney, Maureen. "Preserving the Art of Audio Engineering" [entrevista Mike Clink], *Mix* [magazine] *Online Extras*, 1º nov. 2005.
Elliott, Paul. "Raising Hell in the City of Angels", *Sounds* (uk), 4 abr. 1987.
Farr, Jory. "Bad-to-the-Bone Rocker", *The* [Los Angeles] *Daily News*, 10 ago. 1986.
Fricke, David. "Use Your Illusion i", *Rolling Stone*, 17 out. 1991.
Friend, Lonn. "Slash: Under the Black Hat", *rip*, fev. 1990.
______. "Guns N' Roses: From the Inside", *rip*, mar. 1992.
______. *Life on Planet Rock.* Nova York: Morgan Road Books, 2006.
Gallotta, Paul. "Live ?!*@ Like a Suicide", *Circus*, 30 abr. 1987.
______. "Guns N' Roses", *Circus*, maio 1988.
______. "Slash's Riotous Year", *Circus*, 28 fev. 1989.
Garfield, Simon. "Clubbed to Death", *Time Out* (Londres), 3 jun. 1987.
Gold, Jonathan. "The Spaghetti Incident?", *Rolling Stone*, 9 dez. 1993.
Goldberg, Michael. "The Insider", *Rolling Stone*, 19 set. 1991.
Goldstein, Toby. "Guns N' Roses Triumph", *Circus*, 28 fev. 1989.
Guns N' Roses. *Roxy '86.* [dvd pirata], sem data.
______. *Live at cbgb New York 1987.* [dvd pirata], sem data.
______. *The Ritz. February 2, 1988.* dvd promocional da mtv, sem data.
______. *Riot in St. Louis '91.* [dvd pirata], sem data.
______. *Noblesville* [Indiana] *'91.* [dvd pirata], sem data.
______. *Paris '92.* [dvd pirata], sem data.
______. *Use Your Illusion i & ii World Tour.* [2 dvds], Geffen, 1992.
______. *Buenos Aires '93.* [dvd pirata], sem data.
______. *Welcome to the Videos.* Geffen, 1998.

HAMILTON, Vicky. Letter to Editor, *Music Connection*, 18 ago. 1986.
______. "The Hollywood Rose Story" (notas do livreto do CD), *Hollywood Rose*: Deadline Music, 2004.
HIATT, Brian. "Axl Promises Chinese Delivery", *Rolling Stone*, 2 nov. 2006.
______. "Appetite for Dysfunction", *Rolling Stone*, 9 ago. 2007.
______. "Filthy, Sexy, Cool", *Rolling Stone*, 9 ago. 2007.
HOTTEN, Jon. "Fatal Attraction" [Poison profile], *Classic Rock*, verão 2006.
ISAACS, James. "The Eighties: Who Cares?", *Roogalator*, maio 1990.
JAMES, Del. "Live Like a Lunatic", *RIP*, maio 1987.
______. "The World According to W. Axl Rose", *RIP*, abr. 1989.
______. "Axl Rose: The Rolling Stone Interview", *Rolling Stone*, 10 ago. 1989.
______. *The Language of Fear*. Nova York: Dell, 1995.
JOHN, Robert. *Guns N' Roses: The Photographic History*. Boston: Little, Brown, 1993.
JOHNSON, Richard. "Crazed Axl Goes Ape Again", *New York Post*, 28 jun. 2006.
KERNER, Kenny. "Vicky Hamilton: The Best Ears in Hollywood", *Music Connection*, 29 jun. 1987.
KLOSTERMAN, Chuck. "Paradise City", *Spin*, set. 2002.
LEEDS, Jeff. "The Most Expensive Album Never Made", *The New York Times*, 6 mar. 2005.
LIGHT, Alan. "Axl Exposed", *Rolling Stone*, 18 maio 2006.
LING, Dave. "Shark Island", *Classic Rock*, verão 2006.
MCNAIR, James. "The Mojo Interview: Slash", *Mojo*, jun. 2008.
METALSLUDGE.COM. "20 Questions with Steven Adler", 17 jan. 2006.
MICHIE, Chris. "The Bill Price Interview", *Mix*, nov. 2000.
MOLLON, Phil. *Freud and False Memory Syndrome*. Nova York: Totem Books, 2000.
MORROW, Scott. "L.A. Rocks: The Big Bang Theory", *L.A. Weekly*, 27 jun. 1986.
MÖTLEY CRÜE, com Neil Strauss. *The Dirt*. Nova York: Regan Books, 2002 [ed. bras.: *The Dirt: Confissões da banda de rock mais infame do mundo*. Caxias do Sul: Belas Letras, 2020].
NEELY, Kim. "GN'R LIES", *Rolling Stone*, 26 jan. 1989.
______. "Guns N' Roses: A Report from the Road", *Rolling Stone*, 5 set. 1991.
______. "Axl Rose: The Rolling Stone Interview", *Rolling Stone*, 2 abr. 1992.
NUSSBAUM, Beth. "Guns and Roses Think They're Tough", *Concert Shots*, maio 1986.
PEMBERTON, Andrew. "If I Have Another Drink I Will Die", *Q*, fev. 2006.
POWERS, Ann. "Guns N' Roses Relights Fire", *Los Angeles Times*, 23 set. 2006.
PRESTON, Neal. Exhibition Catalogue, Morrison Hotel Gallery. Nova York, 2006.
PUTTERFORD, Mark. *Guns N' Roses in Their Own Words*. Londres: Omnibus, 1993.
______. *Over the Top: The True Story of Guns N' Roses*. Londres: Omnibus, 1993.
ROWLAND, Mark. "If Guns N' Roses Are Outlawed", *Musician*, dez. 1988.
ROSE, W. Axl. Letter to Editor. *Music Connection*, 4 ago. 1986.
______. Prefácio de *Guns N' Roses: The Photographic History*, de Robert John. Boston: Little Brown, 1993.
______. Introdução a *The Language of Fear*, de Del James. Nova York: Dell, 1995.
______. "An Open Letter to Our Fans", MYGNR.com, 15 dez. 2006.
SCAGGS, Austin. "Chris Cornell", *Rolling Stone*, 28 jul. 2005.
SIMMONS, Sylvie. "Colt Heroes", *Kerrang!*, jun. 1987.
SISCHY, Ingrid. "Axl: The Rose Grows", *Interview*, maio 1992.
SLASH. "The Record That Changed My Life", *Q*, jul. 1995.
______. "The Immortals: Aerosmith", *Rolling Stone*, 21 abr. 2005.
______, com Anthony Bozza. *Slash*. Nova York: HarperCollins, 2007.
SPURRIER, Jeff. "Guns & Roses: Bad Boys Give It Their Best Shot", *Los Angeles Times*, 6

jul. 1986.
STENNING, Paul. *Guns N' Roses: The Band That Time Forgot*. New Malden (UK): Chrome Dreams, 2005.
STONE, Adrianne. "Guns N' Roses", *Hit Parader*, abr. 1987.
______. "Guns N' Roses: The Next Big Thing?" *Hit Parader*, maio 1987.
SUGERMAN, Danny. *Appetite for Destruction*. Nova York: St. Martin's Press, 1991.
TURMAN, Katharine. "Guns N' Roses", *Music Connection*, 1º dez. 1987.
VH1. *Behind the Music – Guns N' Roses*. DVD promocional VH1, 2004.
VIDEO Mike. "Bringing the Whiskey Back to Life", *Scratch*, maio 1986.
WALL, Mick. *Guns N' Roses*. Londres: Sidgwick & Jackson, 1991.
WHITE, Timothy. *Music to My Ears*. Nova York: Holt, 1996.
WILD, David. "Pretty Bad Boys", *Rolling Stone*, 19 set. 1991.
WRIGHT, Christian. "Use Your Illusion II", *Rolling Stone*, 17 out. 1991.

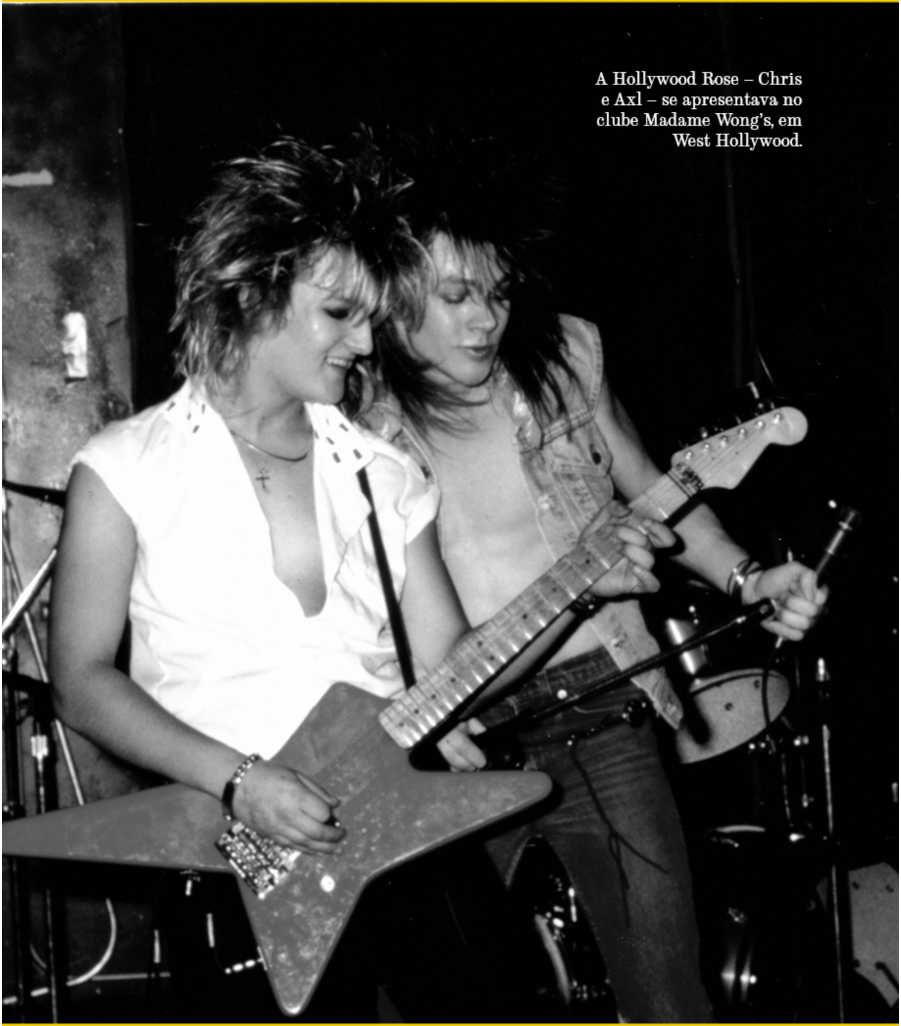
SOBRE O AUTOR

Stephen Davis é um dos mais respeitados jornalistas de rock dos Estados Unidos. Entre suas muitas biografias estão *Jim Morrison: Life, Death, Legend*; *Walk This Way: The Autobiography of Aerosmith* e *Hammer of the Gods: The Led Zeppelin Saga*. Ele vive em Massachusetts.

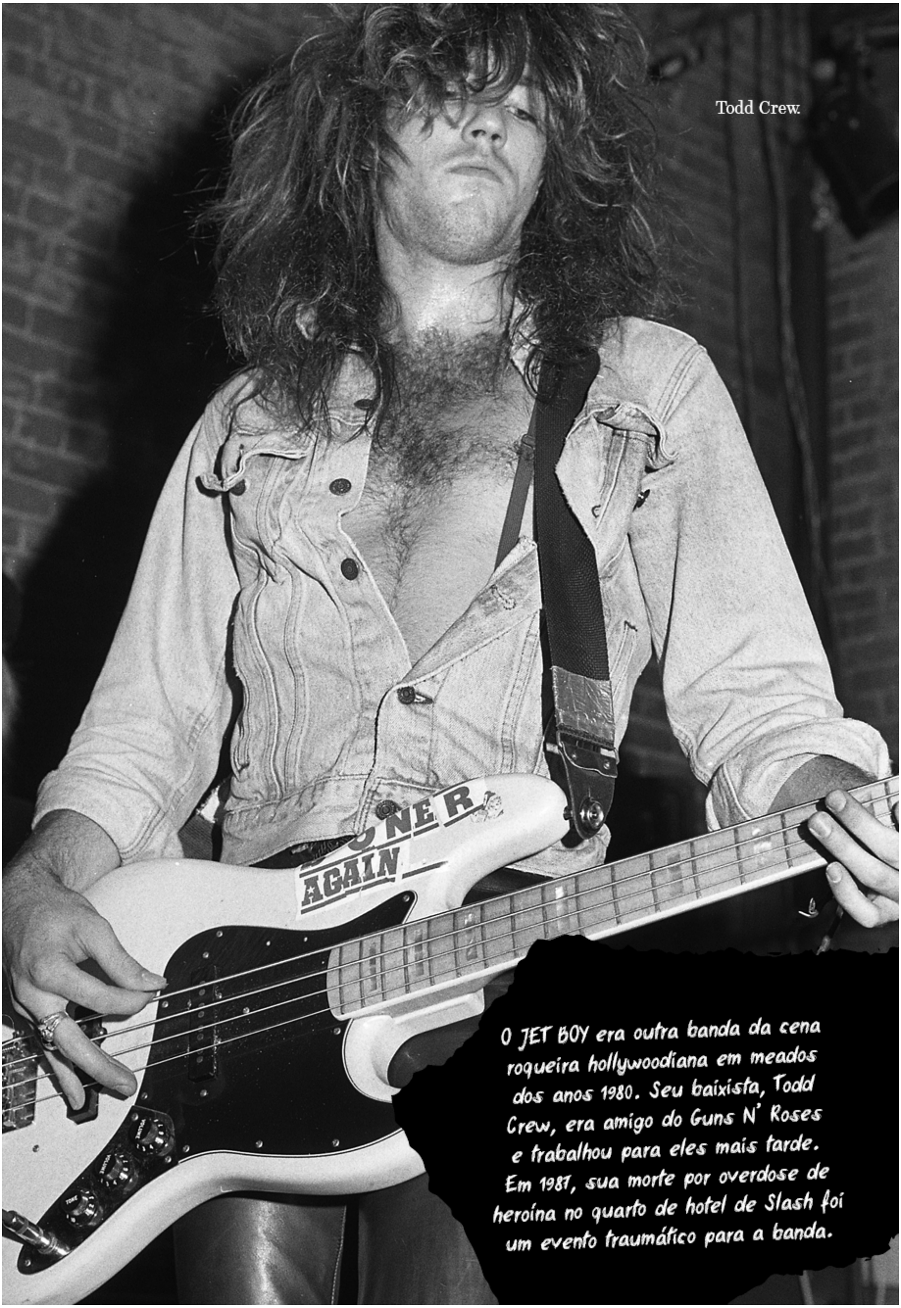


Chris e Axl, cabelos bem armados.

Em 1984, W. Axl Rose e Izzy Stradlin formaram uma banda com Chris Weber, de 16 anos, natural de Los Angeles, e a batizaram de Hollywood Rose — a precursora direta do Guns N' Roses.


A Hollywood Rose – Chris e Axl – se apresentava no clube Madame Wong's, em West Hollywood.

Jeff Isbell, Bill Bailey e Chris Weber em West Hollywood, 1984.



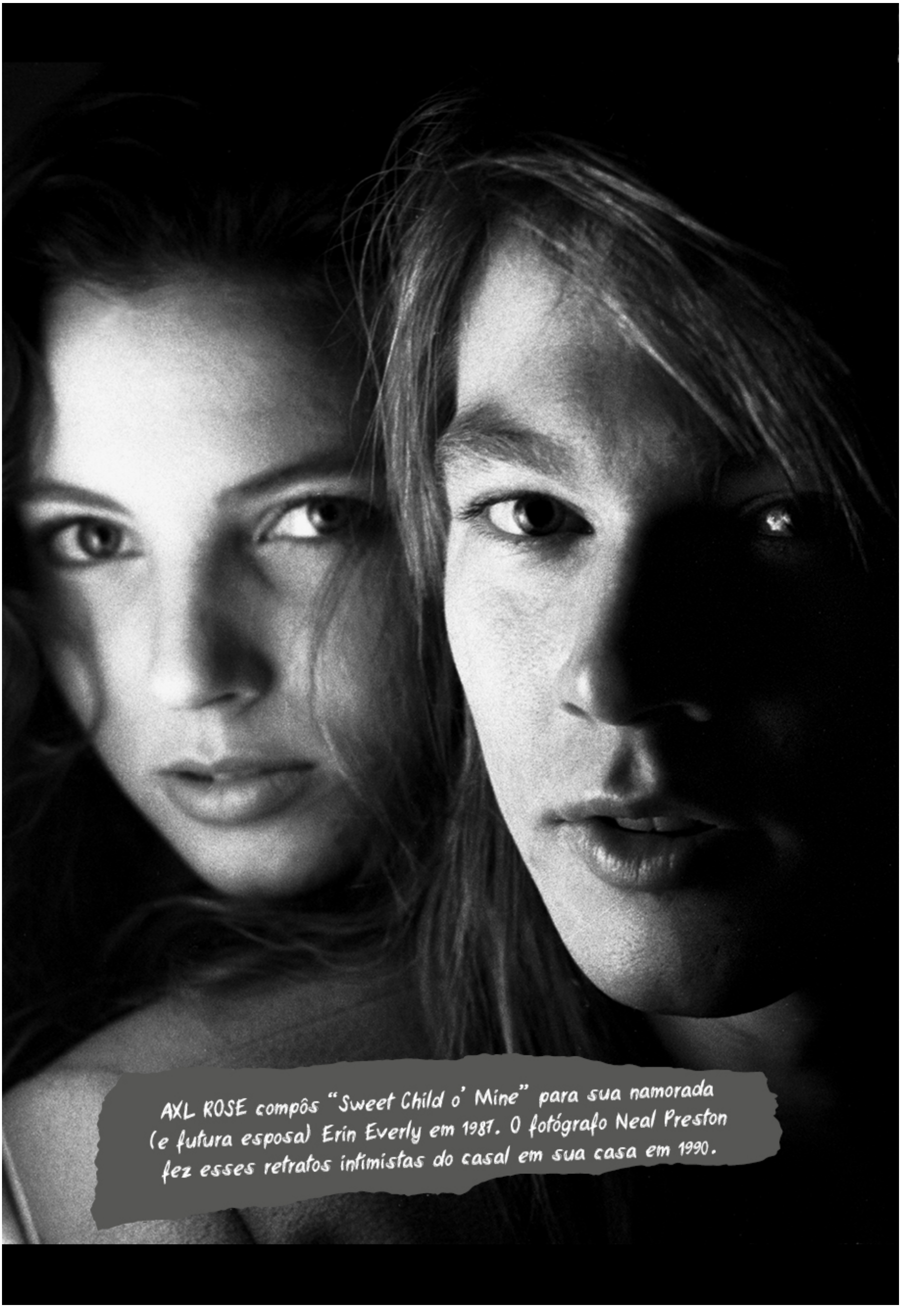
Todd Crew.

O JET BOY era outra banda da cena roqueira hollywoodiana em meados dos anos 1980. Seu baixista, Todd Crew, era amigo do Guns N' Roses e trabalhou para eles mais tarde. Em 1987, sua morte por overdose de heroína no quarto de hotel de Slash foi um evento traumático para a banda.

O Jet Boy – o guitarrista Billy Rowe, o baixista Todd Crew, o vocalista Mickey Finn – no Club Lingerie de Los Angeles, em outubro de 1986.

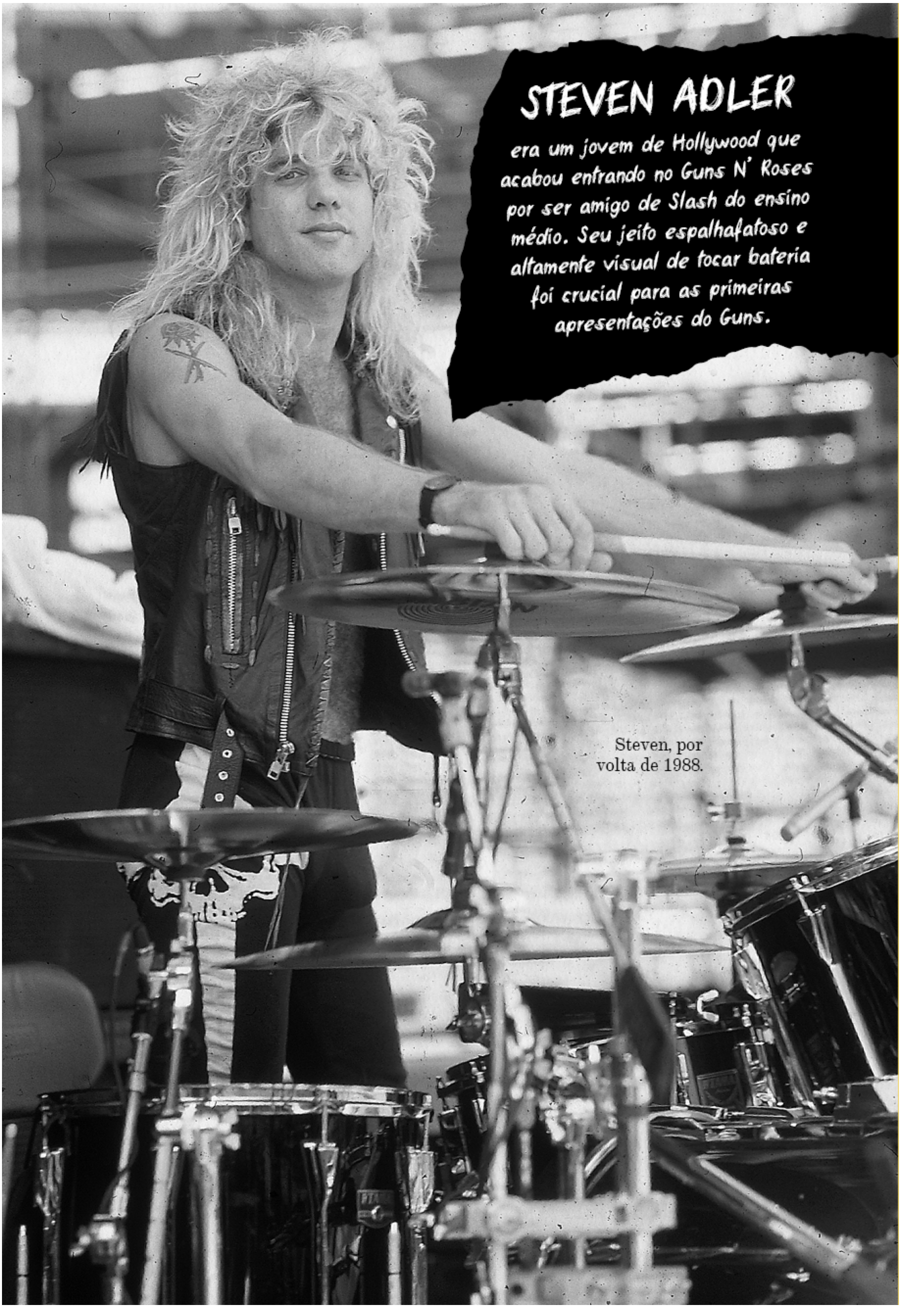
Colaboradores importantes do Guns, West Arkeen e Del James tocam com a banda temporária de Duff McKagan, a Drunk Fux, no Coconut Teaszer, Hollywood, em maio de 1987.

Tom Zutaut e Vicky Hamilton, por volta de 1986.



AXL ROSE compôs "Sweet Child o' Mine" para sua namorada (e futura esposa) Erin Everly em 1987. O fotógrafo Neal Preston fez esses retratos intimistas do casal em sua casa em 1990.

AXL
AXL



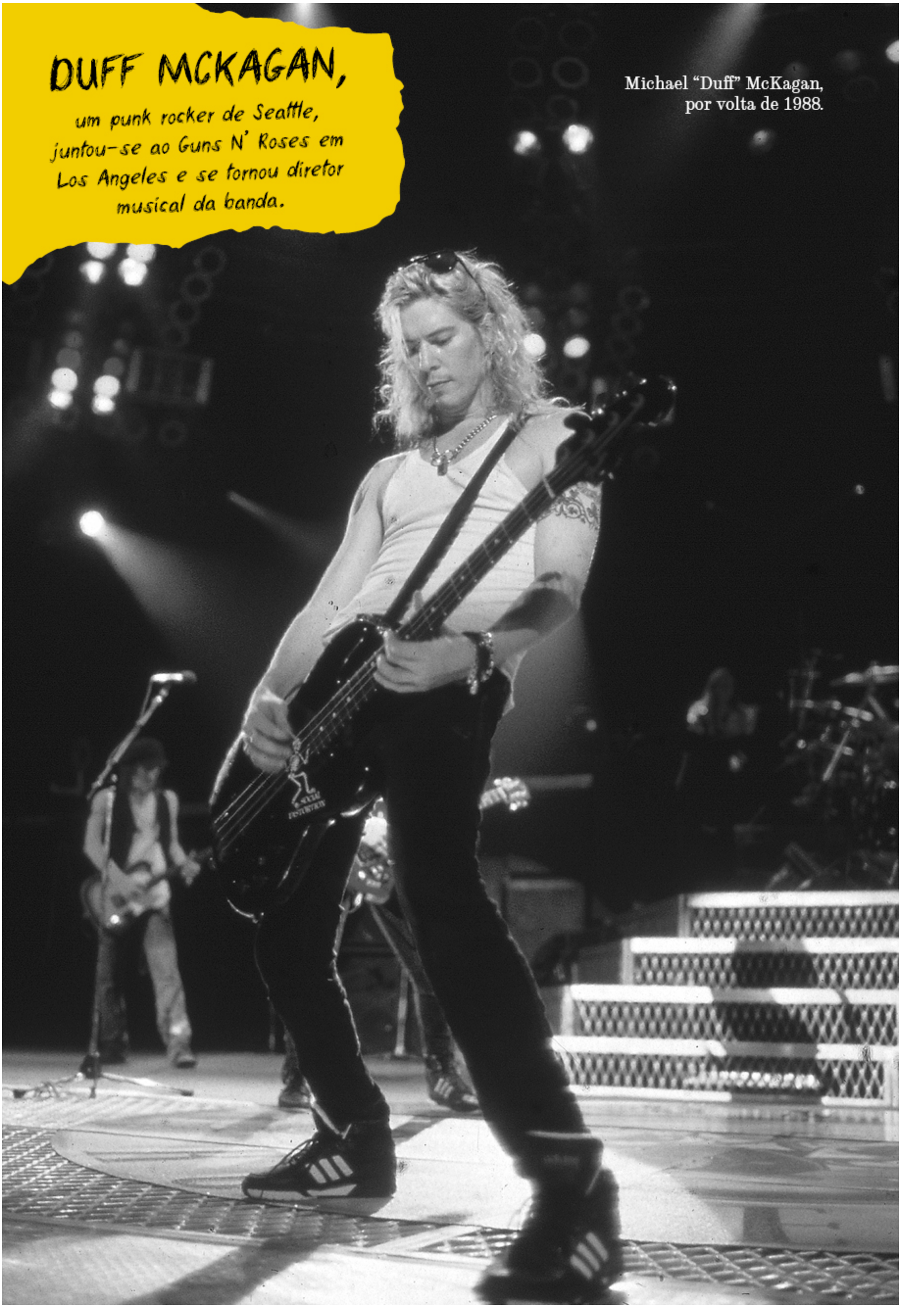
STEVEN ADLER

era um jovem de Hollywood que acabou entrando no Guns N' Roses por ser amigo de Slash do ensino médio. Seu jeito espalhafatoso e altamente visual de tocar bateria foi crucial para as primeiras apresentações do Guns.

Steven, por volta de 1988.

Steven Adler, por
volta de 1987.

Steven Adler, por
volta de 1989.



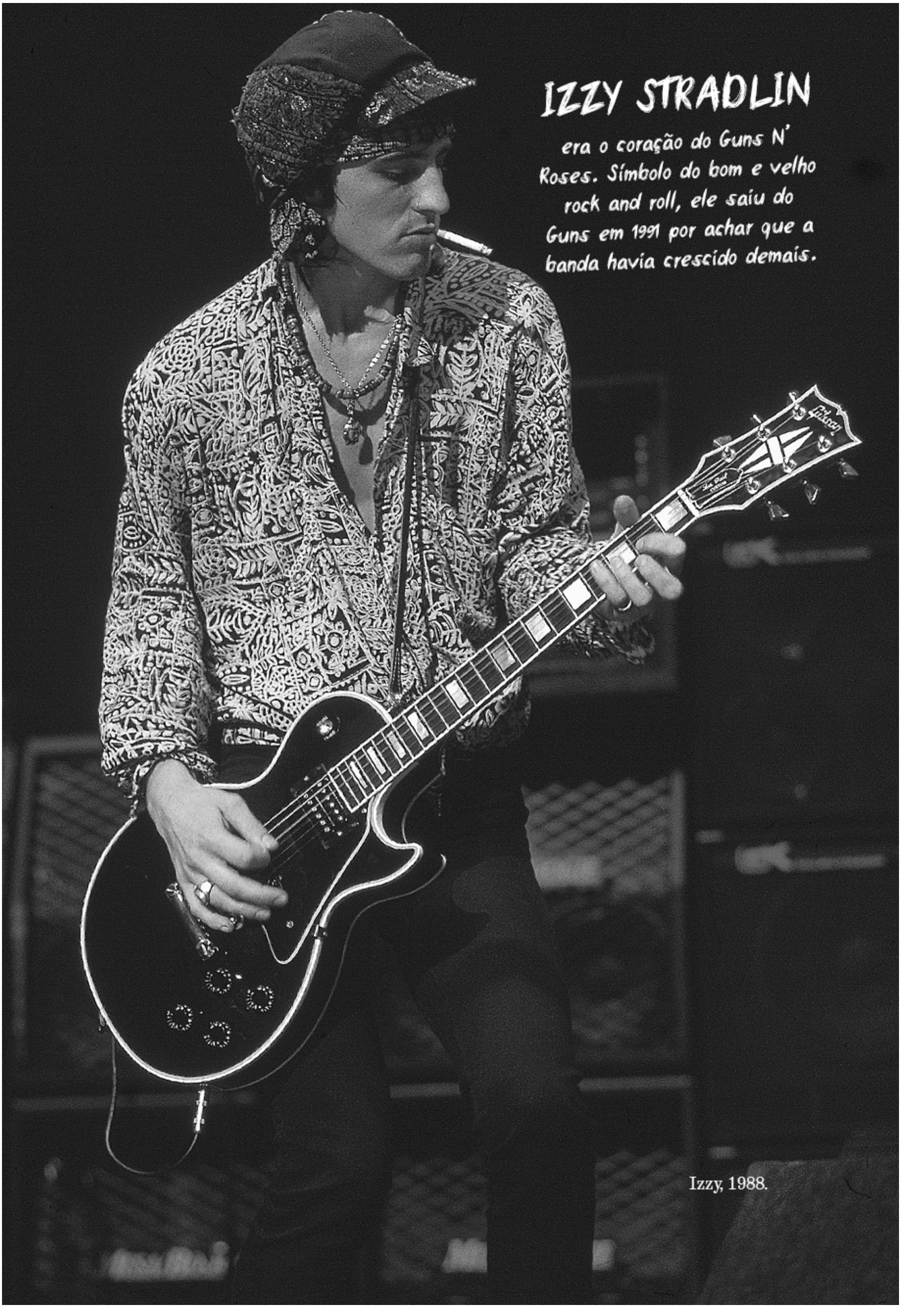
DUFF MCKAGAN,

um punk rocker de Seattle, juntou-se ao Guns N' Roses em Los Angeles e se tornou diretor musical da banda.

Michael "Duff" McKagan, por volta de 1988.

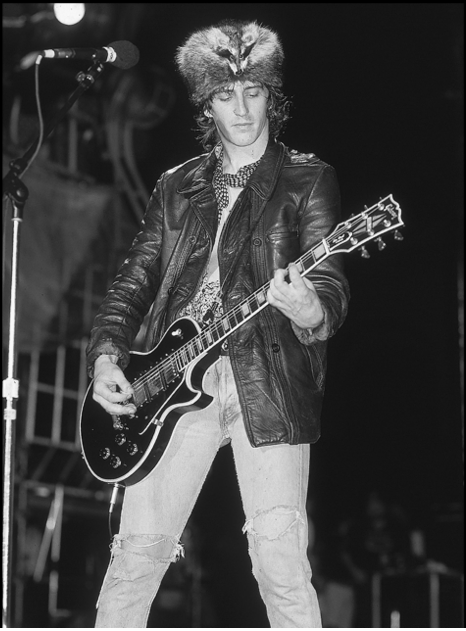
Duff, 1990.

Duff, por volta de 1992.

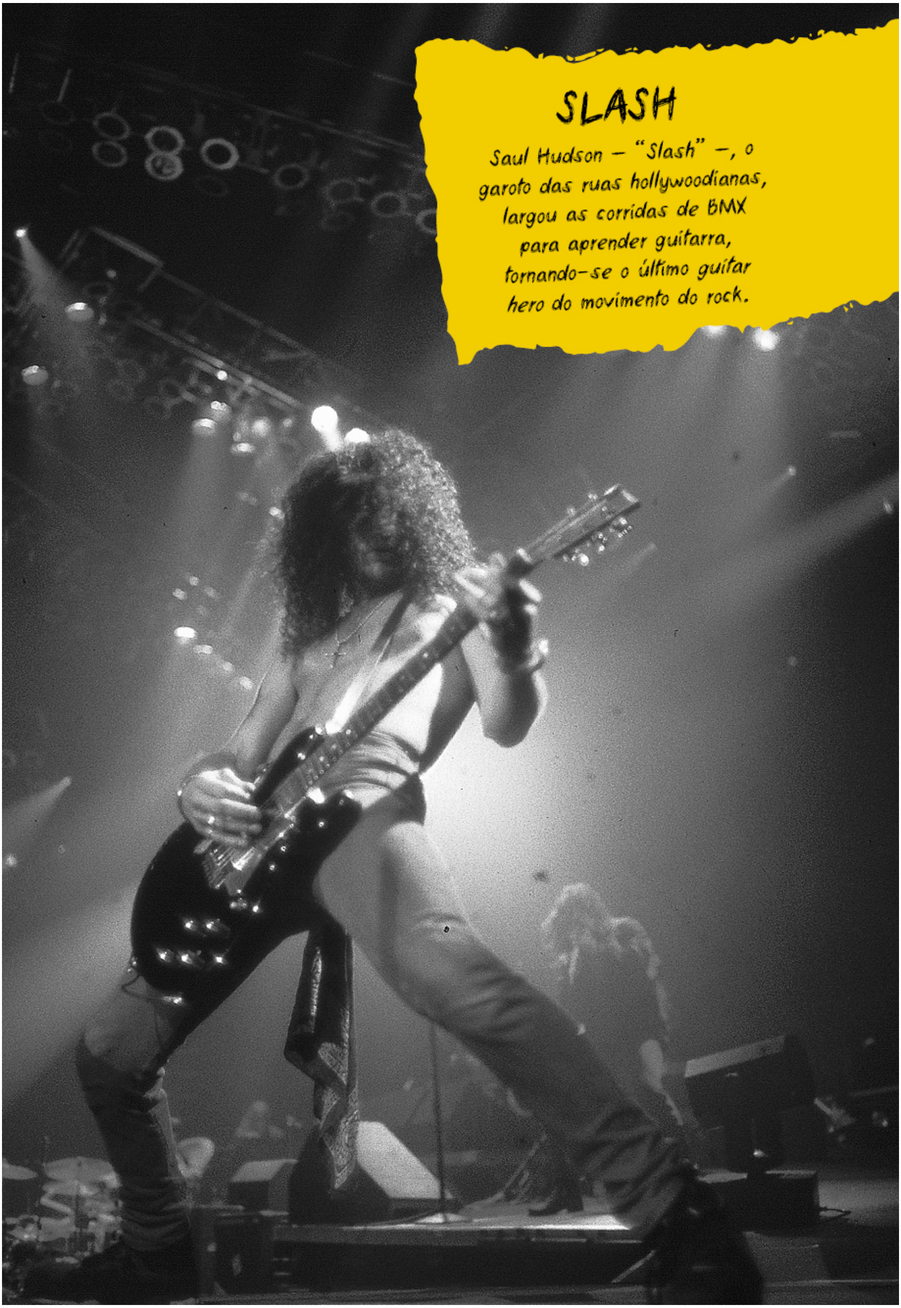

IZZY STRADLIN
era o coração do Guns N' Roses. Símbolo do bom e velho rock and roll, ele saiu do Guns em 1991 por achar que a banda havia crescido demais.

Izzy, 1988.

Izzy, por volta de 1987.

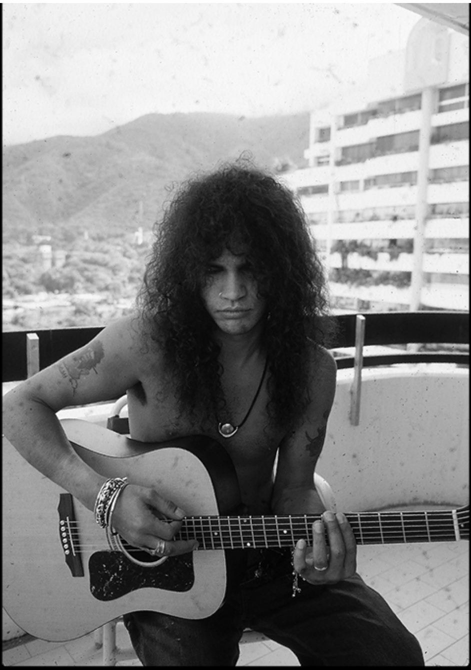


Izzy, por volta de 1989.



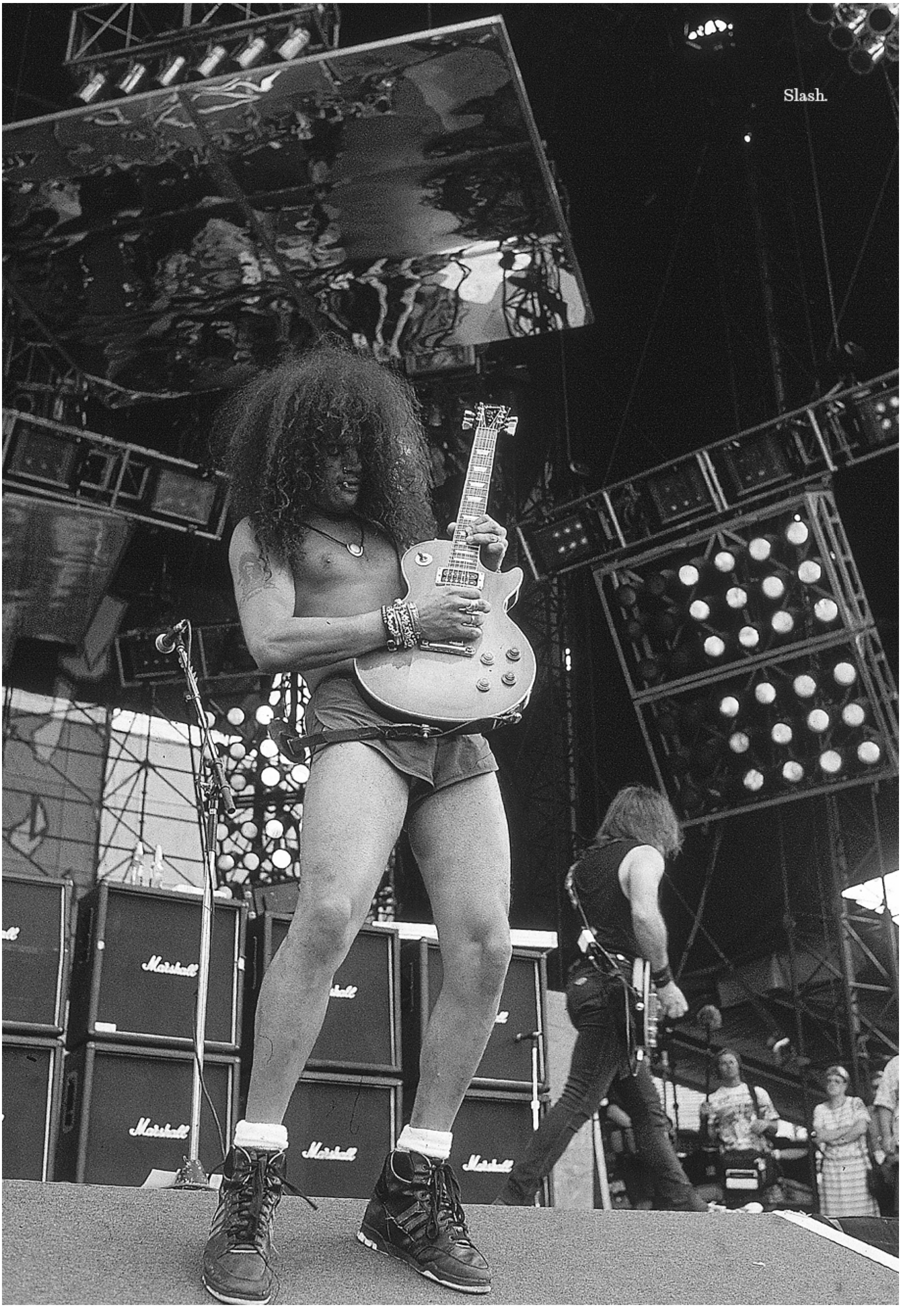
SLASH

Saul Hudson – "Slash" –, o garoto das ruas hollywoodianas, largou as corridas de BMX para aprender guitarra, tornando-se o último guitar hero do movimento do rock.

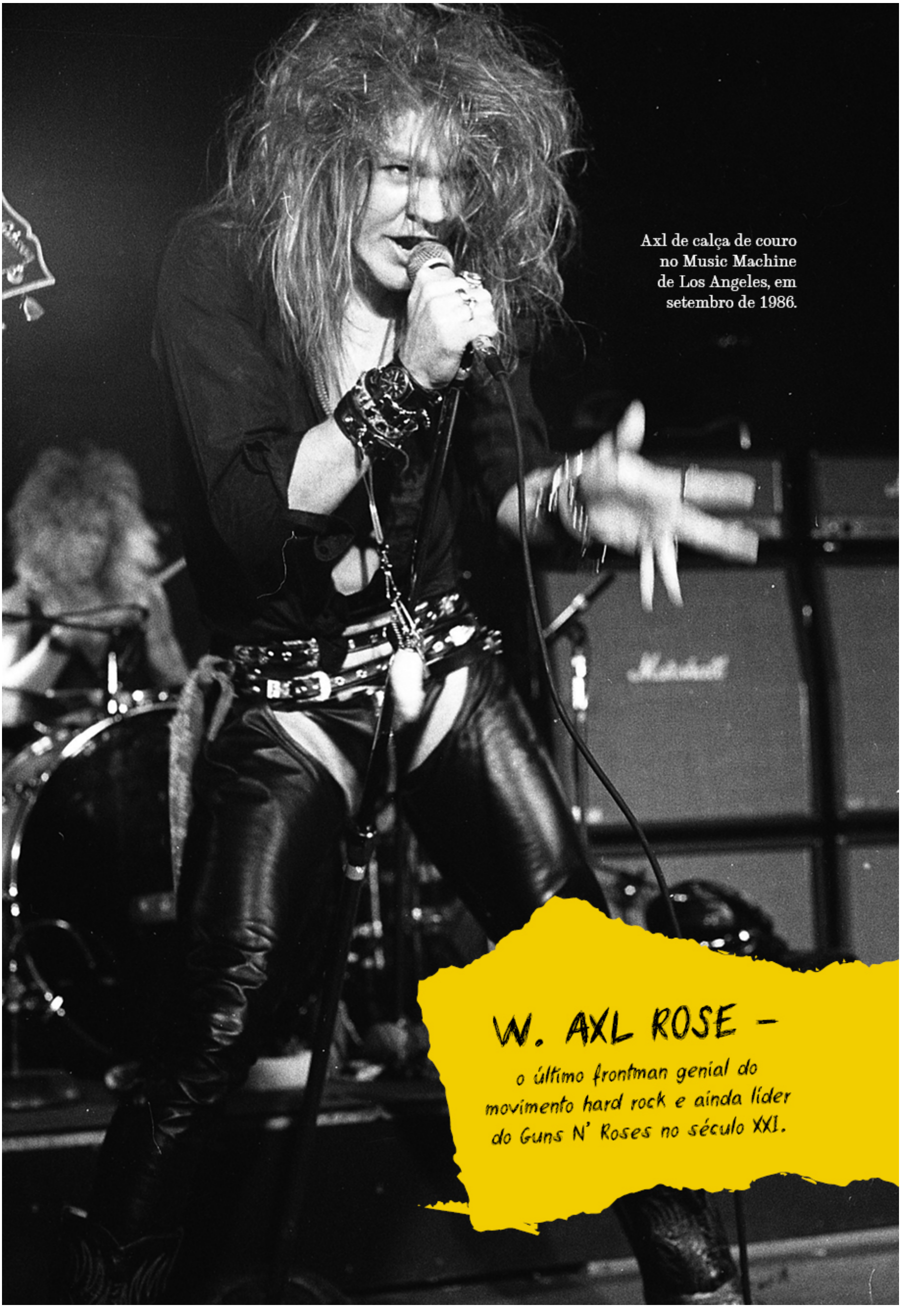


Slash, acústico, 1990.

Slash fotografado do mosh pit
do Santa Monica Civic Center,
em janeiro de 1988.



Slash.

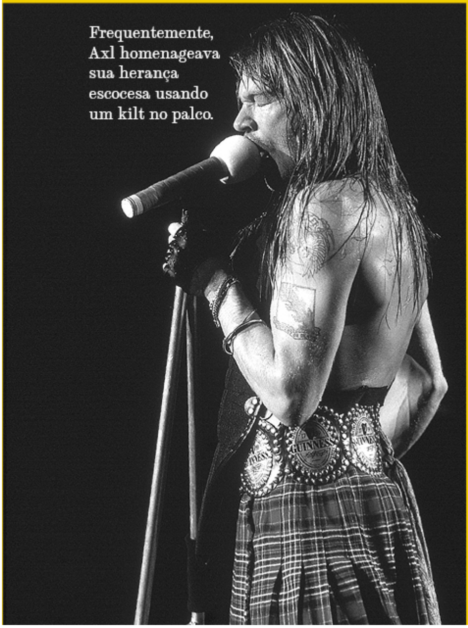


Axl de calça de couro no Music Machine de Los Angeles, em setembro de 1986.

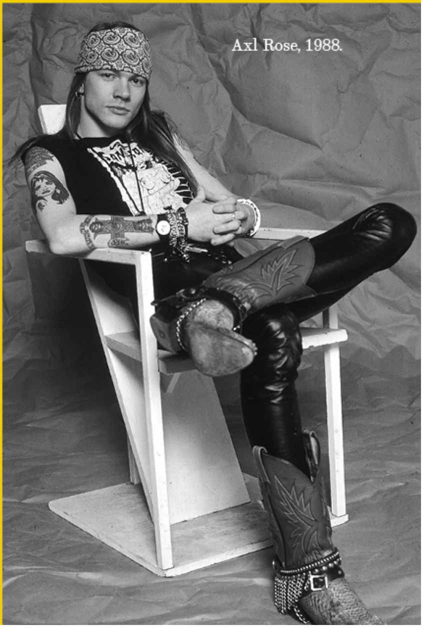
W. AXL ROSE –

o último frontman genial do movimento hard rock e ainda líder do Guns N' Roses no século XXI.

Uma das tatuagens no braço esquerdo de Axl diz: "Vitória ou morte".



Frequentemente, Axl homenageava sua herança escocesa usando um kilt no palco.

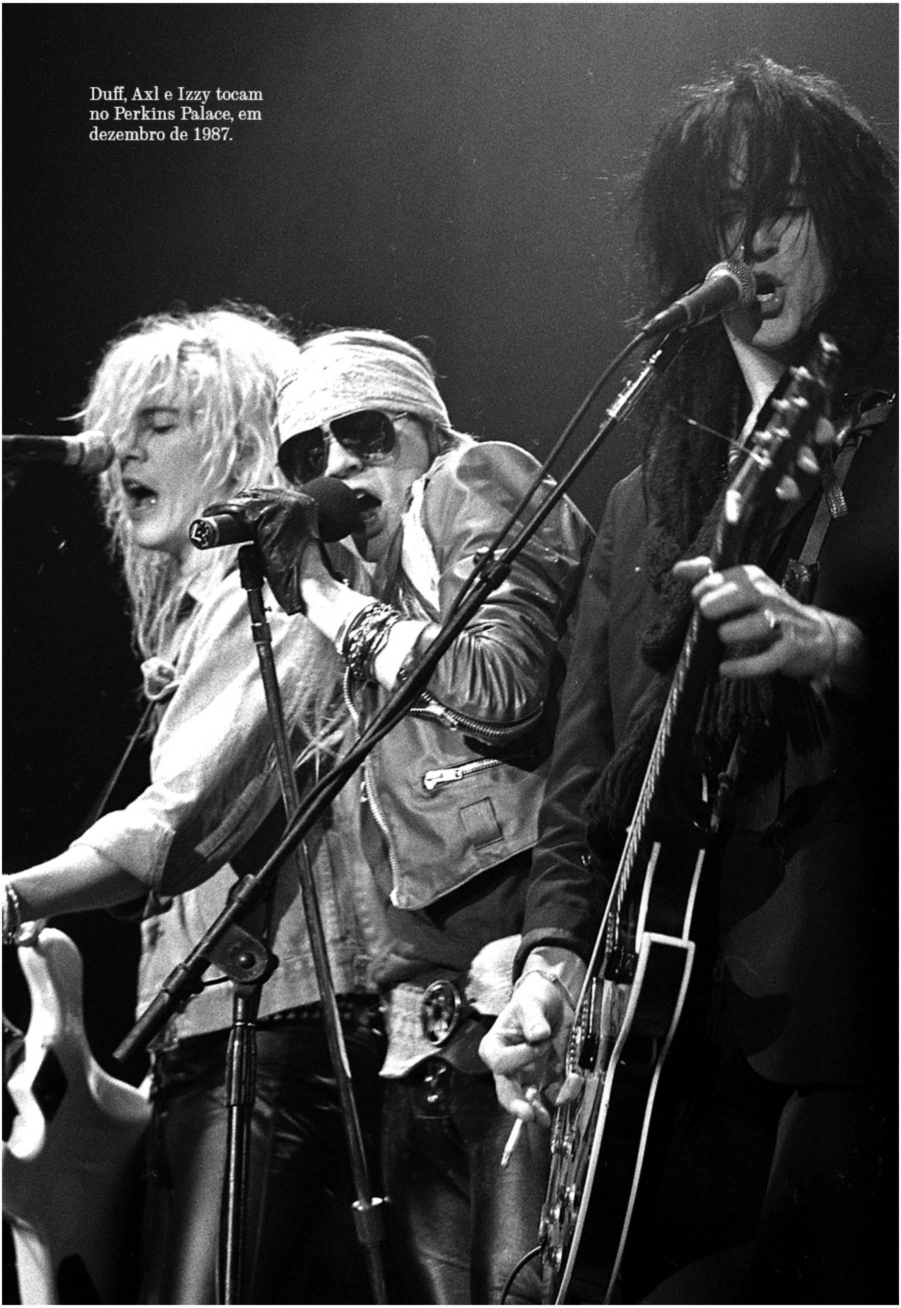


Axl Rose, 1988.

Axl jogando em uma
máquina de pinball
no estúdio, 1991.

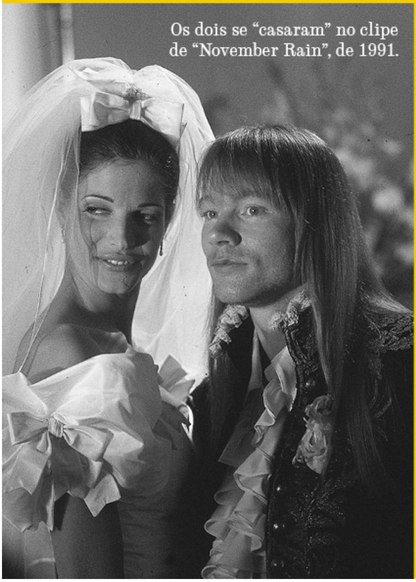
Axl em 1991.

O Guns em 1987 – Duff,
Steven, Axl, Slash e Izzy.



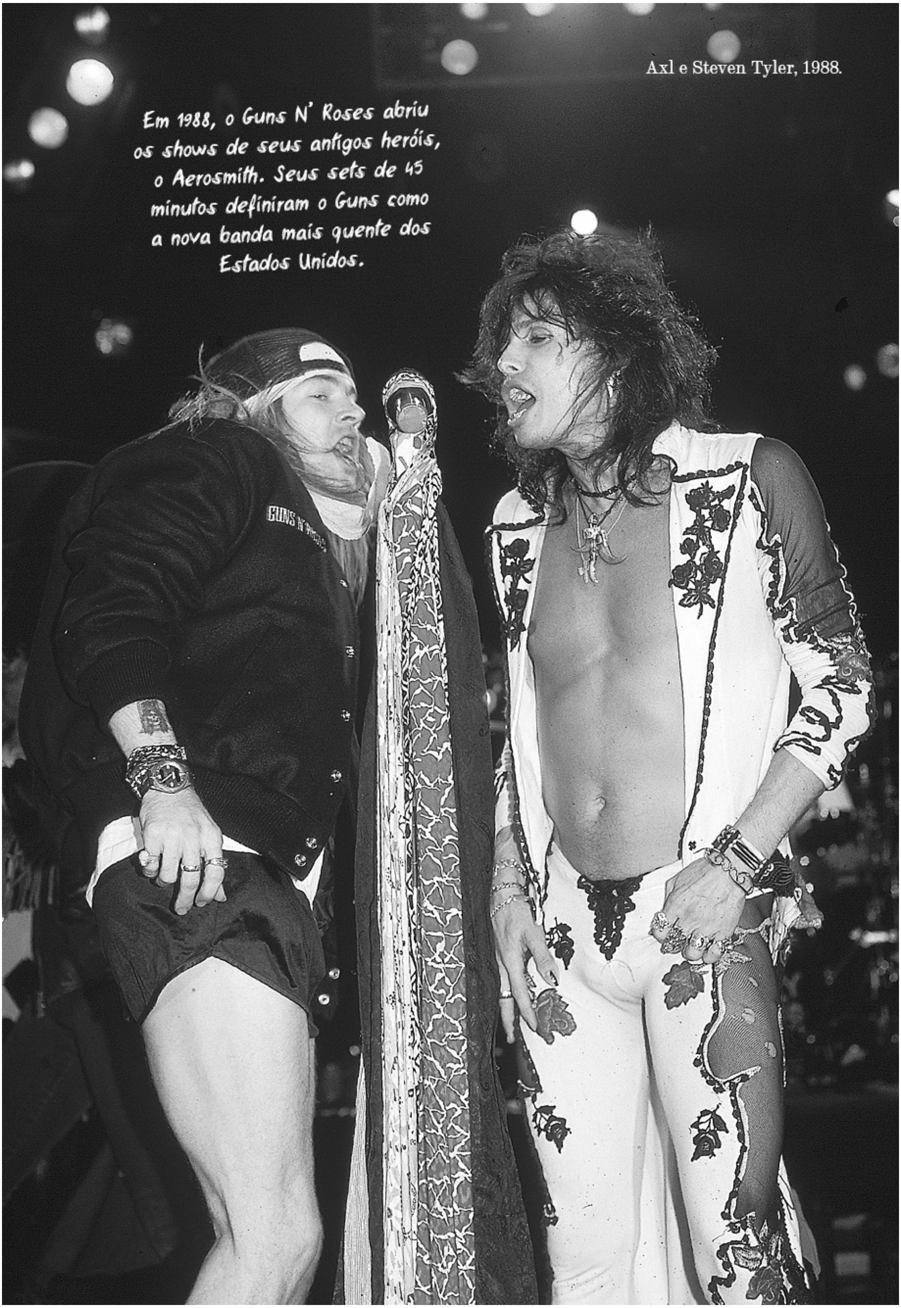
Duff, Axl e Izzy tocam no Perkins Palace, em dezembro de 1987.

Stephanie e Axl.



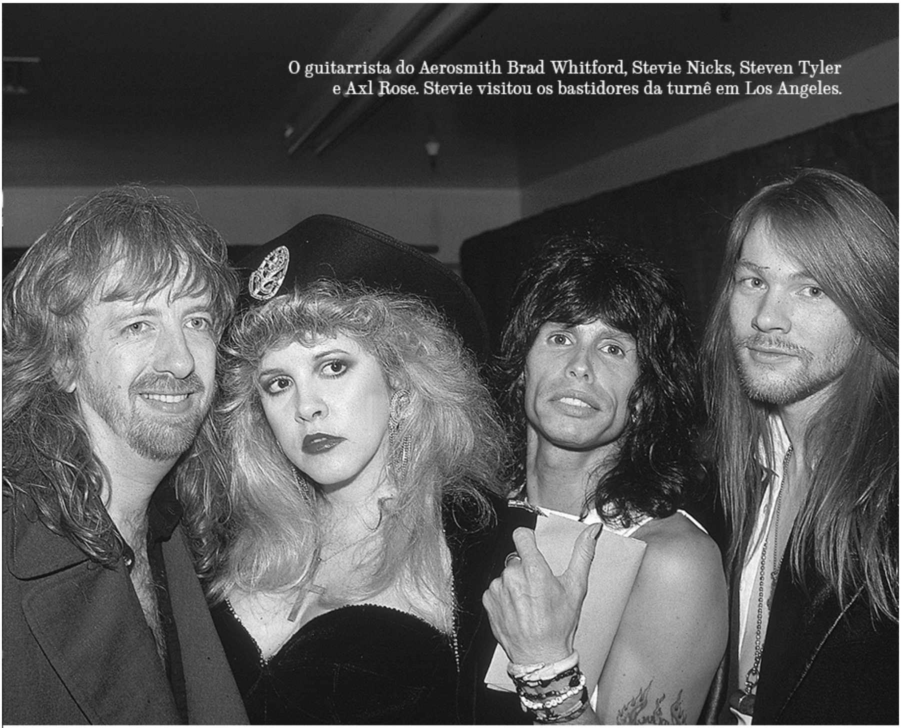
Os dois se “casaram” no clipe de “November Rain”, de 1991.

A top model dos anos 1980 STEPHANIE SEYMOUR foi contratada para aparecer em vários clipes do Guns N' Roses e depois passou a namorar Axl Rose.



Axl e Steven Tyler, 1988.

Em 1988, o Guns N' Roses abriu os shows de seus antigos heróis, o Aerosmith. Seus sets de 45 minutos definiram o Guns como a nova banda mais quente dos Estados Unidos.

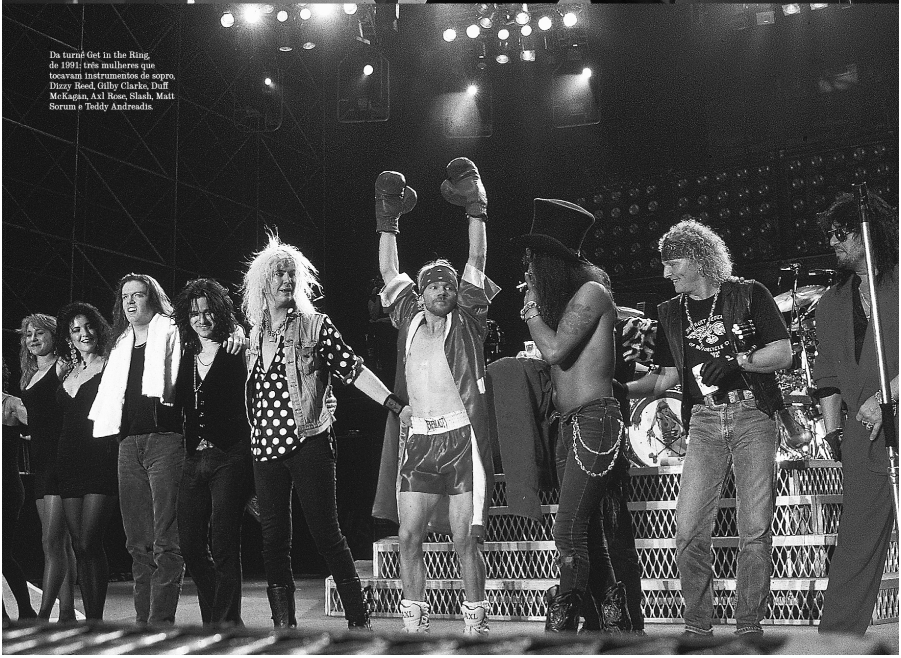


O guitarrista do Aerosmith Brad Whitford, Stevie Nicks, Steven Tyler e Axl Rose. Stevie visitou os bastidores da turnê em Los Angeles.

Três novos membros passaram a fazer parte do Guns no início de 1991. Da esquerda para a direita: o baterista Matt Sorum, o tecladista Dizzy Reed e o guitarrista Gilby Clarke.

Axl foi preso em St. Louis em 1992 por provocar um tumulto no ano anterior. Ele pagou multa e passou um dia na cadeia.

O Guns N' Roses, com o guitarrista Buckethead à esquerda, tocou em Las Vegas em 2000.



Da turnê Get in the Ring, de 1991: três mulheres que tocavam instrumentos de sopro, Dizzy Reed, Gilby Clarke, Duff McKagan, Axl Rose, Slash, Matt Sorum e Teddy Andreadis.

W. Axl Rose do lado de fora do Rainbow Bar and Grill na Sunset Strip, em 2003.